

# BRAZIL-THEATRO

1905 - 1907

+ RIO DE JANEIRO +

3.º FASCICULO

COLLECTANEA

DR. PIRES DE ALMEIDA

LEUZINGER - 4405-7

REPERTORIO DRAMATICO DE AUTORES NACIONAES E ESTRANGEIROS

## O GASTIGO DA VIRTUDE

COMEDIA-DRAMA EM 4 ACTOS, 12 SUGGESTIVOS QUADROS CINEMATOGRAFICOS, SOLEMNE CELEBRAÇÃO DE MISSA NEGRA E SERMÃO Á MEIA-NOITE, EM HONRA A SATAN-DEUS, COM A IMPRESCINDIVEL ASSISTENCIA DO BÔDE MITRADO E DA DEMAIS CAPILA PRECISA AO INFERNAL CULTO, E OFFICIADA SEGUNDO OS PRECEITOS INVERTIDOS, DOS VELHOS RITUAES; EVOLUINDO TUDO, E TODOS, Á MAGNA, AVERNAL E AEREA ORCHESTRA REGIDA Á SULFUREA BATUTA DO UNIVERSAL E CABRIOLANTE MAESTRO BELZEBUTH.

ORIGINAL BRAZILEIRO

DO

Dr. Pires de Almeida



### PERSONAGENS

JORGÊ DE ALMEIDA, estudante de medicina. — LUIZ MARTINS, idem. — PEDRO MIRELLES, idem. — REGINALDO BANDEIRA, idem. — HEITOR DE LIMA, idem. — ALFREDO RANGEL, idem. — FREDERICO DE AZEVEDO, idem. — AURELIO SOARES, guarda-marinha (*Travesti*). — CARLOS DE MELLO, estudante da Escola Polytechnica. — AGENOR DA SILVA, idem. — VICENTE DE CASTRO, estudante do Curso Livre de Direito. — DR. JULIO DA SILVEIRA. — DR. VAZ DA MOTTA. — JOSÉ BARBOSA, vendilhão. — ANTONIO FERNANDES, pai de Victorina e da Olga. — JOÃO CHUVA, bebaça. — O menino JUVENCIO. — JOSÉ, moleque. — O Advogado do espólio. — Convidados do enterro. — Feitôr do cemiterio. — Cerveiros. — Rondantes do cemiterio. — O esqueleto do palhaço. — O lemure de um marido candongueiro. — O Espirito de um operario. — A larva de um usurario. — Uma larva e um lemure de outra ora des-nctaveis namorados. — Um lemure. — Um fantasma. — Almas penantes. — Duendes. — Sombrinhas da faunes. — Bacchantes. — Satyros. — Sacerdotes da Missa negra. — Um padre de alva, estôla e casula (LUIZ MARTINS). — Dois acolytos (MIMI e JENNY), de sobrepeliz preta com lagrimas brancas: um, de caldeirinha; o outro, de thuribulo. — Esqueletos dos poetas d'Atres lyras. — Esqueletos dos poetas byronicos. — Esqueleto de um pedagogo. — O esqueleto de um medico da escola espirituallata. — O esqueleto do pedagogo-mathematico. — Luzida chusma de esqueletos de irresponsaveis paranoicos. — O orador da brilhante phalange dos loucos. — Giboso e desengonçado esqueleto de um nonagenario. — Esqueleto de um monge sceptico, impio e perjuro. — Esqueleto do bojudo fradilhão. — Esqueletos de frades devassos. — Esqueletos de clowns e de arlequins, de ébrios de taseca, de marafonas de aloucos, de cúpidos agiotas. — Perniceiros, esqueletos, de gaiatas e discordes combinações. — Esqueletos de alfenins insexuales. — Lobishomens, mulas sem cabeça, orianças pagãs, etc. — Esqueletos varios, que se aprumam das sepulturas. — O Bôde preto, cavalgado por um gato bravo (SIMPLICIANA). — Esqueleto de uma grã-besta desferpada e manco (JOSÉ BARBOSA). — Estudantes das várias Escôlas e Academias. — VICTORINA, a *Improfanada*. — OLGA, sua irmã, dissoluta réles e sevandija. — SIMPLICIANA, alcovêta-mestra. — A mecnica LAURA. — A menina EMILIA. — MIMI, cançonetista franceza. — PAQUITA, bolerista puro sangue. — JENNY, cançonetista inglêza. — ZOÉ, cançonetista italiana. — A viuva do finado. — Uma velha, antiga relação da familia do finado. — MARIA, arrumadeira da casa de alugar commodos. — A larva de uma adúltera. — A alma penada de uma suicida. — Sete esgronviadas caixas d'ossos de andarilhas dansrinhas. — Leprosas carcassas de centenarias tarascas. — Esqueleto de flatulenta, amantetica e refestelada abbadeessa. — Carcassas de tres estalbudas freiras. — Medicos e Inter nos das diferentes clinicas da Sala do Banco, na Santa Casa da Misericordia. — Serviaes e Serventes. — O Urubú de terreiro. — Enfermeiros da Santa Casa da Misericordia. — Padecentes das várias molestias exoticas e monstruosas, que figuram nos innumeros tratados especiaes e geraes. — Vendedores de vidros. — Quitandeiros de docua. — Aleijados. — Pedintes. — Cançonetistas do Casino, do Moulin Rouge e do Palace Crystal. — Moradores e vizinhos da estalagem. — Desgrudada orchestra-charivarica. — Balladôres macabros.

Actualidade.



*bombacha*, que passam a vida a comprar barulhos, safando-se impunes por serem conhecidíssimos espóletas de eleições. E, para accommodar-me, um — *tenha paciência, volte amanhã, o doutor X prometteu-me falar ao Unionista Z, que é trunfo...* Ora! ora! ora!

VICTORINA. — Vem agora as obras do pórtico, e com certeza a senhora será reembolsada...

SIMPLICIANA. — Até aqui a desculpa era a *grève*, — d'ora em diante, passará a expectativa de um lugar qualquer nas demolições.

VICTORINA. — Ai, D. SImpliciana, compadeça-se de nossa penúria... Si a senhora soffresse como tenho soffrido, longe de impacientarse, condoer-se-hia de minha lastimavel sorte.

SIMPLICIANA. — Precisamente por essa razão, ainda mais me revolto. Deixando-me impressionar pelas suas choradeiras, passou-se o primeiro mez, o segundo, e findou o setimo sem atar nem desatar. Si não fôra meu bom coração, eu teria desde logo percebido que estava sendo incauta victima de um bem armado *Conto do Vigário*, por isso que, bonitinha, inda *tenrinha*, n'este clima, e com as seducções do meio, é evidentemente impossivel não ter encontrado quem lhe tire o ferro da mão.

VICTORINA, *formalisando-se*: — Sou filha-familia, D. SImpliciana, e meu honesto procedimento não a autorisa ás menos escrupulosas suggestões.

SIMPLICIANA. — Sua mana tambem o é, entretanto... *Deus te livre! Uma lástima! (Benze-se.)*

VICTORINA. — Simplesmente uma infeliz...

SIMPLICIANA. — Qual o que! A infeliz é você... Mas, si soubesse comprehender a vida...

VICTORINA. — O que entende a senhora por isso?!  
SIMPLICIANA. — Ter, sobre as cousas mais vulgares do mundo, noções exageradamente melindrosas. Virtude! Leva-me só a falar em honestidade, como si a tivesse inventado, como si fôra um bicho de sete cabeças a prática de tal *verame...* E' boa! Sômos todas virtuosas... ao nosso modo. E, para obedecer ao tal preceito, basta á mulher conservar-se indifferente e fria ás tentações mundanas; mas, o contrario, isso é que não, — cumpre-lhe pôr em jôgo artificios de que nem todas sabem tirar partido. No seu caso, por exemplo, — attente bem: conheço um senhor, de meia idade, serio, negociante, não é precisamente uma tercia como o estudantinho que a frequenta, dando-lhe a roupa a engommar...

VICTORINA, *voltando-se assomada*: — Não continue, — en lh'o peço.

SIMPLICIANA. — Ah! está: não comprehende a vida; nem a comprehenderá nunca, si insiste n'esses preconceitos... Voltêmos, porém, aos aluguéis em questão... Quando devo definitivamente apparecer? Marque o dia. Estou agora percebendo que procura encarecer o seu peixe, para melhor impingil-o; emquanto, porém, não alcança melhor preço, quero saber quando devo voltar... E que o prazo seja curto, pois sua irmã, segundo me consta, engajou-se de corista no Apollo, e certamente não irá lá esgançar-se de graça.

VICTORINA. — Semanas depois, dispensaram-na por embriagar-se... Oh, si ella fôra ao menos honesta, eu não duvidaria aceitar o fructo de seu trabalho para satisfazer-lhe os aluguéis; infelizmente, porém, isso não se dá, e com os proventos de sua libertinagem — jámais consentirei que meo pae, a quem a senhora acabou de injuriar, chamando-o de bebaça, esbornia, cachaceiro...

SIMPLICIANA. — Não sou eu, — é a bôcca do póvo.

VICTORINA, *prosequindo*: — Porém que, menos forte do que eu, esquece no viuho, e na desordem, os desgostos que nos dá essa incorrigivel, (*Com intenção*: ) que comprehendeu, talvez de mais, a vida... Criança embora, não sou tão simples que me escandalise com a sua proposta.

Na hypothese, porém, da senhora ter uma filha, pergunto-lhe desafogada: o que posso esperar de uma situação aventureira, accetando para amante; — note bem, para amante; — o primeiro que me appareça, a quem não conheça, estime ao menos, e principalmente ame!

SIMPLICIANA. — A quem não ame?! Eis o *busilis*. Oh, o amor! Valha-me Santa Engracia! Mas nós, as mulheres, sempre amámos aquelles que nos ajudam a carregar a cruz da vida... Demais, o essencial, aqui, e agora, e sempre, não é amar, mas viver, gozar a mocidade; e aquellas que melhor a destructam, são precisamente as que se escravizam a um, e facilitam-se a duas duzias. Que tem Judas com a alma de Christo?!

VICTORINA. — Que bella moral professa a senhora!...

SIMPLICIANA. — E' a moral prática. Segue-a... e dar-te-has bem. E então, sim, poderás ter, junto a ti, um bigorilha qualquer, sem vintem, sem eira nem beira, sem officio nem beneficio; e quando apessôado, e sobretudo avantajado, vestil-o-has — si te aprouver, da cabeça aos pés, poderás mesmo sustentá-lo, escorregando-lhe os cobres do outro. Isto é que é dar no *vinte*. Porém, não ter nem um, passar as noites com frio, ou aguardar namorados sem ventura, com quem se compartilhe a miseria, a fome, só para ter o gôstinho de passar algumas horas no conchêgo de um typo de rua estropiando modinhas ao violão, com o branco dos olhos revirado para a lua... Isso é que é immoral, e — mais do que isso — contra todas as normas civilisadoras. E pergunto-te: o que conduz, o que encaminha a humanidade? o que governa o mundo? A logica, — ess'arte do raciocinio.

VICTORINA. — Mas, o que é, o que lhe parecerá fôrçadamente logico, pôde ser, para mim, afinal, a perdição.

SIMPLICIANA. — Palavrão ôco! (*Com calculada intimidade*: ) E's uma tolinha... Tua irmã, desmiolada embora, pensa melhor... E occasião virá em que, encontrando-te na rua, ella se envergonhe de ti... Oh, tenho bastante experiencia do mundo: leio-lhe nos olhos que, no dia em que ella se deixar d'esses desoccupados, e só receber gente limpa, sua sorte será muito outra.

VICTORINA. — E' possivel; mas, não serei eu que a inveje.  
SIMPLICIANA. — Si tens de persistir nessas vulgares toleimas, entra logo, — com todos os diabos! — para um convento.

(*José Barbosa, que, por vezes, passava no fundo, reparando sempre para dentro como quem espera alguma resposta, debruça-se afinal á janella.*)

## SCENA III

As mesmas e JOSÉ BARBOSA

SIMPLICIANA. — Olha... olha, alli, o *senhor* de quem ha pouco te falei, — é o seu Zé da Venda. Queres que o chame? Consentes que o convide a entrar?

VICTORINA. — Não o faça, — en o destractarei.  
SIMPLICIANA. — E' a paga de fiar-te o feijão e a carne secca!... Pois, fica sabendo: teu pae ainda lá está preso na gaveta por vinte e tantos *mal* réis... (*Para fóra*: ) (Nada arranjado, por emquanto.)

JOSÉ BARBOSA *grôsseiro e ameaçador*: — Eu cá os espero... Dôr de barriga não dá só uma vez... (*Vae-se furioso.*)

## SCENA IV

VICTORINA E SIMPLICIANA

SIMPLICIANA. — Ora ahi tens!... Ouviste?!... Além da falta de perspicacia, nem ao menos consciencia. O tal bonequinho de cheiro em nada, em nada absolutamente, é superior ao generoso, ao humanitario José Barbosa.

VICTORINA. — Protesto. Jorge é um filho-familia, um futurôso môço, emquanto que o seu inculcado não passa

de um ignobil corruptor que, longe de suffocar seus sentimentos tórridos, d'elles se aproveita, valendo-se para isso de algum dinheiro que esbanja.

**SIMPLICIANA.** — Basta... basta. Não precisa entusiasmarse tanto... Si cheguei até aqui, e n'elle de leve toquei, foi tão somente pretexto, para vér si conseguia os atrazados aluguéis, de que esse liberal senhor se compromettia embolsar-me, caso o negocio se arranjasse... (*Victorina faz um movimento de altivez.*) Por que, pois, alterar-se? O meu recommendado é um partido como qualquer outro... Ora véja!... Confiei na sua aquiescencia, certa de que me dirigia a uma môça ajuizada, e bôa, capaz de proteger seu pae, visto, ao que se diz, ser elle tão perdido e indigno que não se lhe dá da familia, abandonada a toda sorte de privações. Mas, desde que a senhora prefere, a um negociante apatacado, um tytozinho de bôlo virado pelo avesso...

**VICTORINA.** — Não prefiro quem quer que seja, minha senhora...

**SIMPLICIANA.** — E esse collegial que a procura diariamente, não poderá, em troca, em recompensa dos bons quartos de hora que destructa, a sós, em sua companhia, suppril-a com tão mingada quantia?

**VICTORINA.** — O senhor Jorge é simplesmente meu freguez... Engommo-lhe a roupa, — eis tudo. Direito algum, portanto, me assiste de importunalo em minhas urgencias, em minhas necessidades.

**SIMPLICIANA.** — O caso resume-se a pouco. A conducta de seu pae é visivelmente suspeita, e ninguém me levará a mal pôr-lhe a *mobilis* ao sereno; sua mamã, — oh, que droga! — é uma correteira, e o pouco que apuzna na libertinagem não lhe chega para pagar ao boticario as tisanas depurativas; quanto á sua pessôinha, — oh! oh! — estou perfeitamente convencida, — não passa de uma cara-dura, de uma bilontra de marca gôrda, que só enuia em locupietar-se dos recursos alheios. Si assim não fôra, acatania de olhos fechados minhas laerativas suggestões, e — com ellas — a honrosa proposta do seu José Barbosa, e não estaria, com está, á mercê de sapatos de defunto. Perdão! Ora já viram maior tolice! maior desafôro! En, por exemplo, sou uma perdida!... Toma lá, minha santinha de pão ôco, mais este salutar conselho, e não te levo nada por elle: não são as mulheres que se perdem, — o que ellas perdem, isso, sim, são as occasiões propicias, são os bons negocios que lhes escapam, e esses, por vasqueiros, nem sempre se apresentam, e só excepcionalmente voltam. (*Vê-se, além, no palco, Jorge, que se encaminha, sobragando um livro.*) Pense bem... e faça o que resolver... Si me fiz explicar, será o signal uma rosa vermelha ao peito, sobre o lado esquerdo, mesmo sobre o coração; e assim condescendente espero encontral-a logo, á bôquilha da noite, no portão da estalagem... Si, porém, faz finca-pé na decantada virtude, trate de pôr-se quite commigo, sóh pena de saandil-os todos para o ôlho da rua, a você, a seu pae, á sua mana, e até ao proprio Santo Antoninho casamenteiro, que do implorado milagre bem livre estás, minha presumçosa donzella. (*Saludo* :) E adeusinho, — até á vista. (*Abre-se a porta, e Victorina, com o Jorge, que deita-lhe desconfiado e suspeito olhar; notando, porém, Victorina, a chorar, desce silenciosamente. Simpliciana, suspendendo com a ponta dos dedos os lados da saia, faz respeitosa menção, dizendo-lhe maliciosamente ironica* :) Ande lá, seu felizardo... (*E some-se.*)

SCENA V

**VICTORINA** e **JORGE**; e a vez de **SIMPLICIANA**, no botequim.

(*Victorina, muda, aparentemente calma, com os olhos cravados no chão. Jorge contempla-a um instante; depois, adiantando-se brusco, toma-lhe meigamente das mãos.*)

**JORGE.** — Que te aconteceu? fala, — conta-m'o.

**VICTORINA.** — Nada, — absolutamente nada. (*N'uma crise de solugas, encovando as lagrimas com a manga do vestido, chega-se rapidamente á mesa, e — sentando-se a um tamborête — enrodilha os braços, mergulhando n'elles a fronte. Breve pausa. No botequim, rumores, alvoroço, vocabulario canalha.*)

**SIMPLICIANA,** *fôra*: Corja de ociosos! em vez de buscarem o que fazer, entregam-se dia e noite a esta incommoda malandragem!

**UMA VOZ,** *respondendo-lhe*: — Cêbolorio! Que tem você com isso?!

**SIMPLICIANA.** — Que tenho?!... A Policia fez-me quartel da porta, e não hei de desabafar? E si fôsem só os cones, as palavradas, — vá! — mas, o semvergonhismo chegan ao ponto de me lesarem nos chorados aluguéis... E, ainda por cima, ha mesmo quem queira alardear brios e viatudes naindigencia, na penuria... Patifões de uma figa! (*O berreiro recrudescer. Na confusão, e na gritaria, porém, as palavras tornam-se imperceptíveis, até que, aos gritos de Socorro! e Olla a Policia!, cessa por algum tempo o motim.*)

**JORGE,** *comigo*: — Que se terá passado? (*Ameigando Victorina* :) Que tens, pobre victima?

**VICTORINA.** — E' pouco o que d'aqui ouvio?! Acha bonito o que invariavelmente supporto todos os dias?! Já que me é fôrgoso este canal desabato, saiba agora que meo pae alli está envolvido tambem, e que todos aquelles baixos doéstos a mim se dirigem, e muito principalmente a elle...

**JORGE.** — Acredite, minha bôa Victorina; e já que o acaso para aqui me encaminhou n'este afflictivo momento, diga-me, diga-me francamente do que se trata.

**VICTORINA.** — Não ouvio então? A instigadora é a Megêra, que arrendou esta estalagem, a mesma vilã que commigo estava á sua entrada. Sabê? eu me explioo. Como meu infeliz pae até hoje não encontrou ainda uma protecção á sua actividade, essa desnaturada mulher, agulhando os desoccupados, vale-se d'elles para vingar-se de nós. E, para emulo de aviltamento, a pretexto de cobrança, teve a perulancia de procurar-me com o fim de desviar-me dos sentimentos de filha e dos pundonorosos deveres de mulher.

**JORGE,** *como para sair ao encontro de Simpliciana*: — Que dizes? En te desfôrgaei.

**VICTORINA,** *impedindo-o*: — Não consinto. Apenas conseguí envolver-se no escandalo. O botequim, como vê, está sempre repleto de individuos de má nota, de gente perigosissima... Eu resolverei com mais calma, mesmo porque ella vem instigada por alguém, que não cessa de querer attrahir-me por meios condemnaveis, abjectos. Não reparou naquella maliciosa insinuação, que a perversa dirigio-lhe ao retirar-se? A malvada tem divulgado por toda a estalagem que o senhor está amasiado commigo, e vaticinou-me com a desgraçada sorte de minha irmã, si eu, a exemplo d'ella, continuar a acercar-me de destructores pingas... (*Jorge procura desembaraçar-se dos braços de Victorina, para ir ao encontro da má conselheira.*) Contenha-se, por Nossa Senhora! — não se comprometta... Eu providenciarei condignamente.

**JORGE,** *calhando-lhe aos pés*: — Ouve, Victorina. Já que o acaso deparou-me emção de abrir-me meo coração, aproveito-o. Sou estadante, sim, e estudante pobre. Meo pae, modesto lavrador de atrazado logarêjo, auferê de perosa cultura essacos recursos para maanutenção de numerosissima familia. Suas futuras esperanças se concentram todas em mim, com o que moralmente me obriga a ser reflectido e bom, na confiança de que, vindo elle a fallecer, minha velha mãe e minhas desprotegidas irmãos não sintam de muito os affectos, a protecção e o abrigo per-

didos. N'uma d'essas horas de somnias apprehensões, — ó meiga Victorina! — quiz o destino que eu te visse bella e resignada, tão encantadora e serena no infortunio, que minh'alma espôsa mysteriosamente tu'alma. Pois bem: estou a concluir meo curso médico, e — uma vez casados — iniciarei minha carreira aqui, ou onde melhor escolhermos.

(José Barbosa, que espiava por entre a roupa engommada suspena á janella, é percebido pela Victorina, visivelmente emocionada com a declaração de Jorge.)

VICTORINA. — Que pretende, seu abelhudo? O que espreita?

JORGE. — Sim: o que quer! perdeo aqui o nariz? (Encaminhando-se aggressivo.) Espera, labrêgo!

SCENA VI

Os mesmos e JOSÉ BARBOSA

JOSÉ BARBOSA, enfiando a cabeça: — Não se agaste, meu rico senhor... Eu vinha apenas perguntar, alli, á menina, si não lhe appeteceria um frescal, dos que me acabam agorinha mesmo de chegar do atacadista...

JORGE, tomando do cabo da vassoura: — Espera ahi, que não tardo a abrir-te com este frescal a vermelha careca...

VICTORINA, contendo-o: — Acalme-se, senhor Jorge...

JOSÉ BARBOSA. — Em que meliadrei a V. S., offerecendo á minha freguezia uma novidade do meo estabelecimento commercial!?!... (Comigo mesmo.) (Ai, meo Jesus da Pedra! estão a vér que tal é o estudanteco?!...)

(Alto.) Negocio é negocio... Com pouço se agrava... Não venho tocar-lhe na fazenda, — ai, que não! deveras lh'o garanto. A moçuilta é sua, muito sua, assim como os queijos são meus, muito meus. Paguei-os com o meu dinheiro! Consinta, entretanto, que lh'o diga: V. S. é a aza negra d'esta casa... (Desapparece.)

SCENA VII

VICTORINA e JORGE

VICTORINA, tranquillizando-o: — Soeagne. Até certo ponto, como evitar que elle assim nos julgue si cahimos tão baixo no seu conceito? Sente-se aqui, bem junto a mim... E reate a narrativa começada.

JORGE, proseguindo: — Apenas consorciados, a fortuna sorrir-me-ha, porque, em teus carinhos, encontrarei a precisa coragem na afanosa carreira que van estréiar.

VICTORINA. — Sonho esse, que não se realizará, pois não passa de um devaneio dos vinte annos!

JORGE. — Aspirações irrealisaveis, Victorina, são aquellas que se baseiam em vã esperanza, e reflecti muito antes de confiar-te este segredo de minh'alma. O amor, porém, não se impõe; e, por mais infeliz, que te supponhas, e por melhores que sejam minhas intonções, posso não merecer-te a esperada compensação.

VICTORINA, vexada: — Senhor Jorge!

JORGE. — Amas talvez a outro?!...

VICTORINA, erguendo-se carinhosa e rapida: — Não, — eu lh'o juro. (Prosequindo reflectida.) Mas, a que devo a sua escolha? Por que, d'entre tantas, me prefere?

JORGE. — Pergunta antes á aveziua por que abate-o véo onde a lagôa é mais crystallina, do que ao coração do homem a rasão pela qual antepõe, esta, áquella mulher. Mas, já sei: não pensas, ao certo, em casar...

VICTORINA. — Por que assim me tortura, fôrçando-me a uma confissão que eu não desejava fazer?

JORGE, assustado: — A innocencia, ao contacto de tantas impuridades, perderia acaso de sua candidez?!...

VICTORINA. — Não. Chegasse eu a ser sua espôsa, e,

no primeiro beijo, o senhor receberia uma perola que, mesmo no lódo, tem-se conservado sempre perola. Purissima embora, não deixo, não quero, entretanto, pertencer-lhe. (Jorge surprehende-se, espanta-se.) O senhor tem, deante de si, largo futuro, e — facil de prever — auspicioso. Quanto a mim, como desgraçadamente tem testemunhado, meo pae excede-se em libações, — minha irmã é uma leviana, uma transviada; — e tudo isso não poderia deixar de envergonhal-o, desde que esmerilhassem de minha procedencia: tirando-se-lh'a á face, o senhor certamente se arrependeria de me haver despôsado, maldizendo-se sem d'vida d'essa fugace miragem da mocidade.

JORGE. — E' de esperar que seo infeliz pae se cohiba d'esse execravel vicio logo que os desgostos deixem de o atormentar; sua irmã acompanhar-nos-ha, e — uma vez na familia — pôde, com os bons exemplos, reabilitar-se. O delicto não está puramente no delicto, mas sim na persistencia n'elle. Objectas ainda?

VICTORINA, ciosa e firme: — Tenazmente.

JORGE, insistindo meigo: — Vem cá, Victorina. Essa teimosia não envolverá, para commigo, um falso sentimento que tentas astatamente fortalecer?

VICTORINA. — Não; porque, em tempo algum, cederei.

JORGE. — Tu me exasperas...

VICTORINA. — Dominando os nossos planos de felicidade, algum existe, Jorge, que, por seus attributos, pôde, melhor do que eu, concorrer para a satisfação plena de seus idéias.

JORGE. — E' indecifrável o que dizes!

VICTORINA, tirando do seio uma carta, que lh'a restitue: — As mulheres são, em geral, curiosas... Achei-a, no bolso de um paletot seu, quando ia para ensabôal-o...

JORGE, atalhando: — A carta em que minha mãe me communicava haver ajustado meu casamento com...

VICTORINA. — Com sua prima Adelaide, a quem não tenho a honra de conhecer, porém que deve ser tão distinta que merece a livre escolha por parte de sua mãe.

JORGE. — Qu'importa! En não a amo. Já escrevi a minha mãe dissuadindo-a d'essa resolução. E a ti mesma consulto: devo acaso reficar espontaneos affectos, para tão sómente satisfazer calculados interesses de familia? posso porventura dizer ao meo coração que se quede morto dentro de meo peito, qual cadaver em frio sepulchro, para realisar um casamento dinheirôso? Lucta impossivel! Minha rasão se revolta, até. E a pobre velha, innocente causadora de duplo infortunio, — quicá! — arrastaria a si propria, deplorando todo o resto de sua vida um mal irreparavel.

VICTORINA. — Escuta, Jorge. O que referes é muito natural, é espontaneo. Na juventude, difficilmente se pôde jugular o coração; mais tarde, porém, quando casados, sobrevirão as desillusões, e — com ellas — o tédio. E, si assim acontecesse, quantos desgostos para tua boa mãe! quantas amarguras para tu'alma! quantas decepções para a humilde Victorina! (Soluçante.) Sou mais forte, que tu... dar-to-hei este exemplo de coragem. (Enrugando os olhos no avental.) Eia! um beijo, um ultimo beijo, — um abraço, — um ultimo abraço, — e adeus, adeus. Obedece a tua mãe, — casa-te, e sê feliz. (Aproxima-se d'elle, que demora indeciso; e, envergando-lhe a fronte, oscula-o neuroticamente.)

SCENA VIII

Os mesmos; e JOSÉ BARBOSA, inesperado

JOSÉ BARBOSA. — Olá! pilhei-os como deus pombinhos! Cá! cá! cá! Não me parece máo este processo de

compreender, e principalmente de praticar a virtude!...  
Cá! cá! cá! z... z... z...

JORGE, voltando-se: — Ainda este importuno!

JOSÉ BARBOSA. — A' vontade, meus amiguinhos, — não se embaracem comigo. Venho apenas fazer vêr áquella moçoila, que a irmã acaba de passar, segura por duas praças... Vão, com certeza, trancafiar-a no xilindro... Nem é a primeira vez, nem será a última, — mercê de Deus! — porque a endemoninhada devéras faz por onde. Tendo-os, porém, encontrado em exercício de flagrante virtude...

JORGE. — Immudece, bruto!

VICTORINA, condigna e nobre: — Deixa o que malicie livremente... Affugos tão sinceros, sympathias tão innocentes, expansões tão legítimas... bestados do coração... partidos d'alma... (*Indo aos batentes das janelas, afasta as peças de roupa, que pendem do alto, descorrimando desassombrada o aposento*) não se arrecciam das claridades do mundo... (*Acódem de todos os cantos os moralaxes, que se atropellam*) Clamei, bradei por todos, para que testemunhassem... Um beijo, Jorge... ainda outro... mais outro... E adens, — parte. Comtigo, todas as porções de minh'alma. (*Jorge, indeciso, tonto, contempla-a com demorada ternura; e, tomando o chapéu, emocionadamente desaparece*). Victorina, soluçando hystericu, senta-se a uma das canastras, profundamente angustiada.)

### SCENA IX

VICTORINA, JOSÉ BARBOSA; logo depois SIMPLICIANA; e mais tarde OLGA

JOSÉ BARBOSA. — Si isto é que é a tal virtude, — palavra d'honra! não sei que melhor nome tenha a patifaria!

SIMPLICIANA, a José Barbosa, com mysterio, da parte d'além: — (Que foi? que aconteceu?)

JOSÉ BARBOSA, respondendo-lhe no mesmo tom: — (Lavrámos um tento... A rapariga despedio o freguezinho...)

SIMPLICIANA, idem: — (Ai! por isso vi-o esgueirar-se como uma lebre... com os olhinhos rasos d'água... Como foi? como foi?... Também, ella pareceu perdido... Si o estudantinho apenas tinha duas mudas, uma no corpo, outra na gamella... Que diabo lucravam ambos com o tal derriço, dia e noite?...)

(A algazarra, ora augmentando, ora diminuindo, chega por vezes a simular um conflicto, que acalma ao ouvir-se claramente: AHI VEM OS POLICIAS!)

### SCENA X

VICTORINA; e OLGA, esmulambada e suja

OLGA. — Uf!

VICTORINA. — D'onde assim vens, minha irmã?! Toda rasgada... esmamalada... Não tens pudôr?!...

OLGA. — Não adivinhas? do xilindro. E foi alli o Zé da Venda quem pagou ao advogado de porta de xadrez para requerer o Habeas-corpus. E a proposito: bem podias pescar aquelle besuntão, que anda a lambor-se de amôres por ti... Uma boa creatura, a quem poderíamos comer por uma perna si não fôra tua desenhada vaidade...

VICTORINA. — Mão! Si achas que, além dos vexames por que me fazes passar, devo concorrer para tuas extravagancias, declaro-te peremptoriamente que não estou de maré para aturar-te. Ahi está a tua esteira, — estende-a, si tens somna; porém, — pela Virgem Maria! — não me aborrecas mais do que estou.

OLGA. — Basta, — não é motivo para zangar, até mesmo porque já venho quente do juizo. (*Desenrolando*

a esteira...)

Imagina tu, minha Victorina, que eu estava, péga, não péga, reboca, não reboca, um guapo caixeiro do Godinho, em cujos bolsos bispára duas pélegas de dez mil réis. Pisca o olho, estica o beijo, bolina para a direita, bolina para a esquerda, e quando, ajustado o frete, vamos para descer do bonde, um typo... (*Victorina volta-lhe as costas*) Voltas-me as costas? Não queres ouvir o resto da historia? Melhor! Entretanto, como não trago desfôros para a casa, soltei-lhe a lingôa... Retirando-me o gajo, xingou-me de biraia; mas, sem mais aquella, despachei-lhe os cinco mandamentos na caixa do catarro, que pula logo n'uma marmelada... Ah, perseveras em não atender-me? (*Deitando-se*) Então, aproveito mais em abranda a resaca.

VICTORINA. — Melhor fazes, realmente, dormindo. Fôste, hontem, para a rua, á entrada da noite, e voltas, hoje, a esta hora, e nesse bello estado!

OLGA. — Eu podia aqui estar antes, mas o tal paudorga bota o apito na bóca, ajunta póvo, — pôde, não pôde! — e lá fui, de embanho, entre dois Catazes, para a sombra. (*Adormece*.)

VICTORINA, consigo: — (Desgraçada!)

### SCENA XI

As precedentes; e LAURA.

LAURA, com um livro na mão: — Dá licença, D. Victorina?

VICTORINA, voltando-se: — És tu, meu uajo? Vens á ligão; não é assim?

LAURA. — Pois não é, hoje, quinta-feira? (*Dando-lhe um envelope*) Aqui está o que mamãe mandou, pedindo-lhe muita desculpa pela demora.

VICTORINA, accendendo: — Diga á sua mamãe que fico obrigada. Senta-te um instante, enquanto desembro a panella do feijão. (*Dirigindo-se para aquelle ponto, passa rente á irmã, sussurrando-lhe aspera*) (*Componha-se: veja que alli está uma criança...*)

OLGA, retrucando-lhe no mesmo tom: — Que n'importe! Menina de estalagem... Tantas precauções; entretanto, quando menos se espera, zás, traz! n'ó cêgo! (*Pisca um phosphoreo, accende o cigarro, que preparava tremula, e recosta-se á parede cochitante e tonta*.)

VICTORINA, que mexêra o feijão, lava e enluga as mãos, sentando-se para a lição: — Onde ficámos n'outro dia?

LAURA, folheando o livro: — Aqui, n'este capitulo: entidades e symbolos.

VICTORINA. — Expliquei-te o que elles eram, e conclui dizendo que, embora com applicações diversas, tinham identico sentido. Vou agora exemplificar, para melhor os conservares na memoria. A gloria, o pudôr, a fome, são entidades, porque existem por si mesmos, isto é, não se encontram individualizadas. Quando, pois, se pinta uma figura representando a Fome, não é o retrato da Fome que alli está, porque ninguem acôde por esse nome, mas sim um symbolo, que abrange, que resume características exclusivamente peculiares á comprehensão da fome, e nem só á sua consubstanciação como ainda ás sensações que ella desperta.

OLGA, espreguicando-se: — O que a tal explicação despertou-me foi o desejo de metter me n'uma boa fritada de camarões.

VICTORINA. — Cala-te, Olga, — não nos interrompas.

OLGA. — Com a condição de passares para cá um gôlo da laranjinha de papie...

VICTORINA. — A garrafa está ahi mesmo n'esse canto... Si a escondi, fil-o mais por tua causa...

OLGA, achando a garrafa, emborca-a satisfeita. Dando uns estalinhos com a lingôa: — Papafina!

VICTORINA, *prosequindo*: — A virtude é também uma entidade. Sabes tu o que ella seja? *—* *—*

OLGA, *aparteando a irmã*: — Cá por mim, não faço questão de conhecê-la *—* *—*

VICTORINA, *que a ouvio*: — Contém-te, Olga. Além de distrahirres a minha applicada discipula, tuas idéias sobre o que é digno e honesto não podem ser expendidas em presença de uma recatada. Continúa, Laura.

LAURA. — Pergunta-me a senhora em que consiste a virtude? Em ser boa, obediente, affavel e meiga.

VICTORINA. — Não basta. Demais, isso não é precisamente uma definição. Discorre um pouco sobre o que entendes por esses attributos destacadamente, e terás talvez acertado em parte. Sentes-te côcta? Repete com-migo:

VICTORINA E LAURA, *conjuntamente*: — *—* o cumprimento cabal, sincero e espontaneo, do dever, não obstante os sacrificios, e á custa da propria vida. Ficas agora sciente?

LAURA. — Sim, minha professora.

VICTORINA. — Apresenta, pois, um exemplo.

OLGA, *enrugando outro côte; consiço*: — (A criança está em talas... Assumptêmos-lhe a sabida.)

LAURA. — O Tiradentes *—* *—*

VICTORINA: — Não descobriste, na vasta seara das individualidades historicas, outro que não um revolucionario?

LAURA. — Mas, elle queria o bem geral...

OLGA, *aparteando*: — (Bravo! a meninota encheu-me as medidas... Sim, senhora: sahio-se melhor do que eu esperai. Estava ao pintar para minha discipula!)

VICTORINA. — A felicidade do povo, bem pôde ser; mas, a seu modo, pois apenas conseguio deixar-se enforcar, sem que esse mesmo povo reagisse. E nem só se compromettam, como tambem aos seus companheiros, que foram encarcerados, sentenciados, degradados. Logo, a virtude de um prejudicou a muitos, e o que não aproveita a todos deixa de ser beneficencia.

OLGA, *erguendo-se de um pulo*: — Tu baralhas as idéias d'essa innocente. Ella tem caradas de razão apresentando o Tiradentes, cujo desprendimento resvala no altruismo: si foi um martyr, e si os demais inconfidentes padeceram, constituiram-se todos, e por igual, victimas de sua abnegação, o que sempre é um acto de heroismo, não obstante paixões partidarias controversas.

VICTORINA, *impaciente*: — Outro exemplo, outro exemplo...

LAURA. — Lucrecia, que preferio matar-se a render-se a Tarquinio *—* *—*

OLGA, *rindo-se gôstosamente*: — Esta agora é de setirar o chapéo! Singular modelo! Mas, isso deu-se quando se amarravam cachôros com liangiça, quando se media manteiga aos covados, isto é, nos heroicos tempos da heroica Roma, em que sahia-se á rua em fraldas de camisa!

LAURA, *passa*: — E' isso verdade?!... Pois, na culta Roma, a gente andava assim tão frescamente vestida!...

VICTORINA. — Não, minha menina. (A Olga.) Contém-te, — já me aborreces. Estás inventando neste espirito infantil, que me pagam para educar, idéias erroneas. (A Laura.) O que elles traziam, minha applicada discipula, eram candidas tunicas *—* *—*

OLGA. — Mas, o que são as taes tunicas mais do que alvos lençóis, com duas fendas lateraes para enfiar os braços, e outra, superior e circular, para metter o pes-côço?!

VICTORINA, a Laura: — Deixa-a que asneire. Seria necessario perder-me em detalhes, para demonstrar-te como, de um estêfo tahhado de certa maneira, resulta a vestidura conhecida por esse nome. Tornêmos á lição. (A Olga.) E tu, intrometida, abstém-te. (Vozes) não

botequim.) Achas que não basta, para perturbar-a, aquella matizada? (Olga, com as pernas estendidas, e mãos entre as côxas, parece submeter-se.) E, por favor te rogo, escondo esses camijos, indecentemente descompostos. (Olga vira-se para a parede, procurando adormecer.) Citando, estudiosa criança, a valerosa Lucrecia, como prototypo de constancia conjugal, fizeste o habilmente, porque, de facto, essa martyr do amor pagou com a vida seus feis extrêmos.

OLGA, *aparteando*: — (Adiantou muito com isso, — pois sim! As proprias minhocas não ousaram rogar-lhe o côrpo, receiando talvez o contagio da fidelidade, da perseverança!)

VICTORINA, a Laura: — Si apenas apreciarmos os actos da vida segundo o bem-estar material que elles nos proporcionam, é claro que todos os exemplos de abnegação nos devem parecer antes paroxysmos de loucura...

OLGA, *atalhando-a*: — Tem paciência, irmã. Acaba, — por Deus! ou pelo diabo! — com esse rosario de tolices, si quezes que eu goze dos beneficios d'esta vapôrosa resaca. Na maioria dos casos, o desprendimento de si mesmo por amor do proximo, e — peiormente — mesmo por amor da humanidade inteira, não passa de estulta vaidade, de fôfos preconceitos, de occultos e preconcebidos designios. E assim sendo, não encontro, nos proclamados actos de abnegação, motivo para base de prova, e — menos ainda — de estímulo, de incentivo para alentar-nos na vida social *—* *—*

VICTORINA. — Não achas, então, que o bem pelo bem, por si só, mereça seguir-se?!

OLGA. — Pétas! Por mais tratos que dê á cachola, não lhe descubro razão. Citas symbolos de altas virtudes, e te embrenhas na historia para deseneavar a bestalhona da Lucrecia, esquecendo-te, comtudo, de Joanna d'Arc, Cornelia, Marco Aurelio, e uma infinidade d'outros, não menos propaladamente honrados e puros. Mas, ainda cá: cada uma d'essas figuras não terá, na propria historia, significativo contraste que, defrontando-a, seja igualmente admiravel e grande pelas qualidades diametralmente oppostas? O mundo firma-se no equilibrio, em defectiveis compensações; e, si tu me affrontas com a tal Lucrecia, eu barro-te com a ardente Messalina, que se lhe avantajou por mais artistica, e por haverá a ainda mais excedido nas práticas do vicio, de que ella exagerára o exercicio da virtude. Apresentarás Joanna d'Arc como typo de inexcedivel patriotismo; pois bem: contra-pô-la-hei Catharina da Russia que, preeminendo na devassidão, não foi, apezar d'isso, menos patriota, que aquella. A' valerosa Cornelia, mãe dos Gracchos, destacarrei Catharina de Medicis, a mãe dos Valois. E ao suro Marco Aurelio e ao celebre Juliano o-apostata, evocarei Nero, Tiberio e Luiz XV. Vês, portanto, que os equivalentes fervilham, na historia, e em toda parte, nos dous extrêmos da equação, d'essa arte demonstrando a existencia de leis naturaes e eternas, necessarias á Humanidade *—* *—*

VICTORINA. — Mas, a que vem semelhante aranzel?

OLGA. — Unicamente para provar-te que o bem e o mal tem o mesmo coefficiente, a mesma fonte, reconhecem o mesmo principio, tendo forçadamente o mesmo valor mathematico. Não descubro, conseguintemente, por que cugas d'água, nas escolas, nos dão de encher a cabeça de tantas caraminholas, obrigando-nos a decorar indigestos compendios de moral, de parabolás, maximas e apophtegmas. Quanto maior for o algarismo dos bons, tanto maior será a somma dos máos, para estabelecer o equilibrio, sób pena do mundo virar de pantanas. (Sarcastica.) O resto, minha discreta irmã, não passa de phrases vãs, de conversas fiadas *—* *—*

VICTORINA. — N'esse caso, não accoitas igualmente o symbolo christão de Maria?

OLGA. — Decididamente, não. Na espôsa do humilde José, podem, quando muito, enternecer-me as duras provas por que fizeram passar-lhe o coração de mãe. Nada mais.

VICTORINA. — Duvidas, portanto, da pureza de Maria?

OLGA. — Considero todas essas especulações religiosas apenas como embustes de meia duzia de tartufos do clero, que tomaram a peito salvar o genero humano na supposta existencia do além-túmulo. Como poderia ella ser, a um tempo, casta e virgem? Si era mãe, não podia ser virgem, porque as virgens não podem ser mães sem deixarem de ser castas. Claro como o sol, que nos allumia. Não te é permittido bem comprehender o malicioso sophisma, por isso que és uma e outra cousa; aconselho-te, entretanto, que não teutes pautar-te nem mesmo pelos processos theologicos, porque acabarás gôstosamente nos processos communs, que ainda hoje são os melhores. Demais, desenlaça-me esta meada: Maria era casada com o carpinteiro José; sendo assim, era tambem muito natural que, em tal estado, não se conservasse purissima; no caso contrário, o tímido espôso não passaria de um contemplativo, de um molle. Peior ainda. Mal satisfeitos, os padres convertem o simplorio carpinteiro n'um aperreado confesso, obrigando-o a inventar, contra os seus creditos de marido, a ridicula historia de uma pomba do Divino, que elle proprio affiança ser o progenitor do Messias, isto é, o pae de seu filho. Bem vês, minha irmã, que toda essa fôrgicatura não passa de um conto para minar erianças.

LAURA, a Olga: — A senhora offende, assim, á Virgem Santissima!...

OLGA. — Qual offensa, qual nada, simploria! Si Maria é, na realidade, a mãe de Jesus, este teve fôrçosamente um pae, e, si esse pae não é S. José, — pipócas! — é que teve outro progenitor, e — mettido n'esse dilemma — tanto peor para o marido; porque, ou a Virgem era tão immaculada como eu, ou elle deixou-se bigodear, dando-se a Santissima — naturalmente — ao luxo de um amante qualquer.

(Victorina e Laura exprimem, pela physionomia, repugnancia e horror; esta aconchega-se á professora, tapando os olhos com o lenço.)

Quanto ás sete dôres de Maria Santissima, — ouve lá essa! — por que lamental a mais, que ás outras mães?!... Aquellas que perdem os filhos nas luctas da vida pela vida não são menos dignas de compaixão. Contam-se por milhares os soldados que, deixando suas familias, vão morrer nos campos de batalha, ás vezes após longa agonia, a agonia dos ferimentos, tendo feito tanto quanto o Christo, pois, si este sacrificou-se pela Humanidade, aquelles sacrificam-se por amor da patria; e as mães d'esses bravos soffrem, incontestavelmente, mais, muito mais que Maria, que teve o lenitivo, o consôlo, a compensação de vêr expirar o filho em seus braços.

VICTORINA, restituindo á discipula o intacto envelope: — Toma, Laura. E dizê á tua mãe que não tenho direito a esse dinheiro, visto que não é certamente para aprender taes heresias que ella faz, — quem sabe! — o sacrificio d'este dispendio.

LAURA, fecha o livro, e dispõe-se para sahir, respondendo: — Custa-me a obedecê-la, — mamãe zangar-se-ha, por certo.

VICTORINA. — Não se enfadará, desde que saiba o motivo. Recommendo-te, entretanto, bôa criança: não te impressões com os desarrasôados de minha irmã... Olga está caçoando.

LAURA. — Mas, com a religião não se brinca... (Beija Victorina na face; e retira-se, olhando resabiada para Olga, que abafa uma risada.)

VICTORINA, a Olga: — Aquelle olhar é uma maldição!

OLGA, dando-lhe as costas: — Puf! Heide emmagrecer com isso.

## SCENA XII

OLGA e VICTORINA

VICTORINA. — Tu me forças, Olga, a falar-te com acrimonia. Urge que tudo isto acabe. Sósinha a trabalhar, sou tambem a unica a adquirir mingoados recursos para nossa subsistencia, e esses mesmos a cada instante insensatamente os difficultas, dentro e fóra de casa.

OLGA. — Por esse caminho, vâes errada. Si, para corrigir-me da malandrice, me lanças em rôsto o magro prato de feijão, que me cedês, pônho-me já e já no ôlho da rua, passando-me com os tróssos para qualquer zungú onde pouso socegada. Bem sabes que, si não hei ficado lá por fóra de uma vez, não é certamente por tua causa, mas sim por papáe... por papáe! — que a isso se oppõe tenazmente. Pondero-te, não obstante, que aborrêço aquelles que prestam favôres, só para terem o gôstinho de alardeal-os.

VICTORINA. — Me comprehendeste mal. Refiro-me pura e simplesmente a afugentares os escassos elementos que tanto custo a reunir, afim de obter o imprescindivel para os gastos de casa. Mediante alguns mil réis, accitei essa meunina para educar-lhe o coração e a intelligencia. Pois bem: todos os dias, como que propositalmente, como que fatalmente, desatas a viperina lingua, transformando esta breve aula de moral n'uma especie de verrina contra a santidade e a virtude. Não é para esse fim que a minha alumna comparece aqui; e, tolerando-te, pratico condemnavel furto, pois accitei indevidamente uma espórtula, que eu só poderia licitamente adquirir pela confiança de quem de bôa fé m'a destinasse. N'esse presuppôsto, repellindo minha consciencia transações d'esta natureza, devolvi intacto o dinheiro mal ganho.

OLGA. — Restituiste a contribuição?!

VICTORINA. — Certamente. Quererias acaso que me fizesse ainda por cima pagar, para a criança vir aqui saturar-se de tuas impiedades?!

OLGA. — Declaro-t'o categoricamente: fizeste mal.

VICTORINA. — Por que?

OLGA. — Estúpida, que és!

VICTORINA. — Estúpida?!...

OLGA. — Sim. Aturar diariamente uma idiota, por espaço de duas horas, atulhar-lhe o miôlo de velharias e absurdos, e tudo isso sem o menor interesse, gratis?... pro Deo?!...

VICTORINA. — Quando menos, é consciente e honesto...

OLGA. — Qual consciente! qual honesto! Engarrafas essa tua honestidade e expõe-n'a á venda, e vérás quanto apuras... A mim, é que tua discipula não devia pagar, porque prego-lhe as verdades, e para ensinal-as não é liso aceitar retribuição; contigo, o caso muda de aspecto, pois ineutes no espirito da criança perniciosos êrros, fazendo-a acreditar em calculadas mentiras, que ella terá bem cedo de comprehendê-las, e tudo isso de mão beijada! Simplesmente indecoroso! Perante o bom senso, na presente questão, a desmandada és tu, que levas a petulancia ao extremo de fazer propaganda gratuita de drogas sophisticadas.

VICTORINA. — Procedo de accôrdo com as minhas convicções. Mas, construindo eu de meu lado, e demolindo tu pelo teu, nada conseguiriamos; e, assim, teremos de permanecer em eterna penuria, pois que só aos sautos é licito fazerem milagres.

OLGA. — Milagres?! Outra caraminhola! Nem te peço que os faças, até mesmo porque não creio n'elles.



VICTORINA. — Quizera que me disseses em que tens fé n'este mundo !.

OLGA. — No vício, por exemplo, o unigenito da virtude : quanto aos prodígios operados pelos teus santinhos, não os engulo eu. E, a propósito, tiremos já a prova real : alli tens o Santo Antoninho de Lisboa, que faz-nos achar objectos perdidos. Pois bem : pede-lhe me restitua a virgindade, que a realisação d'essa supplica collocou-a, no *Flos Sanctorum*, ácima de todos seus beatíficos e pandegros companheiros. En, eu mesma, comprometto-me a propalar a inaudita maravilha, disciplinando-me, varrendo as egrejas com meus cabellos...

VICTORINA, atalhando : — Revolta-me tanto cynismo !... Morrerei detestando te.

OLGA. — Imagina tu, que sorte ! Seria a mais *yukkee* das *rectames*... E, com isso, lucrariamos ambas : eu, eu-contrando o que só se perde uma vez, — e tu, fortalecendo tuas crenças.

(Quando assim contendem, João Chuva apparece ao fundo, ébrio, cambaleando, apegando-se pelas paredes.)

SCENA XIII

As precedentes e JOÃO CHUVA : e opportunamente o mesmo JUVENCIO

JOÃO CHUVA. — Dão licença ? Pódam dizer-me onde fica por aqui o meu quarto ? Estive alli fóra, — sabem ? — mais de meia hora, — sabem ? — e nada de vê-lo passar, — sabem ? — não obstante andar-me tudo á roda.

OLGA, levantando-se de um pulo : — Raa ! Aqui não é o botequim... Safa-te, ou mego-te o costado com este cabo de vassoura... Não nos amóes mais, do que estamos...

JOÃO CHUVA. — Eu cá não amólo ninguém... Você é que está a aborrecer-me, — sabe ? — pois ameaça sacudir-me o pé... (Cambaleando.) o pé... ao casaco... sem motivo algum. Não se me dá apostar que suppo-me na tioga...

OLGA. — Si é o teu estado normal !... Raspa-te, — some-te, — como tu, e no teu estado, já temos por aqui de sobra, eu e meu pge.

JOÃO CHUVA. — Espere... espere... Deixe-me que dê os bons dias alli á D. Victorina, á boa, á caritativa, á virtuosa Victorina, ao *Lyrío de pureza*, á *Pudica*, como é geralmente conhecida n'esta barulhenta estalagem... Você, — sabe ? — você, é que não !... É uma turbulenta. E quando você passa, só se ouve... (Benzendo-se tres vezes com a canhoto.) *Barca de fete, vassoura, limpa-campo, fadista de hospedaria, esborria val, debochada, libertina da esbôma*... Chi ! cada coisa ! cada nome feio ! ! !

VICTORINA. — Ouxes !

JOÃO CHUVA, perseguindo inconsciente : — Ainda a semana passada, — recorda-se ? — lá, no xadrez da 4<sup>a</sup>, quando nos trancaflaram os dons, — lembra-se ? — por termos sido pilhados a *mamar* nas pipas do Chico Baiuca, lá na rua do Regente... Esqueceu-se !... Eu reparti com você a boia da ceia... E agora, agora, ingrata, quer desancar-me... Oh, o mundo ! o mundo !

VICTORINA. — Ora ahí está o que quizeste ouvir... ou, antes, o que me forceste a tragar !

OLGA. — Insistes ? E, não contante, vomitas desafóros... Pois aguenta, que é serviço... (Roda, no ar, em ameaça, o cabo da vassoura.)

JOÃO CHUVA. — Para onde irei eu ? ! A estalajadeira caçou-me a chave do cubículo, a pretexto de não ser calpteada... E assim brutalmente despedido...

OLGA. — Demandaste a casa alheia para referver a costumada camuêca ; não é isso ? Pois, metta-se em obra... (Vae para vibrar-lhe a paulada.)

VICTORINA, segurando-lhe o punho : — Não o esbor-dões, — é tambem um cornido da sorte. (Encaminhando-o mansamente pelo braço.) Venha commigo, — cuidado, não tropece, — deixal-o-lhe direitinho á sua porta.

JOÃO CHUVA, amastando a lingua : — Pois eu não lho disse?... A buira da Simpliciana arrumou-me com os cacarecos no pateo, e ainda deu-me de quebra um safanão, que fez-me, — sabe ? — que fez-me focimbar no coradoiro... Não vê ? estou com a cara toda escaramelada...

OLGA. — Que temos nós com isso ?... Ponha-se já fóra d'aqui...

VICTORINA. — Por que assim o escurraças !... É um desgraçado, e não ha dous caminhos para o infortunio... Todos, — oh, sim ! todos... (Suspira fundamente.) todos chegam, afinal, ao mesmo destino.

OLGA. — N'esse caso, calça as luvas de pellica... e carrega-o ao collo... E não esqueças, ao chegar, de dar-lhe um pongo de marmelada.

VICTORINA. — A que vem esse debique ? É um infeliz, como tantos outros, que, não encontrando — em parte alguma — lenitivo ás suas amarguras, vale-se do alcohol. Póde não ser isso um acto de coragem, póde mesmo o vicio tornar a sua victima repellente, mas a verdade é que esse recurso para esquecer pezares e dóres, é muito humano, muito commum na soffredora humanidade. (Baixinho.) (Tens a prova em papáe... Bem sabes os motivos que o impellem a permanecer dias e noites nas sebetas tavernas...)

OLGA. — Sim, sim. No teu modo de pensar, o mundo transborda só algôzes e victimas... Uma vez por todas, Victorina : a começar por papáe, e a concluir em mim, os innumeros viciosos não passam de grandíssimos malandroes, de vagabundos de bombacha, de degenerados, que amam o vicio pelo vicio, e que se emborracham, não para afogar paixões, como tu pensas, mas pura e simplesmente pelo gozo, pelas delicias que experimentam nos sabórosos e ardentes restillos dos vapôres alcoolicos. Certos embora de que estragam a saúde, não ha, entretanto, meios de resgatal-os á encruada abjecção.

VICTORINA. — Não me é dado impedir que penses d'este ou d'aquelle modo ; lembro-te, contudo, que o espirito mais forte, na triste situação d'este pobre homem, difficilmente poderia deixar de quebrantar-se : no estreito decurso de uma semana, elle perde, victimadas pela variola, a mulher e duas filhinhas, que eram todo seu thesouro. Eu via-o passar aqui, pela porta, diariamente, para o Arsenal, affrontando os temporaes da madaugada ; e, não obstante esse sacrificio, sempre alegre, sempre satisfeito, pois, voltando ao lar, lá encontrava, a affagalo, as duas innocentes criancinhas, para as quaes trazia constantemente carinhosa lembrança, — lembrança de pobre : um rosario de balas, um insignificante brinquedo. Deus conceden-nos, é certo, coragem bastante para resistir ás tentações da carne e do luxo ; duvido, porém, que nos tivessees dotado de igual energia para os enormes desgostos que laceram o coração. Eis, — quem sabe ! — o que leva este desiludido da vida a procurar, nas tavernas, remedio a seu mal. E si queres, observa. Elle alli está ; e tão sem equilibrio, que dir-se-hia á espera que lhe proporcionem um apóio para não cair. Su'alma parece elevar-se de seu côrpo, como que procurando, no céo, as almas d'aquelles dous nujinhos. Espanen-o, e elle se conservará indifferente, inerte. Entretanto, queres vêr como aquelle cerebro despenta claro, claramente lucido ? como aquelles olhos, ora esfaziados, se humedecem ? como n'aquelles labios se desenha meigo sorriso ? Basta, para tanto, pronunciar ao seu ouvido o nome das duas montas. (Aproximoando-se de João Chuva, chama baixinho.) Maria !... Luiza !... (A estas palavras, a physiognomia do ébrio se reanima, para voltar

de subito, e ainda mais conturbada, ao primitivo estado, depois de alguns suffocados soluços.) E a esta prova, e a este exemplo, tu bem podias, sem grande esforço, corrigindo-te, restituir papáe á antiga temperança, e aos seus hábitos de trabalho, emquanto que, para este temulento, não ha esperança possível, pois os anjinhos cá não tornam. (Chega a João Chuva um banco, em que o faz sentar. Atravessa ao fundo o arteiro Juvencio.)

## SCENA XIV

Os precedentes e JUVENCIO

VICTORINA. — O' lá, Juvencio! Queres tu um nickel? JUVENCIO, voltando-se contente: — Si quero!

VICTORINA. — Sabes o quarto do João Chuva? Ora! alli, antes do tanque... Condu-lo com cuidado, mostra-lhe a cama, e vem receber a gorgéta.

JUVENCIO. — Qual quarto, nem meio quarto! A tarasca Simpliciana despejou-o com os trens, e, não contente, estalou-lhe quatro bofetadas...

VICTORINA. — Por que?! Elle não é desordeiro...

JUVENCIO. — Não pôde pagar a quinzena...

VICTORINA. — Ouves, Olga? E' um espêlho para nos mirarmos. Não obstante, não devo abandonar assim um pobre irresponsavel... Attenta, Juvencio: emquanto eu o escôro, estênde para alli aquella esteira...

JUVENCIO. — E terei do mesmo modo o tostão!

VICTORINA. — Certamente. (Juvencio executa.)

OLGA. — Que fazes?... Dar pousada a um bêbêdo!... Não bastam os de casa?... D'aqui a pouco tereamos papáe, e quero vêr aonde accommodarás tres pilqueiros...

VICTORINA. — Que tens com isso? E' a minha esteira... Não me deitarei, emquanto elle curtir a carraspana, e — pela manhã — buscarei persuadi-lo de que as filhinas estão no reino do céu: si elle se convencer, é provavel que retroceda.

(Juvencio á porta, espera o promettido; Victorina encaminha o João Chuva, que cahi resupino.)

OLGA, sobrestando a quêda das saias, pelo côs: — Mais do que a casa de Orates, isto aqui é um bacchodomo!...

VICTORINA. — Vá que seja. Quando houveres soffrido como aquelle bastardo da sorte, pede a Deus encontres quem te faça o mesmo.

OLGA. — Quero crêr. Isso, entretanto, não obriga moralmente ninguém a arvôr-se em protector de todos os bebaças das cinco partes do mundo, por mais desabrigados que pareçam, por mais justificaveis que sejam os apparentes motivos.

JUVENCIO, que, n'esse interim, accendêra a ponta do cigarro a uma braza do fôgaveiro, abeira-se de Victorina, esticando-lhe a ponta do avental: — E o arame, não cospe-o?

VICTORINA, procurando-o: — Não tenhas pressa... (Voltando-se:) Sempre com o cigarrinho á bôcca!... Não te hei pedido que deixes semelhante vicio!...

JUVENCIO. — Que tem isso? Papáe e mamãe não se importam, — até fingem não vêr.

VICTORINA, enfiando a mão no dôlso do vestido: — Pensas acaso que se prohibe ás crianças o fumar só pelo simples facto de não darem na vista aos paes? Não te compenetras então de que é principalmente em beneficio de tua saúde?

JUVENCIO. — E' bôa! Não ha quem não fume; e entretanto, o mundo ainda não se acabou.

VICTORINA. — Quando não mata, produz molestias que martyrisam o côrpo, abreviando os dias.

JUVENCIO. — Esta D. Victorina é uma excellente môça; mas, quando começa com seus sermões, é devêras uma perôba...

OLGA, adiantando-se: — Toma lá! O bregeiro definiu-te

á puridade: é que elle, na sua precoce e extemporanea perspicacia, acha que darias um magnifico padre-mestre prégador; d'esse perigo, porém, não ha receio, pois, para bem servir a Deus, necessario se torna ser lubrico, sensual, devasso, e tu figuras no extremo oppôsto.

JUVENCIO, impaciente: — E o chorado nickel?

VICTORINA. — Para que o exiges? Não te consideras de sobra recompensado auxiliando-me n'um acto bemfazêjo?

JUVENCIO. — Isso agora é uma historia!

VICTORINA. — Dize-me ao menos em que irás gastal-o... N'uma carteirinha de cigarros, talvez!

JUVENCIO. — Nada d'isso. N'um palpite no camêllo, pelo salteado. O seu Zé da Venda está bancando franco e forte... Trás-ant'hontem, elle levou um rombo desesperado: pagou duas centenas no burro.

OLGA. — Estás vendo? Apenas deixam de engatinhar, começam a fumar e a jogar. Escuta, menino: teu pae gôsta da pinga?

JUVENCIO, afirma assobiando em dous tempos: — Fi! fio!

OLGA. — E tua mãe?

JUVENCIO, requisita os assobios, como que superlativando a confirmação: — Fi! fi! fi! fi! fio!

OLGA. — E, agora, tu?!

JUVENCIO. — Quando encontre a geito a garrafinha de Paraty, lambo-lhe o gargalo, ensaiando alguns chupões.

VICTORINA. — Que tristeza! Ah! está como as crianças bem cedo se viciam e se estragam!...

OLGA. — Entretanto, não tentarás convencer-me de que este capadociozinho tenha aturado máos tratos, desgostos, necessidades, fome; e, menos ainda, que, inconsolavel viuvo, passou pelo duro transe de perder, na epidemia reinante, duas loiras filhinas... Escorrega-lhe, pois, o promettido nickel, e não te importes que elle o vá dissipar no que aprover ás suas innatas tendencias.

VICTORINA, passando-lhe o nickel: — Emprega-o, de preferencia, em biscontos, na padaria.

JUVENCIO, sahindo aos pulinhos: — Hade ser no camêllo mesmo.

## SCENA XV

OLGA e VICTORINA

OLGA. — Escuta-me. Perde essa scisma de julgar os outros por ti, pretendendo que todos se conformem com teu modo de pensar. O que se passou, o que se passa, está previsto na ordem natural do mundo, e nada mais. As cousas são assim, porque não pôdem ser de outra maneira. Onde descobres necessitados e victimas, eu apenas discrimino tartufos e patifes. Ainda que consumas a vida inteira adaptando a perfeição á natureza humana, logo que conseguires vencer dous passos, terás de recuar o dôbro, para recommençar desanimada a perdida tarefa. O que, de melhor, tens a fazer, é deixar seguir frouxo o carro de bois pela estrada do quebra-cangalhas; ou — quando menos — sôb pena de passares por um mosquito branco — desdobrar tua esteira de tabúas, te sentares de pernas cruzadas, e mãos nas ilhargas, e rir dos que choram, e chorar dos que riem.

VICTORINA. — Solida philosophia! Cumprimento-te por ella, devolvendo-te intactas tuas surripiadas theorias de Demócrito e Heraclito. Avém-te lá com tuas opinões, que zelarei as minhas.

OLGA. — E' realmente essa a solução mais consentanea com a santa paz, desde que, geradas no mesmo claustro materno, e aleitadas no mesmo seio, deu-nos, entretanto, a natureza, temperamentos oppostos, antagonicos.

(Inesperadamente assoma, entre ambas, a menina Emilia, de luto, em farrapos, descalça, cabellos sólto, apresentando um pires de barro.)

## SCENA XVI

As precedentes e EMILIA

EMILIA. — Para uma missa por alma de minha mãe...

OLGA. — Raspa-te, grandíssima malandra... (*Ameaçando-a:*) ou racho-te o cêco com o salto d'esta tamanca...VICTORINA. — Qu'ê isso, Olga? Por que assim enxotas a criança? (*Emília finge-se vexada, conservando-se, entretanto, na posição de pedinte.*) Toma, — leva para um pão.

OLGA. — Esta minha irmã é typissima! Mais desprovida que uma ratazana de sacristia, dá, não obstante, indevidas esmolas.

VICTORINA. — As esmolas não desfalcam ninguém, pois cada qual concorre com aquilo que póde para sua- visar o infortunio dos outros. Dize, menina: como se chama tua mãe? quem é teu pae? Elles, o que fazem? Tens irmãs? Em que rua moras?

EMILIA, *espantada, por vezes interrompendo-se com fôgado e meadrôso choro:* — Morámos na Estalagem do Cunha, logo subindo o bêcco das Escadinhas. Papáe ficou entre- vado, ha mais de um anno, por ter partido um dos nós da espinha, rolando da pedreira, onde trabalhava. Tenho tres irmãs, sendo eu a mais velha de todas.VICTORINA, *comprimindo a cabeça:* — Quanta desgraça a um tempo, meu Deus! Tres filhinhas! E a mais velha é esta!...

OLGA. — Desgraça, por que? Demais, foste tu que lh'as fizeste?

VICTORINA. — E tua mãe, onde pára?

EMILIA. — E' morta. Para fazer rezar uma missa em sua intenção, ando a pedir esmola, porque, como a se- nhora sabe, os padres não flam.

OLGA. — Estás ouvindo? Os padres não flam missas. E' a unica profissão que se faz pagar á vista, como si o altar fôsse balcão...

VICTORINA. — Ha quanto tempo perdêste tua mãe?

EMILIA. — Morreu na semana passada; e como papáe está no fundo de uma cama, não poudo por isso angariar a espórtula para salvar-lhe a alma. Expirou deitando gôl- fadas de sangue... (*Soluçando:*) Mettia dó!... Que tosse!... E como tossia!... como tossia!... Assim, assim... (*Tosse affectadamente.*) Quasi arrebeutava o peito!...VICTORINA, *devéras condôida:* — Imagino quanto teria soffrido!...OLGA, *encolhendo os hombros em signal de intolerancia:* — Esta mãe da Misericordia está sempre disposta a com- padecer-se de tudo e de todos.

VICTORINA. — E durou muito assim, pensando?

EMILIA. — Muiíssimo! Quasi dous annos!... E sem- pre com febre... com muita febre... (*Soluçando:*) com uma febre, que não a deixava noite e dia... Logo em prin- cipio, ella poude resistir aos affazeres de todos os dias; depois, porém, nem fôrças lhe restavam para se levantar sózinha... Mettia dó!... (*Esfrega os olhos com a manga do vestido.*)

VICTORINA. — Que historia tão triste a d'essa infeliz familia...

OLGA. — Mais me pasma tua paciencia ouvindo taes lamurias, do que me commove o assumpto de semelhante novella.

VICTORINA. — Quero orêr. Até mesmo porque, tendo eu, n'este momento, o coração dilacerado, ainda me sobra sensibilidade para os males alheios. (*Comsiigo mesma:*) (Meu amado Jorge! Ainda existirei no teu affecto? esta- rei ainda, ao menos, no teu pensamento?)OLGA, *andando de um para outro lado, cigarrinho accêso relaxadamente pendido do labio, exprime-se aspera e gros- seira:* — Si fôsses como eu, que não acredito em chora- migas...

VICTORINA. — Choramigas?!... Mas, o que esta criança acaba de contar é o que ha de mais verosmil...

OLGA. — Concedo. Entretanto, esqueces que as histo- rias aparentemente verdadeiras são justamente as menos verificadas, por isso mesmo que são as mais facilmente forçadas.

VICTORINA. — Duvidas? Menina, como morreu tua mãe?

EMILIA. — Ai! isso é que foi de apertar o coração. Mamãe estava sequinha, sequinha, em cima do colêhão, sem lençol, sem cobertôr, sem nada. Nem mais podia engolir uma colherada de leite.

VICTORINA. — Coitadinha!

EMILIA. — Chegou a ficar tão esqueletica, que fazia temôr, que causava medo á gente. Sem, quasi, fôrças para falar, era por accenos que podia as cousas, indicando com o esguio dêdo o que desejava... E eu, alli, toda a noite, a pé firme, á luz da lamparina, a ella servindo, cuidando de minhas irmãs...

VICTORINA, *condôida:* — Tristes innocentinhas!EMILIA. — A espaços, quando todos dormiam, mamãe interrompia o silencio, chamando-me febril, — psio! psio! — e pegava-me na mão, chegando a aos labios, reconhe- cida talvez dos meus infantis desvelos; e seus olhos, á flôr das orbitas, marejados d'água, volviam-se para o alto, como que implorando a Deus felicidades para mini. (*Enxuga os olhos.*) Não posso recordar-me d'essas noites, sem profunda amargura... E assim durou semanas, mezes, um anno, até que uma vez... Era bem tarde... Chovia, — trovejava, — parecia que o céu vinha ábaixo... Papáe, paralytico, curtia dôres... E, como o leite tivesse acabado, sahi a buscar-o com todo aquelle temporal... A' minha volta, — oh! foi horrivel o que se passou, — sahindo eu da vaccaria com a garrafa de leite, um homem agarrou-me na rua, e eu, para libertar-me de suas mãos, deixei-a escapular, partindo-se no lagêdo. Apenas em casa, papáe pedio-me contas; assustada, titubiei. Não sei o que lhe passou pela cabeça... Perguntou-me pelo leite... Eu encabulei, a tre- mer, a tremer, a tremer. Sacudiu-me pelo braço, dizendo nomes feios; e ia para euchar-me de bofetadas, quando consegui escapar-me, correndo para junto de minha mãe. Elle, porém, arrastando-se de gatinhas, botou-me as unhas. Mamãe, — a coitadinha! — nem mesmo podia virar-se. Ainda assim, chegou a supplicar-lhe de mãos postas; mas, a voz sahia-lhe da garganta já rouca, apenas dei- xando ouvir os estertôres do fêtido catarrho. Não obstante, apôiaudo-se nos finos bracinhos, ergueu-se, ergueu-se, como que para desvencillar-me. Mas, n'esse perigoso movi- mento, deu um ronco, e cahio redondamente, vomitando sangue, muito sangue. Atterrado, papáe recou de subito; e a desfallecida doente revirou o branco dos olhos, — assim! assim! soluçando de morte. Instantes depois, ficou quieta... quietinha, — branca... branca, como uma cêra, — fria... muito fria, — de barriga para cima, — e não mexeu- se mais. Chamei por seu nome — uma, duas, tres vezes, — nada! nem palavra. Ia para beijar-lhe a mão, quando ella arregalou os olhos, encarou-me e... expiron.VICTORINA, *que acompanhára a descripção visivelmente sensibilizada, disfarça as lagrimas. Olga, que, até então, sobre uma canastra, de perna cruzada, escutára a menina, riscando phosphoros, uns após outros, sem nunca accender o cigarro, pula no meio da casa, exclamando:* — Esta diabi- nha mente... Não acredites em nada do que ella acaba de contar-nos.EMILIA, *não obstante amedrontada pelo impeto de Olga, recalcitra afirmando:* — Juro pelas cinco chagas de Nosso Senhor Jesus Christo, que é tudo certo. (*Beija os dous indicadôres em cruz.*)OLGA. — Espera ahi, menina... (*Indo para a canastra, abre-a.*) Si falares a verdade, ganhas esta boneca. (*Mos-*

*tra-lla. Os olhos de Emilia se arregalam, virando-se, ora para Olga, ora para a boneca. Victorina aguarda inquieta o resultado d'esta scena.)* Vámos lá, — não mintas; e a boneca será tua.

EMILIA. — Tudo o que eu disse é falso.

OLGA, a Victorina. — Eu não te avisei!... (*Entrando a boneca á menina*) Toma. Cumpro o prometido. Dize agora tudo.

EMILIA, acariciando a boneca, começa. — Pego esmolas porque me obrigam a saber, assim maltrapilha, e de luto, para esse fim.

OLGA. — Quem! teu paé?

EMILIA. — Não tenho paé.

VICTORINA, apressadamente. — Então, tua mãe!?

EMILIA. — Não tenho mãe. Sou enfeitada. E como na casa dos Expostos só se asyiam as crianças até certa idade, confiaram-me ao primeiro que se apresentou solicitando-me para o serviço domestico.

VICTORINA. — Jesus! Como esta pirralha mentio desfacadamente!... E' um costume muito feio esse, minha filha.

EMILIA. — Foi uma historia aprendida, lá em casa, para commover corações.

VICTORINA. — E quem t'a ensinou?

EMILIA. — Meus padrinhos.

OLGA. — Outra mentira! Si és exposta, como tens padrinhos cá fóra?

EMILIA. — Assim chamo áquelles que se encarreram de mim.

VICTORINA. — Em que se occupa teu padrinho?

EMILIA. — Domne, come e bebe.

OLGA. — E tua madrinha?

EMILIA. — Para variar, faz o mesmo, e anda sósinha, na rua, noite e dia.

OLGA, consigo. — (Máo! Querem vér que faz parte do meu condão!?)

VICTORINA. — E são casados?

EMILIA. — Elles assim o dizem, porém...

OLGA. — Porém, o que?

EMILIA. — Não parecem; porque, apenas elle se ausenta, a casa se enche de estranhos.

VICTORINA. — Que cynismo! E' soltam-te na rua, para auxiliar-os na ociosidade e na corrupção!...

EMILIA. — Peior ainda: quando não levo a desejada ória, esbódoam-me.

VICTORINA, enojada. — Não prosigas.

OLGA. — Basta, sim. Como tens alli a prova, minha irmã, as crianças nemem pelo terror ou por interesse. Esta infeliz, entregue necessariamente a um casal sem filhos, a pretexto de pregarer — talvez — um vácuo em corações feridos, mendiga durante o dia, e se exhibe fóra de horas nos saguões dos theatros e nos réles botequins, porque a explora uma parrelha de grandísimos malandros.

VICTORINA. — Acredito. Mas, ainda mesmo que não fóra sião para poupar-a aos habituaes martyrios, voltando á casa de mãos abanando, eu daria por muito bem empregado esse miseravel vintem.

OLGA. — Pois bem: calcula tu, que, em identicas condições, ha — talvez — n'esta cidade — mais de mil exploradores: imagina, agora, a que somma se elevariam as esmolas, si cada alma caridosa concorresse, embora com uma moeda de dez réis!... Nem a fortuna dos Rottschild suppriria esta excepcional assistencia!

VICTORINA. — Mas, infeliz criança, por que não te queixas á Policia? Depositarte-hiam á soldada em casa de qualquer familia, onde aprendesses alguma coisa que te aproveitasse de futuro...

EMILIA. — Casa de familia!... Ora! ora! Assim como aado, acho-me satisfeita. Difficilmente, hoje, que conhço o mando, me sujeitaria ao jugo de quem quer que fósse.

VICTORINA. — ... que conheces o mundo? Pois tu, impubere criança...

EMILIA, rabeando. — Ora! ora! ora!

OLGA. — Tiveste a resposta perto da lettra. Não vés que esta criança é uma bohemia precoce, que tudo sacrificará pelo ar livre? Com essas tuas idéias regulamentares, empregarias meio mundo, aqui, alli, acolá; e, a seguir teus conselhos, não haveria para a maior parte trabalho e logar, e — n'esse caso — cabiriamos na outra ponta do dilemma, mais nefasta que a perdição.

VICTORINA. — Qual?

OLGA, affirmando. — A miseria.

VICTORINA. — Achas então peor a miseria, que a perdição?!

OLGA, convicta. — Mil vezes.

VICTORINA. — Mudemos de conversa. Sem te aperceberes, Olga, preparaste para esta pequena vadia tremenda coça, recolhendo-se á casa.

OLGA. — Entretanto, minha irmã, o subórno da boneca representa um prejuizo á verdade: si não fóra a recompensa, a peralvilha recalitraria, extorquindo á tua sensibilidade quanto fósse possivel.

EMILIA, abraçando a boneca. — Quanto á sóva não tenho receio... Elles mesmos é que me impõem passar o gaudinho no que me estiver mais ao alcance... Dir-lhes-hei que *abafai* a um mascate turco.

VICTORINA, espantada. — E tens esse costume?!

EMILIA. — Oleré, si tenho!...

VICTORINA, enojada. — Desapparece de minha vista, — por demais me revoltas!

(*Emilia sube aos pulvinos, amimando a boneca.*)

## SCENA XVII

VICTORINA e OLGA

OLGA. — Do que presenciaste, inexperiente Victorina, concluiu-se que, n'esta hora, si supprehendesses os exploradores d'esta perversazinha, encontral-os-hias — quiza — á mesa, mastigando aristocratico fiambre, regado a tragos de excellent vinho do Porto, enquanto que nós aqui aguardamos á espera das primeiras fervuras do bichado feijão com a molda carne sécca, comprados a credito. Como ouviste d'ella mesma, o *paé* está tão entevado como nós ambas; e a *mãe*, — a entisicada! — esfulfa-se dia e noite, castamente, na firma social Paralytico & Companhia, que é o respeitavel público, como tu poderias tambem góstosamente esfaltar-te, si quizeses aceitar os bons officios alli do Zé da Venda. (*Victorina faz um gesto de desdém.*) E' olha que, mesmo assim, lá vivem certamente a lastimar-se da sorte, accusando a sociedade de causadora unica de seus mais leves contratempos. Oh, a sociedade tem as costas largas!

VICTORINA. — Si de facto as collectividades se compuzessem somente de creaturas do o teu parecer, claro está que não seria mais perfeita do que imaginas.

(*O tumulto, lá fóra, recovece. Ouvem-se improperios e ameaças, ao estrondo de garrafas.*)

OLGA. — No botequim ferve o rôlo (*Despiendo a blusa e tirando a saia, espicha-se na esteira, dispondo-se para dormir.*) Prevêjo que não haverá meio de conciliar o somno; entretanto, tenho este cõrpinho n'uma sópa... Sempre que caio no xadrez, a soldadesca monta guarda sem descanso. Mas, — com a bréca! — a algazarra não cessa... (*Acalanhando outra vez a saia.*) Eu vou lá... quero só espiar aquelle salseiro.

VICTORINA. — Não vás. Accommoda-te. E dorme, si queres dormir. Pódes levar pelas trombas com alguma garrafa desgarrada... Elias não trazem letreiro!

OLGA. — E papáé? Tambem lá está: distinguo perfeitamente a sua voz.

VICTORINA. — E não se me dá de apostar, que é elle quem aquila semelhante desordem.

UMA VOZ, no botecoim: — E' o que se vê: occupa-se tanto com a vida alheia, não se lembrando que as filhas...

OLGA. — As filhas?!... Aquillo traz sobrescripto...

(Abolando-se á pressa.) Espera, cafila... espera um pouco...

ANTONIO FERNANDES, fóra: — Repita, si é capaz.

A VOZ. — Repito, sim... Ora! ora! ora! E' uma pouca vergonha, uma cachorrada n'esta suja estalagem...

OLGA, empalmando uma navalha: — Espera... espera ahi.

VICTORINA. — Afasta-te, — eu irei em auxilio de papá. Mais moderada do que tu, facilmente conseguirei trazê-lo commigo. (O banco augmenta. Mesas e bancos, varrejados ao pátio, garrufas e côpos, arremessados de longe, despedaçam-se em scena. Juras, palavradas.)

VICTORINA, detendo a irmã pelos punhos: — Não, Olga, não irás, — eu não consinto, mesmo porque já estás exaltadissima com tanta cachaga...

OLGA. — Solta-me... solta-me, com todos os diabos!

(Desembaraca-se de Victorina, partindo para o local do confisco.)

QUEIMA! (Queima-se um tiro e um grito.)

ANTONIO FERNANDES. — Assassino!

VICTORINA, que precedia a irmã, recua, escondendo o rosto com as mãos: — Jesus! (Os apitos retrilam.)

SCENA XVIII

VICTORINA, JOSÉ BARROSA, SIMPLICIANA; OLGA, salpicada de sangue; e MORADÔRES DA ESTALAGEM, conduzindo em braços o ANTONIO FERNANDES.

Todos. — Está morto.  
VICTORINA. — Morto!

OLGA, brandindo a navalha: — E quem disparou o tiro foi o miseravel Perna-de-pão... Eu bem vi... Pois livre-se, que me ha de pagar.

JOSÉ BARROSA, mostrando-se penitenciado: — Não lhe dá cuidado, sóra Victorina, — eu tratarei do entêrro. Pago com o meu dinheiro.

OLGA, a seu modo condôta: — Alli, alli, no bôlso do meu casaco, terás tambem alguns mil réis... Foi tudo o que pude pescar esta noite.

VICTORINA. — Não! Aquella victima de tamanhos desgostos não se enterrará á custa de dinheiros desonestamente adquiridos... Sahirei a pedir esmôla... (N'este interim, alguns vizinhos tem estendido o corpo de Antonio Fernandes n'uma meia-porta, ao alto, sobre dois bancos, collocando-lhe á cabeceira um Crucificado entre dois cirios acendidos. Victorina percorre a scena, desorientada. Seus cabellos, desenrolando-se pelo dorso, e pela frente, imprimem-lhe á physionomia piedosa expressão; descalça, envolvendo-se automaticamente n'um esburacado chaile, apanha arrebatada um pires, e parte com o braço em attitude de mendigar.)

JORGE, embargando-lhe a passagem, prende-a precipitado nos braços e beija-a na testa, dizendo-lhe compungido: — Beijas tão santos dão-se mesmo junto ao cadaver de um pae... e em face do Crucificado. A mim, n'este doloroso instante, compete o triste dever de dar-lhe (Indicando o corpo de Antonio Fernandes:) uma sepultura.

VICTORINA, beijando-lhe as mãos: — Aceito... e lh'o agradeço.

OLGA, dominando a scena: — Agora, minha irmã, que o espantallo desaparecen, apura-te lá no exercicio da virtude, que eu me desbragarei desembolada e sóta na prática do vicio. Saúde e bichas. Até um dia. (Transcutes e moradôres da estalagem acenam-se cubibaxos e taciturnos do cadaver, enquanto os meminos, em malta, pilham, subis, as algibeiras dos compungidos intrusos.)

SEGUNDO ACTO

Scenario dividido em dois compartimentos: um, escuro e claro, — outro, noahadissimo e esburacado. No primeiro, o refugio de Victorina. Extrema miseria. Abandonado a lavagem e o engomado por fadiga e molestia, o conjuge pizentmente em volutas mortellas para os febructores da Santa Casa. Suspendas em pregos ás emgre-cidias paradas, veem-se muitas d'essa especie de sacos de meim preto, com fôrça cruz branca; e, entreditas no chão, mecos d'essa tecido, que Victorina corta, abalando-se para alimbar em seguida, paga por popa, botas, o jôelho. Como missas brastes, dois tamboretes de pino, e qual imprestavel cama de vanto. A um das lados, velha machina de costura, no fundo, sobre um caxote de estôlo, a imagem de Santo Antonio, n'uma caixa de comodos, estallida, segundo os séculos. Mesa de jantar; e, nos lados, pequena por papilões, deixa clar escusa claridade. — A esquerda, repulso dentadara, n'uma caixa de comodos, estallida, segundo os séculos. Mesa de jantar; e, nos lados, pequena meâna do pinho, com o necessario para escrever e esparrós hivos. Cama de ferro; rôzes. — Ao subir o piano, Victorina á machinas; e Martins, toucando, estendiô n'uma das camas; Jorge, estudando, a uma das mesas lateraes.

SCENA I

VICTORINA, á direita; MARTINS e JORGE, á esquerda

VICTORINA, monologando: — A vida é um deserto, quando a má sorte nos persegue; e então, a passagem pelo mundo semelha-se a extensa cadeia de fátas desgostos. Morto meu pae, e separada de minha irmã, abalada por esses dons golpes preferi recorrer á Santa Casa, a entregar-me ao velho satyro que me acenava com seu dinheiro em troca do meu recato. Restabelecida, e não querendo usurpar o logar ás demais enfermas, obtive alta; as Irmãs de Caridade, porém, se apercebendo de minha indigencia, prodigalisaram-me o trabalho de fazer estas mortallas, de que tiro os chorados recursos de subsistencia. E aqui estou só... Não, não estou só, porque a saudade do meu Jorge nunca deixou-me o coração. (Pausa, enquanto enfia a agulha.) Que será feito d'ella? Nunca mais o vi... E Olga? que será d'essa infeliz? Expia, talvez! — na vida errada, o castigo de seus desregramentos. Ou, — será exacto? — banquetea-se nos hôtéis, ostenta elegantes modas, adorna-se de joias riquissimas,

frequenta os melhores theatros!... Coitada! Cêdo on tarde, encontrará nos proprios prazeres o travo de suas decepções. Não a invejo! Ha, effectivamente, na existencia humana, um problema que não comprehendo, nem de cêtro, ou então tudo que se passa deante de nós mais não é do que inuisoria comedia. (Continua a coser apprehensiva.)

SCENA II

Os mesmos; e JOSÉ, com um embrulho; e logo depois MARIA: ambos á esquerda

JOSÉ. — Maria! Onde estás, ó Maria!

MARIA, fóra: — Que é?

JOSÉ. — Não te esqueças da encomenda de seu Luiz...

MARIA, apparecendo: — O calhandro! Eu sei lá! Andei por ahi a pedil-o a toda gente, pelas lojas de louça, e ninguem me soube dizer o que isso é... De minha parte, JOSÉ. — Arranja-te como poderes... De minha parte, já tenho as compras feitas. E ellas aqui estão. Cognac,

limão, cravo, canella em casca, baunilha e assucar: os ingredientes, em summa, para o colossal poncho d'esta noite. Desempenha-te, que vêm aqui ceiar a festejada M.<sup>me</sup> Olga, a celebre cançonetista fluminense que tantas onchenças tem dado ao Cassino... Busca o calhandro, — avia-te. Os estudantes custam a pagar; mas, quando tem as algibeiras recheiadas, não ha parente pobre.

MARIA. — Volto a procural-o pelas quitandeiras de vasilhame de barro; mas, — cuidado! — não esbanjem elles a mészada, e fique em a vér navios. (*Sale. José arruma os embrulhos, estendendo a toalha e põdo a mészada para a ceia; sendo que a toalha é suspeito lençol esburacado, — os côpos, desiguales, — os pratos, desemparelhados, — e os talheres, enferrujados e democraticos cabrénguengues.*)

### SCENA III

Os mesmos; e SIMPLICIANA, á direita.

(*Enquanto José arranja a mészada, Simpliciana apresenta-se inesperada no compartimento á direita.*)

SIMPLICIANA, á parte: — (Dei com ella, finalmente!)

VICTORINA, erguendo-se assustada: — Quem é?... (*Reconhecendo-a.*) A senhora, aqui!!

SIMPLICIANA. — Ah, minha filha, como estás demudada! qu'é das tuas côres? Pobresinha! Que tristeza por aqui vae! E' possivel, — santo Deus! — que, sendo tão bóa, e tão bonita, resistas assim a tanto soffrimento?

VICTORINA. — O valôr nos sobra quando temos consciencia de que seguimos a trilha do bem. N'ella se encontra, muita vez, mais urzes, que na senda do mal, mas: — o que quer, minha senhora! — nem tudo são flores.

SIMPLICIANA. — Escute-me uma vez ainda. Enganou-se quando emprestava aos meus conselhos intencões, que absolutamente não tinham. Eu sempre a estimei devéras; a você, entretanto, com maior extremo, que á sua irmã, porque desde cedo comprehendi que era mais docil, mais ajuizada, merecendo por essas qualidades o meu interesse pelo seu futuro. Mas, confesso, punge-me, punge-me n'alma vê-la assim, n'esta... n'esta...

VICTORINA, afirmando: — N'esta penúria.

SIMPLICIANA. — Eu não queria antecipar-me...

VICTORINA. — Porém, em trabalho, — e isso me alea, porque esta miseria constia toda minha riqueza.

SIMPLICIANA. — Triste consolação! Eu bem vejo que a menina faz pela vida; presinto, não obstante, que, quando tiver consumido todas as suas forças, para, se arrastando, atravessar uma mocidade de dolorosas privações, quando, depauperada, desfallecida de todo, sobrevier uma tísica, — terá adiantado muito, — oh, muito! não tem dúvida! — com esse seu tólo capricho!... E' o caso, já que se especialisa em mortallas para lazeirentos, de tomar quanto antes a medida da sua. pois, não ha duas opiniões, são favas contadas, está ahí, está na vailha continua.

VICTORINA. — Adivinhu onde quer chegar: depois de me haver procurado tenazmente por toda a parte, encontra-me áfinal para reeditar ignobéis propostas, certa, talvez, de que minha fraqueza physica haja supplantado as energias do meu espirito. (*Simplificiana faz um movimento.*) Será inutil contestar-me.

SIMPLICIANA, esfregando as mãos de contentamento: — Não nego.

VICTORINA. — Perdén seu tempo. Não sou nem uma innocente, — comprehendo as cousas, — posso, portanto, falar sem rebuço, mesmo porque simples palavras não assustam ninguém. Muito hei palecido, é certo; e os soffrimentos tornaram-me experiente, a mim, desherdada de recursos, de parentes, de amigos. Entretanto, começando, advirtolhe de que, em vão, me apresentará o exemplo da ver-

gonhosa prosperidade de Olga, que rejeito com soberano desdém.

SIMPLICIANA. — Pois é pena! A rapariga amasou-se com o Zé da Venda... quero dizer, com o senhor commendador José Barbosa, que lhe faz todas as vontades, que a trata á véla de libra.

VICTORINA. — E' o que lhe parece. Bolará mais depressa, de resalto em resalto, até á soleira da Santa Casa, d'esse hospital ha pouco citado pela senhora, quando additon, por mofa, que me aproveitasse da oportunidade do officio para talhar, em vida, minha propria e gratuita mortalha.

SIMPLICIANA. — Exageras, minha recalcitrantesinha. A bilontragem pôde ter seus precalcos, mas, o que não ha negar, é que tem contrastes risonhos e bem felizes. Em tudo, n'este valle de lagrimas, cumpre ser um pouco artista. A monotonia da vida no exercicio ainda mais insulso da virtude, nada, — oh, nada! — offerece de atrahente; nas alternativas da sorte é que se encontram inesperadas compensações. No fim de contas mais desprovida, do que você, sua irmã não é, e nem mesmo se pôde ser; e, embora o fôsse, ella não tragaría na solidão o seu infortunio; a contrario, atórdoada pelos prazeres, Olga não escutaria a voz de suas desgraças, semelhando em sua liberdade os alegres e descuidados passarinhos.

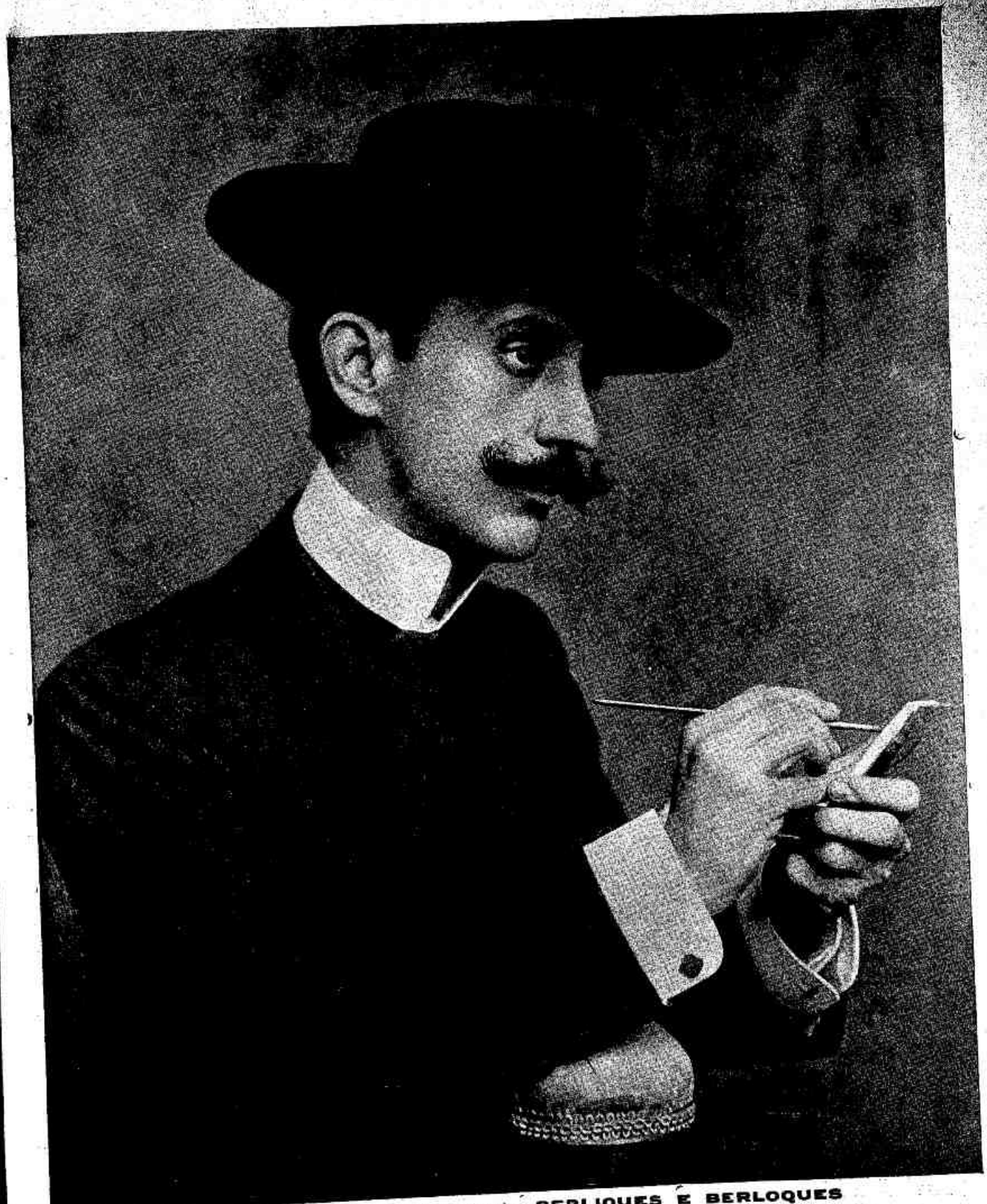
VICTORINA, sentenciosa: — Olga, que a senhora considerava tão feliz, não gôza, entretanto, de sua propria estima, e essa ventura, — permita que lho diga, — emprazo a quem n'a possa disputar.

SIMPLICIANA. — Como sempre, phrases ócas, palavras vãs! Tem lucrado bastante com isso, a realidade aqui o demonstra. Approxime-se. Encontro-a hoje pela primeira vez depois do assassinato de seu pae, e será provavelmente a ultima, porque esta cansada de escrever na areia. E' inutil ajuntar tanto caspo na bôcca para conselhos a uma...

VICTORINA. — ... a uma hypocrita, conclúa.

SIMPLICIANA. — Não tanto: a uma emperada, a uma teimosa, a uma refractária, é que é. Van-me embora; porém, deixando-a, aventurarei ainda um alvitro, porque noto em sua physionomia leves disposições em attendere-me. Recusa a cautelosa protecção do Zé da Venda... quero dizer, as generosidades do estimavel commendador José Barbosa... Concedo; porém, não é elle tambem o unico galanteador que existe n'esta cidade. Em frequentissima rua, tenho uma sala de frente, mobiliada á moderna, pela qual nada pagará de aluguel. Dar-lhe-hei credito n'uma loja de modas, onde se fornecerá á vontade, e de fórma a apresentar-se no *trunque*. Em principio, como é ainda *recobida*, sahíremos as duas, e, juntinha a mim, semeiará olhares ternos a uns tantos senhores dinheirosos, abonados, figurões do alto commercio, cuja attenção eu provocarei para sua graciosa e sympathica pessoa. Entrará de prompto no periodo das sedas, dos léguas de madrepérola, dos chapéus de recentes figurinos, e — sobretudo — das joias; oh, das joias! das joias! E, para tanto, bastar-lhe-hei apenas captar-lhes os desejos, sem antecipar certas liberdades. Industrial: a-hei, mais tarde, quando traçarmos nosso programma definitivo, na escola e na escala das concessões a seguir; porque, si tanto ceder de uma assentada, está á tón, o cambio baixará impreterivelmente: os homens, e — entre elles — de preferencia os *babões*, os *pagantes*, são ávidos de novidades, do extraordinario, do que é custoso, e difficil de obter. D'est'arte encaminhada, verificará que, em menos de tres mezes, — apostol! — terá mettido a desmantelada Olga n'um chinele. Dama sobre o caso. (*Seguindo para o fundo.*) Adeusinho... (*Proseguindo.*) Pense bem.

VICTORINA, que seismia, sacôde a cabeça, chamando: — D. Simpliciana!



**SUCCESSO THEATRAL DO ANNO (1907) — BERLIQUES E BERLOQUES**

Revista em 1 prologo, 3 actos, 14 quadros e 3 apothecoses

ORIGINAL DE

**RAUL PEDERNEIRAS**

Delicado poeta, gracioso escriptor dramatico, jornalista-polygrapho, e singular caricaturista, cujos meritos a nossa litteratura aprecia e a popularidade proclama.

\* a de 15 agosto de 1876, na Capital Federal

SIMPLICIANA, *voltando-se rápida*: — Chamaste-me!

VICTORINA. — Sim.

SIMPLICIANA. — Resolvêste, afinal?... Oh, eu já o esperava.

VICTORINA, *tomando-a pelos pulsos*: — Não. (*Explo-dindo*.) Tem visto o meu Jorge?

SIMPLICIANA, *arrebataadamente*: — Cruz! Peste!! Bêsta!!! (*Sabe deitando-lhe rancoroso olhar.*)

#### SCENA IV

Os precedentes, menos SIMPLICIANA.

VICTORINA, *à direita; monologando*: — E assim o círculo mais e mais se estreita, como as paredes de uma masmorra, para abafar-me! Que val' a virtude, pois, si ella é tão debil que não dispõe de forças para defender-se a si mesma? si fatalmente obedece, logo ao nascer, ás leis communs da contaminação, do aniquilamento? (*N'esse entretempo, José acabára de pôr a mesa. Anoitece. O moleque accende o gaz; Victorina accende uma vela de cêbo, para o serão. Tropêl. As portas se escancararam á passagem dos foliões e das artistas, que entram, a um de fundão, trazendo, em grossa bandeja, garrafas de vinho, frangos recheiados, pastelões, empadas, presunto, latinhos de murta-dele e de sardinhas de Nantes, pão, queijo, doces, etc. A' frente do farrancho destaca-se a Olga, luxuosamente trajada, e com um lindo e enorme bouquet; e á cauda, o commendador José Barbosa, de parasita á lapêla, sobraçando duas garrafas de generoso vinho do Porto. E o cordão percorre a scena em vozeria, aos saltinhos, pulando por cima dos móveis, atirando livros ao ar, sustando-se todos áfinal ao brado d'.*)

#### SCENA V

Os precedentes, JOSÉ BARBOSA, os ESTUDANTES e os CANÇONETISTAS

LUIZ. — *Alta, vareta canis!*

MARTINS, *acordando espantado*: — Que diabo é isto?!... Durma-se com barulho igual!... (*Procura as botinas, calçando-as.*)

JORGE, *que se conservára a uma das mesas lateraes, escrevendo, volve a cabeça, olha-us, proseguindo indifferente*: — «A loucura...»

LUIZ, *discursando*: — Depois de saltitante exôdo, varando os lamaças d'esta muito heroica e leal cidade, onde, indigenas, e estrangeiros, perlustram incessantes, atropelados pelos bonds e pelas carroças de cachôrras, eis-nos alfim chegados ao Templo da sciencia, em o qual nos esperam cécegas feitas e por fazer.

COMMENDADOR. — Mão! Têmos bestialogico antes do masticologico?

LUIZ. — Em liberdade, contando que, a bem da moral, os homens conservem os suspensorios, e as mulheres, quando menos, os espartilhos...

MAURICIO. — E aqui o commendador, as meias, a bem dos nossos narizes...

TODOS. — A' vontade!

(*Gargalhadas, — protestos, — provocações, — pilherias.*)

COMMENDADOR. — Começando a festa por este modo, prognostico-lhe desde já as palmadas nas bôchéchas do rochonchudo pudôr...

LUIZ. — A' mesa!

COMMENDADOR. — Já não é fóra de tempo.

OLGA. — E o paranympho — não pôde ser outro, sinão o nosso apitacado commendador.

COMMENDADOR. — Que é isto de paranympho; heim?

LUIZ. — E' como si dissesse — o presidente.

COMMENDADOR. — Ah, isso sim: agora entendi.

(*Abançam-se, uns, em cadeiras, — outros, em caixões, —*

*e os restantes, em camas de vento ou de ferro, que arrastam para junto da mesa.*)

COMMENDADOR, *contando*: — Um... dous... cinco... oito... dez... Sômos trêze!

LUIZ. — Morrerá o mais velho...

COMMENDADOR. — Varro essa. Servir-me-hei de pé.

LUIZ. — Demais, sômos oito homens e cinco mulheres, e a mulher pésa menos do que o homem, porque falta-lhe alguma cousa.

OLGA. — Protesto. Si a mulher é o typo da perfeição, o homem é que tem alguma cousa de mais.

JOSÉ, *intervindo*: — Bate á porta uma velha, perguntando pelo Sr. commendador.

COMMENDADOR. — Uma velha?! De que sexo?

JOSÉ. — Não reparei; não, senhor.

COMMENDADOR. — Manda-a entrar.

#### SCENA VI

Os mesmos e SIMPLICIANA.

SIMPLICIANA. — Não contavam commigo; heim?!

COMMENDADOR. — A Simpliciana por aqui, a estas horas da noite!

SIMPLICIANA, *ao ouvido do commendador*: — (E portadora de uma boa noticia... Encontrei a cuja.)

COMMENDADOR, *à Simpliciana, baixinho*: — (Onde? mas, onde?) (*A' Olga, em particular*;) (Descobriu o obio da Victorina...)

OLGA, *com interesse*: — (Devêras?!)

SIMPLICIANA, *á ambos*: — (Mas, — credo! — n'uma miseria de causar dô. (*Cochicham os tres.*))

MAURICIO. — Fanny, passa-me essa lagôsta, que te passarei uma beijôca...

FANNY. — Mais devagar... Começa então pela sobre-mesa?

MAURICIO. — Por um beijo-apperitivo, apenas.

LUIZ. — Commendador, ao seu lugar...

COMMENDADOR. — Meu lugar é no céu, entre os anjinhos... A sôpa? Pois não ha sôpa?!...

LUIZ. — Qual o que! Só si a fizermos d'essa tartaruga, com quem V. Ex. está ahi a lambetar-se ha um bom quarto de hora.

OLGA. — Mauricio, o frasco das azeitonas... Magnificas! Graúdas e sabôrosas... D'onde são ellas?

MAURICIO. — Da America. Fóram embarriladas em 1492, justamente na data da sua descoberta.

TODOS. — Ora, esta!

MAURICIO. — Não acreditam? Forneci-me, a credito, já se sabe, na casa do proprio Colombo, á rua Gonçalves Dias, com as mesmas intenções e pelo mesmo preço, que o intrépido genovez tomou fiado aos incólas estes novos mundos com promessas de progresso, e engazupou-os.

COMMENDADOR. — Acho muito sêcca esta comezaina...

OLGA. — Si não gôsta d'ella sêcca, molhe-a...

FANNY. — Com que, si o vinho acabou?...

COMMENDADOR, *levantando-se*: — Peço a palavra. (*Solenne e correcto*;) Ou isto é uma ceia em regra, ou então é uma... botica homœopathica. Já que os senhores me concederam a presidencia, é porque eu sou o presidente, e si sou o presidente...

LUIZ. — Que melhor thesoureiro! Mande vir a viuhaga...

COMMENDADOR, *puzando por um massô de pêlegas*: — Pagarei com o meu dinheiro. Moleque, uma caixa de Rocha Leão e dous gigos de Viuva Cliquot, alli, do homem da esquina... Sabes? Do *Armazem encyclopédico*... Ahi tens cem mil réis... Si achares a porta fechada, bate com a cabeça, que t'abrirão...

MAURICIO. — A cabeça ou a porta?



COMMENDADOR. — Qualquer das duas, contanto que não volte com as mãos abanando.

(José ausenta-se, para entrar, sem demora, com a commendação.)

Todos. — Viva o nosso fidalgo thesoureiro!

LUIZ, *pausado e grave*: — Deliciosos convivas, observo prazeirós que reina, entre nós, a mais estreita cordialidade; e essa cordialidade é a realização de um sonho, do ideal d'aquelles que almejam a confraternização universal. Que exemplo de diplomacia, para os nossos esardalhaçantes politiqueiros!... Attentae como classes várias se auxiliam, concorrendo abraçadas para um só fim: Era este, senhores, o objectivo das antigas republicas spartanas, — este é ainda o unico desideratum das congeneres aggremações hodiernas.

COMMENDADOR, *formalizado*: — Com licença. Não admitto allusões ás estranhas fórmas de governo. Sou monarchista, como não ignoram; (*Alterando-se*:) e sou tambem commendador, muito bom commendador, porque o honroso *crachá* paguei-o com o meu rico dinheirinho...

LUIZ. — Saúdo, portanto, em primeiro lugar, o conceituado commercio fluminense, aqui representado na muito respeitavel pessoa do Commendador José Barbosa, a cujas larguezas devêmos os delicados acepipes que figuram n'esta esplendida mamata. A' prosperidade, pois, dos seus abastecidos armazens!

Todos, *de côpo erguido*: —

Como canta o periquito,  
Como canta o papagaio...

Có!

MAURICIO, *tomando a palavra*: — Propôho um addendo. Desejando enriqueçam os nossos sortidos varejistas de séccos e molhados, desejemos tambem continue, sem vexames, sem constrangimentos, a infinita classe dos caloteiros, seus inimigos natos. O calote, illustre pleiade, é um mal necessario, — representa, na terra, a divina justiça, por isso que estabelece o equilibrio entre os que teem, porque trabalham, e os *promptos*, pela simples razão de serem ociosos. Logico em todos sens actos, o *carona* é o nivel d'ágôa que garante, nem só a estabilidade do edificio social, como ainda sua solidez.

MAURICIO. — Não tenho dúvidas em acompanhal-os n'este *toast*; pois, eu proprio que vos dirijo n'este momento a palavra, não estou pago: nascei, é certo, mas, até o presente, não embólsei ainda a parteira de seus honorarios. Sou, pois, um originário *meia-cara*. Vim ao mundo *nado*, e, a crédito, tenho passado até hoje á tripa fórra.

Todos. — Bravo!

COMMENDADOR, *áparteando-o*: — (Pessimamente! *Livra!*)

ALFREDO. — Ergâmos agora um brinde aos benemeritos gatunos, outra classe altamente necessaria, e não menos digna que a dos fntadôres.

OLGA, *escamoteando-lhe o relógio*: — Bellissimo!

COMMENDADOR. — Perdão! E quem protesta é este seu *criadinho*. A' puridade, os larapios nunca me incomodaram. Oijo por ahí dizer que os *hão*; mas, verdade, verdade, cá da minha parte, acho-os até honradissimos, — nunca me alapardaram coisa alguma.

LUIZ. — Acatando melindres, passêmos adiante, exigindo o gêlo. Venha o gêlo! Mauricio, te incumbiste de compral-o...

MAURICIO. — Com mil diabos! Derreteo-se naturalmente dentro do chapéo...

LUIZ. — Formêmos uma junta de verificação...

OLGA, *mostrando a cartola de Mauricio completamente encharcada*: — Absolvido. Esqueceu-se do gêlo na tampa dos miólos, do mesmo modo que do óbulo á comadre que o ajudou a nascer.

MEIRELLES. — Para que gêlo? Não têmõs aqui estas refrescantes raparigas, feitas exclusivamente de neve e ágôa do pote!

MARTINS. — Não contesto; mas, a ágôa attrahe os mosquitos, e os mosquitos germinam febres...

HEITOR. — De volupia, quero crêr.

OLGA. — Ainda um *toast*; e, este, obrigado a ponche.

COMMENDADOR. — Mas, onde está elle?

MARIA, *apresenta-se inesperada, trazendo-o a ferver*: — Eil-o.

COMMENDADOR. — Mas, que vasilhame é este?

MARIA. — E' um bispote de louça... Servio apenas uma vez.

LUIZ. — ... a um mesenterico, talvez.

COMMENDADOR. — Si apenas servio uma vez, é como si viesse novinho da loja...

(José circula as taças cheias.)

OLGA, *de taça erguida*: — A' jovial, á delirante, á truculenta mocidade academica! que é a luz! a graça!! o espirito!!!

LUIZ, *completando o brinde*: — E á mulher! á seductôra, á deleitosa mulher! a pilha de dous pólos....

MAURICIO. — A Edison da volupia.

ALFREDO. — O raio X da concupiscencia...

MEIRELLES. — O Etna em erupção...

BANDEIRA. — A philosophia prática...

LUIZ. — O nosso idolo!

MEIRELLES. — A nossa religião, emfim!

Todos, *de pé, em algazarra, entrechocando as taças em triplices baterias*: — Hip! hip! hurrah!

SIMPLICIANA, *de taça em punho*: — Eia! lamentando unicamente que, ás vezes, a sequiosa juventude, ou por hypocrisia, ou por precoce friez, não cólha a flôr ainda em botão, deixando-a estiolar-se aberta em peccaminoso abandono, em pruridante isolamento. Não é exacto, Commendador?

COMMENDADOR. — Imbuídas de falsos preconceitos, as raparigas deixam-se, muita vez, arrastar por frioleiras...

SIMPLICIANA. — Estupidas convenções! E para que? para que, — não me dirão!! Para conter-nos em sociedade, será acaso indispensavel semelhante cabrésto!...

FANNY. — Ao que parece, foi exclusivamente por causa do homem, e para o homem, que os padres inventaram o pómo prohibido.

OLGA. — Bem pôde ser. Para nós é que, certamente, não foi, pois á mulher só será vedado o tal fructo, quando não haja escada pela qual possa attingil-o.

LUIZ. — O *trialogo* envolve um mysterio, que cumpre penetrâmos... Trata-se de virtude, de pudôr... entretanto, si taes vexames existissem, não estaríamos aqui reunidos nesta opipara patuscada.

COMMENDADOR. — Nada mais, nada menos, do que um grande achado, a descoberta de uma nova Lucrecia, graças á perspicacia aqui da respeitabilissima D. Constantina...

SIMPLICIANA, *corrigindo-o*: — Simpliciana até morrer...

LUIZ, *simuladamente grave e solemne*: — Bebâmos, pois, ás utilissimas alcôfas, a essa classe digna da estíma mundial e da protecção dos patrioticos governos. Desde os remotos tempos coloniaes... Perdão! Vou circumscrever-me á nossa data, pois não bastaria a vida de um triste mortal para decantar as vantagens dessas profissionaes mettedidas. (*Proseguindo entusiasta*:) — Velha guarda sahida das fileiras da libertinagem, e compulsadas áfinal, taes amazonas batem-se antes com arregaño nas campanhas de Cupido; e, assim reformadas, ellas assistem aos estranhos prazeres, ás orgias de Venus, ás proprias festas de nupcias, pois não ignoraes que as madrinhas conduzindo as candidas noivas aos thalamos con-

juízes, nada mais representam do que uma forma velada de suas emeritas congêneres, as Lycas e as Quartillas da attritante Roma. Um copázio, pois, é benemerita matrona que symbolisa, neste regabofe, a milícia poderosa que concentra a mais util função da mulher nas sociedades solidamente constituídas.

Todos:

Como canta o passarinho  
No seu ninho...  
Pio! pio! pio!

JORGE, voltando-se exasperado: — Pelas chagas de Christo, eu lhes peço: deixem-me escrever... Tenho de entregar minha these amanhã e ainda me falta concluir a commendação.

COMMENDADOR. — Façam barulho baixinho, que alli o rapaz quer dar boas contas de si.

FANNY. — Pipócas! Escrevesse durante o dia... Quando Deus esconde o sol, é para se fazerem certas cousas que só ás escúras se podem fazer. O' moleque, apaga o gaz e revolve o ponche.

(João obedece.)

LUÍZ. — A Fanny tem razão. Jorge tomou para assumpto de dissertação a neurasthenia; ora, sendo esta uma das formas da loucura, para tirar *optime cum laude* bastar-lhe-ha reproduzir o que está vendo.

COMMENDADOR. — Que maleita é essa?

OLGA, interrompendo: — A loucura! Compreendo agora seu afan, ó meu Esculapio-mirim; mas, para cabalmente discorrer sobre doudos e doudices, precisaria, talvez, alistar, na sua these, toda a humanidade.

JORGE, voltando-se ironico: — E' tambem a minha opinião...

OLGA. — N'esse caso, para poupar se a maior fadiga, tome o algarismo dos ajuzados, que são poucos, e abata o na somma da população universal.

JORGE. — Lembrança de que não se pejaria subscrever o mais celebrado phrenologista... O philosopho Erasmo, baseando-se nos resultados d'esse cálculo, fez o elogio da loucura.

OLGA. — O elogio?! Texe muito juizo! Effectivamente, em vez de a apreciarmos pelo prisma da seriedade tragica, deveriamos antes encara-la pelo da ironia, do hilariante ridiculo.

JORGE. — E como si não fóra bastante, de argumento em argumento sustenta que o homem já nasce doudo; e que, á medida que a criança se desenvolve, vão-se successivamente manifestando tambem os disequilibrios, as monomanias que a caracterisariam mais tarde, quando adulto.

MAURICIO. — Pétas! A natureza tem sua logica, como tem-na tambem a humanidade em suas multiplas manifestações. Os philosophos debalde procuram subordinar o mau do ás suas idéias; o resultado é esse sem-número de chefes de seita, de theoristas, de intellectuaes de toda casta que, em definitiva, não passam tambem de candidatos aos manicômios.

OLGA, á Jorge: — Si não é falsa sua asserção, particularise, si pôde, as nossas monomanias.

FANNY, segurando affavel o queixo de Almirante: — Comece, aqui, por este embryo de Almirante.

JORGE. — Por que não?! Tu, Aurelio, habituado ás ondas, concentras tuas aspirações na carreira do-mar. Acreditas, e toda tua preocupação consiste em fazer acreditar que o mundo surgio das águas; e, partindo d'esse principio, procuras demonstrar, em tua obsessão, que as algas constituiriam as primeiras florestas, que os peixes foram os primitivos habitantes...

LUÍZ. — ... Adão, um enorme badejo...

MAURICIO. — ... E Eva, um bacalhão talvez!

COMMENDADOR. — Homem! lá isso pôde muito bem

ser, porquanto, ainda hoje, o bello sexo não perdeo de todo o eheimme d'esse salgadinho peixe.

UNS. — Outro assumpto!

OUTROS. — Voltêmos a folha!

OLGA, salientando-se: — Indique agora qual o ponto obscuro do meu cerebro.

JORGE. — Não sei quem és, pois vejo-te pela primeira vez; mas, a julgar pelo que observo, e pelo que mostras, tens a tara da sensualidade. Tudo que sentes, tudo que te acorea, gyra-lhe em tórno. Ferve-te n'alma uma especie de vasa, porque, obedecendo a essa aberração, trípudias sobre a té e a religião, folgas com a miseria dos outros e escarneces das virtudes alheias.

OLGA. — Seja-me agora licito especificar sua vesania, Jorge. E' a do exagário do bom senso, da acryssolada razão, e, preocupado com isso, ao mais futil pretexto, fórmulas syllogismos, sophismas, hypothèses, paralogismos, — que sei eu! — todo o arsenal da velha escola aristotelica, para armar fogos de antificio, que ardem scintillantes, mas estouram ás vezes, produzindo victimas.

MAURICIO, á Olga: — Quizeste ouvir a verdade, — ó louca! — e contra ella te revoltas. Apenas demonstras, com isso, ou excesso de amor-proprio, ou nem um espirito.

OLGA. — Tu te ilndes, Mauricio. Pedi-lhe se pronanciasse a meu respeito, é certo, mas ouvi os seus conceitos com o mesmo desaprêço com que se pede um cigarro... E, a proposito: passe-me qualquer de voçes um cigarro accêso. (Dão-lhe-o.) Aceito tão resignadamente os factos da vida, que a elles me submetto indifferente e fatal, mui pouco me preocupando do que possa sobrevir de bom ou de máo. Mas, já que o futuro alienista conhece com tanta profundêza as anomalias cerebraes, quizera me esclarecesse si não pôde tambem ser accimado de irresponsavel aquelle que, agindo, por doentia suggestão, no espirito de uma fantasiosa moça, atiron com a pobre na *casa-forte* da miseria, o que vale por dizer — su ante-camara da loucura!

JORGE, reconhecendo-a: — Olga!

OLGA. — Sim: a irmã da infeliz de quem te constituiste involuntario algôz.

LUÍZ. — Bravo! Têmos reeditada a fabula do astrologo, que cabio no póço.

OLGA, ironica: — Estes phrenologistas são os mesmos por toda parte: enxergam, e notam, falhas nos cerebros alheios, sem se aperceberem dos desarranjos que lhes são proprios.

JORGE. — Espero, Olga, que me pouparás ao desgosto de ouvir recomminações á tua santa irmã...

OLGA. — Sim, Jorge, Victorina é por de mais boa, e digna, para ser exposta aqui ao ridiculo. Bem vêes que a conheço e admiro. Tudo que se passou foi tecido por ti, e a ti sómente deve ella a grande parte de seu infortunio.

Todos, admirados: — Oh!

ALGUNS. — Revele-nos isso.

OLGA. — Imaginem. Os dous se amavam.

MAURICIO. — Que desgraçados!

ALFREDO. — Eu já previa...

COMMENDADOR. — E' cortou-me as vazas a valer... De uma feita, quasi assentou-me o *petronitis* no alto da pinha!

OLGA, que puxára uma fumaca do cigarro entre os dedos: — Jorge, n'um bello dia, pediu-a em casamento.

Todos. — Olé!

OLGA. — Porém ella, a tólinha, com os miólos recheiados de escrúpulos aprendidos, de séstros adquiridos, lá, nas Irmãs de Caridade, onde fomos educadas, recusou formalmente a sollicitação.

MAURICIO. — Para aceitar...

OLGA. — Para não aceitar cousa alguma; e tão

parvo foi elle, que nem mesmo cogitam de seduzir-a!... Esse é justamente, para mim, o seu maior crime, e a minha maior queixa; porque, desviando-a, ter-lhe-hia, ao menos, offerecido uma posição social tolerada, e tão definida como qualquer outra. Tornar-se-hia, — quem sabe! — uma bandida, tal qual eu sou; jámais, porém, uma victima de sua innata virtude.

LUIZ. — Mas, como desataram elles o nó?

OLGA. — Pretextando ella que esse consórcio seria, de sua parte, uma revoltante usurpação, pois a familia reservava-lhe uma noiva tão distincta, que não podia ser preferida por qualquer outra mãe, embora nas mesmas condições de innocencia e bondade. O mais revoltante, porém, é que o *arrastava*, para dar ao mando rarissimo exemplo de inaudita moralidade, em vez de conquistar a pulso a apaixonada réla, abandonou-a aos quentes arrulhos!

JORGE. — Manchal a? Jámais. Profana-se, porventura, o seio casto de uma irmã?! Ousaria algum marear a aureola de um anjo?! E eu tentei, — e eu tentei uma vez, confesso; mas, logo ao primeiro beijo, ella voltou os olhos para o céu, e, na azulada transparencia de suas escleroticas, como que se reflectia a divinal pureza de Maria Santissima. E renei horrorizado de mim mesmo, e a materia abateo-se desfallecida, capitulando á vista de tanta sublimidade.

LUIZ. — Caso este admiravel!

MURBILES. — Estupendo!

MAURICIO. — Mais digno ainda de espontaneos louvóros que o de Heloisa e Abelardo, pois, supponho, entre este e o nosso collega abre-se um abysmo.

(*Risata, — motéjas, — pphimes.*)

AURELIO. — Triunphando Jorge, fica entendido, que não precisará, certamente, que lhe depositem, no tumulo, grinaldas de malaguétas...

COMMENDADOR. — Eu não sei o que se passou entre a tal dona Luiza e esse senhor Avellar; mas, cá no meu testamento, e não obstante um casa grossa, parece-me que alli o sr Jorge não deixou de ser correcto, correctissimo.

ALFREDO. — E tão excepcionalmente digno que, confesso, em seria incapaz de imital-o.

MARCELLES e HEITOR, á uma: — Eu tambem.

OLGA. — E eu, em identicas circumstancias, menos ainda que todos voçes por atacado. (*Felicitações gerais.*) A missão da mulher, n'este mando, limita-se a amar. Folher-lhe as naturaes expansões d'esse acrysolado sentimento, convento-a n'uma reclusa de convento, equivale a supprimil-a por completo. Chame-se a isto philosophia religiosa, moral na familia, ou o diabo que os carregue, cá para mim é tudo a mesma droga, a mesma mixordia, a mesma bagaceira, e — como taes — merecem-me os mesmos desprezos, as mesmas injurias, não passando seus adeptos de outros tantos imbecis, mais perigosos que muitos de seus pares, que perambulam orgulhosos entre applausos e ovacões.

LUIZ. — Luzida assembléa, não nos reunimos aqui para arengar sobre moral, mas para sorver a generosa pinga, que estimula os cerebros. O motivo capital é installarmos uma Sociedade de intemperança, não identica ás abstinuzas horracheiras inglezas, cujos agremiados acabam sempre fochinando debaixo da mesa, mas com um ideal mais elevado, pois alteia-se ás cumieiras da historia, da evolução do espirito humano. O que pretendemos, festivos convivas, é restaurar usos e costumes dos nossos antepassados, é reviver — n'esta retrograda Sebastiãoopolis — os tempos da crapulosa Roma, d'essa Roma das orgias de Nero e de Helioabalo; e — sobretudo — reeditar as scenas sombrias e mysteriosas da Idade Média, quando os Templarios celebravam, nas gigantescas flo-

restas, a missa negra e o classico sabbat. E como a presente associação constitua-se de figuras proeminentes nas hierarchias da sciencia, do mercantilismo e da elegancia feminina, a escola litteraria a imitar será a byroniana, ontr'ora tão florescente entre nós, e hoje quasi de todo olvidada.

VOZES. — Bravo o Demosthenes!

LUIZ. — Byron! Ao evocar este nome, já a flórida mocidade se agita! Byron, o genio apostrophando a *quebradeira*, escarnecendo do homem, desafiando o proprio Deus! Oh, como foram sublimes aquelles tempos! Como todos os poetas de sua escola eram imagiatiuos, enthu-

siastas! *Bravos. — O ponche! o flammeiro ponche!* (*Maria entra, descabellada e esquillada, com o bispo de ponche em labareda, que José levava para remover.*)

LUIZ, solenne e altisonante: — Declaro, pois, inaugurado o Gremio — Intempero — Lucullico — Byronio — Sabbat-cahotico — Mephistophelico — Negra-Missal.

COMMENDADOR. — Viva! E sou eu o aclamado presidente perpetuo de toda essa trapalhada? Si não exprime jacobinismo, acceito a honraria; e venham já os succulentos e opiparos accepipes, que pagarei com o meu dinheiro... (*Procurando-se ameaçador.*) Simão, não, que o tuurfo é páos!

LUIZ. — Fiel aos nossos estatutos ainda em projecto, tudo dispuz para a celebração da nossa primeira missa negra, em um dos cemiterios mais proximos. Mas, carissimos consocios, todos os grandes empreendimentos teem seus vantagens e seus perigos; e, para effectuar a mysteriosa solemidade, necessitamos de um frade e de um diabo.

MAURICIO. — De um demonio e de um frade? Acaso não se equivalen? Tendo-se um, têm-se os dous.

BANDEIRA, suspendendo o chinó ao Commendador: — O frade está á mão... e pittorescamente consurado pela syphilis.

ALFREDO. — E o diabo... *MARCELLES, designando Simpliciano: — Ah!* e á costella do frade, como sempre.

LUIZ. — Mas, não é tudo, rabudos associados: para o acto carecemos, principalmente, de uma victima.

AS MULHERES. — De uma victima!

OLGA. — De que? de quem? Todas nós o somos quando a clientella é de *assobio*.

SIMPLICIANA: — Prefiro ser a paciente. Isso de figurar de Títo, nem por brincadeira... Tenho-me cá nas minhas creanças, que são as dos meus avós, e...

OLGA. — N'esse caso, como a mais desabusada, entrego-me em corpo e alma ao sacrificio.

LUIZ. — Protesto. Precisamos de uma donzella, e tu, me parece, não terás a estalta pretensão.

OLGA. — De uma virgem, disseste!... (*Comigo.*) (*Luminosa inspiração!*)

LUIZ. — Pusillanimes, que sois! buscaes o prazer, a alegria, as excitações, o extraordinario, e tendes horror ao sangue. Demais, quem falou aqui em derramar-o? Acaso só se é victima quando se passa d'esta mal-o? Acaso só se é victima quando se passa d'esta para melhor na ponta de afiado facão? Não o somos todos os dias de mil calamidades, umas — maiores, outras — insignificantes, em todo caso mais cruentas, ás vezes, do que a propria morte? Não somos tãoamente escravos das nossas asneiras, das nossas manias, dos nossos erros, e — superiormente — dos erros alheios? Não bem a victima, que eu reclamo, e da qual carecemos para o sacrificio, não é uma d'essas que se possam tirar d'entre nós, mas soffredora escrava das convenções, dos preconceitos sociais; e o sangue, que lhe tragaremos esta noite, substituí-lo-hemos por um fluido vital, que lhe abrirá o azul do céu nos braços do inferno.

OLGA. — Comprehando. Forçando-a a gozar, pelas invertidas provas sacramentaes, as volupias do mundo, do mesmo modo por que se obrigaria o judeu a comer toucinho e o mahometano a tomar cacharambamba para sabereu o que é delicioso e bom.

MAURICIO. — Perfeitos, os similes.

LUIZ. — Nós, os endiabrados filhos da *Intempero-Lucullico-Byronio-Sabbat-cahotico-Mephistophélico-Nigra-Missal*, o que desejámos, para adubar esse gozo, é que o Champagne, pago com o dinheiro alli do nosso muito illustre presidente e thesoureiro perpétuo, espume - no festim - pelo marmoreo corpo de immaculada donzella. Entre as esperanças associadas, nem uma padece, certamente, d'esse vexame. Tanto melhor: antes de tudo, por bem, ou pela força, cumpre encontrar uma Vestal para a mandinga.

COMMENDADOR. — Peço a palavra, pela ordem... a mim mesmo, porque, sendo eu o presidente perpétuo, não tenho que dar satisfações a ninguém.

LUIZ. — Pois não lh'a concedemos, apesar de achar-se V. Ex. no exercicio d'esse cargo.

COMMENDADOR, *exaltando-se*: — Como é isso? Pois eu, que concedo a palavra aos outros, não posso usal-a?

LUIZ. — Nada de precipitações, irreflectido Commendador. V. Ex. procede...

MAURICIO. — Arrancadamente.

BANDEIRA. — Estouvadamente...

MEIRELLES. — Desastradamente...

LUIZ. — ... porque, pela sua precoce senilidade, nos parece o menos apto para tratar de um assumpto, que só aos mocos compete.

COMMENDADOR. — Contesto. E solicito vénia para exprimir-me por metaphora: O explorador meridional, perdido embora nos géos do Pólo, esquece por isso o perfume da rosa? O cego por accidente, quando encurvado pelo peso da idade, olvida porventura as côres do arco-iris? A messalina mais sevandija varre acaso da memoria o dia em que lançou ao lamaçal a sua grinalda de flores brancas?

LUIZ. — V. Ex. calumnia a pudicicia, pensando-a cousa que se encontre por ahí deagattada...

MAURICIO. — Simples ficção!

ALFREDO. — Tôla chimera!

BANDEIRA. — Futil miragem!

MEIRELLES. — Torna-a ainda mais rara a pindahya actual.

HEITOR. — Menos estupendo seria fazer jorrar água do sequido chafariz da Carioca.

COMMENDADOR. — Pois, meus ricos senhores, eu, a Olga, e a Simpliciana, nos encarregámos de operar esse milagre. E si é apenas isso que nos embarga de ir á tal romaria da missa-negra, — á caminho!

LUIZ. — Mas, onde a victima?

OLGA. — A' caminho! O Tição, figurado na velha Simpliciana, nos dirigirá ao antro em que se homisia a preciosa hostia, que — com todo o desembaraço — lhes offereço em holocausto.

TODOS. — Sigámos!

LUIZ. — Aceitámos de bom grado a tua offerenda, e a transportaremos em charola ao local adereçado para o tenebroso officio. Mas, quem atrahirá a desconhecida paciente? quem a seduzirá?

OLGA. — Eu, — sua propria irmã, para resgatal-a ás crueis privações.

LUIZ. — Truculentos confrades, a noite é fria... Um derradeiro godório! Moleque, inflamma o ponche! (*Zemullo. Confusão. Estalidos de beijócos. José distribue as taças cheias, que todos emborcã, ao compasso de dóze badaladas na torre vizinha.*) Meia noite!

TODOS. — Apressémo-nos!

LUIZ. — Silencio e mysterio

TODOS. — Mysterio e silencio!

(*Volteando a scena, sahem na pontinha dos pés, associando, baixinho, as ultimas palavras do tercetto dos lavapios na GRAN VIA. Jorge, profundamente adormecido á mesa d'estudo, conserva-se com a cabeça fncada entre os braços.*)

Victorina, encostada á machina de costura, levanta e abaixa a cabeça, aos URRAS! ao relinir dos copos, e aos estouros do Champagne, que ella, atôrdada, nem mesmo se apercebe d'onde partem.)

## SCENA VII

VICTORINA, só.

Á direita

VICTORINA, *despenteada, olhos arregalados, percorre a scena como uma fera em espaçosa jaula, abalroando-se, pernas trôpêgas e mãos tetânicas*: — Corrôe-me a fome. Grande Deus, que horror! Quando, como, e de que modo acabará o meu supplicio?! Pude acaso cogitar que morreria á fome! que não teria nem mesmo o negro pão da miséria para morder?!... Oh, mais valeria realmente succumbir, si a morte pela ausencia absoluta e forçada do alimento não fôsse tão crueciante e lenta!... (*Comprimindo o estomago para applicar a dôr*.) Parece que me torcem as entranhas! que me rangem em volta do estomago os dentes de uma serra... (*Toma da tosca moringa e bebe a saciar-se.*) A propria água já me não allivia a tortura... E' que sinto queimar-me, por dentro, ardentissima febre!... (*Pausa.*) Já não é tanto a fome que me faz padecer, — são estas tenazes que sinto aqui, nos hypochondrios!... E tão crueis, tão crueis ellas são, que, si presentemente eu tivesse nas visceras o fructo de um amor mallogrado, eu o abôrtaria para tragal-o. Mas, deliro! Desvaio! Some-te, Fome, — vae-te, andrajosa mendiga! Desvia de mim tens olhos ematerados... Oh, horrenda! horrenda! que ella é! Da desdentada bôca, em focinho de rato, deixa escorrer uma baba fétida! amarga!! esverdinhada!!! Mas, — Deus meu! — a fome augmenta!... Não mais posso soffrê-la... Oh, por aqui deve passar o esgôto da rua... Sim: fêzes! fêzes! fêzes! Que tem isso? Pôde haver, de mistura, nos residuos dos fartos, sobras que aproveitem a uma abandonada de Deus e dos homens... Demais, não são as dejeções a propria materia evoluindo?... Procuremos... procuremos... Talvez um ramal, por aqui... (*Gatinha, frenetica, excarvando o chão*;) por aqui... por aqui... Achei... Afinal!... (*Ouva com as unhas, com os dedos a terra fôfa, que rejêita para os lados. Levanta-se brusca, cresce sobre si mesma e sussurra estorcendo-se*;) Debalde! (*Hystericamente, n'um frouxo de riso amarello*;) Para as que mercadejam o corpo os opiparos banquetes; para as que sentinellam o pudôr e a honra, nem mesmo os rejectos da multidão! E as ancias não cessam!... Um termo a tanta angustia!... A morte não é um castigo, — a contrario, muita vez é o allivio dos desesperados... Alli, alli, n'aquella área, encontrarei o desenlace de meu penar. Preciso encommendar minh'alma... Nem para isso mesmo tempo eu tenho... Ai, desfalleço!... As poucas forças que me restam, porém, bastar-me hão para approximar-me da janella e precipitar-me. (*Adianta-se decisiva, dando com a roseira*;) Oh, esta roseira! A testemunha de minha miseria e dos meus dias de fome!... Fanaste tambem!... Si ella estivesse em flor, eu poderia — ao menos — refrescar meus labios na friez de suas petalas... (*Pausa.*) Aqui, em tôrno de minha desgraça, tudo e todos recusam o mais escasso elemento de vida, não só a mim, como até á propria plantinha... E a terra, a nossa mãe, a mãe commum, comparticipa d'essa exclusão, d'esse desdém, d'esse anathema! Será crível que, gerados todos da mesma argilla, essa mesma argilla seja para uns desvelada mãe, e — para outros —

cruel madrasta!... Este punhado de terra contém talvez nutritivo humus, que possa prolongar-me as horas, — que digo! — alguns momentos, apenas, assim de que eu possa, pela última vez, abraçar, morrendo, meu querido Jorge!... (*Arremessa-se á pequena lata, tral-a para o proscenio, rebenta-a no chão; e, esfarelando a terra secca, exclama desalentada:*) Quizera devoral-a; porém, n'esta terra arida, nem um filiforme verme que me nutra!... A illusão de momento se dissipou!... (*Erguendo os olhos supplices para o céu:*) Só me resta morrer! (*Quer de novo lançar-se á janella; mas, as forças lhe faltam de todo; e cahindo em plena scena, assiste, agoniada, aos concupiscentes quadros que vão rodar.*)

## LEITURA PROIBIDA

## TENTAÇÃO CARNAL (\*)

(Rasgam-se as paredes em painéis feericos, que reproduzem, movimentados, tudo quanto pôde excitar-lhe o senso genésico.

*Quaedam amantes nudaque, in totum figuræ, cynædica petulantia, ardenti excerptæ sunt lumine: complures utriusque sexus, pompeii positi, impetentes, conspecti sunt, pocula manu, in gutture quæ defundunt, dum vinum alii aut guttis effluentem, aut fluctibus, per medium sinuum, et infra umbilicum in Veneris cyatho sugunt. (\*\*)*

*Perturpes, frequentius toties visæ quoties surreptus spectaculum umbræ turbant, in manu mentula, extortis clunibus, sub cili (do grêco celi, pudenda mulieris) index, oculis lividis, lingua tumida, inter gannitus et subantis voculas.*

Aquí, obeso frade, perseguindo magricella freira, fungando aos pulinhos, lambendo os pingos do rapé; allí, péjada e flatulenta abbadessa, entregando-se comichosa, pruriginosa, n'uma nymphophobia canina, indistinctamente a nus e a outros, e sempre euxtodada, e cada vez mais sequiosa; acolá, um, dous, cinco, dez ou mais assistentes, trepados em desengonçados móveis de sacristia, anima'n declamatorios os vai-vens da luxuria,

(\*) Incluindo agora, por esta nota, na classe das *liberrimas*, ou *eroticas*, a presente comedia, muito hesitei em fazê-lo; e si, afinal, a isso me resolvi, outra explicação não teve, além da intercalação, n'esta bambocata, de scenas e episodios, que n'ella figuram, embora attentuados, das missas negras, sem as immundas profanações e os revoltantes sacrilegios das classicas celebrações, aggravados com a reprodução graphica de quadros, ou secretos téis, também propositalmente um tanto apagados, das conhecidas *Tentações carnaes*, tão communs na historia dos primeiros seculos da Igreja; e muitos outros, registrados em chronicas monasticas, e no riquissimo empório do *Elas Sanctorum*, ou que figuram nas galerias do Vaticano; do Museu Pitti, na galeria Borghesi; no Mu eu de Napoles; e, finalmente, no de Pompéia. E até mesmo no Louvre, onde se destinam salas especiaes, e só franquaveis por meio de cartões assignados pelo director, para os quadros, estampas e gravuras de notaveis artistas, como, por exemplo, o *Juizo final* de Fragonard, exotica e orientural inspiração que lembra a téis, do mesmo nome, de Miguel Angelo.

Os museus de Dresde, em Munich; del Prado, em Madrid; o da Pinacotheca, de Milão; possuem, por igual, nem só inestimaveis originaes, mas ainda preciosas cópias espalhadas, entre amadores, em França, e na Inglaterra, e, principalmente, em Vienna; e, completando, em diferentes outras mãos e museus, onde uma documentação devéras especial pôde ser colleccionada relativamente aos cultos genésicos do Oriente e da antiguidade.

Esses assumptos allegoricos apresentam a lucta do espirito contra a materia, da alma com o corpo, isto é, pura e simplesmente a tortura mystica que alguns fanaticos, julgando crear um stoicismo á parte, se impunham a si mesmos, como resistencias ás sollicitações profanas.

Ora, cumpre não esquecer que a paixão do amor não satisfeita, descamba n'uma das formas mais definitivas da erotomania; e, mais ainda, que as proprias cellulas dos anachoretas em alguns daquelles quadros, verdadeiras taipas, nas quaes esses asceticos se haviam refugiado em plena Thebaida, atotetavam-se de inscripções copistas ou jacobitas, e de figuras e de actos obscenos, no genero dos que se encontram a cada passo nos paredões e muralhas das cidades mais cultas,

com descripções mais ou menos estimulantes, que dirigem aos comparsas empenhados nas ancias da acção; apenas, a um canto, um ou outro velho, aparentemente respeitavel, esquelético ou adiposo, de oculos azues, ou verdes, — não importa! — sacudindo os lenços de Alcobaga, abanam com a cabeça, dando — a principio — manifestos signaes de reprovação, e entrando por fim no derriço, mal podendo, — coitados! — se equilibrar nas pernas trementes.

Momentos ha em que Victorina parece possuida do que divisa, taes as excitações libidinosas que gradativamente a empolgam; e isso a surprehende no silencio de sua consciencia, pois, o que até allí, até aquelle instante lhe chocaria o pudór, n'este momento, se lhe antolha cousa mais natural e góstosamente praticavel.

E assim, obedecendo a tão oppostas impulsões, sempre em lucta consigo mesma, ella, que se dissera ficada a um só ponto, ora se chega aos concupiscentes grupos, ora recua, indecisa, attonita, mas bestialmente tentada por aquellas volupias todas, tão em desacórdo com a sua virginal castidade.

E' que as rebarbativas manobras a que inconscientemente assiste fazem-se acompanhar, a intervallos, de uma musica especial, que muito concorre para augmentar o valór da execução em alta escola; ella, porém, como que chamada á consciencia intima, por um movimento de vexame, e com horrór de si propria, triumphal afinal dos instinctos da carne, e, cobrindo o rôsto com as duas mãos espalmadas, affirma:)

VICTORINA. — Inutil!... tudo inutil!...

(Entrementes, novo painél se aclara, e Victorina, rotirando as mãos, vê-se, como por encanto, junto de Jorge, que se conserva ainda na posição da scena anterior. Seu primeiro gesto é de espanto; socegando, porém, olha em tôrno de si; e, estreitando-o nos braços, morde-o, morde o n'uma explosão de luxuria, pipillando-lhe ao ouvido nymphomanica.)

VICTORINA. — Transportes assim tão intimos e quentes só se permittem aos que sentem devéras, aos que verdadeiramente se amam!

O supplicio, o martyrio sexual se infligia tão despoticamente nesses solitarios, aliás de uma tempera mais ardente do que a dos homens dos nossos dias, que elles procuravam, por instantes, illudil-a, ou se priapiando incessantes, ou traçando luxuriasidades na cal das paredes de seus espirituaes retiros. Verdade é que, compenetrados logo após de seu insensato aviltamento, apagavam, bem ou mal, esses devaneios anti-theologicos; e, para que não accumulassem vestigios d'esses desregamentos psychicos, transformavam-se em peregrinos e missionarios, abandonando seus refugios, para á distancia, irem pernoitar em chão es'coreto e ao ar livre. Ou, pelo ainda, como S. Simeão Stelita (*de stylus, columna*), escalavam as altas columnas dos templos em ruinas, e d'ahi prégravam, e ali se expunham ás intemperies, e em tão forçada postura, que os tolhia, em absoluto, de se entregarem a manejos lúbricos, ao vicio solitario.

De par com a grande arte, com essa que vai alentar-se nas mais eucharisticas aspirações do espirito, isto é, nas arrojadas concepções de um mundo e de uma vida superiores, uma outra existe, e bem diversa, que representa o culto fervente da creatura pela natureza.

N'esta, o artista limita-se a copiar subserviente a tangível natureza; de acórdo com essa orientação exclusiva de seu espirito, ou conforme o fim a que se propõe, elle percorre a gamma inteira dos assumptos preferidos; foi assim que os grêgos, da synthetisação material da belleza humana applicada ao modelamento de suas divindades e heroes, passaram á contemplação detida das linhas suaves ou asperas, do corpo humano, levantando, e ennobrecendo, a estatica academica, com o sublime intento de figurar o *homem* em suas multas e mais correctas attitudes. Assim sendo, facil é de deduzir, a pintura e a estatuaria escapam á caprichosa classificação de eroticas; si, porém, visam manifestações mais grosseiras, e dúbias, si se propõem á reprodução de actos ou paixões lascivas, despertando, por suggestão, sentir similar, desejos suspeitos, claro está, como taes devem ser taxadas.

Ora, a generalidade dos paizes, e a pluralidade das civilizações, forneceram, em todos os tempos, principalmente a esta última, consideravel e valioso contingente.

(Não se tem ainda de todo apagado o painel anterior, quando outro o substitue, onde se apresentam grupos de velhos babões, *rutilas in collo puellas, impudice nudas, levantes, et quarum papillulas sicut rubentias muras sugunt avidae, in amplexibus gaudii nervorum debilitate impediti*, — interea seniores alii et tantum impotentes, illos circumcludunt, manibus flaccis vigorem nocturni incassum rannimare tentantes.

Repentinamente, a velhada, sumindo-se, as moçoilas cahem estafadas, pela excitação não satisfeita, sobre coxins semeiados de rosas, jasmims e bannilha, de ventre para cima e peitos erysipelatosos.

E o tribalismo campea então desesperadamente, até que uma turma de athleticos rapagões se apresenta farrisa, revirando com ellas em tuías de flores, d'estas se cobrindo, n'estas se envolvendo, apenas notando-se o cheiroso e irisado lençol, que acompanha, em toda a sua extensão, o ondular fôgo das casacas insaciáveis.

Para mais encantar esse insólito painel, arrullhantes e alvas pombas, fitas ao pescão, esvoaçando ás bicadas, povôam a scena, insianando-se aos beijos por entre o flôreal e os interstícios humanas, nos quacs se aninhãem e aquecem. (*Victorina, olhos fitos no escaldante plano, seus sentidos purpureos desabrochar para delicias que ella apenas nutria, porém que, por naturaes suggestões, despertam-lhe de subito os refocilamentos tyrannicamente animaes.*) Tudo se obumbra, surgindo momentos depois novos figurantes, representando a libertinagem na antiga Grécia, alongados em seus purpureos trionios. Martias e jacinthos entornam tonteautes perfumes. Ebrios pelas esseucias, pelos vinhos rares, trocam entre si voluptuosos contactos. Ao fundo do transparente panno, elevam-se rédes de festões oscillantes, nas quacs se balançam formosas lesbiannas, atritando-se nervosas, ao clangor das trompas e ao dedalhar de harpas occultas.

Victorina, olhos bugalhados, contempla indecisa, ab-sôrta e hirta, o provocante quadro.

Nos clinias, jovens athenienses de ambos os sexos, em posições varias, ondulam como vagas em alto mar.

Aos espasmos do gôzo, aos recortados suspiros, correspondem abafados gemidos, como que partidos de grúas que se apertam.

O estyga, pois, com que se pretende tisar esse genero de composições, me parece antes um erro de apreciação, uma questão de ponto de vista individual, do que objecto da propria arte considerada em absoluta; até porque esse ponto de vista, todo elle pessoal, não se conserva sempre e mesmô, e, a contrario d'isso, variou com os tempos e com os meios; e as prevenções da critica que tem concorrido para fazer passar em julgado semelhante sentença, variou tambem, e por tal fórma, atavez das épocas, que multissimas rélas, e multissimas estatuas, actualmente consideradas liberrimas, não foram, entretanto, em outros períodos artisticos, assim consideradas, e, menos ainda, no momento do sua execução.

Remontando á India, á China, ao Japão, onde são demasiado frequentes tas assumptos representativos, bem se verifica que esses motivos longe estão de provocar susceptibilidades exageradas, ferindo, directa, ou indirectamente, a moral das civilizações, como, amos outros, boje, melindram e chocam. Na India, os monumentos, os tãcidas, as tapeçarias, a ceramica, etc., occupam consideravel espaço na arte oratoria; mas, nem por isso, são tas manifestações tidas, e hevidas, por obscenas, porque, naquelles alens, e para aquellas civilizações, etotismo não significa licenciosidade, mas sim — culto á fecundissima naturamater (Ibrahim-Vishnou-Siva), e aos meios e processos de que ella se serve e utilisa no seu eterno labor.

Em sua formação, todas as collectividades, para melhor se garantirem, e melhor firmarem sua força, e predominio, careceram de braços, de homens; d'ahi, a polygamia, tal como vêmol-a ainda na maioria dos povos orientaes. A origem, pois, da polygamia, não foi o instinto bestial da carne, mas uma necessidade das primeiras civilizações, para fomentarem sua crescente população, para povôarem desertos territorios; e si, nos modernos tempos, nas mais adiantadas nações, onde a decadência das raças desperta clamores, a polygamia é prohibida, deve esse facto ser levado simplesmente á conta, não de

ouviem-se, em maior numero, improprios, doéstos e injurias, do que phrases escaldantes de volupia.

Calérficos bestiaes estremeceem todos esses lascivos grupos, esquecidos, no esgotamento sexual, de tudo o que ha de mais puro e sublime em a natureza humana. Aqui, os hi sexuaes em accão; alli, as saphistas activas; e tudo, e tudo, aos accordes de instrumentos taugidos por escravas impudicas.

*In brachiis, objurganti africani gigantis, maledictis in lumen — alba, convolvens sese fragilique puella, in tenuis voculis; ao passo que, em volta, turmas de outras virgens, em bôrbôletaute sussureo, beijam-se ás rubrificações de viscosos e feludos capcinos, cujo satyrrismo cresce á proporção e medida que ellas fingidamente esquivam, sonhegando os bullicos e trememas quadris.*

Aclarando-se mais e mais o fôco, éburneas escravas avultam, curvadas ao péso de crateras repletas de nectar; de bronzeo, desaba a feerica chuva de rosas, entre-meaiadas de taças d'oiro iacustadas de gemmas, partindo-se umas, e sendo outras aparadas por esveltas corteziãs grégas, que as euehem em portateis amphoras, e as distribuem-gentis pelos estafados, que se erguem bambos, e recahem, regurgitando ao acaso os frios e repetidos tragos sequiosamente ingeridos.)

VICTORINA, pasma, ab-sôrta, com o peito a arfar de quentes desejos, lueta, lueta intimamente, mal podendo decidir-se. E assim perdida em cogitações, cerca as palpebras; momentos depois disverteia: — Não obstante, sinto-me arrastada, — confesso-me fascinada. As vaporizações d'aquelle alcool ter-me-hiam acaso tontado? Haverá uma embriaguez dos olhos, assim como ha a do estomago, do cerebro? Como que acollada ao sóalho, não posso reagir contra o tómpor, que me avassalla e paralisa ... Tenho impatos, despedaçando os vestidos, de atiar-me a corpo nú n'aquellas volupias erispautes, aos estalos d'aquelles beijos que escaldam!

(O quadro é instantaneamente substituído. Perfumes, mulhorez, priapées e seducções, desaparecendo, resultam, no transparente, paizagens virentes e sombriuhas escandalosas sas. O jôgo

Por acênos, pelo jôgo da psychionomia, e n'uma mimica eloquentemente decifrável, Victorina, parecendo duvidar de leis hauntonicas e reguladoras que presidam ao

obscenidade, putam de differenças de costumes, de pretextos admitidos, de presentios mais ou menos exaggerados. (A) O f. v. das

Nos paizes orientaes, as figurões, impropriamente taxadas de obscenas, multiplicaram-se ao infinito, tanto na pintura como na pittura e na esculptura.

Cumpro acrescentar que a India esculpio, nos seus proprios monumentos, reproduções naturistas do Longam e do Jhoni. Essas livros sagradas são premissas de exemplis desses liberrimas assumptos, e publicaram-se, lá, divulgadas obtus especies, verdadeiras matados do arde sensual, com todos seus requintes e perversões; impressos em pergaminho, em pelles outras, tas obras foram bellamente illustradas com esplendidas miniaturez, e finissimas figurões, obscenas, por artefactos de escrupulosa exactão, constituidas, no seu todo, vastus encyclopedias de sustido valor e inestimavel apêço.

Os chins e os jãponnez aquarellam abundantias destas identicas tiragens em papel de arroz, abrem-nas em colorado forte, burilam-nas em detalhadas esculpturas, passam-nas, fixadas a fogo, para a sua ceramica, gravam-nas em marfim, na raiz do alcanphóceiro, no jade, em pedras preciosas, no transparente crystal, na finissima porcelana; e essas productos d'arte, estimadissimas bibelots, lá se encontram, indifferente e carece, por toda parte, sem que sejam acionados de obscenos, tanto nos botiquins do chá, nos juncos de flôres, nos jardins suspensos, nos florestas minuscultas, nos logares, finalmente, consagrados á embriaguez dos sentidos ou destinados á libertinagem, como no seio das familias, fazendo parte dos adornos domesticos, entremando

(5) Nos primórdios da vida social, a mulher não tem o que se objecto, uma coiza, um móvel como outro qualquer, uma propriedade, — uma base de trabalho e de transporte, emfim. Ao cabo de alguns seculos, com a desenvoltura e com a regimem e regularidade, veio tambem, e naturalmente, a occupação da mulher; assim como é de esperar que, em prazo mais breve do que se pensa, o homem saia do papel de ocioso da mulher, e passe, por consequente, a ser qualque coisa, de propriedade da mulher.







Borgia, que assassinou seu proprio irmão para disputar-lhe as honrarias do pósto.

E' de estranhar que, sendo conhecidos alguns de seus nefandos crimes, e outros, mais horripilantes ainda, se presumissem, não tivessem elles deixado stygmias mais fundos nas physionomias desses sicarios. Salvo o proprio Papa, tão repulsivo que fazia estremecer de horror, Lucrecia e Cesar eram, entretanto, tão attrahentes pelas linhas do rosto, que disfarçavam, que escondiam, a primeira vista, a cruêza que lhes ia no intimo d'alma.

Como dissemos, sete, unicamente, dos convivas, afóra aquelles, compartilharam do memoravel festim: um velho Cardeal, com suas vestes de purpura, e cujos olhares trahiam-lhe a instantes a desconfiança e o médo; tres monsenhores, com suas togas de velludo rôxo; e tres adoraveis mulheres, typos idéias de belleza da carne. Alternados entre si, a incestuosa filha junta ao seu progenitor, bebem, cantam e gargalham, os ecclesiásticos recitando sensuaes odes de Anacreonte, e as bellas correspondendo-os com provocações voluptuosas.

De quando em quando, as mãos dos venerandos personagens da Curia Romana se embebem, e mergulham, nos decótes, e nos fôfos dos côrpetes das damas; e as d'estas, nas largas mangas das vestes ecclesiasticas.

Completa licença.

Superexcitados pelo alcool, os commensaes do Borgia não mais pôdem suster-se, scintillando-lhes os injectados olhos como as pedrarias do Sacratio.

Uma das cortezãs, a mais seductora talvez, deixando cahir o rosto sobre o prato, o rubicundo monsenhor salpica-lhe o picante molho no alvo cachaco. O velho Cardeal, tentado pelos cachinhos ruivos da semi-ébria, pespega-lhe á nuca satyrisiaco chupão, enquanto que o rebuscado ecclesiastico, tomando de um calix de vinho de Chypre, entorna-o lentamente pela entre-abertura do côrpinho, reflexamente produzindo no dengoso Cardeal mais libidinosas crispacões.

N'isto, o ontro, superexcitado, mergulha a cabeça ábaixo do côs, e lambisca, fungando, algumas góttas do mesmo vinho, que filtra através o sulco mediano dos seios.

Por vezes, em brusco movimento de expansão alcoolica, os finissimos crystaes cahem, rolam, estilhaçando-se. Pouco importa! Nada vale. A féria das indulgencias

E tanto foi essa a psychologia d'aquelles artistas, que os Puritanos, descobrindo-lhes os intuitos, não se deixaram apunhar na armadilha; revoltados contra essa exuberancia do impudor, contra essa ostentação da carne, baniram de seus austeros templos toda e qual-quer conformação humana, inclusive as imagens, os santos, scientes e convencidos dos embustes do que se haviam valido os estatuarios e os pintores para atingir a determinados fins, não respeitandoo, e os pintores para atingir a determinados fins, não respeitandoo, e os pintores para atingir a determinados fins, não respeitandoo.

Cumpre, entretanto, adiantar que, em fundo, aos Protestantes assistia incontestavel razão, porque, si se procura, na religião, o na candidez de suas préces, um lenitivo ás dôres, ás mágoas e aos revêzes da vida, si nos refugiamos na oração para fortalecer o nosso espirito elevando noss'alma até Deus, não é essa, certamente, a occasião mais propicia para nos collocarmos diante dos olhos tudo o que a natureza creou de mais materialmente seductor, e, portanto tambem, de mais opposto ao sentimento que nos faz absorver no culto e em Deus; e a Igreja, com simelhantes reproduções de confrangidor e repellente sensualismo, com suas Madonas, cujos modelos vivos existiam ainda, com suas Magdalenas, semi-nús, e de trementes pómas, abraçadas aos pés da Cruz, tornavam-se realmente paradoxas, lembrando o reincente brijo que, para ser temperante, frequentasse assiduamente as tavernas.

Mas, bem depressa a arte mudou de aspecto, dando origem a uma nova pleiade que, de par com os discipulos dos citados chefes de escola, se dedicaram a illustrações de estimadissimas obras e á confecção de estampas de varios generos.

Si outros não fossem meus intuitos, occasião alguma se me depararia melhor, do que esta, para cantar de erudito; entretanto, não passarei adiante sem deixar aqui exarado que, com a geração dos pintores menores do seculo passado, a arte erotica attingio seu apogéo;

é tão avultada, tão proventosa, que as riquêzas accumuladas do Vaticano poderiam resgatar ao povo judeu o proprio filho de Deus; e Sua Santidade, si quizesse, n'uma hora risonha, poderia monopolisar, exclusivamente para seu uso, e abuso, o peccado original.

Entretanto, as exquisitices culinárias se atropélam, trazidas com aian pelos serviços do Papa, uniformizados de libré carmezim: como si surdos e cegos fossem, elles parecem alheios ao que se passa; e complices de todas aquellas scenas, parecem tão mudos como os mausoléus pontificios.

A um signal, cincoenta reposteiros se afastam, abrindo irisado caminho a cincoenta deslumbrantes romanas, completamente nús; mas, para que se tornem mais aphrodisiacas, seus côrpos pólvilham se de perfumado pó de perola, os bicos dos peitos são tintos a nacar, os olhos rasgados a khol, tendo nas faces, e em toda a pelle, redondos, ou estrellados, *signaes*, vermelhos, uns, e—prêtos—outros, que lhes exalçam as feminis seducções.

E diversas se approximam do successor de S. Pedro, do Pontifex Maximus, suspendem-lhe os alvos habitos, e estalam-lhe góstosas palmadinhas nas pelancudas nadegas, ao passo que descaradas companheiras, com especial hysope, fustigam no incessantes, fazendo o corcovear, e remexer as ancas, em torno da mesa, sobre a qual se apóia a fim sobre os cotovéllos, exhibindo-se irreverente.

Momentos depois, o Infallivel cahe em deliquio de gôzo. As mulheres, em ronda, ensaiam dansas libertinas, ao estrepito das quaes o saciado Borgia meneia, e acena, por vezes, com a cabeça, á proporção que as bacchantes, lhe afflam nas dilatadas e tabacudas ventas, passando, e repassando, o bódum que se exhala dos péludos sovacos do Satyro de tíara, agora prostrado em orientalesco divan.

Entremettes, os dignitarios do Vaticano, artificialmente rejuvenescidos, se desfazem, por sua vez, de suas paramentas, descolchêtando as insignias, que tombam-lhes aos pés; enquanto que o esqueletico Cardeal, secundando-os, rasga de cima a baixo a samarra, pôndo a descoberto o achamalotado e erythematôso tronco marchetado de roseolas syphiliticas. Dir-se-hia um cadaver que, despojado da mortalha, resurgisse do sepulchro, com os braços estendidos, olhos fitos na eternidade, ora despertando aos fulgôres da vida.

e são populares os livros, quadros e estampas, d'esse genero, apudadamente reproduzidos em edições de grande luxo.

Pó, approximadamente, n'essa mesma época, que Luiz XV, bem criança casado, e profano ainda nas iniciações do amor, para lhe despertarem ardencias matrimoniaes necessario, se tornou a composicão de um album pornographico, que lhe avivasse flammus latentes.

A arte que collaborou na galante aprendizagem e cordado ensino, devia, naturalmente, em o primeiro momento, fornecer á Revolução franceza e ao Directorio muitos artistas de inspiração e nata; e d'entre varios, salientam-se os famosos illustradores de obras-primas da litteratura do tempo, ainda hoje estimadissimas.

Com o celebre David, entretanto, a arte tomou uma feição hercica, e só se falava em grêcos e romanos. Bruto e Tito furçaram a moda; e as Dianas e Endymiãos, os Páris e Helens, entrando em vóga, o classicismo na arte supremou-se.

E como a natureza humana tem, nas menores opusas, sua válvula de expansão ás demasias e aos excêssos, e como as duas tendências mais irresistiveis do homem são o amor e a violencia, isto é, o erotismo e a intrepidez, que se traduzem pelo impeto sensual e pelas bravuras e coragem, surgiu, com a phase Napoleonica, a época dos combates tremendos, que lembram Salamina e Marathona, e dos grandes cabos de guerra, que recordam Alexandre e seus generaes; assim como, á natureza, é necessaria uma válvula de segurança, dizia eu, assim tambem a arte erotica entrou, dentro de sua esphera de acção, em franca permuta de francas concessões, de reciprocas vnderdescendencias, de condemnaveis transgencias.

Só em data mais proxima, á agonia da grande Epopéa, e com a Restauração, a arte erotica refugio ao vasio leito.

No fim do Imperio, os espiritos já descansados das grandes guerras, e não mais dispôndo dos campos de batalha para as expan-

E seo rugôso cõrpo, cuja superficie se descamava, crescia, crescia arqueado, tremente.

E' um naufrago de Cypria; mas, tudo o que pôde ainda restar de sensacional á essa mumia ecclesiastica, fervilha, se enfebrecce, procurando ella, ás tontas, com seus compridos braços, como os tentaculos de um pôlvo, estrear, vincular as raparigas em ostentosa umeza.

Duas, d'entre ellas, destacando-se, se adeantam airosas; e o devasso Borgia, acênando-lhes com vistosas bõisas cheias de moedas d'ouro, promette-lh'as, si conseguirem restaurar as sensualidades varonis no caprino tonsurado, que palpa, fungando, roncando, os quadris das demais cortezãs, que s'esquivam escarninhas.

A mais cobizante, ambicionando a alta recompensa, cavalga-o entre as côxas; e dando-lhe a farejar as axillas, roda-lhe em seguida a lingã na commissura dos labios, lambisca-lhe o pavilhão da orelha, ferra-lhe os dentes no cachoço, beliscando-o na zona pudenda.

Nada repugna, nada enteja, a nada se poupa a defaçada romana; e de seus ageis e adestrados dêdos, de seus grossos e fatigados labios tanta volupia levanta, que momentos ha em que ella chega a esperar que aquelle Lazaro da Capella Sextina se electrise, se galvanise, um instante ao menos, para a bamba e cabeceante investida ao já humedecido recêso, ao já alagado reducto do amor.

E enquanto uma depravada, com a cabeça meio-escondida, passa, e repassa, os labios ao longo do dôrso, applicando-lhe, em suções, artificiaes ventosas, uma pudica, subtil, pequenina, vapôrosa, de cabêllos ruivos, pelle-porcellana, monta-lhe aos joêlhos, esfregando-lhe na bõcca chupada os elasticos bicos do peito, e espreme-lhe, a custo, algumas góttas de leitôso liquido, que deve ter o perfume do resedá, por isso que havia ella sido recentemente desvirginada; e depois, quando exausta, alterna esse mesmo leite com pequenos calices de elixir de baunilha e cacão, que o devasso ancião sabõreia ávido.

Mas, o prurido almejado de lascivia que se procura n'esse imprestavel não pôde ser despertado. E na physionomia do Satyro de sacristia lêem-se successivamente horrendas expressões de uma tortura, que elle, por certo, desejaria, quando menos, minorar, porém que longinqua esperança de uma parcella de gôzo obriga-o a implorar, com as mãos postas, se prolonguem, se prolonguem os

sões de sua actividade, lançaram-se a combates um pouco mais suaves, e muito menos sangrentos.

E assim marulhou ella, de turbilhão em turbilhão, até aos nossos dias, como um verdadeiro diluvio, cujas ágõas, no seu crescente transbordamento, ameaçam submergir toda a conquistada civilisação.

E d'este modo, presentemente, estampas, quadros, livros, jornaes, revistas, e até os cartões-postaes, estão preenchidos de malicia, e, não raro, de escandalosos e brutaes reproduções pornographicas, e de composições que só assumptam o furôr erotico.

Isto pôsto, deixae levantar o panno, sem prevenções, nem protesto,—deixae circular, na minha despretençiosa peça, esses quadros, alguns dos quaes já exornaram vetustas galerias, e templos de todos os deuses, sem que arrancaesem insolitos, hypocritas e alarmantes clamôres.

E, pois, a contragosto meu isso compuz, e ora apresento, não obstante a decadencia da arte theatral, aqui, e aligeira, ter-me franqueado a porta, invadindo livremente, com applauso geral, os mais adiantados theatros europêos, e nós lhes havermos reforçado esses applausos, quando, em os nossos palcos, e sem protestos, as *dambochatas* rompem ovantes em centenas de representações.

Entretanto, na minha comedia, limito-me apenas a burlesquear, para os bastidores, episodios de antiquissimas telas, descripções de autores conhecidos por suas obras castigas e classicas, porém que, nem por isso, deixaram de collaborar poderosamente em trabalhos da litteratura quente, que se me depararam a proposito emquadral-as na continuidade de um estudo de alta psychologia e de moral social, estudo que me obrigou, mesmo n'uma *burletta*, a levar á maior tensão as cordas da *alma*, si assim me posso exprimir, de minha vigorosa heroína, no conjunto das torturas e agonias moraes de que lhe acerquei a excepcional figura, com o intento de dar testemunho, embora n'uma peça litteraria, do quanto pôdem as grandes energias do espirito contra os imperiosos insultos da materia.

inconcebiveis requintes... Agonia verdadeiramente tragica, esta! As sensações tão vehementemente provocadas não chegam sequer a accender uma simples reacção...

E o decrepito é accommettido de violentos tremôres, de violentos calefrios...

Suas feições se hippocratisam, conchegam-se; a bõcca, ora se escancára para aspirar o ar que lhe falta, ora, a contrario, se fecha, ouvindo-se então o ranger dos poucos, limosos e esfuracados mollares, que ainda a guarnecem.

Os olhos, em constante e convulsivo piscar, se arregalam, parecendo saltar das rôxeadas orbitas; e os globos oculares rodam vagos, opacos pelas escleroticas que se annuviam, e ao mesmo tempo injectados pela rêde de vasos que os sulcam.

E o Nero de tiára gargalha, mãos ás ilhargas, ao cõro de motejantes risos dos demais crápulas.

Mas, o senil e argentario Cardeal de ha muito testára, legando intactas suas riquezas ao Vaticano...

De subito, o licenciôso paronympho de Alexandre VI se ergue, uivando como um cão latindo á lua...

Suas mãos crispadas arrancam-lhe com as unhas aduncas as lividas carnes, que se esphacelam em escamosas pelliculas, deixando-lhe o cõrpo completamente listrado.

Estertôres de alegria? Soluçõs de prazer? Agonia do amor?

Que será? que significará?...

Por ultimo, desprendendo desesperador aneio, intellige-se sobre a ponta dos pés; e eil-o, no bordél borganiano, hirtto, rijo, com a dextra sobre o peito, como se quizesse desentranhar o coração.

Entrementes, a iniciada na bacchanal, cahira de bruços, com os labios e o bico dos peitos sanguinolentos; e as outras, e as muitas outras, que indirectamente a scenndavam, arquejam arriadas aos pedestaes das columnatas corinthias.

E o Cardeal demuda progressivamente, tomando sua epiderma a cõr negro-icterica; e de seus gretados labios escapa-se striada e grossa espuma, á simelhança da baba dos cães varados e hydrophobos.

Instantes de tetrico silencio.

Espera-se ainda que elle fale, que se movimente, que ande...

Nas *pochades* que constituem, hoje, as delicias das nossas platéas, diversamente se dá: os autores, com as preoccupações do mal comprehendido *naturismo*, longe de discurrir em magnas theses dos preferidos assumptos, dissipam illogicos o talento, e as especiaes aptidões para o *genero*, aproveitando apenas o que de ridiculo, n'aquellas theses, e n'aqueles assumptos, pôdem reivindicar para suas produções, pôndo de parte, por imprestavel aos seus fins e aos seus interesses, os melhores *types* e os melhores exemplos, que constituem, nas mãos da arte, o aproveitamento, a lição.

Assim divirtuado o fim do theatro, a maioria dos escriptôres só se occupa presentemente em *provocar a hilaridade*, como dizem os cartazes, á custa da reproducção, no palco, de todos os escandalosos vícios e dos mais risiveis defeitos do homem social.

Mas, esta comprehensão estueta da vida, e do theatro, traz, no bõje, seu proprio castigo; dissêmos, paginas acima, que alguns autores dramaticos do passado, em vez de occuparem nas fileiras d'esse genero da arte, e de litteratura, categoria igual á de seus pares, que haviam dramatisado assumptos hauridos em fontes mais altas e aereas, tinham, não obstante seus incontestaveis talentos, se alinhado entre os escriptôres convencionalmente julgados de segunda ordem; e isso quando, muitos d'alles, mereciam, por seus talentos, por seu genio alguns, e pelos seus trabalhos todos, a absolvição da má orientação que haviam dado ao seu desvairado senso litterario.

Si, pois, offensas ao pudor pôdem colligir ou topar na successão das scenas e quadros, que accidentalmente aproveitou, essas offensas são puras e exclusivamente devidas á ausencia absoluta de logica, ou da critica, ou dos espectadores quando representada algum dia esta comedia, porquanto, de bem longe, e dos grandes mestres, descende o erotismo nas artes plasticas, sem que os precedentes seculos os accimassem de licenciôsos, e os templos os excluisssem a bem da moral.

Debalde!

Está morto.

Não importa. Em frente mesmo d'esse Priapo de concilave prosegue o festim escandaloso e sacrilego.

E aos sons de órgão, aos meneios das cortezãs, e aos brindes da próle Apostolica, junta-se afinal o dobre lugubre dos sinos, annunciando á Cidade Santa, que acaba de fallecer um pio Cardeal em pleno exercicio de suas funções, acereado dos mais venerandos dignitarios do Vaticano, orando e carpindo-o inconsolaveis!

Aos marmores, porphyros, jardins, pinturas raphaelescas, cortezãs romanas, á crapu'osa Curia, enfim, succede, rapidamente, sombrio páteo, com altas paredes de mosaicos, em que os arabescos incandentes, embora empanados pelas meias-tintas dos vidros de côres, brilham distinctas.

Xadrezadas fendas deixam, entretanto, cóar os raios solares, que se entornam sobre o vasto chão de marmore branco.

Aos lados, coxins ao longo de riquissimos tapêtes persicos; e junto a estes, luxuosos narghiel's, cujos tubos, desenrolados nos tapêtes, descansam o ambar á beira dos divans. E sobre tamboretos incrustados de marfim e madreperola, onde se distinguem o Crescente do Propheta e versiculos do Alcorão, veem-se, em bandêjas de bronze lavrado, grossos e cheirosos cigarros, contornando frasqueiras de licôres sagrados.

Ao centro d'essa caprichosa área, a piscina do Haram, esguichando fios d'água aromatisada, que satura o ambiente de essencia de rosa.

Aqui, e alli, artisticamente espalhados, chapins de banho, e flexiveis e maneirosas ventarolas de palma ou de penna.

No amontoado de almofadas, as sultanas, em completa nudez, espreguizam-se, reclinam-se, estiram-se, guardando-lhes os pulsos, os braços e o collo feiras de perolas, de espheras d'oiro e de pedrarias scintillantes.

E o amolletado Sultão destaca-se d'entre ellas, sobre o olho bambo, já pelo somno, já pela bebedice, já, finalmente, pelos repetidos e sollicitados prazeres, ás bufôradas de seu esmaltado cachimbo. A ponteira do narghiel, entretanto, escapa se-lhe dos labios flacidos; e elle nem mesmo pôde equilibrar a toucada cabeça!

E o Islamita, entretanto, não se confessa saciado... Cedendo a um movimento brusco, o Mahometano ageita-se entre um dos grupos de odaliscas, pousando a face no turgido seio de uma napolitana, os cotovellos nos quadris de uma veneziana, os pés sobre as côxas da mais morena, e assim adormece em seus paraísos.

Deixando aqui ficar esta explicativa como simples protesto, satisfaco escrupulosas exigencias, citando honestamente os episodios d'estes quadros e á macrabitica missa negra com a previdencia em moda: *LEITURA PROIBIDA*.

Demais, por que tanta susceptibilidade, tanto agravo ao pudor com a reproducção cinematographica d'essas antigas tôlas, que nada mais representam do que um ou mais periodos classicos, e quiçá religiosos, de tempos que longe se foram?

Visitas as vitrinas dos nossos principaes livreiros com sua ostentação a público de frontespicios e gravuras libertinas, sôz titulos e substitulos, que nem podem ser decentemente proferidos! Interroga a chusma de annuncios e *reclames* com figuras e symbolos de suggestiva depravação; interroga ainda a indecorosidade carnavalesca, que affronta, de anno a anno, em sumptuosas allusões, o recato da esposa e a intangível pureza da virgem, alistando, para esse fim, as delicias das bacchanes e do vicio, que não hesitam em baratear, mediante qualquer esportula, as fórmulas lascivas e os requêbrados aspectos; interroga tudo isso, e responde-me: si o erotismo, de tão remoto, que era, não chegou aos nossos dias, não profanou nossa moral, não desorientou nossos costumes?

Entretanto, tudo isso é mundano e carnal, applaudido ou condemnado, segundo o ponto de vista de cada qual. Misa, não fica ali a degenerescença dos homens, a perversão do mundo. N'esse atropelamento de cousas, e de actos, e de factos, n'esses desvarios psychicos, nem a silenciosa morte foi poupada, nem

Para dispertal-o, gigantesco eunucho galga o parapetto do tanque; e tirando, successivamente, de uma bôlsa alguns sequins, vareja-os n'água. As sultanas, precipitando-se em tropél, tentam apanhal-os, debatendo-se, mergulhando, vindo á tona, em tentadôras posições.

Debalde! O Sultão cabeceia somnolento.

Então, uma porta se escancára, transpôndo-a negro eunucho, lacaiando velada Circassiana.

O castrado Ethiopie se prosterna ante o Pachá, que a custo entre-abre os olhos.

O véo, que envolve a captiva do Serralho, desata-se, cahindo-lhe aos pés; e ella se patenteia em toda sua opulencia carnal.

A machinal acéno do Sultão, flagelladôres avultam imprevisitos.

E esses escravos, muidos de flexiveis varinhas, fustigam costumeiramente os roliços gluteos d'essa beleza branca.

Allah parece agora despertar.

E as odaliscas, em ronda, assistem ao cruento espectáculo.

O Grão-Senhor, afinal, acorda, ergue-se; e, arrebatando as varinhas das mãos dos eunuchos, instiga elle proprio os seios empinados da escravizada. E para que elles fiquem mais em evidencia, e sofram mais directamente os golpes, membrudo africano suspende-lhe exaggeradamente os braços, e assim lh'os conserva por instantes: os tufo dos castanhos pêllos das axillas, ás contorsões do corpo em tortura, exhalam inebriante catanga de almiscar.

E a flagellada geme e chora; alfinetadas de sangue apontam-lhe nos pardos mamilôes; e o Sultão, sentindo novas forças, enxuga com a barba hirsuta o divino licôr de rosa, e lubrifica com a ponta da lingôa as rijas têtas.

Roncando, despede brutal as companheiras; e, a sós com a sua victima, céva n'esse corpo vermelho de sangue uma volupia selvagem e refocilante.

## SCENA VIII

(SOLLOQUIOS TELEPATHICAMENTE DIALOGADOS)

JORGE, á esquerda; VICTORINA, á direita.

(*Jorge levanta-se; e, de mãos ás algibeiras, olhos baixos, atravessa o proscenio de um para outro lado, visivelmente preocupado; Victorina côbe á machina, aos lampêjos de uma vela de sébo quasi a apagar-se.*)

a morte se conservou improfanada nos recantos dos cemiterios, na quadra marmorea das necropoles. Ahi mesmo, o erotismo partio as cruces, maculou as lousas, desfôlhou as grinaldas de saudade, sensualizou, finalmente, o ultimo leito; porque: em um dos nossos cemiterios, junto, bem junto ao monumento funerario de um dos mais eminentes e respeitaveis Estadistas do Imperio, a estatua de uma mulher, representando, nã, tregeitos de voluptuosidade africana, levanta-se de um tumulto, amesquinhando, ultrajando, nem só o sagrado idéal da morte, mas ainda a moralidade austera do seu immortal e caipora vizinho, que lhe desvia o semblante e o olhar.

E' a consagração do erotismo, entre nós, em a arte funeraria e conica, n'esta evolucionada capital.

(\*\*) Chimico e therapeuta, pois que sou médico, não ignoro que as soluções muito concentradas tem acción energica, quiza prejudicial; quanto mais diluida for, pois, a substancia activa, toxica, tanto menos offensiva será; n'uma phrase inteiriça, em que as palavras sobrevem segundo o seu valor significativo e synthatico, pôde dar-se a mesma offensa. Os leitores, portanto, accettando esta nota um tanto syllibina, poderão encontrar, aqui, e alli, isoladamente, uma, ou mais palavras destacadas, que, reunidas, figuram de solução diluidissima dos trechos latinos. A' perspicacia do leitor, cuja pelle seja menos susceptivel a certas escabrosidades, cabe concentrar a diluição, para ter afinal, si desconhece a lingôa latina, a versão litteral, e á *maneira* das arrojadas passagens em portuguez.

VICTORINA, rompendo o silencio. — Procedi muito bem. Deviamo nos separar... e para sempre. Não obstante, de balde procurarei calar em meu peito o que isso me constou; o esforço que fiz sobre mim mesma quando nos apartamos, após a missa de sétimo dia do meo desventuroso pai... Jorge tinha então os olhos rasos d'água; e eu, o coração rasgado em tiras... Nunca mais o vi, nunca mais o avistei... Offerecem-me a taça da felicidade, e, eu, em vez de estender sófrega o braço para aceitá-la, a contrario, o encolhi, para rejeitá-la. Supplicio de Tântalo! Estranho heroísmo, de que nunca me julguei capaz!... Agora, porém, que o sacrificio está consummado, volto-me a esse passado com mágoa e saudade.

JORGE, passeando inquieto. — Foi eu o culpado. Seria preferível haver a outrora convencido da necessidade de nosso casamento, a aceitar, esquivando-me, as generosidades de sua abnegação.

VICTORINA. — Paciencia. Qu'importa Jorge ignore!... Fil-o tão sómente por elle, e n'isso está precisamente todo o valor do meu acto. Casando nos, ser-lhe-hia um tropeço, um obstaculo ás suas aspirações... A principio, a paixão poderia desvairel-o ao ponto de não perceber os inconvenientes, as consequências de um tal consórcio; mas, como prevér que sua dedicação fosse tão firme e duradoura, que não sobreviesse o desengano e o aborrecimento?!... Quanto mais reflecto sobre o caso, tanto mais se me aperta o coração; não obstante, felicito-me pelo que fiz. Não devêmos nunca aceitar, dos que nos prézam, as venturas que, apaixonados, nos offerecem tresloucados e quasi inconscientes, fazendo-os, mais tarde, pagal-as com uma existencia inteira de afflições e desgostos. Considero-me ditosa, por não haver sacrificado uma creatura a quem tanto amo! (Continúa a coser.)

JORGE, accendendo um cigarro. — Oh, a pobreza!... Como és inexoravel! De ti provêm tantas humilhações! tantos males, que nos flagellam! Si a felicidade se desenha ao longe, esse fantasma surge para perturba-la; e, quando contra elle travamos lucta, aquella nos foga escarnecendo, zombando!... E é tanta a minha coragem, a minha força de vontade, que não se me daria combater sempre, sempre, ao lado de tão meiga creatura... E minha existencia sem objectivo, tello-hia, ao menos, n'ella, n'ella só; e viveríamos contentes, em humilde casinha, sim, porém fidalga de amores; e tão pequenina, tão estreita, que permanessemos constantemente juntos, bem junthinhos. Quanto ao pulsar-me o coração por outra mulher, dando á minha alma o perdido entusiasmo, é impossivel. Não se ama duas vezes, como amei... como amei? como amo ainda aquella boa e santa creatura. Si taes renovações se dessem, a existencia não passaria de perenne e disfarçada orgia!... Si o sensorio humano comportasse tão fundas camadas do esquecimento que, a todo instante, pudessemos substituir affeições, o sensualismo nos empolgaria implacavel, atirando-nos na grosseira brutalidade. Não! nos infinitos e obscuros veios do coração, o amor aguarda, como o carbono, aquella que, pelas flammas de um olhar, pelo sorrir de um sorriso, o transforme em diamante. O causador, pois, de todos nossos dissabores, — ó angelica Victorina! — fui eu, que bem poderia triumphar de tua simpleza.

VICTORINA, respondendo-lhe telepathicamente. — Não, Jorge! só eu me accuso da nossa adversidade.

JORGE. — Não! D'esse infortunio eu me confesso o unico responsavel. Tu vivias serena, tranquilla, buscando no trabalho quotidiano o sustento dos que viviam á tua sombra... Ao acaso, passando, vi-te...

VICTORINA. — Passaste, sim. Mas quem primeiro te encarou, fui eu. Tu apenas respondeste.

JORGE. — E' que não te recordas: eu retrocedi; e então, nossos olhares se confundiram.

VICTORINA. — E' certo. Mas, eu podia ter-te evi-

tado... e não o quiz. A contrario, d'ahi em diante o desejo de nova occasião attrahia-me á janella... e eu esperava, esperava, ao sol, á chuva, até que apparecias na esquina; e quando te approximavas, eu te fitava, e como que meus ardentes olhares penetravam o teu coração.

JORGE. — Inexacto. Fingias não vér-me. E assim, si padeces, si te mortificas, o unico culpado sou eu, que devia ter-te fugido.

VICTORINA. — Não, Jorge, não te amofines tanto com o meo infortunio. Que sejas feliz, e isso me bastará. E' nos braços de tua futura esposa que deves pensar em mim: uma lagrima tua, ou um sorriso d'ella, na taça das minhas amarguras, ser-me-hão lenitivo. Estava escripto! Que poderias de mim esperar? O que se pôde esperar de uma planta, que vicejasse em escaldante areal; não é verdade? pallidas flores, fructos amargos... Sé feliz... (Suspirando.) Sé feliz... Cumpria-me evitar-te... Faltou-me a coragem. Si me estortego nesta lucta, é por amor de ti, só por amor de ti... (Sorrindo.) Lembra-te! Uma feita, quizeste offerir-me uma flor... Era uma rosa. Na dávida de que eu a aceitaria, deixaste-a sobre o peitoril da rótula, e caminaste, e seguiste. No dia immediato encontraste-a... no meo cabello. Quem evidentemente te desinquietou, fui eu.

JORGE. — Eu estava no meo papel, e tu estavas no teu. O homem provoca o amor, — a mulher apenas responde. Obedeceste a uma lei imperiosa e fatal, e tiveste a infelicidade em recompensa de tanta dedicação... Paciencia! Si houveras encontrado, em teu caminho, um perdido, um cynico, um bandido, ter-te-hia elle corrompido, e então... então, — cruel verdade! — serias talvez mais ditosa, embora se despenhassem juntos no mesmo lamaçal... porque cahiriam abraçados.

VICTORINA. — Separámo-nos com as lagrimas nos olhos... Bom agouro! Um dia — quiçá! — nos encontraremos, nos uniremos, no céo, em descuidoso sorriso. Resigná-te.

JORGE. — De ha muito estou resignado. Adeus.

VICTORINA. — Adeus.

JORGE, depois de breves pausas. — Que apparição! Eu a vejo, agora, conduzida, á força, para um campo santo, onde se eleva enorme Cruzeiro de pedra... Que será isto?!... Estarei acaso louco!... Trabalheemos, que a noite vai adeantada... (Dispõe-se para escrever, fôlhando por vezes os livros que tem ao alcance da mão.) Não!... (Arguendo-se brusco.) Ella se acha realmente n'uma turma de possessos... Parecem satyros!... Mas, como pôde Victorina alli estar?!... Arrastam-na agora em direcção a uma louca... Eu enlouquengo! (Corre á janella e força as venezianas, que se escancararam de par em par. Ouve, apparentemente tranquillo, bater meia-noite, na torre da igreja mais proxima, contando-lhe, em voz alta, as pancadas.) Meia-noite. O ar frio fez-me bem... Em meo cerebro, as chiméras se dissipam. O thema que escolhi para dissertação de minha these fatiga-me, excitando todo meo systema nervoso. Ha de ser isso que assim me abala, fazendo-me enxergar cousas impensadas. (Senta-se de novo, proseguindo na tarefa. Instantes depois, ergue-se arrebatadamente.) O phenomeno persiste! Victorina se apresenta, outra vez, aos meos olhos, como uma realidade, dominando meo pensamento... Acompanhémol-a. Impossivel! A febre do cansaço é a causa do que observo. Deve ser isso. Entretanto, por mais que afaste essa idéa, assisto, n'este momento, a horrivel espectáculo... Entre centenas, entre milhares de lousas, distinguo vultos pretos que, em desenfreada orgia, se entregam a excessos de todo o genero... Qual a origem de tão repetidas hallucinações?... Não me preoccupa com desregramentos que, porventura, possam produzir taes manifestações psychicas... Não obstante, continuo a vér-a... Ella alli está... completamente nua... de braços sobre

um marmore branco, tão alvo como seu jaspeado corpo!... E elles, — que fazem elles? — Estenderam na lousa um lençol, e — á cabeceira — collocaram uma cruz de um ebano, tendo abaixo um missal inventido... Agora... agora... um padre!... Um sacerdote!... (Soltando um grito:) Ah, en o adivinho... Celebra-se talvez a piangida missa negra; (Passando a mão pela fronte, na reacção da amissia e do estupor:) mas, Victorina não pode alli achar-se... Calma... calma... Longe de mim essas idéas... (Suspira profundamente:) A noite vaee fechada e silenciosa... Tudo, tudo, desapareceu... Trabalhémos... (Voltando á mesa:) Trabalhémos, pois.

SCENA IX

A' direita, VICTORINA, abatida pelo cansaço, deixa de cozer, apóitando a fronte na mão. SIMPLICIANA, OLGA e os RESTANTES apparecem no fôndo, sem ser percebidas. JORGE, á esquerda.

SIMPLICIANA, em voz baixa, a Olga: — (Devagarinho... Ella sciama.)

OLGA, reparando em termo: — (Que miseria!)

SIMPLICIANA, respondendo-lhe: — (Si aquella emperada assim o quer...)

OLGA: — (Dir-se-hia o antro de uma fera!)

VICTORINA, erguendo a cabeça: — Pareceu-me ouvir passadas... Vêm talvez buscar a badina do Capellão, que eu trouxe para concertar. Não pude... não pude acabar... Esta pertinaz dor de cabeça... Aos desgraçados, nem mesmo sobra tempo para carpir suas mágoas.

SIMPLICIANA, á Olga: — (Converse lá com ella... Veja si consegue convencê-la... Pico á espera, da parte de fóra, com a alegre rapaziada...)

(Vae-se, deixando-as juntas.)

SCENA X

VICTORINA e OLGA, á direita; JORGE, á esquerda.

VICTORINA, subindo, com uma vela de cébo accesa: — Uma, rica senhora!... E tão tarde da noite!...

OLGA: — Não me reconheces então?!

VICTORINA: — Olga!!

OLGA: — Iludiram-te as apparencias...

VICTORINA: — Hoje, como d'antes, minha opinião é a mesma: considero-te uma infeliz.

OLGA: — Sciênte d'isso hesitei muito em procurar-te. Quando me julgavas, eras sempre severa.

VICTORINA: — Injusta, é que nunca.

OLGA: — Mas, só depois de havermos muito soffrido, nos podemos arvorar em juizes dos outros.

VICTORINA: — Quanto a padecimentos physicos, conceder-me has certamente a supremacia. Sofrer é o meo unico bem, o meo unico consólio. Si te comprehendes feliz, socega, socega, minha irmã, não serei eu quem vá inquietar-te. Não quero que te compadeças de mim, e menos aiada — que te esforces em suavisar-me a sorte.

OLGA: — Disputámos, entre nós ambas, os soffrimentos, do mesmo modo que, outras irmãs, as alegrias.

VICTORINA: — Pensas, talvez, Olga, que todos quantos vivem na penuria poderiam ser compensados com os gozos, que o dinheiro proporciona? Ignoras, por certo, que, chagas existem, tão fétidas, que nem mesmo podem desodorar-se as os velludos e as sedas. O contraste da riqueza moral com a miseria moral, é muito difficil de definir. Demais, soffrimentos ha que não conheceas, nem conhecerás, porque não se encontram na vereda sceptica que trilhas.

OLGA: — Teo pensar é egoista. Prende-se á tua timidez, ao teo retraimento; enquanto que as minhas mágoas são mais ruidosas, mais espectaculosas talvez, porém — em todo caso — mais leves de supportar, por vulgares, por humanas.

VICTORINA: — E que as tuas não passam de simples revoltas contra caprichos, não satisfeitos, de pequenas crises da vaidade irritada.

OLGA: — Claudica-te o bom senso. Em tua feroz virtude, apenas toleras a vida calma, isenta de accidentes; enquanto que a existencia, para muitos, e entre muitos, constitue o grande encanto do altruísmo.

VICTORINA: — Como pôdest tu encobrir com palavras vãs actos reconhecidamente reles, e condemnados pela moral de todos os tempos!...

OLGA: — Iludes-te. Eu falo conforme a sã razão, a unica que deve dirigir as opiniões; enquanto que tu vi-ves miseravelmente, jungida ás convensões aos preconceitos, acanhados e mesquinhos para o tempo que corre, e que serão fatalmente esmagados pelo progresso.

VICTORINA: — Não. Entupada entre estas paredes, tristes, mudas, enegrecidas, nada vejo, não sei o que se passa lá fóra, e mesmo desejo ignoral-o. Espero a morte no cumprimento do dever, no exercicio da virtude, e espero-a resignada, feliz. Vês aquellas mortalhas? Tantas são ellas, quantas as cóvas que se hão de abrir; e tantas são cóvas, quantas as creaturas que ter-se-hão desprendido do mundo, n'elle deixando todas as suas illusões, todas as suas esperanças. E si, em alguma d'ellas, algrem honve que refugion-se de vergonha, com escala pelas bodegas...

OLGA, sentimentalizada: — Por que m'o lembras!...

VICTORINA: — Outra cóva sorverá uma desventurada que, mais resoluta que tu, definhará no trabalho, porém inquebrantavel.

OLGA: — Não, minha irmã, — não acabarás assim: deixar-te has persuadir, sób pena de cahires vencida n'essa lucta, mais do que ingloria, tyrannica.

VICTORINA: — Outras cóvas ainda engolirão, em seu seio, miseras raparigas, out'ora cobichadas que molestias deprimentes, ou impudendas, levaram, por hospitaes, e lá succumbiram, esquecidas, repellidas, abandonadas de todos. Essas, entretanto, nem sempre sabem como entraram, não raro o escarpélo da sciencia as retalha nas disseccões; e, n'este caso, aquelles negros saccoes apenas transportarão os destroyos de uma plastica que desapareceu.

OLGA: — Sinistros pensamentos povdam-te o espirito. Que funebres quadros penduram-se aos teos olhos!

E atravez essas visões enxergas sempre um futuro com as mais negras córes!... Dir-se-hia até que, propositalmente, as provocas para atterronisar-me. Mas, fica sabendo, n'essa obstinada, diagnostico grave e definida molestia.

Si assim não fóra, procurariaa remédio nas distrações, nas folias. Repelles os homens; não obstante, elles são uns brutos como quaesquer outros: o macaco, por exemplo; e, para a mulher, fica tu sabendo, si o macaco tivesse dinheiro para dar-lhe, si pudesse presentear-a com vestidos, sapatinhos, joias, canarotes, e fofou para correr nas Avenidas, ella o preferiria aos mais gentis pretendentes. Este conceito é mais commum na vida pratica, do que podes suppr. Confirma-to uma estroina, que lida com esses indignos a cada passo. Pois bem: as leis naturaes, que os regem, são as mesmas que regem as mulheres. Por que, pois, para o sexo mais fragil, essas leis hão de ser mais tyrannicas, que para o sexo mais forte?

Por que esse despotismo para annullal-o?

Nas cousas mais insignificantes a sociedade crea difficuldades, que obrigam, um e outro, a uma lucta perenne contra preconceitos, que mais não são do que necessidades physiologicas. O amor, o proprio amor, o primeiro de todos os dons celestes, o primeiro de todos os presentes divinos, a maior, a mais sublime consolação n'este mundo, em vez de nos entregarmos bestialmente a elle — tal qual nól-o manda a natureza, a decantada com-munhão social empenha-se em difficulal-o, preceden-

do, até de cerimônias e fórmulas que, retardando o fruímento do gozo, trazem o fastio, o arrependimento dos noivos. E d'ahi, para obstar-o, esse acervo de exigências; d'ahi também esse ridículo *in folio* de leis, cada qual mais abstrusa, arbitraria e idiota, para reprimir a prostituição e favorecer o casamento, como si a prática do amor não fosse tão immoral entre dous, como entre duas duzias... ou uma groza. A educação, a instrução, a moral, — oh, a famigerada moral! — a clausura, a distancia dos sexos, a maledicencia e a intriga, eis as inimigas capitães das ligações livres. E, como si não fôra isso bastante, as exigências do matrimonio, com todas essas custosas formalidades na Pretoria, e na Igreja, registros, escripturas, licenças, proclamas, espórtulas, *coupés*, *bouquets* e grimaldas, vestidos de cauda, véos de escomilha e flores de laranjeira... E todo esse aparato de apothéose theatraal, que todos apreciam, todo esse alarma, a que acodem até meninas precoces, tudo isso realizado com assentimento dos paes, convertidos d'est'arte nos mais repellentes intermediarios de conclusões equivocadas, me parecendo tudo isto, no complexo, o que ha de mais indecente, de mais offensivo aos costumes e ao pudôr, do que a ligação momentanea e occulta de dous jovens, que se abraçam na solidão... ás escuras. Si ora accrescentarmos a indissolubilidade do sacramento matrimonial, essa injuria á dignidade humana, e as exclusões sociaes de que cercam o adulterio, os doéstos e reprobações com que recebem a ardente mulher que tropega, tereamos o quadro completo das mentiras, das ciladas armadas ao livre amor. Finalmente, para cúmulo de opprobrio, rematam essa obra-prima o celibato monastico e os votos religiosos, como si elles não fôsem outros tantos incentivos para o peccado carnal, como si não fôsem os claustros outros tantos focos de infrene libertinagem.

VICTORINA. — Deus meu! A que grão de perversão moral chegaste, minha irmã! Como se pôde tão cynica e depravadamente julgar dos sentimentos mais dignos do coração humano?! Infeliz! Não tendo mais palavras para te aconselhar, apenas lastimo-te, porque, com semelhante pensar, serás a ultima das desgraçadas.

OLGA. — Bem pôde ser; mas, de uma outra classe, e bem diversa da tua. Pensas acaso que tenho a alma fechada ás paixões por condemnar o amor manietado, porque bato-me pelas ligações espontaneas e livres, mesmo na solidão da clausura?

Como te enganas!... O que me impaciente, o que me inquieta, principalmente, é o teu penar lento, e — quanto mais o prolongas — mais me exaspero, e arremetto contra todos, e me sublevo contra mim mesma. Impellido então por uma furia irresistivel, entrego-me, para viingar-me, aos mais condemnaveis excessos, e rolando de abysmo em abysmo, desço, é certo, cada vez mais no conceito público, no desprezo social, mas prelibo no lamagal minha represalia, fazendo dia a dia incautas victimas, que aaremesso, como uma cusparada, ás faces d'aquelles que, alevosos sectarios das liberdades sociaes, negam á mulher a posse incondicional de seu proprio corpo e o desbarato do seu pudôr, propriedades tão naturais e legitimas como quaesquer outras.

VICTORINA. — Desequilibrada, que és!

OLGA. — Eis o inferno em que me estontego; n'elle, porém, ha maior somma de gozos, que no céu do teu mysticismo. Mas, não persistirás n'isso. Vem commigo, en t'o ordeno. E' tempo de en reagir contra tua obstinação. Continuarás casta, si assim o entenderes, — alenta,

porém, teu espirito, dando-lhe sensações novas, que minorem, ao menos, as angustias d'esse suicidio inglorio. Viverás junto a mim, serei contigo affectuosa, meiga, e quando pranteares, no silencio, lembrando-te de...

VICTORINA, sorrindo: — Desfeitas illusões!...

OLGA. — ... em vez de beijares sedenta, como até agora, o alvo travesseiro, serás sobre meu peito, sobre o coração de tua irmã, que descansará a cabeça enfebrecida... E, — quem saba! — talvez um dia, — ou uma noite, — por um desses raros milagres, alguém...

VICTORINA, sorrindo: — Acaba...

OLGA. — O teu querido Jorge...

VICTORINA. — Jorge!...

OLGA. — ... que não te esqueço um momento, que ancioso te espera...

VICTORINA. — Onde!...

OLGA. — ... para acariciar-te ardôroso... para oscular-te em affectivo transporte...

VICTORINA, crescendo esguia, olhos brilhantes de luxuria, labios entreabertos pelo sorriso, grita decidindo-se: — Sigamos. (Lança-se nos braços da irmã.)

OLGA, triumphante: — Venci, afinal!

VICTORINA, recuando: — Que disseste?

OLGA. — Salvei-te, chamando á razão uma pobre louca.

VICTORINA, arripiada e hirta: — Eu, louca?! (Fica perplexa.)

OLGA, indo pressurosa á porta: — Cheguem todos... (Os pandegos entornam-se no palco com o maior atropellamento. Até então embuçada em ampla capa, deixa-a cair, apparecendo mephistophelemmente vestida, costume esse com o qual, horas antes, se havia exhibido no Cassino.) E eis, em uniforme symbolico, o desejado Lucifer.

LUIZ, fitando Victorina: — Bella, — oh, bella! — deve ser a cruenta offerenda!...

COMMENDADOR, áparteando-o: — (Sim; mas, d'esta feita, não me deixarei engazupar...) (A Simpliciana, em particular:) (Abre o olho com estes peraltas... E, vigiância, — heim! — para que os porcos não me deem na horta! Para isso pago-te com o meo dinheiro.)

SIMPLICIANA, retorquindo-lhe: — (Tomo-os á minha conta... Não lhe dê cuidado...) Ella não nos escapará...)

LUIZ, passando em revista o aposento: — Tudo ao pintar da funca... (Indicando-as:) Mortalhas a grané!...

MAURICIO. — Um habito de frade...

ALFREDO. — Uma sobrepeliz...

COMMENDADOR. — E, para rematar o inventario, um taboleiro de bicos de tocha...

MAURICIO. — A pseudo-irmã parece que era ama de leite de algum vigario de boa vida... Mudou a sacerdotia para esta posilha...

LUIZ. — Não perçamos tempo... Toca a vestir e... ao cemiterio! ao cemiterio! (Confusão e apodamento. O Commendador reveste o habito do capello, — Simpliciana, a batina e a sobrepeliz de acolyto, — e os estudantes e os congonetistas, de afogadinho, enflam-se nas mortalhas, accendendo os bicos de vela, que craxam nas ponteiras das bengalas. Victorina conserva-se estatica, a um angulo da scena, olhos no céu, mãos cruzadas ao peito.)

E' enquanto aquelles se preparam, Jorge, que se mantivera, na divisão á esquerda, com a cabeça mergulhada entre os braços, ergue-se telepathico; e batendo violento com os dous punhos fechados sobre a mesa, abre a gaveta, toma de um revólver, e salta precipitadamente, bradando simultaneo com os de mais:)

TODOS. — Ao cemiterio!

TERCEIRO ACTO

Cemitério de S. Francisco Xavier, no Cajá

*Sepulturas em fileiras, formando quadras, que se destacam, umas, pelos monumentos, outras, pela escôlha dos adornos, e, as mais humildes, pela brancura das lousas.*

*Entre as tumbas, cypresses, casuarinas, chorões, araucarias; nos claros, adustas e colossaes mangueiras; ornando as carneiras, vasos e canteiros floridos.*

*A entrada dos enterroamentos, ouvem-se cinco badaladas, chamando os empregados a postos.*

*A pequena distancia, n'uma carneira recentemente aberta, dous coveiros entornam as primeiras pás de terra sobre um caixão, arriado ao fundo.*

SCENA I

O 1.º e 2.º COVEIROS.

1.º COVEIRO, deixando a pá, cóspe nas duas mãos, e esfrega-as; e, para descançar, dialoga: — Este, com certeza, não come mais farinha.

2.º COVEIRO. — Não obstante, sómos nós que lhe prestámos este ultimo serviço.

1.º COVEIRO. — O ultimo e o melhor.

2.º COVEIRO. — De que lhe servio tanto dinbeiro, si espichou a canella como qualquer pobretão, e d'aqui a pouco o entupiremos de terra!...

2.º COVEIRO, com mysterio: — Dizem á bôcca pequena que fôra um ladrão de marca maior.

1.º COVEIRO. — Começou como engraxador, passou a cambista de theatro, a banqueiro de bicho, abrindo afinal uma casa de penhões, onde se deixava couro e cabello. E assim accumulou, em usuras, uma moeda de quinhentos contos.

2.º COVEIRO. — Devéras!

1.º COVEIRO. — Foi o que me contou, alli, o Chico do Kiosque. Mas, não é esta a occasião de apurar as miserias do proximo; o real é que *lurou* muito n'este Rio de Janeiro... Andava de carro... Usava sobrecaçaca... e chapéo alto... luvas, — ollha: — luvas!

1.º COVEIRO. — Qual o que!

2.º COVEIRO. — Sim, senhor... Luvas, nas mãos! E veio para cá de tamancos nos pés.

1.º COVEIRO. — Mas, isso não quer dizer nada, porque aqui casou-se, e foi muito bom chefe de familia.

2.º COVEIRO. — Varro essa! Pois si até esbordoava a mulher...

1.º COVEIRO. — Que mulher!

2.º COVEIRO. — A legitima mulher. Comprou a commenda por mais do que geralmente se os concedem, visto como, pela mesma occasião, estava sendo processado por estellionatario. Até que, n'um bello dia, entrando-lhe o estupôr no corpo, o diabo do homem abandonou a familia, e metteo-se de gôrro com uma dansarina, que o deixou sem chêta. A rapariga, entesando-o, deo com elle n'este buraco. E este falcatrueiro, que não seria capaz, hontem, de conceder-nos um punhado de terra de seus jardins, nós lhe concedemos, hoje, sete palmos bem calçados, para que não se escapula um sópro sequer d'alma de chicharro, que lhe possa ter restado.

1.º COVEIRO. — Traficantes d'estes deveriam levar por cima um Desinfectorio em péso, para não pestearem o ar que respirámos. (*Assim conversando, começam a deitar algumas pásadas de terra sobre o feretro. Os convidados, precedidos da familia em pranto, approximam-se vagarosos para os ultimos deveres.*)

2.º COVEIRO. — Sus! os donos do defunto ahi vêm.

SCENA II

Os PRECEDENTES, a VIUVA, uma VELHA amiga da familia, o ADVOGADO do espólio, PARENTES e CONVIDADOS do entérro. Instantes de profundo silencio.

A VIUVA, ajôllhando-se á cabeceira da sepultura: — Nossa Senhora das Dôres! que será de mim! Meu excelente marido, adeus... adeus para sempre!

A VELHA, em soluços: — Console-se, D. Chiquinha... Está no mundo da verdade... E' o caminho de nós todos... Tenha coragem.

A VIUVA. — Tão bom que elle era!... Coitado!

UM DOS DO FERETRO. — Homem de bem...

OUTRO CONVIDADO. — Liso em seus negocios...

AINDA OUTRO, destacando-se do rancho: — Esmolér... bemfazêjo...

CINCO OU SEIS, a uma voz: — E' pena!... Vae fazer falta a muita gente!...

A VIUVA. — Ah, como será dôlorosa d'ora em deante a minha vida!... Como poderei viver sem elle!

A VELHA. — Tenha paciencia. Recomme-o em suas orações... (*Enxugando os olhos:*) Infeliz viuva! Como tem o coração partido de dôr!... Bem sei que não ha palavras para serenar tão fundo golpe; mas, as virtudes do fallecido o encaminharão ao reino da Gloria...

VIUVA. — Praza aos céos que, em breve, me reuna a elle... Tão terno! tão carinhoso!

A VELHA. — Tão temente a Deus!

UM CONVIDADO, áparteando-a: — (Tão manso e accomodado que, a miudo, lhe chegava religiosamente a roupa ao pélo...)

OUTRO, que o ouvio: — (E não era, certamente, pelo que eu fazia...)

OUTRO. — (Um! Já não me convém, nem mesmo com a propalada deica...) (*Separa-se dos circumstantes, e sem ser notado — desaparece.*)

OUTRO DO PRESTITO. — Perdeo-se, na verdade, uma grande alma... Todos o diziam á bôcca cheia.

OUTRO. — Não matava uma môsca...

OUTRO, áparteando-o: — (Tratando-se de môscas, bem pôde ser; mas, quando tomava o freio nos dentes, a bordêira nos caixeiros sahia cousa limpa...)

A VELHA. — Mas, é assim mesmo: os bons morrem, — os ruins cá ficam.

UM DO PRESTITO, consigo mesmo: — (De minha parte, muito obrigado pelo comprimento.)

A VELHA. — Não é que me prestasse o minimo auxilio; a contrario, pedi-lhe uma feita insignificante carta de fiança, e recusou-m'a.

VIUVA. — Releve-lhe isso, D. Maria... Perdôe-o á su'alma, que não fez por mesquinho; tinha até as mãos furadas.

O ADVOGADO DO ESPÓLIO, dirigindo-se á Viuva: — V. Ex. não leve a mal interromper suas expansões de dôr, lembrando-lhe, n'este momento afflictivo, negocios que muito a interessam, e que me estão confiados pelos honradissimos testamenteiros do finado.

A VIUVA, em chôrro: — Ah, senhor doutor advogado... Eu sei! eu bem sei!

O ADVOGADO, proseguindo: — V. Ex. tem direitos a salvaguardar, e não me parece razoavel entregar-se assim a tamanha desolacão. Pondero-lhe, principalmente, a enorme responsabilidade do presente e do futuro dos innocentes orphãos.

UM DO PRESTITO, consigo: — (Ha orphãos!... Um!

Já não me cheira... E eu que pretendia pedil-a logo ao setimo dia... Livra!...) (*Sabe pesadão, de guarda-sol aberto.*)

A VIUVA, banhada em lágrimas: — Cinco desprotegidos, orotuninbas.

OUTRO CONVIVADO, *á parte*: — (Quasi meia duzia!... Um! Nem que fosse a costella do Machado sujo!) (*De banda a seu turno.*)

A VIUVA, *tragicamente*: — E' o melhor thesouro que me fica d'este a quem Deus chamou...

OUTRO CONVIVADO, *consigo*: — (Não é de mais, pois, ao que consta, nem todos têm o mesmo paé; como, porém, existe um fundo de quatrocentos contos, ha de apparecer editor para essas obras e para as que porventura venham á lume.) (*Escapa-se disfarçadamente.*)

OUTRO CONVIVADO: — (Ah, é isso? Pois assim, nem péssada a oiro.) (*Abre o chumbre.*)

O ADVOGADO: — Pertencemos, como V. Ex. sabe, áquelles que nos são caras... Por mais penosa que nos seja a existencia, devémos soffrê-la pelos que nos cercam...

A VIUVA: — Isso é verdade, doutor; mas, sem os que mais prezamos, a vida é o peor dos fardos...

O ADVOGADO: — Momento, quando se tem a infelicidade de contar, em o numero de cinco filhos, um idiota.

UM CONVIVADO: — (Por cima de tudo, um imbecil?!... Arreda! Por cousa nenhuma...) (*Retira-se resmungando.*)

O ADVOGADO, *prosequindo*: — E a caçula, puxa de uma pena.

OUTRO CONVIVADO: — (Caspite! Perneta?!... E' uma progenitura de estropiados... Varro! não me convém.) (*Dá meia-volta.*)

O ADVOGADO: — E a acreditar no que, na intimidade, me confiava seu cuidadoso marido, V. Ex. mesma andava sempre em uso de medicamentos...

A VIUVA: — Não o nego, — é a verdade. (*Tossindo affectadamente.*) Sou muito fraquinha dos pulmões...

OUTRO CONVIVADO: — (Affirma-o?!... Logo, a térça não chegará nem mesmo para os medicos e para a botica...) (*Vae-se disfarçadamente.*)

O ADVOGADO: — Eu admiro tanto mais a grandêza de su'alma, quanto, no testamento, ha...

A VIUVA: — Não tratemos d'isso, por emquanto... Si meo marido me constituiu sua universal herdeira,

não foi por não ter um coração magnânimo... Longe d'isso, era até umas mãos abentadas para a pobreza envergonhada.

O ADVOGADO: — Mas, é que se encontrou, em appenso, um codicillo, que a prejudica devéras... Eis por que, ainda ha pouco, V. Ex. ouviu de meus labios phrases de admiração pelas suas perennes lagrimas.

VIUVA: — Um codicillo? Explique-se, doutor.

O ADVOGADO: — E, n'elle, seu marido dispõe livremente da térça.

A VIUVA, *fulminada*: — E' possível!

O ADVOGADO: — Em beneficio de uma filha natural...

A VIUVA: — Comprehendo agora V. S. me desculpe, — e eu não me importo que este cachorro me esteja ouvindo lá do fundo da sepultura, — mas semelhante disposição é a mais revoltante das espoliações... Essa lambisgola nunca passou de uma assanhada de força: tangi-a de casa, aos pescoções, por tê-la encontrado dando confianças ao entregador do pão... Protesto, pois, a pés juntos, contra o immarecido codicillo.

O ADVOGADO: — V. Ex. bem pôde ter razão; mas, elle figurará legalmente annexo ao inventario, e não ha fungar.

A VIUVA, *desesperando-se, ameaçadora*: — Que canalha!

O ADVOGADO: — Legou ainda avultadas quantias a varias instituições piás...

A VIUVA: — Não me conformo...

O ADVOGADO: — E outras verbas, que a assoberbano, certamente, com os maiores embarazos.

VIUVA, *exasperando-se*: — Não aceito, — não quero! não quero! (*Ameaçando o defuncto, do alto da sepultura.*)

Ordinario ADVOGADO.

O ADVOGADO: — E' o codicillo.

VIUVA, *exaltando-se*: — Qual codicillo, qual nada! Ainda que lhe péze, doutor, em seu caracter de advogado, nenhuma importancia junto a tão extemporaneo appendice. Não se esbulham, assim triste viuva, e innocentes orphãos, para locupletar, sem mais, nem meenos, a qualquer birama (*O Advogado contrafaz um movimento.*), para indevidamente aquilhoar, a torto e a direito, a uns coios de madraços...

O ADVOGADO: — Consignou, ainda, diversas esmólas a viúvas bem comportadas...

A VIUVA, *desorientada*: — Viúvas bem comportadas? V. S. já viu, em alguma parte do mundo, viúvas bem comportadas? Pelo que oigo, parece-me haver mais exêrtos no tal codicillo, do que disposições no testamento. Este perculario devia já estar amollecido da cabeça quando dictou as clausulas d'este escandaloso appendice, que, em justa razão, pôde ser annullado.

O ADVOGADO: — Os testamentos não raro abrem brécha á nullidade, — mas, nem por isso se pôde contar com o ganho de causa, principalmente quando...

A VIUVA: — Quando, o que?

O ADVOGADO: — ... o testador especialisa avultada quantia para as despesas de Cartorio, e reservas imprevisitas contra reclamações de terceiros.

A VIUVA: — Que me diz? Fechou-me então todas as sahidas? Deixou-me a pão e laranja, o canalha!... Eu já não me importava que elle tivesse amantes, porque, si elle as tinha, eu tambem...

OS CIRCUMSTANCIAS: — Oh!!!

VIUVA, *emendando-se*: — Em todo caso, Dr., podemos, mediante accordo... (*Travalle do braço; e afastam-se, chegando, e na maior cordialidade, roçando-lhe ella os labios nas faces, e cochichando termas cousas que se não edictam.*)

### SCENA III

Os PRECEDENTES, menos os que successivamente se foram

O PENULTIMO CONVIVADO, *ao ultimo*: — Então, Juquilha? Em pouco a titia matou as saudades do defuncto!...

O ULTIMO CONVIVADO: — Não ha melhor-lenço, Jo-joca, para enxugar as lagrimas das viúvas choronas, do que o alvo papel de um burlado testamento. Mas, é bem feito que lhe sabbise o taunfo ás véssas, porque só assim não seramos os unicos a rogar pragas a este sovina de uma figa por não nos haver contemplado, a ti, e a mim, seus unicos e legitimos sobrinhos, em suas ultimas disposições. (*Cobre-se irreverente, e dispara assomado, depois de ter atirado, na côva, a ponta do cigarro.*) Toma lá.

O SOLITARIO CONVIVADO, *imitando-o*: — Até na hora da monte mostron o que era... Puh!... Efil-o meu compadre duas vezes, esperando que não esquecesse os afilhados... Puh! (*Cóspe-lhe na côva.*)

### SCENA IV

Os doze COVELROS

1º COVELRO: — Que te dizia eu ha pouco! O exquisto sempre deixou de seu... Mas, n'este mundo, não se pôde ser bom para todos... Como distribuiu parte dos haveres pelos necessitados, eil-os que escocceiam contra sua memoria.

O 2º COVELRO: — Si assim não tivesse praticado, elle estaria, n'este momento, dando contas a Deus...

AMBOS: — Supateemos, pois, com gana, sobre a terra fôla que comerá os restos d'este pobre diabo. (*Executam.*)



SCENA V

LUIZ, o FEITOR e Rondantes

*Estão tocando. Quem se sente badalada, signal de fechar o cemiterio. De diversos pontos avistam-se, e se encaminham, os Rondantes, que trazem do Feitor lanternas vermelhas, e as acendem, penetrando a necropole em varios sentidos, sumindo-se afinal nas quadras mais afastadas. Silencio profundo.*

LUIZ, *apresentando-se impaciente*: — E' esta a noite, Manuel! Estãmos todos alli, ao paredão, por trás do renque de palmeiras á beira-mar.

FEITOR. — Confirimo a minha promessa; espero, porém, que não provoquem escandalo, porque não só eu perderia meu emprego, mas ainda comprometteria o Administrador, que é pessoa muito considerada. Accedo ao pedido, pois que, segundo o senhor me fez vêr, não é nem uma consa nova n'este muudo.

LUIZ. — Tivesse eu tempo, Manuel, e explicar-te-hia em que consiste a missa-negra. Entretanto, já que não posso a levantar to explicação, adeanto-te alguns mil réis... (Da-lhe os.) O Comendador será mais generoso.

FEITOR. — Assim o espero. Fui sea empregado... E que bom homem! Era um mãos abertas.

LUIZ. — Ainda bem! Quem paga o pato é elle mesmo, por ter as mãos furadas... pelos cravos da ferradura. Para principiar, já tens o sufficiente para molhar a guêla no primeiro kiosque...

FEITOR, *interrompendo-o*: — A proposito: a que horas termina a tal festa?

LUIZ. — Por que m'o perguntas?  
FEITOR. — Depois das cinco horas, não quero vi-v' alma n'este recinto... E', máis ou menos, a hora em que afraça, alli defronte, á ponte, a catraia que conduz os defunctos da Misericordia, e não faltaria mais nada do que, sem convite, esses intrusos chegarem a tempo de tomar parte na pagodeira...

LUIZ. — Não te dê cuidado... Boa noite, Manuel.

(Vae-se.)  
FEITOR. — Boa noite, meu rico senhor... (Vae-se e, com elle, a derradeira lanterna de coveiro-lhe.)

SCENA VI

JORGE; e Almas penantes

*(Adiantando-se a noite, alvas sombras povdam a Cidade da Morte, ora se baixando, ora se elevando, escondendo-se detrás dos jazigos, entrando, e sahindo, das covas, algumas, afinal, deslizando-se todas no espaço, para voltarem instantes depois á mesma lida: almas em captivo, aguardam, sofrendo, gemendo, que as peccas dos vivos as libertem d'este pensar. El' assim, supplicantes, erem á noite, pedindo que as suffraquem.)*

JORGE, *aponta ao fundo; vista-se merencório; observa; e, envolvendo-se no amplo manto, declama pausado*: — Na morte, o que mais nos impressiona e amedronta não é tanto a perda da vida, como a dúvida sobre o destino de nossa alma. El' ella existe realmente! ou tudo isto não passarã de supremo esforço da razão, que repugna acreditar, não só na miseria de nossa completa extincção, como ainda na contingencia da transformação do corpo humano em póderes vermes!... Mas, de que nos serviria a vida sem uma missão qualquer!... de que nos serviria ella si fosse esbarrar-se na metempsychose, prolongando, através milhões de existencias, sempre destruidas, personalidades que se esquecem, ou se apagam perpetuamente, e perpetuamente se acham na dura obrigação de recommear a mesma aprendizagem, de adquirir, com as mesmas difficuldades e amarguras a péada bagagem da experiencia, para, não obstante, cahir nos mesmos erros, reincidir nas mesmas culpas! Não! Si o mundo fóra obra de um Deus, seria isso

prova convincente e cabal de sua inepeia e cruêza. Assim sendo... Assim sendo, o que? — tudo isto não passaria de pura obra do Acaso que, á semelhança de qualquer kaleido-scópio, formasse, rodando, incessantes desenhos coloridos, e logo os desmanchasse, para reconstruir outros com os mesmos materiais. Tão estulto artefacto, — digam-me oher-tamente, — não honraria por certo o inventor! De qual-quer modo, o problema me parece inextricavel. E' triste o que percebo á luz do raciocinio, é a utilidade da morte; mas, admitindo de boa mente essa utilidade, repugna-me, entretanto, aceitar a necessidade da vida. E é deante d'essa nivelado fatal e inexoravel, é deante d'esses sete palmos de terra incessantemente renovados, e onde todas as grandezas, todas as aspirações, e todos os soffrimentos se vão refugiar, que eu interrogo a mim mesmo e á divindade: por que tanto afan! por que tamanha lucta! Não obstante, como todos os silenciosos poradores d'este subsólo deveriam ter saboreado a existencia! Como dese-jariam elles continuar sua peregrinação! Como evocaram, out'ora, seus titulos e brazões, appellidando-se tôlamente, cada qual, rei da Creação! Ridicula realêza, na verdade! Realêza de aeronauta, que despenca das alturas aos apupos do sol, e mergulha fundo no oceano, tendo por mortalha os fragmentos de uma machina que nunca saberá dirigir! E é aqui, n'estas alamedas da paz, onde a yermina e os vibrões repastam nas podridões dos cadáveres, ainda quentes, que se encontram as coincências mais cynicamente comicas e disparatadas. Basta, para tanto, espreiar a vista por estas portas que nos conduzem á Eternidade, para que se veri-fiquem semelhantes conceitos. Alli, por exemplo, diviso a sepultura da bella Octavia, pranteada, a um tempo, pelo marido, que lhe era mãe, ao lado da do amante, que enganava a ambos, suicidando-se elle final por insol-vavel. Para maior escandalo, para maior ironia, sepul-taram entre esses rivaes um palhaço de Circo! Que con-juncto! Que irrisorio grupo entexado n'essas poucas entidades sociais! Todas ellas destinadas a fazer rir, aquelles nos tapêtes das altôvas, e este no das barracas de feira... E agora, agora, eis-os aqui, equiparados, um á beira do outro, careteando-se mutuamente, combatendo entre si! Confesso que nada comprehendo do que se passa, não posso atinar por que artes, individuos que, mesmo n'esta mansão, deviam reconhecer-se irreconheciveis, dor-mem, entretanto, promiscuamente, na doce paz do Se-nhor!... Logo nada mais resta d'elles, porque si ainda aqui lhes restassem vestigios, odios e rancôres, ou que nos acompanham no tumulo, e que — mesmo no tumulo — os offendidos se insurgiriam para se vingarem, para se anniquilarem. Tão estranhas considerações e tão estultas tolerancias, fazem-me ardentemente desejar que a alma immorta fosse uma realidade, para que os espiritos tes-temunhassem as scenas entre aquelles que se foram, dando-me isso ensauchos para garralhar de sua involun-taria, beatifica e inesperada conciliação!...

*(Nisso, lapides se erguem de um palmo, e rugos cruecas espíam pelas aberturas, em risotas gargantescas.)*

JORGE. — Quem sois? Quem és?

O ESQUELETO DO PALHAÇO, *erguendo com o braço a tampa da sepultura*: — Causãmos-te médo! Por que?

JORGE, *laconico*: — Antes surpresa...

O ESQUELETO DO PALHAÇO. — Queres, — disseste —, saber como nos accomodãmos n'este porão mephtico?

JORGE. — *Acertaste.*

O ESQUELETO DO PALHAÇO. — Servimo nos fidalga-mente da prata de casa. E, como os sobreviventes nos atiram n'este buraco somente com a roupa do corpo, entã bolamos o nosso commercio com os trapos que tra-zemos.

JORGE. — *Explica-te.*

O ESQUELETO DO PALHAÇO. — E accrescento: vendêmos a varejo as mortaihas, os sapatos de duraque, o travesseiro de capim, os galões falsificados, e até o proprio pinho dos caixões... E, desfeito de todo o nosso funebre cabedal, jogamos fiado as corôas e os emblemas, as inscrições e os epifaphios de metal, aos rondantes d'horas mortas, que os trocam na venda mais proxima por alguns tragos de paraty.

JORGE. — Pois que! as almas tambem jogam?!...

O ESQUELETO DO PALHAÇO. — De que te admiras! Jogar é perilha do homem... E, seja como for, enquanto a terra não nos roer e ultimo óssinho, jogal-o-hêmos. O velho boticario, que habita aquella estreita retorta, ainda hontem perdeu o coccyx n'uma partida de gamão.

(*Esquélletos de oranças sahem de seus pequenos tumulos, e corôando-se de trepadeiras, que arrancam dos gradis que cercam as lousas, dão-se as mãos, e pulam e dançam.*)

O ESQUELETO DO PALHAÇO. — Vês esses anjinhos que folgam irrequietos e traquinas? Bem pôdes, por isso, ter a certeza de que instinctos ha que se perpetuam ainda depois do eclipse da morte.

JORGE. — Não te comprehendendo, confesso. Em synthese, que me asseguras d'essa existencia posthuma?

O ESQUELETO DO PALHAÇO. — Tudo que, de melhor, se pôde appeterer. N'ella, não ha cuidados, nem desgostos, nem privações; muito a contrario, frue-se perenne liberdade, a céu aberto, e existe, cá, mais igualdade, que nas utópicas republicas de lá. Não obstante, uma idéa nos assusta, nos sobressalta.

JORGE. — Qual?

O ESQUELETO DO PALHAÇO. — O receio da reencarnação.

JORGE. — Incrível! Os vivos temem-se da morte, enquanto que, tu o affirmas, os mortos temem voltar á vida!... Entre nós outros, comprehende-se: partimos para o ignorado; assim, não, com os finados, pois, conhecendo as oitias da vida, deviam ter saudades d'ella.

O ESQUELETO DO PALHAÇO. — Vae-te bugiar com as tão proclamadas venturas... Preferimos os limbos que habitámos, onde dôres e soffrimentos jámais entraram.

(*Os esquélletos silvam com os dous dedos na bôca, ensaiando colossal vaia. O CLOWN faz uma pirueta, e afunda-se no seu tumulo.*)

### SCENA VII

JORGE, só.

JORGE, raciocinando desapaetado: — Tndo que hei ouvido será a expressão da verdade? A morte será, de facto, mais excellenté que a vida?!... Não sei!... Não sei!... Mas, não distingo viv'alma! A necropole é extensa, — mais alguns passos por hi além. (*Afasta-se, a passos pausados, procurando, investigando.*)

### SCENA VIII

O ESTÚRDIO E ESTRAMBÓTICO PARRANCHO EM PROCESSO PARA O CEREMONIAL DA MISSA-NEGRA.

(Decurias, centurias, phalanges de almas em pena, em purgatorio, esvôaçam, perpassando, carpindo, por entre as fleiras de monumentos e cóvas rasas. Entretanto, os que luctam, na vida, contra o destino, contra a fortuna, contra os amigos refalsados, e contra a propria morte, si encontram, por acaso, na estrada, um'alma d'outro mundo, recuam, perturbam-se de medo.)

E si esse duende, esse forasteiro da outra margem da Eternidade, cresce-lhe no caminho, com su'alva roupagem, o horrôr augmenta, parecendo a cada hora querer impellil-o, á força, para a escura Styge.

E essas sombras penitentes, a seu turno, em vão nos estendem supplices braços, a nós, os vivos, de quem talvez

se queixem; mas, n'essa agonia perenne, tão depressa nos alcançam, como — assustadas — fogem, nos afingentando, nos assombrando.

E isso constitue, precisamente, seu eterno purgatorio de flammas, no comprehendêr dos frades da Igreja... e dos pinta-môuos dos cofres das almas suspensas ás sacristias e ás portas das vendas.

Umás, permanecem enfôrcadas á tosca cruz de esquelida tumba, provavelmente aquella que lhe devorára as ultimas podridões do corpo.

Outras, porém, de fronte pezarosa, dextra erguida, tangendo, na harpa dos ventos, notas que resôam na noite, ostentam-se de pé sobre lapides encharcadas de luar e aljofradas de prantos da solidão, em seismas profundas e quiza tormentosas: são ellas os poetas que cahiram cantando suas illusões, na febre intensa de um primeiro amor.

Algumas d'essas almas, arregalando os olhos, procuram distinguir, n'aquella tresloucada turma, um filho, um irmão, o marido, o ente, enfim, que mais caro lhes fôra na vida; mas, amargo sorriso de desengano fluctualhes nos labios ao perceberem que buscam inutilmente, voltando, umás, resignadas, ao primitivo estado de meditação e desalento, e disparando, outras, enraivecidas, aos guinchos das corujas em tumulto.

Entre essas penitentes, encontram-se todas as indoles de outr'ora, todas as primitivas vocações, todos os máos caracteres até; deparam-se mesmo, no alluvião, relapsos, gatunos, ladrões, que aguardam a occasião para introduzir as encarquilhadas mãos nos bôlso dos incautos, e sacar-lhes a carteira, o relógio, o lenço, não importa o que. E, para cumulo do risível, como esses fantasmas sabem que gozam da vantagem de não serem vistos, nem presentidos, d'isso se aproveitam, e se esforçam para melhor se collocar, afim de exercer suas subtilézas sem que nos aperecêmos do seu aconchêgo.

O mais curioso ainda é que, todos os objectos que essa tropilha de vagabundos aereos enxerga, e de que se quer apoderar, são-lhe intactáveis, apezar dos longos dedos em garra; e assim, os referidos objectos, ou outros, quando muito, apenas deslocados, conservam-se na maior parte das vezes intangíveis, impegáveis, intactos, nos seus logares; e suas mãos esguias, disformes, e rapaces, empolgando o vácuo, conseguem fazer com que um móvel, um espêlho, uma mêsá, um escriptorio, cedendo ao embate, caiam com rumor.

São esses estalidos do tecto, esse bater de portas a deshoras, a inexplicavel mudança de um objecto d'aqui para alli, que tanto nos assombram, e que as velhas conjuram, desfiando as contas do rosario, e accendendo mortíça lamparina por intenção das almas do purgatorio.

Sempre em gyro, parecem hydrophobas perseguidas por demonios em furia e horrendos. Correm, fogem, escapam-se por entre as casuarinas, para voltar vertiginosas ao mesmo ponto; cruzam-se em todos os sentidos, esbarram-se mutuamente, intercalam-se, insinuam-se por entre avalanches de vivos e mortos, como si estivessem possessas, sem nunca atinar com o que pretendem, onde estão, e para onde se dirigem.

E, n'esse afan, aquellas almas em pena, ajuntando, d'aqui, uma tibia, d'alli, um humero, d'acólá, um rachis, etc., chegam a articular completos esquélletos, que tão depressa se armam, como desarmam; ao passo que outros espectros, beirando as sepulturas, trocam, ao acaso, flôres e emblemas, parecendo assim querer nuir, na morte, seres alliados na vida.

E os vivos, que passam á distancia, descobrem-se, ajôellham-se e oram pela paz dos manes...

Esses duendes, entretanto, envôltos em alvos lençoes, chegam a assombrar-nos, chegam a exaltar nossa imaginação!...

Elles crescem, crecem esguios, e desmancham-se no ar; outros, numerosissimos, dão-se as mãos, e rodopiam dançando.

Dir-se-hia mesmo que, uns, atrahem os outros, que os conjuram para a comedia da vida, que não pôde ser o drama d'além-tumulo. E superpõem-se, môços, crianças e velhos, homens e mulheres, como espectadores em amphitheatro, interessando-se, tomando parte no que veem, no que se passa, o que — no entanto — nada mais é do que scenas passadas.

E isso comprehendem elles; e n'esses mundos silenciosos, e mundos, nos quaes só se pôdem comunicar por gestos, e só se pôdem relacionar por mimica, em tão arduo empenho produzem acênos de effeito, expressões electrizantes, movimentos e posições emocionantes. E beijam-se, abraçam-se, em turbilhão, até se desfazerem na caligem da noite. E eis como os incubas e os súcubas exercem seus voluptuosos amôres; amôres ainda não descriptos, e que bem merecem inspirado poema, digno das combinadas lyras de Petrarca e Dante.

E essas sombras, fluctuando vapôrosas, se desfazem por ultimo, quando as deusas trévas são espaucadas pelos primeiros fogôs da madrugada.

E os iniciados da missa negra apontam lá; e aquelles duendes, precipitando-se furiosos, transpôdo a necropole, abanam com as poeirentas mangas de suas mortalhas os combustôres portateis, cujos lumes esmorecem e estalam.

Onve-se, fóra, á distancia, e em canto-chão, o entôar de uma estourada *Indainha*, seguida, a cada estrophe, do ritual estribilho *Ora pro nobis*. Pouco a pouco se apercebe, por sobre o gradil, estranho pontilhado de pavios accesos de vélas prêtas feitas com a górdura das tripas de sete conegos, e dos bicos de tocha á ponteira das bengalas, e logo após, á proporção que os lumes se adeantam, vultos negros, que os aticam, agitando-os nas trévas. Subito, o côro sagrado emmudece, distinguindo-se, entretanto, o faiscar intermitente das luzes, quaes tontos pyrilampos: são os affôitos estudantes, que, transpôdo a fileira de grades, derramam-se no êrmo e silencioso cemiterio, precedidos de barbudo e almiscarado bôde prêto, cavalgado por bravo gato negro com olhos de braza, e ladeado de dous rafeiros batedôres, tendo estes, e aquelle, prêsas em gaiolas de arame, sombrias corujas, que fogem á porfia aos agudos guinchos.

Um estudante de estôla e cazula; dous, de sobrepelez prêta com lagrimas de prata; um, de caldeirinha; cinco, porta-cirios; e dous outros, finalmente, de thuribulo: fecham o tenebroso prestito, apenas interrompido por chusmas de sapos curúrús, que, enchendo de vento o papo amarello listrado de negro, coaxam a compasso, pulando, saltando.

Multidão de lobishomens, de mulas sem cabeça, de criações pagãs, remata o prestito, em berros, chifradas, coices e atôrdôante prantina.

E todos, affectando reverencia, entre timoratos e hypocritas ápartes, seguem em busca do Cruzeiro central, o emblema dominante da horrida profanação.)

(*Distingue-se, no mar, e á distancia, rubra candeia no tópo de uma véla: é a barcaça funeraria da Misericórdia que se aproxima. A monotona cantarola dos catraeiros confunde-se com a musica ruidosa e frenetica da opera de Meyerbeer e da sonata de Tartini.*)

Versão *mataôca* dos arrojados trechos latinos:

Pag. 733, columna 1ª linha 19: Figuras animadas, e completamente...

Pag. 733, columna 1ª linha 25: Descaradas sombrias perturbam, e quebram, a todo instante, o conjuncto da scena, apparecendo e desaparecendo em...

LUIZ, galgando brusco o chapim de um tumulo, alliberra imponente e rouquenco:

(Rompe a orchestra.)

(\*)

The musical score is written for voice and piano. It features 17 staves of music. The lyrics are in Portuguese and include several strophes. The score includes dynamic markings such as *pp*, *ppp*, *mf*, and *f*. There are also performance instructions like *Strophe 1* and *Strophe 2*.

(\*) Roberto o Diabo, musica de G. Meyerbeer. — Acto III, sc. VII.



Do céo outr'ora filios  
Hoje do inferno sois, —  
A' minha voz suprêma  
Ouvi, obedecêi.

Aqui, não dista muito,  
Uma virgem virá  
P'ra ser n'esta ára consagrada;  
Não valem vossas luctas,  
As seducções não valem,  
Porquanto, em lethargia, a tereis!  
P'r'o acto libertino  
Ardei, ó corações!  
Que victima, jámais,  
Tão candida e pulcherrima,  
Aqui se immolára.

BACCHANAL



(Apenas chegados, se derramam no afan. Os cocheiros e porta-cérios conservam-se no centro, junto ao Cruzeiro, onde alguns do rancho improvisam lauta mēsa sobre quatro sepulturas, tendo como tóallia as mortalhas mephiticas profana e atropeladamente despidas aos numerosos desenterrados, e, por guardanapos, os respectivos sudarios, estes já ennegrecidos dos detricios de carne pôdre, e aquelles es-correndo grumosa sanie e lividos vermes, que lhes fervi-llham nas dobras ainda ajustadas, e cahem em bôlos sobre as variadas iguarias.

Outros, que se haviam dirigido para a valla commum, voltam de lá trazendo alvacentos craneos, que lhes ser-virão de taça na funebre orgia; e tábias e humeros que, entrecruzados, accommodam á maneira de candelabros symbolicos.

Dir-se-hia, pelos funerarios aprestos, que sóará alli o despertar dos mortos no Juizo Final.)

LUIZ, *trepado a um dos angulos da mēsa, destá com voz cavernosa a EVOCACÃO do Roberto o Diabo, no que é secundado pelos companheiros, aos berros e espirros dos bôdes e aos guinchos e miados das crianças pagãs em tropêl. De repente, interrompendo-se a si mesmo, trovéja: — Vós, que aqui repousaes debaixo d'esta terra saturada das podridões de todos os morbos, levantae-vos, erguei-vos!*

(A este appêllo, badalam as campainhas, batem as matra-cas, e tocam as trombêtas.)

LUIZ, *proseguindo: — Urge, para esta solemnidade, a presença de hójudo fradalhão, de flatulenta abbadêça, de tres freiras, de uma bêsta manca e de sete dansarinas de corda bamba. (Ouvem-se, n'este momento, no espêso dos chorões, longos expreguicamentos, bocêjos prolongados, succes-sivos miados e ranger de esquelêtos que, se aprumando, sabem de sombrio recanto.) Descortino monstruoso vulto, que se adeanta. Quem será? Qual será? O frade, a freira ou o burro?*

LUIZ, *investigando: — Talvez o burro montado no frade... MAURICIO. — Ou o frade encarpitado na freira.*

(O frade se apresenta. Acha-se magro, abatido; mas, a jul-gar-se por algumas pellancas de carne macerada que lhe pendem das faces, adivinha-se que fóra, em vida, corpulento, gôrdo. O gôlbo dos olhos roda-lhe, sem parar, branco, opaco, como dois ovos cozidos, nas escalarvadas órbitas; a cada movimento mais brusco, saltam-lhe os olhos prêsos pelos nervos opticos fôrçade-mente esticados, para, acto continuo, o proprio religioso col-local-os nos espaços vastos que os abrigavam e continham; isso fazendo, o enorme rosario, que lhe pende de uma das mãos, chocalha os Padre Nosso de marfim e a cruz de metal. A car-cassa do esquelêto, ainda com as visceras em nauseabundo umal-gama, enverga farrapôso burel, guarneçido de cabecção, com largas pastas de gordura cadaverica.

O FRADE, *avancando beato, de braços cruzados: — Sa-erilegio! Profanação! Que trombêtas são estas, que es-cuto! Será acaso, este, o dia do Juizo Final, com que eu ameaçava as incorrigiveis ovêlhas nos afastados tempos do meu missionariado? Impossivel! Os mortos não resus-citam, afirma-o a sciencia. Mas, si assim é, que papel represento eu, n'este instantê, aqui comparecendo, dialo-gando, andando, qual outro Lazaro desertando do meu sepulchro? Ai de mim si fóra isso uma verdade suprêma, e — como tal — uma suprêma justiça! (Deixando pender a fronte, pulam-lhe os olhos sobre o thorax, prêsos, como d'antes, pelos nervos opticos; o frade, repôndo-os, insiste:)* Ai de mim, si assim fóra!

LUIZ, *interrogando-o ousado: — Quem tu és?*

FRADE. — Impio e perjuro monge; e, conseguinte-mente, um excommungado do claustro. E's tambem um finado, tu, que tão sobranceiramente me interpêlas!

LUIZ. — Não.

FRADE. — Não! Tanto peor. Enterraram-me vivo, talvez.

LUIZ. — És positivamente um defunto, afaço-te. Alli ficou vazia a sepultura d'onde sahiste á minha evocação. Repara, si queres, no que os leigos gravaram em tua la-pide: «Aqui jaz frei Martinho, que emprestou seu nome a uma obra immortal. Viandante, si te queres esquivar a um couce, passa-lhe na deanteira.» Nada mais.

FRADE. — N'esse caso sou um redivivo. Isso me tran-quillisa um pouco quanto a certos effeitos e determinados fins, mas não assim quanto á minha presente condição social.

LUIZ. — Por que?

FRADE. — Porque os homens são geralmente perfidos; e essa convicção me induz a suppôr que o genero hu-mano não foi inventado para discernir, para raciocinar.

LUIZ. — Explica-te. Lembro-te, entretanto, que fomos todos criados á imagem e semelhança de Deus.

FRADE. — Enganas-te. Acreditas ainda nessa carami-nhola?

LUIZ. — E tu?

FRADE. — Francamente, não. Acreditei-o nos ledos e illusorios tempos da minha puericia. Depois que co-meecei a participar do convivio dos homens, e a conhecêl-os, demasiado aprendi, e muito ponderei.

LUIZ. — Que vida levaste então?

FRADE. — A vida do sceptico. Hoje, comprehendo

que, na Biblia, só um vocabulo existe verdadeiro — o preferido pelos labios de Salomão: *Vanidade!* Tudo, no mundo, se resume n'essa palavra. Gozas, pois, a vida, desfructa-a emquanto a possuis, emquanto ella é vossa escravã: cumpre que a morte nos encontre já inanimados, já mortos. Não é pelo numero de annos que somos ajuizados, que envelhecemos, — é, sim, pelos processos empregados para fruirmos, e pela maior ou menor somma de proventos que d'elles haarmos. Raios partam as cabeças eucanecidas, balanceantes, os pensamentos tardos e reflectidos, e durante a vida só deve dominar o embasiasmo pela propria vida. Esse enthusiasmo é um dos attributos da Divindade, que longo vive em quanto prazo.

MAURICIO, interrompendo-o: — E a sciencia, frade?

FRADE. — A sciencia serve apenas para tudo compassar mathematicamente, si quizermos perder, n'essa futil operação, o nosso precioso tempo, do mesmo modo que serviria para demarcar o mundo, do Hymalaya aos Andes, do Pólo ao Equador.

LUIZ, acotendo-o: — Assim tão desabrido, se um dos nossos. Associa-te ao nosso festim: prégarás o invertido sermão da meia-noite.

FRADE. — Aceito; não obstante achal-os demasiado pedantes ridiculos.

Todos, protestando atóvrigadas: — Ridiculos, por que? Pedantes, por que?

FRADE. — Vosso programma não passa de revoltante bambuchata. Aqui, affrontaes, de certo, arraigado preconceito, — a santidade inviolavel de um mysterio e o acatamento aos tumulos e á terra do ultimo repouso! Os proprios coveiros, que, por officio, revolvem diariamente estes fedorentos entrepostos de carne humana, rir-se-hiam, vendo-os assim invadidos, profanados. Mas não resuscitei



para molestar tão grapa rapaziada, e já que, sem mais consequencia, se trata apenas de fazer alarde, frei Martinho não encontra motivo para deixar de assistir ao positimo pagode, de par, como outr'ora, com amantetica e refestelada abbadega...

BANDEIRA. — Mórmente, tendo á garupa estas agilisimas dançarinas de corda tesa.

FRADE, hypocritamente: — Amen.

LUIZ. — Que sóem as trombétas! E que surjam ao nosso encontro, das quatro bandas d'este Cemiterio, todos os poetas que cantaram, em suas lyras, o vinho, as flores e a mulher! (isto dizendo, ouve-se, de pontos multiplos, estranho arruado; e alegres esquadras reguando suas esfareladas mortallas, atropelam-se entre as cicantes casuarinas, e descem ao proscenio, frontes cingidas de louro, lyra ao alto: elles tem o cráneo livido, rugoso, calcado pelas vigílias e pelos prazeres.) Sede bem vindos, ó pressurosos socios! Aqui, a sensualidade vos aguarda! (D'entre estes, tres se distinguem e se isolam: conservam o fugaz marfilino e fúscalhes nos olhos o lume das esticallas. Envolvidos na mesma mortalla, formam, pela disposiçã, um grupo estatico, e assim atravessam o dialogo.)

UM D'ELLES. — Sômos os bardos d'as tres lyras! Ouvi. Aqui vos reunistes em nome de um credo litterario, que nos transportaria, certamente, si ainda perseverassemos nas idéias de outr'ora. A morte tudo acaba; e, realmente, antes de nós outros, os iniciadores da escola byroniana, no Brazil, morreram para o mundo, moços, — oh, bem moços ainda! — já haviamos morrido para nós mesmos. A febre, que nos devorava, não foi precisamente aquella que pôz termo á nossa existencia, — foi outro tormento mais acerbo: a desillusão, o desencanto, que só encontramos os nas benemerencias do além-tumulo. Mas, esse bem, não o conheceis, — é cedo ainda; não soffrestes bastante, sois por de mais inexperientes para apprehendê-lo; e o mal, que vos afflige, e de que simulaes tanto padecer, é uma imitação, um plágio: diversa é a occulta causa. Apparentaes o desespero de Werther, de René, de Obermann, entretanto ides mendigar vossas lagrimas a Lara, a D. Juan, ao proprio Fausto. Prosegui, si vos aprouver, e prosegui ardentes; embriagae-vos, acercae-vos de tentadoras amantes que vos extremegam, hoje, de requintes sensuaes, embora vos atraigom amanhã; conquistae a gloria; elevae a poesia; e então abrir-se-ha o véu, o tedio apoderar-se-ha de vós, e o vosso coração vê-o-nêis convertido em um buraco insondavel e escuro. As palavras dalgórosas as phrasas acariciantes, as imagens arrojadas com que, nós outros, os poetas, exornámos as elegias e as canções, não passam de insulsas mentiras, pobres recursos de que nos aproveitámos para mascarar á nossa rasão e á nossa consciencia o nada das cousas humanas. Chamem-se os nossos idéias Juliatta, Rosalina, Cleopatra, Carlota, Marília, e todas ellas seão uma, e unica, a Eva; e Eva, entidade singular, é sempre a mesma, uma transfiguração da Serpente. O vinho embebida, e a bebedice é repugnante, ignobil, — é uma intoxicação exhibitoria que nos toma, ou ridiculos, ou odiosos, pouco a pouco nos seccando os mananciaes da vida, até rojar-nos, por todo o sempre, nos golpões da morte. A mulher mente por indole, — é um animal inteiramente passivo. A historia, uma feira de interminos embustes, e jamais uma lição. Os nossos versos, um acervo de palavras ócas, póstas á margem de qualquer pretexto: méra variante de um jogo de paciencia. Por que lamuriar! Seria uma prova de fraqueza. De que nos servem os queixumes? Niaguem d'elles se compadeceria: o nosso proximo tem mais que fazer, do que occupar-se em remediar os infortunios alheios. Para que ser-se millionario? Dinheiro, para que? para o que comprar? Gloria, fama, nomeada? Outros cheios de vento, que rebentam quando n'elles nos

sentámos em cheio. As exigentes fantasias do estomago, os caprichos do appetite! Não pagam a pena, porque ás mais exquisitas iguarias succedem frequentes e incommodas azias e equivoas crosões. Só nos restaria o amôr,



vinos, eu jogava agora nas garantias do futuro. Collija-se do que venho affirmando que, na convicção de ter um dia, nas mãos, o mecanismo da vida, eu chegaria inevitavelmente a subjugar, a supplantar a morte. E fiz me médico. Oh, céus! Quantas vezes, á cabeça do moribundo, acompanhei-lhe frio e sereuo o último alento, julguei mesmo, no men desvario, apanhar-lhe a alma, aprisionar o intangível, essa poderosa alavanca da força vital, esse fio de Ariadna que devia guiar-me á lucta titanica contra a sempre victoriosa do tempo e dos homens! Quantas existencias sacrificuei! A quantas centenas de enfermos accelerei a morte! As várias idades, ambos os sexos, homens, mulheres e crianças, velhos e moços, os jovens principalmente, concorreram de muito, e todos, para esse pesado



si aquelle que mais gôzo nos proporciona não fôra precisamente o que mais dissabôres nos offerece.

**LUIZ.** — E a sabedoria!

**O ESQUELETO DE UM NONAGENARIO,** *exhibindo-se tremulo: — Chegou a minha vez, — respondo eu. (Gibso e desengonçado, penetra, a passos tardos, na estudantesca turma. Em suas órbitas de caveira, percebe-se, através dos oculos azues, que, em vida, fôra strabico. Traja folgada béca de cathedratico; e, em tôrno das vertebras cervicaes, vê-se-lhe ainda o engomado collarinho apertado pela rendilhada gravata branca de largas pontas caídas sobre o sterno.)*

**O SABICHÃO.** — A sabedoria é a ficção dos mais dignos. Eu era joven, tinha mais ou menos a vossa idade quando tentei avassallar a sciencia universal, ser quasi um deus, devassar os mysterios da creatura, profundar os arcanos da natureza. Puf! Gastava as noites no estudo, e os dias consagrava-os a rigôrosa observação, a minuciosa analyse. Illusão! Quanto mais eu proseguia, mais recuava o meu insensato objectivo, — apenas adeantava um passo, kilometros e mais kilometros se estendiam por hi a fóra. Nunca consegui tomar pé em terreno solido. Surgiam então as hypotheses, que destruíam todos os raciocínios préviamente por mim formulados; e eu caminhava, entretanto, tateante, n'um mundo de ruínas, em que os grandes edificios, ao contacto de meus dèdos, esbôravam-se em póeira: eram verdadeiros pómos do Asphaltite. Pouco, mui pouco me custára a adquirir e a accumular essa alta sciencia! Seguro de haver surpreendido os arcanos di-

tributo á sede de minha sciencia, á fraquêza de minha contingencia!... Revolvi e perscrutei, em nauseantes amphitheatros, as quentes visceras de muitos desgraçados, do mesmo modo que os antigos augures liam nas entranhas inda palpitantes de suas victimas immoladas; e para delictos, ainda fumegantes, apenas consegui, por um sorriso de compaixão divina, misericordioso olhar atirado á minha consciencia, que me accusava de frio assassino, de algôz cruento! E esse devassador e penetrante olhar assegurava-me que minhas tentativas seriam vãs; e que eu, ser contingente. Finito, que havia extorquido a Deus tantas e tantas existencias, não podia restituir-lhe, a elle, o Infinito, uma só dessas preciosas creaturas subordinadas a leis fataes, inexoraveis. De um lance, comprehendí, áfinal o senso intimo das blasphemias e das imprecacões, e o indiscutível valôr dessa scentella que, dia a dia, os mediceos disputam ao mysterio e á morte; mas, era já tarde. Então, eu nada mais tendo a expiar, seguindo

m'o bradava a consciencia, votei ao diabo o sópro de minha vida, e estrangulei-me, entorquiei-me, sem mencionar verba para indemaizar tantas vidas pilhadas pela minha falsa sapiencia ás populações credulas, como o sóito bandido sem repressão e sem policia. Meus panegyristas, meus confrades e admiradores acclamaram-me de desvañado, pusillanime, cobarde. Penso até que elles foram em demasia benevolentes para com a minha memoria, porque, á puridade, não passei, com as minhas transcendentes aspirações, de uma besta quadrada. Eis a que se reduz o saber humano! (E o encanecido sabichão deserta da roda cancanear, chacoteando mephytophelicamente, aos assobios do rapazio. E a figuração prosegue.)

LUIZ, solemne e grave: — Em definitiva, nos achámos aqui congregados. **Retumbae, trombétas! atórdôae os espargos! Batei, matracas! Guinchae, Farricocos! Manifestae vos Novissimos do homem! Esvócaae, piando, môchos, que vos aninhaes nas torres das Igrejas e nas frestas das montanhas! Vae sóar o dia do Juizo Final. Que ninguém falte á hora do julgamento!**

VOZES, que sobem aguiladas do mais fundo da valla commun: — Esperae por nós, os irresponsaveis e sanicos.

TODOS. — Os alienados!! (Comegam a desfilar, em prestito, aos quatro flancos da turma, as tresloucadas victimas dos máos destinos e das longas e penosas enfermidades que brutalizam muitos dos que as soffrem resignados e sem esperanças. Apresentam-se descrençonisados.)



Varião malvãsa (à la mance) dos ousados trechos latinos:  
Pag. 784, columna 1ª linha 8: tendo ao côllo loiras...  
Pag. 784, columna 2ª linha 9: Nos braços de agigantado...

O ORADOR de uma lazida phalange de loucos. — Sômos aquelles que, em vida, nos indigitaram como desmiolados, razão pela qual abalimos, por piraça, as carceres, comparecendo n'esta desajuizada saturnalia. Dir nos heis mais tarde, — é estudantes buntescos e canalicocraes! —

(Comegam a evolucionar, dando cabriolas, batendo com os calcanhezes, dezenas de carcassas desordenizadas, tendo apenas, agalido do attas, espetada, brucolante vela de cêbo. Os estudantes, recuando em anplausos, ussilem desassombrados áquelle extravagante ballôto macabro.)

TODOS. — Bravo!

O ORADOR dos alienados, rodopiando, pára subitaneo: — Permittam-me uma objeção. Não obstante toda esta bizarria, não vos parece haver, em o nosso resurgimento, um quil de obscuro e divino? Notae bem que é um delirante epileptico que vos arenga. Si a materia, segundo pensae, e conforme se diz, fôsse inerte e bruta, como explicar o havermos abandonado nossos jazigos para tão promptamente acudir ao vosso conjuro? Desprovidos de miolos, a propalada sede d'isso que por ahí chamaes razão, si a razão reside na materia bruta e inerte, como poderíamos, nós, os loucos, obedecer á vontade, deliberando, resolvendo, nós, cuja massa encephalica mais não era do que meio kilo de enxundia de gallinha? (Este argumento é interrompido por heracitilas e aristophanicas gargalhadas subterraneas, resbando de baixo da mêsá do sacrificio. As alvadias mortaldas, que cobriam a áua, suspensas apenas por uma das pontas, mostra, pelo dentado e frangeo alinhavo, uma caveira fossil em Pão de Açucar, flamejando-lhe na frente caracteres algebricos, que alguns estudantes, mais investigadores, se esforçam por decifrar, dando um, ou outro, interpretações mais ou menos abstrusas.)





*Dentro d'esse afunilado cranio, que devêra ter pertencido a um individuo desmesuradamente cabecudo e de membros accebradamente esguios e atrophiados, phosphorêa bem traçada X. — a incognita!*

O ESQUELETO DO MATHEMATICO. — Eis-me. Vós outros tripudiais irrequietos por sobre o meu pobre senso commun, e ainda vos admiraes de que, interessado, eu me antecipe, reclamando o meu direito nesta festa, e, ao mesmo tempo, uma forquilha para espêtar o tostado suino que appetitôso me provoca. Dissertaveis, aprofundados, sobre a inercia da materia ... Antidiluviano thema! Aceitaeis isso que, por ahi além, e por ahi algures, se comprehende e define como força e materia? Concentrae por um instante vosso espirito ... e reflecti. A materia, si materia existisse, seria regida por inherentes leis, e essas leis seriam sabiamente logicas, eternamente invariaveis; si assim fôra, não haveria equilibrio possivel: o que valeria por afirmar a inexistencia da materia. Parece-me de sobra criterioso este meu raciocinio. Admittidas as respectivas inducções, por que então loucos? por que os ha, e tantos, tantos, e em tão crescido numero, que se tornam necessarias enormes gaiolas de ferro para contê-los? Os loucos possuem miólos, que são materia; mas, não têm o uso da razão, que é espirito. A razão não está, pois, algemada á materia, — será o que quizerdes, fôsse materia. Estâmos de accordo! Si o pensamento fôsse materia, como poderia elle coordenar, ponderar, medir, criticar, analysar a si proprio? Do nada, não vem nada, —



nada, não vem do nada. A materia se vos afigura um côrpo, um objecto qualquer; mas, como poderiéis concebê-lo, si elle não fôsse materia sinão pela força da vossa imaginação, que não é materia, do vosso espirito, que não é materia, que é nada; é, pois, provavel, e está mesmo assentado, que, como de nada só se pôde extrahir nada, esse supposto objecto nada é. Vêde agora até onde pôdem estender-se as vossas conclusões. O espirito, bem como o pensamento, nada é, — nada são. A materia tambem nada é, como deixei provado. Só resta, portanto, nada, tres vezes nada, noveis fóra nada, percebidos atravez de vossa imaginação, que é nada, por esforço do proprio nada. Até mesmo nós outros nada somos, porque, si fôssemos alguma cousa, seriamos materia, e acabâmos de vêr que a materia é nada. Tudo o que venho afirmando se me afigura de uma logica irrefutavel...

LUIZ. — Inconcuissa...

MAURICIO, emendando: — Feroz!

O ESQUELETO DO MATHEMATICO. — Sendo assim, espero que me tenhaes plenamente comprehendido...

MEIRELLES. — Varro essa: ficâmos todos a nadar em nada.

O ESQUELETO DO MATHEMATICO. — Nesse caso proprio. Uma das propriedades da materia é ser limitada, é ter uma fôrma; ora, não ha compendiographo algum, por mais atrazado, que não despose a idéa do infinito, afirmando que o Universo é illimitado, incircumscripito, indefinito. São precisamente estas as propriedades oppostas ás da materia; são, como por si se deprehende, attributos do nada. Ora, muito bem: qual o ultimo algarismo? Si fôrdes capaz de concebê-lo, poderiéis infinitamente accrescentar-lhe uma unidade, duas unidades, triplicado-o, quadruplicado-o, centuplicado-o. Pois bem: não será ainda o ultimo. Os numeros comecam por um zero, que é nada, e se prolongam indefinidamente nestes dois sentidos  $+1-1$ , e isso, como eu disse, até o infinito, intangivel, incomensuravel, innumeravel; que é justamente o zero: elle se deriva, pois, do nada, e, bem como nós outros, volta ao nada. Não é por mero symbolismo que as Escripturas Sagradas rezam que Deus tirou o mundo do nada; não, senhores. Ora, si nessa occasião Deus era tudo, e tudo era Deus, aquelle Deus, que lá estava no vácuo, outra cousa não era sinão o proprio nada; e como nada é nada, Deus é um sophisma, Deus não é cousa alguma, é zero, é nada. Ora, como nada se tira de nada, o mundo, sahindo do nada, nada é; assim como nada sômos eu, tu, vós, elle, elles, o mundo, tudo, e o proprio Creador. Boas noites, meus destemidos pandegos. (*Risca um phosphoro, accende um cigarro e puaa duas fumaças. Acto continuo, abre os braços, cruza-os e enfia-se pela dobra da mortalha, por onde surgira, esquecendo-se cá fóra da cartola de chaminé e do bengalão. Desapparecido, cruzam-se as seguintes conjecturas:*)

MAURICIO. — Um descendente de Socrates, certamente.

LUIZ. — Bem se vê, Mauricio, que cursaste a aula de historia depois de ter vendido os compendios aos sebos da rua do Parto... E Pythagoras.

MEIRELLES. — E' antes o sophista Pyrrhon.

BANDEIRA. — Perdão: n'aquelle tempo ainda não se fumavam cigarrilhos em piteiras de ambar...

AURELIO. — Jonathas Smith, de preferencia.

MELLO. — Descartes se dissera.

LUIZ, interrompendo-os: — Nem este, nem aquelle, nem aquell'outro... (*Exhibindo a ruça, sebenta e amarrotada catimplora, enfiada no encaroçado e tortuoso petropolis:*) Pura é simplesmente um modesto repetidor de mathematica! (*Enquanto os estudantes procuram sustentar suas opiniões pessoais, o esquélêto-calhedratico, suspendendo o beiral da lóalha, deita a cabeça de fóra e intervém mofador:*)

O ESQUELETO DO PEDAGOGO. — Não mais tratos á bola, — sou nada, zero, um X, — a incognita! Eis o que

son. (*Some-se, arrebatando pittorescamente a Luiz o chapéu e a bengala.*)

LUIZ. — Azoinae, trombetas!

UM ALMA PENADA, *interrompendo-o*: — Esperem lá, seus patuscos! Vocês não contam connosco, as almas errantes! Não somos solicitadas; e por que?! E falta de consideração, porquanto, nós outras, estamos em os nossos lares, e vocês deviam, ao menos, ter a gentileza de nos pedir consentimento...

OUTRO FANTASMA, *espreguicando-se*: — E eu que cansado de vagar, me encostára áquelle cypreste... Por que assim me despertaes, si me não expedistes convite especial?

UM DUENDE. — E eu que fui, em vida, o frade mais estradeiro do meu convento, hei de agora assistir, chupando no dedo, a essa folgazã consodada!...

LUIZ. — Distinguis acaso parente, ou adherente, em a nossa phalange?

UM LEMURO. — Naturalmente. Vocês são bastante safados para isso merecer.

LUIZ. — Oh, bem vos reconheço agora pela formal affirmação. Vinde, pois! Baixae d'ahi! descei do alto! Que compareçam aqui os súcubas, os incubas, os gnomos, as larvas, as lamias, os lemuros, os vampiros, todas essas legiões d'ultra-tumba, emfim, que, melhor do que nós outros, reconhecem o quanto valem os apregoados dogmas da padrania. E dizei-nos, dizei-nos: existem acaso distincções de sexos lá onde habitaes?

UM GNOMO. — Põe á prova e te certificarás.

LUIZ. — N'esse caso, despenha-me de lá uma súcuba.

COMMENDADOR. — Para mim, uma fucnba apenas. Pagarei com o meu dinheiro.

(*Realisa-se.*)

A ALMA PENADA DE UMA PSEUDO-DONZELLA. — Suicidei-me... por ciume.

TODOS, *áparteando-a*: — Que grande bêsta!

A ALMA PENADA: — Oh! como são longas as noites expiatorias para aquella que não devia morrer tão moça!... Minha rival escarnece de mim, tripudiando com o meu noivo por sobre os meus despojos. Acaso se achará o perfido em vossas fileiras? Que se apresente, pois quizera vê-lo para consolar-me.

LUIZ. — Avém-te lá com o chaveiro S. Pedro, que bem merece esse infeliz o céo por aturar duas noivas ao mesmo tempo.

A LARVA DE UM AVARENTO, *ironicamente*: — Pranteado pelos parentes!... Lagrimas do meu ouro!... O mausoléu, que elles me levantaram, allí está... Vêde... vêde como o cobriram de sentimentaes epitaphios: *Do mais extremo dos maridos... Do meu saudoso pae... Do meu querido irmão...* Que vale tudo isso! Terra e um punhado de cal, e sobre essa terra e sobre essa cal, péssado granito e péssado marmore, receiosos talvez de que eu me levante e vá reclamar os juro da herança que elles esbanjam perdularios e ingratos. Hypocritas demonstrações! Em meu testamento exigi que me enterrassem com todas as minhas riquezas, com todos os valôres e titulos á vista de minha fortuna, exigi que transformassem propositalmente minha sepultura n'uma casa-forte, para que os gatunos não a assaltassem... E elles, os bandidos de meus saudosos parentes, bifaram-me o cobre, e me imprensaram n'aquelles sete palmos de terra, onde minh'alma, assim entaipada, só a custó poudo agora esgueirar-se por estreita fenda.

LUIZ. — Desce, desce a tomar parte em a nossa folia. Esquecerás nos braços de mulheres, como jámais gozaste, as miserias que praticaste em vida. Com certêza, — ó velha ósada de sordido fórrêta! — é boa parte de teus colossaes legados, que ora te fazemos a esmóla de dissipar n'esta festança, para que tu'alma possa aquecer-se nos brazeiros do inferno.

O ESCRITO DE UM OPERARIO. — Oh! as horas de trabalho! Quem as pudesse poupar!... Lentas ou rapidas, quem as usasse equilibrar com as contingencias da vida!...

LUIZ. — Quem és tu?

O ESPIRITO. — Fui, em vida, um operario laborioso.

LUIZ. — Em que consumiste o tempo?

O ESPIRITO. — Fazia collares para as minhas amásias. Cada minuto representava uma perola d'esse eufete, e as horas fugiam-me celeres, levando consigo o producto de minha lida... e todas minhas illusões.

LUIZ. — Eu te reconheço... Grevista!

(*Uma larva e um lemuro sahem de seus tumulos, e, voluptuosamente apegados, volteiam em demorados e ruidosos beijos.*)

LUIZ. — Que caleceria é essa? Será permittido emendar, lá em cima, as brejeirices cá de baixo? Com tanta sede ao póte, não receiaes commetter incestos espirituaes?

OS DOUS PENITENTES. — Para que nos evocaste?

LUIZ. — Para assistir ás desenvolturas de uma noite sem paradeiros. Si verdadeiramente vos amaes no espaço, não importa, ficae: a constancia fez o seu tempo, cá, n'este mundo, porque, a ella, devêmos todos nossos erros e preconceitos. Cumpre, para perpetuar a criação, mesclar succos, perfumes e essenciaes.

A LARVA. — Que dizeis?! A fidelidade aposentou-se? As esposas já não são leaes aos maridos?

LUIZ. — Não.

O LEMURO. — E os homiens?

LUIZ. — As imitam.

OS DOUS. — Si nos podessemos reincarnar?

LUIZ. — Com que fim? Fôstes casados?

OS DOUS. — Certamente.

LUIZ. — Serieis punidos, tornando, cada qual, ao mesmo conjuge... e á mesma sogra.

O LEMURO. — Como assim?! minha mulher vive ainda?!

LUIZ. — Talvez.

A LARVA. — E meu marido?

LUIZ. — Interrogae a Satan.

AMBOS. — Na incertêza, e na dúvida, preferimos o nosso purgatorio. (*Perdem-se no espaço, aos beijos e aos abraços.*)

(*Gargalhadas homericas intercalam-se, por vezes, aos dialogos entre Luiz e as almas penitentes.*)

LUIZ. — Estrugi, trombêtas! Sóae, matracas! Tangei, instrumentos pairantes! Atordôae todos os frades e freiras, todas as feiteiras e arlequins, ébrios de tasca e marafonas de alcouce, cúpidos agiotas e janotas insexuaes, e conjurae-os para que, em reboliço libertino, venham aqui assistir á annua celebração do Bóde Prêto pelas bruxas encantadas, pelos sacerdotes da Missa-negra, sobre o abdomen alvinitente de impudica celebre, escondendo as roubadas particulas sacramentaes nas profundêzas erectis e crapulosas do sexo amado!

(*Ritual charivarico, rompendo a uniformidade da scena, annuncia que o sacrificio da Missa-negra não tarda no humano altar. Como que arrebatados por um delirio agudo, os estudantes agrupam-se sob as ramas das seculares mangueiras, embuçados em amplas capas á hespanhola, uns em «poses» bizarras e híbricas entre os Anjos e as figuras symbolicas das sepulturas mais alvas, ao passo que outros verberam injurias e blasphemias aos canonisados da Igreja Catholica, ou dirigem cabalisticas e enigmaticas invocações aos deuses pagãos. Dos ossarios subterraneos se levantam pern'altos esquelêtos, dando-se no disparado combinações gaiatas e discordes. Leprosas carcassas de tarascas, com as encarquilhadas phalangêtas amparando as cangalhas de seus olhos de latão envidraçados de verde, de trepamolêque, e cachos postiços, d'onde se escóam rosadas minhocas a lhes descerem pelas apophyses das vertebras, firman-*

do-se anqueadas nas pipocadas astragalias, que a custo supportam as corraidas e perehentas canelias, vão em busca dos frades deusãos, que se erguem na quadra especial do S. Pedro; e, fazendo-lhes sortalcizas coegas, dão-lhes o braço, caminhando trepinhas para o grosso da acção. Em transito, os frades fugellam-se mutuamente, e, no deisrio da beatices, as velhas rogam as fucez de caveira em os nós dos cordões do burel, que ellas balouçam equinacas. Inerctidas peratallios, de bóz alambicada, e requebrando os olhos para os Barbadinhos pállados e descalços, auxiliam as tarasacs no baldado afun.)



UM ESTOURADO PROFANADOR. — Cognac! Chammeje o gigantesco e superexcitante ponche! Venha o cognac, limão, cravo, canella, e demais ingredientes da beberagem classica dos intellectuaes lendarios! Que as mulheres delirem na hysteria do gozo! que ellas nos mordam as faces até esguichar sangue! e que, nos achegando aos seios erectos e impinados, nos aqueçam ás palpitacoes quentes da carne, em convulsões lascivas. Dissipemos as rosas da mocidade na germinal d'esta noite de embriaguez de deliquios, de sacrilegios sem paradeiro

(De quando em quando, pedras tumularaes se aprumam, e cahem com estorrido, escapando se das sepulturas ateos e esguios fantasmas, ás vergastadas de revoadas de morségoz, que os esbarram, e rolam, na funebre passagem. A cada lapido, que se levanta, fogos fatuos s'eschalam do vácuo deixado pelas esquelétos, lançando na treva; inão outros pousar nas palmas dos cyprestes ou nos fustes dos mausoléos, apugando-se após os. □ a m h m s

Ceremonial da missa-negra. Sup. Uma iniciação nos mysterios da alta magia, prática da idade média, quasi esquecida

(\*) A musica do Roberto-Odiato, cea interrompida pela do Trillo, segue a pag. 757, segunda columna.

nos modernos tempos, tendendo — não obstante — a reviver. Para encena-la, era-lhes preciso uma victima, encontrasivel donzella, e, essa, a dissoluta Olga proporcionou aos tresviciados na pessoa de sua purissima irmã. A dormecida, a força por efficaz e poderoso narcotico, ella só despertará ao romper do dia, mas já profanada. O céo, que se cobriua, pouco a pouco, de crépe, acha-se n'est' hora completamente escuro. O silencio é apenas interrompido pelo ciciar das casuarinas. A um acéno de Luiz, os confrades agrupam-se, como espectros, n'uma das quadras mais proximas.)

MAURICIO, vindo á frente — Lucifer estéja contigo, Todos. — Estéja.

LUIZ. — Amen.

SIMPLICIANA. — Taes as feiticizas de Macbeth aqui viemos, aqui estamos. As noites mais tormentosas são, para nósoutros, as mais propicias e encantadoras!

ALFREDO. — E' a hora em que os vampiros, aos pios, cortam, e recountam, o espago, e descem ás tumbas abertas, atrahidos pelos vapores mephticos...

OLGA. — Não ouvem o grasnar do môcho balançando-se nas lanceadas palmas dos cyprestes?

MAURICIO. — Dir-se-lha a alma de um louco, lamentando a razão perdida.

SIMPLICIANA. — Escuto agora, ao longe, gatos, que miam, como crianças esganadas.

ALFREDO. — A pallida lua resurge, não obstante, esfoguada e rubra, como nossa cúmplice.

BANDEIRA. — O horrór é, para nósoutros, o bello;

LUIZ. — O crime, a virtude;

HEITOR. — As trevas, a claridade.

OLGA, dominando a scena: — É a vida, uma orgia funebre; celebrámla, pois, n'uma funebre orgia.

(Momento de pausa. A lua, reaparecendo, projecta seus prateados lumes sobre aquelles rastos macilentos, e se occulta. Novo grupo se aproxima, ás blasphemias de uns, e aos improperios de outros; ao passar junto ás sepulturas, arrancam cruces e emblemas, que levam consigo, reunindo-se aos demais.)

LUIZ, fucando negra cruz á cabeceira de uma tumba: — Que este symbolo de um pretenso Redemptor seja, para nós, certoiro alvo de todas as injurias! Quem é o nosso Deus?

MAURICIO. — Satan!

ALFREDO. — Belzebuth!

BANDEIRA. — Lucifer!

LUIZ. — Seja esta a nossa Trindade, que vale tanto, ou ainda mais, do que a christá. Escolho-te, Mini, e escolho-te, Fanny, para meus acolytos no infernal Officio. Serai o celebrante. Trouxeste, Olga, o nosso Missal!

OLGA, dando-l'ho: — Aqui o tens.

LUIZ. — Ainda bem. Arranjem agora o altar. Que in-folio é este!

OLGA. — E' a lyra erotica de Boeage, com estampas no texto.

LUIZ. — Atiladissima, soubeste comprehender nos...

(O dialogo é interrompido por uma desgrudada orchestra charicaria, composta de instrumentos volantes e aereos, regida á buluta de longa e alvadia tibia por calvo e acanalhado Tigão, deante de cabalística partitura de rugôso e amarellado pergaminho, e escripta em rubra, candente e vistosa clave de Dó. Os estudantes estendem alvo lençol n'uma campá, collocando sobre elle, em seguida, os varios accessorios da ceremonia. Aqui, alli, acolá, mais distante, ou mais proximo, distinguem-se pequeninas luzes, vermelhas umas, e outras azuladas, que tão depressa scintillam como se apagam: são os ullimos Vigilantes que se vão; e como se movem em diversas direcções, agachando-se, e levantando-se, buscando os necrophilos, simelham, no escuro, nenuphars e pyrillamps tangidos pela viração. Mortalhados, os iniciados, em estranho agodamento, levantam o altar, que guarneceam em os bicos de cera, accésos, trazidos em pagodeira. Nos folhões agarram-se agora

O TRILLO DO DIABO

SONATA

TARTINI

Tirez  
Poussez

VIOLINO

Larghetto affettuoso.  $\text{♩} = 66$

Musical score for the first system of 'O Trillo do Diabo' by Tartini. The score is written for violin and includes various dynamics such as *ppp*, *pp*, *mf*, *f*, and *ff*. The tempo is marked *Larghetto affettuoso* with a metronome marking of  $\text{♩} = 66$ . The music features a mix of eighth and sixteenth notes, often with slurs and accents.

Musical score for the second system of 'O Trillo do Diabo' by Tartini. This section includes several tempo changes: *tempo giusto* ( $\text{♩} = 98$ ), *All. assai* ( $\text{♩} = 110$ ), and *Andante*. The dynamics range from *ppp* to *ff*. The notation is dense, with many sixteenth and thirty-second notes, and includes various articulations like slurs, accents, and staccato markings.



os retardatarios, erguendo ao hombro funerea louza, sobre a qual accora-se o Commendador José Barbosa, vestido de bóde, com os chifres dourados, mitra ao alto, argolhes ás orelhas, tendo á sinistra um archote acceso, e á destra esguetado phallos. De olhos revirados, e cabunguento de inscuria, distribue flagéllices vergastadas, a tonto e a direita, nas nadeças, a ná, dos proseguitos em reboição.)

LULZ, exconjurando-o: — Que Satan te ronque nas recheadas tripas!

COMMENDADOR. — Que elle proteja os seus. (Do alto da lapide faz uma figa, no que todos o secundam, dando-lhe um figão.) Onde Isis, a minha dea? —

LULZ. — Para aqui se eucamunha. E como vem fulgurante! Ella tomará pésto ao vosso lado, porque symbolisa a Terra em plena aberdade.

(Estapafúrdio dando se divisa, trazendo, em charola, a velha Simpliciano, sob a figura da deusa Isis, com cabeça de vacca, hastas agudas, enorme ubre, e agachada na posição dos ídolos hindús. Além dos dous proeminentes peitos, distinguem-se pequenas tetas disseminadas por todo o corpo. As mãos, acoleheta-se-lhe longo cinto de breges e salitantes itangas, representam a fecundação, aquellas symbolizam a natificação. Entremontes o prestígio se adeanta lento, em zig-zag, parando áfinal junto á lapide armada em altar. Isis desce, parando colloca-se ao angulo opposto áquelle em que se perfila Lucifer, havendo sido previamente collocada no angulo posterior, um Crucificado de pernas para o ar, floando d'est arte preenchidos os tres angulos cabalísticos. Emblemas de sepulchros, jarras com flores, urnas ossuarias, propositamente transportados, completam a ára, onde caveiras reviradas serrem de lampadas, e tibias esarilhadas, e symmetricamente distribuidas, tendo nas extremidades velhas áccesas, fingem de

candelabros lithurgicos. Ouve-se, em derredor, cadente sus-surco, a simelhando proposital coro religioso: são os pius das avós agoureiras que, com o martellar dos sapas ferreiros, formam a fantastica e lugubre orchestra.)

Ao badalar do SANGUIS! SANGUIS! desce-se as mortaihas dos iniciados, apresentando-se, as mulheres, cobertas de pelles de leopardo guas Bacchantes, e os homens, de caprinos pellos guas os Satyros. O Officiante prosegue, entrecanto, com subava-cazulu e sobrepelliz sarapintadas de desenhos abraçadabrantes. E os thuribulos crepítam, enchendo o ambiente de amarelento e suffocante fumaça de enagfre, que empresta aos róbatos dos crentes macilento e sinistro aspecto. De subito, quatro exóticas e extravagantes figuras apontam ao fundo, conduzindo em agalado esquite, entre duas filas de concivos com tochas accesas, a pudibunda Victorianna, de brucos, e profundamente adormecida, para funcionar por occasião de consagrar-se a Hostia. Riso satanico paira nos labios de Olga, em cujas veas de fantasia scintillam ouropás e lenteioulas.

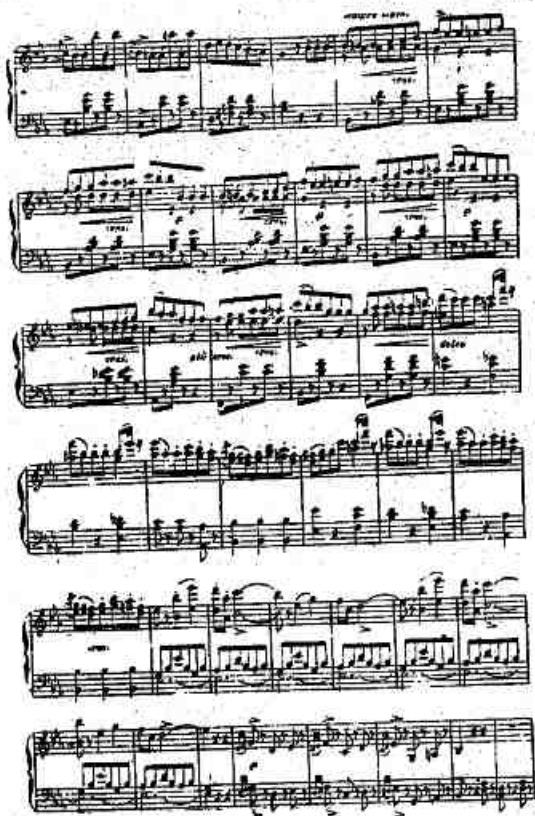


LULZ, o celebrante, pula ao altar, e — persignando-se ás véssas as no que é imitado pelos circumstantes, dá começo ao sermão: — Em nome de Lulzel, das caldeiras de Pedro Botelho e das arcias géradas, eu os excomungo. (Anima-dissimo:) Baborneados e pifios ouvintes. Vinte seculos são passados que lava o érrro, vinte seculos ha que a bur-lada Humanidade se prosterna ante um patusco Creadór, que ella vamente adora. As populações em péso, — ó desgraça! — quaesquer que tenham sido as fórmás espe-ciaes adoptadas para se regerem, tomaram por base uma moral sem péjo, qual decorre do Evangelho, esse compendio de patifarias e embustes, que circula aos milhares de edições baratas por todo o mundo. Mas, o rebanho humano accompanha, ás tontas, a perversora doutrina: alli, as liberdades acham-se, os sophismas, ou sophisticadas ou cóactas; a

consciencia, encarcerada; e os corações, lanceolados. Entretanto, o homem não se revolta; a contrario, elle aceita — idiota — semelhantes doutrinas, e submete-se sem fugir nem mugir. E a sociedade, de dia para dia, engendra novas convenções, novas exigencias, para annullar o homem, sôb pretexto de refrear-lhe as potencias brutaeas. Os apoucados, os ignorantes esconjuram Luzbel, na ignorancia da potestade que elles repellem; e, quem sabe mesmo, fã impetraveis são os mysterios do mundo, si esse Luzbel de sua incutida aversão não é a propria divindade que elles tão parvamente evocam, invocam e adoram!... Excomungados irmãos, Satan é o mesmo Lucifer. E quem é esse Lucifer, o aujo precipitado por Jehovah no inferno, sinão Prometheu, o porta flamma, o facho incandescente, esse anonyo, esse impopular, a quem niuguem festeja



e acclama, sendo, não obstante, o factor, o propulsôr de todo o labôr fecundo, das industrias, do progresso, — das sciencias, finalmente? Quem elle é sinão o detestado Lucifer que, todavia, é tambem o patrão do amor e dos deleites? o mesmo, em definitiva, symbolo da espontaneidade, do florescimento, do calor, da actividade, das exuberancias e da procreação? Os povos, porém, e — mais ainda — as seitas religiosas, hão de forçosamente comprehendê-lo um dia, pois, si, nos templos orthodoxos, os padres prégam o obscurantismo, nas florestas, nas cryptas, nos subterraneos, nos areopagos dos sabios, Luzbel tem asséclas, tem adeptos, e elle tomará cabal desforra. E a nossa pontifical missa-negra, inversão da Missa-Christã, symbolisando a ancia de gôzar a vida por todos os póros da pelle, por todas as fibras do coração, por todos os tentaculos do pensamento, aprégôa bem alto as vantagens do nosso eruento sacrificio. Oblatas a Lucifer, esconjurados irmãos, rende-



ram vultos taes, como Paracelso, Alberto o Grande, o sublime Dr. Fausto, e centenas d'outros, que a Igrêja condemnou summariamente por feiticeiros e herejes, e a Inquisição accendeu fôgneiras e bigornou tenazes. Os Templarios fôram queimados por seu preito a Lucifer. Na idade média, quando o pôvo se refugiava nas florestas, e ahi celebrava impias saturnaes, era ainda em louvor a Satan; a revolta latente da alma estortegando-se, por espaço de tantos seculos, pela sua liberdade, nada mais significa do que um hymno, uma préce a Luzbel, por isso que elle representa o factor do trabalho, da fôrça, do amor, da germinação de todas as inquebrantaveis energias, de todas as fontes da vida, de todos os meios de defendê-la, enfim, a ferro e fôgo. E, logico consigo mesmo, é ainda elle o legitimo e natural antagonista do que os frades denominaram *Revolta*, do heterodoxo pensamento que appellidaram *Heresia*, e da legitima agiotagem, da economia, da poupança, que classificaram de *Avareza*, contra os quaes inventaram, entretanto, uma *Caridade* a seu geito, pois os proventos revertem intactos a seus cofres d'esmola. No Genesis, vêmol-o ainda enrôscado á arvôre do Bem e do Mal, sôb a fôrma de serpente, defendendo os decantados fructos da sciencia. Esse mytho, esse symbolo, — ó amalucados irmãos! — fecundo em resultados, constitue a negação da propria Divindade; pois, qual esta arvôre? a Palmeira, — na antiguidade — emblema da fecundação, da procreação. E quereis solotrar o enigma? Porque ella, prodiga em pollen, os ventos, levando-o a grandes distancias, reproduzem-n'a infinitamente. E, nem só por isso, como ainda mais pela fôrma é a palmeira o simulacro do culto genésico; ella se erectisa longa e esguia como um phallo faminto, e as palmas, suas fôlhas, inserem-se, estendem-se em lança como que para despedir jactos fecundantes







SCENA IX

Os mesmos; e JORGE, inesperadamente

JORGE. — Cheguei tarde — talvez — para livrar-te á deshonra; mas, cedo ainda, para vingar-te.  
 LUIZ, entre gargalhadas do bando: — *Ite, missa est.*  
 (Resistencia e tumulto. Jorge, sacando do revolver, dispara o sem alvo. Os iniciados se dispersam atropeladamente. Os esqueléticos tornam ás respectivas tumbas; as sombras fundem-se no espaço; permanecendo apenas, no lugar, alguns embriagados que, não podendo alôr-se nas pernas bambas, tomaram, roncando, agora estertórosos, sobre os chapins ou nos interstícios das carneiras. O chão da necropole está alastrado de objectos tumulares em destroços; apenas, entre as flores, distinguem-se ainda alguns bicos de vela, que bruzoleam e brusco se apagam.)

SCENA X

JORGE e VICTORINA

(Atraca á ponte de pedra, fronteira ao Cemiterio, a castraa funeraria, que transporta, a horas mortas, os destroços do amphitheatro da Escola de Medicina e os cadáveres dos depositos e do necrotério da Misericórdia: os remadôres entãam, ao erguer e abaixar dos rênos, cantorias somnolentas e monotonas. O mar borda de reondas de espuma e casco luarento da embarcação tarlita e repleta.)

VICTORINA, desprendendo um grito estridulo, atira-se em pânico ao pescoço de Jorge: — Semeei minhas esperanças no sólo ingrato da adversidade... e as sementes fóram estereis, porque as esperanças não floresceram... Agora, Jorge, nada me resta, porque o unico thesouro que tinha para dar-te, a perversidade m'o arrebatou... Adeus. Si ainda me amas, guarda intacta minha lembrança: esta sacrilega profanação nada tem com minh'alma, que te votei para sempre. (Jorge vai para abraçá-la.) Afasta-te. Amplexos destinados á candura de uma noiva, não devem polluir-se ao contacto de uma recém-victimada. (Jorge insiste, procurando osculá-la na fronte.) Não teimes! Os labios com que deves beijar, amanhã, — quem sabe! — tua noiva, não pôdem nunca mais, nunca mais, tocar os meus labios.

JORGE. — Adeus! — (Desacólhêntando a capa, cobre-lhe por completo a nudez.) Tens alli, á tua disposição, o tilbury que aqui me conduzio. (Encaminham-se para o portão do cemiterio. A lua, dominando a amplidão, prateia o Campo Santo, pôndo em maior evidencia os dous vultos.)

UM E OUTRO, a certa distancia, voltam-se, fitam-se, explodindo conjunctamente: — Adeus! (Victorina desaparece. Momentos depois ouve-se o rodar de um tilbury, que parte.)

JORGE. — Fatalidade! (Tableau.)

Na scena V do segundo acto, á entrada da tropilha infrene, pôde-se improvisar desde logo um desencabrestado kankan, o da *Soirée du Carnaval*, por exemplo (Vid. *Brazil-Theatro*, fasciculo I, pag. 256); e, como têmos em presença cançonetistas de nações várias, fazê-las cantar, por occasião dos brindes, musica alegre e ruidosa nos seus diferentes idiomas.



Gloria a Satan!  
 Belzebuth triumphou!  
 Profanada, eil-a agora!  
 Espectros e demonios,  
 Acodi, vinde todos!  
 De seu mal, da desgraça,  
 Exultae! exultae!  
 O' espectros!  
 Demonios!  
 Vinde todos  
 Sua desgraça  
 Festejar!

Sombras se destacam, descendo, aos casacs, em côvas vastas, aos abraços, aos beijos. Sombrinhas de faunos se insinuam por entre as casuarinas, e somem-se lúbricas. Na ára, Victorina desperta. Ergue-se; e, apercebendo-se nua, n'um cemiterio, fita as luzes disseminadas, e cambaleia, apbiando-se a uma cruz, para não cair.)

VICTORINA. — Que quer tudo isto dizer?!... Onde estou!... Horrendo pesadelo! (Tentando dar alguns passos, arripia-se, descobrindo as mãos húmidas de sangue.) Quem tão impia e brutalmente me violentou!...

OLGA, palmêjando jubilosa: — A Hostia resuscita!

VICTORINA. — Olga, que fizeste da minha pureza? Perfida, que és!

## QUARTO ACTO

Amplio vestíbulo, onde funciona, na Santa Casa da Misericórdia, e Sala do banco, Manhã de verão, Fôra, renque de fôas formando copado e extenso tunnel, sob o qual se enfileiram quitandeiros de fôas, vendedores de vidros para remédios, e pedretes e aleijados importunos. No patamar da escadaria de pedra, Serventes e Enfermeiros, respectivamente uniformizados, e aquellos, empregados em seus diferentes mistérios de conservação e acção, e, estes, recebendo, e transportando, em *codex*, fôas a fôas, os doentes que chegam. No vestibulo, médicos e Internos, revulidos de seus aventaes, dispõem-se para as frequentadas consultas gratuitas. Pequenas mesas com o indispensavel arsenal cirurgico, apparatus, desinfectantes, esterilizadores, etc.

## SCENA I

1.º e 2.º SERVENTES

1.º SERVENTE. — Olha, Lourenço... Tu não esfregaste bem este ladrilho... A Irmã Zeladôra vai passar-nos um pito.

2.º SERVENTE. — Ella que se fomenta com tanta raibugem...

1.º SERVENTE. — Não é assim... cumpre-nos obedecer-lhe, que para tanto nos pagam... Demais, si, com os repetidos *trôtes*, essas borbolêtas não nos reduzissem a razão, tudo iria bem...

2.º SERVENTE. — Isso de diminuirem ellas a razão, é o menos, porque sempre a completo com a dieta dos doentes... (O 1.º Servente faz um movimento de admiração.) Não faço mais do que imital-as... E, para isso, não preciso ser cruel, — basta-me ser rasôavel. Tenho, por exemplo, na Enfermaria, sessenta doentes; ora, muito bem: subtrahindo á canja de gallinha, d'este, uma perna, á d'aquelle, uma aza, — á d'aquell'outro, o peito, — chego, com essas peças, a completar, diariamente, tres gallinhas, o que me dá forças bastantes para atural-as.

1.º SERVENTE. — Sim; mas isso quando a canja não é só de pescôcos, porque côxas e mitras reservam ellas para o Capellão, que não é molle, nem nada...

2.º SERVENTE. — Passou um carro da Policia... Algum estropeado, talvez!... Começa a roda viva... Si não se ouvisse gemer tanto, estes doentes muito nos fariam rir... Lembra-te do que aqui vêm á consulta do Dr. Garcia f... Cá! cá! cá! cá!

1.º SERVENTE. — Aquelle crioulo malhado?

2.º SERVENTE. — Justamente. Cahio n'uma tachada de melão, e lá deixou a pelle... (Desatam a rir.)

MAURICIO, reprehendendo-os: — Mais respeito ali...

2.º SERVENTE, ao companheiro, em particular: — E' o seu Mauricio... Elle aqui não manda nada...

1.º SERVENTE, retrucando-lhe: — Como não?!... E' o mais antigo dos Internos... Antes de eu ser empregado d'esta casa, elle já seguia as clinicas... Imagina agora que fui tres vezes á terra, e voltei, e ainda o encontro no quinto anno!... Os demais estudantes chamam-no o *Chronico*... Pois si foi condiscipulo do Dr. Jorge, actualmente seu lente...

2.º SERVENTE. — Muito me contas!...

1.º SERVENTE. — O Dr. Jorge, esse, sim, é um môço ajuisado, serio... Sabe onde tem o nariz... E' lá para comparar-se com o tal *Vitalicio* l...

2.º SERVENTE. — Tambem, o rapaz é dos diabos... Debochêa todo o mundo... Traz as Irmãs da Enfermaria n'um cortado... Ninguem lhe escapa; isso é verdade l...

1.º SERVENTE. — E depois, um cábula, um vadio, um noctivago... Não sahe das caixas de theatro... (Ouve-se um estouro, seguido de estrepitosas gargalhadas.) Olha! lá encapellou elle um caloiro...

2.º SERVENTE. — A semana passada escapou de ser suspenso... O Dr. Bandeira deu queixa contra elle...

Rebocou uma consultante para a hospedaria d'alli do bécço da Música...

1.º SERVENTE. — Cirurgião de truz é esse... o Dr. Bandeira. N'outro dia, vi-o fabricar a lingôa a um sugeito que a perdêra.

2.º SERVENTE. — De que modo?

1.º SERVENTE. — Eu não sei bem; mas, ao que me explicaram, implantando-lhe no céu da bôcca os mamillos de um hemorroidario, que fôra operado n'essa mesma occasião.

2.º SERVENTE. — Hom'essa! De sorte que não foi preciso mais do que tirar d'este, para botar n'aquelle f... Não está máo o enxêrto! E o pobre diabo não ficou com máo halito na bôcca por toda a vida?!

## SCENA II

Os mesmos e VICTORINA

VICTORINA, estendendo a mão: — Uma esmola pelo amor de Deus.

1.º SERVENTE, despachando-a: — Lá fôra... lá para fôra...

2.º SERVENTE. — Isto aqui não é o Asylo de Mendigos...

3.º SERVENTE. — Na rua é que se pedem esmolal...

VICTORINA. — E' que venho tambem á consulta...

1.º SERVENTE. — Os medicos, como observa, estão ainda na visita, e não hão de interrompê-la para a attender.

VICTORINA. — E' que me sinto tão fraca...

1.º SERVENTE. — N'esse caso sente-se, e espere sua vez.

VICTORINA. — Si me dêsse um pouquinho d'agôa... Tenho aqui, no estomago, uma afflicção...

2.º SERVENTE, trocando: — Ha de ser do fambre que come por ali...

3.º SERVENTE. — Quanto á afflicção, — eu sei o que são miserias! — effeitos de tanta cachaca...

VICTORINA. — Engana-se, — não me entrego a bebidas. Demais, á falta de um vintem para comprar uma rôsea, como tê-o para presunto?!... (Oh, ha desgraçados brutalmente cynicos!...)

1.º SERVENTE. — Fique-se com Deus até tocar sua vez; e si a resaca d'esta noite persiste ainda, — olhe! — arraste-se até aquella torneira... e beba a fartar-se. Escusa incommodar a quem tem obrigações.

VICTORINA, dirigindo-se á bica: — (A' força de ouvir gemer, tem esta gente o coração endurecido...)

(Momento de animação. Os medicos, chegando successivamente, encaminham-se para suas especialidades; e, coadjuvados pelos Internos, começam a despachar os consultantes. Nesse entretempo, um carro pára; abrindo-se a portinhola, desce Olga, que sobe lentamente a escadaria, arrimada ao braço de Simpliciana. A libertina apresenta-se marmôrea, excessivamente magra, esquilida, com o rôsto coberto de pápulas syphiliticas, que a desfiguram, tornando-a repellente.)

Pag. 784, columna 1.ª, linha 4: em pé, e rubros como pitangas, elles os.....

Pag. 784, columna 2.ª, linha 10: em gemidos semi-aphonicos.....

Pag. 783, columna 1.ª, linha 23: por entre a ruga dos.....

Pag. 783, columna 1.ª, linha 27: cl.....

## SCENA III

Os precedentes, OLGA e SIMPLICIANA

VICTORINA, *defrontando-a*: — (Olga!)OLGA, *aphonica*: — Quem pronunciou o meu nome!

VICTORINA. — Eu, tua irmã.

OLGA. — Tu, n'este hospital?!... Sabendo que eu vinha recolher-me a uma enfermaria, te apresentas talvez para levar-me contigo; não é assim?

VICTORINA. — Si isso se pudesse realizar eu morreria satisfeita, porque acabarias ao menos ao meu lado. Mas, infelizmente, nem mesmo tenho um buraco onde refugiar-me. Para não morrer á fome, esmólo; e durmo onde anoiteço, nas calçadas, nos adros das Igrejas. Pedi que me recebessem, e negaram-me um abrigo, pretextando não ser a Santa Casa o Asylo de Mendigos. Bem vêes, Olga; sou tão infeliz, como tu.

SIMPLICIANA. — Em que deu então a tua virtude?

VICTORINA. — Não é esta a occasião de discutirmos isso, D. SImpliciana; mas, era evidente que eu, e minha irmã, chegaríamos ao mesmo termo, sim, mas, não obstante, em condições moraes diametralmente oppostas. Sou eu quem te pergunta agora, Olga, já que seguiste caminho diverso, julgando n'elle encontrar a felicidade, que lucraste com a tua vida douradamente escandalosa? De que te serviram os teus admiradores? De que te valeram as promessas d'esta mulher quando te iniciou na corrupção, si veus, n'essa lástima, reclamar um triste leito na Misericórdia?

SIMPLICIANA. — E' dôloroso ter de confessar certas verdades áquelles que estendem a mão á caridade pública; mas, bem comprehenderás que, no estado em que se acha sua irmã, não poderia eu conservá-la em domicilio, ao lado das demais raparigas... Syphilitica, enxotada por todos...

VICTORINA, *intencional e rapida*: — Até mesmo pelo Sr. José Barbosa?!

SIMPLICIANA. — E não tendo eu obrigação de atural-a, arranjei um empenhinho, e venho praticar esta obra de caridade, sollicitando sua entrada.

OLGA. — Para esperar aqui a morte, conclúa... Sei que estou desenganada.

SIMPLICIANA. — Talvez. Ninguém ficará no mundo para semente. Em todo caso, os medicos fazem ás vezes milagres, e bem pôde ser que, com a diéta, com os remedios a tempo e a hora, quando menos, melhores.

VICTORINA. — E' aparentemente boa, volte para os seus multiplos alcôôces, onde a senhora continuará a explorar-a; não é assim?

SIMPLICIANA, *cynicamente*: — Não faço d'isso questão... Tenho lá outras mais novinhas, mais pichosas, mais... (Intencional :) muito mais escrupulosas.

VICTORINA. — Bem vêes, Olga, não tivemos sorte. As felizes são as creaturas, como esta... como tantas outras que por ahí andam impunes, a prostituir, a delapidar, a desmorronar. São aquellas que precipitam as incautas no caminho do mal, para desfructal-as tanto quanto possam, proseguindo cynicas em sua tarefa, depois de atiral-as inutilizadas no catre do soffrimento e da morte. Oh, porém ellas trazem consigo os stygmata d'esse meio em que gyram: a indifferença pelas desgraças alheias, o descauso pelo pudôr, a hypocrisia, o instincto da sórdida economia e da rapina... Só se illude com ellas quem não ousa encaral-as. Com seus pensionatos de libertinagem chegam mesmo a accumular fortuna... Imagina tu, Olga, só contigo quanto esta velha lucrôu...

OLGA. — E' tudo verdade, minha irmã; mas, mesmo na prostituição, deve-se ser grata. Foi ella quem, com suas suggestões, com seus conselhos, arrancou-me dos covis em que eu me debatia: enfeitando-me, vestindo-me luxuosamente, emprestando-me mesmo suas joias, apresentou-me a uma roda abonada e séria.

VICTORINA, *sentenciosa*: — D'onde sahes na penuria em que entraste, sendo ella em pessoa quem para aqui te encaminha...

SIMPLICIANA. — E's injusta, Victorina... Sabes que fiz o que estava ao meu alcance em beneficio de tua irmã, e não obstante me offendes, me injurias quasi.

VICTORINA. — O que lhe ponde fazer, diz a senhora...

SIMPLICIANA. — Pois então! Vesti-a, preparei-a, arranjei-lhe contracto para o Cassino... e até ensinei-lhe como devia attrahir o Commendador José Barbosa, que com ella gastou tudo o que tinha e o que não tinha, ao ponto de deitar fogo ao armazem, indo dar com o costado na Correção por incendiario confesso. E tu o rejeitaste: ahí está!

VICTORINA. — Ainda hoje, mendigando embora, eu o repelliria... como outr'ora.

OLGA, *reprehendendo-a*: — Por que? Elle é tão franco...SIMPLICIANA, *impacientando-se*: — Sabem o que mais! Trazendo até aqui esta malsinada, julguei-me em paz com a minha consciencia, porque, em summa, é preciso ser christã, e — em troca — escuto tanto desafôr... (A Olga :) Você pagou o carro?

OLGA. — Eu? Coitada de mim! A senhora bem vio: o pouco, que me restava em dinheiro e joias, nem bastou para saldar a exagerada conta que me apresentou ao sahirnos de sua casa... Mandei vir o carro na persuasão de que me faria a caridade...

SIMPLICIANA. — Mas, ainda trazes ao dedô um argolão de ouro...

OLGA. — Este anel?... Por este anel será, um dia, reconhecida uma filha, que engeitei...

VICTORINA. — E tens uma filha, Olga?

OLGA, *enrugando os olhos*: — Por que m'o perguntas? E' crime ser mãe?!... Não creio. No dia em que aquella criança veio ao mundo comecei a arrepender-me do meu passado, e a ter esperanças de salvação.

VICTORINA. — Chegaste então a... a pensar na salvação de tu'alma?

OLGA. — O amor materno é como a luz; e si esta abre os botões de rosa, o amor de mãe escancára o coração da mulher aos sentimentos mais ineffaveis.

VICTORINA. — Por que, pois, enjeitaste a innocencia?!...

OLGA, *com os olhos fixados em SImpliciana*: — Não m'o perguntes a mim... Ordenaram-me. O que posso, entretanto, afirmar-te, é que, n'esse dia, perdi a ultima illusão que me restava... E a misera ahí fica aos azares da sina...

VICTORINA. — Para que estas fêras humanas a seduzam e a explorem...

SIMPLICIANA, *avrebatando-lhe o anel*: — Ora fiquem-se ahí com suas ingratições e desacatos... (Sabe precipitadamente, exclamando :) E faça-se o bem... faça-se o bem a esta gatinha...

Pag. 734, columna 1ª, linha 4: sugam,.....

Pag. 733, columna 1ª, linha 23: ou na táboa do.....

Pag. 733, columna 1ª, linha 27: ris, revirando o branco.....

Pag. 734, columna 1ª, linha 23: anelantes, ás multiplas.....

Pag. 733, columna 1ª, linha 6: ventre, lá.....

Pag. 733, columna 1ª, linha 23: seiôs,.....

Pag. 733, columna 1ª, linha 27: ito.....

SCENA IV

Os precedentes, menos SIMPLICIANA

LUIZ. — Que falatório é esse?!... (A Mauricio:) Senhor Interno, por que estão essas mulheres a disputar? MAURICIO, a um dos Serventes. — Mande essas consultantes para seus lugares...

O SERVENTE. — Não ouvem?

OLGA e VICTORINA. Já — vamos... já vamos...

(A um tempo:)

MAURICIO, a Luiz, em particular. — (Aquella está-me parecendo a Olga... Não a reconheces?)

LUIZ, respondendo-lhe: — (Si ella, sem que estado a vejo...)

MAURICIO. — (Tambem por que vicissitudes, por que transe terá passado?!... Foi uma das heroínas das nossas studentadas... Hoje, que podes, por que não a proteges?)

LUIZ. — (Si en fosse a proteger todas essas mulheres, que, tendo cahido em miseria, se consideram victimas dos amantes, a fortuna dos Rothschild não bastaria. Vivo do meu trabalho, — o tempo das loucuras passou. Na mocidade, quando procurámos as mundanas, não cogitámos um instante sequer nas suas desgraças futuras. Não me des, pois, a conhecer... Hoje, tenho horror ao escandalo; e taes mulheres, perdendo de todo o brio, não hesitam diante d'essas encenações para ajustar contas antigas.)

MAURICIO. — (São os percalços do officio; e aguentámo-los do mesmo modo, e com a mesma paciencia, que as descomposturas dos credores.)

LUIZ. — (Em todo caso, é desapontadôr: evita-a, si podes.)

VICTORINA. — (Acreditas então que a felicidade está unica e exclusivamente no refocilamento do amor carnal? Si assim fóra, eu que levei a vida inteira a sacrificar a

OLGA. — (Ah, minha irmã, como somos infelizes! Não sei si me illudo sobre o que seja a vida, ou si ella é assim rude e cruel para todos, mas considero-me grave e fatalmente condemnada. Pensei que tu, ao meo, seguindo opposta conducta, encontrasses a prosperidade, e venho topar-te aqui, como que unicamente para te despedires de mim, mas tão pobre, e quasi tão doente como eu, tendo certamente soffrido muitissimo mais. De que te serviram, revela-me, tantos sacrificios, tantas angustias?!... Que lucrámos nós em seguir, eu — o mal, e tu — o bem, si chegámos juntas ao mesmo fim?)

VICTORINA. — (E a salvação de nosa alma?)

OLGA. — (Qual salvação, qual nada! Eu, não obstante ás portas da morte, enxergo um pouco mais longe: os máos, os perversos, os impios, os libertinos, são incontestavelmente os mais infelizes, pois gozam a vida. E esse é o meu caso.)

VICTORINA. — (Nunca!)

OLGA. — (Que adeantaste em ser virtuosa?)

VICTORINA. — (E tu, uma perdida?)

OLGA. — (Desfructei os prazeres; e, além da vida, nada mais existe; ao passo que tu, soffreste, torturaste o coração, não deste expansão aos instinctos bestiaes, e — depois de tanto — mendigas. Quanto a mim, despeço-me do mundo completamente farta, saciada até.)

saúde n'uma lida improba, não te devêra encontrar hoje, aqui, á porta do Hospital, andrajosa, de faces corroidas, mendicante e horrenda.)

OLGA. — (Qu'importa isso, quando frui todos os prazeres imaginaveis, ao passo que tu, minha pobre irmã, trabalhando do principio ao fim da vida, não tens sequer a mais breve noção do que sejam as mais instantaneas delicias. E assim vamos nós duas terminar os curtos dias; e, n'este extremo da vida, qual de nós, pergunto, foi a mais feliz? Com certeza não foste tu. A razão, pois, sempre esteve de meu lado.)

VICTORINA. — (Muitas vezes, não! Como insensata te illudes! Não, não eras tu. O que se goza na vida terrana, que está dentro do tempo, dura apenas rapidos instantes, alguns segundos, e ao fim da vida não poderá parar com a consciencia do dever cumprido, que, fóra das contingencias mundanas, está fóra do tempo, e que é infinito. Seria, portanto, preciso, Olga, que a Providencia Divina fosse a injusta, para que o termo das nossas duas jornadas, sempre desiguales, e diametralmente oppostas, fosse tambem sempre o mesmo, e o mesmo fosse ao transpôrmos, juntas, o vestibulo de uma casa de caridade, implorando humilde catre para morrer. Além, no muito além, é que está a vida.)

OLGA. — (Qual no além, qual nada! Deixa-te de historias. O mundo é isto mesmo, — depois d'isto, minha irmã — habão sêmos simples pitaça para as minhocas... e nada mais.)

VICTORINA. — (Mais nada?! E a alma? Que pensas tu da alma? Para onde julgas que vae essa particula immortal que, dentro em nós, sente, e que, em nós, vive, pois só ella sofre e goza? Irá tambem ser pasto dos vermes?)

OLGA. — (Ora a alma! Nunca dei pela minha! Custa-me a crêr no que vejo, quanto mais n'aquillo que não vejo!)

VICTORINA. — (Mas tu a sentas! Pobre irmã! Como se nullo, em ti, a propria razão! Não, Olga, a vida não é isto só; e, para que não fosse isto, é que trazemos, innata, a noção do bem e do mal, a noção da immortalidade da alma... e a convicção da existencia de um Deus! Demais, quem te disse que jámais gozei? Gozei, sim, e esse gozo, sem nem um outro comparavel na terra, e que sobrenadou a todas as minhas provações e miseria, flammeja-me ainda dentro do coração, como uma véla accesa dentro de uma crypta. E' o amor pelo meu querido Jorge, — a minha unica e santificada paixão.)

OLGA. — (Arbusto plantado n'um deserto de areia, si t'o arrancarem, quem se importará com isso?)

VICTORINA. — (Só eu, — bem sei; mas isso me consolará.)

OLGA. — (E que mais não foi, p'ra ti, sinão uma fonte de lagrimas na taça do teu infortunio.)

VICTORINA. — (Que m'importa, si eu o amo ainda... e muito!)

SCENA V

Os mesmos e os Drs. RONALDO BANDEIRA, HEITOR DE LIMA e ALFREDO RANGEL, e alguns estudantes.

BANDEIRA, a um dos serventes: — O Dr. Jorge de Almeida já chegou?

1º SERVENTE. — V. S. bem sabe que elle nunca entra antes das oito e meia.

BANDEIRA. — Entretanto, marcon-me uma operação para as oito.

2º SERVENTE, ao companheiro; á parte: — (Cuidado, cuidado.)

Pag. 783, columna 1ª, linha 27 : dos olhos, mordendo....  
Pag. 784, columna 1ª, linha 5 : contorções....  
Pag. 783, columna 1ª, linha 28 : embaixo, na....

Pag. 783, columna 1ª, linha 27 : a lingua, nos intermitentes rancos....

Lourenço, com o trazeiro, que bem pôde acontecer como ao outro de que me falaste ha pouco...)

1º SERVENTE.— O Dr. Heitor de Lima, eis que desceu do bonde.

HEITOR, *excessivamente apressado, passando o lenço na testa*: — Bons dias... (Ao Dr. Bandeira:) Chego de Botafogo, onde fui vêr a senhora do Conselheiro Villena... Sinto-me fatigado.

BANDEIRA. — Já tão cedo?

HEITOR. — Levantei-me ás 5 horas... (Encaminhando-se para o centro do saguão:) Ah! Ia-me passando: o Rabello manda te avisar de que não fará pernoite, pois escalará-m'o para o plantão da Brigada Policial.

BANDEIRA. — Tanto peor para mim... Você por um lado, elle, pelo outro, e eu extenuado, pois, durante a madrugada, acudi a tres chamados urgentes... Sempre queria vêr, no meu caso, o que fariam ambos?... HEITOR. — Continuará a dormir a somno sóto...

BANDEIRA. — E para cumulo de caiporismo tratava-se, afinal, de dois defunctos e de um moribundo, o que vale dizer — dois ossos e meio.

HEITOR. — Não podendo cobrar aos cadaveres, o agonisante pagará o pato.

BANDEIRA. — Certamente, pois é o unico que tem chêlpa. Tanto mais quanto trata-se de conceituado chefe de familia, a quem as responsabilidades domesticas não o embarçaram de ser accommettido de um insulto apoplectico na perfumada alcôva de uma horisontal.

HEITOR. — Triste humanidade! Nós outros, os medicos, melhor do que ninguem, o sabêmos, porque todas suas fraquezas nos são conhecidas.

(Dois Servigas que recolhem, n'uma anda, um supposto doente, param a um aceno de Luiz.)

LUIZ. — Para onde o dirigem?

1º SERVENTE. — A' 6ª Enfermaria.

LUIZ. — E foi visto pelo medico de dia?

1º SERVENTE. — Sim, senhor, — pelo Dr. Gouvêa... Elle disse que não era nada... e ordenou que o recolhessemos.

LUIZ. — Vocês não percebem então que levam ahi um defuncto?

1º SERVENTE, *correndo a cortina da padiola*: — É' verdade. Entretanto, o Dr. Mata-zombando assegurou-nos que o homem nada tinha.

2º SERVENTE, *em acto de suspender a anda*: — Lourenço, meia-volta á esquerda... E Deposito com elle.

Ambos, *sahindo*: — Ora, o Mata-zombando!

MAURICIO. — Apeou-se do bonde o Dr. Julio da Silveira... Que ratão!... Vou estourar-lhe uma vaia...

LUIZ. — Contenha-se. Lembre-se que, ainda a semana passada, houve quem dêsse queixa de você ao Provedôr... Si não fôra a intervenção de Jorge, a sua suspensão seria immediata.

MAURICIO. — Reparem... Reparem um pouco... Tiron agora o chapéo... Tem apenas uns fiapos de cabêllo, que os gruda á calva de modo tal que dir-se-hia um formidavel lacráo. Frequenta o Cassino, e vem para o serviço, tão bambo ás vezes, que mal pôde firmar-se nas pernas... Contaram-me que auscultando uma cliente, applicou-lhe o thorax, e, com o relógio na mão, solicitou-lhe que contasse os segundos — um, dous, tres... Mas, tanto se demorou, que pegou no somno, e a paciente, embora sob a pressão da cabeça, continuou a contar, chegando a cem, a duzentos, a quinhentos... quando,

afinal, o bruto desperta. Não perdeu, porém, a calma, e prognosticou: «Mil pulsações, por segundo! Morte certa.» E a pobre mulher, com semelhante desengano, precipitou-se da janella.

SCENA VI

Os precedentes e o Dr. JULIO DA SILVEIRA

DR. SILVEIRA, *prodigo em mesuras*: — Ilustres... Algum caso novo?

MAURICIO. — Uma operação cesareana.

DR. SILVEIRA. — E quem vae fazê-la?

MAURICIO. — O Barros.

DR. SILVEIRA. — Já para alli seguiu o *rabecão*?

LUIZ. — Devagar! O Dr. Barros não é tão inepto, que se possa previamente...

DR. SILVEIRA. — Eu não confiaria á sua proclamada pericia nem mesmo o meu cavallo de sella... Não desinfecta os ferros... É' uma lástima!

LUIZ. — Oh, a antisepticia! Fala-se tanto n'ella; entretanto, nunca se a executa convenientemente.

MAURICIO, *intervindo*: — Sim, mas, actualmente, a cousa mudará de figura... As exigencias sôbem de ponto. Sabem o que propôz o Dr. Barbosa Lima, hontem, no Congresso? Que os medicos sejam obrigados a andar rapados e raspados. E assim, ábaixo as barbas, os bigodes e os pêllos. Tudo raso... por amôr á antisepticia!

DR. SILVEIRA. — Mas, com que fim?

MAURICIO. — Para evitar que os microbios, n'elles se aninhando, sejam transmitidos, em cultura, por intermédio do proprio profissional.

DR. SILVEIRA. — Mas é uma affronta á liberdade medicinal...

MAURICIO, *respondendo-lhe*: — Bem pôde ser, não contesto; mas, o Dr. é quem menos se deve incommodar com o projecto, porque, com respeito á barba, poupa-lhe o trabalho de pintar-a... (Passando-lhe a mão pela calva:) e, quanto á cabeça, o sacrificio é nem um, pois já está de acôrdo com a lei.

DR. SILVEIRA, *formalisando-se*: — Menos confiança! Divirta-se com a Sabina das laranjas; ouve! (Retira-se precipitadamente, ás risotas abafadas dos circumstantes.)

(Ouve-se, inesperadamente, um BRADO D'ARMAS! Os medicos formalizam-se, suppondo a visita do Presidente da Republica.)

MAURICIO. — Pensam talvez que é o Presidente da Republica; não é assim! Enganam-se. É' o pandego agente de uma officina de grinaldas, que passa alguns cobres á sentinella para fazer-lhe as honras de coronel da Guarda Nacional, annunciando-lhe assim, ao mesmo tempo, a potente e a industria.

SCENA VII

Os precedentes, menos o Dr. SILVEIRA; e depois o URUBU' DE FERREIRO, agente de uma fábrica de grinaldas

LUIZ, *a Mauricio*: — O Silveira não gostou da tua pilheria a proposito da antisepticia dos pêllos.

MAURICIO. — Fil-o propositalmente... É' um má linguá... um inimigo gratuito do nosso modesto Barrinhos...

O URUBU' DE FERREIRO, *dirigindo-se a diversos*: —

Desculpe-me V. S...

HEITOR. — Que é?

O URUBU', *com um masso de cartões, que offerece sem escôlha*: — Desculpe aproveitar-me da triste circumstancia em que se acha...

Pag. 734, columna 1ª, linha 8: de um prazer.....

Pag. 733, columna 1ª, linha 24: taça de.....

Pag. 733, columna 1ª, linha 28: da apolaystia.

Pag. 734, columna 1ª, linha 7: que não podem concluir; ao passo que outros, ainda mais velhos, e ainda mais.....

HEITOR. — Que circumstancia?  
 O URUBU'. — A dolorosa perda...  
 HEITOR, dando-lhe as costas: — Perdi effectivamente  
 uma cadellinha... Quer incumbrir-se do entérro?  
 O URUBU', dirigindo-se a Mauricio: — Relève-me V. S...  
 MAURICIO. — Que quer você?  
 O URUBU'. — Relève aproveitar-me da compungente  
 situação em que se acha...  
 MAURICIO. — Muito compungente... Ainda não al-  
 mocei: quer pagar-me o almoço?  
 O URUBU', passando-lhe um cartão: — Isso, não; mas,  
 posso indicar-lhe, si quizer, um restaurante especialis-  
 simo, onde se come muito por pouco dinheiro.  
 O 1º SERVENTE, ao Urubu: — Pise d'aqui, seu Azu-  
 negra... Os senhores doutores não tem defunção fresseo,  
 em casa... Elles forjam-nos, diariamente, aqui, e lá fóra,  
 porém não marcham com as despezas do enterramento!  
 O URUBU', afastando-se: — Desculpem-me... perdõem-  
 me... Pensei... Julguei... Não sabia... (Avisando uma fa-  
 milia, que trança o saquão.) Perdoem-me VV. EEx... E'  
 alguma encommendazinha de caixão? de carro? de gri-  
 nalda? de lucto? de missa? (Desapparecem.)

## SCENA VIII

Os mesmos, menos o URUBU' DE TERCEIRO

LUIZ. — Seria conveniente acabar com esta praga  
 aqui dentro, atropelando individuos que desejariam ser  
 despachados o mais depressa possível...  
 MAURICIO. — Este urubu de terceiro, por exemplo,  
 é de uma importunação sem igual. Encarrega-se de tudo:  
 os filhas tratam do entérro, as filhas fazem grinaldas, a  
 mulher costura o lucto, o genro contracta o padre para a  
 missa do sétimo dia, e elle, em pessoa, acolyta-a; e, como  
 si não fosse bastante, tem uma nora poetisa, que se encar-  
 rega de escrever as nemias e aceita encommendas de epita-  
 phios para as loucas. E tudo isso elle apregoa com o mesmo  
 estribilho: não cessou ainda cinco minutos de abordar  
 individuos, que não tivessem soffrido uma perda dolorosa.  
 LUIZ. — Deve ser assim mesmo. No mundo, tudo é  
 triste quando se encaram as cousas com um pouco de  
 seriedade, e tudo é ridiculo, si as lóbrigamos atravez os  
 vidros inventidos do nosso binoculo.  
 (Nova chamada: A's armas!)

MAURICIO. — Não se assustem. E' o figurão marcial  
 e funerario, que se retira.  
 (Que se estacar, com estrondo, um carro.)

BANDEIRA. — De quem será aquelle coupé?

MAURICIO. — E' antes uma gondola veneziana, uma  
 barca Ferry, porque transporta o hydramorphy ultima-  
 mente nomeado.

HEITOR. — Ah, já foi nomeado o médico homeo-  
 patha!

MAURICIO. — E alli está, dando ordens ao cocheiro.

LUIZ. — E' de previr começa agora o clamor contra  
 a falta d'água... si os nossos doentes se passarem todos  
 para elle...

ALFREDO. — O que cumpre provar, é, antes de tudo,  
 si os apóstolos do tratamento pelos semelhantes estão de  
 boa fé, acreditando curar seus clientes...

MAURICIO. — Os que não morrem por ausencia de  
 remedio, proclamam por ahi a excellencia das dyuami-  
 sações...

ALFREDO. — A verdade, entretanto, é que, si elles  
 não curam, tambem não invalidam os doentes, não os  
 comprattem.

HEITOR. — Concordemos: allopathas e homeopathas  
 somos todos uns *ejusdem furfuris*; beijos da mesma fariacha,  
 como traduzio o estudante dante...

LUIZ. — Menos essa. Antes de tudo, vivamos digna-  
 mente. Pelo simples facto de sermos médicos, e por isso  
 mais em contacto com as miserias do genero humano,  
 não me parece razão bastante para que, impoendo nos a  
 confiança dos que nos procuram, os doentes se deixem  
 explorar, sem protesto, mais por nós outros do que por  
 quaesquer outros negociantes.

HEITOR. — Negociantes!

LUIZ. — Por que não? Chame-se, embora, perante o  
 público, á noss'arte, uma profissão liberal; em fundo, não  
 passa de um commercio como os demais.

BANDEIRA. — Entretanto, não terá, como Jorge, sup-  
 põho, a pretensão de exercer a arte de Hippocrates por  
 mera benemerencia; tu, que exiges sempre teus honora-  
 rios á bócca do cofre.

LUIZ. — Jorge é rico, quasi millionario, ao passo que  
 eu sou pobre; Jorge não tem filhos, emquanto que eu  
 conto já oito... E ainda que assim não fosse, não en-  
 contro motivo para o médico não reclamar seus hono-  
 rarios: todo é qualquer trabalho, quaesquer esforços,  
 quaesquer despezas feitas para chegar a esse resultado  
 representando um grande capital, deve ser retribuido,  
 e com juro. E não nos venham contar rodélas sobre a  
 caridade profissional, e principalmente sobre a nossa  
 falta de coração, quando exigimos o que nos é devido;  
 fazendo-o, somos tão honestos, tão justos, como o pa-  
 deiro, o carraiceiro, o alfaiate e o sapateiro, que mandam  
 suas contas no fim do mez para serem satisfeitas.

(Os dois Serventes dirigem-se de novo aos corredores, de  
 maca ao hombro.)

BANDEIRA, interpelando-os: — Para onde conduzem  
 esse enfermo? (Reparando.) Enfermo, não, — é um ca-  
 daver. Quem o mandou para a enfermaria?

1º SERVENTE. — Foi o médico de plantão, o Sr. Dr.  
 Mata-zombando, que affirmou, ao examiná-lo, não ser  
 nada.

MAURICIO. — Já é o segundo embrulho esta manhã...

2º SERVENTE. — Meia volta á esquerda, Lourenço,  
 que o Amphitheatro o espera.

1º SERVENTE, suspendendo a maca: — Avia-te, Zé...

(Toma para o Pateo do Amphitheatro, lastimando-se  
 ironicamente.)

AMBOS. — Já viram o Dr. Mata-zombando! ...

## SCENA IX

Os precedentes e o Dr. VAZ DA MOTTA

VAZ DA MOTTA, entra enfatuado, mas de chapéo na  
 mão, desfazendo-se em cortezias, communicando e interro-  
 gando indistinctamente: — Sou o clinico homeopatha ulti-  
 mamente nomeado... V. S. poderá indicar-me o salão que  
 S. Ex. o Sr. Conselheiro Provador se dignou desti-  
 nar-me?

MAURICIO, tomando-lhe a frente: — Com summo pra-  
 zer. Queira ir por este corredor... dobre á esquerda...  
 tome em seguida á direita... E' ahi.

VAZ DA MOTTA, em exaggerados cumprimentos: — Mui-  
 tissimas graças... (Toma o corredor ao fundo.)

## SCENA X

Os precedentes; menos o Dr. VAZ DA MOTTA

MAURICIO. — Vai direitinho bater com o nariz na... na Caixa d'Agôa, onde se fornecerá, á vontade, de vehiculo para os seus infinitesimos... Enveredê-o, pois, natural e espontaneamente para a sua botica hahnemanniana...  
(Risotas de môfa.)

## SCENA XI

Os mesmos; e os deus SERVENTES

(Os deus Serventes atravessam, novamente, transportando um doente.)

LUIZ, á distancia: — Quem mandou dar leito a esse finado?

O INDIVÍDUO, com a cabeça átravez da cortina: — Finado, não, senhor!... V. S. bem vê que estou vivo e muito vivo...

1º SERVENTE, fochinando-o dentro da maca: — Calate, asno. Queres, então, saber mais do que alli o senhor doutor... Elle que attestou in fide grão, é que o estás... Arriba, Zé... E Necroterio com o recalitrante.

(Partem em direcção ao Pateo, ás reclamações do doente, que mal pôde mezer-se.)

(O movimento dos consultantes prosegue, entrando, e sahindo, no seu afan, uns, com ataduras ligando feridas; outros, de braço á tipoia, e aparelhos em diversas regiões; e ainda outros, portadores de receitas, e medicamentos em vidros, tigellas e garrafas. Gritos, gemidos, e lástima de quasi todos; choro de crianças, que esperneiam; pragas das volhas; empurões, e palmadas, a lórto e a direito, completam este pandemio singular, unico e característico.)

## SCENA XII

Os precedentes e JORGE

UM SERVENTE, a Luiz, apenas avista o recém-chegado: — O Senhor Dr. Chefe do Serviço.

(Jorge, trajado de preto, chapéo na mão, penetra cabisbaixo no vestibulo, encaminhando-se para o centro das diferentes clinicas. Victorina, que se afastára para um canto, apenas o vê, toma-lhe automaticamente a frente, pairando-lhe nos labios celestial sorriso; Jorge estranhando, se detém; Victorina, confusa, fita-o; Jorge sem reconhecê-la, e tomando-a por uma pedinte, dá-lhe alguns nickéis; ella, que os recebe em sua effusiva contemplação, atrai-os logo ao chão.)

JORGE, sem escandalisar-se: — Que terá ella? Uma men-tecapta, talvez.

VICTORINA, com a voz abafada: — Uma desgraçada, apenas. (E separam-se: elle, perdendo-se entre os collegas; e ella, voltando ao seu primitivo logar.)

LUIZ, a Jorge, depois dos cumprimentos de estylo: — Chegou a proposito, sabio collega. Temos tido, esta manhã, uma serie de casos interessantissimos... Este, por exemplo. (Aponta para Olga que, de pé, e isoladamente, acabára de ser examinada.)

JORGE, aproximando-se: — Não admira. A medicina offerece vasto campo á observação, por isso mesmo que, na vida prática, o médico estabelece, ás vezes, verdadeiros conflictos com a natureza.

LUIZ. — Quanto a mim, mais calmo, mais indifferente, e talvez mais sceptico do que se pensa, a profissão apenas tem conseguido gerar-me n'alma calculado desprezo pela humanidade.

JORGE. — Explique-se.

LUIZ. — Estou presentemente convencido de que todos os males que a affligem, não passam de tributos pagos á ignorancia; tributos justissimos, é certo, porque angustias e dôres de toda a sorte colhem os abusos e excessos resultantes da corrupção do meio e inopia de luzes.

JORGE. — É o versiculo do Livro Sagrado dos Hindús em acção: os prazeres do presente são as matrizes em que se fundem os soffrimentos do futuro.

LUIZ, apontando para Olga: — Temos frisante exemplo n'aquella doente, que denuncia, nas roseolas syphiliticas ao rôsto expostas, uma mocidade inteira de luxuria e devassidão.

JORGE. Tratando-se de molestias directa e individualmente adquiridas, como a d'este typo clinico, poderá talvez prevalecer sua opinião; mas, com respeito ás epidemias, como explical-a assim em absoluto?

LUIZ. — As epidemias são flagellos que nos visitam, fatalmente, em certas e determinadas épocas, porque as collectividades humanas não organisadas debaixo dos grandes preceitos de hygiene, demonstram ainda, quando menos, imprevidencia culposa. A superabundancia de individuos em localidades restrictas, desenvolve molestias transmittidas pelo sólo, pelo ar, pela agôa, pela materia organica em decomposição, em summa; pois bem: as enfermidades são tanto mais mortíferas, e tanto mais assoladoras as epidemias, quando encontram as populações predispostas pela miseria e depauperadas pelos vícios. Ainda por esse lado estou dentro da minha theoria.

BANDEIRA. — Dêmos que assim seja, resta ainda contra sua proposição os casos de hereditariedade, por demais vulgares.

LUIZ. — Ha, effectivamente, em toda a natureza certa filiação, certa solidariedade, que se encadeia incessante; e, com referencia ao homem, que se prolonga de geração em geração, que se estende de próle em próle, que se communica de individuo a individuo. Nem sempre soffrêmos por nossa propria culpa, mas por conta da transmissibilidade. Constituição physica, temperamento, caracter, tendencias e vocações, sympathias e antipathias, e até o modo de comprehender e interpretar o bem e o mal, tudo, tudo herdámos das origens. Nada, pois, mais logico: todos nós que aqui nos achámos, não somos o que desejariamos ser, mas unicamente combinada reprodução do que fôrão nossos paes; e assim pôde affirmar se, não vêmos com os nossos olhos, mas com os olhos que, tendo a fórma dos de um dos nossos progenitores, necessariamente nos fazem distinguir as cousas taes quaes elle, ou elles, as enxergaram. Si, pois, herdámos dest'arte os orgãos, e — com elles — as especies e individuaes funções, por que não herdaremos tambem tendencias, aberrações, vícios, diatheses pathologicas?... A predisposição não basta para explicar o phenomeno.

JORGE. — Porque não seria justo.

LUIZ. — A natureza não se preoccupa com o justo, nem com o injusto. Diz um proverbio chinês: Deus é um grande indifferente. Será de boa equidade, por exemplo, que o rude operario, que sabe matinalmente para ganhar o pão de cada dia, seja precisamente aquelle a quem o acaso prefira para victima de um accidente? A natureza é incontestavelmente iniqua.

BANDEIRA. — Nesse caso, achará tambem justo que as creanças nasçam rachiticas, idiotas, deformadas, só porque descendem de ébrios habituaes, de libertinos, de diathesicos?

LUIZ. — Certamente: a natureza inteira é escrava das filiações e da harmonia; e o desvio da normalidade physiologica produz seres teratologicos.

JORGE. — Mas essa tão decantada natureza que, de um lado, nos tornou herdeiros directos e forçados de attributos que minoram até certo ponto a responsabilidade

de nossos actos, armou-nos, por outro lado, de energias bastantes para combater os máos instinctos, ou encorajar-nos á pratica do bem. D'ahi não raro, a lucta do moral sobre o physico, cabendo sempre a victoria aos mais fortes. Eu proprio, nos meus tempos de estudante, tive occasião de presenciar um desses casos em duas irmãs uterinas. Ha mesmo, entre nós, quem assistisse a alguns incidentes do facto que vou rememorar. Viviam essas môças relativamente satisfeitas, não obstante sua extrêma pobreza, sem aspirações, mesmo porque ignoravam os attractivos e seducções mundiaes. Inesperadamente acham-se orphãs de mãe. O inaudito revêz, havendo golpeado o misero consorte, este recorreu aos excessos de toda casta em busca de lenitivo e de esquecimento, pouco mais sobreviveu ás desgraças que de toda parte o assediavam. O Rio de Janeiro, porém, é um labyrintho de Oreta: uns, nunca lhe encontram a sahida; outros, como Dedalo, levantam o vôo e planam; e ainda outros, menos atilados, não percebendo, como Icaro, serem suas azas de cêra, aproximam-se do sol, que as derrete, rolando elles desilludidos no abysmo. Eis o que se realison com referencia á inditosa familia, reduzida por ultimo a duas inexperientes creaturas, entregues aos caprichos do destino. Uma chamava-se Olga.

OLGA, accusando-se: — Eis-me.

JORGE, proseguindo calmo: — Como veem, novo Sisypho, ergue a pedra dos seus desregramentos ao pico da montanha, e com ella é arrastada até a base; Sisypho, porém, teve a coragem de recommençar sua tarefa, ao passo que esta incauta rapariga assistio, nos licenciosos prazeres, á destruição de seu proprio physico, á corrupção do seu moral, não tendo jámais valôr para reagir, para recuar. Perguntêmos-lhe o que assim a perdeu, e ella responderá...

OLGA, laconicamente decisiva: — O amor.

JORGE, proseguindo indifferente: — A segunda... (Victorina que, ás primeiras palavras de Jorge, se levantára, atrahida agora pelo interesse da narrativa se encaminha para o grupo, e escuta sôfrega.) A outra... Consintam-me enxugar esta lagrima, que talvez cahisse sobre uma côva rasa, sem inscripção... sem uma cruz de lenho sequer; lagrima duplamente sentida, n'este instante, porque a riqueza, provinda do meu casamento, lhes declaro ter aberto mão d'ella, pelo divórcio: esse dote, que me humilhava, e que me separou da misera esquecida, eu o restitui intacto á espôsa inconsequente. Fiquei pobre.

VICTORINA, consigo: — (Pobre!)

JORGE. — Pois bem: a irmã daquella transviada resume, em si, toda a historia de minha triste mocidade, por isso que sua generosa abnegação tornou-se a causa unica de minhas atribulações conjugaes. Nós outros, os homens, como sômos fracos!.. Só cogitámos em ser felizes!... Um momento de infortunio basta para abater-nos! Dez annos de passadas recordações destruíram as minhas esperanças, desvaneceram as minhas illusões, mas a virtuosa donzella, curtindo as maiores privações, assistio á ruina de si mesma, porém conservou intacta sua candidez, a despeito de angustias, de torturas, das affrontas e do descaso de todos. E tudo isso sem uma queixa, e do gemido... até que desapareceu. Pois bem: Olga e Victorina nasceram gemeas; entretanto, uma era a hostia da castidade, ao passo que a outra tornou-se a vasa dos prostibulos; em ambas, a natureza insuflára o amor como a essencia do bello e do fantasiôso; em ambas as paixões se haviam desenvolvido por igual, no mesmo meio, sôb os mesmos principios educativos; pois bem: si fôsse possível perguntar a ess'outra, por que assim se conservára pura, ella vos responderia decisiva...

VICTORINA, com voz firme: — Pelo amor. (Todos se voltam para ella, que conclue imperativa:) E quem m'o arraigou n'alma... fôste tu.

JORGE, reconhecendo-a, conturba-se: — Victorina!

VICTORINA. — Deus formou o amor puro, como puro formou o diamante no cascalho: Olga facetou-o, e o vendeu, enquanto que eu acantelei-o no escritorio da honra como o unico dos thesouros. (Apontando-lhe um instrumento cirurgico, que arrebatou com impeto de sobre a mesa:) Eis este ferro... Abre-me o peito, extrahe-me o coração, excarva-o, e lá o encontrarás impolluto como o deixaste, Jorge.

JORGE, aparentemente calmo: — Creaturas ha, Victorina, que, luctando contra os fados, triumpham áfinal, salvando para sempre seus idéias, seus sentimentos mais adoraveis. Si a sociedade fita-as n'essa lucta, ironico sorriso para-lhes nos labios... E' que ella ignora o que lhes vae no intimo. A despeito de obstaculos, de preconceitos, minh'alma nada perdeu tambem d'essa paixão sublime que soubeste inspirar-me...

VICTORINA. — Não prosigas, Jorge. A dúvida compromette tanto quanto a realidade. Quando uma mulher perde a honra, não se pergunta si foi pela violencia ou pela fraqueza. Aceito sua protecção ao lado d'esta infeliz, enquanto ella aqui existir; e, por sua morte, modesto emprêgo n'um dos Recolhimentos d'esta santa Instituição. Eis tudo o que pretendo de ti... O amor, Jorge, não é mero sonho, é um facto, é a realidade desse facto; não é simples platonismo, é uma contingencia dos seres humanos; e, por isso, deixa de ser muita vez o doce arrulho da rola, para converter-se em fome voraz de tigre. Não soubêmos comprehendê-lo assim; não é verdade? Procura conciliar-te com tua melindrada mulher: si a causa unica das constantes discordias era o teu pendor para os meus carinhos, ella nada mais terá de que se arreceiar. Eu, como viste, como presenciaste, porque fôste tu que me defendeste, jámais poderei nobremente pertencer-te. Receias que eu te esqueça? A ausencia, que diminue as paixões mediocres, augmenta as paixões violentas. Sê feliz.

JORGE. — Onde o poderei?

VICTORINA. — Junto de tua consorte. Os motivos de seus aborrecimentos, eu não me illudo, desaparecem com esta resolução. A mim, a mim, é que nada mais resta... Nada! E quem tão traiçoeiramente nos desunio, quem assim torpe nos separou para sempre, foi... (Apontando para Luis:) foi aquelle desfaçado hypocrita.

JORGE, investe para elle, e, recuando de um pé, estala-lhe uma bofetada. Bandido! (Os collegas, arripiados de espanto, fazem um movimento de indignação. Rapido conflicto entre os dous, e intervenção apaziguadora dos circumstantes.) Oh, não me volteis o rosto... Ont'ora a esperança de toda a minha risonha mocidade, aquella infeliz se constituirá, mais tarde, o alvo illuminado através do meo sombrio presente! E todos meus sonhos inesperadamente se desfizeram ao halito empestado d'esse libertino! Transpôndo as portas glaciaes d'esta morada da dôr, ella leva ainda consigo os retalhos de minh'alma, pedaços de minha vida, — a historia inteira de meu coração! (Victorina, ao transpôr o largo palmar do pavimento superior que deita para as multipas enfermarias, se detém; e sentindo que as forças lhe faltam, descansa a dextra na maçaneta do corrimão, escutando o debil corpo. De relance, volta-se para o ponto em que deixára Jorge, e, do alto, fitando-o n'um cobrêamento nervotico, silva intercadente suspiro, atirando-lhe no beijo frio de sua prematura e infallivel morte o coração em braço da mulher ardentemente affectiva a se apagar no nada. Jorge, ajustando com a mão algida e tremula o trespassse da sobrecasaca, cabêllos a varrerem-lhe a testa, retribue aquelle adeus do tumulto com o olhar humido e significativo dos que ainda acreditam na existencia real dos anjos do céu e dos anjos da terra. Aquellas duas ruinas do amor internam-se lentas nos longos corredôres do Hospital.) (Quadro.)



# A AGONIA DO GENIO

(Ultimos momentos do tragico brasileiro JOÃO CAETANO DOS SANTOS)

MONODIA AUMENTICA

PELO

Dr. Pires de Almeida

## SCENA UNICA

Das artes todas, — ó destino vario! —  
A do palco é, máo grado o seu imperio,  
A mais ingrata e árdua, pois nem resta  
Uma sombra sequer dessas figuras  
Pelo genio creadas!  
Não sobrevive á geração que o applaude,  
O olvidado actôr em seus triumphos...

O pintôr, que debuxa o quadro esplendido,  
Que ao pincel reivindicá heroeas da Historia,  
Quando baixa ao sepulchro, as suas téas  
Vivem, perduram, a lhe estrellar o nome.

O esculptôr que, tallando o mármor níveo,  
Fal-o, animado em sonhos do futuro,  
Na modesta officina, occulto ás vistas  
Da turba que o ignora, grava fundas  
O seu proprio epitaphio em lápis rijas...  
A morte o colhe, mas o seu renome  
Primôres d'arte perpetuando ficam.

De fallaz esperanza o bardo nutre  
A sua inspiração, seu devaneio,  
Não importa palpitarem os seus cantos  
Na trova meiga ou no poema ativo...  
No fôssô o roja o vendaval da morte,  
Mas a gloria lhe salva o nome e os versos.

Assim é do pintôr, do estatuario,  
E do poeta o galardão sublime!  
Elles resvalam pelo mundo, passam,  
Mas deixam após si duraveis marcos.

O desditôso actôr, porém, cahindo  
No caminho da vida, nem ao menos  
Lhe douza a campã o lame da ribalta,  
Onde animou heroeas, pairões e Inetas...  
Talma, Lekain, até o proprio Kean,  
E vós também Garrick, o que salvastes  
Da voragem mortal! Um echo apenas  
De vaga tradição já quasi extincta...  
Quem mais se lembra do fulgôr intenso  
Do vosso olhar illuminando a scena,  
Do móbil gesto que as paixões alenta,  
E o silencio converte em verbo ardente?  
Quem se lembra das phrases murmuradas,  
Ao ouvido, em enlêvos languerosos,  
Ou do tórvo estrugir das vozes vossas,  
Que, se embecendo n'alma, meigas, roucas,  
Despertavam affectos, iras, odios?

Isso tudo refulgiu, tudo apagou-se...  
Chispas do genio que os actôres levam  
Comsigo á treva de feral olvido!...

E suas creações com elles morrem...  
E seus papéis com elles desaparecem...

O' laureados vultos de meus mestres,  
Cujas doutas lições gravei na mente!  
E vós, ó Magalhães e Porto-Alegre,  
Vós, Castilho e Arago, egrégios vates,  
Da arte que idolatro, illustres guias,  
Ora que, cheia, contra o mar da Morte,  
A taça de meus dias váe partir-se,  
Aceitae este adeus saudôso, extrêmeo,  
Que vos envio do sepulchro á beira.

Mais ar!... Eu quero ar!... A forte luota  
Não tarda a ter um fim... Suffoco! eu morro...  
O coração borbulha-me no peito,  
Como a cratera de um volcão em lavas...

O' visões do passado! ó minhas noites  
De triumpho e delirio, em que dei vida  
A's creações que a arte empresta ao genio!  
Rodeae o meu leito em longas alas...  
Surgi, en quero vêr-vos, abraçar-vos,  
No derradeiro instante da existencia:  
D'este lado, Fayel, Oscar, D. Pedro,  
Hamleto, Kean, André, Aristodemo,  
O cantor portuguez, Camões altissimo...  
D'este outro, Othello e Macbeth e Cinna,  
Orosmano, Sardauppalo, Egistho,  
E Antonio José, Jason, os fructos  
De minha inspiração! Sou todos elles, —  
No tempo os revivi em scena aberta...  
Eu sou João Caetano — ó Arte! ó Gloria!

(Encosta por momentos a fronte na mão espalhada;  
ergue-se depois, em âncua, n'um paroxysmo de angustia, e,  
alargando com as mãos o peito da camisa, corre semi-ortho-  
pneico á janella, que escancêira violento, gritando cambaleante,  
apôiado ao batente:)

Ar!... Ainda mais ar!... Mais ar ainda!

(O sol, que desponta, banha de rubro a figura inteira do  
actôr.)

Eis o sol que, aos incendios levantinos,  
Vem aclarar-me a senda nebulosa!

Salve, Titan de fogo! Sê bemviado!  
 Em ti fermenta o palpitar da vida,  
 Amanhã volverás; mas, os teus lumes  
 Aquecerão apenas um cadáver  
 Envolvido nas dobras do sudário,  
 Sob o leão de terra verminada.

(Tremulo na orchestra.)

O' Deus! nas arcarias do horizonte  
 Um momento retém do sol o gyro,  
 P'ra que, com seus raios aureolado,  
 Patente a contricção em mim s'estampe.

(Ajoelha-se.)

Ao transpôr os humbraes da Eternidade,  
 Consente, Senhor meu, que das sandalias  
 O pé sacada da jornada finda,  
 Adim de que não vão alfombras santas  
 Os pés manchal-as do romeiro exausto.  
 O' Deus! o Homem nasce, e traz, em germen,  
 Por herança ancestral a culpa e o erro:—  
 Bem sei que delinqui; mas, á vingança,  
 Ou ao rancôr, jámais se abriu meu peito.  
 Amei;—tive ambições, porém de glórias!  
 Fiz o bem pelo bem, nunca humilhando  
 A fraqueza da mão que me pedia...  
 Das culpas me absolve, —ó Deus dos crentes! —  
 Eu, peccador, te rogo prosternado.

(Erguendo-se com a serenidade dos purificados, exclama  
 no subdelírio precursôr da morte:)

Extrêma unção do céu, — eu te bemdigo! —  
 Como é doce o perdão, como é sublime!

Patria, por quem luctei na Cisplatina,  
 Espôsa e filhas, compauheiros d'arte,  
 Lego-vos, neste adeus, pedacos d'alma,  
 Aos tafões glaciaes já d'outra vida!...

O' meus trophéos de actôr! Essa corôa,  
 Que alcancei radiante entre os meus pares,  
 Não a vejo... Onde está?..

(Percorre em angustia a estreita scena; dando com  
 a corôa resguardada em caixa de veludo, sobre uma colu-  
 mna negra, toma-a com transporte entre as mãos emaciadas;  
 e, suspendendo-a no paroxysmo, balbucia, a sorrir, estentonaute  
 e rouco:.)

Eil-a, porfim!  
 Tu tens do meu Brazil todas as gêmmas  
 Na pedraria accesa que te esmalta, —  
 Irás commigo ás gerações futuras, —  
 Quero cingir-te ao limiar da Historia!

(Cyanotico, olhos fixados ao alto, convulsivamente ajus-  
 tando ao peito sua triumphal corôa de ouro estrelada de  
 brilhantes, cresce sobre si mesmo, e urciando áhãhã o corpo  
 pesado, e inerte, na poltrona, syncopalmente expira.)

(Forte na orchestra. Cahe o pano.)



FRANCISCO GOMES DE AMORIM

Nasceu em Anelomar, na provincia da Bahia, em Portugal,  
 a 13 de agosto de 1827. — Em 1857 veio para o Brazil, tó voltando  
 em 1846.


Enriqueceu o theatro brazileiro e portuguez com as seguintes  
 peças de incontestavel valôr:

*Shigi*, drama original em 5 actos (1852); *D. Sancho II*, drama  
 em 5 actos e um prologo; *O Corsario*, drama em 5 actos e um pro-  
 logo; *A comédia da vida*, drama em 5 actos; *A geranota branca*, dra-  
 ma em 5 actos; *O Melodrama dos Melodramas* (1857), disparate em-  
 navaleto em 4 actos (1856); *O cedro vermelho*, drama em 5 actos  
 (1854); *O odio de rapa*, drama de costumes brazileiros, em 3 actos  
 (1853); *A Viuva*, comédia em 2 actos (1852); *Os incognitos do  
 mundo*, comédia-drama em 5 actos; *Os herdeiros do millionario*, co-  
 média em 3 actos; *A puchificação*, comédia em 3 actos; *Historia de  
 um enforcado*, comédia em 3 actos.

Eis os titulos com que as peças foram representadas, posto que  
 algumas dellas coram impressas com outros nomes; e assim, o *Me-  
 lodrama dos Melodramas* passou a chamar-se *Figadas de Tigre*; a  
*Comédia da vida* está publicada com o titulo *Abasgação*; a *Esclava-  
 tiva branca* deu-lhe o proprio autor, mais tarde, o titulo de *Até as  
 socias*, etc.

†, em Portugal, a 4 de novembro de 1891.



 ELEONORA DUSE,

• SARAH BERNHARDT — Italiana,  
OMMAGGIO.

Rio de Janeiro (Brazil). — Tournée 1907

## REI-OEDIPO

## TRAGEDIA DE SOPHOCLES

TRADUZIDA PARA O VERNÁCULO; E ANOTADA, SEGUNDO OS HELLENISTAS MAIS NOTÁVEIS  
E OS COMMENTADORES MAIS ERUDITOS,

PELO

Dr. Pires de Almeida

(Continuação. — Vid. Fasc. 1.º, pags. 238 a 242, e 2.º, pags. 450 a 458.)

## SUMMO SACERDOTE

Curvos ouvidos, cheios de emoção,  
A vossa trovante imprecação;  
Cuidae, porém, ó Príncipe clemente:  
Si, de facto, este povo é innocente  
No assassinio de Laio, parecia  
Que ao oraculo de Delphos pertencia  
Interpretar o facto complicado,  
Nomeando, ao estrépito sagrado  
De sua voz potente, esse horróroso,  
Esse féro, esse infame criminoso.

## OEDIPO

Oreio, sim, que o Oraculo é quem deve  
Apontar nos o réo; mas, quem se atreve  
Sondar mysterios que contêm no bôjo  
Os fados immortaes? que cégo arrôjo  
Seria, n'um mortal, si taes enredos  
Quizesse desvendar nos seus segredos?

## SUMMO SACERDOTE

Não sei que inspiração ora me aclára,  
E novo proseguir, aífim, prepara. (\*)

## OEDIPO

Falae, — nada occulteis: dizei-me tudo  
Que vos tem suggerido o sério estudo,  
Sabedoria propria e experiencia;  
Não quero que nenhuma diligencia  
Frustrada fique; não!

## SUMMO SACERDOTE

Sabei, Oedipo, —  
E, quando ignoreis, eu me antecipo, —  
Que celebrados são nos quatro ventos  
De Tiresias os magicos pertentos.  
Vale o mesmo, esse vate, entre os humanos,

Que Apollo em meio aos deuses soberanos: (\*)  
Descerrando o mysterio mais escuro,  
Elle penetra os longes do futuro!  
Lada que de cegueira hoje punido, (\*)  
Quando fita em horóscopos sentido  
Não ha successo algum que não prediga.  
Venha Tiresias pois, e a todos diga  
Em que dobra de tréva hoje se occulta  
Um crime que o mysterio inda sepulta!  
Em qual antro, feroz, se refugia  
O monstro, que mais ser não poderia!

## OEDIPO

Nem essa inquirição fora esquecida  
Por minha previdencia reflectida  
Tiresias duas vezes foi chamado,  
E já estou, com razão, admirado  
De que elle pônha em vir tanta demora. (\*)

## SUMMO SACERDOTE

E' preciso sem falta ouvir o agora,  
Pois as versões, ao tempo desse crime,  
São tão vãs que ninguem ha que se anime  
A dar-lhes fé.

## OEDIPO

Embora, embora erradas,  
Que rezam as versões, mais propaladas?

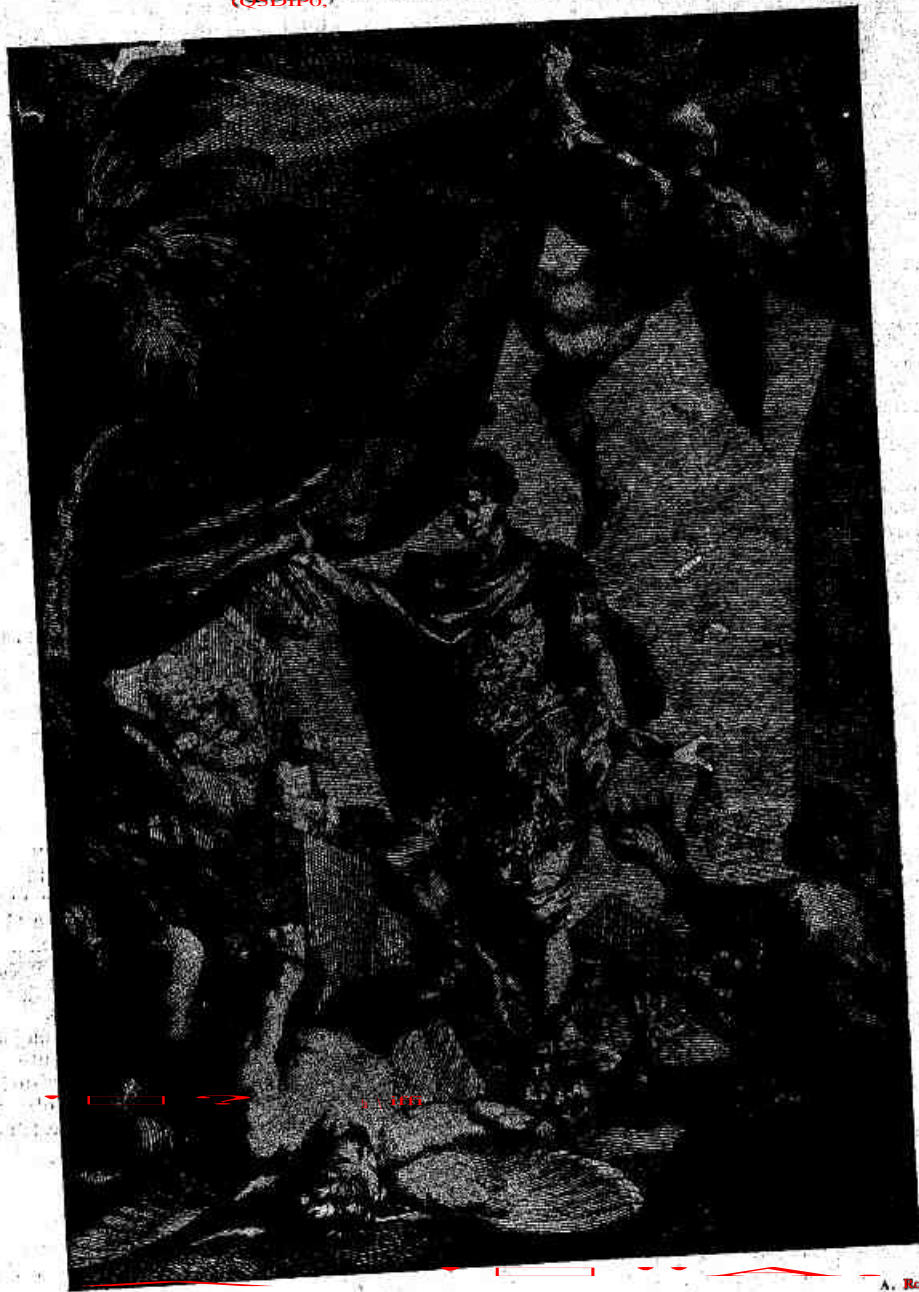
(\*) e (b) Tiresias, natural de Thebas na Beocia, era filho de Evróo e de Caricia. Tendo surpreendido Pallas no banho, referem Callimaco e Propertio, foi punido com a perda do uso da vista, supplicio certamente menor do que o de Acteon, transformado em caçador e depois espedaçado pelos seus proprios cães; pena esta em que incorreu por haver espiado a caçadora Artemis (Diana), no valle de Gargaphia, tambem na Beocia, banhando-se com suas nymphas em uma fonte. Aquella mesma deusa, porém, ao compadecendo-o, deu-lhe a capacidade de adivinhar o futuro. Ovidio, entretanto, conta que Tiresias fora reduzido a cegueira porque, n'uma renhida querêla entre Zeus (Jupiter) e Hera (Juno), resolveu a questão a contento do primeiro adversario, Zeus, condoído da sua desgraça, e como que para indemnizal-o de tamanha perda, concedeu-lhe o raro privilegio de ler no futuro.

(\*) Palavra por palavra: Eis um segundo conselho, etc. Ao que Oedipo responde: Da-me um terceiro, si o tens, e si podes. Orsatio Justiniano verteu assim: *Giungi la terza anchora si in pronto l'hai.*

(\*) No texto grêgo: « A conselho de Creonte, expedi dous portadores, isto é, duas pessoas de confiança... » Esta phrase nos é util aqui, mais adiante, porque necessita a base das suspeiças de Oedipo contra seu cunhado Creonte, preparando assim o auditorio a vê-las, sem surpresa explodir a cada instante nos calorosos dialogos entre ambos.

## EDIPO VAINQUEUR DU SPHYNX

(EDIPO, o victorioso da Esphinge)



A. Romanet Sculp. 1773

U. P. Marillier inv. 1773

EDIPO logo após haver decifrado o enigma proposto pela Esphinge, monstro fabuloso do Egypto e da Grecia. No Egypto era uma estatua representando uma leoa com peitos e cabeça de mulher, symbolo de Neith, deusa da Sabedoria. A mythologia græga colloca a Esphinge nos arredores de Thebas, na Beécia; mas, ao corpo de mulher, e á cabeça de leoa, dos egypcios, addicionou-lhe as azas da aguia. A Esphinge, dizem os poetas grægos, persistia no caminho de Delos a Thebas; propunha enigmas aos viajantes; aquelles que os não decifravam, eram lançados ao mar; finalmente Edipo, adigubou o sentido do enigma, e a Esphinge, vencida, precipitou-se nas águas; os habitantes de Thebas haviam tanto soffrido de sua parte, que collocaram no throno aquelle que d'elle os libertára.

Na gravura acima, o terrivel monstro jaz vencido e derribado. Cumpre, porém, notar que, n'esta estampa, Edipo veste ao tempo de Augusto, isto é, tal como se interpretava a archeologia no seculo XVIII, 1773. O trabalho de Romanet, como gravura, me parece muito bem acabado; outro tanto, confesso, não me parece a dizer com respeito ao desenho de Marillier. — Extrahida da obra original — *Génie Allegorique*, illustrando o assumpto a pag. 66, dáml-a aqui apenas a titulo de curiosidade.

## SUMMO SACERDOTE

E' fama que o tórpissimo attentado  
Fôra por viandantes perpetrado...

## ÈDIPO

Isso mesmo por vezes me foi dito...  
Mas, não ha testemunhas do delicto ?

## SUMMO SACERDOTE

Virão talvez, agora, ame'rontadas  
Co'as vossas maldições justificadas...  
E o proprio criminoso, apavórado  
Com tantas ameaças, obrigado  
A confissão fará do negro crime,  
Por pouco que a si mesmo elle se estime.

## ÈDIPO

Oh, não acrediteis. Quem effectúa  
Flagicio d'essa especie, não recua  
Ante a pena, 'sabei; pois inimigo  
Maior é o remorso, que o castigo.

## SUMMO SACERDOTE

Aqui chega, Senhor, quem promptamente  
Vos pôde descobrir o delinquente :  
O divino Tiresias presto acóde  
Ao vosso appêlo; é elle só quem pôde  
Mostrar, sem a menor obscuridade,  
Onde se occulta a flamma da verdade.

## SCENA II

Os MESMOS; a TIRESIAS, precedido de seu GUIA

## ÈDIPO, a Tiresias:

Vós a quem Zeus, a vista arrebatando,  
Mais foi o claro espirito aguçando, —  
Que, com vossos prodigios sobrehumanos,  
Desvendaes os reconditos arcanos, —  
Vós que sabeis a triste desventura  
Em que a patria tem pôsto a sorte escura, —  
Thebas sómente a vós recorre agora,  
Thebas de vós espera, a vós implora  
A purificação do amado sólo,  
Porque sómente vós, em quem Apollo  
Os maiores succéssos assignala,  
De tantos males podereis livral-a.  
Do que o Oraculo disse se deprehende  
Que o fim das nossas lagrimas depende  
Da morte ou do destérro dos covardes  
Carniceiros de Laio. Si os buscades  
Haveis de os encontrar. Compadecido  
De tanta angustia, que nos tem pungido,  
Pônde remate ao pranto. Descobri-nos  
Esses abominaveis assassinos...  
Usando de vossa arte a subtilêza,  
Dae-nos conforto á misera tristêza  
Em que o Fado nos traz. No ar, o giro  
Das aves consultae. Todo o retiro  
Em que o crime se acóite, divulgado  
Fique ante o vosso olhar illuminado.  
O' propheta de Apollo venerando,  
Salvae-nos, e á cidade, o rei vingando,  
Cujo sangue vilmente derramado,  
Sobre a régia familia ha provocado  
A vindicta dos deuses. E na mente  
Tende sempre esta maxima presente:  
« Sentimentos não ha mais adoraveis  
Que acodir no flagello aos miseraveis. »

## TIRESIAS

O' Zeus, assaz tremendo é este meu fado !  
E quão me considero desgraçado !  
Jungido ao que me impõe a consciencia,  
Que alvitre tomarei nesta emergencia ?

## ÈDIPO

De que apprehensões o lancinante embate  
Sentis no peito, venerando vate !  
Que receio no espirito vos lavra  
E vos retém nos labios a palavra ?

## TIRESIAS

Dae, Senhor, que eu regresse ao meu asylo,  
E que leve commigo esse sigillo.  
Não me fôrceis a revelar arcanos,  
Que, a nós ambos, trarão males e damnos.

## ÈDIPO

Sois, de certo, o maior d'entre os perversos !  
Quereis deixar-nos na incertêza immersos !  
Si de Thebas nascestes na cidade,  
Tiresias, que rasão vos persuade  
A ficar em reserva, estranho e mudo,  
E o véo não afastar que esconde tudo  
No sombrio mysterio ?

## TIRESIAS

Oh, com certêza  
Melhor vos cabe a fria malvadêza.  
Senhor, eu estremêço, e não me atrevo  
Revelações fazer... Oh, sim ! nem dêvo,  
Em provaça tão dura, ingente e vária,  
Aventurar sentença temerária.

## ÈDIPO

Dos Thebanos em nome, eu vos conjuro  
A desvendar este mysterio escuro.  
Quaes, Tiresias, as causas escondidas  
Que ceifando nos vão os bens e vidas !  
De rôjo a vossos pés vêde que estâmos, —  
Para Thebas salvar, nos humilhâmos.

## TIRESIAS

Attentos minhas vozes esperaes,  
Sem o alcance medir do que almejaes !  
Dae que eu disfarce em apparente mêdo  
A recusa de abrir-vos meu segrêdo !  
Oh, sim ! si no silencio eu me obstino  
Retardo, em não falar, vosso destino.

## ÈDIPO

Confessaste áfinal ! E sabes tudo !  
Traidór serás permanecendo mudo !  
Não cedes do flagêllo aos dias tristes, —  
Aferrado á mudez inda persistes !... (1)

(1) A mudança de tratamento é proposital. Èdipo que, a principio, recebe com ansiedade alvicaireira o cégo Tiresias, á proporção que se vas exaltando pelo desengano e teimosia do velho pastor, rebaixa-o, enraivecido, chegando até a ameaçal-o de morte; não pôde, conseqüentemente, a elle se dirigindo de certo ponto em deante, a elle que o contraria, e se recusa a desvendar um mysterio de que depende a sorte de Thebas, não pôde, dizia eu, a elle se dirigindo, continuar a tratal-o com as mesmas deferencias devidas á sua idade e á sua categoria de divino, tanto mais quanto parece descobrir no pobre velho, e cégo, um instrumento de Oreoite, seu cunhado. Esta subtilêza do texto grêgo não passou despercebida a alguns commentaristas e traductôres; e, dentre estes, ao profundo Brunoy que, tendo assim começado a solenne fala de Èdipo — « O' voas, qui,

TIRESIAS

Accusaes-me com franca aleivosia, —  
Reserva em tudo conservar cumpria...  
Penas crueis nos hão avassallado, —  
Fere-nos ambos iracundo fado!  
Não mais me interrogueis. E, persistente,  
Meu segredo é só meu, meu tão somente.

ÉDIPO, *exasperando-se*:

O' mortal, és feroz, és execrando! (\*)  
Tanta aspereza e resistencia, quando  
Em homem se asylou? Té os rochedos  
Se assustariam dellas, rijos, quédos!

Pobre victima sou de quem trovêja  
Phrases de fé!, á fronte que branquêja.

ÉDIPO

Tua bôcca em sigillo se conserva...  
E' menospreço á patria essa reserva!

TIRESIAS

Por que apressar o golpe da desdita!  
Elle fatal virá, — ninguém o evita.

ÉDIPO

Antes que Thebas chegue a conhecê-lo,  
De tua propria voz quero sabê-lo.



TIRESIAS e o seu GUIA

TIRESIAS, o tragico inglez H. Johnstone; GUIA, o joven Dugald Mc.Kechnie.

REI-ÉDIPO. Acto II, sc. II

TIRESIAS

Exprobaes-me a firmêza, pouco importa!  
E' a ira, Senhor, que vos transporta...  
Principe, pôde haver cousa mais triste  
Do que assim affrontar quem não resiste?

privé de la lumière, ne laissez pas de pénétrer les choses les plus secrètes, vous savez la deplorable situation de Thèbes; c'est à vous qu'elle a recours; vous seul pouvez la delivrer de ses maux, etc., »  
linhas abaixo, e até ao fim do acto, passa a tratá-lo asperamente por tu; e assim, diz-lhe: « O' le plus méchant de tous les hommes! (car enfin tes refus irriteront les rochers: jusqu'à quand garderas tu ce silence obstiné? Jusqu'à quand seras tu inflexible? »

O mesmo acontece no dialogo entre Édipo e Phorbas, na scena final do IV acto.

TIRESIAS

Eu recalcitro, embora taes furôres  
Me façam succumbir a intensas dôres:  
E mudo me achareis.

ÉDIPO

Pois eu te digo  
Que, em ira accêso, algôz serei contigo!  
Augure, eu te declaro consciente  
Autor, ou, pelo menos, connivente  
Nesse homicidio vil! Enche-me d'asco  
De Laio o fero e perfido carraseo!  
E accresee ainda, — affirmo-te, não nego, —  
Nem outro fora... si não fosses cêgo.

TIRESIAS

Eu comprehendo assaz, e asseguro  
Que mais negro tornaes vosso futuro...  
E' que aos bramidos dessa raiva intensa  
Contra vós mesmo proferis sentença... (\*)  
E já que me affrontaes, pois en guardava  
O sigillo que a vossa sorte agrava,  
Sabei que intteis são, não são precisas,  
Para o réo descobrir, outras pesquisas...  
Pra que atropelar mais desatino ?  
Fôstes de Laio o barbaro assassino !

EDIPO

Eu ! Tu ousas dizer que hei perpetrado  
Tão revoltante e hórrido attentado ?  
Pretenderás de Phébo (\*) aos esplendôres  
Assim frustrar meus actos vingadôres !

TIRESIAS

De estulta furia os impetos desdênuo !...  
E zombo da ameaça, porque tenho  
A verdade por mim ; e, atido a ella,  
Não me assombra dos thrônos a procella.

EDIPO

A verdade, traidôr ! De quem a houveste ?  
Cento estao de que nunca a recebeste  
Da excelsa inspiração do sacro Jove.

TIRESIAS

De vós a recolhi. Ella me move  
A romper um segredo, que eu queria  
Resguardar, antepôndo-o à prophécia.

EDIPO

Mas que mysterio solettrar um dia  
Conseguiste, de Thebas n'agonia ?  
Dize, si podes, inda que te custe,  
Para claro ficar tamanho embuste.

TIRESIAS

Assaz, assaz me tendes comprehendido !  
Armaes-me um laço, agora arrependido,  
Afim que eu me retrate, e a descontento  
Falseie o já expresso pensamento. (1)

EDIPO

Mentes ! Fala... Eu te ordeno, ó velho infando !

(\*) A linguagem, ora mais, ora menos rude, do vate, encontra cabal justificativa nas accusações, também ora mais, ora menos apasas, de Edipo. Effectivamente, toda esta scena é tão engenhosa, mente conduzida, que Tiresias, falando sem rebuço, chega a predizer ao rei todo seu destino, sem que o proprio Edipo se anime a acreditar na imminente desgraça que o espera, levando tudo á conta de sua preocupação do momento, ou, mais claramente, que tudo o que se está desdobrando ante elle mais não é do que effeito da colera de Tiresias, e consequencia de supposta, e burlada, conjuração, em que este se constituiria instrumento de Creonte ; e isso tanto mais quanto Edipo se julga ainda, filho de Polybo, rei de Corintho, e não de Laio, rei de Thebas, seu antecessor.

(1) Phébo, o Sol, o Brillhante !

(2) No original grego: Vós me armaes um laço, forçando-me a falar ; julguei melhor interpretar o pensamento do autor, desdobrando, esclarecendo d'aquell'arte.

TIRESIAS

E' vosso mando ?  
Quereis ! Vól-o repito. Ouvi meu brado :  
Fôstes de Laio o algôz, rei scelerado !

EDIPO

Miseravel, que és ! Tanto displante  
Não terás, outra vez, de mim deante.

TIRESIAS

E si tudo en contasse...

EDIPO

Oh, nada têmeo !  
Pódes livre expandir-te.

TIRESIAS

Neste extrêmo  
Bem quizera ficar. Que eu não me cale,  
Vós insistis ! E' de mistér que fale ?  
Não vos convém segredo ? Então prosigo...  
E o que esconder buscára, afoito digo :  
Unido, sem saber, em impios laços  
Recebendo sacrilegos abraços...

(Aparte.)

(Oh ! Edipo mal sabe, em seu revéz,  
O abysmo que abrio rente a seus pés...)

EDIPO

Julgas que tanta injuria em desafio  
Poderei supportar a sangue frio !...

TIRESIAS

Eu nem de tal cogito, — á puridade,  
Só me alenta e dá forças a verdade. (1)

EDIPO

Sciante disso estao. Palavra ôca  
Fôra esse verbo em fementida bôcca :  
Dobradamente cêgo, qual te vêjo,  
Mortos os olhos, sem vital lampêjo,  
Conturbada a razão por tanta idade,  
Como enxergar pudêste tal verdade ?  
Como acceitar-te a réplica insolente  
Si discorres assim, qual um demente !

TIRESIAS

Oh, malfadado Rei ! Vós me notaes  
Do infortunio e da dôr fundos signaes,  
Que hoje, ao logo, que mais tarde, ou cêdo,  
A turba, ao Rei, ha de apontar á dôdo.

EDIPO

Rende graças a Zeus dessa cegueira  
Que te rouba a uma angustia derradeira...  
Ella não fôsse, e já, neste momento,  
Te punira o senal atrevimento.

(1) No original grego, Tiresias replica, dizendo simplesmente: Enche-me de confiança e coragem a verdade, apenas.





JOÃO CAETANO DOS SANTOS E O THEATRO DE SHAKESPEARE

EDUARDO BRAZÃO, tragico portuguez, no OTHELLO, de SHAKESPEARE.

RIO DE JANEIRO (BRAZIL.)

(Laudes para a historia do Theatro fluminense.) **EN. 55**

## TIRESIAS

Vidente<sup>(14)</sup> sou de Apollo: dar-me a morte  
Não podeis; pois, estando minha sorte  
A esse Nume supremo submettida,  
De seu alvitre pende a minha vida. <sup>(15)</sup>

## EDIPO

Revela tudo agora quem te obriga  
A urdir a trama de tão baixa intriga?  
Si é obra tua, dize, — ergue essa fronte!  
Mas, ai! si és instrumento de Creonte!!

TIRESIAS, pausado e reflectido:

Eu, nem elle, do mal sômos autôres, —  
Só a vós deveis tantos dissabôres.

EDIPO, magestoso, mas ironico:

O' thrôno! O' sceptro! O' e'rôa! O' Realêza!  
Chimeras sois; phantasmas da grandêza  
Sois egualmente aclamações, laureis!  
Clamôres triumphaes, nada valeis!  
Vós tambem, divinal chamma remota  
Que da Esphinge me dêste a cifra ignota,  
Mentira tudo! O' magico prestigio!  
Para um reinado alçar ao seu fastigio,  
E ainda na vida accidentosa,  
Encontrar-se alegria e céu de rosa...  
Ai! assim quantas vezes deparámos  
Na senda sempre incerta, que trilhámos,  
As perfidias da inveja e da inconstancia,  
Da má fortuna á proxima distancia!  
A Thebas chego, e quedo-me sombrio,  
Sem ambição de gloria ou poderio;  
Aqui me dão o imperio. — empunho o sceptro;  
Porém Creonte, refalsado espectro,  
Pretende, com embuste e villania,  
Destronar-me revêl... Quem o diria!  
Elle machina, enreda, elle suborna  
A um velho, cuja mente se transtorna;  
E que, de Zeus não tendo a alma repleta,  
Se apresenta com visos de Propheta! <sup>(16)</sup>  
Contra quem? contra mim, seu bom amigo!

(A Tiresias):

Narra-me agora tu, a sós commigo,  
O que um dia auguraste? que futuros  
Aos mortaes desvendaste? que de obscuros  
Horóscopos, signaes, lêste sublime,  
Salvando um povo, mallogrando um crime?  
Si os privilegios gozas desse culto,

(14) *Vidente*, palavra por mim propositalmente enxertada n'esta versão brasileira, exprime o pensamento de Sophocles ás luzes do nosso seculo.

(15) Prefiri esta a todas quantas interpretações se me apresentaram na occasião. Joachim Camerarius, por exemplo, diz: *Apollo se encarregará de meu destino*; isto é, até mesmo da morte que me espera.

Effectivamente, segundo Pausanias, Tiresias veio a fallecer, de repente, caminho de Delphos, e após haver ingerido grande quantidade d'água n'uma certa fonte. Esta circumstancia que, para os escholastes, prova contra aquelle trêcho da versão de Camerarius, não me parece rigorosamente destruir o sentido do pensamento grêgo; e Orsatio é d'essa opinião, pois não hesitou de subcrevel-o na sua traducção, bem que mais accentuado e firme:

... Il possente Appolo cura  
Havrà de la mia vita.

(16) No texto grêgo: Por que, em summa, dize-me: onde e quando te revelaste um verdadeiro propheta?

Como soffrêste tanto tempo o insulto  
Da fatidica Esphinge? Então pudêras  
Justificar melhor quanto, em espheras,  
Lias no dúbio senso do destino!  
Sim! pois, de um mortal, quasi divino,  
Necessitava Thebas, que a afastasse,  
Do pelago fatal, e a preservasse  
De insólito porvir. Onde existiam  
Aves, deuses, que a ti se dirigiam  
Nessa quadra infeliz? (Edipo apenas,  
Longe deixando regiões serenas,  
Imprevisto apparece, e assim liberta  
Thebas infausta de uma sina incerta,  
Sem p'ra isso buscar angurios graves  
Nas estrellas, no ar, no céu, nas aves!  
Adivinho, ou propheta, que não finge,  
Eil-o que applica o monstro, a dura Esphinge,  
Do mysterio arrancando, á fôrça d'alma,  
Fundo segrêdo que este povo acalma.  
Conhece, ó desgraçado, em teu tormento,  
Meu heroico valor, meu ardimento;  
E não te pèze confessar agora,  
A auca fêra e brutal, que te devora,  
De alçar Creonte ao thrôno. Foi a sahida  
De tua infamia atroz e desmedida,  
Para vêr áfinal a Magestade  
Esbarrar-se no arbitrio e crueldade!  
Pondêra tu, porém, que tanta audacia  
Caro te custará; e a contumacia  
Nessa armadilha trêda, ascosa, infida,  
Te importará, malvado, a propria vida.  
E o vil autor do pávido attentado  
Será sem piedade espedaçado.

(Para melhor accentuar o funebre da acção, sem que se interrompam com isso os dialogos, atravessarão, do primeiro ao terceiro actos, ao fundo, e a compassados instantes, andas conduzindo as victimas da peste grêga.)

## SUMMO SACERDOTE

Testemunhas de vista, esclarecidas,  
Nós sômos neste assumpto; e convencidas  
Que, d'uma e d'outra parte, ardôr bastante  
A paixão vos inspira a cada instante.  
Senhor, pesámos as rasões egrégias  
Que allegaes, e tambem as de Tiresias  
Que, alheio a qualquer outro interesse,  
D'alma aos dictames nobres obedece.  
Livræ-nos desta angustia, excelso Rei,  
Á explicação do oraculo attendei.

TIRESIAS, dirigindo-se a Edipo:

Sois rei, Senhor, mas, diga-se a verdade,  
Neste confabular a intimidade  
Baixa o nivel á frente soberana  
E o subdito fiel ao chefe irmana.  
Cumpre, emtanto, bem alto asseveral-o:  
De Apollo sou e não vosso vassallo.  
Inda mais (fôrça é dar-vos franco aviso  
Em face a vosso povo), eu não preciso  
Que, ante a corôa que vos cinge a fronte,  
Venha, em favor meu, falar Creonte.  
Livre sendo, sem odio, ou tibiêza,  
Assumo, sem quebrar, minha defêza. <sup>(17)</sup>

(17) Esta phrase não está no texto grêgo; encontro-a, porém, em Baumoy, Dacier e outros traductôres.

Cégo sou, bem o sei, mas vossos olhos  
Que tudo vêem, té d'alma os entresólhos,  
Não lobrigam, ao menos não sabêmos,  
Os males em tropél, graves, extrêmos,  
Que vos pungem, ó Rei! Vós, inseio estaes  
Até mesmo do ar que respiraes!...  
E vosso pae, quem é? Qual o delicto  
Que vos tornou ás gerações maldito?  
Sabeis vós o motivo, e desde quando  
Tendes da repulsão séllo execrando?  
Das Fúrias o punhal, o archote infesto,  
Do pae a morte, o maternal incesto  
Vos perseguem, alfim! Eis, avisado  
Sois de que em breve ficareis privado,  
Como eu fui, da visão. Si me não erra  
A velha mentè, da Thebana terra  
Enxotado sereis; sereis banido,  
Sem que, em sorte adversa, um só gemido  
Venha trazer-vos um consólo ás máguas!  
Que céos, que rochias, que marinhas águas,  
Deixarão de enviar aos infinitos  
Os pungitivos ais, os féros gritos,  
Que exhalareis, sabendo-vos ligado  
Por hymeneu á quem vos ha gerado?  
Mas quando, em dura penha accidentada,  
Se mude a branca praia, que ligada  
Ao longe amigo pórtio parecia,  
E por ceruleas plagas se estendia, —  
Quando, dos males percorrendo os trilhos,  
Vos achardes irmão dos vossos filhos,  
Então, altivo Rei, pejae de injurias,  
Não a Creonte e a mim, porém ás Fúrias,  
Porque vós mesmo nos dareis victoria  
Em presença de factos sem memoria:  
Nunca mortal algum, por desgraçado,  
Mais justo cegará, cumpriendo o fado!

ŒDIPPO

Não mais tolerarei que me maldigas, —  
Em accusar-me ousado não prosigas.  
Some-te, digo! Foge aos meus fúrores...  
Vae bem longe expandir os teus rancóres  
E não regresses, não, que paciencia  
Me falta para ouvir tanta insolencia.

TIRESIAS

Aqui me apresentei a prazo dado  
Porque, por vós, Senhor, fui intimado.

ŒDIPPO

Nem eu de ti mandára na procura  
Sabendo-te affectado de loucura.

TIRESIAS

De louco me chamaes! Quão diferente  
Vosso pae me tratou antigamente!...

ŒDIPPO

Caso estranho, confesso á minha fé!  
Meu pae, disseste tu: meu pae, quem é?

TIRESIAS

Dentro em pouco será por vós ouvido

O seu nome em geral tão conhecido.  
A' luz da mais cruel Fatalidade  
A Côte saberá toda a verdade  
Sua impassível voz austera e forte  
Dirá de vosso bérço... e vossa sorte. (15)

ŒDIPPO

Como é sombrio, fôrvo e agoureiro  
O falar deste velho aventureiro!!

TIRESIAS

De um enigma, Senhor, inda mais grave  
Não vos jactaes de haver topado a chave!

ŒDIPPO

O que me alludes tu nessa ironia  
Constitue padrão de mór valia.

TIRESIAS

De ruina fatal, antes dizeis.

ŒDIPPO

Thebas livreis.  
Não me importa no mais ser malsinado, —  
Eu me julgo feliz de a ter salvado.

TIRESIAS

Inutil aqui sou, — e presto sigo.  
(Ao Guia:) Vem, ó guia fiel, — anda commigo.

ŒDIPPO

Vae-te. E attenta bem que, ao nos deixares,  
Mais turvos deixas os thebanos lares.

TIRESIAS

Eu me retiro, enfim, calmo logrando  
Revelar meu segredo; e desprezando  
Offensas e baldões. Inda vos digo  
Que pouco importa o ter-vos inimigo  
Nos vaticínios meus. A minha sorte,  
Aqui repito, e mesmo a minha morte,  
Não dependem de vós. Impenitente,  
Reincido em clamar que o delinquente,  
O malfeitor, o infame, o criminoso,  
Que tentaes descobrir, e que alterôso  
Encheis de maldição a peito aberto,  
O matadór de Laio, está bem perto,  
Pois em Thebas habita. Um estrangeiro  
Parece a quem lhe lança o olhar primeiro,  
Em breve, o tempo, o tempo soberano,  
Nos ha de confirmar ser um Thebano.  
E então a gloria sua tão brilhante  
Terá de esmaecer-se em curto instante,  
Assim como s'esvae em céo risonho  
A nuvem d'oiro de azulado sonho.

(15) Isto é: e vossa morte. Ou mais claramente: «Que ficará sabendo, alfim, quem elle proprio é.»

Cego, sem pouso algum, curvo, e arrimado  
 A nodoso bordão, — assim forçado  
 A mendigar esmola, e coudado  
 De olhos vasados, n'um chispas dorido,  
 Errava em seus dias derradeiros,  
 Por valle e serra e climas estrangeiros.  
 Depois, irá lutar na escuridão,  
 Quando d'aqui, d'alli, estranha mão  
 A todos o apontar, já convencido  
 Irmão dos filhos seus, fortuito espóso  
 De sua própria mãe, incestuoso  
 Sem paz e sem perdão: por toda a vida  
 Um abósto avernal, um parricida!  
 Dia! decifrador, mago, inspirado,

Esclarecer buscae o que hei dictado;  
 E si mentira fôr, embuste grave,  
 Falso propheta sou. **ÉDIPPO, Ave!** (1)

fim do 2º acto

(1) Este ave, imperativo do verbo defectivo latino *avere*, é vocabulo que entrou na linguagem com sua significação, como esta: *até outra vez, até breve*; mas, nesta função interjectiva, tem quasi sempre uma interpretação grandiloqua, altisonante, por exemplo, na saudação angelica: — Ave, **Maria!** **Emretar**  
 Aqui, porém, julguei poder interpretar a phrase do auctor grêgo com o vocabulo *ave*, dando-lhe um tom de ironia; com effeito, *Tiresias*, com o seu *ave*, na accepção de *até breve*, quer dizer: *encontrar-nos-emos*. É quasi uma ameaça.

## TERCEIRO ACTO

### SCENA PRIMEIRA

CREONTE, O SUMMO SACERDOTE E PÔVO

CREONTE

De traição, ó Thebanos, accusado  
 Fui pelo Rei, que, mal orientado,  
 Descreu de mim, de minha lealdade.  
 Dessa amarga suspeita, a atrocidade,  
 Perante vós justificar pretendo  
 Que parte não tomei no plano horrendo.  
 Oh, que em meio ás desgraças lamentosas  
 Inda me caiba serem duvidosas  
 Palavra e acção! E si, publicamente,  
 Me acizam de réo ser e delinquente, —  
 Si dessa fé que, inteira, eu merecia,  
 Decahi por perversa aleivosia, —  
 Quizera antes morrer! Fôra toldar-se  
 O brilho de meu nome, e deslustrar-se  
 O meu passado! E assim enavilecido,  
 Na estima geral escarnecido,  
 Me tornára, entre vós, por longos annos,  
 A desisto, o opprobrio dos Thebanos.

SUMMO SACERDOTE

Senhor, não a verdade, mas a ira  
 De um Rei apaixonado vos inspira  
 A suspeita, que fere, e não se exausa.

CREONTE

Mas com que fundamento se me accusa  
 De haver a Tiresias instigado  
 O boato espalhar, qualificado  
 De proterva invenção!

SUMMO SACERDOTE

Só d'elle ouvimos  
 Sem saber a razão... Nem lh'a pedimos.

CREONTE

Com que desazo  
 A autoria me dão do estranho caso?!

SUMMO SACERDOTE

Attentae-me, ó antiástate Thebano:  
 Não me é permitido em régio plano  
 Immiscuir. Ao Rei, que ahí vem agora,  
 Podéis interrogar sem mais demora.

### SCENA SEGUNDA

Os precedentes (2) e **ÉDIPPO**

**ÉDIPPO a Creonte:**

Com quanta audacia vil, com que displante  
 Aqui vens enfrentar-me insidiante!  
 Si hoje, como estam, bem penetrado,  
 Te vejo, no ranôr mais entranhado,  
 Bordando a trama por ti mesmo urdida,  
 Roubar-me ao throno, supprimir-me a vida,  
 Como ousas perante a turba immensa  
 Sem temêr arrostar minha presença? (3)

(2) No fim da fala anterior, o grêso do pôvo se retira depois de ter ouvido a sentença e as primeiras palavras lançadas contra o assassino ou assassinos (3) de Laio. Só fôra em scena o Cero, n'esta minha traducção figurado pelo Summo Sacerdote de Zeus; e, como aquelle era sempre composto, nas tragedias grêgas, dos maiores e dos cidadãos mais respeitáveis, inconveniente não ha que elle delibere e responda pelo pôvo, de que era de facto representante.

(3) Os antigos não conheciam a palavra *assassino*, que se deriva de *Hassan*, príncipe dos *Haschichinos*. Eram os *Haschichinos*, ou *Assassinos*, sectarios que se estabeleceram nas montanhas da Persia septentrional, em 1090, sob a direcção de *Hassan-Ben-Sabath*-Homalri. Formavam uma especie de ordem religiosa e militar. Seu nome, que verdadeiramente é *Haschichinos*, vem do arabe *haschisch*, bebida que contém o embriaga, por meio da qual o seu chefe (a que os historiadores dão incorrectamente o nome de *Velho da montanha*, traduzida por *velho* denominação *cheik* ou *zeique*, que significa chefe ou príncipe) os lançava n'uma especie de delirio, durante o qual imaginavam experimentar as felicidades eternas. Os *Assassinos* augmentaram rapidamente; apoderaram-se de innumeras fortalezas, e organisaram varios estabelecimentos importantes, d'entre os quaes, um, no N. da Persia, cuja capital ou cabeça era o baluarte de *Alsmut*; e outro, na Syria, nas montanhas do Anti-Libano, onde possuíam o forte de *Masyat*, ou *Mayeut*, entre *Antiochia* e *Damasco*. As mortes, commettidas por estes fanaticos, formaram, por longo tempo, temíveis o poder do seu chefe; mas, no anno de 1260, a grande invasão mongol, commandada por *Hulagú*, pôz fim á sua existencia na Persia. Os da Syria foram exterminados alguns annos depois, por *Bibars*, soldão no *Egypto*. O poder dos *Assassinos* durou 180 annos mais ou menos. Entre seus chefes mais celebres depois de *Hassan*, numeram-se *Kim-Buzurgamid*, *Ata-Eddyn* ou *Aladino*, e *Rocknedy*. Dizem outros autores, porém, que, de um d'elles, se *Beriyá* o *temão assassino*, hoje applicado aquelles que matam com covardia. Entre suas victimas mais notáveis, citam-se um *califa* de *Bagdad*, um outro do *Cairo*, e *Conrado*, Marquez de *Montferrat*.

(3) *Dacier* traduzio assim esta passagem do texto: *tu que, certamente, és o assassino de Laio*. Esta inadvertencia ou descuido do illustre hellenista induzio a identico erro um poeta mais moderno, que verteu aquella trahão como si *Édippo* porventura accusasse *Creonte* de ter matado a *Laio*; accusação que seria, além do mais, ineptissima, e absurda, por infundada e vã. Vê-se, porém, e claramente, que não era essa a intenção de *Sophocles*. Tu és o assassino d'este *homem*, escreveu o poeta grêgo; isto é, o meu assassino; porque, do que careces, e o que te aproxima, é a minha morte. Esta allusão, este modo de falar, e exprimir, é muito commum nos poetas grêgos e latinos.

Julgaste-me, talvez, um insensato,  
 Ente banal, estulto, timorato,  
 Incapaz de certo perseguir-te  
 Em teu manêjo onusado, e de punir-te?  
 Como, — narra-me, louco, atrabiliario, —  
 Sem asséclas, sem tropa e sem erario,  
 Excogitaste no burlêsco eutôno  
 Partir um sceptro e derribar um thrôno?

CREONTE

Paciente escutei-vos; ora dêvo  
 Por minha vez falar-vos; e me atrêvo  
 A rogar-vos, embora repellido,  
 Não condemnar-me sem me haver ouvido.

EDIPO

Que me podes dizer? Não desconheço  
 Tua eloquencia de geral aprêço,  
 E o subtil artificio e o fingimento  
 Com que sabes velar teu pensamento.  
 Nem te quero escutar. (\*) Guarda em lembrança  
 Que esperar podes só minha vingança.

CREONTE

Permitti-me, Senhor, diga, em defêza,  
 Uma palavra ao menos...

EDIPO

Que vilêza!  
 Cala-te; e reconhece, por teu damno,  
 Que és a maior injuria ao ser humano. (\*)

CREONTE

Labora em êrro vossa mente estreita  
 Erigiundo em verdade uma suspeita.

EDIPO

Tu te illudes si julgas não punida  
 Possa ficar traição tão desmedida;  
 Tanto mais feia, baixa e repellente  
 Quanto movida foi por um parente.

CREONTE

E' justa a pena em crime tão nefando;  
 Mas, não é menos justo dizer, quando,  
 Ao seu vassallo, o Rei, assim afflicto,  
 Verificado foi esse delicto?  
 Como lhe surpr'enden os artificios?  
 As circumstancias, quaes? quaes os indicios?  
 Como a tempo chegou de descobril-os?  
 Afim de que, logrando desmentil-os,  
 Eu possa com razão e consciencia  
 Contrapôr á calumnia a innocencia.

EDIPO

Estarás, por acaso, inda lembrado

(\*) O pensamento de Sophocles não tem sido, até hoje, fielmente interpretado n'este ponto. Eil-o litteralmente: «Es consummado orador; porém devo dizer-l'o, encontra em mim um pessimo ouvinte, pois te conheço as manhas, as intenções, os designios. Teu crime está plenamente provado.»

Que só a teu consêlho foi chamado  
 O propheta, que tanto se enaltece? (\*)

CREONTE

Não contesto, Senhor, e não me esqueço  
 Ser este o alvitre meu; e mesmo agora  
 Meu fraco parecer outro não fóra.

EDIPO

Desde que tempo Laio... Não me entendes?

CREONTE

Explicae-vos melhor... Acaso tendes?!

EDIPO

Não me interrompas, tu! Saber quizera  
 Quando esse crime atroz se commettêra?

CREONTE

Disto já de algum tempo a feia historia;  
 Mas essa data de fatal memoria  
 Póde alfim avivar-se.

EDIPO

De embusteiro  
 Já tratavam Tiresias, o agoureiro?

CREONTE

Tão largo foi o seu prestigio outr'ora,  
 Quão profundo o saber que ostenta agora.

EDIPO

E nessa quadra desastrosa, obscura,  
 Falou-te elle de Édipo, porventura?

CREONTE

Jámais, Senhor, jámais.

EDIPO

Mas, que motivo,  
 Que occulta causa, que pavôr nocivo  
 Fez que elle, ante quem a vida exhala,  
 Não pudesse falar, qual hoje fala?

CREONTE

Ao que isso originou não dou aprêço, —  
 Quando não sei dos factos, emmudêço.

EDIPO

Assim te ha de caber, Creonte, apenas  
 Não mais que o teu quinhão nas tristes scenas.  
 E si com tanto senso te portares  
 Penso que evitarás grandes pezares.

(\*) No texto grêgo: Não te atrevas a encobrir que és o peor dos homens.

(\*) No texto grêgo: Não foi, responde, a conselho teu, que mandei chamar esse tão gabado charlatão? D'este consêlho da Creonte nasceram todas as suspeitas de Édipo, contra elle.

CREONTE

Que vos revelarei? Firme, sustento  
Quanto possa dizer neste momento.

ÉDIPPO

Porventura ha quem tenha acreditado  
Que por mim fôsse Laio trucidado,  
Como Tiresias diz, si cavillôso  
Em ti não se escudasse, temerôso?

CREONTE

Quanto a Tiresias, de valôr subido,  
Melhor vós o sabeis por tél-o ouvido, —  
Quanto a mim, de vós mesmo ouvir quizera  
Qual foi a origem d'essa vã chimera?

ÉDIPPO

Interpelar-me podes; entretanto,  
Si persistes subtil, a meu espanto,  
Em accusar-me do delicto horrendo  
Que a Laio victimou, fica sabendo  
Que não conseguirás, nessa ardua emprêza,  
Trazer-me á consciencia igual certêza.

CREONTE

Não me atrevi. Tiresias foi que o disse.  
De mim não ha quem tal segrêdo ouvisse.  
Vosso cunhado sou, — eis quanto basta.

ÉDIPPO

É minha espôsa tua irmã Jocasta.

CREONTE

Da grande Thebas, com altura e brio  
Não parte ella convôscos o poderio?

ÉDIPPO

Parte, sim, e com tanta gentileza,  
Que minh'alma á su'alma eu tenho prêsa.

CREONTE

Depois della, e de vós, no Reino inteiro,  
Por acaso não sou eu o primeiro?

ÉDIPPO

Por essa circumstancia poderosa  
Cresce a perfidia em ti mais odiosa.

CREONTE

Si insuspeito me ouvirdes, com bondade,  
Vereis que sempre agi com lealdade.  
Principes sômos e do mesmo thrôno:  
A vós o susto, o atribulado sômo. —  
A mim, pelo contrario, essa grandêza  
Que a sorte á farta empresta á realêza.  
Um mortal avisado, calmo e serio,  
Que partido escolhêra em seu criterio?  
Si não fôr um vulgar ambiçioso,

Aquelle em que fruir o maior gôzo. (1)  
Sem ambições nasci: não tenho em mira  
A gloria e a fama; nem minh'alma aspira  
De reinar no futuro. O meu retiro  
Remansado e feliz, certo, prefiro,  
E, aos embates do thrôno, a vassallagem.  
De minha vida em placida romagem,  
Não me seduzem régios idéaes:  
Quando vos vexam rôtos vendavaes,  
Como é crível que, aos nivos da tormenta,  
O sólio eu disputasse em crise lenta?  
E que affeito aos sorrisos da ventura  
Me fôsse emmaranhar em selva escura?  
Não sou, Édipo, um ser obcedado  
Que desconheça a quanto sou fadado.  
O que mais me interessa eu bem alcanço,  
Pois quando, á minha sorte, os olhos lanço,  
Mui convencido creio, e reconhêço  
Que eu ultrapasso a dita que merêço.  
Busca-se adivinhar meus pensamentos,  
Vêr de antemão meus votos, meus intentos,  
Para cumpril-os no momento azado,  
Tanto por tôdos sou querido, amado;  
E eu, por minha vez, vosso valido,  
A' vossa sombra os tenho protegido.  
O mais louco dos homens me julgára  
Si fortunas eguaes sacrificára  
A' ambição de reinar. Bem conhecido  
Vos é meu coração. E percebido  
Certo o tereis, que minha naturêza  
De um rebelde não é, sem ser fraquêza.  
Uma insidia tão vil e deprimente  
Jámais um dia me acudio á mente.  
Tão longe estou de haver contribuido  
Para a traição cruel, o golpe urdido  
Contra meu rei, e meu chegado affim,  
Que eu côraria de o pensar assim,  
Quanto mais planejal-o, e no conflicto  
Co-réo se me apontar do atroz delicto.  
Si aceitar não quereis meus juramentos  
A Delphos consultae, que fingimentos  
Não achará nas expressões ansteras,  
Tão minhas, tão leaes, puras, sinceras,  
Que attestam, — guardae bem, trôando digo, —  
Não serem de um traidôr, mas de um amigo.  
Emfim, si, sôbre o facto, apesar disso,  
Me provardes jungido a compromisso  
Com o mago Tiresias, victimae-me  
Da morte mais cruel; porê, deixae-me  
Que vos affirme e brade sobranceiro:  
Neste caso, o juiz serei primeiro,  
A mim proprio punindo. Suspeitôso  
Não me mancheis de um crime monstruôso  
De provas êrmo. E' sempre, sempre injusto  
Tomar-se o bom por mau, o mau por justo.  
Perder-se, sem rasão, um bom amigo  
E' afundar se, inda vivo, n'um jazigo...  
O que proferi eu? Phrase mentida:  
Não vale um certo amigo a incerta vida?  
E basta, Édipo. O tempo inconsciente  
Desvenda o mal e mostra o innocente.

(1) Esta moral, e consequentemente a justificação de Creonte, peccam, hoje, por esdruxulas, e só muito singularmente pôdem ser acceitas em os nossos tempos, tempos de incommensuraveis ambições. E' que o sceptro não era então, na Grecia, o que hoje é por toda parte. Hippolyto do mesmo modo se exprime na *Phedra*, de Euripides (Scena V do IV acto). Os dous trêchos de autôres differentes demonstrem á toda evidencia que essa moral era, n'aquella época, a moral dos mais senzatos e probos.

## SUMMO SACERDOTE

Não se pôde negar que, em tom severo,  
Elle falou, Senhor; porém, sincero.  
O que fôr do poder depositario  
Não formule conceito temerario,  
Porque é raras vezes acertada  
Qualquer resolução precipitada.

## CÉDIPPO

A traição repentina, sem tardança  
Obriga á prompta e exemplar vingança.  
Pois que! hei de esperar acobardado

## CREONTE

A ella me hei de impôr si, demonstrado  
Por vós, me convencer que sou culpado.

## CÉDIPPO

Afanto! E' de rebelde essa linguagem!

## CREONTE

A' tyrannia nego vassallagem.



CORYPHÆUS pelo tragico inglez A. DRUITT.

REI-CÉDIPPO (Summo Sacerdote de Zeus)

Que Creonte se agite estremalhado,  
Machinando nas trévas, de um só côrte,  
Do throno a queda, — de seu rei, a morte!!

## CREONTE

Pois bem, Real Senhor, que me ordenaes?  
Ao exilio talvez me condemnaes...

## CÉDIPPO, atalhando brusco:

A' morte; sempre ao pòvo é beneficio  
Dar ao traidôr o ultimo supplicio. (8 e 10)

## CÉDIPPO

Protesto por meu sceptro e poderio,  
De fazer-te morrer a sangue frio.

## CREONTE

E eu, que exijo apenas equidade,  
Insurjo-me á despótica vontade.

## CÉDIPPO

Já não pòdes negar que és revoltoso!...

(8) e (10) N'este ponto, cumpre effectivamente corrigir um cothillo de Sophocles; e isso fazemos de accordo com o scholiaste De Vauvilliers, quando observa que Cédipo, aqui, não deixa a Creonte a escóthia, mas condemna-o terminantemente á morte; ao passo que, vinte versos logo

abaixo, na scena seguinte, Creonte diz á irmã, a quem aliás não tem o menor interesse de diminuir a severidade e dureza de genio do marido: Senhora, sede testemunha do modo cruel pelo qual o rei me maltrata, á mim, vosso irmão; elle ameaça-me com o exilio ou com a morte.

CREONTE

Não m'o provastes vós, ó Rei iróso!

ÉDIPPO

Não deve ao Rei curvar-se o seu vassallo?

CREONTE

Nunca, si injusto insiste em accusal-o.

ÉDIPPO, exclamando:

Thebas de sete portas, Cidadãos! (\*)

CREONTE

Eu tendo, como vós, em minhas mãos,  
Deste póvo viril, destino, e mando,  
Egual direito não me assiste, quando,  
Thebano sendo, e de civismo ardente,  
Em meu soccôrro levantal-o intente!

SUMMO SACERDOTE

A vossa exaltação á furia arrasta!...  
P'r'a contanda sustar, entra Jocasta.

## SCENA TERCEIRA

Os precedentes e JOCASTA

JOCASTA

O que provoca, em vós, accessos d'ira?  
Principes, quando a patria quasi expira  
Vindes aqui, com pessoas rancóres,  
Augmentar-lhe a desdita, a mágoa, as dóres!  
Cessae tão calárosos argumentos...  
Recollhei-vos aos vossos aposentos:  
Deixae de nos trazer mais amarguras  
Com vossas dissensões, luctas futuras.

CREONTE

Senhora, testemunha sois presente  
De como o Rei ultraja um seu parente!  
De degrádo e de morte me ameaça... (1)

ÉDIPPO, á Rainha:

Sim! Dessa pena não mereae graça...  
Seu rei atraíçôar, não mais consegue.

CREONTE

A's Fúrias avernaes seja eu entregue,  
A torturas cruéis, si, no attentado  
De que me accusa, eu parte haja tomado.

JOCASTA

Que mais quereis, Senhor! Taes argumentos  
Equivalem sagrados juramentos...  
Respeitae este póvo. O mesmo effeito  
Produzem os seus votos em meu peito.

(\*) Thebas, *Thé* em egypcio, a *Thebas Hecatiampylas*, ou cidade das cem portas; tanto dos grêgos, como dos latinos.

SUMMO SACERDOTE

Eu me atrevo tambem a supplicar-vos,  
O' Rei Édippo! E' tempo de acalmar-vos.  
A' rainha escutae, e, convencido,  
Aos nossos rogos cedereis vencido.

ÉDIPPO

O que de mim exigis, — oh, nem pensal-o!  
Póde um rei submeter-se ao seu vassallo?

SUMMO SACERDOTE

Levae-lhe em conta a norma do passado,  
E o muito que ante vós tem allegado.

ÉDIPPO

De tal pedido o alvo conheceis?  
E, sabendo-o, inda assim insistireis?

SUMMO SACERDOTE

Sim, ó misero Édippo atribulado!  
De repetir não céro obstinado  
O que constante disse. (2) Muito péra  
Sacrificar-se o amigo na incertêza...

ÉDIPPO

Implorar seu perdão, frustrar-lhe a sorte,  
E' lavar meu exílio ou minha morte.

SUMMO SACERDOTE

Eu vos empraço, ó Sol, neste momento! (3)  
Escutae, escutae meu juramento:  
Que eu morra pelos homens detestado,  
Si tal idéa a mente me ha gerado!  
Por Zeus, Real Senhor, eu tenho pressa  
De fazer o que ao público interessa.  
Sensível d'esta patria aos largos damnos,  
Punge vél-os dobrar odios insanos.

ÉDIPPO

Pois bem, — que se retire! Eu o indulto,  
Diga-me, embora, um sentimento occulto  
Que o throno perderei. Sim; entretanto,  
Fique certo o traidôr que, ao vosso pranto,  
Não a si proprio, refalsado e trêdo,  
Deve o perdão que, liberal, concêdo,  
Em qualquer parte á que o arrojé o fado  
Elle será por mim sempre odiado.

CREONTE

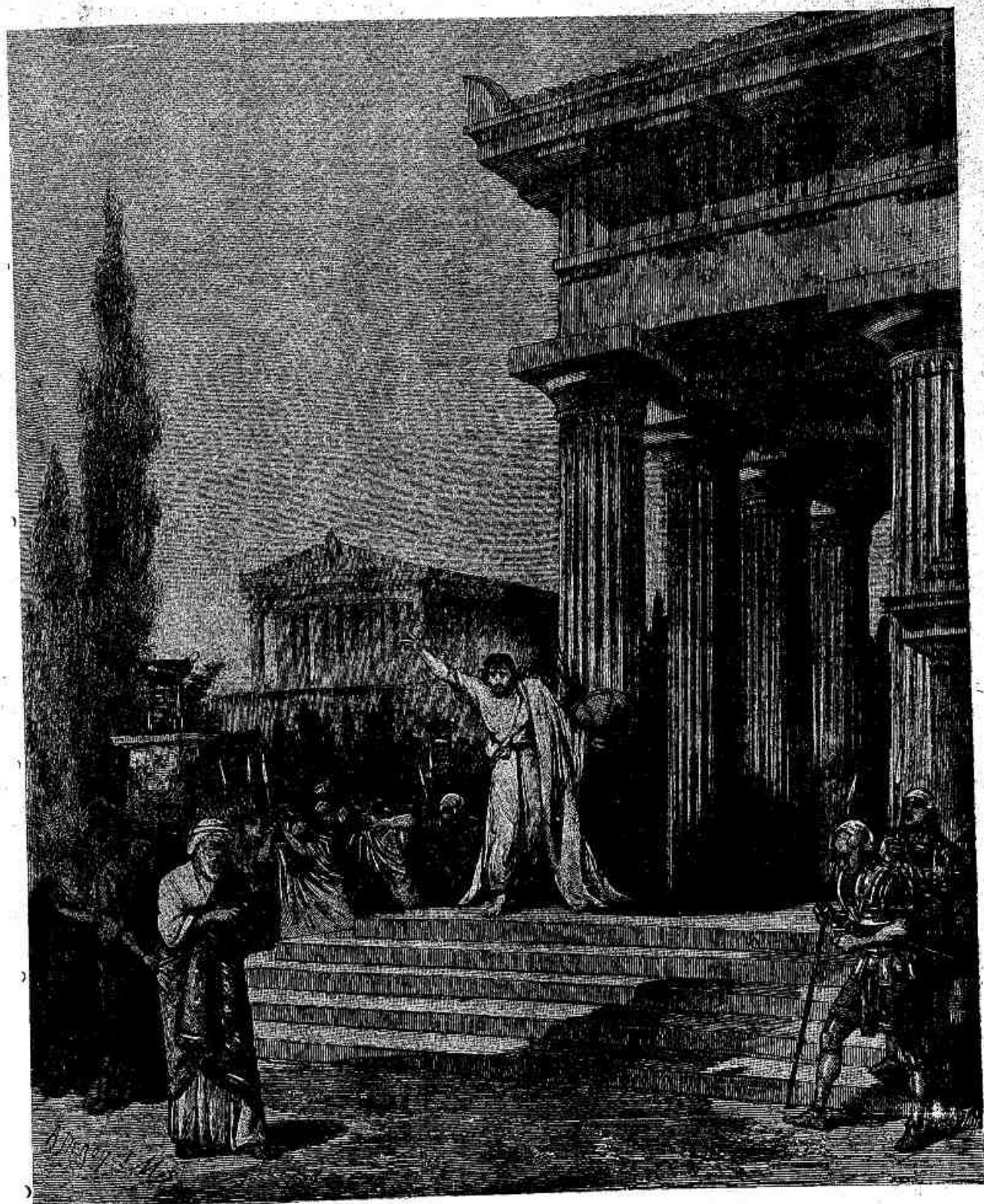
Si no perdão a pena é tão impia,  
Vossa vingança então qual não seria? (4)

(1) Esta phrase não está no texto grêgo; encontrat-se, porém, em alguns commentadores.

(2) No texto grêgo: *Eu te empraço, ó resplendente Sol! a ti, o primeiro dos deuses, etc.* O primeiro dos deuses, ou — mais claramente — aquelle cuja presença nos é mais sensível.

(3) Esta passagem é difficil e obscura, no original. Camerarius e Orsatto interpretaram de um modo, — Ducier e Boivin, de outro. Ampliando e esclarecendo a interpretação dos Brumoy, creio não ter ficado muito áquém do pensamento de Sophocles, cujas litteras, para-vras são: *« Cruel concessão! Qual não seria então a vossa vingança? Mas, esse é o vosso temperamento, — eu o conheço. Sois sempre punkto pelas vossas proprias patôres. »*





REI-EDIPPO, TRAGEDIA DE SOPHOCLES. Traduzida em verso francez por Julio Lacroix. — 5º acto.

Sóto ás fortes paixões, e desabrido,  
Pelas proprias paixões vós sois punido.

ŒDIPO

Assim me agravas! Foge aos meus furôres.

CREONTE

Eu parto amargamente convencido  
De não ter sido alfim comprehendido...  
Nada mais vos direi... e nem preciso!  
De mim o pòvo faz melhor juizo. (*Sabe.*)

SUMMO SACERDOTE

Que reflexões, Rainha, vos detém!  
Que se interne pedi ao Rei tambem.

(*Œdipo se retira por alguns instantes.*)

#### SCENA IV

JOCASTA e o SUMMO SACERDOTE

JOCASTA

Saber, antes de tudo, eu quero agora  
A causa da discordia que os devora!

SUMMO SACERDOTE

Trocaram-se palavras suspeitosas, —  
Graves queixas, quiçá injuriosas.

JOCASTA

Accusações se não feito mutuamente!

SUMMO SACERDOTE

Injuria por injuria, e justamente.

JOCASTA

Qual o motivo foi da desavença?  
Dizei, — vosso rebuço envolve offensa.

SUMMO SACERDOTE

Relevae-me, Senhora, relevae-me, —  
Não mais sobre este assumpto interrogae-me:  
Nas desgraças da patria tão querida,  
Convém deixar-se a ira adormecida.

#### SCENA V

Os meemos; e ŒDIPO, apresentando-se inesperado.

ŒDIPO, ao Summo Sacerdote:

Vossa cegueira é tal, que a escuridade  
Obliterando o instinto da equidade,  
Das torrentes da dôr ao forte curso  
Me abandonaes agora sem recurso.

SUMMO SACERDOTE

Ah, Senhor, já vos disse, e vos redigo,  
Insensato eu seria si, commigo,  
Não repartisse os dissabôres vossos.  
Não vos sonega o pòvo altos esforços...  
Não fostes vós que a patria vacillante

Arrancastes do abysmo á fauce hiante!  
E da desgraça sobre nós pendente,  
Nós viestes livrar, e promptamente!

JOCASTA

Pelos deuses, Senhor, não me occulteis  
A causa desse féi, que ora verteis.

ŒDIPO

Já que o pedis, em vos servir affeito,  
Será vosso desejo satisfeito  
Narrando eu de Creonte as villanias,  
As audacias, a trama, as cobardias...

JOCASTA

Embora meu irmão, rogo apureis  
Vossas accusações; e o punireis,  
Si a felonía infame fôr provada.

ŒDIPO

Do extinto Laio sobre mim lançada  
A morte ha sido.

JOCASTA

E elle mesmo o disse!!

ŒDIPO

Explorou de Tiresias a velhice,  
E o suborna para que repita  
Por toda a parte a accusação maldita!  
Nem se importa que aleive tal circule,  
E a ira, contra mim, do pòvo açule.

JOCASTA

Tocou, Senhor, agora, a minha véz:  
Dessa perfidia vã não cogiteis;  
Do adivinho as palavras nebulosas  
Desprezae, pois não passam de aleivosas.  
Vêde bem que de face vos encaro,  
E o exemplo, que trago, não é raro:  
Outr'ora Laio, meu espôso amado,  
Recebêra do oraculo sagrado  
O tórvo annúncio, de sinistro brilho,  
Que môrto elle seria por seu filho...  
Tal se dizia, então, no desatino,  
Ser esta a fatal ordem do destino.  
Está, no emtanto, assaz verificado  
Que uns bandidos, em cêrco inesperado,  
Deram a morte a Laio, mas sósinhos,  
No ponto donde partem três caminhos.  
E mãe eu sou do filho temerôso,  
Cujo orae'lo visava o meu espôso;  
Mas, tres dias sómente eram passados,  
Fôra, á ordem do Rei, c'os pés furados, (14)  
Inteiro expôsto, deste pòvo á vista,  
De excelso monte na rugosa crista.  
E' certo, pois, que Apollo vio frustrados  
Do filho, o crime, e d'esse pae, cuidados,  
Apezar do que oraculos falaram!  
Isso, Senhor, não val quanto affirmaram...  
O que potente dens quer, determina,  
Sem ao facto antepôr densa cortina.

(14) Vid. nota 11, acto IV, pag. 794

ŒDIPO

Qu'escuto! que dissetes vós, Senhora!  
Em que situação me vêjo agora!

JOCASTA, *consigo*:

(Difficil e fatal!)

ŒDIPO

Não me haveis dito  
Que Laio, desprendendo um surdo grito,  
Fôra por uns perversos trucidado  
No caminho em tres outros entroncado!

JOCASTA

Tal bôato correu e ainda corre.

ŒDIPO

O sitio conheceis! Não vos occorre!

JOCASTA

Na Phócida, em local que reunia  
Estradas para Delphos, em Daulia. (15)

ŒDIPO

Quando foi esse crime perpetrado!

JOCASTA

Antes um pouco do actual reinado.

ŒDIPO

Ó Zeus, o que mais resta á minha sina!

JOCASTA

Por que, Senhor, a nova vos fulmina!

ŒDIPO

Cessa de me arguir. Antes, Rainha,  
Dizei-me: Laio, que figura tinha!

JOCASTA

Alto, de póрте magestoso e bello,  
Já de neve alguns fios no cabello...  
De resto, pelos gestos e semblante,  
Vos era mais ou menos semelhante.

ŒDIPO

Iria eu, — ó deuses! — insciente  
Consortiar-me incestuosamente,  
Por effeito, quiçá, de horrivel praga!...

JOCASTA

O que dizeis, Senhor!! Isso me esmaga...  
Esta idéia me abate e me contrista...  
Levantar, para vós, não onso a vista.

ŒDIPO

Estremêço, ao pensar, horripilado,  
Que Tiresias não fôsse um inspirado!...  
Uma pergunta mais; si respondida,  
A intriga será esclarecida.

JOCASTA, *á parte*:

(Gêlo de horrôr!) (*Alto*;) Da scena ensanguentada  
O qu'eu souber direi interrogada.

ŒDIPO

Laio, ao partir, de poucos foi seguido,  
Ou de avultada escôlta protegido? (16)

JOCASTA

Cinco pessoas, incluindo o arauto,  
O Rei seguiam, popular, incanto...  
E Laio tão sómente um planstro finha.

ŒDIPO

Perdido estou!... Oh! que desgraça a minha!  
Quem vos narrou o que me haveis contado!

JOCASTA

Um do sequito apenas escapado.

ŒDIPO

E no Paço inda está elle hospedado!

JOCASTA

Não ficou em Palacio. Regressando  
A Thebas, e vós n'ella governando  
Por morte de seu Rei, quiz, sem tardança,  
Poupar-se á dôr, á mágoa da lembrança,  
De avivar de um passado a cinza fria  
Que a cada canto aqui encontraria.  
Supplicou-me elle então, leal soldado,  
Que o mandasse pascer no campo o gado.  
Este servo fiel bem merecia  
Melhor sorte e o premio que pedia.

ŒDIPO, *resoluto e brusco*:

No Paço compareça.

JOCASTA

Para que?

ŒDIPO

Sei por murmurios a que presto fé,  
Que fui mal informado da verdade...  
Urge mais luz, mais viva claridade!... (17)  
Em resumo: preciso, e quero vê-lo.

JOCASTA

Presto o vereis, Senhor. A justo zêlo  
Não poderei acaso, em consciencia,

(16) O texto grêco acrescenta... *segundo costume dos reis?*

(17) O texto, n'este ponto, é equivoco. As traducções variam de muito. Litteralmente: *Desconho que ainda não me disseram a verdade inteira. Preciso esclarecer-me; em resumo, quero vêr esse pastor.*

(15) Delphos e Daulia acham-se separados pelo monte Parnaso, na Phócida, entre os golphos Opunciano e Crissas.

Tomar parte na vossa conferencia,  
A fim de conhecer, sem mais demora,  
A causa que o socôgo vos devora?

**CÉDIPPO**

Depois de uma esperanga tão dourada  
Que posso eu recusar-vos? Nada... nada...  
Impávido affrontando estes horrores  
Viestes compartilhar das minhas dôres;  
Assim, a quem melhor eu poderia  
Os transeos confiar desta agonia?  
De Polybo e de Merope sou filho,  
Reis dos Corinthios de fulgente brilho;  
Mantinha meu valor sempre a seu lado,  
No pósto de nascença assignalado,  
Quando um facto se deu, grave, imprevisto,  
Fatal inicio do que tendes visto.  
Um ébrio teve a audacia, a afoutéza,  
De á face atizar-me, em tanta mésa,  
Qu'eu não era, — escutae, por vida minha, —  
Filho do Rei, nem filho da Rainha.  
Não obstante o fél d'essa mentira,  
Com grande esforço repressi a ira.  
Um dia após áquelle caso infando,  
Meus paes in continente progerando, (18)  
Decompôsta a feição, pallido o rosto,  
Contei-lhes francamente o meu desgosto;  
E elles, com furôr descomedido,  
Repellitiram a affronta do atrevido.  
Amando-os, as tenuras mais perfectas  
Combateram de par com as suspeitas;  
Mas o insulto brutal, que eu supportára,  
Fundo em meu coração já penetrára.  
A Delphos parto. Apollo interrogado,  
Esquivo ao objecto consultado  
Em seu oraculo, claramente puro,  
Mil negrôres predisse em meu futuro:  
«E' do Destino lei, — incestuoso,  
Virá Cédipo ser da mãe espôso;  
Ao mundo legará próte execranda;  
E, segundo essa voz que o augurio manda,  
A voz de um Genio aspero, malino,  
Será do proprio pae féro assassino.»  
Assombrado, julgae, de quanto ouvira,  
Deixei Corinthe (19); e, desde que partira,  
Resolvi não voltar; e assim deixada  
Não fóra a predição realisada.  
Os astros me guiaram na viagem... (20)  
Desgarrado encontrei-me na paragem  
Que desde muito longe apercebêra,  
E onde dizeis que Laio fallecêra.  
Com franqueza expôsei, a vós, Senhora,  
Que chegando ao caminho, — aziaga hora! —  
Que em tres se parte, avultam, por meu damno,  
Um arauto, e insólito paizang,  
Musculoso, robusto, irrequieto,  
Tal qual m'ô descreveis, em carro aberto,  
Ordenando, sem que eu o obstasse,  
Que da trilha, insolente, me afastasse.  
Accêso em furia, após ser provocado,  
Um desfôrço tirei justificado,  
Tomando de seu amo o mau partido,

Com dois rombos no craneo me ha ferido, (21)  
E eu, em represalia a tal despacho,  
A bordão o lancei do carro á baixo:  
Expirando a meus pés o malfadado,  
Matei a quantos vinham a seu lado.  
Si, pois, esse estrangeiro itinerante  
Se prende ao facto que já vae distante,  
Pôde haver quem dos mans no tôrvo bando  
Me impute crime assim tão execrando!  
Que forasteiro, que Thebano amigo  
Pôde acolher-me ou praticar commigo?...  
Por minha propria culpa cóagido  
Deixarei estes lares, qual bandido...  
Duplo horror! polluir, deixar manchado  
Leito de quem por mim foi trucidado!  
Pois que, sendo forçado a desterrar-me,  
Verei, de novo, os meus? Unge auserantar-me.  
Voltarei a Corinthe? Não me inhiho  
De Merope espôsar, matar Polybo,  
Erguendo mão cruel e parricida  
Contra aquelle a quem devo a propria vida.  
E' justo, — ó fado! — que praguejar-te eu dêa, —  
Ninguem existe que a m'indultar se atreva...  
Deuses! não permittas que, no horizonte,  
Esse dia de horrôr p'ra mim desponte!  
Dos humanos annaes riscas meu nome,  
P'ra que não passe aos évos meu renome!

**SUMMO SACERDOTE**

Vossos vassallos védes reunidos,  
Senhar, dos vossos males commovidos!  
A todos acudia-nos a lembrança  
De não formar juizo, na esperanga  
De que tudo esclareça o pegureiro.

**CÉDIPPO**

Espero. E' meu appêlo derradeiro.

**JOCASTA**

E quando elle vier, o que fareis?

**CÉDIPPO**

Si de accôrdo estiver com o que dizeis,  
Eu ficarei mais plácido e tranquillo.

**JOCASTA**

Que conclusão tiraes de tudo aquillo  
Que eu narrei?

**CÉDIPPO**

O pastor havia dito  
Que Laio succumbira n'um conflicto,  
Por bandidos, em grupo, apunhalado:

(18) Cédipo ainda se julgava filho dos reinantes de Corinthe.

(19) Cidade da Grecia, na Moréa (Peloponneso), no isthmo d'esse nome, e hoje comprehendida na actual provincia de Argolida.

(20) Os antigos guiavam-se pelos astros, tanto em suas viagens por mar como por terra.

(21) No grego: *Dois aguilhoadas no acto da cabeça*; isto é, duas paçadas de aguilhão. O aguilhão ou ferrão, arma offensiva, propria para lisgar, era uma especie de clava, de sessenta centímetros de comprimento, e com ponteira de ferro; differia da *aguilhada* na *depanha*, apenas; esta é maior e mais fina. Serviam, aquelle, para fustigar os animaes do carro, e este, para castigar as bestas, ou os bois lerdos, no acto da lavragem da terra e da debulha. No primeiro caso, os heilenistas francezes traduziram: *Deux coups d'aguillon sur le milieu de la tête*; no segundo, *coups de bâton*, isto é, *a paulada*, *a caetada*, o que prova, mais uma vez, que os antigos gregos nem sempre viavam armados em guerra.

Si isso affirma, serei innocentado,  
Porque dois, ou mais homens, reunidos,  
Hão de ser de um só homem distinguidos.  
Mas, si designa um só facinoroso,  
Apontado serei por criminôso.

JOCASTA

Varrei, Senhor, da mente esse cuidado  
Que o pastor de pensar haja mudado, —  
Testemunho geral Thebas off'rece  
De tudo que elle conta, e que conhece;  
Portanto, em contradicta embaraçado,  
O presagio terá contrariado:  
Predisse este que Laio, o rei querido,  
Seria ás mãos do filho perecido,  
E Laio, que matar não quiz, foi presa

Do chugo, e tomhou morto por surprêza.  
Julgae, Senhor, transpôsto este obstac'lo,  
Si mais merece o meu, que o vosso orac'lo.

ŒDIPPO

Rainha, aos sobresaltos daes-me calma;  
Mas, para dissipal-os de minh'alma,  
Que o pastor aqui venha eu vos conjuro,  
Pois d'elle está pendente o meu futuro.

JOCASTA

Vou mandal-o chamar. No Paço entrémos.  
Como, Œdipo, negar-vos meus extrémos!

Fim do 3º acto

## QUARTO ACTO

### SCENA I

JOCASTA e suas Aias; e o SUMMO SACERDOTE DE ZEUS (1)  
á frente dos primiceiros do Povo.

JOCASTA

Vêjo-me no devêr, leaes Thebanos,  
De demandar os deuses soberanos;  
Buscando-lhes o templo, o lar sagrado,  
Esta grinalda e o incenso perfumado,  
Que lhes trago em anceios inda ignotos,  
Vos denunciám bem quaes os meus votos.  
Crescem de Œdipo os maus assombramentos...  
Agitado por tôrvos pensamentos,  
Em vez de deduzir, pelo passado,  
O oraculo presente, allucinado  
Se entrega a seu pavôr, e mesmo a quem,  
Só para o enganar, o entretém,  
Apollo do Lycêu! tidos por futeis,  
Affectos brandos, e conselhos uteis,  
E' a vós que, ardente, humilde impetro!  
Vosso Templo alli'stá, — n'elle penetro!  
Mui pressurosa, e a supplica sagrada  
Será a compaixão por mim rogada. (2)

(1) Coryphêu (do latim *Coryphaeus*, do grêgo *κορυφαίος*, *koryphaios*, primeiro, principal, chefe, e *koryphy*, cima da cabeça, vertice), era, antigamente, assim denominado o chefe do côro, isto é, o personagem principal dos côros dramaticos que falava por todos. Traduzindo *Summo Sacerdote de Zeus*, abandonei os traductôres inglezes, para seguir in-advertidamente Francisco de Pina, de Sá, e de Mello (sic), e D. Fr. Martinez de la Rosa, e outros, que, á semelhança de alguns traductôres francezes e italianos, passaram a chama-l-o *O Suprêmo*, o *Grande Sacerdote de Jupiter*, o *Summo Sacerdote de Jupiter*, que aliás não é divindade grêga. Mas, como nunca é tarde para corrigir um cochillo, substitua-se, n'esta minha traducção, a denominação *Summo Sacerdote de Zeus* pela de *Coryphêu*, que é a expressão que mais se adapta á certiza da letra, como diziam os velhos classicos da lingua portugueza.

(2) No tecto grêgo: *O' Apollo lyciano ou do Lycêu...* Não quer isto dizer que Jocasta vá, d'alli mesmo, acto continuo, á Lycia, ou ao Lycêu de Athenas; ella apenas se dirige ao templo de Apollo mais proximo de Thebas, invocando-o por seu appellido, que é *Lyciano*, ou da Lycia; e d'ess'arte começa essa infeliz suas peregrinações em beneficio do marido e... filho. Lycia, região da Asia-Menor, ao sul da Phrygia, entre a Caria e a Pamphylia, tinha por cidades principaes Myra e Patara, e em todas ellas era muito adorado o deus Apollo. Lycêu, pórtico e passio de Athenas, nas margens do Ilisso. Ah! Aristoteles doutrinava, perambulando com seus discipulos. Mais tarde, *Lycêu* designou a escola e doutrina d'esse philosopho. Actualmente, significa academia, gymnasio, aula.

Œdipo, nauta em vendaval desfeito,  
Infiltrou seu terrôr em nosso peito.

(Jocasta e as Aias se afastam por alguns momentos.)

### SCENA II

O precedente e o PASTOR de Corintho; e, logo após, JOCASTA e seu sequito.

O PASTOR

E' favôr, ó Thebanos, ensinar-me  
O Palacio de Œdipo... Onde enfrentar-me  
Com elle poderei?

SUMMO SACERDOTE

Tendes deante  
Dos olhos o seu Paço, ó viandante, —  
E, certo, o achareis, pois que repousa...

(A Rainha apparece no vestibulo do Templo.)

Mas, eis que se approxima a régia espôsa.

O PASTOR, saúdando-a:

Mulher de um grande Rei, que reservado  
Vos seja, e aos vossos, bonançoso fado!

JOCASTA

Queiram os grandes deuses immortaes  
Que desfructeis os bens que me anhelaeis!  
Vossas palavras de feliz aviso  
Assim retribuir ó-me preciso.  
Porém dizei-me agora ao que vistes,  
E que extranhas novas nos trouxestes?

O PASTOR, accentuando:

Propicias para o Rei, p'ra vós propicias.

JOCASTA

Quaes ellas são? Que terras natalicias  
Deixastes, vindo ter a este recinto?

O PASTOR

Apóro de Corintho  
P'ra a verdade narrar calma, serena:  
A nova vos dará prazer e pena.

JOCASTA

Esse dúbio falar que significa?

O PASTOR

Si, o que, em Corintho, ouvi, se verifica,  
Do Is'mo ha de provir vosso marido,  
O rei eleito pelo póvo unido.

JOCASTA

O velho que de si deu firme abóno —  
Polybo, foi depósto do seu thróno?

O PASTOR

Ao sepulchro baixou.

JOCASTA

Parece incrível!  
Polybo é mórtó!!

O PASTOR

Que da morte ao póro  
Eu tóque agora mesmo, si insiuero  
Falei.

JOCASTA

Em nada contestar-vos quero.  
Aias, correi: sem perda de um momento,  
Do rei Polybo o infausto passamento  
A Édipo ide avisar. Oh, quão mentidos  
Os oráculos são! Nunces fingidos!  
Se Édipo exila, a mal das prophecias,  
A Parca ceifa de Polybo os dias!...

## SCENA III

Os precedentes e ÉDIPO

ÉDIPO

Espósa complacente, alma bemdita,  
Que buscaes amparar-me na desdita,  
Por que vossa vontade aqui me arrasta?  
Que pretendes de mim, bóa Jocasta?

JOCASTA

Ouvi, Senhor, — ouvi este estrangeiro...  
E o orac'lo por vós julgae primeiro.

ÉDIPO

Quem elle é? Que veiu relatar-vos?

JOCASTA

De Corintho chegou a annunciar-vos  
Que vosso pae Polybo fallecêra.

ÉDIPO

De vós, ó estrangeiro, ouvir quizera  
O que, surprêso, da Rainha escuto.

O PASTOR

Eu executo  
Vossa ordem, Senhor; sabe, portanto,  
Que a triste nova, que vos causa espanto,  
E', — ai de mim! — desgraça acontecida:  
A Polybo apagou-se a luz da vida.

ÉDIPO

De que findou meu pai? Traição? doença?  
Com franqueza falae, sem mais detença.

O PASTOR

Por que assim indagar? Se conjectura...  
Facil vae a vellice á sepultura.

ÉDIPO

Então foi a senil debilidade?...

O PASTOR

Certo ao péso tombou da muita idade.

ÉDIPO, a Jocasta:

Sentis ainda as ancias compellentes  
De recorrer ás áras resplendentes?  
E mesmo consultar os cantos graves?  
Ou sólto pio de agonreiras aves? (\*)  
Orac'los dictam pela voz sagrada  
Do deus Apollo, em data malfadada,  
Que a meu infeliz pae morte eu daria,  
E eil-o da morte á região sombria,  
Enquanto em Thebas a viver domínio  
Sem que possa ter culpa em seu destino.  
Portanto, ninguem ha, neste momento,  
Que me possa imputar seu passamento.  
Dir-se-ha, — é possível! — que sentido  
Por não tornar-me a vêr tenha morrido,  
E assim, faz suppór, de alguma sorte  
Concorri, sem saber, p'ra sna morte.  
Polybo, ao negro Averno (†) arrebatado,  
Comsigo orac'los rãos terá levado.

JOCASTA

E o que dizia eu? que vos dizia?

ÉDIPO

E' exacto, porém eu succumbia...  
Tamanho era o terrór que me assaltava,  
Que, surdo, nem conselhos escutava.

(\*) e (†) Parece-me verosimil que Édipo, e principalmente Jocasta, injuriem, por vezes, os oráculos, e mesmo descreiam das suas predicções, em alguns pontos d'esta tragedia. E essa desconsideração, e essa falta, não passam despercebidas ao Córo, que os admoesta de quando em quando. Entretanto, Dacier traduzio assim os primeiros versos d'esta fala: « Ah, Senhora, quem se animará d'ora em vante a consultar os oráculos de Apollo? Quem mais se abalará, etc. » Não me parece essa a verdadeira interpretação do texto grêgo, porque Jocasta continúa a aconselhar-se com os deuses em benefício do marido e filho. Édipo, um pouco mais desasombrado com a noticia do pastor, diz á Rainha: « que necessidade ella não tem mais de recorrer aos altares, nem ao vbo dos passaros; e, mais ainda, que todos seus infortunios, d'elle, Édipo, provinham de haver, em sua extrema credulidade, excessivamente confiado nos vaticínios. »

## JOCASTA

Não consintas, ó Rei, que de voss'alma  
Essa scisma outra vez perturbe a calma.

## EDIPO

Podia a dôr conter no afflicto peito,  
Suppondo polluir materno leite?

## JOCASTA

Receiar desleal sorte, importuna,  
Quem, como vós, é filho da Fortuna?!  
Teimosia em extremo é vã, nociva.

Melhor fôra do acaso, á força viva,  
Abandonar-nos ambos nesta lida...  
Passémos a gozar a curta vida.  
Existe contra vós rastro funesto,  
Prova cabal de repugnante incesto!  
Acredita-me, pois, que sou sincera,  
E' tudo isso um sonho, uma chimera:  
Para feliz viver no mundo vario,  
Não deve o homem ser visionario.

## EDIPO

Talvez, Jocasta, eu crédito vos dêsse  
Si minha mãe no tumulto jovesse (5);



Busto de Sophocles (\*)

(\*) Sophocles nasceu no segundo anno da 71.ª Olympiada, isto é, 495 annos antes de Jesus Christo, em Colona, aldeia proxima de Athenas, notavel por seu bosque consagrado ás Eumenides. Contemporaneo de Eschylo, Euripides e Pericles, não foi apenas um dos mais celebres poetas tragicos do seu tempo, — ao lado de Pericles e de Thucydide, batalhou valerosamente, muito tendo concorrido para a rendição da Ilha de Samos.

Já em idade avancada, concederam-lhe, e elle aceitou, funções sacerdotaes.

Das 123 peças que os antigos lhe attribuem, apenas se conhecem sete: *Philoctetes*, *Antigona*, *Rei-Edipo*, *Edipo em Colona*, *Ajax*, *Electra* e *Os Trachinianos*. Das demais, só chegaram até nós, ou os fragmentos, ou os titulos.

A perfidia dos filhos de Sophocles é demasiado conhecida: acciosos de entrar no gozo das riquezas do paé, e fatigados de esperar-lhe a morte, accusaram-no de loucura; e como louco, arrastaram o pobre velho ao tribunal.

Obrigado a defender-se, não perdeu a calma, limitando-se a lêr, em pleno Aroopago, a sua tragedia *Edipo em Colona*; os juizes tão profundamente se enthusiasmaram, que o absolvaram unanimemente,

declarando em altas vozes que um deudo não podia, por modo algum, ter escripto semelhante obra-prima-prima.

Parecendo-me de mór curiosidade passar para esta ligeira noticia a inscripção do tumulo de Sophocles, não hesitei em fazê-lo, calcando a minha traducção sobre esta outra, trasladada para o inglez por um dos mais festejados poetas lyricos do mundo — Byron:

" Around thy tomb, oh! Bard divine,  
Were soft thy hallow'd brow reposes,  
Long may the deathless Ivy twine  
And Summer pour her waste of roses."

## Traducção:

N'este sepulchro em que repousas,  
O' velho bardo, a fronte alente,  
Pousam a hera (\*) e brancas rosas (\*\*)  
Se entrelaçam eternamente.

(\*) Symbolo da eternidade.

(\*\*) Symbolo da poesia tragica.

(5) *Jovesse* ou *jovesses*: variação subjunctiva de *jazer*; v. g., onde seus corpos *jovesses*.

Porém, ella existindo, esse receio  
Está forte; e brada-me no seio.

JOCASTA

De vosso pae a morte, o triste evento,  
Não vos dissipa o tórvo pensamento ?

ŒDIPO

Devia assegurar-me, sim, convenio,  
Mas vive minha mãe, certêza tenho.

O PASTOR

Poderei eu saber, em transe taes,  
De quem, Alto Senhor, vós receiaes ?

ŒDIPO

De Merope, mulher do rei finado.

O PASTOR

Por que razão vos punge esse cuidado ?

ŒDIPO

Duro effeito do mal que a prophcia  
De ha longo tempo o peito me angustia.

O PASTOR

E' tão atroz que não possaes dizê-la ?

ŒDIPO

Ouvi, pois : si de Apollo creio havê-la,  
Serei incestuoso e parricida:  
De minha mãe, espôso ! e homicida  
De meu pae ! E, p'ra que realisado  
Não fôsse o vaticinio negregado,  
Eu sahi de Corintho (\*) : voluntario  
E' me o exilio e trégôa ao meu fadario,  
Como patente vêdes ; e, entretanto,  
A saudade dos meus gottêja em pranto.

O PASTOR

Como, Senhor, por esse mêdo apenas  
De Corintho sahistes ?

ŒDIPO

Crúas penas  
Arreceiei penar... Fado ominoso !  
Matar meu pae, — ser filho incestuoso !...

O PASTOR

Ah, Senhor, um dever torna-se instante :  
Dissipar-vos a scisma inquietante ;  
E si de longe venho, e vos procuro,  
E' que posso aclarar o caso escuro. (†)

(\*) Traduzi litteralmente estes quatro versos, embora sacrificando-lhes um tanto a elegancia poetica; mas, era-me preciso bem apprehender e condensar todo o pensamento do autor.

(†) Começa, n'este ponto, o desfecho, que Aristoteles (Cap. IX, Poet.), por antonomasia o *Principe dos philosophos*, cita como um dos mais emocionantes do theatro grêgo; effectivamente, nada ha mais bem urdido, nem mais tragicamente imaginado.

ŒDIPO

Por um serviço tal, grato me sinto.

O PASTOR

Que eu vos leve de novo p'ra Corintho  
Por premio basta, e explica-me a viagem. (‡)

ŒDIPO

Jámais ! Não volverei a essa paragem  
Pois o divino Apollo não desprezo :  
Alli passa a existencia a mãe, que prézo.

O PASTOR

Pelo modo por que, Senhor, falaes,  
Parece que, quem sois, ignoraes.

ŒDIPO

Pelos denses supplico, ó estrangeiro,  
De minha sina aclarar-me primeiro.

O PASTOR

Não podeis regressar á terra amada ?

ŒDIPO

Receio a predicção verificada.

O PASTOR

Temeis algum desgosto entre parentes ?

ŒDIPO

Sim. E muitos são os precedentes !  
Eis, bom velho, o escolho inopinado  
Que torna o meu viver amargurado.

O PASTOR

Pois bem, Real Senhor, uma inverdade !  
E' vossa inquietação, inanidade !

ŒDIPO

Sou filho de Polybo. Acaso é louco  
O tormento que róe a pouco e pouco ? !

O PASTOR

Nada tendes com elle.

ŒDIPO

E quem duvida  
De que a Polybo eu deva o ser, a vida !...

(‡) O trecho grêgo é este:

Καὶ μὴν ἄλλως εἶτ' ἀφικόμενοι, ὅπως  
εἰ πρὸς ὄμμεν εὐθύντοι, εὖ πράξαιμι τι.

Dacier traduzio assim: « Venho tão sómente buscal-o, Senhor para que, quando de volta a Corintho, eu possa merecer-vos alguma graça ou alguma voluntaria recompensa, e assim viver feliz sob a vossa protecção. » E' um cumprimento este, não ha negar, brutalmente interesseiro. Não foi, certamente, esse o pensamento de Sophocles. E a nota do proprio Dacier, em que procura explicar-se, por mais engenhosa que pareça, não salva semelhante incongruencia.



O PASTOR

Tanto, ou menos, que a mim. (\*)

EDIPO

Não compreendo  
O senso desse enigma; e nem entendo  
Que possa ser meu pae tão verdadeiro  
Ou menos, que tu és, ó forasteiro!

O PASTOR

Insistindo, repito: o Rei finado...

Póde um rei declarar seu filho, a quem  
Não engendrou, e alheio sangue tem!

O PASTOR

Não tinha filhos... Inda é mais preciso!

EDIPO

Quem, pois, eu sou? Attânito, indeciso,  
Falo a meu pae, ou fui por vós comprado!

O PASTOR

No Citheron por mim fostes achado. (1)



Edipo, Coryphêu, Creonte.

REI-EDIPO. — Quinto acto

EDIPO

Chamava-me seu filho bem amado.

O PASTOR

Entreguei-vos a elle.

EDIPO

E tão sómente?

E' cousa crível!... Sim, de boa mente,

EDIPO

Que vos levou a sitio tão deserto?

O PASTOR

O meu rebanho, que eu pascia perto.

EDIPO

Ereis então pastór...?!

O PASTOR

Não obstante,

A vida vos salvei naquelle instante.

EDIPO

Deparastes-me lá? Qual meu estado?

(\*) Dacier não quis traduzir ao pé da littera este verso e os dous outros seguintes; e isso, naturalmente, porque não prestou bem attenção ao gracião equívoco d'este tanto, ou, menos ainda, do que a mim. Contentou-se em substituí-lo por um Não, senhor, que lhe foi recurso ou escapatória. Ha, entretanto, uma subtilidade, uma argúcia, que se ouve ou escapatória, no texto grego; e consistem ellas em que o pastór de Corinto estava na verdade, dizendo tanto, ou menos ainda, pae de Edipo, que de Polybo; o pastór salvára-lhe a vida; Polybo o adoptára; mas, nem um, nem outro, o gerára.

(1) Citheron, monte que separa a Beocia, da Attica.

O PASTOR

Furados os dous pés, de lado a lado. <sup>(11)</sup>

ŒDIPO

Oh! que dôr me lembraes! que soffrimento!

O PASTOR

Do laço os desvarei, rijo, sangrento...

ŒDIPO

Ai, quanto, após nascer, hei padecido!

O PASTOR

D'ahi o nome que trazeis, sabido.

ŒDIPO

Dizei-me... A perguntar, isso me atrevo:  
Si, a minha mãe, ou si, a meu pae, eu devo  
A maldição que, em mim, pésa tão forte?  
Qual dos dous me ha votado á crúa morte? <sup>(12)</sup>

O PASTOR

Eu ignoro, senhor: melhor soubera  
Quem de vós a entrega me fizera...

ŒDIPO

De outra pessoa então me recebestes?

O PASTOR

Das mãos d'outro pastôr vós me viestes.

ŒDIPO

Quem elle é? quem é? Designae-o.

O PASTOR

Dizia-se o Real pastôr de Laio.

ŒDIPO

Do Arbitro de terminos tamanhos?!

O PASTOR

Pastava, nesse tempo, os seus rebanhos.

ŒDIPO

E vive ainda? Poderei eu vê-lo?

O PASTOR

Ninguém pôde, entre vós, desconhecê-lo.

ŒDIPO, ao Summo Sacerdote e ao povo:

Si algum de vós conhece-o na cidade,  
Ou n'aldeia em campal rusticidade,

<sup>(11)</sup> Œdipo significa *pés inchados, furados*.

<sup>(12)</sup> A CURIOSIDADE, disse Plutarco (\*), envolveu Œdipo em longa *serie de males*, etc. A circumstancia de ter assim classificado tão notavel moralista uma tal insistencia por parte de Œdipo, animou-me a empregar, n'esta versão, as palavras *teimosia, pertinacia, porfia*, como *succedaneos* de curiosidade.

(\* Plutarco, *Tratado da Curiosidade*, traducção de Amynt.

Dizei, afim que interrogal-o eu possa,  
Em face, ou longe da presença vossa.

SUMMO SACERDOTE, designando o Pastor:

Não penso que elle vise creatura  
Além da que mandastes á procura;  
A Rainha dará mais acertada  
Resposta a essa pergunta formulada.

ŒDIPO

Jocasta, o reclamado pegureiro  
E' este de quem fala o forasteiro?

JOCASTA

Si evitar quereis agros instantes,  
Os ouvidos cerraes nos intrigantes.

ŒDIPO

Enganae-vos, Senhora, algo me servem:  
Vosso consêlho os deuses me preservem  
De adoptar. Eu já perto descortino  
Mais claro o bêrço, e negro o meu destino.

JOCASTA

Por Apollo, Senhor, nada façaes:  
Si socêgo quizerdes, si o prézaes,  
Abandonae de todo, eu vos implôro,  
Temerárias pesquisas que deplôro.

ŒDIPO

Comprehendo-vos bem, — ficae tranquilla.  
A calumnia, que toxico distilla,  
Disse um dia, com triplices agravos,  
Qué sou de origem de tres vis escravos;  
Respondei me, Jocasta: a aleivosia  
De alguma sorte não vos feriria?

JOCASTA

Eu vos conjuro a desistir, no entanto,  
Desse plano fatal... Si valho tanto!

ŒDIPO

Eu não o deixarei, vô-lo asseguro,  
Sem a certêza achar do que procuro.

JOCASTA

Attentae, eu vos peço, — rasão tenho,  
A dissuadir-vos.

ŒDIPO

Creio, até convenho,  
Qu'ella inda augmenta minha angustia e mêdo.

JOCASTA, *á parte*:

(Oh, sinistro pavôr, fatal segredo!...  
Misero Œdipo! Principe mofino!  
P'norar possas sempre o teu destino!)

ŒDIPO

Medonho golpe aguarda-me certoiro!...

(A um Escudeiro:)

Depressa fazei vir o pegureiro...

Deixemos á Rainha que enrubêça  
De meu triste nascer, e se enalêça  
De seu bérço de gloria e realêza  
Suspenso a traves d'oiro da grandêza!

JOCASTA, *consigo; sahindo precipitada:*

(Oh! dos homens o mais infornado!  
D'outro modo chamal-o não me é dado...  
Infeliz que elle é! Não mais o digo...  
Pela ultima vez falo consigo...)

Se envergonha da minha obscuridade.  
A mulher é, de instincto, ambiciosa...  
Não me pêjo da sorte duvidosa.  
Dilecto da Fortuna, a largo trato,  
Bastante recebi p'ra ser-lhe ingrato.  
E' ella minha mãe, — annos flôrentes  
E os tempos são-me os unicos parentes:  
Testemunhas que surjo da baixêza,  
Elevaram-me ao cimo da grandêza.  
Revelado o que sou, d'onde provenho,  
Não mudará a sorte que ora tenho.

(*Momentos de profundo silencio:*)



GUSTAVO SALVIDI,

um dos mais inspirados interpretes do Rei-Oedipo, nos palcos modernos.

HOMENAGEM ADMIRATIVA DO PÚBLICO FLUMINENSE.

RIO DE JANEIRO (Brazil) 1907.

#### SCENA IV

Os mesmos, menos JOCASTA

SUMMO SACERDOTE

Por que é que assim se afasta desvairada,  
Em tanta dôr Jocasta arrebatada!  
Posso eu saber, á plena consciêcia,  
D'essa concentração a consequencia?

OEDIPO

Triste ou não, embora haja aviltamento,  
Eu quero conhecer meu nascimento,  
Por isso que a Rainha, á puridade,

#### SCENA V

Os PRÉCEDENTES e dous RHAPSODOS

UM RHAPSODO, á *tiorba*:

*Estrophe* (1<sup>a</sup>)

Si lér eu sei nas linhas mais futuras,  
Si fundadas são minhas conjecturas,

(1<sup>a</sup>) No texto grêgo, tanto a *estrophe*, como a *antistrophe*, são recitadas pelo Cêro, que se adeanta, e fala encôporadamente. Tratando-se, porém, de tornar a tragédia mais *theatral*, não duvidei substituil-o por dous jovens *rhapsodos*, que recitam, um, e outro, ás vibrações de suas plangentes *tiorbas*.

O' Citheron, lá, quando, a luz primeira  
Do sol anunciar sua carreira,  
Tu terás desvendado, eu me anticipo,  
A sorte e o bérço do potente **Édipo**.  
E guiarémos dansas; peregrinos  
Em côro tangéremos sacros hymnos  
Celebrando um tributo de alegria  
Ao monarcha de aprêço e de valia.  
Que praça ao deus Apollo, a seus devotos,  
Se tornarem reaes, esp'rança e votos.

O OUTRO RHAPSODO, *idem*:

*Antistrophe*

Rei amado, a que Genio, a que Deidade,  
Deveis da vida a luz, a claridade?  
Seria acaso a qualquer nympa errante,  
No bosque, com deus-Fan, luxuriante?  
Ou então, foi de Apollo uma adorada,  
Pois prefere montanha retirada?...  
Mercurio e Baccho, um, deus de Cyllena, (14)  
O outro, fibrestal, na falda amena  
Do Helycon (15) ás nympas dão fervôres,  
E fructo sereis vós de taes ambres?

(Os rhapsodos sahem.)

SCENA VI

Os MEMOS, menos os RHAPSODOS

**ÉDIPPO**, *avistando Phorbas ao longe*:

Pelo que vendo estou, esse velhinho, (16)  
Que não conheço, e surde no caminho,  
E' o mesmo pastôr por quem espero.  
Seu porte, e longa idade, que venero,  
Se ajustando aos do tardo caminheiro,  
Me apparentam ser elle o verdadeiro;  
E d'isso me convence ainda mais  
Vê-lo amparado aos meus officiaes.  
E vós, que desde muito o conheceis,  
Certamente melhor attestareis.

SEGUNDO SACERDOTE

Reconheço-o, Senhor, perfeitamente, —  
E' o pastôr de Laio exactamente.

**ÉDIPPO**

Dizei-me, ó estrangeiro, o tempo vôa:  
Aquelle velho é mesmo....

O PASTOR

Elle em pessoa.

(14) Cyllena, monte da Arcadia, onde nasceo Hermes, filho de Zeus e de Maia.

(15) Helicon, monte da Phocida, consagrado ás Musas e á Apollo. Ahi brotava o Hippocreno, traduzidamente: a Fonte do cavallo. As águas d'essa fonte tinham a propriedade de inspirar os poetas. O cavallo alado Pegaso fê-a estourar, dando forte patada no rochedo.

(16) De accordo com Brumoy, pareceu-me melhor seguir o manuscrito de que fala Henrique Estienne; e assim traduzi νεῖσθον, BOM VELHO, e não πρεσβυτης, ó velhos!

SCENA VII

Os mesmos e **PHORBAS**

**ÉDIPPO**

Chegae-vos, ó pastôr curvo á idade:  
Conhecéstes a Laio?

**PHORBAS**

Magestade,  
Vivi, de Laio, muito tempo ao lado:  
Seu Escudeiro eu fui, leal soldado.  
Nasci em seu Palacio; e livre, e bravo,  
Não me compraraui como um vil escravo.

**ÉDIPPO**

No que vos occupaveis? (17)

**PHORBAS**

Minha vida  
Fôra pela môr parte consumida  
Em rebanhos guardar.

**ÉDIPPO**

A que eminencia  
Os conduzieis vós de preferencia?

**PHORBAS**

Ao monte Citheron e redondêza.

**ÉDIPPO**

Fitae este estrangeiro com firmêza...  
Acaso o conheceis? E depois disto  
Vos recordaes d'algueres tê-lo visto?

**PHORBAS**, *simulando surpresa*:

De quem, ó meu Senhor, vós me falaes?

**ÉDIPPO**

Perguntel-vos apenas si jámais  
Contacto algum, embora passageiro,  
Tivesteis com aquelle forasteiro?

**PHORBAS**

Nunca! E tão mentida é essa historia  
Que nem vestigio guardeo na memoria.

O PASTOR

Não é p'ra admirar, Senhor! Em breve  
Reconhecer-me-ha, pois nem de leve  
Poderá, penso eu, ter-se esquecido  
Que, no Citheron, o gado confundido,  
Pasciamos, na calma, ao abandono,  
Da verde primayêra ao fulvo outono;  
E quando o gelo vinha, em retirada  
Tocando ambos nós á invernada,  
C'o rebanho de Laio ia elle á frente,  
E eu tangendo o meu placidamente,  
Tal narraçào, dizei, não é exacta?

(17) No texto grêgo: «E qual o vosso meio de vida?»



REI-ÉDIPPO — 5º Acto

Édipo

PHORBAS

E quão distante váes, saudosa data!

O PASTOR

Prosigamos. Não tendes em lembrança  
Levar-me; então, alli, uma criança  
Para cuidar, qual si meu filho fóra!

PHORBAS

O que quereis dizer com isso agora!  
E a pergunta a que vem!

O PASTOR, apontando-lhe Édipo:

Tendes o infante  
Que déstes-me a criar de vós deante.

PHORBAS

Cala essa bôcca, — estás desrazôando...  
Possa a morte tragar-te, miserando!

ÉDIPPO, a Phorbás:

Não o maltrates <sup>(18)</sup> por não ter mentido, —  
Mercecs, mais do que elle, ser punido.

(18) Vid a nota 7 do II acto, pag. 774.

PHORBAS

E qual o meu delicto, Magestade ?

ŒDIPO

Não falas a linguagem da verdade.

PHORBAS

Não prestels fé, Senhor; vós estaes vendo :  
Elle não sabe o quanto está dizendo.

ŒDIPO

Por bem ou mal, has de falar, — eu disse.

PHORBAS

Não ultrajeis, ó Rei, minha velhice.

ŒDIPO

Mettam-no a ferros, já.

PHORBAS

Funda desgraça !  
Que de mim ordenaes ? Oh, graça ! graça !

ŒDIPO

Com elle essa criança que levaste,  
Aos primeiros vagidos, não deixaste ?

PHORBAS

Deixei, — eu o confesso. Nesse dia,  
Por que não me ceifaste, ó morte impia, ! !

ŒDIPO

O teu voto verás realiado  
Si não deres resposta, interrogado.

PHORBAS

E mais cêdo talvez se executasse.  
Si, abrindo o peito, eu franco m'externasse.

ŒDIPO, *ironico* :

O velho de estrutura inda robusta  
Procura divertir-se á minha custa.

PHORBAS

Mas, por mim não vos foi já declarado  
A quem esse menino hei entregado ?

ŒDIPO

Em que parte ? Era teu ? D'outrem houveste ?

PHORBAS

De alguém o recebi, — ha quem conteste ?

ŒDIPO

Quem foi que o entregou ? e d'onde vinha ?

PHORBAS

Oh, não me pergunteis que origem tinha !...

ŒDIPO

Fala, ou serás, pela mudez, punido.

PHORBAS

No palacio de Laio foi nascido.

ŒDIPO

Do rei ou de um escravo ?

PHORBAS

Morrerei, si vos der disso sciencia.  
O' contingencia !

ŒDIPO

E eu, si te escutar... <sup>(19)</sup> Que se dizia ?

PHORBAS

Que era filho de Laio, ó Rei, corria...  
Perguntae á Rainha. Ouso afirmar-vos  
Que ninguem melhor pôde assegurar-vos.

ŒDIPO

Ella foi quem t'o deu ?

PHORBAS

Sim, certamente.

ŒDIPO

P'ra que t'o entregou essa inclemente ?

PHORBAS, *accentuando incisivo* :

Para mata-lo.

ŒDIPO

Horror ! Oh ! deshumana ! <sup>(20)</sup>  
E era seu filho !...

PHORBAS

Allucinada, insana,  
A ternura de mãe viu suffocada  
A' predição d'oraculos, sagrada...

ŒDIPO

Que de horrendo augurava o seu destino  
Justificando a morte do menino ?

PHORBAS

Disse que de futuro mataria  
A quem da propria vida a luz devia.

<sup>(19)</sup> Isto é: si exactas são as tuas referencias.

<sup>(20)</sup> No texto grego Œdipo limita-se a responder: *Deshumana!* *E eu era seu filho!* E este é o verdadeiro sentido das palavras τερνότητος τῆς μητρός. Vauvilliers, porém, substituiu-as pelas seguintes: *Minha mãe? Intelia!* A traducção em prosa de Brumoy, que segul, offerece a vantagem de reunir o merito da exactidão ao pathetico na expressão. Amparado em tão valioso precedente, julguei-me pretenciosamente no direito de acrescentar, para fortalecer o final do acto, o verso sôb a rubrica <sup>(21)</sup>, que aliás está de perfeito accôrdo com a letra do texto é nota immediatamente acima.

## ŒDIPO

Por que, pois, entre as mãos o depuzeste  
Deste velho pastôr inculco, agreste?

## PHORBAS

A compaixão, Senhor. Crêr eu devia  
Que p'ra longe dali o levaria?!...  
Porém seu coração tão bem formado  
Salvou-o p'ra tornal-o desgraçado.  
Si sois essa criança, — ó negro exemplo! —  
Mais infeliz, que vós, ninguém contemplo.

## ŒDIPO

Pois bem! O' minha sorte, — ó sorte horrenda!  
Eis que a verdade núa se desvenda!...  
Das entranhas surdi de uma panthéra! (2)  
Espôso sou de quem jámais devêra!  
Matei meu pae, — eu fui seu assassino!  
Cumpriu-se a lei fátal do meu destino!  
O' sol, indigno sou dos raios teus!  
E não mais te vêrei, ... O' sol, adeus!

(2) Vide a nota 20 do IV acto, 4 pag. 798.

*Fim do 4.º acto*



ŒDIPO, Mounet-Sully.



TIRÉSIAS, Paulo Mounet

RRI-ŒDIPO, NA COMÉDIE FRANÇAISE



O SUMMO SACERDOTE DE ZEUS (CORYPHÉE), Villain

## QUINTO ACTO

## SCENA PRIMEIRA

O SUMMO SACERDOTE DE ZEUS, o PORTA-ESCUDO

e os PRIMICÉRIOS do Povo

## O ESCUDEIRO

O' vós, que ácima de qualquer suspeita  
Estando, o povo unanime respeita,  
Que horrivel descripção, nobres Thebanos,  
Ideis agora ouvir! Que atrozes damnos!  
Si, inda hoje, de La'daco (1) a dynastia,  
Vos move a piedade e a sympathia,  
Oh, quanta compaixão, que a dôr augmenta,  
Vereis se desdobrar em ancia lenta!...

(1) Labdaco.

Eu não creio que em turgido connúbio  
Possam ágoas do Phasis e Danubio (2)  
Lavar a podridão, a nódoa impura  
D'essa régia familia em desventura.  
Tamanha abjecção, fria, secreta,  
Vae ser esclarecida á luz directa;  
E a desgraça, o supplicio, tudo quanto  
Provocar o pavôr, assombro, espanto,  
Patente ficará; e mais cruento,  
Mais sensível será esse tormento,

(2) Tanto os antigos como os modernos pagãos, e notadamente os indiatcos, acreditavam, nem só que as ágoas do mar, mas ainda as dos grandes rios, tinham a virtude de remir os peccados. O Danubio é o maior rio da Europa; o Phasis, ou Phasia, um rio da Colchida, que nasce, ou nasce, na Armenia, indo desembocar no Ponto-Euxino.

Ao saberdes que Edipo, o temerario,  
Castigou-se a si proprio voluntario.

**SUMMO SACERDOTE**

Dizei, que mais accrescentar podemos  
As desgraças que todos conhecemos?

**ESCUDEIRO**

Jocasta já não vive.

**SUMMO SACERDOTE**

Mãos impías  
O fio lhe cortaram de seus dias?

**ESCUDEIRO**

Ella propria matou-se. Por medonha  
Que a mente essa catastrophe supponha,  
Ainda que a funesta violencia  
Dispense, por si só, ontra eloquencia,  
Sofreando o pungir do transe amargo  
De vól-o descrever em tomo o encargo.  
Desgranhada, em payôr, essa príncêza,  
Dos males se entregando á correntêza,  
O Palacio transpõe, e, a cêgo intento,  
Busca, a rugir, seu intimo aposento.  
Ao leito conjugal após chegando,  
Fulva, os cabellos hintos arrancando,  
Sem um ai, sem um grito ou uma queixa,  
As portas bate, e sobre si as fecha.  
Depois, em frenesi desesperado,  
Brada por Laio, o espôso assassinado,  
E accusa-o, n'essa colera incendiada,  
Por d'elle conceber um homicida!  
Inda mais, no furor do suicidio,  
Um filho que causou o atroz excidio!  
Ao segundo hymeneu tantos horrôres  
Ella attribue em rancos estertôres!  
E as lagrimas dos cilios lhe cahindo  
Para sempre a razão lhe vae fugindo...  
De afflicto prante inanda o leito odiôso  
Em que gerára o espôso, com o espôso,  
E seus filhos tambem, e o proprio filho.  
Lumes do Averno, de sinistro brilho,  
Atravessam-lhe o cerebro exultado,  
E inerte ella tombou. Horrorisado,  
Não sei como isso foi. N'aquelle instante  
Longo, penôso, frio e lancinante,  
Irrompe Edipo fóra dos sentidos,  
Os echos despertando com gemidos...  
Em presenca do estado em que elle vinha,  
Nem sequer cogitámos da Rainha...  
Toda nossa attenção cravada estava  
Na figura de Edipo, que assombrava!  
Elle esbraveja em furia irriquieta!  
VeloZ caminha em confusão completa!  
Pára convulso, do logar se afasta,  
De adaga em punho (\*) a repetir: «Jocasta,  
Aonde? aonde está a desditosa  
A quem dei, sem o ser, nome de espôsa!  
Onde encontral-a, em que escusos trilhos?  
Ella é mãe de mim mesmo e de meus filhos!»  
E pára aqui... além... vário medita...  
Mas, de balde a procura e solicita!...

(\*) Os grãos não andavam armados na cidade; por isso no texto  
se lê: arma á procura, d'alma em busca.

Ninguém o quiz ouvir, nem attendê-lo,  
Ninguem, onde ella estava, ousou dizê-lo...  
Porém, impia e nefasta divindade,  
N'um impulso fatal de crueldade,  
Envolvida em sendal de espessa trêva,  
Ao quarto de Jocasta, Edipo leva.  
Na dôr suprema, no angustioso attrito,  
Bebenta-lhe do peito estranho grito  
De exaltação immensa, prolongado!  
Sobre as portas avança hallucinado,  
E qual por um tuílo arrebatadas  
São ellas por seu punho espedaçadas.  
Entra. A um varal do leito se suspende,  
Pelo barão, um corpo, que alli pendê...  
Era o formôso corpo da Rainha,  
Que ha pouco os dias seus findado tinha...  
O desvaicado Edipo a triste vendo,  
Qual jubado leão rugê tremendo,  
E desatando o nó, que em ancia afasta,  
Debruça-se ao cadaver de Jocasta.  
Então é que se deu o hórsido facto,  
Na verdade e na fé do que relato...  
Narro qual se passou. Feroz, bramando,  
Accêso em raiva, e funebre utulando,  
Da morte arranca o grampo que prendia  
Seu rico manço de ouro e pedraria,  
E, com elle, na furia em que se abraza,  
Uivando brutaemente os olhos vaza.  
«Oh, não!» bradava elle, «os esplendôres  
Do sol não mais verei, nem os rigôres  
Dos males que padêco, nem men crime:  
Mergulhado na trêva que me opprime,  
Me pouparei da angustia de ainda vêr  
A quantos vêr deseje sem poder,  
Até mesmo as bondosas creaturas  
Que me pôdem valer nas desventuras.»  
Emquanto assim prorompe em seu lamento  
Os olhos fura, e um borbulhar sangrento  
Lhe escorre á face, e negro, a cada instante,  
Ao pranto se mistura em seu semblante.  
Tal é do Rei, e tal é da Rainha,  
O fim que lhes talhou sorte mesquinha:  
Ambos culpados, na desgraça unidos,  
Pela mesma desgraça confundidos!...  
Té hoje bem fadados, venturosos,  
Enlexados em sonhos deleitosos,  
E desde agora, da perenne festa,  
A morte, o desespero, a infamia resta.

**SUMMO SACERDOTE**

Do rei Edipo, qual o estado d'alma?  
Persiste em seu desvairo, e não se acalma?

**ESCUDEIRO**

N'um alarido, sem que á dôr succumba,  
Edipo brada, e seu bradar retumba,  
Que se escancare o Paço em que elle habita,  
E ao pôvo expôsto fique, solicita,  
O parricida, o filho abominado,  
Que o leito maternal ha conspurcado.  
Permitti que outras phrases não profira  
Das que lhe ouvi dictadas pela ira;  
E conclúe decidido a desterrar-se  
Para sempre de Thebas; afastar-se  
De seus lazes Reaes, onde não logra  
A paz; e, irado, do que faz se expobra.  
E calo os mais oppróbrios traucentos  
Que a si mesmo irrogou tão violentos!





*Revista Theatral*  
Rio de Janeiro — 1885

BENTO BARBOSA, des.

**DIAS BEAGA**

1.º galan dramático dos theatros brasileiros

Nasceu no Funchal, capital da ilha da Madeira, a 31 de dezembro de 1848.

Do infeliz, que será! Em seu tormento  
 Elle o nago attingio do soffrimento!  
 Preso reclama então seguro Guia...  
 Rangem as portas: Eis que, em tropelia,  
 Assuma Oedipo. Seu atroz castigo  
 Commovêra o mais barbaro inimigo!

### SCENA SEGUNDA

Os precedentes: e OEDIPÓ que, precipitando-se em somno,  
 s'atorce na esgueiradeira.

SUMMO SACERDOTE, visivelmente compungido:

#### SUMMO SACERDOTE

Calamidade impia, atra, imprevista!  
 Que quadro horrendo me consterna a vista?!  
 Ai, Principe infeliz, que fado austero  
 Assim vos transformou no desespero!  
 Que divindade má, injustigosa,  
 Vos conduz por estrada dolorosa?!...  
 O' desgraçado Rei! Não, eu não posso  
 Nem mesmo olhar para o semblante vosso!...  
 Máo grado o meu desejo de fitar-vos  
 Um instante sequer, e de falar-vos,  
 Si vos destaco em tetrica figura  
 Tremo de espanto e peço de amargura!

OEDIPÓ, assonbrado, a manear no vácuo:

Ai de mim! Onde estou! aonde me leva  
 Dextra de ferro a me empolgar na tréva!  
 Onde irei, ao pungir de tantas dôres,  
 Exhalar os meus ais desoladores?!...  
 O' sorte! que fallazes risos tens!...  
 Onde, fortuna, escondes os teus bens!

#### SUMMO SACERDOTE

Debalde a sollicitas humilhado:  
 Em pungente soffrer se ha transformado.

#### OEDIPÓ

Escura noite que não tem aurora,  
 Em que tateio cego, em que nest' hora  
 Baseo exprimir o muito que padêço,  
 Tu és a expiação que a fim me dêço!  
 Entretanto, essas pontas afiadas  
 Com que vazei meus olhos, comparadas,  
 Menos doridas fôram que o tormento  
 Do remorso a queimar-me a fogo lento!

#### SUMMO SACERDOTE

Pela dupla desgraça acabrunhado  
 E' o vosso carpir justificado.

#### OEDIPÓ

Depois de tanto hómôr, achar consigo  
 Em vossos ternos corações abrigo!...  
 Oh, não abandoneis quem, por seu crime,  
 Dos olhos apagou a luz sublime!  
 Profunda convicção n'atro commigo  
 Que, em cada qual de vós, conto um amigo.  
 Bem vos distingo a voz, e vos conheço,  
 Embora envólto n'um negrôr espesso.

#### SUMMO SACERDOTE

Contra vós, que rigôres exercestes!  
 Deformar-vos assim, como pudéstes!  
 Que Genio de tal modo revoltado  
 Vos inspirou tão barbaro attentado?!...

#### OEDIPÓ

Apollo foi a causa unicamente  
 Dos males que me ferem fatalmente!  
 Entretanto, confesso a puridade,  
 Esta mão exprime minha vontade...  
 Encasar porventura eu poderia  
 A larga e clara e fonte luz do dia,  
 Quando, batido de raios vivos,  
 So deparára quadros afflictivos!...

#### SUMMO SACERDOTE

O que dizeis, Senhor, é certo, é certo.

#### OEDIPÓ

Do mundo que me é safaro deserto  
 Que me resta mais vêr qu'eu possa iuda  
 Amar, na minha desventura infinda!  
 O' meus amigos, que torpôr agora  
 Vos impede lançar da patria fóra  
 O monstro, o parricida, o desgraçado  
 Dos deuses e dos homens detestado!

#### SUMMO SACERDOTE

Essa resignação, que se aviventa  
 Aparada na dôr, ainda augmenta  
 A nossa compaixão. Fraco e abatido,  
 Quem vos houvera assim reconhecido?!

#### OEDIPÓ

Pereça aquelle por quem fui levado  
 Ao monte, e dos meus pés ha desatado  
 Funesta corda que os laçava a meio!  
 Da morte resgatar-me ao fundo seio;  
 Mas, ó trêda piedade! Antes, por isso,  
 Succumbir deve em premio a tal serviço,  
 Pois, s'en morresse alli, quanta agonia  
 A mim, e aos meus, a todos, pouparia!

#### SUMMO SACERDOTE

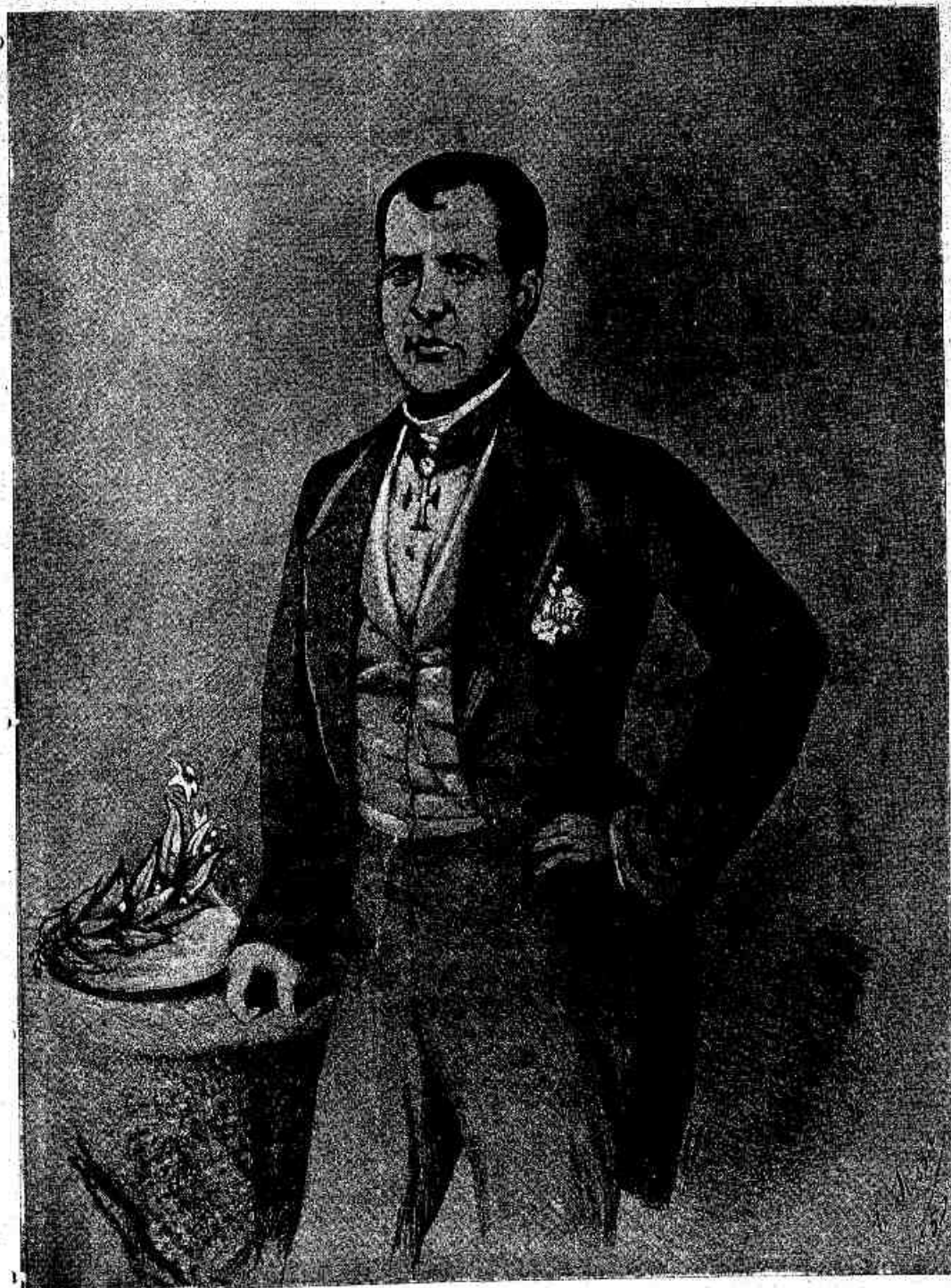
De vossa alma os constantes terremotos  
 Me fazem compartilhar os mesmos votos.

#### OEDIPÓ

Morrendo alli, não fôra este perverso  
 Flagellado das pragas do Universo!  
 Um réo convicto, um tope scelerado,  
 Eis, em summo, o que sou! De enxovalhado  
 Tronco nasci, e dar-me quiz a sorte  
 Filhos de minha mãe, minha consorte.  
 Si mais desgraças n'este mundo houvera,  
 Uma por uma sobre mim chovêra!

#### SUMMO SACERDOTE

Maior que fôsse o travo da amargura  
 Não desculpara tão cruel tortura  
 Que a vós mesmo indignistes desvairado!  
 Ni quem, de dôr, igual exemplo ha dado.



Comendador JOÃO CAETANO DOS SANTOS

Tragico brasileiro

\* a 27 de Janeiro de 1808, † a 24 de agosto de 1868

## CEDIPO

N'esta caligem, que minh'alma enluta,  
 Nem permitto que o caso se discuta....  
 Si de visão perfeita no Orco entrasse  
 Como fitara de meu pae a face!  
 E d'essa mãe-espôsa, os olhos seus  
 Como se encontrariam com os meus?  
 Grandes crimes expio, — o hórro'r contrasta! —  
 Não foi tão dura a sina de Jocasta?!  
 Grato seria vér aos meus carinhos  
 Pouco a pouco crescerem meus filhinhos,  
 E o meu prazer a lhes sorrir no rosto...  
 Mas, á tréva eu me impuz, — meu sol é pôsto!  
 Depois que taes imprecações e juras  
 Os meus labios crispavam de amarguras,  
 P'ra mim nem filhos e nem patria existe  
 Que eu fitar possa mutilado e triste.  
 Thebas mesmo, seus muros alterosos;  
 O Paço em que nasci; os sumptuosos,  
 Soberbos templos, fúlgidos saerarios,  
 Effigies e divinos relicarios.  
 Tudo isso, de Cédipo, o vil precito,  
 Hade ficar aos olhos interdito!  
 Desde que, por decreto promulgado,  
 De destérro puni o rebellado  
 Contra os deuses, indigno descendente  
 De stirpe tão preclara e excellente,  
 Nada mais vér me é hoje permittido!  
 Culpado, por mim mesmo fui punido.  
 Meu oppróbrio é patente, e, agora, cego,  
 A' saudade, ao remorso e á dôr m'entrego.  
 Pudesse eu, da vista ora inhibido,  
 O sentido abolir tambem do ouvido:  
 Só assim, da surdez entre os pavôres,  
 Evitaria novos dissabôres...  
 Dos grandes males os lethaes venenos  
 A tréva pôde attenuar, ao menos!  
 O monte Citheron, por que os vagidos  
 Primeiros me acolhêste, entristecidos?!  
 Quanto melhor seria que, em menino,  
 A morte me roubasse ao meu destino!  
 O' Polybo, ó Corintho (\*) bem amada,  
 O' bérço d'ouro da real morada,  
 Que monstro, quantos males rennistes  
 No falso régio infante a quem nutristes!  
 Do passado esplendôr, enfim, que resta?  
 Um dragão, que o Universo hoje detesta!  
 Oriundo sou de raça condemnada,  
 Qual outra não se vio tão odiada!  
 O' atalho maldito! O' feia estrada  
 De Daníia! espêssa selva emmaranhada  
 Que o sangue recolhêstes ás golphadas,  
 De que inda tenho minhas mãos manchadas!  
 Com indeleveis traços esta historia  
 Resguardastes de lugubre memoria,  
 E a criminosa serie de attentados,  
 Por mim, buscando Thebas, perpetrados!...  
 O' infausto consórcio! O' hymenêu!  
 Depois de dar-me a vida, o sangue meu  
 Volver fizestes ao ventre profanado,  
 No proprio organ em que fui gerado;  
 E d'esse mixto após reproduziste  
 Nefasta próle de uma lenda triste!  
 Pae irmão de seus filhos, e, inda mais,  
 Irmãos tambem provados de seus paes!  
 Avolumando incestos proseguidos

Espôsas que são mães de seus maridos!  
 E tudo quanto de bestial e infame  
 Pôde dos homens abranger o exame!  
 Não se cogite ao menos em dizer-se,  
 Tomados de vergonha, que fazer-se!...  
 Invoco os denses meus, amigos certos,  
 Escondei-me p'ra sempre nos desertos!  
 Ou sepultae-me nos mais fundos mares  
 P'ra não mais insultar vossos olhares...  
 Chegae-vos, pois, — a mão, por piedade,  
 Estendei da Desgraça á Magestade...  
 Que temeis! A infecção dos meus tormentos  
 Não vos attingirá nem por momentos,  
 Pois só eu, n'este tetrico fadario,  
 Sou capaz de soffrêl-os, solitario!

## SUMMO SACERDOTE

Eis Creonte. Opportuno se avisinha  
 E para nós os passos encaminha.  
 Dirigindo o timão da mão do Estado,  
 Pôde attender-vos no que haveis rogado.

## CEDIPO

Creonte, me dizeis? Ai de mim, triste!  
 Imaginar eu posso que me assiste,  
 Ao que vos implorei, qualquer direito,  
 Quando fui tão injusto a seu respeito!...

## SCENA TERCEIRA

Os precedentes e CREONTE

CREONTE, a Cédipo:

Aos revêzes constantes, que lamento,  
 Juntar não devo insultos no momento:  
 Si vos cuspiisse phrases affrontosas,  
 Mais, que a vós, me seriam odiosas.

(Aos Prinicérios do povo:)

Si, da humana justiça duvidando,  
 Votae ao abandono o miserando  
 Por este claro Sol, que doira o dia,  
 Thebanos, respeitae tanta agonia  
 Que explôde nos mais tetricos hórrores.  
 Corae de expôr a públicos rumôres  
 A victima que foi, incosciente,  
 De sua propria culpa o penitente, —  
 Este rei infeliz que o sólo amado  
 Conter não pôde, e nem será lavado  
 De ágôas limpidas, puras e lustraes,  
 Nem do dia o raiar verá jámais.  
 No que se prende a Cédipo é já bastante...  
 Que a Palacio o conduzam neste instante.  
 Justo é que os que lhe são aparentados,  
 Pelos laços de sangue vinculados,  
 Unicos sejam testemunhas vivas  
 Dos transe e das luctas afflictivas,  
 De uma familia que haure em plena taça,  
 E gôtta a gôtta, o travo da desgraça.

## CEDIPO

A' vista do que escuto, e se me off'rece,  
 A minha gratidão se robustece.  
 Mais um favôr, ó generoso Creonte!  
 Permitti que, entre tantos, ora eu conte.  
 Igual ao meu, ao interesse vosso  
 Concerne, e d'elle prescindir não posso.

(\*) Vide a nota 19, pag. 788.

CREONTE

Sim, Édipo: de mim, que pretendeis?

ÉDIPO

Que, de Thebas, banido, me afasteis;  
E que eu seja atirado em plaga o'scura,  
Estranho ao trato d'outra creatura.

CREONTE

Estou pelos oráculos constrangido  
A ser veraz. Por mim, enternecido,  
Seriis quanto antes satisfeito;  
Mas o dever e o natural respeito  
Forçam-me a consultar as santas áras  
P'ra dos Numes ouvir phrases mais claras.

ÉDIPO

Tudo explicado está nitidamente, —  
Assaz de Apollo o verbo foi patente:  
Eu vejo em mim um abórto abominado,  
Que deve ser de prompto exterminado.

CREONTE, interrompendo-o:

Com a verdade falae, Senhor, porém  
A' vossa e á minha situação convém  
Que eu interpêlo os deuses.

ÉDIPO

Desta vez  
Propicios crêdes vós que os achareis?

CREONTE

Vosso infortunio é em tanta demasia  
Que a duvidar ninguem se atreveria.

ÉDIPO

Senhor, a graça que, no extremo ensêjo,  
De vossa complacencia aguardo e almêjo,  
E' render á Príncipeza infortunada  
Que ora em Palacio jaz inanimada,  
Os meus preitos de dôr, minha homenagem,  
Finaes deveres á feral viagem.  
Não hesiteis, — ai, não! — ella, a finada,  
E' vossa irmã, por vós idolatrada.  
Hoje, que a sorve o abysmo da desgraça,  
Tem juz a que justiça se lhe faça.  
A mim, que tanto oppróbrio, e vilanias,  
Não consentem aqui findar meus dias,  
Deixae que na montanha eu viva errando,  
A minha véra patria procurando,  
O monte Cithérón, onde, após nado,  
Sepulchro por meus paes me fôra dado.  
Consenti-me cumprir, de animo forte,  
Sua fria vontade e a minha sorte:  
Que eu succumba no pincaro elevado,  
Onde por minha mãe fui enjeitado.  
D'ora ávante, é fatal, nem a doença,  
Nem desastre qualquer, minha sentença  
Póde modificar (\*). Sei bellamente

Que, si á morte escapei, foi tão sómente  
Por me haver o destino reservado  
Pena maior, supplicio mais pesado.  
Pois bem: a minha sina não renego,  
A ella, resignado, alfin me entrego...  
Mas, que sou pae, Senhor, não desconheço...  
P'ra meus filhos varões nada vos peço:  
Sua idade, seu brio e valimento,  
Mui alto falarão, dado o momento.  
Minhas filhas, porém, com que saudade  
As deixo, justamente n'uma idade  
Que o carinho paterno exigem ainda!  
Por mim criadas na meiguice infinda,  
Vendo-as florir radiantes de purêza,  
A meu lado comendo em farta mêsca (\*),  
Privadas de seu pae, que as ama e adora,  
De ambas o que será, não sei agora!  
Magnanimo Creonte, no entretanto  
Si me cabe a ousadia, ao vosso manto  
Permitti que as abrigue; e, nisto crendo,  
A' vossa protecção as recomende.  
Oh, que me seja ao menos facultado, —  
Já que de as vêr, — ai, triste! — estou privado, —  
Sentir-lhes o calor, e, na partida,  
O abraço lhes dar da despedida;  
E de chorar com ellas, tão afflictas,  
O funesto legado das desditas.  
Raça de meus avós, ó digna próle,  
Dae que, com isso, ao menos, me consóle.  
Satisfeito por tê-las em meus braços  
Eu julgarei revêr seus lindos traços....  
Que estranho som, a modo de um gemido,  
Vem agora vibrar-me o attento ouvido?  
Serão sentidas queixas, assustadas,  
Por minhas duas filhas exhaladas?!...  
Creonte, compassivo, apiedado,  
Meu pedido terieis realiado?

## SCENA QUARTA

Os mesmos e as filhas de ÉDIPO

CREONTE

Sim, Édipo, fui eu que pressurôso  
Me antecipei a dar-vos esse gôzo.

ÉDIPO

Que um reinado vos caiba á graça immensa, —  
Mais feliz do que o meu, em recompensa.  
Onde estae, minhas filhas muito amadas?  
Chegae-vos para mim, e abraçadas  
A vosso... irmão, beijae, sem repugnancia,  
Mãos que armas fôram de implacavel ancia,  
E que vos mostro agora n'este estado,  
Inda tintas do sangue derramado!  
Olhae-me, olhae p'ra quem, na inconsciencia,  
Vos houve de quem houve sua existencia.  
Eu vos lastimo, eu choro, o pranto em fios  
Eis o que resta aos olhos meus, vazios;  
E esse prantear sem esperanza  
E' tudo o que vos deixo por herança.  
Expiando de um pae culpas enormes  
Vos saugrarão os pés cardos informes!

(\* Litteralmente: «Elas não comeram nunca á outra mêsca, que não fosse a minha; e eu não tocava em prato algum, sem que com ellas primeiro repartisse.»

(\*) Vide «Édipo em Colonna».

Ousareis exhibir, nas lédas festas,  
Esty' malditas assim as frentes mestas!  
Oh! quantas vezes, quantas descontentes,  
Sem fruir dos folguados innocentes,  
A' casa tornareis, olhos em pranto,  
No seio a dór, nos róstos o quebranto!  
Quando o tempo vier da puerícia,  
Que paes consentirão, tendo noticia  
De tanta infamia, na promiscuidade?  
Clos meus filhos, dos seus, em terra estrada?!...  
Que resta mais á desventura, ao fado,  
Que vos tem, desde o bérço, torturado?  
Sendo de um parricida ambas geradas,  
Que espósa a propria mãe, originadas  
Na mesma entranha de que fui nascido,  
Ao tropel desse horrór indefinido,  
Com que ultraje, dizei, com que desgosto  
O rubór não vereis subir ao rósto?!...  
Quem ousará mais tarde despózar-vos?  
Não, minhas filhas, cumpre resignar-vos:  
Querem da soute as forças conjuradas  
Que definheis, não sendo requestadas.  
Filho de Menecau, paterno abrigo  
Dellas sereis, seu verdadeiro amigo,  
Pois tanto os meus delictos recreceram,  
Que, de um só golpe, mãe e mãe perderam!  
O vosso sangue as veias lhes alenta...  
Não as deixeis em meio da tormenta,  
Vogar a ésmo, em dias nebulosos,  
Sem socógo, e sem bens, futuro e espóso.  
Não consistaes que os odios e as vinganças  
Atinjam estas miseras creanças.  
Derramae sobre as polhres innocentes  
Olhares piedosos e Clementes;  
Da protecção de todos desquadtadas,  
Se vejam só por vós ora amparadas.  
Dá-me a apertar a mão: quero esta prova  
De que os desejos meus vossa alma approva.  
E vós, meigas crianças, si, ao deixar-vos,  
Pudessais do que digo aproveitar-vos,  
Salutares conselhos vos daria;  
Mas, em memoria deste amargo dia,  
Rogae aos deuses enviar-me a morte,  
Que eu pedirei p'ra vós propria sorte.

CREONTE

Vossas dóres, Senhor, não agraveis...  
A Palacio, é mistér vos retireis.

EDIPPO

A Palacio, convenio... Isto dispósto,  
Obedeço (!); porém, a contragosto.

CREONTE

Assaz vossa desgraça haveis chorado...  
Tudo seu tempo tem determinado.

EDIPPO

Sabeis que mais me afflige?

CREONTE

No momento?

EDIPPO

Desta terra sahir de soffrimento.

(!) No texto grégo, Edippo apenas responde: «Obedeço, sim; porém, bem, contra a minha vontade.»

CREONTE

Decidir tão sómente aos deuses toca.

EDIPPO

A minha execração os não provoca?

CREONTE

Pois bem: de mim contae que alcangareis  
Que um só instante em Thebas não fiquéis.

EDIPPO

E vós me asseguraes esses intentos?

CREONTE

O meu falar traduz meus pensamentos.

EDIPPO

Basta. Um guia ao partir vós me dareis.

CREONTE

Segui. Mas... vossas filhas deixareis.

EDIPPO

Jámais! Não posso dellas separar-me...  
Nem de tudo, por Zeus, queiraes privar-me.

CREONTE

Não porfiais na idéa do leval-as...  
Do desespero é força preserval-as.  
Desvaicado, qual sois, na teimosia,  
Dos crimes o grilhão se apertaria (!).

SUMMO SACERDOTE, indicando Edippo:

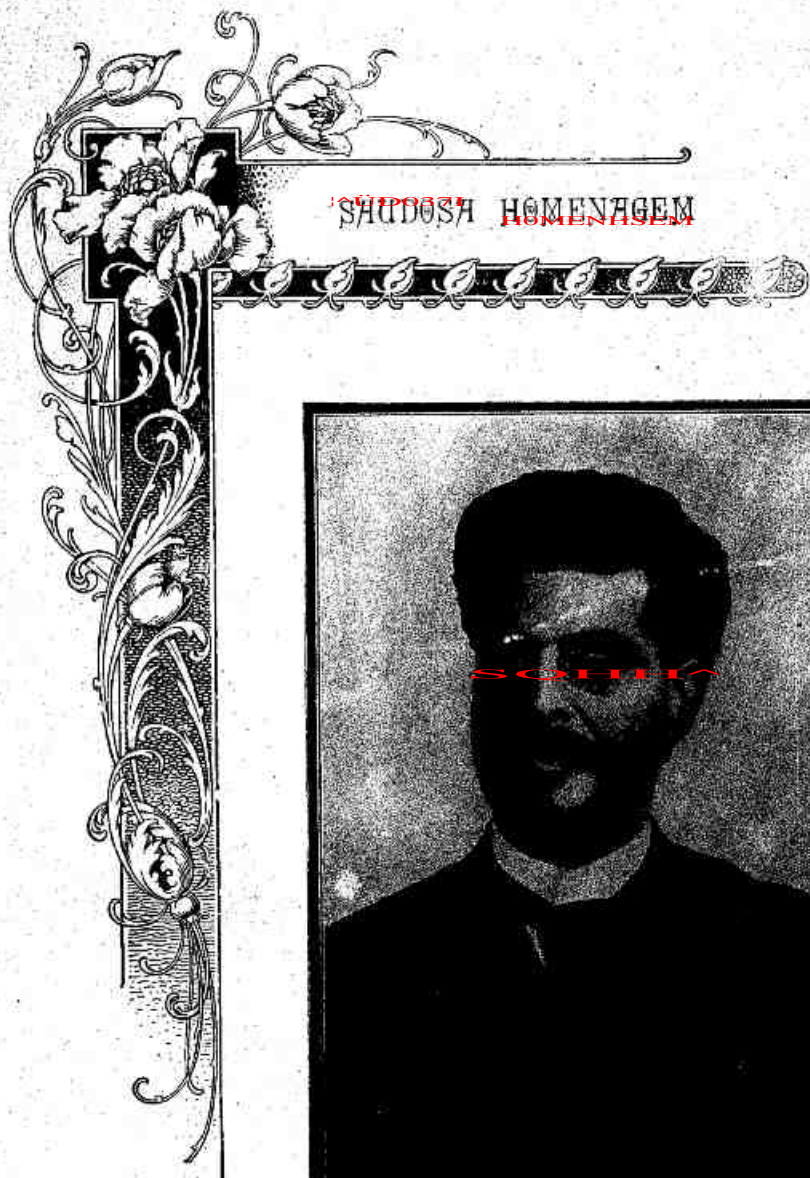
Vende este grande Rei, leaes Thebanos,  
Que perseguiu da Sphinge altos arcanos, — (!)

(!) Creonte recusa, e com muita razão, que, no estado de exaltação a que Edippo chegára, este não hesite, em outra crise de desespero, a juntar agora o assassinato das filhas á já longa serie de seus infortúnios, para não dizer — de seus crimes.

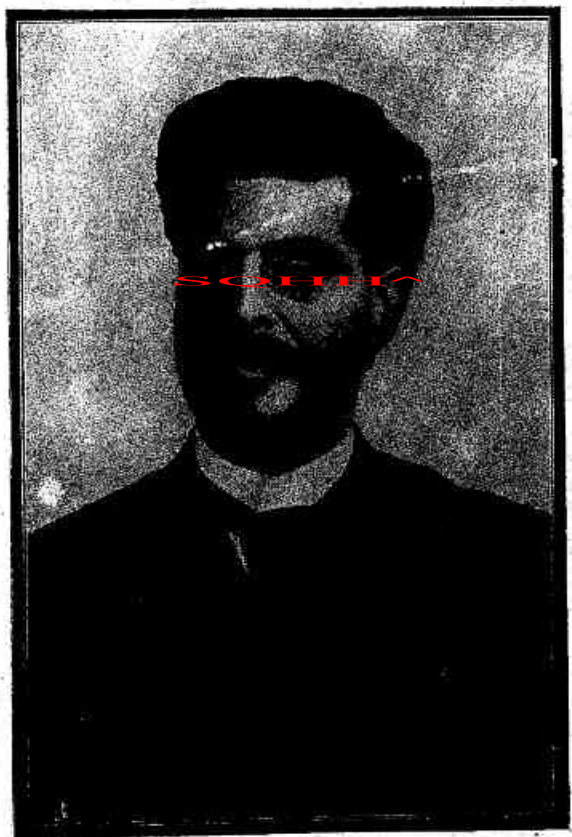
(2) A fábula da Sphinge é de sobra conhecida, e já a explicou em a nota 142 d'Aspasia. Aquelle monstro, *Aguia, Mithér* ou *Leão*, não impedia, vigilante ás portas de Thebas, proprias enigmas nos caminhantes, devorando aquelles que os não decifrassem. Autórea ha, entretanto, que não accetam essa versão, sustentando ter sido a Sphinge apenas um *symbolo*, um *mytho*, pois o que realmente succedeu foi a invasão de uma esquadra que, conquistando a Beocia, encheu de males e flagellos a provincia thebana, a conselho de uma dissoluta e perversa mulher, que Edippo matou. Pretendem outros, que a Sphinge era uma filha natural de Laio, que mandára anniquillar todos quantos thebanos contestavam, ou se oppunham, á execução do oraculo de Apollo, em Cadmea (3), sobre a hereditariedade legitima de seus filhos, impedindo, assim que os bastardos ascendessem ao throno; essa filha exigia que o oraculo fosse cumprido; Edippo, porém, fugindo sonhado, recebeu a propheta, narrou-a, e, tomando-a publica e notoria, mandára sacrificar a irmã natural. — (3) Cadmea, nome de cidade.

(4) Eis o enigma proposto pela Sphinge a Edippo: «Qual era animal que, pela manhã, anda de quatro pés; ao meio-dia, de dois pés; e, á noite, sobre tres pés?» Edippo respondeu-lhe promptamente: «O humano; pois, criança se arrasta do gatinhas; adulto, caminha sobre os duas pés; e, na velhice, além das duas pernas, s'estreia a uma — mula — para não cahir.» A Sphinge, vendo o enigma decifrado, precipitou-se do alto do rochedo, morrendo. E d'estante Edippo, aclamado, segundo a publica promessa de Creonte, rei de Thebas, espósou sua propria mãe.

(5) Cadmea, cidadã de Thebas, fundada por Cadmo; *Aqui*, nos thebanos, o nome de cadmeas.



SAUDOSA HOMENAGEM



D. JOÃO DA GAMAFA,

ESTIMADÍSSIMO G. MEDIÓGRAPHO,

e o vulto mais legítima e espontaneamente sympathisado, no Brazil,  
das hodiernas letras portuguezas.

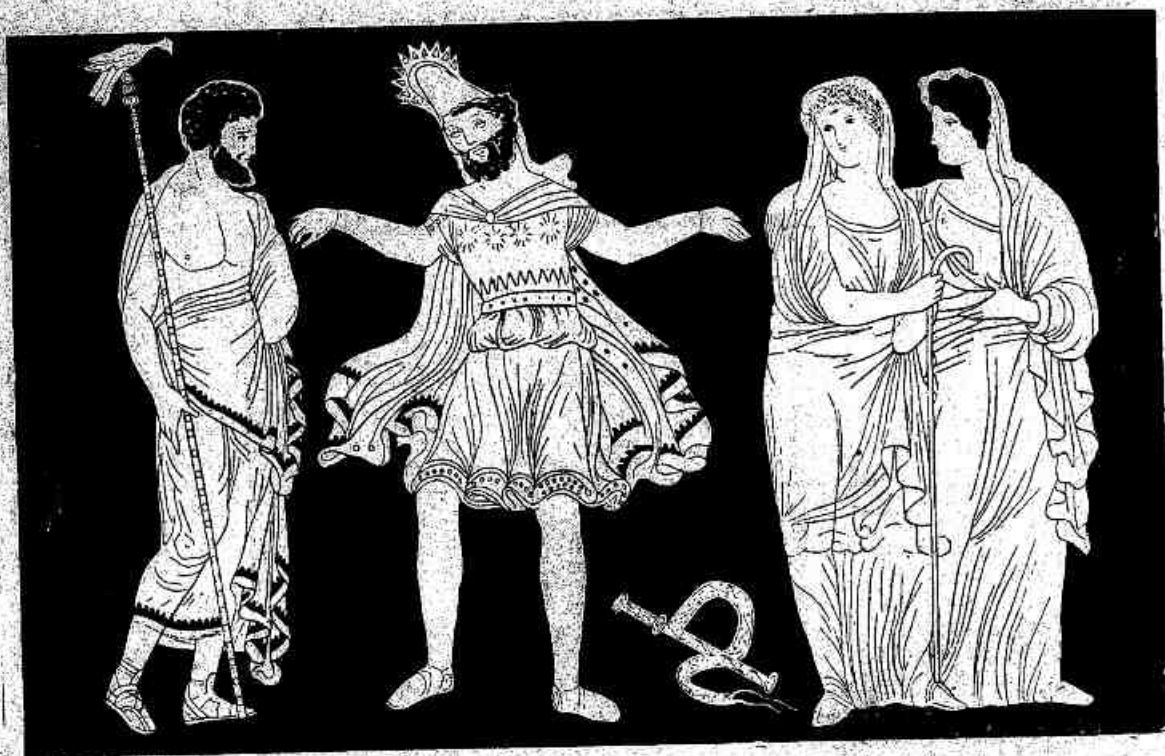
\* a 27 de dezembro de 1852, na Ribeira, em Santarém de Lisboa;

† em Lisboa, a 2 de janeiro de 1908.

Este Édipo, no qual se reunia  
Grande poder e igual sabedoria, —  
Cujo prestígio e famas e grandezas,  
Não devia ao favor, nem ás riquezas, —  
Hoje pelo destino repellido,

No barathro mais fundo consumido.  
Apredei, aprendei em lances laes,  
Como é vária a fortuna dos mortaes ;  
Nunca chameis feliz, quem, por inteiro,  
Não o foi té seu dia derradeiro.

Fim do quinto e ultimo acto



TIRESIAS

CEDIPO

JOVENS THEBANAS

REI-CEDIPO (Museu de Napoles)

As multiplas illustrações dos vasos grêgos são, ainda hoje, o que de melhor, quanto ao desenho, nos representa uma das faces mais nitidas do talento d'aquelle povo, em sua fantasia, em suas tendencias para o bizarro, e não raro tambem para o burlêsco.

Essas pinturas, bem que em suas primitivas manifestações d'arte, concorreram, entretanto, em outra esphera, reproduzindo scenas grotescas das concepções theatraes do tempo, para fazer melhor conhecer e applaudir as comedias de Aristophanes, d'entre as quaes distinguirei os *Passaros* e as *Nuvens*.

O desenho da illuminura que serve de lôco a esta minha traducção do Rei-Edipo é, sem contestação, contemporanea do Sophocles; mas, não se lhe attribúa a indiscrepancia historica com que geralmente a apreciam, pois o mytho do Edipo antecede muitissimo as classicas tragedias grêgas; effectivamente, ha um Edipo, assim como tambem ha uma *Esphinge*, em Zoroastro. Cumpre mesmo considerar que o nome *Oidipous* lembra o verbo *saber* (*eu sei odo*), e que, para justificar a segunda parte do vocabulo, addicionou-se-lhe a lenda de um enigma famoso n'aquella época: *Qual o animal que, pela manhã, tem quatro pés; dois, ao meio-dia; e tres, á noite? O homem.* Edipo adivinhando, revelou-se o excelso decifrador do enigma dos pés.

No emtanto, o desenho é coevo de Sophocles, por isso que

reproduz exactamente a scena da consulta do rei de Thebas ao ariolo (Do lat. *ARIOLOUS* ou *HARIOLOUS*, *ariolinho*; do grêgo *αἰολός*, *aiolos*, e *λαρό*, em latim *LATHO*, *esconder*) Tiresias.

O desenho é, como se vê, um tanto grotesco; e, sob o ponto de vista artistico, me parece até grôsseiro, rude. Os hellenos, que, com tanta maestria figuravam o seu pensamento por meio de linhas ou traços, si pretenderam dar esse desenho como reprodução de uma scena altamente tragica, provaram apenas escassez de recursos, incapacidade e deficiencia de meios, o que não é natural, porquanto as physionomias e a acção absolutamente não denunciam quaesquer intenções preconcebidas n'esse sentido.

Torna-se, por conseguinte, esta gravura, objecto de mera curiosidade, sem nenhum alance critico: Edipo, vestido á phrygia, dança em frente a Tiresias que, ao envez de cego e velho, é moço e enxerga perfeitamente, pois, além de dispensar o seu guia, acha entretenimento e graça vendo assim kankunar o austero Rei; cumprindo notar que, do grupo, apenas uma joven th-bana parece contrariada do que presenciamos.

E pois, esse desenho, como documento archeologico, bem que coetaneo de Sophocles, nenhum valor encerra, e remato com elle esta minha traducção da tragedia *Rei-Edipo*, do mesmo modo que o faria com uma vinhêta do tempo ou com qualquer outra bambochata congenere.



# VELHARIAS

## REPERTÓRIO PREDILECTO E ESCOLHIDO

DA

OPERA DOS VIVOS DO PADRE VENTURA, O PRECURSOR-MESTIÇO DO FAGOTISTA, DANSARINO E CABELLEIREIRO DA MODA MANOEL LUIZ (1), CELEBRE FUNDADOR DA CASA DA OPERA, FIDALGO E COLONIAL THEATRO DOS TRÊS ÚLTIMOS VICE-REIS DO BRAZIL.

## ENTREMEZ

DO CAGARÓLA

# BELTRAÕ (2)

### PESSOAS:

FERNÃO PIRES; BELTRAÕ, Creado de dite; Huma Parteira, Hum Mochilla (3), Hum Eremitão, Hum Fragateiro; Soldado Primeiro, Soldado Segundo

Sabe Fernão Pires, e Beltraõ.

FERNÃO

Amigo Beltraõ, já sabes,  
Que osanhos vão mui caçados,  
E o ganhar para comer  
Hum homem lhe custa caro.  
Por esta cauza embarquei

Na Frota o anno passado,  
Levando de cabedal  
Huns cinco, ou feis mil cruzados,  
Que empreguei em coirama,  
Açafrão, pimenta, e cravos;  
E quero, affim Deus me ajude,  
Tirar muito, ou pouco ganho.  
De ti me quero fiar,  
Obra como bom creado.

(1) Este Manoel Luiz, que acompanhára, na qualidade e profissão de cabeleireiro, o Vice-Rei Marquez do Lavradio, chegou a conquistar, por seus meritos e alcovitarias, a alta patente de Brigadeiro de Milicias; florescendo até o Governo do Conde de Rezende, muito depois do supplicio de Tiradentes, coube-lhe mais tarde a honrosa missão de ser o portador das chaves do theatro ao Príncipe Regente em sua chegada ao Brazil.

(2) Ainda em data colonial, foi representado, no Rio de Janeiro, este curioso entremez sob o titulo d'O cagarão Beltraõ. Posteriormente voltou elle ao nosso palco, mas, d'esta vez, attenuado com o chrisma d'O cagarola Beltraõ; muito mais tarde, entretanto, em 1880, o actor Manoel Soares, resolvendo exhibir-se no papel do protagonista, substituiu-lhe a chocarreira denominação, cognominando-o O Medrózo Beltraõ, completamente amenisado no titulo, porém mui pouco expurgado no texto.

No rarissimo exemplar, que possuo, da segunda edição, lê-se no alto da primeira pagina: Esta é a mesma farça d'O cagarão Beltraõ... Esperarem-se mais alguns dizeres, que não posso aqui reproduzir por se acharem indecifrávelmente rendilhados pelas traças.

Pelo que facilmente se deprehende das repetidas mudanças de titulo, e melhorias no texto, é que na burguezia scena da Colonia, e portanto tambem no seu repertório, a liberdade tocava ao extremo, não se hesitando mesmo em adoptar enredos de mão tabor e vocabulario de mão odór.

No mesmo caso se acha a festejada e popular magica *A burra que c... dinheiro* que, a exemplo do citado entremez, constituirá, em certo tempo, concorridissimo espectáculo, sendo-lhe muitos annos depois (1848, no Theatro de J. Januario), trocado o grosseiro e primitivo titulo pelo de *Azaim* ou a *Herança de um moleiro*.

E' esta mais uma prova de que, nos retrogrados palcos de nossos maiores, a chalaca, a semi-ceremonia, a rudêza do assumpto e da expressão, por naturaes, que eram, não continham a perversidade, os requintes, o veneno e o desbragamento sobremodo applaudidos em os nossos desculpaveis proscenios actuaes.

O texto e o contexto do engraçadissimo entremez, que ora traslado, *ipsis verbis*, para estas paginas, servirão de documento e mostra do gosto litterario e da cultura do tempo. — Dr. Pires de Almeida.

BELTRÃO

Pois que intentais, Fernão Pires,  
Que affim me trazeis armado?  
Só esta espada me péza  
Mais, que trezentos diabos.

FERNAO

Os homens, que laõ valentes,  
Por se naõ mostrarem fracos,  
Naõ dizem que as Armas pezaõ.

BELTRÃO

Affim dizia hum Soldado,  
Que naõ pezava o Mosquete,  
Por andar com a maõ no fraco.

FERNAO

Effa polvora naõ péza  
Coiza, que dê muito enfado.

BELTRÃO

Pois menos péza o do vinho,  
Que logo se vai gastando.

FERNAO

Pois sabes, Beltraõ Amigo,  
Para que te trago armado?

BELTRÃO

Vós o direis, Fernão Pires.

FERNAO

Tenho hum pouco de Tabaco  
Alí naquelle Navio,  
Quero esta noite tirá-lo:  
Tu me hus de guardar as costas,  
Nesta Ribeira esperando.

BELTRÃO

E se vierem Malfins?

FERNAO

Pois para que estás armado?

BELTRÃO

De Malfins naõ tenho eu medo:  
Quero-vos fallar mais claro.

FERNAO

Pois de que tens medo agora?

BELTRÃO

Bom he ser acautelado;  
Porque minha Mãe dizia,  
Quando se punha ao borrarho,  
Que de noite na Ribeira  
Faziaõ Audiencia os diabos.

FERNAO

Crê em Deos, que he Santo Velho.  
Naõ fabes este ditado?

BELTRÃO

Tambem dizem, que no Adro.  
Fazem de noite a fua os finados.

FERNAO

Naõ tenhas medo a nada,  
Que tudo isso he engano.

BELTRÃO

Podereis negar que ha bruxas?  
E que com maõs de finados  
Fazem tantas bruxarias,  
Quantas vejo a cada passo?

FERNAO

De bruxas naõ digo nada;  
Porque, por mal de peccados,  
Tantas ha, e houve sempre,  
Que se encontraõ a cada passo.

BELTRÃO

Pois supposto o que dizeis,  
Quem duvidará, meu Amo,  
Que estando taõ perto a forca,  
Naõ andem por ahí a bandos?!

FERNAO

Eu cuido que isso, Beltraõ,  
Mais do que medo, he ser fraco;  
Pois nenhum homem valente  
Teme bruxas, nem finados.

BELTRÃO

Pois se vós me fegurais,  
Como homem experimentado,  
Que aqui não ha nada disso,  
Eu ficarei esperando.

FERNAO

Guardado he o que Deus guarda.  
Naõ fabes este ditado?

BELTRÃO

Pois ide ao voffo negocio.

FERNAO

Espera, pois, que naõ tardo. *Vai-f.*

BELTRÃO

Pelo fim, e pelo naõ,  
Vou-me benzendo entre tanto,  
Pelo final da Santa Cruz:  
Se agora vinha o diabo,  
Com mais outra Cruz na testa  
Lhe fugia de dois faltos.

*Sahe o Fragateiro, com o seu cachimbaõ accêso:*

Ello, meu dito, meu feito:  
Diabo deve de fer,  
Que a boca vem fumegando.



**ELISA DE AGOSTINI BRAGA**

CANTORA BRASILEIRA. — 1.º soprano lírico.

Medalha de ouro, premio de canto, em 1906, no Instituto Nacional de Musica do Rio de Janeiro.  
Estreou no Theatro S. Pedro de Alcantara do Rio de Janeiro, no papel de Margarida, do *Fausto* de Gounod, em 1.º de Janeiro de 1907.

Nasceu no Rio de Janeiro a 9-1-1880.

FRAGATEIRO

Fernão Pires, não vem inda !  
Se feres este cumbucado !  
Sem duvida, deve fer.  
Elle, se me não engano.

BELTRÃO

Pelo final da Santa Cruz :  
Eu te efconjuuro, diabo !

FRAGATEIRO

He Beltraõ : Por vida minha, á p.  
Que deve de estar borracho.  
Beltraõ, que he de Fernão Pires,  
Que está a Fragata em nado.

BELTRÃO

Voffê he, fou Fragateiro !

FRAGATEIRO

Qué, Amigo, já a ferrámos !

BELTRÃO

Quería-lhe fazer medo,  
Cuidando que era meu Amo.

FRAGATEIRO

Pois que he delle !

BELTRÃO

Lá vai.  
Par delhas, que bem disfarço. á p.

FRAGATEIRO

Pois espera, que não tardamos. *Vai-se.*

BELTRÃO

Pois não venha cachimbando.  
Ora o medo he mihi cobarde !  
Bem me dizia meu Amo,  
Que tudo erão mentiras :  
Aqui não andaõ diabos.

*Tocaõ huma campanhia, e affusta-se.*

BELTRÃO

Jezus ! Que he isto agora,  
Que cá vem repinicando !

*Canta o Ermitão.*

ERMITÃO

Alembremo-nos das Almas,  
Que estáõ as culpas purgando  
Nas penas do Purgatorio :  
Por ellas a Deos rogando.

BELTRÃO

Almas faõ do Purgatorio,  
Que por ahi vaõ passando,

Devem de ir arreataças,  
Que as campainhas vaõ foando.

*Sahe o Ermitão.*

Pelo final da Santa Cruz :  
Quereis Missas, ou Rozarios ?

ERMITÃO

Reze, meu Senhor Fidalgo,  
O que quizer pelas Almas,  
Que eu as vou encommendado.

BELTRÃO

Ai ! Já lá vai este fuffo !  
Pois isto digo, madraço !

ERMITÃO

Seja pelo Amor de Deos.

BELTRÃO

De boa tenho efcapado !  
Ora o certo he, Senhores,  
Que tudo he hum purp engano.

*Saõ cadêças, que se urrafião.*

Que ferá isto agora !  
Almas Santas ! S. Tiago !  
Diz meu Amo que he mentira !  
Quem me enganou foi meu Amo.

*Sahe hum Mochilla (?) correndo, e affusta-se Beltraõ.*

MOCHILLA

Ah Senhor, vio por aqui,  
Por ventura, hum cavallo,  
Que fugio da estrebaria,  
Com os travaens arrastando !

BELTRÃO

Graças a Deos ! Este moço á p.  
Deve de fer algum Anjo.  
Quero-me fazer valente.  
Oh grandissimo magano.

MOCHILLA

Perdoe, que o não conheço. *Vai-se.*

BELTRÃO

Que te faça em mil pedaços.  
Olhe o diabo do medo,  
Que se me metteo nos cafoes !  
Tomara-me eu já em caza,  
Só para mudar de fato,  
Que este, não fei como diga,  
Já está tal aquejando,  
Pois por tres, ou quatro vezes,  
Me tenho deffemperado ;  
E em tanta quantidade,

(?) Mochilla, ou, mais correctamente, Mochila, do castelhano *mochil*, servente de lavrador, o que puxa o rbo do arado: por analogia, ou talvez figuradamente, eram assim chamados, em Portugal, os boléiros de sége de aluguel. — Dr. Pires de Almeida.



**MERCEDES BLASCO**

*Narcís no Balco Alentejo, em Portugal.*

Actriz e escriptora, o seu talento bifurca-se em duas estradas de luz, que ella inspiradamente percorre. **Actriz** e **escriptora**, as *Memorias de uma actriz* e a *Missa hysterica* e *icay* .% \_ a i recommendam-lhe o nome, actriz, a sua plasticidade e as idéias do palco ampararam-lhe e porvir, lhe scenando a gloria.

Tourada José Ricardo, Rio de Janeiro, 1908.

Que já me chega aos capatos;  
E quazi que o não fentia;  
Fede, como mil diabos.

*Sahe huma Parteira com o tiçã de lume.*

Santo Nome de Jezus!  
Defta agora não efcapo:  
Efta, digo eu que he bruxa,  
Que vem para mim chegando:  
Abre Nuncio, Abre Nuncio.

PARTEIRA

Não, não, meu Senhor Fidalgo,  
Não vou para caza do Nuncio,  
Vou a huma mulher de parto.

BELTRÃO

He voffê logo Parteira?

PARTEIRA

Sim Senhor, a feu mandado. *Vai-fe.*

BELTRÃO

Das tripas fiquei agora,  
De todo em todo efgotado.

*Sahem dois Soldados com murroens acoezos.*

SOLDADO PRIMEIRO

Rondemos efta Ribeira.

SOLDADO SEGUNDO

Aqui fempre andaõ maganos.

SOLDADO PRIMEIRO

Pois guardemos pontualmente,  
E tenhamos bem cuidado.

SOLDADO SEGUNDO

Se Fernão Pires nos paga,  
Razaõ he, que affim o façamos.

BELTRÃO

Ai! Se feraõ eftas agora?  
Ellas vem paffo ante paffo.  
Trazem candêas nas mãos,  
He Porciffaõ de finados.  
Elles fe vem para mim,  
Que hei de fazer neste cazo?  
Meu Bom Jezus da Carnota,  
Livrai-me deftes finados,

*treme.*

SOLDADO PRIMEIRO

Pardelhas, que he Beltraõ,  
De Fernão Pires Creado.

SOLDADO SEGUNDO

Eftá tremendo de medo.

SOLDADO PRIMEIRO

Maior medo lhe façamos.

BELTRÃO

Vade Retro! Eu te efconjuro!  
Eu te arrenego, diabo!  
Vade Retro, Salta atraz:  
Dize o que queres, diabo!

SOLDADO PRIMEIRO

Eu fou huma alma perdida,  
Que ando por aqui pensando.

SOLDADO SEGUNDO

Eu tambem outra alma fou,  
De hum peccador enforcado.

BELTRÃO

Que quereis, almas perdidas!  
Quereis Miffas, ou Rozarios!

SOLDADO SEGUNDO

Eu quero capa, e efpada.

BELTRÃO

Ahi a tendes, tomai-a. *dá-lha.*

SOLDADO PRIMEIRO

Os calções quero, e os çapatos.

BELTRÃO

Pois á fé, que vaõ bem limpos:  
Já cheiraõ a ..... pura. (°)  
Quereis mais alguma couza?

SOLDADO SEGUNDO

Eu quero agora açoitá-lo.

BELTRÃO

Iffo, mais que Almas perdidas,  
Me pareceis defalmados.

AMBOS

Matemos este vilaõ.

BELTRÃO

Ah que d'El Rei, que me mataõ  
As Almas de dois finados.

*(foge ás sapatêtas, corrimaçado por ambos)*

(°) Para completar este verso, consultem-se: Victor Hugo, *Les Misérables*; e Zola, *Nana* e *L'Assommoir*. N'° Medroso Beltraõ está assim: *Já cheirão a incenso macho.*

# LA FÊTE DES CRÂNES

DRAME DE MŒURS INDIENNES

EN QUATRE ACTES ET QUINZE TABLEAUX

PAR

Pires de Almeida

## ACTE TROISIÈME

### Sixième Tableau

C'est sur les rives d'une lagune (1). L'Océan s'étend, au loin, resplendissant sous les rayons du soleil.

A gauche s'élève une montagne, dont la crête est couverte d'une dense végétation tropicale: les lianes s'entrelacent aux arbres et forment des fourrés inextricables; mais, cette montagne jadis a dû s'ébouler en partie, et, en ouvrant son flanc, elle a mis à nu, dans ses entrailles, une caverne immense, un véritable géode, dont les débris ont roulé jusqu'à la plage sablonneuse, où viennent mourir les vagues.

Il y a là des quartiers de granit, réduits en poussière, il y a des cailloux, des galets, des pierres minuscules, qui toutes sont tapissées de gemmes; on y voit des rubis, des émeraudes, des topazes, des améthystes, et la clarté du jour, qui se joue sur les mille facettes brillantes de ces cristaux, y produit des feux changeants.

Il y a des gisements de porphyre, dans les angles où les rubis tapissent la pierre, puis des lacurs qui tremblotent verdâtres ou violacées, où sont les émeraudes et les améthystes.

Les scintillements des flots, avec leur perpétuel mouvement, se réfractent aussi sur les murailles cristallines, et ces irradiations qui se croisent et se rencontrent font jouer sans cesse, à travers l'entrée de la caverne, des gerbes lumineuses, multicolores, qui tiennent de l'arc-en-ciel, et qui, avec le silence de la nature, concourent à donner une impression de crainte superstitieuse.

Quand le rideau se lève, passe une file de soldats protégeant des Aventuriers; ils chantent une chanson guerrière. Frappés de la beauté du paysage, de l'éclat des pierreries, éblouis par ces feux mourants, offusqués par ces fournaises colorées, il s'arrêtent émerveillés et se taisent devant un spectacle si grandiose.

Ils continuent leur marche, et reprennent bientôt leur chant: puis, ils disparaissent.

Après, on voit déboucher dans une clairière plusieurs Indiens, frayant le chemin à un Missionnaire.

Le prêtre apparaît ensuite. Il porte à la main une croix de bois, et est suivi d'un grand nombre d'indigènes dans une attitude de recueillement.

L'un deux porte avec respect le bréviaire du Missionnaire, et d'autres des caisses contenant les vases sacrés, la pierre de Pantel, et des ornements sacerdotaux.

### SCÈNE I

SOLDATS en marche; AVENTURIERS; Le Missionnaire (Abaré) (2)

Arrivé au centre de la clairière, le Missionnaire s'arrête et les Indiens font cercle autour de lui.

L'ABARÉ. — Mes frères, la route a été longue, nous allons nous reposer non loin d'ici. Mais avant, prions notre Père qui est dans les cieux.

Le Missionnaire et les Indiens se mettent à genoux, et disent, tous ensemble, en tupi, l'oraison dominicale:

*Mhané naba oikó uahá itáka opé; —  
Ne réra oimauité toikó;  
Remahé iané arítma iwáka mamé veitó,  
Ne remimutára toiumunhá iwakapé tuire iuipé,  
Remahé où iané arítma, iané remiá ára iepé iepé curúára,  
Remahé ne iirón iané angaipúva recé, matiaré ia mehe  
cari iané iirón aité cupé iaté omunhána catá uahá iané arítma.  
Iaté recári, iané Iára, iamunhá puci mahá itá;  
Repicirá iané opai mahá. aína qui.*

Ils poursuivent ensuite leur route.

### Septième Tableau

Même décor qu'au Tableau précédent. Dans l'Intervalle, le soleil a disparu, et le globe s'agitte de la haute erre météorologiquement dans un ciel sans nuages.

### SCÈNE II

INHYCARÁ et APYTÉBA-OMU'

INHYCARÁ, entrant précipitamment et après avoir inspecté le site d'un coup-d'œil: — Ce ne peut être ici le lieu du rendez-vous. Il n'offre aucun abri contre le tapir (3)

(1) La côte du Brésil est bordée de lagunes ou lagamaras, lacs d'eau salée où la mer pénètre.

(2) Dans la première édition, en portugais, de cette pièce, j'ai mis, à tort, dans la bouche des Indiens, le mot *Anta* pour désigner le Tapir, le plus gros herbivore existant au Brésil, avant l'introduction du Bouf et du Cheval par les Européens.

Le mot *Anta*, bien qu'employé généralement, au Brésil, par les descendants d'Européens, pour désigner le Tapir, est un terme complètement portugais. Le nom indien de cet animal, *Tapira* (avec la voyelle finale très brève), a passé sans altération sensible dans la

sauvage des forêts et le jaguar féroce (4). Pas même le moindre feu pour empêcher l'approche des serpents.

langue française, ainsi d'autres mots indiens, entendus par d'anciens voyageurs.

Depuis l'introduction du Bouf, auquel les Indiens du Brésil, en raison de sa taille, ont appliqué également le nom de « Tapira », ils appellent souvent le Tapir du nom de *Tapirité* (Tapir véritable).

(3) Les Indiens donnent le nom d'*Abaré* aux Missionnaires, et, en général, aux ecclésiastiques recommandables par leurs vertus.

D'après Montoya (*Vocabulario y Tesoro de la lengua Guarani*) ce mot signifie *Homme différent* (des autres), probablement à cause de la condescendance, complètement inconnue aux Indiens, que s'imposent les membres du clergé catholique.

(4) Le mot Jaguar est également indien (*Jaguára*) et n'a souffert que la suppression de la dernière voyelle brève.

Depuis l'introduction du Chien, les Indiens donnent fréquemment à cet animal le nom de *Jaguára*, et au Jaguar celui de *Jaguáretté* (Jaguar véritable).

Poursuivons cependant nos recherches. Oui, ce lac éclairé par les feux pâles de la lune fait évanouir mes doutes et fixe ma certitude. (Faisant quelques pas.) Que mes regards admirent pendant quelques instants le magnifique tableau qu'offre l'étendue de cette lagune. (On entend le bruit du maracá (\*).) Oh ! comme ces accents m'émeuvent !... Les échos les apportent à mon âme comme l'image du passé... Le chant du « *cujubi* » (\*) préluant au lever du soleil, n'est pas plus mélancolique que le maracá agité par les mains de nos frères. Autrefois, lorsque, dans mon enfance, je parcourais les monts et les vallées, je m'arrêtais souvent avec ma mère et nous écoutions ses accords mêlés aux chansons des tribus errantes... Ô paisibles jours de mes tendres années, époque heureuse de ma vie qui ne reviendrez jamais, laissez au moins que je m'enivre à votre souvenir et que mes pensées s'envolent vers ces solitudes enchantées, comme une bande d'oiseaux s'élève des rives du fleuve. (Pensif et triste, il laisse tomber sa tête sur sa poitrine.)

APYTÉRA-OMU', apparaît, traversant la scène en criant : — Jupyacára !... Jupyacára !... plus de deux tribus viennent à votre rencontre, aux sons les plus doux de tous leurs instruments de musique... (Elle disparaît.)

INHYÇARA. — Aujourd'hui tout est harmonies et fêtes !... et, qui sait !... peut-être bientôt le combat, le sang, la mort ! Yará !... Yará !... tu es la douleur au milieu du plaisir, la nuée noire qui s'étend cachant le ciel de notre félicité. (Par la droite entrent Jupyacára, Cururupéba-assú-assúm, Cajúby, Yará et des Indiens et des Indiennes Guarany ; et, par la gauche, des Indiens et des Indiennes Aymorés.)

### SCÈNE III

INHYÇARA, JUPYAÇARA, CURURUPÉBA, CAJUBY, YARA, APYTÉRA-OMU', COKOPIÁRA, ITATAGIBA, KIRIERYM-O GUYRAOÇU, TAPEJARA, MONÇARAHIM, YCOURÉ-YVA  
Indiens des deux sexes et des deux tribus.

YARÁ. — Les voici qui arrivent.

CURURUPÉBA. — Recevez vos hôtes...

JUPYAÇARA. — L'hospitalité est un devoir...

TOUS. — Oui... c'est un devoir !...

JUPYAÇARA. — Nous allons les entendre.

GUARANYE. — Oui... nous allons les entendre.

#### Chœur des Aymorés

Du jaguar de la forêt  
Toi qui gardes le courage,  
Salut à toi, toujours prêt  
À venger le moindre outrage.

(Pendant le chœur, Jupyacára et les siens descendent la scène et reçoivent les invités avec les cérémonies usitées. — Les danses commencent.)

### DANSE DES AYMORÉS

Ils forment deux cercles concentriques autour des musiciens, tournant rapidement sur eux-mêmes. Puis ils s'étendent

(\*) Calebasse remplie de petits cailloux ronds, ou de grains, et portée au bout d'un bâton, qui constitue l'instrument de musique favori des Indiens.

(\*) *Panelope cumanensis*, oiseau d'une famille voisine de celle des *Finisans*, dont le chant se fait entendre à l'aurore et au coucher du soleil.

sur deux files doubles et, d'un pas rapide et cadencé, font diverses évolutions extravagantes dans toute la largeur et la profondeur de la scène, pour venir ensuite de nouveau reformer les cercles concentriques du commencement de la danse.

#### Chœur des Aymorés

Du jaguar de la forêt  
Toi qui gardes le courage,  
Salut à toi, toujours prêt  
À venger le moindre outrage.

Puis, on procède à l'Invocation des Caraïbes. (\*)

(Trois Caraïbes, parés de plumes de couleurs vives et tenant à la main un maracá, entrent sur la scène, suivis d'un grand nombre d'Indiens. Ceux-ci font cercle autour des Caraïbes et se mettent à crier : Hé ! hé ! hé ! hé !, cris auxquels répondent de la même façon un grand nombre de femmes enfermées dans une cabane voisine, et qui restent invisibles.)

Au milieu de chants commence ensuite la danse suivante : tout près l'un de l'autre, mais sans se tenir la main, les Indiens, le bras gauche pendaut, la main droite appuyée sur la cuisse, remuent seulement la jambe et le pied droit, sans bouger de place. Les Caraïbes, au contraire, sautent en avant et en arrière, en agitant leurs « maracás », dans le cercle ainsi formé. Tout à coup les chants discordants font place à une douce mélodie, et les Caraïbes, prenant chacun un long calumet, l'allument et soufflent la fumée dans toutes les directions sur les assistants, en disant :)

CARAÏBES. — Afin que vous surmontiez vos ennemis, recevez tous l'esprit de force.

(Après quoi les Indiens frappent la terre du pied droit, crachent devant eux, frappent par trois fois hé, hé, hé, et se séparent.)

JUPYAÇARA, remerçant : — Quand l'aigle (\*) fatigué se pose sur la prairie et se prépare à de nouveaux vols plus puissants et plus audacieux, la bande des aigles, qui passe, descend jusqu'à lui du haut de l'immensité, pour prendre tous ensemble leur essor vers les horizons sans fin.

Mon fils, le brave de nos forêts, à son retour de la captivité sur la terre étrangère, vous l'avez trouvé digne de votre visite, ô guerriers et chefs des guerriers de ces montagnes ! C'est bien. Comme les aigles dont je vous parle, unissons-nous, unissez-vous à mon fils pour voler à la poursuite de l'étranger, de l'ennemi de nos domaines. Que leurs corps, traversés par nos flèches acérées, roulent dans les ravins et dans les précipices et que les oiseaux de mort soient repus avant d'avoir achevé de dévorer leurs nombreux cadavres.

INHYÇARA. — Vos paroles pénètrent douces dans mon cœur, comme les rayons de la lune à travers les cimes vertes des forêts. Je n'ai jamais cessé de me rappeler vos gloires et vos triomphes, et c'est pour cela que l'exil a été pour moi le plus cruel des supplices.

GUYRAOÇU. — Ta valeur te donne tous les droits à notre amitié et cette amitié te crée de nouveaux devoirs.

(\*) Prêtres ou sorciers Indiens, habituellement appelés *Pagés* par les auteurs brésiliens.

*Caraïbe* est employé dans ce sens par Jean de Léry, dans son ouvrage — *Histoire d'un voyage fait en la terre du Brésil*. (La Rochelle, 1578.) Cet ouvrage a eu un grand nombre d'éditions.

(\*) Le Brésil ne possède pas de véritables Aigles, mais de nombreuses espèces de Faucons. L'une d'elles (*Falco destructor*), vulgairement appelé Aigle, est des dimensions de l'aigle d'Europe.





MARIA GUERRERO

Maravilhosa incarnaçào, que jámais imagináramos, dos génios talentos da Rachel, da Lola Montez e da Sarah Bernhardt, a segunda Ristori, foi também, para nós, a revelação do theatro classico hespanhol, até a sua vinda quasi totalmente desconhecido das platéas brasileiras.

Rio de Janeiro, 1908.

108

INHYCÁRA.—Comptez sur moi...

JUPYACÁRA.—De même que rien ne peut faire disparaître l'ombre gigantesque du rocher qui se dresse au milieu des flots, de même le cœur d'Inhyçara gardera toujours les reflets du courage de ses pères et de la valeur de ses plus terribles compagnons. La fête des joies paternelles sera aussi votre fête. — Ô nobles chefs ! — intrépides guerriers dans tous les combats, chasseurs infatigables dans toutes les forêts.

CURURUPÉBA, d'une voix lente et avec une expression de jalousie.—Une autre fête encore se prépare et pour cette fête, aussi, je compte sur votre présence à tous. Tayaçú, mon fils, va épouser la fille du chef de la tribu des Guarany. Tayaçú n'est rien moins que le guerrier dont vous attendiez avec joie le retour. Faut-il vous le prouver?... Jamais il n'a pu être enlevé par les blancs à ses palmiers et à son village.

JUPYACÁRA, faisant deux pas en avant.—Ô rage ! Crains ma colère, chef des Aymorés !

INHYCÁRA.—Votre courage, mon père, et les triomphes de votre vie entière doivent rendre votre cœur d'un accès facile à la clémence. Tayaçú est aussi brave que les plus braves... il a donc droit à notre admiration. Le but de notre alliance est l'extermination de l'étranger, poursuivons donc ce but, poursuivons cette idée, qui seule doit diriger nos actions. Brisons entre nous les flèches de la guerre et éteignons les feux du vaincu.

TAPEJÁRA, à part, à Jupyacára.—Taisez-vous ; la jalousie d'un père est une excuse.

COROPIÁRA.—Le retour du guerrier à la cabane de son père nous réunit dans cette fête. Il ne reste maintenant qu'un seul devoir à nos deux nations, celui de présenter à Tayaçú la récompense de ses fatigues, qui sera en même temps le témoignage de notre dévouement.

JUPYACÁRA.—Ne vous souviendriez-vous pas par hasard de la remise du peracorá (\*), symbole de la virginité ?

COROPIÁRA.—Je m'en souviens...

GUYRA-OÇU'.—Depuis ce jour, les acajouiers (†) ont déjà donné deux fois leurs fleurs.

CURURUPÉBA.—Et, comme aujourd'hui, les deux familles s'étaient rassemblées et cette réunion paraissait une fête de mort, car le « oitibó » (‡) fit entendre trois fois son cri lugubre. (Jupyacára le regarde d'un œil frémissant de colère ; les deux tribus ont l'air de se mesurer des yeux comme acceptant le défi.)

CAJUBY, amenant Yará par la main. (Yará a un pagne et un « cocar » (¶) de plumes de toucan, un collier et des bracelets de plumes changeantes tirées de la gorge du colibri ; ses bras et ses jambes sont ornés d'anneaux faits avec les plumes vertes, entremêlées de plumes écarlates ; des coquillages nacrés pendent à ses oreilles.) Déjà plusieurs lunes se sont éteintes depuis cette belle fête. Yará était alors l'enfant timide et craintive. Comme les fleurs dans les prairies, la beauté s'est épanouie sur son visage ; elle est aujourd'hui l'enchantement de son père et la joie de sa tribu. (La présentant.) Voici Yará, la fille du chef qui n'a jamais laissé reposer son arc et n'a jamais hésité quand il a fallu marcher au combat.

COROPIÁRA.—Le chèvrefeuille des bois n'a pas plus de grâce et de beauté.

GUYRA-OÇU', à part, à Jupyacára.—Et vous oublierez vos haines pour la livrer !...

JUPYACÁRA, à part, sévèrement.—Je l'ai voulu... c'est assez !

INHYCÁRA, à part.—Yará paraît inquiète... l'heure de la rencontre approche.

COROPIÁRA, à part, à Jupyacára.—Et cette paix que vous acceptez, ne vous brisera-t-elle jamais le cœur ?

JUPYACÁRA, à part, d'un air sombre.—J'ai vu seulement dans cette union le bonheur des deux nations et je n'ai pas hésité, mais je connais seul la grandeur de mon sacrifice. (Yará paraît tout à fait agitée. Inhyçara, qui l'observe, cherche à lui cacher à tous les yeux ; malgré cela, tous les regards sont tournés vers elle.)

INHYCÁRA.—Allons !...

JUPYACÁRA.—Oui, allons... Les fleurs de Yipé (¹) se penchent sur le sentier qui nous conduira jusqu'au lieu de la fête. Les torches du pin résineux (²), fixées dans des troncs robustes, vont éclairer la nuit de leurs vives lueurs. Les parfums du cannellier et du vanillier embaument le lieu où vont s'écouler pour nous ces heures de joie et de plaisir. Allons...

YARÁ, sur un signe d'Inhyçara se dirige vers Cururúpéba et l'invite à entrer d'une voix timide.—Chef vaillant !...

CURURUPÉBA, avec sévérité.—Vous devez préférer la compagnie des jeunes sauvages ; joignez-vous à elles. Dans la jeunesse, la lèvres de la femme est comme un rayon de lune, comme un épanouissement de la fleur... plus tard viennent les passions. Ce temps-là fut... il n'est pas possible de lui faire remonter son cours. L'ardeur de vos paroles ne parviendra donc pas à faire fondre la glace de mes haines. (Yará demeure perplexe. Jupyacára, qui a fait un signe à Cajuby, sort derrière elle, regardant Cururúpéba d'un œil de menace. Cururúpéba et les siens suivent Jupyacára, laissant Yará à la même place d'où elle a invité Cururúpéba à sortir. Inhyçara demeure aussi, mais un dernier plan à gauche.—Pendant la sortie des Indiens, la musique exécute l'air joyeux de la chanson.—La lune, qui s'était cachée, reparait à l'horizon et remplit la scène de sa lumière.)

## SCÈNE IV

YARÁ et INHYCÁRA

YARÁ, invoquant Rudá.—O Rudá, toi qui résides dans les nues ! toi qui crées et entretiens l'amour dans le cœur des hommes ! toi, qui fais paraître la brillante Lune ; qui dimines progressivement sa face et la fais disparaître dans les ténèbres, pour revenir ensuite éclairer la nuit ! ne permets pas à mon amant absent de m'oublier ! Inspire à son cœur le désir de me revoir ! (³) (Elle remonte la scène rapidement et, apercevant Inhyçara, murmure à part :)— Il est resté !...

(¹) Tecoma ipé, arbre à fleurs jaunes.

(²) Voir pag. 824, 1.º col., note 1.

(³)

## HYMNES INDIENS

INVOCATIONS DES JEUNES INDIENNES À «RUDÁ», À LA «PLEINE LUNE» ET À LA «NOUVELLE LUNE»

Rudá était, pour les Indiens, une sorte de divinité ou être naturel, représenté sous la figure d'un guerrier qui habitait les nues. Sa mission était de créer l'amour dans le cœur des hommes, de raviver chez eux le souvenir de la tribu, et de les y faire revenir, après leurs longues pérégrinations.

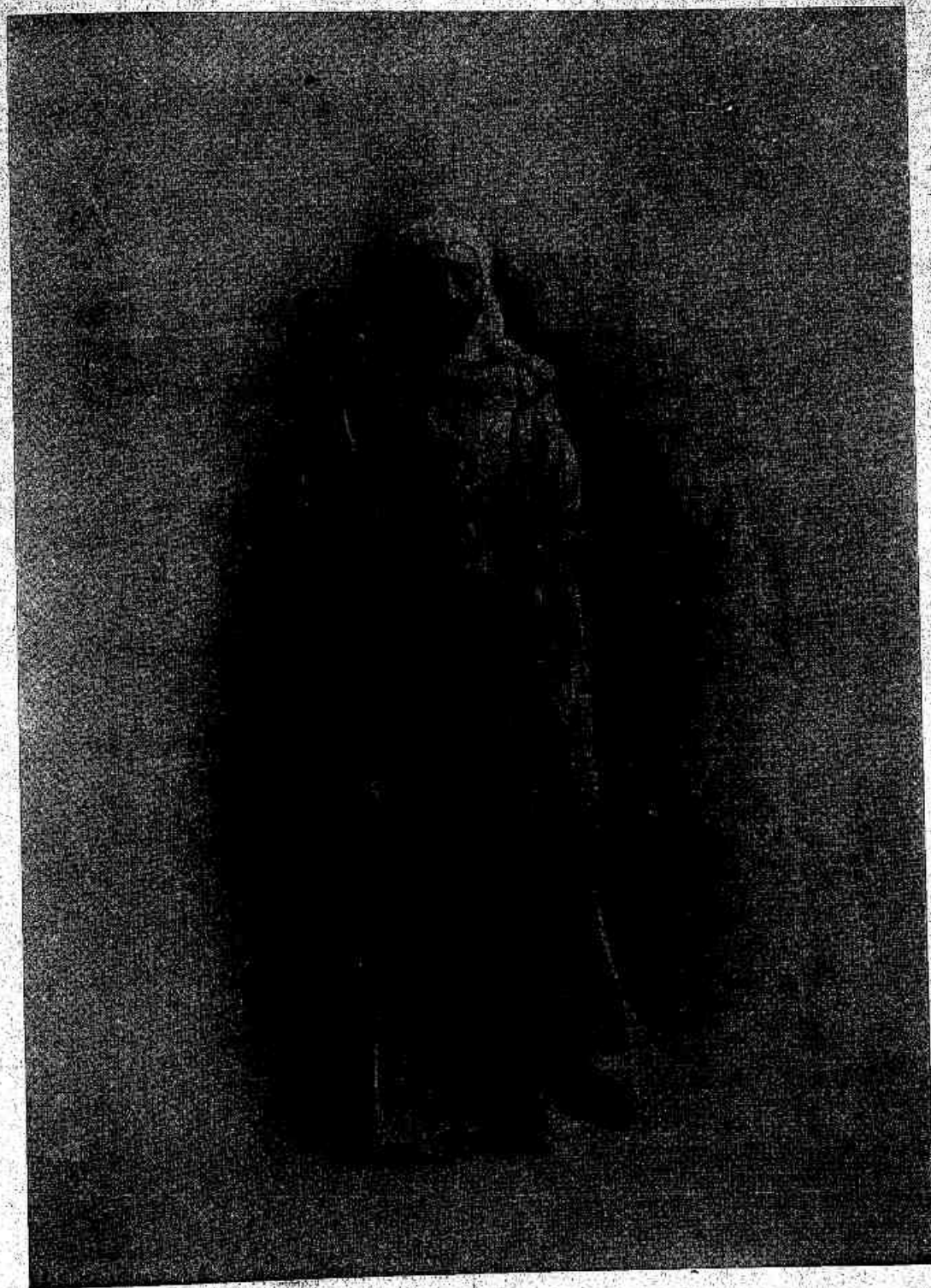
Il avait au-dessous de lui deux autres divinités, si on peut le appeler de ce nom : Cairé ou Pleine lune, et Catíá ou Nouvelle lune. La jeune Indienne, qui soupirait après le retour de son amant absent, s'adressait à Rudá, au coucher du soleil, ou à la naissance de

(\*) Le peracorá était une espèce de bracelet que, dans certaines tribus, les filles vierges avaient seules le droit de porter, sous peine de mort. La jeune Indienne encourait la même peine si, après avoir donné son peracorá à un fiancé, elle se livrait à un autre homme.

(†) Arbre d'acajou, *Anacardium occidentale*, indigène au Brésil. Les Indiens le nommaient *acajou* (d'où est venu le mot français *acajou*) ; et comptaient les années par les époques où il donne ses fruits (pommes ou noix d'acajou).

(‡) Oiseau de nuit, dont le cri était considéré comme de sinistre augure.

(¶) Ornement de tête, en forme de panache.



MARIA GUERRERO

1.ª TRAGICA HISPANOLA

No papel de Inés, em *Don Juan Tenorio*, tragedia de D. José Zorrilla

Rio de Janeiro, 1908

INVOCATION à la lune. — Vais-elle attendre ici ou s'éloigner? De quel côté est resté. Mais comment expliquer ma présence!

YARA, allant à lui. — Inhyçara!

INHYÇARA. — Pourquoi n'as-tu pas suivi la famille de Tavaçú!

YARA. — Et toi? n'as-tu pas fait comme moi? Allons, va-t'en.

INHYÇARA. — Oui, allons! (A part.) Le lieu de la rencontre ne peut être celui-ci. Je ne vois aucune trace au signal.

YARA, à part, laissant voir la fleur du sapucaouyer qu'elle cache sous sa ceinture de plumes. — Comment la laisser tomber!

INHYÇARA. — Tu ne viens pas, Yara?... La danse est dans toute son ardeur et nos frères t'attendent.

YARA, s'approchant du lac et laissant tomber la fleur. — Allons, va-t'en.

INHYÇARA, inquiet. — Tu cherches quelque chose?... YARA. — Non; je me mirais dans ces eaux tranquilles... La lune est haute et pleine, et ses rayons, qui tombent d'aplomb sur ce miroir limpide, ont pour moi un charme irrésistible.

INHYÇARA, à part. — Je ne m'étais pas trompé... c'est bien ici le lieu de la rencontre.

YARA. — Allons!... allons!... car les danses reprennent avec plus d'ardeur.

INHYÇARA. — Oui, c'est bien ici. (Ils sortent.)

SCÈNE V

CARLOS, seul

CARLOS, passant la tête à travers les broussailles; il examine et écoute; on entend au loin les sons confus des instruments sauvages. — Que signifie cette fête dans le vil-

la lune, et, étendant les bras dans la direction où elle supprimait qu'était son amant, elle chantait:

INVOCATION À RUDÁ

Rudá, Rudá,  
Iudá pingué,  
Amána repapé...  
Iudá pingué,  
Amaté Cumbá  
Puzúwá wá...  
Ne mamamáwá ce necé...  
Quahá curáwá pupé.

(Rudá, toi qui es dans le ciel (Iudá) et qui aimas les pluies, toi qui es dans l'espace, fais qu'il te vive laides toutes les autres femmes, fais qu'il se souvienne de moi ce soir, quand le soleil disparaîtra.)

INVOCATION À LA « PLEINE LUNE »

Cairé, cairé ní  
Mamára dans cáwá,  
Eé cy, erú cika,  
Piapé amá...  
Omanúwá ce necé...  
Quahá wítuna pupé.

(O ma Mère (la lune), fais que cette nuit son cœur se souvienne de moi!)

INVOCATION À LA « NOUVELLE LUNE »

Catiti, Catiti,  
Iamára notíá  
Notíá íamára  
Epejú  
Emú mamára,  
Ce necé  
Cupukáí wa íkú  
Iac amhá i pyáwára.

(Nouvelle Lune, ô nouvelle Lune! me voici devant toi! Inspire-moi le regret de mon absence; fais que moi seule j'occupe son cœur!)

lage de Japyçacá?... quel événement extraordinaire, et heureux en même temps, a pu motiver ces réjouissances bruyantes! Eh! que m'importe! mon cœur ne palpita que pour elle, mon âme s'enivre au parfum de ses paroles... son amour est le port que j'ai rencontré après les naufrages d'une vie errante... tout ce qui n'est pas elle me laisse indifférent. (Il descend la scène et jette son manteau.) O nuits sublimes d'amour et de poésie! paysages enchanteurs de l'Amérique... combien vous avez de charmes dans ces heures où la fièvre de l'amour n'est pas moins intense que la fièvre de la nature!... Le lac et la fleur, la montagne et l'ombre, le ciel et les étoiles, tout chante à nos oreilles: amour et adoration... enchantements et fantaisies. Yará, tendre fleur céleste au souffle parfumé de ces prairies, je brûle du désir de te voir, de te couvrir de baisers, de te saisir dans mes bras... Dans ce moment où je t'attends, le souvenir de mon bonheur passé se rallume plus violent dans mon cœur!... Elle ne peut tarder... Jasmins sauvages, myrtes de cette terre vierge, combez vos branches touffues et jonchez de vos fleurs le sol qu'elle doit fouler de ses pas! Taisez-vous, souffles du vent, pour que vos échos ne l'effraient pas en chemin, comme les pas de l'aïta (1) font fuir la biche timide... Ô Lune, flambeau mystérieux qui celaires dans les heures perdues de la nuit les joies de ceux qui aiment, laisse pour quelques instants tomber un voile de ténèbres sur tes pâles rayons, car il nous faut l'obscurité... et plus tard, quand la nuit touchera à sa fin et disparaîtra derrière les montagnes, que tes dernières clartés caressent la chevelure noire de la belle Indienne pressée dans mes bras, comme les dernières lueurs des étoiles caressent les nuages que l'aube du jour amoncelle à l'horizon.

SCÈNE VI

CARLOS et YARA, au haut d'un petite éminence

YARA, à demi-voix. — Carlos!...

CARLOS. — Yará!...

YARA. — Enfin!

CARLOS. — Descends... descends...

YARA. — Oui, oui... De la prudence, Carlos.

CARLOS. — Ne crains rien... Viens... Viens... (Ouvrant les bras.) Jette-toi dans mes bras. (Yará s'élançe, Carlos la reçoit.)

YARA, se servant contre lui. — J'ai peur.

CARLOS. — Pourquoi ces frayeurs?... N'en est-il plus comme autrefois?... notre secret avant il est découvert!

YARA, avec une expression mélange de joie, de timidité et de pudeur, baisse les yeux, puis les relève et fixe Carlos de façon à lui faire comprendre que le secret est découvert; laissant ensuite tomber sa tête, elle répond tant par le geste que par la voix. — Oui!...

CARLOS, servant la tête de Yará contre sa poitrine. — Devant mon Dieu, le Dieu des chrétiens, je te l'ai promis, Yará, je te donnerai le titre d'épouse. Ma religion, mes croyances, gracieuse toutterelle des forêts, n'admettent pas d'union sans amour et l'amour prend un caractère plus sacré encore par l'éternité de ses liens. N'est-ce pas ainsi ce que tu crois! Ce ne sont pas les idées qui remplissent ta pensée!

YARA affirmant de la tête. — Oui.

CARLOS. — Parle... Parle...

YARA. — Oh! oui, je sais que tu m'aimes, que tu m'aimes avec passion. Je ne doute pas de tes paroles...

CARLOS. — Oh! non, la biche n'aime pas autant la source cachée sous l'épaisseur des bois! L'étranger, loin de son pays, ne trouve pas plus doux les sons de la

(1) Voir p. 816, 1.<sup>re</sup> col., note 2.



D. FERNANDO DIAZ DE MENDOZA

1.º TRÁGICO BRASILEIRO

No papel de Gabriel de Medina, em *El loco Dios*

Rio de Janeiro, 1908

langue dans laquelle il a appris à prononcer ce mot cheri : ma mère ! Les nuits éclairées par la lune et les étoiles n'aiment pas autant les prairies émaillées de fleurs !

YARÁ. — Je me sens revivre à tes paroles ; elles me transportent d'un vol aux rivages enchantés, où habitent le bonheur et l'amour ! Oh ! tu m'apprendras à ressentir ces impressions, à rêver ces songes qui paraissent des mirages fugitifs. Ce bonheur m'effraie par la crainte que j'ai qu'il ne m'échappe.

CARLOS. — Tes accents font déborder la joie de mon cœur ; ta confiance pleine d'abandon se ressent de la nature primitive qui nous environne. C'est que le ciel de ton pays reflète sa limpidité dans le miroir de ton âme !...

YARÁ. — La pauvre sauvage ne doute pas de toi ; cependant, il lui vient parfois à l'esprit cette pensée qu'en fouillant dans les replis les plus secrets de ton cœur, comme l'oiseau de nuit qui se plonge dans les ténèbres, elle n'y trouve, au lieu de l'amour, qu'un caprice de jeunesse, et, — que sais-je ! — peut-être une vengeance de l'étranger.

CARLOS. — Comment !... Tu as encore ces pensées ?

YARÁ. — Non. Aujourd'hui, Yará t'aime, parceque c'est en toi seulement qu'elle a pleine confiance et son amour pour toi est sans bornes.

CARLOS la conduit près d'un tronc sur lequel il la fait asseoir ; puis, lui baise les mains avec tendresse et s'agenouille devant elle. — Laisse-moi contempler ton visage, laisse-moi boire le bonheur dans tes regards.

YARÁ. — Relève-toi : Yará ne veut pas te voir à ses pieds.

CARLOS. — Oh ! si tu savais comme je suis bien ainsi !...

YARÁ, mettant la main sur la bouche de Carlos. — Parle bas !... (Carlos se relève, appuyé sur le bras de Yará ; il s'assied à côté d'elle sur le tronc et veut la prendre dans ses bras. Yará résiste ; Carlos lui met la main sur la bouche pour l'empêcher de parler.)

CARLOS. — Le moindre bruit peut nous trahir ; nous pourrions être découverts.

YARÁ, souriant avec douceur. — Pourquoi insistes-tu ?...

CARLOS. — Mais, chère Yará, pourquoi veux-tu te dérober à mes baisers, à mon adoration ? Notre amour n'a pas besoin de voiles pour se manifester ; il n'a pas besoin de l'obscurité pour éclater : car ce n'est pas un amour coupable.

YARÁ. — On dit, cependant, que les blancs ne cessent de réduire en esclavage les filles libres de la forêt ; qu'en échange de leurs caresses et de leurs sourires, ils ne leur laissent que les larmes et les tourments ! Et les blancs, et ta famille, Carlos, n'enfonceront-ils pas la flèche de toutes les inquiétudes dans le cœur de Yará, qui t'aime plus encore que sa vie ?

CARLOS. — Tes paroles sont insensées, Yará ; le désir qu'ont mes parents de te voir est encore plus grand que l'affection que tu m'as inspirée.

YARÁ. — Si j'éprouve des craintes, la faute en est à toi. Sais-tu ce que c'est que la vie, à nous ?... Conduite par la main, suivre notre père dans la forêt, où il allume son feu sous les plus épais ombrages ; jouer sur la peau tachetée du jaguar ; se baigner dans les ruisseaux et dans les lacs ; se balancer, comme la *sabiá* (\*) timide, dans sa cage de *cipós* (†) ; courir après les colibris et les papillons... Voilà l'enfance. Plus tard, quand l'enfant devient jeune fille, tout est mystère pour elle dans l'écho des forêts. Les fleurs, animées par sa pensée, naissent et meurent, elle se l'imagine, comme par en-

chantement. Un désir vague, profond, insondable, plus indéterminé, peut-être, qu'un songe, s'éveille en son âme à chacun des scintillements de l'étoile qui commence à briller au déclin du soleil. Au feu de ce désir son âme s'agite, la rougeur monte à son visage, ses yeux deviennent humides comme s'ils étaient déjà accoutumés aux larmes ; et comme deux colombes qui ouvriraient lentement leurs ailes du milieu de leur nid placé sur la berge d'un ruisseau, ses seins se soulèvent ardents aux murmures du soir et aux parfums des prairies. Dans toutes ces sensations il y a quelque chose qui ressemble au bonheur, quelque chose qui est le plaisir dans la souffrance et la souffrance dans le plaisir. Au milieu du silence des nuits qui me paraissent éternelles, des jours pendant lesquels je n'avais d'autre compagnie que la monotonie d'une jeunesse sans aurore, d'une jeunesse toujours errante et vide de toute illusion, tu m'as apparu ; et j'ai lu au fond de tes yeux un mot que tes lèvres m'ont appris à balbutier. Répète-le, Carlos.

CARLOS. — Amour !...

YARÁ. — Amour !... Oui, amour !... Et depuis ce moment, toutes mes pensées de jeune fille sont venues s'abriter sous le charme de cette parole magique, comme un essaim d'abeilles dorées dans la ruche suspendue à l'arbre de la forêt. Il me semble que la nature me sourit plus tranquille. Ma vie dépend de ta vie, et, de même que ce serait un crime que de m'abandonner, ce serait pour moi plus que la mort que d'être réduite en esclavage, car l'esclave ne peut pas aimer...

CARLOS. — Oui, Yará, ce que tu dis est vrai !...

YARÁ. — Si ton retour avait tardé encore, Yará n'existerait plus, tu ne l'aurais plus rencontrée... Tayaçú sera bientôt de retour parmi nous et mon père, qui ne comprend plus le feu qui nous dévore, tant les souvenirs de sa jeunesse sont déjà effacés, aurait été pour moi d'une sévérité cruelle !...

CARLOS. — Tayaçú !... c'est, s'il m'en souvient, le nom d'un guerrier indien qu'on veut te donner pour époux !...

YARÁ. — Oui !... c'est lui !... mais de toi dépend mon salut et, avec mon salut, mon bonheur... Sauve-moi !... sauve-moi !... Ton amour pour moi l'emporte-t-il sur tous les autres sentiments ?

CARLOS. — Te sauver, dis-tu !... mais comment ! nous avons à peine devant nous un coucher du soleil !...

YARÁ. — Impossible !... Oh ! Carlos !... comme cette parole fait la nuit dans mon âme !... Impossible !... Quand il s'agit de la femme pour laquelle tu viens de manifester l'expression des désirs les plus ardents, tu hésites à l'heure du péril !... Tu me crois faible, peut-être ! Ne te souviens-tu pas de ce jour où, pressée dans tes bras, je t'ai donné, au milieu des baisers, la fleur de ma virginité ? Ah ! ce jour-là, Carlos, j'ai frémi, parce que mon regard a aperçu un abîme. (†) Mais, impossible !... c'est un mot que jamais n'ont prononcé mes lèvres, quand tu me demandais l'impossible.

CARLOS. — Ecoute-moi, Yará !... Un devoir impérieux m'oblige à m'éloigner aujourd'hui même. Comme tu le sais, je commande les soldats qui protègent les travailleurs employés aux mines d'Occusán !...

YARÁ. — Ce n'est pas moi, mon Carlos, qui te conseilerais de désobéir !... La résignation à mon sort, voilà mon unique refuge. Les guerriers de ma tribu me verront

(\*) Oiseau du genre *Turdus*, apprécié pour son chant.

(†) Lianos.

(†) Chez plusieurs tribus indiennes, il n'y avait pas d'honneur pour les filles à se livrer à des étrangers, tandis que l'adultère était sévèrement puni. Mais cette coutume n'était pas générale : une légende indienne, recueillie par Couto de Magalhães (*O Selvagem*, Rio, 1876), dit qu'un chef indien voulut tuer sa fille, quand il s'aperçut qu'elle était enceinte.

immoler, mais — qu'importe! — si je ne me repens pas de t'avoir aimé.

CARLOS. — Tu ne me comprends pas... L'honneur m'appelle aux lieux où l'on m'attend, et mon amour me force de t'y conduire avec moi. Ce n'est pas là ce que j'aurais voulu; mais les circonstances fatales qui nous écrasent de leur poids, m'obligent à te ravir à ton vieux père, sans que nous puissions entendre ses adieux, sans que sa main laisse tomber la fleur de la séparation, sans qu'un mot de consentement vienne nous rappeler plus tard le moment où nous l'aurons quitté. Je crois que tu ne refuseras pas de suivre ma destinée; n'est-ce pas, Yará?... Partons.

YARÁ, *jetant ses bras autour du cou de Carlos.* — Puisque tu ne peux rester auprès de Yará, Yará te suivra...

CARLOS. — Oui, je t'emmènerai...

YARÁ. — Je te le demande, au nom de ce passé que tu n'as pu oublier, au nom des souvenirs les plus doux de ton pays... Ne m'abandonne pas... Je ne sentirai pas mes membres meurtris par les fers de l'esclavage!... Et tu m'épouseras, n'est-il pas vrai!...

CARLOS. — Tu seras unie à un homme qui a toujours conservé comme la plus sainte des reliques les traditions d'honneur de sa famille. Mais nous n'avons pas de temps à perdre. Je vais te quitter... Toutefois, avant que l'*inhambé* (\*) ait préludé à son chant, je serai de retour.

YARÁ. — Ecoute... (*Tous deux prêtent l'oreille. Inhyçara traverse le fond avec précaution.*) N'as-tu pas entendu!...

CARLOS. — Non...

YARÁ. — C'est sans doute le frémissement du feuillage au souffle du vent... (*Elle monte la scène et revient.*) Personne... personne... Rien que les échos de la forêt, qui, semblables à une volée d'oiseaux sauvages s'échappant du creux d'un rocher, se répandent dans l'espace.

CARLOS. — Tranquillise-toi, ma chère Yará... et qu'aucune pensée de tristesse ne vienne rembrunir ton front. Je serai bientôt de retour et, comme ton absence de la réunion de famille pourrait faire naître des soupçons, il est prudent que tu rejoignes ton père... Va... je ne tarderai pas.

(*Inhyçara rentre en scène et se cache sous une touffe d'arbustes.*)

## SCÈNE VII

INHYÇARA, YARÁ et CARLOS

INHYÇARA, *à part*: — Mes recherches n'ont pas été vaines... Je les ai surpris enfin...

YARÁ. — Parle... continue...

CARLOS, *lui prenant les mains*: — Quand la lune se couchera derrière les montagnes...

YARÁ, *l'interrompant*: — Si tard!...

CARLOS. — Plus tôt serait imprudent... Quand la lune se couchera derrière les montagnes, tu suivras les détours de ce sentier qui te conduira dans la direction de cette vallée (*Il lui montre un point.*)... et nous nous rencontrerons.

YARÁ. — Oui... nous nous rencontrerons...

CARLOS. — Je serai près de toi.

YARÁ. — Quand le lys, plein de la rosée du matin, se penche sur le ruisseau, il ne tremble pas plus vivement sous le vent qui l'agite que mon corps me frémir en ce moment. Je sens dans mon âme le découragement et la crainte. Mais, que ma pensée les chasse!... Courage, Yará... courage!... (*Elle sort. Carlos l'accompagne quelques pas, puis il la suit du regard, jusqu'au moment où il la croit en sûreté, et revient en scène.*)

(\*) *Pennis inhambu* (Spix), espèce de perdrix qui fait entendre son chant à des heures déterminées de la nuit. C'est l'horloge nocturne des Indiens.

## SCÈNE VIII

CARLOS et INHYÇARA

CARLOS. — Maintenant je puis partir tranquille.

INHYÇARA, *toujours caché, à part*: — A présent... à nous deux, ô étranger!...

CARLOS. — Indienne timide, comme l'amour et les craintes volent, tendres, sur les horizons de ton âme!... Et tu as raison, car jamais les purs sentiments que tu m'as inspirés ne laisseront entrer dans mon cœur aucune pensée de trahison. La nuit va favoriser mon entreprise; profitons des ténèbres et marchons vers le but.

INHYÇARA, *toujours caché, à haute voix*: — Mais quelquefois les obstacles surgissent à chaque pas et, au lieu du triomphe espéré, on trouve la défaite...

CARLOS, *surpris*. — Quelle est cette voix qui semble sortir de ce feuillage!...

INHYÇARA, *s'approchant*. — Malgré les ombres de la nuit, je ne les crois pas assez épaisses pour que tu ne puisses me reconnaître...

CARLOS. — Qui es-tu?... Parle... réponds...

INHYÇARA, *se plaçant en face de Carlos*: — Que tes yeux se fixent sur mes yeux, que ton front se dresse comme mon front: ne m'as-tu pas déjà vu!

CARLOS. — Il me semble que si... Mais pourquoi m'épionnes-tu!

INHYÇARA. — L'homme garde dans sa poitrine le secret qui empoisonne ses jours et il attend que celui qui est la cause de ses maux se livre lui-même à sa vengeance.

CARLOS. — Je me moque de ton audace, ô sauvage!... Ton impudence présomptueuse n'excite que mon dédain, — ô insensé! qui cherches à défier mon courage, parce que tu sais pouvoir trouver un refuge assuré dans les solitudes des forêts. Tu sembles sortir de terre sous mes pas, comme une exhalaison maudite pour m'effrayer et faire échouer mes projets les plus cachés; mais, comme tu te trompes!...

INHYÇARA. — Oui, c'est vrai; la soif du sang me dévore... Quelle punition penses-tu que mérite l'étranger qui ne respecte pas l'hospitalité du sauvage, l'étranger qui veut enlever la fille de celui dont il a partagé la chasse sous la feuillée épaisse, de celui qui lui a offert le *cauhim* (\*) sous le toit de sa cabane, de celui dont il a écouté les récits sous le *cajásier* (\*\*), à la lueur des feux allumés pour éloigner les jaguars, l'enfant qui reste seule pour consoler les regrets causés par la perte de la compagne du foyer! Quelle punition penses-tu que mérite l'étranger qui condamne aux larmes et à la mort le futur époux et le vieux père, intrépide chasseur des forêts et nageur infatigable dans le courant des fleuves, le vieux chef qui, depuis longtemps, s'est recueilli à l'ombre de ses souvenirs, comme de l'arbre le plus propice à son repos et à ses regrets!... Maintenant que tu sais pourquoi je me suis attaché à tes pas, il me faut ta vie!... Ta mort seule peut expier ton crime...

CARLOS. — Quel que soit le mystère que voilent tes paroles, quelles que soient les haines qui t'inspirent, je te le jure par mon Dieu, je ne tremblerai pas devant toi... Sur la montagne ou dans la vallée, sur le bord des ravins, dans les sentiers des collines, tu me rencontreras ferme et résolu à venger l'insulte par l'insulte et à lutter jusqu'à la mort.

INHYÇARA. — Nous lutterons alors.

(\*) Boisson enivrante, que les femmes indiennes préparent au moyen du manioc.

(\*\*) *Spondias tutea*, grand et bel arbre, qui porte des fruits acidulés, de la forme d'une prune, connus sous le nom de *cajá*.

CARLOS. — Et toi qui oses me parler ainsi... qui es-tu !... que je te connaisse, au moins !...

INHYCÁRA. — Que t'importe qui je suis !... Ne lis-tu pas la colère sur mon front ? Ne devines-tu pas la haine profonde que décelent mes gestes et mon désespoir ?

CARLOS. — Tu es alors le futur époux de Yará... de Yará à qui j'ai donné tout mon amour...

INHYCÁRA. — Peut-être...

CARLOS. — Oh ! dans ce cas, il faut qu'une lutte à mort fasse taire le vaincu.

INHYCÁRA. — Oui... la lutte !...

CARLOS. — La lutte !...

INHYCÁRA ET CARLOS. — Allons ! (Carlos jette son manteau à terre. Inhyçára, d'un geste brusque, lui monte le fond de la scène. Tous deux marchent d'un pas rapide dans cette direction, et, après s'être arrêtés, ils se prennent au corps. La lutte commence et dure quelques instants acharnés. — On entend au loin le chant confus du « maracá ». Les deux combattants, luttant entraînés, roulent dans un ravin et disparaissent. On entend un cri... La scène change.)

Huitième Tableau

Un appentis sur le devant de la cabane de Juyuçára; porte rustique. Du côté opposé, un haïac de plumes suspendu à deux arbres

SCÈNE IX

APYTÉRA-OMU' et YARÁ

Apýtéra-Omu' sort de la cabane de Juyuçára, tenant à la main une torche de *páu-candeia* (1). Yará, accablée de fatigue, vient du dehors et la regarde, écoute et vit s'assurer si son père est dans la cabane.

APYTÉRA-OMU', fixant la torche dans un des coins de la scène. — La fête est terminée. La nature, quand elle déploie toutes ses splendeurs, n'est pas plus belle ni plus magnifique... Les danses guerrières, la *fanfée du píyima* (2), le bruit des instruments de musique, l'ivresse du *cauhim* (3) ont inondé nos cœurs de plus d'allégresses que le fleuve débordé n'inonde de ses eaux les prairies qui le bordent. *Corurupéba-assú-assú* était le seul oiseau de mauvais augure. Je sens que je le haïrai toujours, ce vieux cacique des Aymorés. Les échos bruyants du festin ont fait place au silence, sans que nous ayons entendu un seul chant célébrant les charmes de celle qui sera bientôt épouse, sans qu'il lui ait été offert une poignée de fleurs dont les parfums viennent embattimer sa cabane. La haine ne paraissait pas éteinte dans le cœur de tous les convives, car, s'il en était autrement, l'air retentirait encore aux échos de leurs chants...

YARÁ. — Cela n'eût fait qu'augmenter les chagrins de mon cœur.

APYTÉRA-OMU'. — Je te comprends ; aussi ne puis-je croire que tu laisses nos forêts pour d'autres forêts, notre tribu pour d'autres tribus. Le boa qui enroule ses anneaux autour de l'arbre afin de pouvoir se jeter traîtreusement sur le voyageur inexpérimenté, n'est pas plus vil ni plus abject que la race Aymoré. Tu le vois !... ni les sons de leurs instruments, ni les accents de leurs voix ne nous arrivent harmonieux à travers l'espace !... ils se retirent muets et silencieux comme des fantômes. Attends... attends...

YARÁ. — Que vas-tu faire, Apýtéra-Omu' !... Non ! laisse les passer... Qu'ils suivent leur chemin... qu'ils disparaissent...

APYTÉRA-OMU'. — Tu as raison. La race Guarany, dont le nom symbolise l'orgueil et les combats, l'inflexibilité et l'héroïsme, ne peut pas s'incliner devant la lâcheté et la bassesse... Qu'ils suivent leur chemin...

YARÁ. — Et mon père n'est pas encore venu !

APYTÉRA-OMU'. — Non ; nos coutumes lui imposent le devoir d'accompagner ses hôtes jusqu'à la ligne de pieux qui défend notre village. Il ne tardera pas...

YARÁ. — La lune va-t-elle bientôt disparaître derrière les montagnes ?

APYTÉRA-OMU'. — Le vent agitera encore quelques fois de son souffle le sommet des arbres touffus, quelques fleurs s'ouvriront encore dans la prairie et elle disparaîtra...

YARÁ. — Mais comme mon père tarde !...

APYTÉRA-OMU'. — Qu'as-tu ?... tu parais inquiète !... tes seins se soulevaient comme deux juritys (4) qui veulent sortir de leur nid...

YARÁ. — Pourquoi des craintes vaines !...

APYTÉRA-OMU'. — Ne me cache pas tes inquiétudes...

YARÁ, se dirigeant vers son hamac. — Je te l'ai dit... je n'ai rien. La fatigue a brisé mon corps. Oh ! mon hamac, donne-moi un sommeil tranquille, et, en bercant mon corps, berce aussi mes espérances. (Elle s'étend dans le hamac. Apýtéra-Omu' vient s'asseoir sur un tronc d'arbre placé près d'elle.) La douce clarté de la lune passant sur les cimes des forêts sans fin va se réfléchir dans le miroir des lacs paisibles ; ainsi, le souvenir heureux des temps passés apporte son reflet sans taches dans mon âme. La biche timide attend sous l'ombre de l'arbre la main affectueuse de l'enfant qui a su l'accoutumer à ses caresses. Yará est la biche timide qui attend le moment des ineffables affections. Carlos viendra, m'apportant le bonheur de ma vie et les transports de ses amoureux tendresses. Et ensuite la joie sans limites, la félicité s'éclairant de tous les feux de nos fantaisies les plus séductrices... Douces brises du ciel, bercez mon hamac de plumes, roseaux élancés des lacs, cessez vos murmures, que je puisse entendre le bruit de ses pas !... Tremblantes étoiles qui scintillez dans l'immensité, voilez vos lumières pour protéger notre fuite. Douces brises du ciel, balancez mon hamac de plumes.

APYTÉRA-OMU'. — Le bonheur a tracé autour de vous comme une auréole d'or... et cette auréole s'étend aussi loin que votre pensée.

YARÁ. — Pourquoi !

APYTÉRA-OMU'. — Lorsque la fête allait vers sa fin, un essaim de sourires s'est envolé de vos lèvres ; on eût dit les oiseaux de la félicité voltigeant sur la demeure des amours.

YARÁ. — Seulement vers la fin de la fête, n'est-ce pas ?...

APYTÉRA-OMU'. — Oui, car au commencement, la tristesse couvrait votre visage de son voile le plus sombre. (On entend au dehors le son des tatarétyds.) (5) Silence !...

(1) *Páu-candeia*: grande torche de pin résineux.

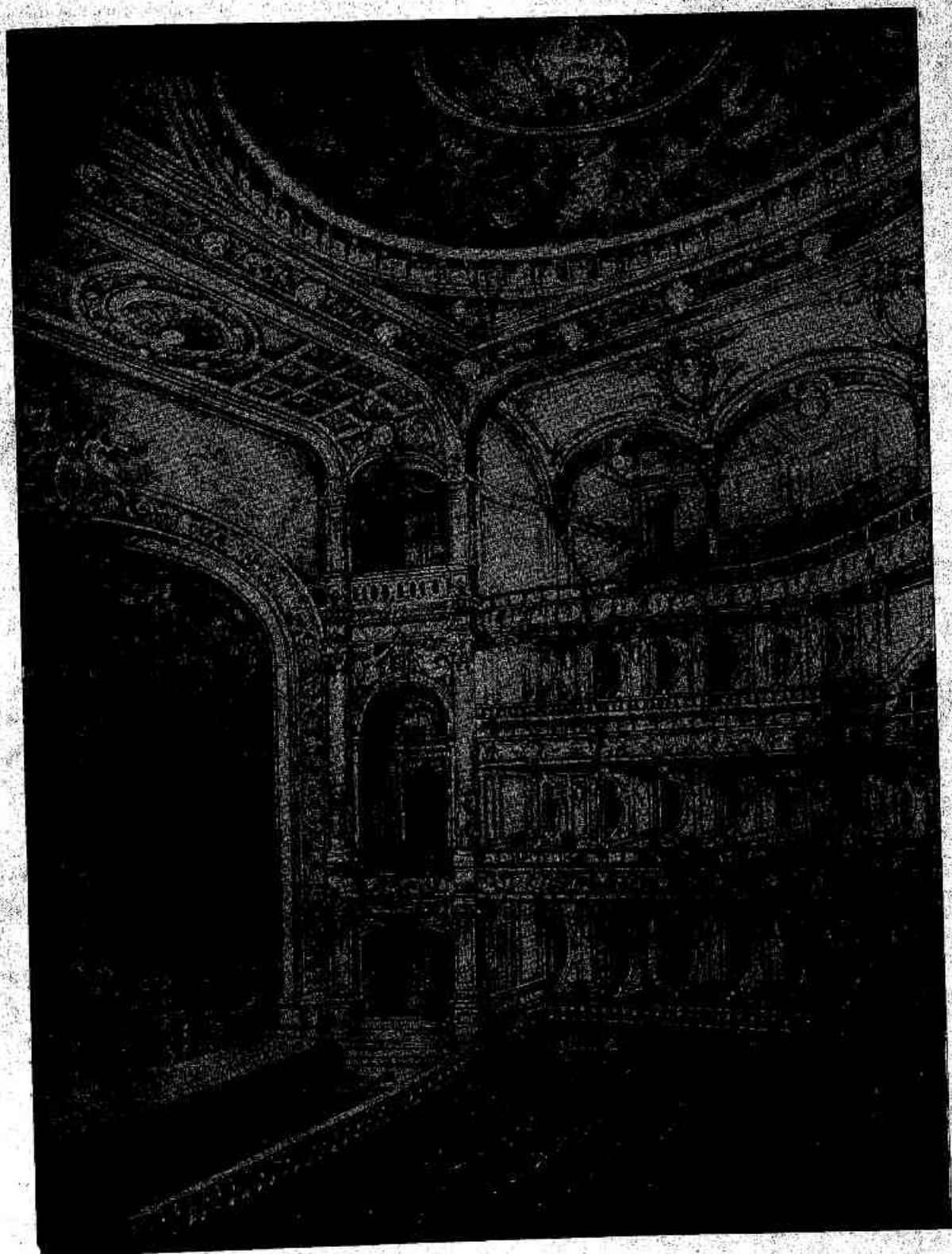
(2) Nom que les Indiens donnaient au tabac, dont ils faisaient grand usage. C'est de ce nom qu'est venu l'ancien mot français *petun*.

(3) Voir p. 823, 2<sup>me</sup> col., note 1.

(4) La *Jurity* (*Peristera frontalis*) est une tourterelle d'assez grande taille, très commune dans les forêts du Brésil.

(5) Instruments de musique indiens.





Sala de espectáculo do Theatro Municipal do Rio de Janeiro

YARÁ, s'asseyant sur le hamac. — Ce sont eux...

APYTERA-OMU. — Et ils ont raison... Il faut aux fiancés les joies et les expansions... et ils viennent apporter à la fiancée les joies et les expansions. Manquer aux coutumes serait un affront.

YARÁ. — Et nous laisseront-ils bientôt?

APYTERA-OMU. — Cela dépend de votre volonté. Sortez-vous ou restez-vous ici?

YARÁ. — Non, éteins la lumière... laisse le corps dans les ténèbres, afin que l'imagination l'éclaire aux feux de la fantaisie. A qui demandera si je veille, réponds que je dors. *(Elle s'étend de nouveau dans le hamac. Apytera-Omu la berce.)*

*Chœur d'Indiens au dehors.*

Le resplendissant bonheur  
De ton cœur rempli d'ivresse  
Nous donne, à nous, l'allégresse,  
Et te couvre de candeur.

Agá lá lú  
Agá lô lô.

En voyant tes nattes (1) noires  
Les cœurs bondissent joyeux,  
Et ton fiancé glorieux  
T'offre le prix des victoires.

Agá lá lú  
Agá lô lô.

APYTERA-OMU. — L'écho de leurs chants se perd dans les grottes et dans les montagnes, sans qu'ils aient éveillé un seul sentiment dans votre cœur. *(Continuant à balancer le hamac.)* Laissez-vous bercer... Quand la brise passe à travers les lianes qui unissent les rameaux des arbres, les fleurs paraissent s'ouvrir plus parfumées et avec de plus vives couleurs. Yará est la fleur des lianes; c'est l'âme fascinatrice qui, aux clartés de la lune, tend son hamac pour dormir, rêver et soupire.

*(Tout à coup Yará saute du hamac et, se dirigeant du côté de la grille, exprime, en comprimant son cœur, la joie immense qui l'étreint.)*

Mais, il est l'heure d'aller rejoindre Carlos... Suspend tes battants, ô mon cœur! calme l'anxiété qui me rend folle... Je vais... je vais... Carlos!...

APYTERA-OMU. — Que faites-vous? vous!

YARÁ. — Oh! laisse-moi... laisse-moi... laisse-moi m'élançer radiante vers le bonheur... Je vais rejoindre Carlos... je vais le rejoindre... ô joie! *(Elle va pour sortir et se rencontre avec Jupyacára.)* Oh!... *(Elle remonte la scène et demeure immobile et perplexe.)*

### SCÈNE X

YARÁ, APYTERA-OMU et JUPYACÁRA

JUPYACÁRA. — Yará!...

YARÁ, tremblante. — Moi!... Rien... mon père!...

JUPYACÁRA. — Que veut dire ce trouble? Ne jette pas aujourd'hui le chagrin dans mon cœur. Tu étais au milieu de la fête comme la tourterelle, douce et craintive, voltigeant sur le rameau toujours vert des espérances. Tu souriais... et le calme de ton visage rassérénait les esprits.

YARÁ, revenant à elle. — Ah! s...

JUPYACÁRA. — Le bonheur éclairait ton visage quand la mère de Tayagu s'est approchée de toi... tes caresses à la matrone de la tribu, à la mère de Tayagu, de Tayagu

le brave chasseur des forêts, étaient comme une compensation à la haine que je ne puis arracher de mon cœur contre les Aymorés. Tu as obéi à ton père et la volonté de ton père est satisfaite. Ton mariage est le symbole de l'amitié qui va nous unir. Et toi, Yará, tu ne voudras pas, me faisant mentir à ma promesse, refuser cette preuve de la loyauté qui a toujours été la vertu du Guarany.

YARÁ. — Un mot de reproche serait-il par hasard sorti des lèvres de Cururupéba!

JUPYACÁRA. — Et veuille Tapan (!) que cela n'arrive jamais!... La rupture de notre alliance coûterait la vie à bien des nôtres!...

YARÁ. — Si pourtant, mon père... *(Elle n'ose poursuivre.)*

JUPYACÁRA. — Que dis-tu!...

YARÁ. — Rien!... rien!...

JUPYACÁRA. — Bientôt tout sera terminé. Bientôt, Yará, tu quitteras le toit de ton père pour aller vivre sous le toit de Tayagu; tu seras épouse dévouée; pour lui plaire, tu mettras les plus belles parures. Pour exciter ses desirs, tu demanderas à la vanille ses plus doux parfums; pour le provoquer aux danses, tu teindras ton corps des couleurs vives du roucou; pour animer son courage, tu lui prépareras les plus enivrantes boissons. Comme père et comme le plus ancien de la tribu, je viens te le demander: Yará, es-tu prête pour la solennité?... Tu connais la rigueur des peines dont nous châtions celle qui est accusée d'avoir profané le peracora (!), symbole de la virginité!... Parle!

YARÁ, machinalement. — Qui!

JUPYACÁRA. — Dors en paix, Yará... Que les songes dorés égayent ton sommeil et qu'aucune pensée de tristesse ne vienne assombrir ton front. *(Apytera-Omu lui donne la torche, Jupyacára remonte la scène à pas lents. Dors en paix, Yará...)*

YARÁ, après un moment d'hésitation, appelant: — Père!...

JUPYACÁRA, s'arrêtant, mais sans se retourner. — Que veux-tu!...

YARÁ, à part. — C'est la dernière fois que mes regards vont rencontrer les siens.

JUPYACÁRA, tournant seulement la tête: — Tu m'as appelé!...

YARÁ. — Oui, père...

JUPYACÁRA. — Parle!...

YARÁ. — Je voulais vous demander...

JUPYACÁRA. — Quoi!...

YARÁ. — Vous avez dit que, dans quelques instants, votre fille, comme le jeune oiseau sans expérience qui, prenant son premier vol, ne retourne plus au nid, va vous laisser pour toujours. Yará va partir, vous le savez; Oh! vous ne voudrez pas refuser à Yará de vous laisser la moitié de son âme dans un dernier embrassement!...

JUPYACÁRA, la serrant dans ses bras: — Tant d'amour filial brise mon cœur!... Que les songes dorés égayent ton sommeil, et qu'aucune pensée de tristesse ne vienne assombrir ton front. Dors en paix, Yará... *(Il sort lentement. Yará reste debout et immobile.)*

(1) Les anciens voyageurs qui ont écrit sur les mœurs des Indiens du Brésil, s'accordent à dire qu'ils n'avaient aucune idée d'un Dieu tout-puissant, mais croyaient seulement à l'existence de plusieurs Génies, généralement insaisissables.

Le tonnerre (o tronão), la foudre (o raio), qu'ils désignaient sous le nom de Tapan, leur inspiraient une grande frayeur, et les romanciers en ont fait un Dieu, à qui les Indiens rendaient une sorte de culte. Nous adoptons ici cette version, bien qu'elle ait dûna de fondement.

C'est, d'ailleurs, le mot Tapan, que les missionnaires Jésuites ont choisi pour traduire en langue indienne (Tupi-Guarani) l'idée de Dieu.

(2) Voir p. 317, 1<sup>er</sup> col., note 1.

(1) Les jeunes Indiennes portaient ordinairement les cheveux flottants sur les épaules, mais quelquefois, dit Jean de Léry (ouvrage cité), elles les tressaient au moyen de fils de coton teints en rouge.

## SCÈNE XI

YARÁ, seule.

YARÁ. (*Après être restée assez longtemps plongée dans ses réflexions, va s'asseoir sur le hamac. Elle pleure et sanglote.*) :— Le moment est venu... Dois-je partir? Qui sait? mon père m'a serrée dans ses bras, comme les vagues pressées serrent la base de l'écuell qui s'élève au milieu des mers. Mais son regard, ce regard suprême et prolongé de l'adieu, a fait naître en mon cœur tant de tristesses, a provoqué tant de déchirements, que j'hésite craintivement entre les regrets et l'amour... Qui apportera au pauvre vieillard la peau du tapir pour le garantir du froid?... qui recueillera sa dernière larme?... Oh! plutôt que de l'abandonner, je préfère la mort qui m'attend chez les Aymorés... Mais, que dis-je?... Mourir quand la vie se présente pour moi riante et embaumée de fleurs aux parfums les plus doux... quand je sens mon cœur brûler aux aspirations les plus ardentes pour des ravissements infinis... quand la jeunesse me chante sa chanson pleine de sourires et de grâces?... Oh, non!... Et puis... affronter la mort, n'est-ce pas une lâcheté, lorsque nous sentons que nous devons d'autant plus nous attacher à la vie qu'une autre vie dépend de la nôtre?... Mère!... être mère!... c'est avoir du courage... et je le suis, oui... je suis mère... je le suis... je le sens aux frémissements de mes entrailles. (*Elle regarde autour d'elle, craignant d'avoir été écoutée.*) Quelqu'un m'aurait-il entendu?... (*Regardant de nouveau.*) Non... non... (*Passant à une autre ordre d'idées.*) Carlos!... Pourquoi m'as-tu apporté la lumière quand il ne me fallait que la nuit?... Pourquoi m'as-tu parlé de ces félicités étrangères aux croyances de mes pères et as-tu fait naître en mon âme des idées plus pures que l'eau qui tombe du haut des rochers?... (*Elle remonte la scène, agitée et hâletante, va écouter à la porte de la cabane et recule effrayée. Reprenant courage, Yará s'approche de nouveau de la cabane et regarde son père endormi. Descendant vivement sur le devant de la scène, elle s'écrie:*) Ô Lune, bel oiseau d'argent qui éclaires du rayonnement de tes ailes l'Indien voyageur à travers les vastes forêts! Ô Lune, qui fécondes les épouses et fais tressaillir l'enfant dans les flancs maternels! Belles étoiles, qui scintillez dans l'obscurité comme des lucioles et qui faites gonfler de lait le sein des mères, soyez mes compagnes dans l'infortune et ne m'abandonnez pas! Que vos rayons, traversant les rameaux feuillus, viennent éclairer mes pas et féconder le germe du bonheur et des joies que j'ai entrevus un jour dans mes rêves! (*Elle se lève.*) Allons!... Il est l'heure d'aller rejoindre Carlos... Mon père dort encore. (*Elle va le regarder de nouveau.*) Comme son sommeil est tranquille!... on dirait un lac transparent où viennent le soir se mirer, en échantant, les oiseaux de l'Indica<sup>(1)</sup>. (*Elle entr'ouvre la porte. On voit dans l'intérieur de la cabane Jupyacára dormant sur une peau d'onça<sup>(2)</sup>. La lueur de la torche, vacillante, reflète sur son front la couleur du genipapo<sup>(3)</sup>.*) Un dernier embrassement! (*Elle s'approche pour l'embrasser et recule; enfin, elle s'incline et le serre doucement dans ses bras; puis se relève, rapide. La frayeur se peint sur son visage. Jupyacára ne s'éveille pas. Yará sort de la cabane, ferme doucement la porte et reste pendant quelques instants immobile, aux écoutes. Pendant ce temps, une ombre apparaît dans le fond de la scène, enveloppée dans le manteau de Carlos, et reste debout et immobile. C'est Inhyçára.*)

(1) Nom que les Indiens donnent au ciel.

(2) Voir p. 833, col. 2<sup>me</sup>, note 1.(3) Couleur noire tirée du genipapo, fruit du *Genipa brasiliensis*, au moyen de laquelle les Indiens se peignent fréquemment le corps et le visage.

## SCÈNE XII

YARÁ, INHYÇÁRA et, plus tard, JUPYACÁRA

YARÁ, le prenant pour Carlos:— Ah! Me voici.  
INHYÇÁRA. — Tu vois que j'en ai pas manqué à ma promesse...

YARÁ. — Mon père dort... Ne crains rien... Partons!...

INHYÇÁRA, laissant tomber le manteau:— Tu ne partiras pas...

YARÁ, épouvantée, se trouvant face à face avec Inhyçára:— Est-ce possible?!!!!

INHYÇÁRA. — Tais-toi!... Ne trouble pas son sommeil. Mon père, ton père, est comme le jaguar des forêts. Le jaguar, attaqué pendant son sommeil, dévore son agresseur: l'ancien de la tribu, le vaillant dans les combats, tue qui le déshonore. Tu m'as entendu... tais-toi...

YARÁ, au comble de la terreur:— Je suis perdue!...

INHYÇÁRA, d'une voix étouffée:— Yará, parjure de la tribu, honte de notre race! aurais-tu pensé par hasard qu'un affront si sanglant resterait impuni?... Oh! que tu t'es trompée!... Comme les vents des marais qui sèment la peste et la mort, l'étranger est venu et a apporté avec lui la honte et l'horreur dans nos cabanes; l'étranger t'a vue et son regard, passant par ton regard, a fait pénétrer l'amour dans ton cœur! Mais sais-tu ce que sont les blancs? sais-tu quel est cet étranger que tu aimes?... C'est l'homme qui voue la femme à l'ignominie et à l'esclavage... Il ne comptait pas me trouver près du lac; mais j'étais averti, et j'étais là.

YARÁ. — Toi!...

INHYÇÁRA. — Et avant qu'une nouvelle pensée exécrable vint traverser son esprit...

YARÁ. — Qu'as-tu fait!...

INHYÇÁRA. — La mort, — peut-être! — l'étreint de ses noires ailes... (*Yará, affolée, porte la main à ses seins comme pour les déchirer; elle veut parler et sa voix ne rend aucun son; son désespoir est au comble. Inhyçára va répétant lentement:*) La mort, — peut-être! — l'étreint de ses noires ailes...

YARÁ, toujours affolée. — Mort!... mort!... mort!... Inhyçára, dis-moi que tu mens... Non!... non!... non!... Tu ne l'as pas tué? Cela ne se peut pas... Oh! les douleurs de l'agonie ne sont pas plus cruelles!... Túpan! dissipe ces souffrances qui font la nuit si profonde dans mon âme!... Frère... dis-moi que ta bouche a menti... que tu ne l'as pas tué... qu'il vit encore pour aimer la malheureuse fille des forêts!...

INHYÇÁRA. — Je l'ai précipité dans l'abîme.

YARÁ. — Ô douleur!

INHYÇÁRA. — Je l'avais entendu t'indiquer l'heure et le lieu du rendez-vous. J'y allai. La lune, qui, un instant, avait guidé mes pas à travers les déchirures des nuages, s'était réfugiée dans son chapeau d'ombres, et dans la forêt commençaient à hurler les fauves.

Je m'accroupis derrière un tronc d'arbre qui croissait auprès des rochers, au bord de l'abîme, et j'attendis. Au loin, on entendait les murmures sourds du torrent. Les feuilles s'agitaient très haut au-dessus de ma tête, — il me semblait sentir passer des serpents contre mes jambes. Je restai longtemps ainsi. Je croyais, enfin, avoir été trompé par vos paroles à tous deux, ou les avoir mal comprises, quand, plaçant l'oreille sur le sol, j'entends distinctement résonner le pas de l'étranger. Ma joie était au comble! Comment donc, celui-là, qui voulait ravir la fille de mon père, allait me rencontrer?! Je tenais la vengeance et la paix de notre tribu et l'imprudent étranger jamais plus n'oserait fouler le sol de nos forêts, ni profaner nos vierges...

Son pas lointain s'approchait. Il avait devancé de beaucoup, cependant, l'heure de votre rendez-vous.

Venant des plages, où le camp odieux des chiens (1) est établi, il marchait assuré et joyeux.

La fille du chef lui avait promis son amour dans la forêt, et il se hâtait vers le bonheur.

Quand je sentis qu'il n'était plus qu'à quelques pas, alors, je rassemblai mes forces, et je me précipitai vers lui, ivre de rage et de désespoir.

Il ne me vit que lorsque je me dressai devant lui, tellement il allait absorbé dans son rêve, et je crois qu'il me devina, plutôt qu'il ne me reconnut, car il fit un bond en arrière, comme pour tirer de son habit une des ces armes que les blancs emploient et qu'ils semblent avoir empruntées au tonnerre.

Je ne lui en laissai pas le temps, moi aussi je bondis et je le saisis à bras le corps.

Nous lutâmes longtemps debout. Il semblait que nous eussions pris, l'un et l'autre, racine sur le rocher qui bordait l'abîme auprès duquel nous nous trouvions.

Ma rage en augmentait, car j'y vis comme un funeste augure de domination étrangère sur les hommes de ma race.

Mais, enfin, je réussis à l'ébranler; je saisis mon adversaire dans mes bras, avant de le renverser, et déjà je me flattais de le faire tomber, quand il glissa lui-même, ou buta contre une liane traînante, et, frémissant tout entier, s'abattit sur le sol. Je me jetai sur lui, et tous deux étendus sur terre, nous nous reprîmes avec une rage nouvelle, et nous roulâmes embrassés étroitement. Nous étions au bord du rocher et je sentais les exhalaisons humides du gouffre; alors, je me courbai en arc et fis un effort pour le jeter sur ma droite dans l'abîme, mais, en même temps qu'il perdait l'équilibre, et que son poids l'entraînait dans le précipice, il s'était enroulé à moi, par ses jambes, et par un bras, de sorte qu'il m'entraîna avec lui.

Alors commença une descente formidable. La muraille du précipice n'est pas à pic, mais en pente abrupte et irrégulière, semée de rocs, de racines et d'arbustes, et nous roulions sur cette inclinaison, nous heurtant à toutes ces saillies, nous racrochant aux anfractuosités.

Des serpents, effrayés, s'enfuyaient en sifflant; de grands bacurao (2) s'envolaient, battant l'air de leur vol lourd.

Un chat-tigre se trouva sous nous pendant notre chute.

Il nous enfonça à l'un et à l'autre ses griffes dans la chair, — furieux, il miaulait et rugissait, jusqu'à ce que, en roulant, il se trouva complètement dégagé, et ce fut alors seulement qu'il s'enfuit, remontant aux parois de l'abîme.

Plus bas, rencontrant un arbre poussé dans le creux d'un rocher, je m'accrochai à lui et pus remonter, tandis que ton Carlos continuait sa chute. Il doit être étendu, tout brisé, au fond de l'abîme.

YARÁ, d'un air farouche, les yeux hagards : — Carlos !... Carlos !...

INHYCÁRA, lui mettant la main sur la bouche : — Plus un mot, nous sommes tous sauvés.

YARÁ, avec un sanglot de désespoir : — Et quand mon enfant me demandera son père... que lui répondrai-je, frère ?... puisqu'en le tuant, tu as déjà tué mon âme, ce serait cruauté de ne pas tuer mon corps... Frappe !...

INHYCÁRA. — Yará !... Yará, lui présentant la poitrine pour qu'il puisse frapper : — Tu hésites ?... tu trembles !... c'est ainsi qu'est le cœur quand il rencontre le jaguar. Juyjacára ne fera pas comme toi... il me tuera, je le jure.

INHYCÁRA, cherchant à la contenir : — Calme ton désespoir.

YARÁ, criant : Père !... père !... INHYCÁRA. — Tais-toi... C'est une mort certaine que tu cherches, — il te tuera.

YARÁ, cherchant à se dégager : — Yará ne craint pas les souffrances de la mort... (Elle s'échappe de ses mains.)

JUYJACÁRA. — Quel oiseau de malheur est venu aujourd'hui s'abattre sur le toit de notre cabane !... Ne le réveille pas... comprime ta douleur... rentre en toi-même.

YARÁ, frappant à la porte de la cabane avec les poings fermés : — Père !... père !... (La porte s'ouvre; Juyjacára entre précipitamment sur la scène.)

JUYJACÁRA. — Que me veux-tu, ma fille !... YARÁ, lui prenant les mains : — Ecoute-moi... écoute-moi !... Tu vois le trouble, tu vois la terreur sur mon visage !... La cause... Elle est horrible !... Inhycára, le lâche fils du brave, a donné la mort à celui qui aimait votre fille et qui était aimé d'elle... De cette affection de la fille sauvage pour le blanc et du blanc pour la fille sauvage est résultée la honte : Yará, trahissant son serment, a souillé le symbole de la virginité ; la vie du malheureux étranger était sa vie, celle vous demande de la réunir à lui dans la mort... Le courage qui vous a toujours animé en face des dangers a passé dans ses veines avec votre sang, mon père... Tuez-moi... Voici ma poitrine !... Que votre flèche, trempée dans les poisons les plus subtils, me perce le cœur. Frappez... Voici ma poitrine ! (Elle présente sa poitrine à Juyjacára qui, atterré, reste immobile.)

JUYJACÁRA. — Que signifient ces mots ?... que veut dire cette femme !... INHYCÁRA. — La folie égare son esprit... En précipitant l'étranger dans l'abîme, je l'ai vengé de la souillure dont il l'avait profané.

JUYJACÁRA, s'écriant : — Tupan !... (Il est comme égaré, cherchant à comprendre ce qui se passe autour de lui et regarde Yará étendue à ses pieds. Soudain, d'un mouvement rapide et sauvage, il redresse la tête et cherche à saisir Yará comme pour l'étrangler. Inhycára l'en empêche, en lui retenant les bras par derrière. Groupe. Tableau.)

La toile tombe.

## ACTE QUATRIÈME

### Neuvième Tableau

□ □ □ Même décor qu'au premier Tableau

#### SCÈNE I

CAJUBY, MANASSU'

CAJUBY. — Oui, Manassu', Yará a trahi sa passion pour l'étranger : je crois que rien ne pourra la sauver.

(1) Surnom que les Indiens donnaient aux Portugais.  
(2) Oiseaux nocturnes, du genre Caprimulgus.

MANASSU'. — Et que pensez-vous que fera Cururúpéba, le cacique, lorsqu'il se sera assuré que la trahison est venue, comme un nuage noir, s'abattre sur son fils ?

CAJUBY. — Ses haines sont implacables !... cette nouvelle n'aura pas manqué de réjouir son cœur : car, tu le sais, les ressentiments sommeillent, mais ne dorment pas profondément.

MANASSU'. — Aïe ! pauvre Yará !...

CAJUBY. — Et cependant tous les oiseaux, lorsque la tourmente vient, inattendue, déchaîner ses fureurs, ne se laissent pas entraîner par elle au fond des abîmes... Quelquefois, ils se réfugient sous une cime protectrice et de là reprennent leur vol rassuré dès que le calme revient à l'horizon. Je m'intéresse au sort de Yará. Tu pourrais, Manassú, en atténuer les rigueurs et, comme l'arbre des précipices lui offrir un appui dans sa chute, jusqu'à ce qu'elle triomphe de la fatalité (!).

MANASSU'. — Parlez... Je vous écoute.

CAJUBY. — Quand sa mère a été rejoindre ses ancêtres, au loin, derrière les montagnes bleues (!), la chère enfant a été confiée à ses soins; c'est toi qui l'as allaitée, c'est toi qui as guidé ses premiers pas hésitants et incertains à travers ces forêts. Depuis, tu lui as voué toute l'affection d'une mère; c'est là un double motif pour que tu employes tous les moyens, que tu mettes en œuvre toutes les ressources de ton esprit afin de la sauver de la mort qui, sans mon intervention, et sans la tienne surtout, sera sa destinée.

MANASSU'. — Vous dites vrai... Continuez, je vous prie.

CAJUBY. — Tu sais que l'accusation qui pèse sur sa tête est moins d'avoir souillé le symbole de la virginité, que d'avoir aimé l'étranger.

MANASSU', avec anxiété. — Alors...

CAJUBY. — Obtiens que Yará, devant le conseil qui va être réuni pour la juger, déclare qu'elle n'a jamais partagé l'amour que l'étranger avait conçu pour elle et qu'elle n'a pas un seul instant oublié ses devoirs de fille de chef, ni les traditions de sa tribu.

MANASSU'. — Cela est impossible... Jamais ses lèvres ne mentiront aux sentiments de son cœur. Jamais son amour ne s'est manifesté plus violent. Impétueuse comme le fleuve qui déborde, indomptable comme le jaguâtirica (!) qui rugit, altière comme l'*urubutinga* (!) qui fend l'espace, elle n'est dominée que par sa passion. La nier, lorsque ce sentiment seul remplit son âme, lui mentir lorsqu'elle se sent entraînée par lui comme par un torrent qu'aucun obstacle ne peut arrêter, elle ne le fera jamais.

CAJUBY. — Alors il ne nous reste plus d'espérance. Si, pendant la fête des Crânes, son corps n'est pas livré aux flammes des brasiers, elle tombera morte sous les coups de la massue pesante du guerrier Jupyacára.

MANASSU'. — Pourquoi tant de découragement?... Je suppose qu'il reste encore dans le cœur de Cururúpéba un peu de reconnaissance pour le service que je lui ai rendu autrefois, en le sauvant de la mort lors d'une rencontre avec les guerriers blancs. Allons !... Je vous accompagnerai.

CAJUBY. — La prudence, bonne vieille, te conseille de rester. S'il a contracté envers toi une dette de gratitude, qui l'assure que la haine qu'il doit te vouer à cause de tes relations avec les blancs, ne domine pas dans son cœur ? Reste, je te le demande. (*Elle sort.*)

(!) Bien que les Indiens n'eussent pas l'idée de Dieu (voir p. 826, 2<sup>me</sup> col., note 1), ils croyaient à l'immortalité de l'âme et à des châtements dans une autre existence. Selon eux, les bons, après leur vie, allaient rejoindre leurs ancêtres dans de délicieux jardins, au delà des montagnes bleues, tandis que les âmes des méchants étaient sans cesse tourmentées par un mauvais Génie, l'*Anhangá*.  
Jean de Léry (ouvrage déjà cité) est formel sur ce point.

(2) La fatalité était représentée, pour les Indiens du Brésil, par un Génie extrêmement maléfique, l'*Anhangá*.

(3) Ocelot, grand chat sauvage (*Felis pardalis*, L.)

(4) Grand faucon du Brésil, très audacieux.

## SCÈNE II

MANASSU', seule

MANASSU'. — Ce que je viens d'entendre est terrible. Quoi ! je me verrais forcée de quitter cette cabane, où ma vieillesse est venue chercher un abri après soixante cueillettes de noix d'acajou (!), et où, pendant dix autres cueillettes, je me suis livrée à l'isolement et aux réflexions ! Oh ! abandonner mon pauvre toit, renoncer à mes croyances, oublier mes sortilèges, pour suivre les blancs, car telle sera ma dernière ressource si je ne veux pas succomber sous les coups des miens !... C'est outrageant !... c'est cruel, c'est presque aussi horrible que la mort !

CARAYBÉBÉ, au dehors. — Manassú ! Manassú !

MANASSU'. — Qu'y a-t-il ? que me veux-tu ? !...

## SCÈNE III

MANASSU', CARAYBÉBÉ

CARAYBÉBÉ, effrayée. — Un événement bien étrange vient de se passer à l'instant...

MANASSU'. — Parle... Qu'est-il arrivé ?

CARAYBÉBÉ. — Brisée de fatigue après une longue course, je me dirigeais, en pensant à vous, vers la source qui jaillit au pied du grand rocher, pour y remplir ma jarre. L'ayant remplie, je me reposais à l'ombre des arbres, laissant tomber mon front sur ma main, quand un guerrier blanc, accompagné d'un grand nombre de ses frères...

MANASSU'. — Qui était-ce ?... Ne le connais-tu pas ?... Parle... parle...

CARAYBÉBÉ. — Le sang coulait de sa blessure... Effrayée par ce spectacle qui épouvantait mes regards, j'ai pris rapidement la direction de votre cabane et l'un de ces guerriers blancs a suivi ma piste...

MANASSU'. — Où est-il ?

## SCÈNE IV

Les mêmes et ALONZO

ALONZO, apparaissant. — Que la paix soit avec vous, bonne vieille...

MANASSU', allant à sa rencontre. — Vous venez me parler du blessé ; n'est-ce pas ?... Où l'avez-vous trouvé ?...

ALONZO. — Sur la berge du ruisseau...

MANASSU'. — Vivant ?...

ALONZO. — Tout meurtri et gravement blessé.

MANASSU'. — Peut-être pourrions-nous encore le sauver. C'est bien. Apportez-le dans ma cabane. Les herbes les plus fraîches et cueillies sous l'influence des lueurs les plus propices... je les ai. Les vertus que les Esprits ont communiquées aux plantes de ces parages sont si grandes qu'elles rendraient les morts à la vie... Amenez-le, ne perdons pas de temps.

ALONZO, regardant au dehors. — Le voici qui s'approche.

MANASSU'. — Va au devant de lui, Caraybébé ; aide à le transporter plus vite.

CARAYBÉBÉ. — J'y vais, bonne Manassú. (*Elle sort.*)

## SCÈNE V

MANASSU' et ALONZO

MANASSU'. — Le vent emporte la feuille qui se détache de l'arbre ; la destinée règle le sort du guerrier qui tombe

(4) Les Indiens comptaient les années par les époques de fructification de l'arbre d'acajou.

dans le combat : la venue de l'étranger dans ma cabane est-elle, comme la chute de la feuille, comme la blessure du guerrier, le résultat du hasard ? A-t-elle une autre cause ?

ALONZO. — Ecoutez-moi. Lorsque nous nous fîmes dispersés au milieu des bois et que Carlos nous en quittés, nous nous trouvâmes peu après, attirés par ses cris, à l'endroit où il était tombé grièvement blessé. Dans les premiers mots qu'il prononça, votre nom était répété avec un intérêt qui ne laissa pas que de nous surprendre ; et quand nous l'avons pris dans nos bras, presque défaillant, et que nous nous demandions les uns aux autres dans quel lieu il faudrait le transporter pour lui donner des soins, il nous a désigné votre cabane. Nous nous sommes hâtés d'exécuter ses ordres, après avoir toutefois envoyé chercher au campement le médecin-major. Voilà ce qui s'est passé, voilà pourquoi il est ici.

MANASSU'. — Je vous remercie d'avoir obéi à sa volonté. Je le soignerai comme une mère, car je donnerais ma vie pour le sauver.

### SCÈNE VI

Les mêmes et CARAYBÈBÉ

CARAYBÈBÉ. *On voit au fond Carlos porté dans les bras de ses compagnons. Le médecin-major les accompagne. — Le voyez-vous, Manassu' ? Le lys des marais (\*) n'est pas plus pâle que son visage... la rosée du matin plus froide que ses membres. Les cris du jassanan (\*\*), cherchant à s'échapper des mains de l'enfant qui l'a fait prisonnier, ne sont pas plus tristes que son faible gémissement.*

MANASSU', *sur le devant de la scène. — Ô génies des forêts, conservez cette vie, aux destinées de laquelle est attachée une autre vie. Ne desséchez pas dans le désert cette source, où deux êtres doivent boire le bonheur !...*

### SCÈNE VII

Les mêmes, CARLOS, LE MÉDECIN-MAJOR, MINKURS et SOLDATS

MANASSU'. *(Elle va au devant de Carlos jusqu'à la porte de sa cabane et l'aide à se mettre debout. Carlos, d'un regard défaillant, lui donne à entendre qu'il la reconnaît.) — Il m'a reconnue !...*

LE MÉDECIN-MAJOR. — Pas de bruit... pas de bruit... le plus grand calme autour du blessé...

MANASSU'. — Le danger augmenterait-il ?

LE MÉDECIN-MAJOR. — Non... avec des soins et de la prudence, il sera bientôt guéri.

CARLOS, *donnant la main à Manassu' : — Ce n'est presque rien, ma bonne Manassu'... les forces ne m'ont pas complètement abandonné... (Il fait un effort.) Oh ! je n'en puis plus !*

MANASSU'. — Le sang ne s'étanche pas...

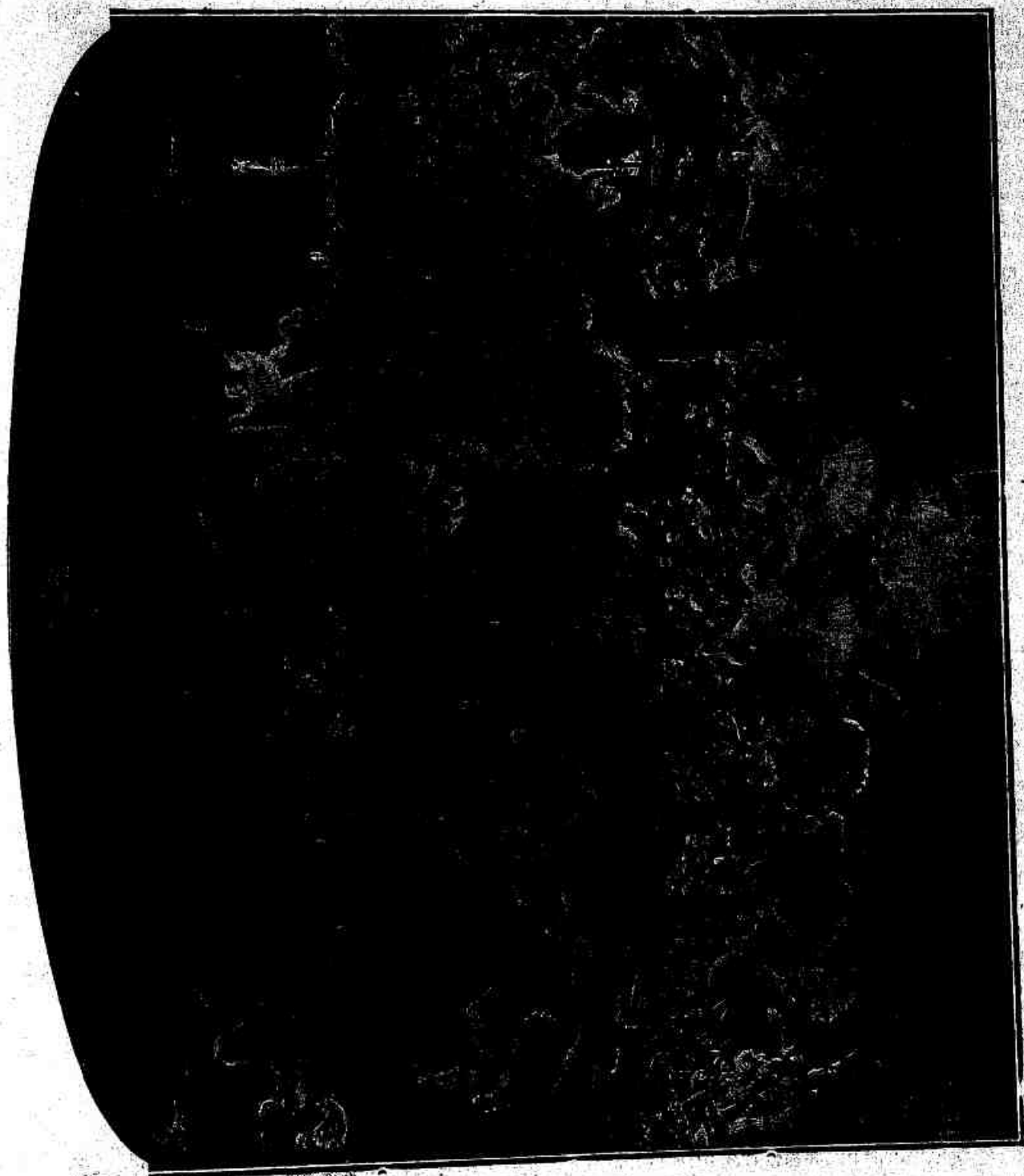
LE MÉDECIN-MAJOR. — Il s'étanchera bientôt... Ces hémorrhagies sont graves, mais n'ont rien d'effrayant. Il faut que le blessé respire librement : éloignez-vous de lui, je vous en prie.

MANASSU', *sur un signe de Carlos : — Vous le voyez... il veut me parler... il m'appelle...*

CARLOS, *se ravissant : — J'ai été surpris par la fatalité avant l'entrevue avec Yará, marquée pour cette nuit ; n'est-ce pas ?*

(\*) Nom vulgaire de l'*Hoedychium coronarium*, plante très commune dans les endroits marécageux, dont les fleurs, très odorantes, sont du blanc le plus pur.

(\*\*) Echassier commun sur les bords des cours d'eau, orné d'un très beau plumage.



Panço de bôças do Theatro Municipal do Rio de Janeiro. Idêntico e executed pelo pintor brasileiro Elyseu Viçendu

LE MÉDECIN-MAJOR. — Ne vous tourmentez pas, mon ami, le moindre effort pourrait...

CARLOS. — Non, Docteur, je sens revenir mes forces et le sang commence à s'arrêter. Mais pour que je sois plus tranquillisé, il faut que j'entende cette femme, des paroles de qui dépendent mon rétablissement et ma vie. Laissez-nous seuls pendant quelques instants.

LE MÉDECIN-MAJOR. — Nous ne pouvons vous laisser dans cet état.

CARLOS, aux soldats : — Mes bons amis, je vous remercie des services que vous venez de me rendre. Je sais que votre dévouement n'est pas moins grand que votre courage, — merci ! — merci !... (A un Mineur portugais.) Ecoute, Martin !... (Il lui parle à l'oreille ; Martin sort, emmenant avec lui quelques-uns des soldats, qui parlent résolument après avoir amorcé leurs mousquets.) Si je ne craignais, Docteur, que votre susceptibilité ne s'offensât de ma demande, je vous prierais de vous éloigner, ne fût-ce que de quelques pas. Ces environs sont sans danger, je vous l'assure, et c'est ce qui m'autorise à réclamer de vous ce service.

LE MÉDECIN-MAJOR. — Loin de moi, Don Carlos, la pensée de contrarier vos désirs... Je dois, cependant, vous prévenir que la moindre imprudence, que le moindre effort peut compromettre votre vie.

CARLOS. — C'est bien. Nés dans le même pays, éprouvés tous deux par le malheur, nous sommes deux fois frères. J'espère que vous ne révélez pas ce que vous allez entendre.

LE MÉDECIN-MAJOR. — Celui qui a voué son existence aux soins de ses semblables, ne saurait compromettre l'honneur quand c'est bien de l'honneur qu'il s'agit.

CARLOS. — Bonne Manassú, dis à mes compagnons qu'ils s'éloignent.

(Sur un geste de Manassú, tous sortent et disparaissent, à l'exception du Médecin-Major.)

### SCÈNE VIII

CARLOS, assis ; le MÉDECIN-MAJOR, MANASSU' ;  
ensuite CARAY-BÈBÈ et quelques portugais.

CARLOS. — Nous sommes seuls, ceux qui auraient pu entendre nos paroles sont déjà loin. Oh ! je sens mes forces qui reviennent !... je me sens maintenant en état de la sauver. Et Yará ! où est-elle ! qu'est devenue ma Yará !...

LE MÉDECIN-MAJOR. — Ne vous agitez pas ainsi !...

CARLOS, sans prêter attention à ses paroles : — Parle-moi d'elle sans crainte ; le Docteur ne dira rien, ne répètera rien !...

MANASSU'. — Ce n'est pas la présence de votre ami qui arrête la parole sur mes lèvres... Plût au ciel qu'il en fût ainsi !... Mais, moi, vous apprendrez l'étendue de votre malheur, vous raconter cet événement effrayant et horrible !... Oh ! non ! non !... Ne m'interrogez pas !...

CARLOS. — Malheur ! Événement horrible... que dis-tu ? Manassú, je me sens suffoqué par l'angoisse que me causent tes paroles. Dis, Yará viendra-t-elle ici cette nuit ?

MANASSU'. — Non... elle ne viendra pas.

CARLOS. — Non !... Et Tayaçú ! quelqu'un l'a-t-il vu ?... est-il venu ici ?... est-il allé à la cabane de Jupaçára ?

MANASSU'. — Tayaçú n'est pas encore arrivé.

CARLOS. — Il n'est pas encore arrivé ?... Mais, alors, qui donc m'a attaqué, quand Yará devait me rejoindre ?

MANASSU'. — Tu l'ignores ? C'était... le frère de Yará !...

CARLOS. — Quoi ! Marçal est son frère ? !... Oh ! maintenant les ténèbres qui m'entouraient se dissipent... Je comprends tout !

LE MÉDECIN-MAJOR. — Commandant, vous allez aggraver votre état. Tais-toi, femme !...

CARLOS. — Parle, bonne Manassú, — j'ai besoin de t'entendre. C'était son frère !... Le barbare !... Et moi qui pouvais le tuer, Manassú... Grâce à Dieu, mon poignard ne s'est pas teint de son sang !... Après, Manassú ? !...

LE MÉDECIN-MAJOR. — Votre imprudence m'exaspère. Plus un mot, vieille !...

CARLOS. — Pardon, Docteur... Je t'ordonne de parler, Manassú. Continue. Le sort de Yará est horrible, peut-être ; ne lui aura-t-on pas fait subir tous les tourments, tous les supplices ?... ne l'auront-ils pas tuée ?... Et tout cela à cause de son amour pour un étranger, à cause de cet amour qu'elle m'a voué, qui me crée, à moi seul, le devoir de la défendre. Et que sais-tu ?... dis-moi tout... L'a-t-on chassée loin du village ? l'ont-ils frappée ? réponds. Tu hésites... tu trembles !...

MANASSU'. — Rien de ce que vous craignez n'est encore arrivé.

CARLOS. — Grand Dieu ! pourrais-je la voir ? !...

MANASSU'. — Cela me paraît impossible.

CARLOS. — Et pourquoi ? pour quel motif ? !...

MANASSU'. — Parce que des liens serrés la retiennent prisonnière.

CARLOS. — Explique-toi !...

MANASSU'. — On hâte les préparatifs pour célébrer la Fête des Crânes avec la plus grande splendeur... et Yará est la victime qui doit être immolée !...

CARLOS. — Malédiction !... Malédiction !

LE MÉDECIN-MAJOR. — Votre raison s'égaré !...

MANASSU'. — De même que deux gros nuages qui, poussés par le vent, viennent de directions opposées se rencontrer vers le point noir de l'horizon où se forment les tempêtes, et là créent les ténèbres qui obscurcissent les airs, l'éclair qui épouvante le jaguar, la foudre qui déracine les arbres colossaux : de même les deux nations, oubliant depuis quelque temps leurs haines, vont s'unir maintenant pour une guerre d'extermination et cela à cause de vous !...

CARLOS. — Ciel !

MANASSU'. — Votre amour fera couler à flots le sang des tribus, armera le frère contre le frère ; et la tête de Yará, comme le fruit mûr qui tombe du sapucaoyer <sup>(1)</sup>, tombera sur le brasier éclairant le festin de la mort.

CARLOS. — Oui... tu me parles de la Fête des Crânes ?... des Crânes, je le sais... C'est l'horreur dans l'ignominie, la cruauté dans la barbarie... Sacrifier une pauvre fille sauvage qui, à peine éveillée de son premier sommeil dans son hamac de plumes, a senti l'amour faire battre son cœur !... Une enfant resplendissante de tant de charmes, de tant de beautés !... Oh ! c'est bien l'affirmation la plus complète de la bassesse, la preuve irrécusable de la lâcheté !... Laissez-moi... laissez-moi... C'est à moi de la protéger, c'est à moi de la sauver... Laissez-moi, laissez-moi !...

LE MÉDECIN-MAJOR. — Dans votre état, commandant, ce serait folie.

MANASSU'. — Partez, bon étranger. Le fleuve, lorsque ses eaux sont grossies par les crues, entraîne, dans son courant, le jequitibá <sup>(2)</sup> qui tombe. Que les flots du

<sup>(1)</sup> Le Sapucaoyer (*Leucythis sp.*) est un grand et bel arbre, portant d'abord des fleurs roses, et, plus tard, de grandes fleurs blanches.

Son fruit, qui est énorme, et à coque très dure, contient des amandes d'un excellent goût.

<sup>(2)</sup> Le Jequitibá (*Couratari legalis*) est le géant des forêts vierges du Brésil central, au-dessus desquelles les jequitibás forment de grands dômes de verdure.





Zúñali, Frères, editores

(Laudas para a história do Theatro brasileiro) N. 53

OTHELLO, DESDEMONA & IAGO

John, Frick

JOÃO CARIANO DOS SANTOS E O THEATRO DE SHAKESPEARE

bonheur ou du malheur vous entraînent avec eux, partez...  
Sauvez-la, ou... mourez.

CARLOS. — Oui, oui, je le ferai...

LE MÉDECIN-MAJOR. — Commandant...

CARLOS. — Oui, oui... aucun obstacle ne m'arrêtera.

MANASSU'. — Allez... Les instants sont comptés, le temps vole... Faites comme lui...

CARLOS. — Mais... aide-moi à me lever... aide-moi.

LE MÉDECIN-MAJOR. — Cette imprudence vous sera fatale.

CARLOS. — Oh! je sens mes forces qui se raniment!... J'exterminerai ces sauvages, après leur avoir infligé l'humiliation de la défaite. Je sauverai mon trésor. Partout!... Mon amour pour elle me fera triompher de la barbarie, et, au mépris de ma vie, je la délivrerai des tortures et

de la mort!... Passage... faites-moi passage... (Voulant marcher, il chancelle et tombe dans les bras du médecin.)  
Oh! non... je ne puis pas... les forces m'abandonnent...  
Je ne puis pas!...

MANASSU'. — Anhangá!... Anhangá!...

LE MÉDECIN-MAJOR. — Je l'avais prévu.

MANASSU'. — Le sang coule de nouveau de sa blessure.

CARLOS, défaillant: — Tu me pardonneras, Yará!... tu me pardonneras!...

Caraybé et les Portugais rentrent. Ils se groupent autour de Carlos, à côté duquel sont Manassu' et le Médecin. La tristesse est peinte sur tous les visages. Tableau.

La scène change.

## Dixième Tableau

Montagnes et cavernes. Au pied de la plus haute montagne se trouve la cabane du vieux «Pagé». La nuit est sombre et téfie avouée. Des milliers de lucioles brillent dans l'air. On entend les cris stridents des chauves-souris, les roulements des crapauds et les jappements des catanans. Un gros singe entrait sur l'arête du cabriolet, et s'en vint, après avoir fait force grimaces

### SCÈNE IX

COMBAT DES JAGUARS

La nuit très épaisse, confuse, enveloppe de ses voiles les profondeurs de la forêt vierge.

C'est comme un temple immense, où le voyageur égaré se sent pénétré tout entier d'une crainte vague, d'une peur religieuse: il semble que l'Esprit informé de quelque mystérieuse divinité barbare, plane sur les cimes immobiles des arbres gigantesques, prêtres de ce dieu irrévélé.

Et dans les ténèbres lointaines, inaccessibles, terribles, des grondements sourds par instants viennent déchirer le silence de l'ombre et de la nuit.

Que sera-ce?

La tempête au loin qui gronde, une cataracte de blanche écume qui, se précipitant de rochers en rochers, entraîne dans son courant, à travers les ravins, des troncs entiers d'arbres séculaires!

Le cri d'une horde sauvage d'indiens!

Non, c'est le miaulement rauque et prolongé des couguars (1) qui s'appellent au fond des bois pour leurs amours terribles, pour leurs accomplissements mystiques de sphinx.

Là-bas, à travers ces pacoaires (2) où quelques feuilles se balancent, rampant à travers les herbes hautes, voit un chat-tigre, les yeux jaunes, phosphorescents, profonds comme des lumières d'étoiles: il suit quelque femelle, fugitive, ou, en embuscade, il épie, jouant sur les rameaux d'un arbutan (3), un couple de singes qui cabriolent et rient, inconscients du danger voisin.

Puis, à travers les arceaux verts des tuguaras (4), il continue sa route aventureuse.

De distance en distance, on voit son dos courbé, souple comme un jonc, sa queue noire, et luisante, qui

fouette l'air, apparaître et disparaître parmi les feuilles vertes des arbustes.

Derrière, avec un miaulement plaintif, vient une onça (5), tout au pelage fauve, qui, de bonds en bonds, saute sur un rocher: on la distingue à peine des troncs des arbres dans l'obscurité ambiante.

Elle est plus petite, mais paraît plus vive: son muse long et plat, sur lequel, en fermant les yeux, elle passe une langue rose, lui donne un air de cruauté indicible.

Mais elle se retourne. Elle a entendu quelque bruit, ou vu quelque ennemi.

C'est le long d'un arbre très haut et très lisse, un énorme serpent qui se laisse descendre, glissant en spirale autour du fût de l'arbre.

L'onça bondit et s'élançe à toute vitesse à travers la forêt fermée, pleine d'épouvante.

Le serpent touche à terre: on voit, à travers les fougères et les hautes herbes qu'il courbe sous son passage, onduler son long corps noirâtre, taché de jaune, comme une grosse liane tortueuse. La tête seule domine la marche, et, dressée en avant, ouvre par moments une gueule empoisonnée, d'où pointe un long dard fourchu.

Et le silence reprend possession de son domaine sylvestre, seulement interrompu de temps en temps par la chute d'une feuille, ou par le gémissement d'un arbre qui se balance ou se frotte à quelque autre fût incommensurable.

Mais... on entend des herbes bruissier, des branches craquer.

C'est l'onça qui revient, et qui bondit sur le rocher, d'où la crainte du serpent l'avant chassée. Elle flaire le vent, inquiète, agite les oreilles, épie de toutes parts.

Et voilà que subitement deux jaguars apparaissent. Ils se suivent, et s'arrêtent devant l'onça qui, du haut de son rocher, les domine, et tous trois s'accroissent.

Par instants on les croirait endormis, si ce n'était le mouvement nerveux, inquiet, de leurs queues, qu'ils agitent, et dont ils frappent le sol.

C'est la saison des amours, et deux mâles vont com-

(1) Le Couguar (*Felis concolor*, L.) est un grand ornamier, de la taille d'une petite lionne, que l'on connaît aussi au Brésil sous le nom de *Susurana*. Au contraire du Jaguar, il n'est pas redoutable pour l'homme.

(2) Nom sous lequel les Indiens désignaient le bananier, d'après Jean de Léry.

(3) Arbre qui fournit le bois du Brésil.

(4) Bambous du Brésil.

(5) Le Jaguar est généralement connu, au Brésil, sous le nom portugais de Onça (Once), nom fort impropre, car l'Once est un autre félin, habitant l'Asie et l'Afrique. Nous employons ici onça dans le sens de Jaguar femelle.

battre à mort pour la femelle, qui les contempera tranquillement.

En effet, après des grondements, des rugissements, des miaulements, ils commencent, les yeux enflammés, se magnétisant l'un l'autre, à se lancer des coups de griffe, qu'ils évitent adroitement.

Puis les mâles se dressent, et sautent l'un contre l'autre, s'efforçant de se prendre à la gorge; mais, dans la rapidité de leurs mouvements, dans l'élan de leurs brusques attaques et de leurs fuites, ils roulent à terre par instants, et se labourent le pelage.

Leurs cris rauques, de rage et de douleur, sont terribles, et font écho à travers les profondeurs des bois.

Enfin, après des escarmouches, où ils ne se sont arraché que des lambeaux, les deux bêtes féroces se dressent terribles, la queue sifflante, les échinés monstrueuses, le poil hérissé, les gueules sanglantes et dévoratrices, et luttent corps à corps. Sous le pelage fauve, on voit les nodosités des muscles aux puissantes attaches, qui se tendent et se rompent. Ils bondissent, se poursuivent, se reprennent, et, par moments, les rugissements de l'un sont étouffés dans le pelage de son adversaire, dans le quel il enfonce cruellement des crocs acérés.

La femelle, calme, assise sur la roche, les yeux clignotants, passe sur sa fourrure une langue rose, attendant la fin du combat, pour être l'amoureuse proie du vainqueur.

Pour eux, ils se sont pris à la gorge, l'un étreint l'autre entre ses griffes, qui le sillonnent.

Du sang jaillit, qui marbre les splendides fourrures des carnassiers.

Mais soudain, l'un fléchit avec un horrible gémissement d'agonie; l'autre, rendu plus cruel encore par le sentiment de la victoire, et par la douleur des blessures dont il est moucheté, se roule alors sur son adversaire, et, le mordant de place en place, lui déchire les chairs.

La victime se tord dans des tressaillements convulsifs, pantelante, sous le souffle embrasé de son oppresseur, qui l'achève en lui brisant la colonne vertébrale.

Elle va rouler alors sur le sol déjà maculé de grandes plaques de sang, et se débat dans les dernières affres de l'agonie, tandis que le vainqueur de cette lutte sanglante saute d'un bond sur le sommet, où la femelle, coquette et impassible, attendait l'issue du combat qui déciderait de son sort.

(L'action de la pièce continue.)

Le PAGÉ, seul (1)

Il sort lentement de sa cabane et, arrivé sur le devant de la scène, regarde les montagnes. — *Sourdiste à l'orchestre.*)

LE PAGÉ. — C'est ici la solitude. C'est ici le lieu d'où le vieux Pagé, dont la main affaiblie ne peut déjà plus tendre la corde de son arc pour donner à la flèche l'impulsion rapide, invoque les Génies des forêts, et sonde les destinées des hommes. Déjà la moitié de la nuit s'est écoulée: les fleuves, chauffés par les feux souterrains, envoient leurs vapeurs épaisses dans l'espace, et ces fumées, comme des milliers de fantômes, traversent les vallées, s'élèvent sur les versants des montagnes, se groupent aux plus hauts sommets des rochers, et vont fermer les paupières des étoiles qui éclairent de leurs scintillations les monts et les vallées. La moitié de

(1) Les Pagés ou Sorciers, que Jean de Léry appelle *Caraïbes*, prétendaient avoir des communications avec les Génies.

la nuit s'est écoulée. C'est l'heure où les rêves sombres viennent couvrir de leurs noires ailes le hamac de l'indien, où, dans les forêts, les âmes en peine font entendre leurs gémissements plaintifs sous les épais ombrages, où les jaguars poussent leurs rugissements, les *Cáporás* appellent par leurs cris stridents tous les monstres qui recherchent les ténèbres, toutes les sorcières pour leurs banquets repoussants et mystérieux. Dormez, vautours, près de la source des fleuves aux torrents impétueux; reposez-vous, sorcières, et suspendez vos enchantements; arrêtez-vous au milieu des sentiers, ombres qui semez l'épouvante sur le chemin que suit le voyageur... Dormez, reposez, arrêtez-vous, car ma voix, comme le rapide qui, bondissant de roche en roche, porte ses eaux aux lieux les plus éloignés, va se faire entendre de tous les oiseaux de la nuit, de tous les Génies des forêts, de tous les êtres mystérieux qui habitent sous ce ciel aux profondeurs effrayantes... (Il monte au sommet du rocher le plus élevé, et ouvrant les bras:) Génies des rochers, qui laissez tomber de vos épaules éternelles un lourd manteau de granit, Êtres mystérieux qui habitez les fleuves et qui, de vos reins vigoureux, soulevez le courant de leurs eaux... Esprit de la Terre, qui portez sur votre tête la corbeille toujours verdoyante des forêts... Ô nuit, qui dormez au sein des vapeurs épaisses, qui portez sur votre front le croissant d'or, qui avez à vos pieds le hibou et les oiseaux sinistres, je vous conjure... apparaissez!... Courbez-vous sous le pouvoir que m'a donné Anhangá... Je vous l'ordonne... venez... apparaissez!... (Les Esprits surgissent des montagnes; et des cavernes, qui vomissent du feu, sortent des bandes de *Cáporás* (1) et des Monstres qui peuplent la scène.) Dans quelques instants, la grande Fête des Crânes va être célébrée. C'est la commémoration la plus solennelle de notre tribu!... Et vous, — ô Génies! — symboles d'une nature vierge, symboles de la Force, vous devez vous y trouver tous réunis... Que la Mer porte au loin, sur ses flots, la renommée de nos combats!... Que la Terre, arrosée du sang des victimes, devienne plus féconde!... Que les Montagnes multiplient leurs dangers au milieu des ténèbres!... Sillonnez les nués, éclairs perdus dans l'espace! tombez, foudre qui dormez au sein des nuages! déchaînez-vous, tempêtes, qui donnez l'eau aux sources de toutes les collines et faites grossir le courant de tous les fleuves!...

(Éclats de tonnerre et coups de foudre. Musique bruyante et caractéristique, exécutée seulement par des instruments à cordes. — Les *Cáporás* forment une ronde fantastique, en chantant.)

CHOEUR

La résine rend plus ardentes  
Les flammes éclairant la nuit;  
Pressons nos danses haletantes,  
Le temps s'enfuit!...

A nous les entrailles fumantes,  
Des corps que réclament nos cris,  
Les âmes s'envolent errantes  
Aux colibris!...

(Les Esprits s'élèvent sur le sommet des montagnes, les *Cáporás*, au bruit de la musique, se perdent dans l'espace.)

La scène change.

(1) Génies des forêts, très malfaisants.

## Onzième Tableau

*Une forêt sombre, fertile, verte. Au milieu, un grand bâcher; derrière, un poteau.*

## SCÈNE X

JUPYACARA, INHYCABA, GUYRA-YCA, TAPAJARA et MON-CARAHIM, à droite; CURURUPÉBA, ASSU-ASSUM, CA-JOBY, ITATAGIBA, KYRIRIM-O, à gauche; YOURÉ-YVA, près du bâcher; DES INDIENS DES DEUX SEXES ET DES DEUX TRIBUS, tenant des torches allumées, garnissent le front et les côtés de la scène.

CURURUPÉBA. — Déjà depuis longtemps la nuit, montant du fond des ravins, a atteint la cime des rochers; la solitude est profonde. Les étrangers dorment dans leur campement, l'Indien veille dans la forêt, défiant les colères de Tapan. C'est l'heure de la vengeance! Le jaguar rugit dans les bois touffus et le boa, descendant des montagnes, rampe le long de leurs versants escarpés. Le «oytibó» fait entendre ses coassements. C'est l'heure de la vengeance!...

Tous. — Vengeance!

CURURUPÉBA. — Chef de la nation Guarany, attendez-vous encore quelqu'un des vôtres?... Tous ceux que vous avez convoqués sont-ils présents?...

JUPYACARA. — Tous... Sont-ils aussi présents, tous les guerriers de vos forêts, vient cacique des Aymorés?

CURURUPÉBA. — Aucun ne manque... Cette seule place que vous voyez vide, en tête de leurs rangs, est celle du vaillant Tayaçú. Tayaçú est le tereur des étrangers. Tayaçú est le fiancé de l'Indienne coupable et, s'il n'est absent, c'est qu'il n'a pas encore vaincu les blancs. Mais Tayaçú crie vengeance et la vengeance veut du sang.

Tous. — Guerre!

CURURUPÉBA. — Cent fois déjà le flambeau du jour a éclairé de sa lumière les montagnes et les vallées et cent fois déjà il s'est éteint, sans que nous ayons eu la joie de voir parmi nous le vainqueur des blancs. Mais l'affront veut du sang et nous ne voulons pas tarder plus longtemps à le répandre.

Tous. — Guerre!...

CURURUPÉBA. — Tayaçú absent, c'est moi qui le représente dans cette terrible mission de venger l'offense qui lui a été faite, à lui le brave des braves, la terreur des blancs.

LES AYMORÉS. — Oui... oui!...

CURURUPÉBA. — Ma voix vaudra, donc, deux voix.

LES AYMORÉS. — Oui... Oui...

INHYCABA, avec intention: — ... Vaudra deux voix!...

JUPYACARA, calme, mais avec tristesse: — C'est juste... et j'allais moi-même proposer que la voix du cacique des Aymorés compte double... CURURUPÉBA, avec une comptant votre fils que vous représentez, nous sommes en nombre égal.

CURURUPÉBA. — Récevez-vous quelqu'un de ma tribu?

JUPYACARA. — Personne... Et vous?...

CURURUPÉBA. — Oui...

JUPYACARA. — Qui?

CURURUPÉBA. — Votre fils...

INHYCABA. — Moit!...

CURURUPÉBA. — Oui... Déjà, tu n'es plus des nôtres. Toi qui parles des croyances des autres peuples, c'est que tu as oublié les nôtres, que nos pères nous ont transmises et que nous transmettrons intactes à nos fils. Réprouvés: pour qui seras-tu, ici? pour les nôtres ou pour nos ennemis?...

INHYCABA, immobile, fixe son père.

JUPYACARA. — Hésiterais-tu, par hasard?!

INHYCABA. — Pour les nôtres.

CURURUPÉBA. — Jure le!

INHYCABA. — Par Tapan!...

JUPYACARA. — Acceptez-vous maintenant mon fils!...

CURURUPÉBA. — Je l'accepte.

JUPYACARA. — Nous sommes prêts...

CURURUPÉBA. — Yuré n'est pas présente!...

JUPYACARA. — Elle le sera bientôt.

CURURUPÉBA. — Délirions... et malheur à qui tremblera! Yuré-ya, prévenons-nous au moindre bruit... Nous sommes entourés de vils espions qui vont tout raconter aux blancs et nous pourrions à tous moments être surpris. Va!... (Yuré-ya sort.)

## SCÈNE XI

*Les mêmes, moins Yuré-Yca*

CURURUPÉBA. — Vengeance!...

LES AYMORÉS. — Même au prix de torrents de sang!...

JUPYACARA. — Vengeance!...

LES GUARANY. — Même au prix de torrents de sang!...

CURURUPÉBA. — Jurez à Tapan que vous serez inflexibles comme le «jequitibí» des furêts, terribles comme le jaguar des montagnes!...

Tous, jurant: — Par Tapan!...

CURURUPÉBA. — Bandez vos arcs! (Tous bandent leurs arcs et se tiennent prêts comme pour tirer.)

LES AYMORÉS. — Nous sommes prêts.

JUPYACARA. — Les miens ont imité les vôtres...

CURURUPÉBA. — Commençons...

JUPYACARA. — Commençons... Déjà les ombres sont descendues plus noires dans l'épaisseur de la forêt et déjà trois fois le «oytibó» a fait entendre son coassement dans les gorges de la montagne...

CURURUPÉBA. — Sang!...

Tous. — Sang!... Sang!...

CURURUPÉBA. — Evoquons Tapan. (On jette de la résine dans le foyer, qui répand une clarté rougeâtre. — La toile du fond se lève. Même décor qu'au Tableau antérieur. Montagnes et cavernes. Obscurité profonde. Le Pagé apparaît au sommet du plus haut rocher et fait des passes magiques avec un serpent phosphorescent. — Les Esprits reparaissent; les «Guáparás» et les Monstres sortent de leurs cavernes et dansent autour du brasier, en chantant.)

## Douzième Tableau

*Montagnes et cavernes.*

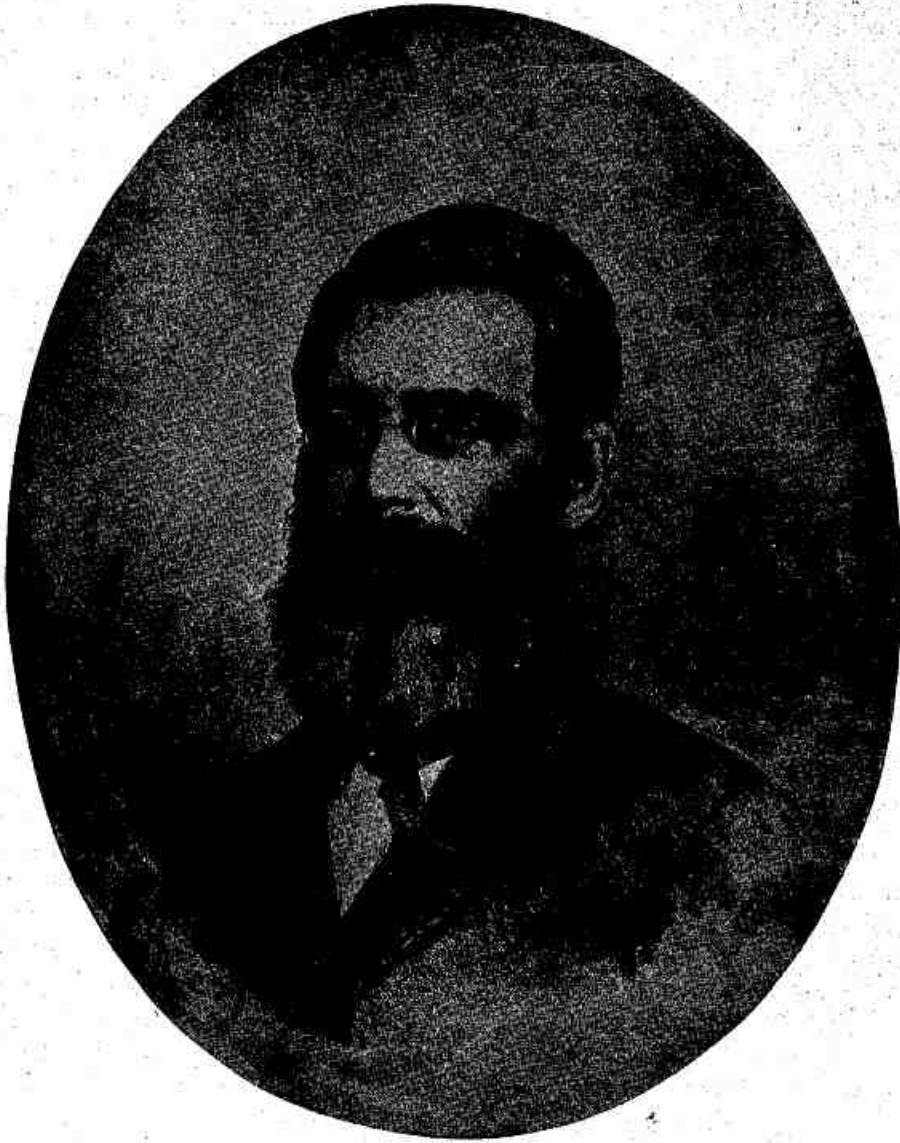
## SCÈNE XII

*Chœur des Monstres et des «Caáporás»*

La résine rend plus ardentes  
Les flammes éclairant la nuit;

Pressons nos danses haletantes,  
Le temps s'enfuit!...

A nous les entrailles fumantes  
Des corps que réclament nos cris...  
Les âmes s'envolent errantes,  
Aux colibris!...



CONSELHEIRO JOSÉ MARTINIANO DE ALENCAR

\* n. 1º de maio de 1829, em Alagadiço Novo (Macejara), a dez kilometros da cidade da Fortaléza, capital do Ceará (Brazil); e † no Rio de Janeiro, onde residia, a 13 de dezembro de 1877.

Suas obras de theatro são: *O Demônio familiar*, comedia em 4 actos; *O Rio de Janeiro verso e reverso*, comedia em 2 actos; *As asas de um anjo*, comedia em 4 actos; *O Credito*, comedia em 5 actos; *O Jesuíta*, drama em 4 actos; *A Mãe*, drama em 4 actos; *A expiação*, comedia em 4 actos; *A noite de S. João*, opereta em 2 actos.

## Troisième Tableau

Même décor qu'au onzième Tableau

## SCÈNE XIII

(Ils se dispersent dans l'espace. — La toile du fond tombe et la scène continue.)

GUYRA-ÔGÔ, s'avançant. — Contre qui se dirigent nos colères ?

COROPARA, s'avançant également. — Contre Yarú, la fille du cacique des Guaranys.

GUYRA-ÔGÔ. — Qui l'accuse ?

CURURUPÉBA. — Tayagú, le fort des forts !... Tayagú, la terreur des forêts... Tayagú, le vainqueur des blancs !...

COROPARA. — Pour quelle trahison devons-nous la punir !...

CURURUPÉBA. — Pour avoir aimé l'étranger, pour avoir souillé le symbole de la virginité qu'elle avait donné à Tayagú, la terreur des forêts ! le vainqueur des blancs ! le fort des forts !

LES AYMORÉS. — Guerre !...

LES GUARANYS. — Guerre !...

CURURUPÉBA. — Evoquons Tapan, pour qu'il envoie la mort certaine à chaque vol de la flèche des vaillants. (On jette de la résine dans le brasier, qui s'allume de flammes de diverses couleurs. — A ces lieux sauvages la scène précédente se reproduit ; la toile de fond remonte. Le Pagé, agitant le serpent phosphorescent, évoque les Esprits.)

## Quatorzième Tableau

Montagnes et cavernes.

## SCÈNE XIV

Chœur des Monstres et des Ciaporas

La résine rend plus ardentes  
Les flammes éclairant la nuit ;  
Pressons nos danses haletantes,  
Le temps s'enfuit !...

A nous les entrailles fumantes  
Des corps que réclament nos cris...  
Les âmes s'envolent errantes  
Aux colibris !

(Ils se dispersent ; la toile tombe et la scène continue.)

## Quinzième Tableau

Même décor qu'au troisième Tableau

## SCÈNE XV

ITATAGIBA. — Entendons la fille de Juyacará.

TAPEJARA. — Qu'elle se défende d'avoir aimé l'étranger !

KURIBYM-O. — Condamnons-la.

LES AYMORÉS. — Guerre !

MONÇARAHIM. — Qu'elle meure si elle a souillé le symbole de la virginité !...

LES AYMORÉS. — Guerre !...

GUYRA-ÔGÔ. — Qu'elle se défende !...

TAPEJARA. — Qu'elle meure si elle a aimé l'étranger !

LES AYMORÉS. — Guerre !...

LES GUARANYS. — Guerre !

JUYACÁRA. — Que les plumes du toucan (1) soient envoyées dans nos forêts et que le moment du combat arrive rapide comme l'élan du tapir !

CURURUPÉBA. — Frères, familles, alliés des deux tribus, écoutez-moi !... Déjà vingt fois Yipé (2) a vu tomber ses fleurs d'or depuis que ces mêmes forêts ont célébré une fête comme celle-ci, où les deux races ont juré de se faire une guerre éternelle, une guerre d'extermination. Après cette fête, les étrangers ont dévasté nos

villages et les blancs ont compté leurs triomphes par le nombre de leurs combats. Non pas que l'ennemi soit venu à bout de nous effrayer... Oh ! non ! par Tapan, non ! La soif du sang que nous ressentons depuis ce moment est plus ardente que celle des forêts quand le soleil roussit les feuilles ; mais la nuit arrive et la rosée tombe du ciel ; et avec la rosée qui tombe, les arbres reverdissent. Cependant, notre soif de sang ne s'apaise pas même avec le sang ; elle croît toujours plus irrésistible que le courant des fleuves rapides, plus violente que la chute des cascades profondes. Mais c'est que les blancs portent avec eux l'arme qui vomit le feu (3) et que nous, qui ne craignons pas d'affronter l'ennemi bras à bras, poitrine contre poitrine, nous avons fui devant leur tonnerre. Plus tard, nos Pagés ont décidé qu'il fallait faire trêve à nos continuelles luttes, qu'il devait y avoir alliance entre nous. Pour rendre plus mémorable ce jour solennel, pour resserrer davantage nos relations, nous avons résolu de célébrer une union, conformément à nos rites, entre la fille du cacique Juyacará et mon fils, la terreur des forêts, le vainqueur des blancs. Les paroles des anciens de la tribu sont arrivées à nos oreilles sans interruption, et leur écho ne résonne-t-il pas encore dans notre mémoire ?

LES AYMORÉS. — Oui...

JUYACÁRA. — Qui...

(1) Pour se déclarer la guerre, les Indiens allaient, la nuit, lancer dans un village de la tribu qu'ils voulaient combattre, une flèche garnie de plumes jaunes de Toucan (*Ramphastides*) et de grains noirs.

(2) Voir p. 818, col. 2<sup>me</sup>, note 1.

(3) Le mousquet.



CURURUPÉBA. — LA, attachée à ce poteau, est Yará, la Potira (\*) des Guarany, accusée d'avoir souillé le *peracó*, symbole de la virginité. Evoquons Túpán, pour qu'il fasse déborder dans nos cœurs la colère et la vengeance!... On jette de la résine dans le brasier, qui s'allume de flammes bleues. Les Indiens courbent la tête en poussant des cris sauvages. La toile de fond remonte et l'on voit le Pagé qui, agitant le serpent, invoque les Esprits. — Répétition de la danse et du chœur.)

TOUS. — Túpán!... Túpán!... (La toile de fond retombe.)

CURURUPÉBA. — Es-tu Yará, fille du cacique Jupyacára?

YARÁ. — Je suis Yará, fille du cacique Jupyacára.

CURURUPÉBA. — Es-tu Yará, la fiancée de Tayaçú, la terreur des blancs, le brave des braves?

YARÁ. — Je suis Yará, la fiancée de Tayaçú, la terreur des blancs.

CURURUPÉBA. — Sais-tu, Yará, fille des Guarany et fiancée du vaillant Tayaçú, que le symbole de ta virginité a été confié à Tayaçú, le vainqueur des blancs?

YARÁ. — Yará l'ignorait.

CURURUPÉBA. — Tu mens!

INHÏÇARA. — Yará ne ment pas; ce qu'elle dit est la vérité.

JUPYAÇARA. — Tais-toi, — laisse-la répondre; les questions qui lui sont faites, sont justes.

YARÁ, tournant ses regards vers Jupyacára et d'une voix tremblante. — Père!...

JUPYAÇARA, lui montrant Cururupéba. — Voilà celui qui t'interroge... Je n'ai qu'une voix, et, tu dois le prévoir, elle sera contre toi.

CURURUPÉBA. — Fille du cacique Jupyacára, tu mens à la vérité; tu mens à tes juges. Tu ne pouvais ignorer que le symbole de ta virginité était déjà engagé. Cet engagement a été précédé d'une fête splendide, dans laquelle nous avons bu à longs traits le sang ennemi.

JUPYAÇARA. — Ne continuez pas. Vous l'interrogez sur un fait dont je suis, moi seul, responsable. Tout a été mon œuvre, mon œuvre seule. C'est à moi par conséquent de répondre pour elle; demandez-lui compte de ses actes, demandez-lui si elle a aimé l'étranger... c'est là tout son crime... mais ne ravivez pas mes regrets, car vous ne pouvez comprendre les souffrances et les tortures de mon âme, souffrances et tortures malgré lesquelles je viens, obéissant à nos usages, assister à la plus solennelle de nos fêtes.

COROPÍARA. — Vous avez raison.

CURURUPÉBA. — Fiancée de Tayaçú, femme parjure... écoute et tremble; car si tu mens, Anhangá t'enverra ses plus horribles tourments. Ecoute!... Ton silence sera l'aveu de ton crime. (Aux Indiens:) Et vous... écoutez... écoutez tous!... (A Yará:) Réponds: t'es-tu abandonnée aux caresses de l'étranger?... (Yará demeure impassible.)

TOUS, moins Jupyacára et InhÏçara. — Elle ne répond pas!... (Silence profond.)

CURURUPÉBA. — La haine pour les tiens, pénétrant dans ton cœur comme un essaim d'oiseaux de nuit, t'aurait-elle rendue parjure à nos usages?... Les Génies méchants de nos cabanes auraient-ils laissé tomber de leurs ailes la poussière qui a aveuglé ton âme et l'a fait s'ouvrir aux sentiments d'une passion coupable?... (Yará reste silencieuse. Pause.)

TOUS, moins Jupyacára et InhÏçara. — Elle ne répond pas!... (InhÏçara observe les mouvements de Jupyacára.)

CURURUPÉBA. — Parle... parle... ou plutôt... non... ne parle pas, car ton silence est plus expressif qu'un aveu. Tu viens de le reconnaître; tu viens de l'avouer

que, insensée, tu as tout foulé aux pieds, tout, jusqu'à l'amour pour les tiens, pour l'abandonner à celui que tu devais haïr, car nous le haïssons, que tu devais fuir, car nous l'abhorrons. (Jupyacára tremble, et, d'un mouvement involontaire, brise la flèche qu'il tenait entre les mains, puis la lance à terre avec un geste de colère.)

JUPYAÇARA. — Réponds, Yará!...

TOUS. — Parle!...

YARÁ. — Votre fille, mon père... Votre fille aime encore l'étranger!...

TOUS. — Oh!...

YARÁ. — Ecoutez-moi, mon père... Le papillon doré voltige sur la fleur qui ouvre son calice dans les prairies silencieuses et s'enivre de son miel et de ses parfums. Il en a été ainsi de mes regards... Ils sont tombés sur le front de l'étranger et je me suis enivrée au charme de ses caresses, aux parfums de son amour plus pénétrants que les senteurs embaumées de la forêt... Je l'ai aimé. La *palatava* qui tombe de la branche est dévorée par le serpent. Comme la *palatava* (\*), je suis sans défense... tuez-moi... tuez-moi... Quand le *guanumby* (\*), voltigeant sur les buissons touffus, viendra chercher mon âme au milieu du calice parfumé des fleurs pour la transporter bien loin, dans les autres mondes, vers les montagnes bleues qui sont infinies; là-bas, du moins, je serai plus heureuse, car je me souviendrai de vous sans effroi, de vous qui voulez nous séparer dans la vie et dans la mort. Mon père, j'aimerais toujours l'étranger!...

CURURUPÉBA. — Vous l'entendez!...

JUPYAÇARA. — Toi qui me convres de honte, comme les ombres à la chute de la nuit couvrent les vallées et les montagnes, Yará, tu vas mourir sous mes coups!... (Il arme son arc. InhÏçara se place devant lui. Yará présente sa poitrine.)

CURURUPÉBA. — Que faites-vous, cacique Jupyacára?... Yará ne vous appartient plus; c'est à nous qu'elle appartient, car c'est à nous qu'a été fait l'affront.

JUPYAÇARA. — Vous avez raison. (Il reste triste et pensif, le bras appuyé sur son arc.)

CURURUPÉBA. — Coropiára, donne-nous le sang ennemi, — que nous le buvions. Le sang de l'étranger est comme le « canhim » (\*). Il augmente la valeur du brave, il dissipe ses noires pensées, et, inspirés par lui, nos chants de guerre sont plus brillants que les plus vives couleurs de tous les oiseaux, plus fiers que les *pecaris* (\*) traversant en troupe la forêt: donne-nous le sang ennemi, que nous le buvions! Que ce breuvage allume le courage dans nos âmes et rende nos cœurs inaccessibles à la pitié. (Coropiára distribue les crânes humains, Itatagiba les remplit de sang contenu dans un vase grossier. Cururupéba levant un crâne.) C'est là le breuvage le plus digne de nos fêtes... Buvons.

TOUS. — Buvons!...

CURURUPÉBA. — C'est du sang!...

TOUS. — Buvons!...

CURURUPÉBA. — C'est le sang du vaincu... c'est la liqueur qui nous rend inflexibles.

TOUS. — Buvons!... (Ils boivent joyeusement.)

(\*) Petit passereau (*Fringilla plumbea*), un des meilleurs oiseaux chanteurs du Brésil.

(\*) Dans les croyances des Indiens, après la mort d'un enfant ou d'une jeune fille, son âme allait dormir dans le calice d'une fleur, jusqu'à ce qu'un *guanumby* (oiseau-mouche) la puisât avec le nectar de cette fleur. L'âme, alors réveillée, prenait son vol jusqu'au delà des montagnes bleues, où elle trouvait le bonheur sans fin.

(\*) Voir p. 823, 2<sup>ème</sup> col., note 1.

(\*) *Picari*, en portugais *Queimada*, est le nom indien du *Dicotyles labiatus*, la plus grande espèce de Porc sauvage du Brésil. Les *Pécari* vont toujours en grandes troupes; leurs mœurs sont très agressives et leur chasse n'est pas sans danger pour l'homme et même pour le jaguar. Le *Caeté* appartient à la même famille.

(\*) La Fleur, tel est le sens du mot indien Potira.





JOÃO CARDOSO DE MENEZES E SOUZA

(PARÃO DE PARANÁPIAGABA)

Nasceu em Santos, na então Província (hoje Estado) de São Paulo, em 25 de Abril de 1827. Bacharelou-se em Sciencias Jurídicas e Sociaes, na Academia de São Paulo, em 1845.

Foi nomeado, em 1847 (no seu quinto anno juridico), professor da cadeira de Historia e Geographia do Lyceô de Taubaté, depois de approvado em concurso, regendo essa cadeira até 1852.

Em Outubro de 1857, Souza Franco propô-o á Corôa para ajudante do Procurador Fiscal do Thesouro, passando a Director Geral do Contencioso em 1870 e aposentando-se n'esse cargo em Janeiro de 1890.

De sua enorme bagagem litteraria, deu ao prelo, até hoje, para o theatro, as traducções poeticas da:

- I. — *Autullaria*, comedia de Plauto, publicada em 1886;
- II. — *Promethes acorrentado*, tragedia de Eschylo, 1907;
- III. — *Alceste*, tragedia de Euripides, em 5 actos, 1906;

estando em via de publicação as versões da:

- IV. — *Antigone*, tragedia de Sophocles;
- V. — *As Nuvens*, comedia de Aristophanes, que virão á luz até fins do anno de 1909.

**CURURUPÉBA, avec explosion :** — Dites-le : à quelle peine condamnez-vous l'amant de l'étrangère ?...  
**Tous.** — A mort !...

**CURURUPÉBA.** — Fiancée perfide, jette tes regards vers Ambagu, car nous allons nous venger... C'est Tavacú, dont tu as trahi la foi, qui te tue ! *(Il arme son arc.)*

**INHYCÁEA, se plaçant devant Yará :** — Attendez !... *(Jupyaçara, d'un mouvement instinctif, arme aussi son arc et vise Cururupéba. Les Indiens, Aymorés et Guarany, apportent leurs armes et se disposent au combat.)*

**JUPYAÇARA.** — Vous connaissez tous cet arc qui m'a été donné par mon père, le vieux guerrier ; par mon père dont le cou était orné de cinq colliers faits avec les dents des vaincus... Vous connaissez cette flèche ?... Elle a la plume du combat, la plume rouge du *Tié*... Cette flèche, mon père l'a confiée à mon courage. Aucun oiseau de ces forêts, quelque puissant que fût son vol, ne s'est élevé plus haut qu'elle, lorsqu'elle était lancée par son bras robuste ; aucun ennemi, quelque rapide que fût sa fuite, n'a jamais pu trouver un abri assez éloigné où elle n'allât lui porter la mort. Vous n'avez pas pensé, ô braves, que le fils de celui qui, ses jours achevés, a disparu à tous les yeux pour aller revivre dans d'autres mondes les souvenirs de ses combats et de ses gloires, ne saura pas être plus implacable que le jaguar, quand il le croira nécessaire. Mais c'est Yará qui est accusée devant votre tribunal, et Yará est ma fille. Le cède, quand il tombe, évite quelquefois d'écraser l'arbrisseau dans sa chute, car l'arbrisseau est faible et sans défense... Faites comme le cède, vaillants guerriers... épargnez Yará.

**CURURUPÉBA, furieux et brandissant son arc.** — Trahison ! *(Curopiára, Itatagira et Kyrixom.)*

**CUROPIÁRA, ITATAGIRA et KYRIXOM.** — Trahison !  
**LES AYMORÉS.** — Trahison ! *(Inhyçara se place devant Yará pour la défendre.)*

**JUPYAÇARA.** — Celui qui ne garde pas le corps du vaincu pour le jour du festin dans son village, celui qui tue le guerrier courageux qu'un concours de circonstances fatales a fait tomber entre ses mains, et qui, non content de l'avoir tué, foule encore aux pieds son cadavre... celui-là est un lâche ! Et vous êtes un lâche, Cururupéba aussi.

**CURURUPÉBA.** — Oh !...  
**JUPYAÇARA.** — Le vieux guerrier qui n'a jamais lancé la flèche sans que le sifflement de la mort volât devant elle plus rapide encore que ses ailes, vous n'avez pas craint de le frapper au cœur en prononçant l'arrêt de mort de sa fille !... Vous avez fait courber son front sous vos offenses, comme les branches du goyavier (\*) sous le poids des fruits... et cela, sans pitié pour ses affections les plus chères... Mais, quand le père se montre, le guerrier disparaît !

**CURURUPÉBA, aux Aymorés :** — Vous l'entendez ? !...  
**JUPYAÇARA.** — Si l'amour du père parvient à armer le bras du guerrier, vous serez frustrés dans vos desseins...

**CURURUPÉBA, aux Aymorés :** — Vous l'entendez ? ! !  
**JUPYAÇARA.** — Voici trois cueillettes de noix d'acajou que les « Pagés » et les vieilles devineresses ont prophétisé dans les grottes de nos montagnes, qu'un grand événement allait s'accomplir entre nos deux nations... Qui sait si ce jour ne va pas être celui où cette prophétie commencera à se vérifier, car je m'oppose à votre cruauté !...  
**CURURUPÉBA.** — Trahison !

**LES AYMORÉS.** — Trahison !

**JUPYAÇARA.** — Ecoutez moi... Personne ne manque à cette réunion... Les flammes du brasier éclairent de lucurs les enfants et les vieillards, les fiancées et les guerriers assemblés pour la Fête des Crânes. Il faut que le sang coule, qu'il coule plus abondant que les eaux du fleuve débordant sur les rives, et que ses vapeurs montent vers Tapan, comme les hommages que lui portent les voix bruyantes des rapides !... *(Dominant la scène.)* Braves guerriers, le moment est venu où nos flèches doivent obscurcir les airs comme un vol épais d'ants (1) obscurcit l'azur transparent du ciel. Au combat !... Mais avant tout, il faut que ma fille soit punie et je vais la punir. Approche, femme coupable et perfide, qui as mis la honte sur nos fronts et une douleur éternelle dans nos âmes... Approche et écoute... A l'ombre de cet embahya (2) qui s'étend, au loin, repose *Vyçacaba* (3) de ta mère ; que l'embahya protégeant cette sépulture de son ombre, te refuse un abri !... Tu entends la chute des cascades qui, roulant d'abîme en abîme, vont se perdre dans le sein des fleuves ? que les cascades te refusent leur eau !... Tu vois ces étoiles dont la clarté, au milieu des nuits, veille sur le sommeil de l'indien endormi sur la crête des rochers ? que les étoiles te refusent leur lumière !... Va ! quand la biche des forêts devient la proie du boa qui l'entace de ses replis, le boa la caresse avant de la dévorer. L'étranger l'attend avec ses embrassements qui timent. Enivre-toi du poison de ses paroles ! Réchauffe ton corps, mont à notre affection, au feu presque éteint de ses passions qui asservissent... Et quand la tristesse et les chagrins envahiront ton âme, plus rapides et plus serrés que les eaux du ciel inondant les prairies pendant une pluie d'orage, quand tu sentiras ton cœur étouffé par le malheur, rappelle-toi alors la cabane de ton père, le fleuve qui arrose nos villages, les arbres auxquels tu suspendais ton hamac... et pleure ! et pleure !

**YARÁ.** — Mon père !...

**JUPYAÇARA.** — Et tu pleureras toujours, mais en vain, car les larmes que la malédiction fait couler des yeux ne rendent que plus fertile le champ de l'infortune... Va, malheureuse !... va !... Et sois maudite !... A vous, maintenant, chef des Aymorés !...

**GUATUPÉBA, s'interrompant :** — De même que le fruit vacille à la branche du sapotillier (4), lorsque les vents fouettent de leur souffle déchaîné le tronc de l'arbre, de même votre raison, ô brave chef des Guarany, vacille au choc de tant de sentiments divers. Le tamanoir (5) poursuit le jaguar qui a tué son petit et le déchire de ses griffes... mais la vengeance n'a pas calmé sa douleur... Pensez-vous, ô font des fonts, que le bannissement de votre fille suffira à amener la consolation et l'oubli dans nos villages ? Oh ! quelle folie est la vôtre !...

(1) L'Ant (Crotaphaga) est un oiseau d'un plumage noir métallique, très commun dans les prairies du Brésil.

(2) *Cecropia peltata*, grand arbre des forêts du Brésil, dont les branches imitent la forme de bras de candélabre.

(3) Grand vase en poterie, où les Indiens avaient coutume d'enfermer les morts.

(4) *Sapota achras*, connu au Brésil sous le nom indien de Sapoti, ainsi que son fruit, qui est délicieux.

(5) Fourmillier (*Myrmecophaga jubata*). Le mot tamanoir est une légère corruption de l'indien *tamanaco*.

Les pieds du tamanoir sont armés d'ongles longs et recourbés, à l'aide desquels il démolit les fourmillières, et sa force musculaire est énorme.

C'est un animal tout à fait inoffensif, mais quand il est attaqué ou menacé par le jaguar ou un autre carnassier, il évadé facilement au moyen de ses griffes puissantes.

(\*) Le *Tié* est un passereau de couleur rouge vif, d'où lui vient son nom vulgaire de *Tiéfego* (couleur de feu). Son nom scientifique est *Rampho celus brasilia*.

(\*) *Psidium Guynana*, arbuste à fruits excellents (GOYABE, GOIABA), très commun dans les forêts du Brésil.



NÍCIA SILVA

CANTORA BRAZILEIRA (\* NA CIDADE DE S. PAULO, ESTADO DE S. PAULO, BRAZIL).

SOPRANO LIGEIRO

Começou o curso de canto no Instituto Nacional de Música do Rio de Janeiro a 4 de abril de 1898, e terminou-o em 23 de dezembro de 1901, obtendo o 1º premio em concurso. Discípula de Luiz Gilland.

JUPYACARA. — Vous vous trompez. Ne vous le rappelez-vous pas ?... Souvent déjà la lune a allumé ses pâles clartés derrière ces montagnes, souvent les fleurs sont tombées des branches des cajouiers, depuis qu'un pacte a été fait entre nous, en présence des matrones les plus vénérées de ce village, de celles qui sont choisies pour préparer le poison dans lequel nous trempons nos flèches. Celui qui a été garant de ce pacte, c'est Jupyacára, c'est moi. Le *peracorá*, gage de la virginité, cet ornement des vierges, fait des plus belles plumes du « toucan », c'est moi qui vous l'ai remis, c'est moi qui l'ai donné à votre fils comme un symbole d'alliance entre nos deux peuples. Ne vous en souvenez-vous pas ?... Que votre vengeance retombe sur moi, car je suis l'unique coupable... Le rocher qui s'élève au milieu des mers porte haut son front sans crainte des éclairs qui sillonnent l'espace, et semble défier la foudre... Jupyacára, comme le rocher, méprisant les vagues qui viennent se briser à ses pieds, se rit de vos colères et vous défie !...

CURURUPÉBA. — Insensé !...

JUPYACARA. — Et ces liens, dont les poignets de ma fille conserveront longtemps les empreintes comme nos canots conservent la trace du feu qui les a creusés, je les brise... (Il défait précipitamment les liens qui attachent les poignets de Yará.)

TOUS. — Arrêtez !...

CURURUPÉBA. — Téméraire !...

JUPYACARA, levant triomphalement en l'air les liens de Yará : — Et pour soulager ma colère, je te les jette à la face... (Il les lance à la figure de Cururupéba.) Et vous, qui n'avez eu que dédains pour mes vieux ans, vous qui avez foulé aux pieds la renommée que j'ai acquise dans les combats, vous qui, cherchant à me couvrir d'opprobre, avez profané tous les récits que l'on conte sur mon passé. Je vous envoie mon mépris et de nouveau je vous provoque.

CURURUPÉBA. — Oh !...

JUPYACARA. — Je vous prends tous à témoin de mes paroles. Yará n'est plus la fiancée de Tayacú, et la promesse que, moi, son père, j'ai faite au chef des Aymorés, je la retire. C'est du sang qu'il veut ?... Au combat !... Au combat !... Et que le sang coule plus rapide que les brises qui se perdent dans l'infini des forêts, plus abondant que le torrent qui tombe des cataractes !...

CURURUPÉBA, tremblant de colère : — Oui... que le sang coule plus rapide que les brises qui se perdent dans l'infini des forêts, plus abondant que le torrent qui tombe des cataractes !...

TOUS. — Au combat !...

CURURUPÉBA. — Vengeance !...

LES AYMORÉS. — Vengeance !...

JUPYACARA. — Le vieux jaguar de la solitude protégé, à l'ombre de ses griffes, la victime que vous avez laissée échapper et dont vous voudriez reprendre la piste. Le jaguar, c'est moi, qui vous parle. (Montrant Yará :) La victime, la voici... et je vous défie de me l'arracher.

CURURUPÉBA. — Au combat !...

LES AYMORÉS. — Au combat !...

### LE CARNAGE (1)

CURURUPÉBA-ASSÚ-ASSÚM, d'un air joyeux, fait un signe à ses guerriers. Les Guarany, commandés par Jupyacára, s'avancent les premiers. Confusion. Le combat commence. La mêlée devient générale. Inhyçára défend sa sœur. Jupyacára les défend tous les deux.

Le retentissement des massues, le sifflement des flèches se confondent avec les cris sauvages des combattants et les gémissements plaintifs des blessés. Les uns bran-

dissent leurs *tacapes* (1), les autres lancent leurs flèches ; d'autres, luttant corps à corps, se déchirent de leurs ongles et roulent par terre enlacés. Sur toute la scène, enfin, le désordre et la lutte barbares.

C'est Cururupéba-assú-assúm lui-même qui, en levant sa massue, dans un sourire féroce montrant ses dents blanches et cruelles, a donné le signal du combat entre les deux tribus.

Les Guarany furieux, conduits par Jupyacára, s'élancent contre leurs adversaires, les armes hautes.

Il s'ensuit une confusion inexprimable : tous ces corps nerveux, sombres, se mêlent, luttent et se tordent convulsivement dans l'obscurité de la nuit, à peine éclairés de bizarres reflets, par les feux allumés des fournaises qui environnent la clairière.

On voit briller des armes et reluire les plumes des panaches des guerriers.

Les cris gutturaux, inharmonieux, sauvages, se croisent, se répondent.

Tantôt le combat est général : les deux troupes se confondent, on entend un bruit confus et formidable, où se mélangent les cris des mourants aux gémissements des blessés, aux chants de rage ou de victoire des combattants et des vainqueurs.

Tantôt la ligne de la lutte se défait, et il se forme des groupes séparés, qui combattent isolément.

Les luttes corporelles, ainsi particulières, ne sont pas moins féroces. Il semble, au contraire, que les combattants, se sentant comme le centre des regards de leurs chefs ennemis, s'efforcent de se montrer plus cruels et plus valeureux, et s'acharnent de la sorte l'un contre l'autre avec plus de férocité.

Les flèches volent autour des têtes, les « tacapes », brandis comme des fleaux, sont des armes terribles qui brisent, écachent, écrasent tout ce qu'ils rencontrent.

On voit les crânes sauter et voler en éclats comme des procelaires fragiles.

La férocité ne connaît plus de bornes. Les plumes, dont sont ornés les Indiens, volent à travers l'air, et sèment le sol, comme si des éperviers, fondant du ciel, eussent massacré là-même toute une bande d'oiseaux.

Les uns, s'accrochant aux colliers de dents de leurs adversaires, les étranglent, en serrant ces colliers autour de leur cou. C'est comme si les morts même, à qui ces trophées de victoire ont appartenu, revenaient mordre à la gorge leurs antiques adversaires.

Aussi les combattants ne se ménagent-ils pas les injures ; ils se massacrent pour venger la mort d'un père, d'un frère, d'un ami, tombés dans un autre combat jadis, puisque les deux tribus sont ennemies depuis des temps immémoriaux.

Par instants, un guerrier Guarany provoque un guerrier Aymoré : ils s'insultent, marchent l'un contre l'autre, se reculent, avancent, se poursuivent, ressemblant singulièrement parfois aux deux jaguars dont nous avons déjà conté le combat.

Leurs armes sont bizarres, et leurs formes cruelles paraissent devoir entailler plus profondément les chairs d'un adversaire, causer des blessures plus affreuses et des morts plus sûres et plus épouvantables.

Mais, dans les yeux des luteurs on ne peut voir la peur de la mort.

Dominés par un instinct de rage, et d'honneur outragé à venger, ils ne connaissent ni faiblesse, ni crainte, ni hésitations, ils s'élancent l'un contre l'autre, et leurs armes en brisant leurs os, en ouvrant leurs corps, font jaillir un sang vermeil et généreux qui n'a jamais pâli devant le danger.

(1) Voir la gravure de la page 520.

(1) Massues.



### QUINTINO BOCAYUVA

\* no Rio de Janeiro, a 4 de dezembro de 1836. Para o theatro, escreveu a *Omphalia*, drama em 4 actos, representado, pela primeira vez, no Theatro das Variedades, a 28 de julho de 1860; *Um pobre louco*, drama em 5 actos; *Claudio Manoel*, drama historico em 5 actos; *Os mineiros da desgraça*, drama em 4 actos; *A Família*, drama em 5 actos; *De la Viola*, drama historico em 5 actos; *Pedro Faria*, drama em 4 actos; e o *Bandoleiro*, opera-comica em 3 actos. Imitou do hespanhol *O Trovador*, drama, representado, pela primeira vez, a 2 de janeiro de 1856, no Theatro de S. Januario, em beneficio da 1.<sup>a</sup> actriz bshiana Maria Leopoldina Ribeiro Sanches; *Uma partida de honra*, drama em 3 actos; a *Tramoia*, comedia musicada em 3 actos; *Norma*, drama em 4 actos; e traduzio, para a Opera Nacional, as zarzuelas — *Dominó azul*, *Diamantes da Corôa*, *Sargento Frederico*, *Minhas duas mulheres*, *Valle de Andorra*; *Bôas noites, senhor D. Simão*; *Grumete*, *Marina e Dama do véo*; e do italiano, as operas-buffas *Estebanillo* e *Quem porfia sempre alcança*.



Ce sont des combattants et des dompteurs de caïmans<sup>(1)</sup>, ce sont des chasseurs de queiradas<sup>(2)</sup> et de caïmans. Ils connaissent tous les mystères et tous les étonnements des forêts vierges et des cavernes humides où se reposent les serpents monstrueux.

Ils connaissent aussi les secrets des plantes qui tuent et des plantes qui guérissent. Parmi ceux qui sont tombés, frappés, et qui jonchent le sol, il en est qui seront sauvés; les horribles blessures béantes qui couvrent leurs membres, fermeront leurs lèvres de douleur et d'agonie, et le blessé, qui vient de perdre conscience, reviendra à la vie, toujours vaillant, toujours fort, toujours méprisant la mort, comme il méprise aussi la vie.

Il en est dont le sein déchiré laisse couler des flots de sang, et qui trop faibles pour combattre ou même pour se soutenir, sont accostés contre des troncs d'arbre, les lèvres rigides, blêmes et serrées, comme insensibles à leur propre souffrance, tandis que leur masque bronzé inspire encore à leurs compagnons, qui sont restés debout, l'ardeur de la lutte et le désir de vaincre.

Le combat est arrivé à son apogée: les combattants, au paroxysme de la fureur, luttent avec acharnement. Ce ne sont plus les armes qui servent à l'attaque ni à la défense, mais les ongles, acérés comme les griffes de l'Al<sup>(3)</sup>, ou des crocs de caïman, pénètrent dans les corps et arrachent des lambeaux pantelants de chair sanglante, vivante.

Il en est qui mordent leurs adversaires à la gorge, comme des chiens enragés. Ils rompent les carotides, et l'ennemi tombe écrasé sous le poids, perdant tout son sang par les vaisseaux ouverts.

Les yeux révoltés, ils se débattent encore un instant sur le sol; puis, leurs membres crispés se raidissent, et, tandis que, dans les dernières convulsions, ils rendent une âme guerrière, altérée de carnage, enfin vaincue, leur ennemi s'assoit triomphant sur leur poitrine, et, enivré de colère et de victoire, il leur arrache des lambeaux de chair.

Ainsi disparaissent de nombreux guerriers de l'un et l'autre parti, que la religion chrétienne n'a pas encore civilisés.

Cependant, tandis que le combat s'est porté à ses derniers limites, on entend une musique suave, mélancolique, qui s'élève parmi l'obscurité des bois, comme un chœur dans la nef d'une cathédrale. C'est l'Ave-Maria.

Les paroles saintes résonnent graves sous ces massifs étranges, exotiques, qui n'ont retenti jusqu'ici que des cris sauvages des hommes de la nature.

Le MISSIONNAIRE, suivi de quelques Indiens des deux sexes, traversant au loin :

Ave. Maria!  
gratia plena  
Domini tecum, benedicta  
tu in mulieribus  
et benedictus fructus  
ventri tui Jesu.  
Sancta Maria  
Mater Dei  
Ora pro nobis  
Peccatoribus  
Nunc et in hora  
Mortis nostræ  
Amen.

(1) et (2) Voir page 840, 2<sup>ème</sup> col., note 4.

(3) L'Al ou Pareseux (*Bradypus tridactylus*), Priguiça en portugais, est un curieux tardigrade, habitant des forêts du Brésil, dont les mouvements sont excessivement lents; il possède des ongles longs et acérés, formant un crampon d'une force énorme.

Tous les combattants, comme frappés de stupeur, se sont arrêtés. Leurs yeux injectés de sang se calment, leurs regards sont plus doux, une sorte de pitié, passagère peut-être, fugace peut-être, s'est emparée de leur âme, un instant avant démoniaque. Il en est qui, laissant tomber leurs armes de meurtre et de vengeance, se sont agenouillés, se sont signés, et balbutient dans une langue qu'ils comprennent à peine, ces paroles antiques, que des missionnaires leur ont enseignées, et qui doivent faire fondre, au feu de la foi et de la pitié, tout ce que l'âme sauvage de ces tribus irréductibles possède de violent et de prime-sautier dans le ressentiment.

On entend un sifflement dans le lointain. Les Indiens des deux tribus, effrayés, écoutent attentivement.

JUPYACARA. — J'entends le sifflement imitant celui de l'acauan<sup>(4)</sup>: c'est le signal!

Tous. — Le signal!

## SCÈNE XX

Les mêmes; ICURÉ-YVA, accourant.

ICURÉ-YVA. — Les chiens!... les chiens!...

JUPIACARA. — Frères, écoutez ma voix. De même que deux jaguars, après un combat acharné, s'arrêtent tous deux victorieux, et reprennent haleine pour recommencer la lutte, de même nous allons reprendre haleine et laisser reposer nos bras encore chauds d'un sang ami, afin de nous préparer pour faire couler jusqu'à la dernière goutte le sang de l'étranger qui ose profaner nos bois sacrés. Comme le serpent, qui vient chercher l'ombre et la tranquillité sur le bord du fleuve, afin d'y goûter un sommeil plus paisible, il s'avance traîtreusement; mais, soudain, le fleuve déborde sur ses rives et entraîne le serpent dans ses flots. Qu'il en soit ainsi pour eux!...

Tous. — Oni!... oui!...

JUPIACARA. — Que les massues pesantes de nos guerriers retombent sur leurs cadavres, et que maudite soit la flèche et que mandits soient les bras qui hésiteraient à leur envoyer la honte et la mort!...

Tous. — Oui!... oui!... (Ils marchent fièrement, tenant leurs arcs bandés. — Carlos apparaît à la tête de ses soldats. Le premier mouvement des Indiens est de repousser les Portugais par la force; mais ceux-ci font feu de leurs mousquets et quelques Indiens tombent morts. Les Indiens s'arrêtent immobiles. Apytéra-Oni et Manassu entrent et vont former un groupe avec Yará, qu'Inhyçara a laissée pour aller combattre les Portugais. — Les Indiens se rangent sur le côté gauche de la scène; les soldats forment leurs rangs sur la droite; et, sur leur front, Carlos, accompagné d'un Officier.)

## SCÈNE XXI

Les mêmes; APYTÉRA-OMU', MANASSU', CARLOS et les Soldats.

CARLOS. — Rassurez-vous; ce n'est point l'esclavage que je vous apporte, c'est la paix.

APYTÉRA-OMU', à part, à Yará, qui va pour s'élançer dans les bras de Carlos: — Attends!

MANASSU'. — Encore vivant!...

YARÁ, se dégageant des bras d'Apytéra-Oni: — Carlos!...

INHÏÇARA, avec un geste de surprise: — Lui!...

JUPIACARA, retenant Yará: — Carlos! Tu es... tu es Carlos?... (Il lève sa massue et marche sur lui; Carlos

(4) L'Acuau (Perpethotes cachimans) est une espèce de faucon, qui fait une guerre acharnée aux serpents.

Les Indiens le considèrent comme leur protecteur et le tiennent pour un oiseau nugal.

n'essaye pas de se défendre. Les Guarany, qui sont les plus rapprochés de Jupyacára, retiennent son bras. Les soldats font un mouvement, comme pour se jeter sur Jupyacára.)

CARLOS, aux soldats: — Halte!... Pas de violence... Respectez les vrais maîtres de ce pays! (Il s'avance vers Inhyçára.)

INHYÇÁRA. — Vous ici, Don Carlos!!... et vivant!!...

CARLOS. — Le Dieu des blancs, tu le vois, Marçal, est plus puissant que les Génies de tes forêts... (Aux Indiens:) Ne vous effrayez pas!... Je viens comme messager de paix. Si mes soldats ont fait feu, c'est que vous menaciez leur vie. Parmi nous, les envahisseurs de ces terres où nous ne sommes parvenus à planter notre drapeau qu'au prix de mille sacrifices, c'est d'une autre façon que se rend la justice. Près des campements et dans les lieux où s'étend notre juridiction, la Fête des Crânes est un crime et je dois m'opposer à sa célébration.

CURURUPÉBA. — Je ferai remarquer à l'étranger que la puissance de ses lois ne s'étend pas jusqu'à nos cabanes..

CARLOS. — C'est une erreur, ô Indien!... et la preuve, c'est que la Couronne Portugaise vous protège et vous aide lorsque vous formez des villages. Vous, chef Cururupéba-assú-assú, vous qui avez provoqué cette fête, retirez-vous!... Toute tentative de résistance serait inutile, car vous savez que le plomb de nos mousquets est plus rapide que vos flèches.

CURURUPÉBA, le regardant d'un œil irrité: — Oh! je me vengerai!...

CARLOS. — Retirez-vous tous!... Retournez dans vos déserts... et n'oubliez jamais ce que je viens de vous dire.

CURURUPÉBA. — Et c'est là la liberté que vous nous offrez, quand vous nous engagez à venir vivre sous l'ombre de vos drapeaux!...

CARLOS. — Elle serait plus complète, si vous saviez vous en rendre plus dignes. Retirez-vous, cacique des Aymorés!... (Cururupéba le regarde fixement. Carlos à un Officier:) Assurez-vous de la dispersion de ces hommes.

CURURUPÉBA. (Il va pour sortir; mais, au moment de quitter la scène, il se retourne vers Jupyacára et murmure:) — Jupyacára, qu'Anhangá te dévore!... Tu as vendu tes frères aux blancs... Nous avons eu pour berceau les mêmes forêts... Bientôt nous nous rencontrerons. (Il sort. Coropiára, Kyriryra, Itatagiba, Icuré-Yra et tous les Aymorés le suivent.)

## SCÈNE XXII

JUPYAÇÁRA, CARLOS, YARÁ, INHYÇÁRA, MANASSU', APYTÉRA-OMU', MONÇARAHIM, GUYRA-OÇU', TAPEJÁRA. Un Officier, Soldats, Indiens Guarany.

JUPYAÇÁRA. — Que voulez-vous, étranger?... Me voici à vos ordres. Mais, d'abord, dites-moi, vous, qui venez de lointains parages: y a-t-il chez vous une loi qui protège le séducteur de l'Indienne dont il vient ravir l'honneur? N'hésitez pas, étranger, dites-le... Que nous le sachions!... (Yará, qui n'a pas quitté des yeux Carlos, fait un mouvement de crainte. Inhyçára les observe en silence.)

CARLOS, faisant un signe à Yará pour la tranquilliser et s'adressant à l'Officier: — Faites retirer vos hommes. (L'Officier hésite.) Soyez sans inquiétude... je vous rappellerai bientôt. (L'Officier et les soldats sortent.)

## SCÈNE XXIII

Les mêmes, moins l'Officier et les Soldats

CARLOS. — Cacique Jupyacára, il y a chez les blancs, comme chez les Indiens, un sentiment d'honneur que tout

homme de bien porte gravé dans son cœur... Je l'ai violé, j'en conviens, et vous avez le droit de me demander ma vie pour venger l'insulte que je vous ai faite. Mais, mon sang laverait-il cet affront et le sacrifice de votre fille donnerait-il la paix à vos vieux jours? Hier, je n'avais pas d'excuse, car je venais vous la ravir... (Jupyacára lève la tête et le fixe de ses regards.) Aujourd'hui, tout est changé. Permettez que j'emmène avec moi celle que j'ai choisie pour lui donner le nom d'épouse. Vous n'êtes déjà plus l'Indien errant, cherchant, sous l'ombre des forêts, des Génies et une patrie. Vous pouvez, par conséquent, me comprendre. L'autel est préparé et le prêtre nous attend. Yará, qui recevra avec l'onde du baptême le nom de la sainte que les chrétiens honorent en ce jour, sera la compagne de ma vie. (Pause.) Décidez! (Jupyacára réfléchit. Au bout de quelques instants, il remet son arc à Apytéra-Omu, va s'asseoir sans répondre, et cache son visage entre ses mains.) Que répondez-vous?... (Manassú, passant derrière Jupyacára, conduit Yará près de Carlos. Inhyçára suit tous les mouvements de son père. Apytéra-Omu, qui a laissé l'arc, va se placer derrière Jupyacára. Pause.) Consentez-vous, cacique Jupyacára?...

JUPYAÇÁRA, assis et portant devant lui des regards vagues: — L'enfant, qui se perd dans la forêt pour avoir pendant la nuit écouté le chant séducteur des Uyarás (1), ne retourne plus à sa cabane; ses parents le pleurent, car ils ne le reverront jamais. La fille du guerrier, lorsqu'elle écoute les paroles d'amour, et boit le poison qui tombe des lèvres d'un étranger, ne revient plus chercher les caresses de son père. Son père la pleurera jusqu'à ce que la nuit de la tombe vienne étouffer son dernier sanglot dans les vallées silencieuses. Qui peut dire à la feuille qu'emporte le vent; arrête-toi ou reviens en arrière?... Y penser est même inutile. Yará est devant vous. Son père est mort pour elle. Emmenez-la, si vous le voulez... je vous l'abandonne. Le choix qu'elle a fait a jeté la honte sur sa famille... il lui sera toujours fatal... Son esprit, errant dans les ténèbres, poursuivi par les remords, son corps flottant dans la lumière à la recherche du repos et ne rencontrant que les malédictions, tel sera son sort. (A Carlos:) Emmenez-la. (A Yará:) Va-t-en!... ou reste, peu m'importe... Yará n'est plus ma fille... je ne veux plus de sa présence dans ma cabane... Emmenez-la... ou qu'elle reste!... (Yará pleure et sanglote et va pour sortir; Carlos la retient. Inhyçára regarde Jupyacára d'un œil d'impatience.)

APYTÉRA-OMU', placée derrière Jupyacára et lui prenant la tête dans les mains: — Pourquoi, ô chef des braves, tant haine dans votre cœur!... Auriez-vous par hasard donné votre fille de meilleur gré à celui qui vous garde tant de rançue!...

CARLOS. — Votre hésitation est juste... vos scrupules ont leur source dans la différence de nos races et de nos coutumes... Je ne les condamne pas. J'emmenerais votre fille; et, lorsque les bénédictions du Ciel auront sanctifié notre amour, lorsque le temps aura fait disparaître vos préventions, nous reviendrons, tous les deux, les yeux brillants de bonheur, vous demander votre pardon et vos sourires! (Jupyacára le regarde et ne répond pas.)

APYTÉRA-OMU', à Jupyacára: — Eh, bien!...

INHYÇÁRA. — Mon père...

JUPYAÇÁRA, absorbé dans ses pensées et étranger à tout ce qui l'entoure. — Après une pause: — Emmenez-la... emmenez-la... Elle vous attend, ô étranger... emmenez-la.

(1) Dans les croyances indiennes, les Uyarás étaient des sortes d'Ondines, habitant le fond des lacs et des cours d'eau, et qui se plaisaient à attirer, par leurs doux chants, les voyageurs dans leur demeure aquatique.

CARLOS. — *Sur votre embaumement !*

JUPYACARA. — Oh ! ne m'en demandez pas davantage : toutes mes solères sont mortes... Mais pourquoi ne l'emmenez-vous point, ô étranger !... Ne le voyez-vous pas ? ne suis-je plus esclave !... Mais qu'êtes-tu devenu, mon passé ? Et soyez heureux... Emmenez-la... Qui vous retient !...

APYTERA-OMU. *lui prenant une autre fois la tête.* — Quand la grande étoile disparaît aux premières clartés de l'aurore, la fleur des prairies s'entrevoit aux derniers rayons de sa lumière. La parole qui vient d'expirer sur vos lèvres, manifestant votre volonté, a fait naître tant de joie dans mon âme que tout me semble un songe.

YARÁ, embrassant Jupyacára. — O mon père !... (Tous s'embrassant, la joie se manifeste sur leur visage.)

JUPYACARA, assis au centre. — De même que l'eau des cascades coule intarissable au milieu des déserts, de même je ne sentirai jamais se dessécher la source de la douleur qui déborde dans mon âme... Mais l'aube paraît et au reflet des mille couleurs qui éclairent leurs eaux, le bruit des cascades arrive plus doux à notre oreille : ainsi la pensée du bonheur de ma fille a adouci mes rigueurs et a apaisé les peines de mon âme. Je renie mes croyances, c'est vrai... Oh !... mais Tapan me laissera bien encore une illusion chérie pour tant d'années de gloire, de bravoure et surtout de souffrances. (A Carlos et à Yará.) Allez... Demain, quand le soleil se lèvera derrière les monts, comme l'Indien gravissant lentement la colline pour aller chercher sur son sommet le couendou (1) et le tamanoir (2), je ne serai plus ici. Allez... Quand vous apprendrez que le père, errant dans la forêt, et le cœur toujours plein d'amour pour sa fille chérie, aura succombé sous le poids des années, demandez à la lune qu'elle éclaire sa tombe de ses plus douces clartés, demandez aux grenadilles qu'elles embaument de leurs parfums la terre où il repose, demandez aux oiseaux qu'ils saluent sa mort de leurs chants les plus plaintifs, demandez que sa mort soit pleurée, qu'Anhangá ne tourmente pas son âme, et qu'il aille, en compagnie des vaillants guerriers, ses ancêtres, chasser dans les prairies giboyeuses sans fin, au delà des montagnes bleues. Allez...

CARLOS. — Nous ne vous oublierons jamais. Et toi, Margal, car Margal est ton nom parmi les blancs... viens... que ma main sente la tienne en signe d'éternelle amitié...

(1) Sorte de hémisson à queue penante (*Hystrix insidiosa*), très commun au Brésil.

(2) Voir page 835, 2<sup>me</sup> col., note 5.

INHACARA. — Tant d'indulgence !...

CARLOS. — Ce qui la justifie, Margal... c'est ton dévouement sans limites dans le passé et ton affection pour Yará. Oublions notre combat. (Ils se serrent la main.)

YARÁ, toujours dans les bras de son père. — Venez, mon père, venez avec nous... L'ombre est toujours fidèle à l'arbre... L'accusation de perversité, portée contre les blancs, est injuste, vous le voyez : elle s'efface lorsqu'on les connaît, comme s'efface, sur le miroir d'un lac, la trace laissée par l'oiseau qui l'effleure de son aile.

JUPYACARA. — Ton père, Yará, ne peut pas vivre le reste de ses vieilles années loin de nos forêts, dont les rameaux touffus se balançaient au souffle des vents, et sans entendre le rugissement de la bête fauve, qui, sautant de ravin en ravin, symbolise la liberté du sauvage. Sa fille partie, il lui restera peu à perdre : car déjà son âme sera morte. Le corps a si peu de prix... La solitude, le *pytina* (3) et la peau tachetée du jaguar dans nos déserts, voilà ce qui me reste. Ma vieillesse elle-même est morte... De tout mon passé, aurai-je la joie d'avoir encore un souvenir pour me consoler !...

CARLOS. — Oui... le souvenir du bonheur de votre fille. (Jupyacára la contemple avec tendresse. Cururupéba apparaît dans le fond et s'arrête. Il les regarde pendant quelques instants et bande son arc. Quand Yará, consulté par Carlos, va pour sortir, Cururupéba vise et tire. Son arc craque, et la flèche, partant, va tomber aux pieds de Yará.)

CURURUPÉBA, voyant échouer son fatal projet et furieux : — Fatalité !

Tous, se retournant au bruit de la flèche tombant aux pieds de Yará. — Perfide !

JUPYACARA. — Cururupéba !... vil Cururupéba !...

APYTERA-OMU, présentant l'arc à Jupyacára. — Tuez-le !... Vengeance !... C'est lui, l'ennemi !... (Jupyacára tire. Cururupéba tombe, en poussant un cri horrible. La scène retentit sous le poids de son corps. Joie générale.) Sans compter avec l'imprévu, le maracajá (3) lâche et cruel a roulé dans le ravin, sous la flèche du brave des braves !

(Au bruit de la chute de Cururupéba, les soldats et les indiens Guarany rentrent en scène. — Les soldats se rangent au fond. Les Indiens font le cercle autour de Jupyacára qui, après avoir tué Cururupéba, est venu embrasser sa fille et la garde pressée dans ses bras. Carlos et Inhacára sont à ses côtés. Tableau. La toile tombe.)

(1) Voir p. 824, col. 1<sup>re</sup>, note 2.

(2) Chat sauvage.



# CATASTROPHE (1) DE HIPPOLYTO

## NAS TRAGEDIAS «HIPPOLYTO E PHEDRA»

É de sobra conhecida a descripção da morte de Hippolyto, na tragedia *Phedra*, de Racine, monologo dramatico reproduzido nos varios cursos de litteratura, pelos quaes nos ensaiámos em as classicas versões da lingua franceza; assim como tambem, basta ter leves noções de historia litteraria para saber-se que Euripides, e depois d'elle Seneca, a seu turno, narraram o mesmo episodio tragico, primitiva, e respectivamente, em versos grègos e latinos, nas suas tragedias *Hippolyto*; e já que me refiro a esses tres autores, acrescentarei que ninguem desconhece, por igual, que Mme. de Sevigné, descendo, por momentos, de seu alto e immaculado pedestal, teve a fraquèza de nivelar a *Phedra*, de Pradon, á *Phedra*, de Racine; mas, o que poucos sabem é que um poeta houve, menos notavel talvez do que Euripides, Seneca e Racine, porém incontestavelmente superior a Pradon, Roberto Garnier (2), que nos narra a desastrosa morte d'essa victima da criminoso paixão de Phedra, em versos tão de accordo com o sentimento da moderna tragedia, que não duvidei trasladal-o para estas paginas, procurando eu, na versão, a primeira que se faz em letras portuguezas, antes acompanhar o autor nas bellèzas com que revestiu a exposiçào da fabulosa catastrophe, do que campar de poeta, que não sou, que nunca fui.

Quanto ás demais traducções, a da tragedia de Seneca é a mesma do grande latinista Sebastião Francisco de Mendo Trigoso (3), premiada, e distinguida, com a

impressão gratuita pela Academia Real das Sciencias de Lisboa, e nem outra melhor existe até hoje, a de Euripides, ainda que não tivesse merecido egual honraria e recompensa, tão exigentes eram, no tempo, os membros d'aquella Instituição, não lhe é, entretanto, inferior, e verteo-a para o vernaculo o presbytero Joaquim de Foyos (4), hellenista e poeta de renome; e a *Phedra*, de Racine, inspirada no mesmo assumpto, traduzida verso a verso por Manoel Joaquim da Silva Porto (5), se recommenda pela mesma fidelidade e correcção que se notam em outras obras por elle trasladadas, affirmo o o bibliographo Innocencio Francisco da Silva.

Reuni, a estas, outra versão do mesmo trecho da *Phedra*, de Racine, devida ao respeitavel Consielho

frequentado o curso de estudos secundarios como alumno do Collegio real de Nobres, passou a matricular-se na Universidade, onde fez a sua formatura em 9 de julho de 1792. Em 1811 foi admitto socio da Academia, sendo pouco depois eleito Vice-secretario. Uma affecção gôttica, que desde algum tempo se lhe agravára consideravelmente com o excesso dos trabalhos litterarios, o levou d'esta vida em 18 de Maio de 1821, no proprio dia em que completava 48 annos. — Vej. para a sua biographia o *Eligio historico*, recitado na Academia por Manoel José Maria da Costa e Sá, inserto no tomo IX das respectivas *Memorias*, á pag. LXVII e seguintes. (I. F. S.)

Para o theatro apenas traduzio, ao que me consta: *Hippolyto*, tragedia de Seneca, e *Phedra*, tragedia de Racine, publicadas por ordem da Academia Real das Sciencias de Lisboa. Lisbon, Typ. da mesma Academia, 1813. 4.º de 133-171 pag.

(4) JOAQUIM DE FOYOS, presbytero da Congregação do Oratorio de Lisboa, para a qual entrou em 10 de abril de 1752, quando contava 19 annos, e n'ella foi por muito tempo professor de Rhetorica e Latinidade. Servio tambem alguns cargos publicos, taes como o de Censor régio do Desembargo do Paço, Chronista da Casa de Bragança, etc. Foi socio da Arcadia Ulyssiponense, e da Academia Real das Sciencias de Lisboa, e Director da classe de Litteratura da mesma Academia, etc. \* Na villa e praça de Peniche, ao que se julga pelos annos de 1733; † na casa de N. S. das Necessidades a 26 de Dezembro de 1811. — Para a sua biographia vej. uma noticia que vem no *Ramalhão*, jornal de instrucção e recreio, n.º 150, de 1849; sem nome de auctor, mas que sabe-se, com certeza, ter sido escripta por José Maria da Costa e Silva. (I. F. S.)

Para o theatro, ao que me consta, só traduzio o — *Hippolyto* de Euripides, vertido de grègo em portuguez pelo Director de uma das classes da Academia Real das Sciencias de Lisboa. Lisbon, Typ. da mesma Academia, 1803. 4.º de 161 pag. — E' em verso, e tem o texto grègo em frente.

(5) MANOEL JOAQUIM DA SILVA PORTO, natural provavelmente da cidade do seu appellido, e que pelos annos de 1816 e seguintes se achava estabelecido no Rio de Janeiro, traducendo no commercio de livraria.

Entre outros trabalhos, publicados, soltos ems, e outros em livros, traduzio a *Phedra*, tragedia de Racine, verso a verso. Rio de Janeiro, na Imp. Regia 1816. 4.º — Segunda edição, mais correcta, offercida ao Sr. José de Carvalho Ribeiro. Lbr. 1821. 4.º de 91 pag. Tem no fim algumas poesias originaes do traductor, que na primeira edição se não encontram.

Pôsto não caiba a este nosso poeta, diz Innocencio da Silva, um logar distincto entre os seus contemporaneos, creio contudo que seus versos não são para desprezar. A sua metrificaçào, correcta, fluente, e denunciação, quando menos, sufficiente conhecimento das regras da arte, e dos originaes que se propoz transplantar para a lingua patria.

(1) Os grègos empregavam a palavra *katástasia*, para significar o fim desgraçado de seus personagens tragicos; mais tarde, os latinos, ampliando esta significação, estenderam-na ao ultimo e principal transe, successo ou acontecimento de uma tragedia qualquer; e, n'este caso, é synonymo de *desentace*, de *desfecho*. Nos classicos portuguezes, entretanto, em a accepção grèga da palavra, acha-se o vocabulo *catastrophe* com o genero masculino.

(2) Roberto Garnier, poeta dramatico francez, \* em Ferté-Bernard, no Maine, em 1545, e † em Mans, no anno de 1601.

Para o theatro, ascreveu as seguintes e notaveis produções, que o collocam ao nivel dos primeiros tragediographos do seu tempo:

PORCIA, esposa de Bruto, tragedia; HIPPOLYTO, filho de Theseu, tragedia; CORNELIA, mulher de Pompeu, tragedia; MARCO ANTONIO, narraçào tragica; TRÓADA OU A DESTRUIÇÃO DE TROYA, tragedia; ANTIQONA, tragedia imitada de Stace; SEDECIA OU A tomada de Jerusalem, tragedia; BRADAMANTE, tragedia hauida no Ariosto, e que obteve, na época, descommunal e prodigioso successo.

Todas estas tragedias, com excepção da ultima, tem côros á feição das primitivas composições grègas do genero. Dotado de excepcional talento, Roberto Garnier conhecia a fundo os theatros grègo e latino, e n'elles se inspirava com incontestavel vantagem.

(3) SEBASTIÃO FRANCISCO DE MENDO TRIGOSO, fidalgo da Casa Real, bacharel formado em Philosophia pela Universidade de Coimbra, Tenente-coronel do regimento de Voluntarios reaes de milicias a cavallo de Lisboa (corpo que não chegou a organizar-se completamente em 1800, ficando depois substituido pelo de Voluntarios reaes do commercio); Censor régio da Mesa do Desembargo do Paço; Membro da Commissão de censura nomeada em setembro de 1820; socio e secretario da Academia Real das Sciencias de Lisboa, etc. N. em Lisboa a 18 de Maio de 1773, sendo filho primogenito de Francisco Mendo Trigoso Pereira Homem de Magalhães, e de D. Antonia Joaquina Thereza de Souza Morato, ambas de linhagem illustre. Tendo

Lourenço Teigo de Loureiro (\*) que, nas suas horas de lazer, se entregava a alta cultura litteraria e notadamente a apurada translacões do theatro antigo dos mais adelantados povos.

D'esta arte e de uma assentada colloco sob as vistas do curioso leitor os quatro mais famosos trechos da violenta morte do filho de Thestiu, extrahidos das quatro

melhores produções da musa tragica, que se occuparam do assumpto.

Do confronto d'esses excerpts far-se-ha uma idéia nítida da evolução poetica, no palco, em quatro phases discriminadamente capitais, e distinctas, de sua exuberante floração.

(\*) Lourenço Teigo de Loureiro, Doutor em Sciencias sociaes e juridicas pela Academia de Olinda, e logo após leu a primeira cadeira de quarto anno da Faculdade de Direito do Recife, em Pernambuco. — Na cidade de Viseu, em Portugal, a 25 de dezembro de 1798, e transferindo-se para o Brazil em 1810 (interrompido pela invasão franceza o curso de Direito, em que se achava por esse tempo matriculado na Universidade de Coimbra), desembarcou em março desse mesmo anno no Rio de Janeiro. Aqui se empregou no serviço publico, entrando como official papellista na Administracão geral do Correio. Nomeado professor de primeira lettras e da lingua franceza no collegio nacional de S. Joaquim (mais tarde Collegio de Pedro II, actualmente Gymnasio Nacional), d'ahi passou a professor da mesma lingua no collegio das Artes da Academia de Sciencias sociaes e juridicas de Olinda, onde serviu como tal desde 1828 até 1841. Tendo se formado, entretanto, na propria Academia, foi nomeado substituto intarino em 1833, leute substituto em 1840, e definitivamente em 1852. Desempenhou ao mesmo tempo varios cargos de eleição popular, inclusive o de deputado á Assembléa provincial de Pernambuco.

Sabiram a seu respeito alguns apontamentos biographicos no *Jornal do Recife*, n. 40 do 1.º de outubro de 1868, onde se lêem, entre outras, as phrases seguintes: «A vida do Dr. Loureiro tem sido quasi exclusivamente dedicada ao magisterio. Para elle é que se pode verdadeiramente dizer que o magisterio é um sacerdocio, a um sacerdocio cujos deveres poucos se podem gabar de ter preenchido com tanta assiduidade e distincão.»

No tocante ao theatro, deu-nos: *Phedra: tragedia colligida de excellentes tragedias de Racine, conhecida debaixo d'esse nome, e ordenada em verso brasileiro*. Pernambuco, Typ. de M. R. de Faria, 1854. 8.º. Seguem-se, no proprio volume, as tragedias *Andromacha* e *Esther* do mesmo autor francez, terminando a ultima á pag. 197, e a final com duas paginas de erratas. — Sabiu com as iniciaes «L. T. L.»

O traductor declara ter emprehendido esse trabalho pelos annos de 1820, ou pouco depois; e que destinando as suas vertèdes para serem representadas, julgára necessario encurtar os originaes, suppriminda n'ellos o que lhe pareceu conveniente, para que a nimia extensão se não tornasse tediosa aos espectadores: selecção que lhe fez mais difficil e trabalhosa do que uma traducção corrente e seguida das referidas peças.

# HIPPOLYTO DE EVRIPIDES

VERTIDO DO GRÊGO EM PORTUGUEZ

pelo director de huma das classes

ACADEMIA REAL DAS SCIENCIAS

SUA ALTEZA REAL

PRINCIPE REGENTE

NOSSO SENHOR

Lisboa

TYPOGRAPHIA DA MESMA ACADEMIA  
MDCCCIII

Com licença de Sua Alteza Real

ARTIGO EXTRAHIDO DAS ACTAS DA ACADEMIA REAL DAS SCIENCIAS

DA SESSÃO DE 20 DE OUTUBRO DE 1801

Determina a Academia Real das Sciencias, que a Tragedia de Euripides, intitulada Hippolyto, vertida em verso Portuguez pelo Director de huma das suas Classes, se imprima á custa da mesma Academia, e de baixo do seu Privilegio. Em fé do que passei a presente Certidão. Secretária da Academia Real das Sciencias, aos 7 de Maio de 1803.

Antonio Castano do Amaral,  
Vice-Secretario da Academia.



Libro de C. Monte

J. P. Quénot, direc.  
**MORTE DE HIPPOLYTO**  
GALERIA DO PALAIS ROYAL (COUNT.)

Martin Louigues del.

## ACTO QUINTO

SEMICORO

Mas eu vejo de Hippolyto hum Criado,  
Que com pressa se vem encaminhando  
Para este Pago, e traz semblante triste.

NUNCIO

Onde acharei, Theseo, nosso Monarcha?  
Vós, Donas, se o sabeis, queraís dizer-mo,  
Acaso estará dentro no Palacio?

SEMICORO

Sim, que elle de lá sabe agora mesmo.

NUNCIO

Nova, Senhor, te trago muito digna  
De dar grande cuidado a ti, e a quantos  
São cidadãos de Athenas, e Trezene.

THESEO

Que dizes? por ventura alguma nova  
Desgraça sobreveio a estas Cidades  
Vizinhas, que ambas reço o meu sceptro?

NUNCIO

Hippolyto he morto: em breve o disse.  
Bem que inda desta luz por pouco goze.

THESEO

E por quem? Assaltou-o alguém, irado  
Por lhe ter corrompido com violencia,  
Como fez a seu Pai, a justa esposa?

NUNCIO

Veio-lhe a morte do seu mesmo Carro,  
E das imprecações da tua bocca,  
Com que a teu Pai pediste, ao Deos dos Mares,  
Que quizesse matar teu proprio filho.

THESEO

E's meu Pai, ó Neptuno, és em verdade,  
Pois que meus justos votos attendeste.  
Mas como pereceo? dize, de Nemesis  
Como ferio a espada vingadora  
Esse, que indignamente me affrontára?

NUNCIO

Nós, junto á areia, que he do mar lavada,  
Os cavallos limpavamos chorando;  
Porque alli tinha vindo hum mensageiro,  
O qual nos disse, que jámais Hippolyto  
Pisaria esta terra, por ti mesmo  
Mandado ir a tristissimo desterro.  
Elle logo chegou tambem em lagrimas,  
E levantou connosco hum alto pranto.

Hum immenso concurso de Mancebos  
Da sua mesma idade o acompanhava.  
Finalmente cessando nos lamentos,  
Disse. Porque me afflijo, ou como hesito?  
Ha-se de obedecer ás ordens patrias.  
Servos, aparelhai os meus cavallos,  
E no carro os mettei. Esta Cidade  
Já não he minha. Logo e mais depressa  
Do que dizer se possa, apresentamos  
A seu Senhor o carro prompto e lesto.  
Toma as redeas na mão, os pés firmando  
Onde he costume irem os cocheiros.  
E abrindo os braços, mãos ao Ceo alçando,  
Disse: Eu não viva, ó Jupiter Supremo,  
Se culpa commetti: mas mocra, ou goze  
Desta brilhante Luz, meu Pai conheça  
A injuria que me faz. Depois pegando  
Do agoite, ferio uns após outros  
Os cavallos: e nós fieis criados  
Bem junto ao carro e ás redeas o seguimos  
Pelo caminho de Argos e Epidauró.  
Quando ehegámos a hum lugar deserto  
Bem defronte da praia, que avizinha  
C'o Saronico mar, hum estampido  
Subterraneo, qual voz de Jove immensa,  
N'hum som se derramou profundo e horrivel.  
A cabeça e as orelhas levantáráo  
Os cavallos ao alto; e nós possuidos  
D'hum incrível temor, sem saber donde  
Viesses aquelle estrondo, olhos lançamos  
Para o mar; delle vinha huma onda altissima  
Topetando c'o Céu: o alto Scironio,  
O Isthmo, e o rochedo de Esculapio  
Aos olhos me encobrio; e resonante  
Escuma despedindo, toda em torno,  
Com impeto furioso á praia veio,  
Por onde hia a quadriga, e juntamento  
C'o som medonho e vaga encapellada  
Lançou de si hum Touro, monstro horrendo,  
Monstro espantoso mais, do que pudesse  
Soffrel-o a vista: a seu alto mugido  
A terra toda cheia, hum echo triste  
E ingrube tornou: então os potros  
C'o hum medo desusado se espantáráo.  
O Principe lançou as mãos ás redeas,  
E seo corpo firmando, atraz os puxa,  
Bem como experto nauta faz ao remo.  
Elles mordendo o freio, á sóta correm,  
Sem que os sustenha a mão de quem os rege,  
Forçando as redeas, e o seguro carro:  
E se acaso o Piloto dirigir-lhe  
A carreira podia a molle campo,  
Se lhe punha diante o horrivel Touro  
E terror novo á tímida Quadriga  
Lhe infundia, e a voltar a obrigava;  
Mas se a rochedos Ella furiosa  
Se encaminhava, então Elle quieto  
Após seguia o coche, até que dando  
As rodas contra a rocha, sacudido  
E derrubado vio o triste dono.  
Tudo era estrago: cubos, eixo, rodas  
Saltáráo, e se quebrão n'hum momento.  
O infeliz Hippolyto envolvido  
Nas redeas, sem poder soltar o laço,  
He arrastrado a dura pedra, e nella  
Se ferio mortalmente na cabeça,



ESTATUA DE EURIPIDES

No Museu do Vaticano

E se rasgá-lo suas brandas carnes.  
 Era lastima, ouvir o que dizia:  
 Parai, cavallos meus, que em minha casa  
 Eu criei: não me matteis: oh tristes votos  
 De meu Pai! Quem acode e salva a vida  
 De hum innocente! Muitos o quizemos  
 Sem a tempo chegar: porém cortados  
 Por fim os loros, delles solto cahe,  
 Não sei como: só sei que inda respira.

Os cavallos e aquelle fatal Toiro  
 Mais se não virão: dentro do rochedo  
 De todo, não sei onde, se escondêrão.  
 Senhor, eu sou hum servo em vossa casa;  
 Mas jámais quereei persuadir-me,  
 De que hum malvado fosse o vosso Filho,  
 Bem que se enforcuem todas as mulheres,  
 Ou hum pinheiro da Ida alguma o encha  
 Todo de lettras: sei sua innocencia.

# HIPPOLYTO DE SENECA

E

## FEDRA DE RACINE

Com a traducção em portuguez publicada de ordem

DA

### ACADEMIA REAL DAS SCIENCIAS

Lisboa

NA TYPOGRAFIA DA MESMA ACADEMIA

MDCCCXIII

Com licença de Sua Alteza Real

#### ARTIGO EXTRAHIDO DAS ACTAS DA ACADEMIA REAL DAS SCIENCIAS

Determina a Academia Real das Sciencias, que a Tragedia de Seneca intitulada *Hippolyto*, e a de Racine intitulada *Fedra*, vertidas em verso Portuguez pelo seu Socio Sebastião Francisco Mendo Trigozo, se imprimão á custa da mesma Academia, e debaixo do seu Privilegio. Do que passei a presente Certidão. Secretaria da Academia, 12 de Fevereiro de 1813.

José Bonifacio de Andrada e Silva,  
 Secretario da Academia.

#### ACTO QUARTO

##### SCENA I

MENSAGEIRO, THESEO

Da servidão pesada, oh Sorte acerba!  
 Porque não escolhes para contar desgraças!

THESEO

Não temas; dize afoito o caso horrivel:  
 Tenho para os males prevenido o peito.

MENSAGEIRO

A' minha dor recusa voz a lingua.

THESEO

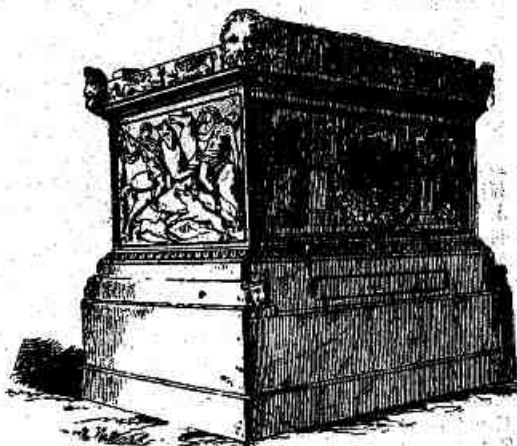
Dize, que sorte opprime a triste casa.

MENSAGEIRO

Teve Hippolyto (ai!) fim lamentavel.



ESTATUA DE SENECA, ENCONTRADA EM TUSCULUM  
(Muséu Campana).



TUMULO DE SENECA,  
NA VIA APPIA.

Antigamente, a saber, nos primeiros tempos, quando não havia ainda um actor, era este quem se dava ao trabalho de escrever a peça, que elle mesmo tinha de representar; e foi, certamente, por causa desta dupla função, que se começou, mais tarde, a distinguir o actor, do autor. No seculo V, alguns desses auctores foram poetas, e poetas celebres; perdeu-se, porém, a maior parte de suas obras, tendo, comtudo, ficado algumas de tres poetas tragicos e de um poeta comico.

O mais antigo dos poetas tragicos é Eschylo de Eleasis, a quem se deve a introdução de um segundo personagem, nas tragedias; sendo, por isso, appellidado o *paí da tragedia*. Cynegio, seu irmão, morreu, batendo-se, em Marathón; e elle mesmo, que pelejou em Salamina, descreveu os episodios dessa batalha em sua tragedia *Os Penas*. Tempos depois retirou-se para Sicilia, onde morreu.

Trinta annos mais tarde, appareceu Sophocles. Como se procurasse reunir um cêro de bellos e elegantes rapazes para cantar, ao redor dos trophêos da batalha de Salamina, o hymno da Victoria, foi elle um dos escolhidos.

Disputou com Eschylo um premio e alcançou-o triumphador. Amigo de Pericles, nunca sahio da Grecia, em cuja capital sempre viveu, estimado e honrado, sendo, pelo povo, eleito duas vezes o seu estrategista (\*). Escreveu mais de cem peças, vinte das quaes premiadas. Morreu aos 90 annos de idade. O mais novo desses poetas é Euripides, quinze annos mais moço do que Sophocles. Filho de uma mercadora de hortaliças, descendia de gente pauperrima; axêssô ás seducções da politica, levava a vida um tanto isolado, e frequentando a casa de Pericles, e confabulando com os philosophos Anaxagora e Socrates. Em suas peças, mais de uma vez se occupou profundamente da sociedade, da moral e da religião, assumptos extemporaneos que discutia com estranha clarividencia.

Os seus personagens já não falavam como os herôes de outros tempos, mas como homens do seu tempo, o que fez dizer os contemporaneos: « Sophocles pinta os homens taes como deviam ser e Euripides taes como elles são. »

Os athenienses notavam que os personagens de Euripides demasiado se externavam como philosophos, menoscabando muita vez as velhas crenças. Esta circumstancia criou uma corrente de opinião contrária a Euripides, que passava então por impio, aos poucos perdendo de sua sympathia e popularidade. Desgostado, foi para a corte do rei da Macedonia, e, mais tarde, retirou-se para Thracia, onde morreu.

O poeta comico, o unico de quem conservamos algumas obras, é Aristophanes, que atravessou mais de quarant'annos, escrevendo: (Advogado do partido democratico e das novas idéas sobre sciencia e philosophia, mettia a ridiculo, nas suas peças, a assemblea popular, o governo, os philosophos.

Chegou uma vez a pôr em scena, com os seus proprios nomes, Euripides, Socrates, e Cléo, o chefe do partido democratico de Athenas, onde a comedia gozou sempre da mesma liberdade, que a caricatura, actualmente, entre os povos civilizados.

(\*) Estratega — Cabo d'exercicio.

## THESEO

Como meu Filho já morreo ha muito :  
Como raptor agora ; dize o modo.

## MENSAGEIRO

Tanto que elle com passos agourados  
A Cidade deixou, fugindo á pressa ;  
Os soberbos cavallos junte ao coche,  
E lhes faz mastigar o duro freio.  
Com sigo então fallando, e os patrios Lares  
Abominando, pelo Pai bradava,  
E riço aos potros bate as bambas guias :  
Eis que subito os Mares s'encapellão,  
A's nuvens sobem, sem que o vento os sobre ;  
Sem que de parte alguma os trovões bramem,  
Interna tempestade agita o pelago.  
Tanto o Siculo Mar não turba o Austro ;  
Nem combatidas pelo Coro tanto  
As furiosas ondas se levantão,  
Quando os cachopos tremem, branca escuma  
Do Leucate soberbo cobre o cume.  
Em hum monte espaçoso o Mar se ajunta,  
E tumido o'hum Monstro á praia corre :  
Não se arma contra as náos tão grande estrago,  
He contra a terra ; mansamente a vaga  
Se desenrola ; ignoro o que ella occulta  
Em o gravido seio ; he Terra nova  
Que topeta c'os Ceos ! he Cyclo nova ?  
Do Numen de Epidauró as altas rochas  
Ficão submergidas, e os penedos  
De Sciron, afamados por hum crime,  
E a Terra dos dois Mares comprimida.  
Em quanto nós attonitos tal viamos,  
Eis muge todo o Mar ; e as penhas soão :  
Goteja o cume do espumante monte,  
Lança espadanas alternadas d'agua ;  
Quaes a grande Balea quando corre  
Os campos d'Oceano. Horror infunde  
Das ondas o montão em se movendo,  
Mas desfaz-se ; e mor mal, que o susto mostra ;  
Pela terra entra o Mar, seguindo o Monstro  
Que gerara : o pavor os ossos calla...

## THESEO

Qual dessa molle ingente era a figura ?

## MENSAGEIRO

Ardente fouro de ceruleo collo,  
Na verde testa errica a longa crina ;  
Tem orelhas hirsutas ; e pintados  
De cores os seus cornos, se assemelhão  
Parte ao marinho, boi, parte ao terrestre :  
Os olhos raios, chammas lança a boca ;  
Grossa cabeça d'azulada mancha  
Rijos musculos prende ; as largas ventas  
Roncão quando respira : tenaz musgo  
Na papada, e no peito lhe verdeja ;  
Costado enorme he tinto d'escarlata,  
E a parte post'rior remata em Monstro,  
Tendo a cauda escamosa a fera ingente,  
Bem como a Foca nos remotos Mares,  
Que os velozes baixéis vomita, ou sorve.  
A terra treme, o gado espavorido  
Nos campos se tresmalha, e não lhe lembra  
Ao guardador seguir os seus novilhos ;  
Até o bosque as feras desamparão ;  
Exangue caçador pasma de susto :  
Mas Hippolyto só de medo izento

Os ferosos cavallos reprimando,  
Bradando os faz mover, bem que espantados.  
A estrada d'Argos a travez dos montes  
He sobranceira ao Mar, e alguns lutosos  
Para aqui a fera corre, e as aras guando  
Mal cobra forças, e o furor exorta,  
Rapida voa, apenas toca a terra,  
Torva para ante os tumidos cavallos,  
Contra o monstro feroz s'ergue seu Filho,  
Seu rosto a cor não perde, e assim lhe brada :  
« Não desalenta, vão terror minha alma,  
« Que herança he minha combater as feras »  
Mas os cavallos desprezando os freios,  
Precipitão o carro, e já sem tino,  
Para onde os levou primeiro o susto,  
Proseguem a correr sobre os penhascos.  
Qual Piloto em tormenta a Náo governa  
Para não socobriar, com arte as ondas  
Eganando ; tal rege o veloz carro :  
Já segurando a redea aos corredores,  
Já c'o açonte fustigando as ancas.  
O monstro companheiro o vai seguindo,  
Ora correndo a par, ora adiante,  
Causando igual terror. Mas já ten Filho  
Mais não póde fugir ; que a horrivel fera  
De torvo aspecto, de minazes cornos,  
Ao encontro lhe vem : horrorisados  
Despresão os cavallos o governo,  
Trabalhão só por se tirar do jugo,  
E empinados lançaõ fóra a carga  
De rosto cahe Hippolyto, e na queda  
Em tenaz laço se lhe envolve o corpo :  
Trabalha em desatal-o, e mais o aperta.  
O triste caso os potros conhecerão,  
E já vasio o carro, e sem governo,  
Por onde o medo os leva, se despenhão :  
Tal nos Ceos estranhando o novo peso,  
Indignado de ver far-se o dia  
A falso Sol, o proprio carro arroja  
Faetonte do Polo desviado.  
Ensanguenta-se o campo largo espaço,  
Soa nas penhas a rasgada fronte ;  
Arrancão-lhe os espinhos seus cabellos ;  
Rochedos o lacerão : gentil moço  
De muitas feridas trespassado expira ;  
E as rodas pisão moribundos membros.  
Eis d'arvore cahida hum tronco adusto  
Pelo meio do corpo se lhe enervava,  
E fixo o sen Senhor, demora o carro ;  
Mas pouco, que os cavallos despedação  
Hippolyto, e a prisão : cortão no abrolhos  
Já semimorto ; espinhos d'asperas silvas,  
E todo o mato lhe retalha o corpo.  
Multidão de creados corre o campo,  
Corre os lugares, onde assignalada  
Foi com sangue a vareda que seguira.  
Os membros de seu dono pelo rasto  
Buscão tristes os cães, trabalho assiduo  
Não lhe poude inteirar inda o cadaver.  
Esté o fim da belleza ! o que inda á pouco  
Illustre socio do Paterno Imperio,  
Seu herdeiro, qual Astro scintillava ;  
Ajuntão-se-lhe os membros par'a fogueira,  
Par'o funeral !

## THESEO

Pod'rosa Natureza !

Quam fortes são n'hum Pai do sangue os laços !  
Quanto ainda sem querer te veneramos !  
Quiz morresse o culpado ; e morto o choro.





**RACINE (Jean)**

Um dos maiores poetas tragicos da França. \* em 1639; † em 1699

MESSAGEIRO

Quem consegue o que quer, chorar não deve.

THESEO

O cumulo do mal he ver cumprido  
Hum crime, que chegan a desejar-se.

MESSAGEIRO

Mas s'inda lhe tens odio, porque o choras!

THESEO

Não por perdallo, mas por tello ca morto.

# FEDRA

DE

RACINE

Tradução de Joaquim de Foyos

## ACTO QUINTO

### SCENA VI

THESEO, THERÁMENE

THESEO

Therámene, hes tu? Do Filho, que fizeste?  
Desde a idade mais tenra confiei-to...  
Mas donde vem as lagrimas que choras?  
Que faz meu Filho?

THERÁMENE

Oh vãos, tardos cuidados!  
Baldado amor!... Hippolyto não vive.

THESEO

Céus!

THERÁMENE

Vi morrer o homem mais amavel,  
E ainda o digo, senhor, menos culpado.

THESEO

Morto he meu Filho! Ah! quando lhe abro os braços,  
Impaciente o Céu lhe apressa a morte!  
Que golpe mo roubou? que raio subito?

THERÁMENE

Sahindo apenas de Trezene as portas,  
Hia sobre o seu carro. Affictos guardas,  
Delle em torno, imitavão seu silencio.  
Triste seguia a estrada de Mycena.  
Aos cavallos deixava as guias soltas:  
E estes, que outro tempo tão soberbos,  
Cheios de nobre ardor, lhe obedecião,  
A cabeça inclinada, os olhos tristes,  
Parecem conformar-se a seus pezares.  
Grito horrivel, sahido d'entre as ondas,  
Eis que dos ares o socago turba;

E do seio da terra, voz terrivel  
Gemendo, respondeo ao fero estrondo.  
Em nossos corações gelou-se o sangue.  
As crinas aos cavallos s'errucirão.  
Sobre a planície liquida s'eleva,  
Refervendo em cachões, humido monte.  
A onda rola, quebra-se, e vomita  
Entre montes d'escuma hum monstro enorme.  
Armão-lhe agudos cornos larga fronte;  
Cobrem-lhe o corpo escamas amarellas,  
Toiro indomavel, drago furioso,  
Em tartuosa volta encurva as ancas;  
Aos seus longos rugidos treme a praia.  
O Céu, vendo tal monstro, se horrorisa.  
Move-se a terra, fica o ar corrupto,  
Pasma, e recua a onda que o trouxera.  
Tudo foge; o valor deixando inutil,  
Cada ham se acotche ao vizinho templo.  
Só, digno Filho d'hum heroe, Hippolyto  
O carro faz parar, toma seus dardos,  
Aponta á fera, e firme disparando  
Rompe-lhe o lado c'humma larga ferida.  
De raiva, e dor, o monstro faz corecovos,  
Junto aos pés dos cavallos cahê mugindo,  
Rola, e lhe mostra huma garganta em chammas,  
A qual de fogo os cobre, e sangue, e fumo.  
O medo os toma então; e esta vez surdos,  
Não reconhecem nem a voz, nem freio.  
Seu senhor se consume em vãos esforços.  
Tingem os freios com sanguinea espuma.  
Diz-se que um Deos se vio, neste conflicto,  
Aguilhoar-lhe os polvorosos flancos.  
De pavor correm a través das fragas.  
Range, e quebra-se o eixo. O bravo Hippolyto  
Seu carro vê voar feito pedaços,  
Cahê, e fica nas redeas enlaçado.  
Desculpai minha dor. Tão triste imagem  
Será do pranto meu eterna causa.  
Vosso Filho infeliz vi arrastado  
Pelos proprios cavallos que criára.  
Quer socegalhos, e da voz se espantão.  
Correm. Fica seu corpo huma só chaga.

Nossos gritos retumbão na campina.  
 Afrouxa em fim seu fogo impetuoso.  
 Parão não longe dos antigos tumulos,  
 Que dos Reis seus Avós as cinzas fexam.  
 Afflicto corro lá, seguem-me os guardas.  
 De seu sangue os vestigios nos são guia.  
 Elle tinge os rochedos; e os abrolhos  
 Os despojos retém de seus cabelos.  
 Então chego, e lhe brado; a mão m'estende,  
 Abre, e cerra para sempre os mortaes olhos:  
*O Ceo, diz, me tirou vida innocente.*  
*Toma a ti, caro amigo, a triste Aricia.*  
*Sé algum dia meu Pai desabusado*

*Chorar d'hum Filho a sorte não merecida,  
 Para meu sangue applicar, sombra queixosa,  
 Dize que com amor trate a cativa,  
 Quo lhe entregue... E aqui o heroe ja morto,  
 Deixou nos braços meus o corpo informe,  
 Triste objecto da colera dos Numes,  
 E que seu mesmo Pai não conheçera.*

THESEO

Meu Filho! oh esperança que cortei eu mesmo!  
 Deuses crueis, que promptos me attendestes!  
 P'ra que angustias mortaes estau guardado!

# A MORTE DE HIPPOLYTO

TRAGEDIA DE ROBERT GARNIER

Traducção do Dr. Pires de Almeida

## QUINTO ACTO

MENSAGEIRO E THESEU

MENSAGEIRO

e Trezena sahindo desvairado,  
 A parelha atrelou nervôso ao carro,  
 E rapido subio, de rédea em punho,  
 Vibrando logo o látigo, que estala.  
 Nas patas dos corceis chocalham guizos,  
 Galopando na praia emparelhados;  
 A areia torvelinha; as rodas rangem,  
 E vóa o carro qual ligeira flecha.  
 Tres vezes se voltando ao lar que fôge,  
 Irado a se exprobrar de sua lascivia,  
 Aos céos e terra brada que são falsas  
 As baixas intenções que lhe attribuem.  
 Elle chama por vós; supplica aos deuses  
 Dêem provas da falta que lhe irrogam,  
 Pois que, sendo a verdade conhecida,  
 Sómente punireis quem fôr culpado.  
 Eis quando o mar de subito se impola  
 Sem do vento sentir-se arripiado,  
 A contrario, dormente, sem que a vaga  
 Estrugindo em fragôr lhe encrespe o dorso;  
 E erguendo ao céo a prateada crista  
 Espriguiçar-se vae na extensa praia.  
 Jámais Bóreas, armado contra o Noto,  
 E este contra aquelle, o inflaram tanto,  
 Bem que o varram vibrante, e, na violencia  
 Com que o vão açoitando, a areia cuspan,  
 E Leucate soluce, e as duras penhas  
 Debuxem turbilhões de nivea esenma.  
 Essa hyperbole d'água a um tempo espanta  
 As cortadôras náos e a terra firme.  
 Roncando desenrola-se na praia,  
 Que ferve ao trom da líquida corrente.  
 Attonitos ficámos, receiosos  
 Do imprevisto furôr d'outra resaca,  
 Quando avistámos, qual penedo informe,  
 Que vae nos astros topetar ousado,  
 Cabeça e collo de tão feio monstro,  
 Que a mente não lhe pinta o aspecto horrivel!

Desce, a estuar, em borbotões, do ether,  
 E fende aos encontrões a vaga tímida.  
 Formando caldeirões cavam-se as águas,  
 E as ondas, a pular, em tórno acódem.  
 Ferve, e referve o mar. Rugindo, segue  
 Direito á praia o monstro fabuloso.

THESEU

Que fôrma tinha a apparição horrenda?

MENSAGEIRO

A fôrma tinha de iracundo touro:  
 Péllo azulino; esverdeada cerda  
 A emaranhar-se no pescóço e fauces;  
 Orelhas, tensas; e as agudas pontas  
 Longas, de côres várias mosqueadas.  
 Seus olhos dardejavam; e, bufando,  
 Das ventas lhe esguichavam igneas lavas.  
 Da bôcca lhe escorria, á flux, a baba,  
 Que em estertôr das guélas borbotava!  
 Vermelha mancha lhe esmaltava o lombo!  
 E do dorso aos quadris, em dupla fila,  
 Alastravam-lhe o couro só espiuhos!  
 No remate da espiuha se inseria  
 Cauda felpuda, extensa e escamosa,  
 Que ameaçadôramente colleava!  
 Fremio a praia; penhas desdenhosas,  
 Do igneo Olympo sobre a base oscillam!  
 Os rebanhos em fuga os campos deixam!  
 De espanto o caçador as rédes solta,  
 E corre a se agachar na selva espessa,  
 Pois tão grande pavôr o monstro incute  
 Que ao urso e ao javali o médo perde!  
 Só Hippolyto resta, a quem receio  
 Não há que gele e a fronte lhe descóre:  
 Elle se guarda altivo em segurança.  
 «De meu pae», diz, «foi sorte e galhardia  
 A touros affrontar, — vou imital-o  
 Com esse monstro combatendo a pulso.»  
 Valendo-se de um chiço alli deixado,

D'outra arma não dispare o ardente joven,  
 Vae de frontal o. Seus corceis d'espanto  
 Acum: e voltando ao freio indocéis,  
 Bem que um braço perito os dirigisse,  
 Cercar aos trancos, disparado arcaam.  
 E alaz persegue os fúmoso o touro  
 Qual revoltó aquillo, quando saltara  
 Lavrador que, em medões, no campo entulha  
 Louras espigas pelo chão dispersas.  
 E os segue, os ultrapassa, e investe contra  
 Cayo sitio, murado de rochedos.  
 Chocatta a cauda, abana a dura testa.  
 E, olhos em braza, a tempestade avisa!  
 Bem como estivo tao que, se toidando,  
 Derrama negras nubes pelos ares,  
 Com ribombos e rapidos coriscos.  
 Tal era o monstro no tropél medonho,  
 Cheios de fé! e de rancor os bofes!  
 Com a propria cauda, num constante moto,  
 Vergasta as ancas. E bravo á força!  
 Qual cióso garrote ao vér, de longe,  
 De uma novilha, ao lado, outro garrote  
 Na campina a vagar, barra atróante,  
 Num impeto atrevido o acomette,  
 E, antes de assaltal-o, o embate ensaia,  
 Arremettendo audaz, esbravejando,  
 Escarva o sólo, arranca lhe as raizes,  
 E de pontas ao chão escaramuça!  
 Batão Hippolyto, de vergasta em punho,  
 Colhendo a redéa valeroso busca  
 Sustar os seus corceis, qual o pilóto  
 Baróla as vélas contra o sólto vento,  
 Perdido o lenho no alto mar. Não tendo  
 Fórçante brida que lhes tolha o impeto,  
 Domina-as o payór. Suprêmo esforço  
 Por tirar-lhes o médo o joven balda.  
 Eupinam-se, e teimosos refugando  
 Escorre-lhes da bôcca escuma e sangue:  
 As natinas inchando, a grande custo  
 Veias, nervos e musculos dilatam.  
 Empeuha-se o mancebo em sofireal-os  
 E elles em recuar inda persistem.  
 Surge o dragão. Agora, corveteando  
 Rompe as correias a parelha arisca,  
 E galga, atravessada, aspera rocha,

Suppondo o atroz de si para empolgal-a.  
 Hippolyto, a contrario, insiste ousado  
 Em fazal-a estacar... Baldado intento!  
 A viva força o corpo lhe retorce,  
 E, couchegando-a a si, encurta a brida.  
 Alaga-se em snor. Os corceis ágeis,  
 Em dóbro correm, mastigando o freio,  
 Annullando de Hippolyto os esforços.  
 Mas, para mór desgraça, um dos tirantes  
 D'elle se enreda, e lança o sób as palas;  
 Perde os sentidos, mais o nó se aperta,  
 E os fôgósos corceis de rójo o levam  
 Por entre moitas e espinhaes agudos,  
 Que lhes rasgam as carnes góttejantes.  
 Degollada, a cabeça em sangue pulu,  
 Dos membros o cruor a terra tiage,  
 Tal qual se vé a babujenta lésma  
 Deixar na cépa o pegajóso rastro;  
 Por aguçado tronco o ventre aberto,  
 Suas entranhas sób as rodas rolam.  
 A alma abandonou-o, e angustiada  
 As ágóas cruza da sombria Styge!  
 Já de seus olhos a pupilla negra  
 Desmaia sób o véo de branca névóa.  
 De crescentes payóres assaltados,  
 Corrémos n'esse instante ao seu encontro,  
 Guiados pela esteira de seu sangue,  
 Chegando no momento em que morria,  
 Pois a tira de couro que o ligava,  
 Gasta pelos payóres arrebrandando,  
 Só o largou no dóloroso instante  
 Em que já na agonia estrebuxava.  
 De em tórno os cães vivavam lamentosos  
 Sensíveis á desgraça de seu dono;  
 E nós, seus fieis servos, prosternados,  
 Ferindo a face com aguda pedra,  
 Batiamos no peito, e a grandes gritos,  
 Em velorio, aos solagos, o carpimos:  
 Uus, suas rijas pernas osculando, —  
 Outros, o thorax, — outros, as mãos frias, —  
 Em desespero, maldizendo o Fado,  
 O carro, os seus corceis e o dragão féro  
 Da desgraça factúres, sobre varas  
 Cada qual sobre os hombros foi levando  
 Os retalhos do corpo de um athleta.

# PHEDRA

## TRAGEDIA DE JOÃO RACINE

Traduzida em portuguez e oferecida ao Senhor José de Carvalho Ribeiro  
 por seu fiel, e obrigado amigo.

MANOEL JOAQUIM DA SILVA PORTO

2.ª EDIÇÃO MAIS CORRECTA

RIO DE JANEIRO

NA IMPRESSÃO REGIA, 1821

Com licença da Mesa do Desembargo do Paço.

(\*) Phedra, tragédia de João Racine, traduzida em verso portuguez por Manoel Joaquim da Silva Porto. — Porto, Typographia Commercial  
 Portuense, Largo do S. João Novo n. 12. 1842.  
 (\*\*) ADVERTENCIA. — O Editor da Tradução do Poema — A Gastronomia — vendo depois da Obra impressa que fazia um pequeno volume,  
 afim de eugmental-o, resolveu-se a mandar reimprimir a Tradução da Phedra, Tragedia do misigne João Racine, feita pelo mesmo Traductor á  
 Gastronomia, e impressa no Rio de Janeiro em 1821; persuadido de que os Srs. Assignantes não deixarão de approvar esta sua resolução.



RACHEL

o ideal interprete da *Racine*, personificada a *Alma* da tragedia. Desenho de Gerôme, Trajando luto, no pronao de um templo grego, armas em fecho, tendo ao lado a mascara symbolica da *Boca de Sombra*, o notavel pintor francez parece querer significar que, com ella, morrera a tragedia na Franca. Rachel + em Mulf, pequena aldeia do cantão d'Argovia, na Suissa, a 28 de fevereiro de 1851, e f. victimada por uma tísica gulopante, em Cannet, proximidades de Cannes no Var, a 3-de janeiro de 1858.

ACTO QUINTO

SCENA VI

THESEO e THERAMENE

THESEO

E's tu, Therámene! Onde está meu filho?  
Em confusão na mais tenra idade,  
Mas donde nasce o pranto em que te unidas?  
Que faz meu filho!

THERAMENE

Oh vão cuidado! e tardo!  
Baldado amor! Hippolyto não vive,

THESEO

Céo!

THERAMENE

Dos mortaes findar vi o mais digno,  
E até, di-lo-hei, Senhor! menos culpado.

THESEO

Não vive! Ah! Quando os braços meus lhe abria,  
Derão-lhe a morte os Deuses impacientes!  
Qual golpe mo extorquiu! Qual veoz raio!

THERAMENE

Sabindo apenas de Tressena as portas  
Hia em seu coche, os guardas seus afflictos  
Em silencio, imitando-o, o circulavão;  
Hia a Mycenae pensativo em rota,  
Aos cavallos deixando as redens frouxas,  
Brutos soberbos, que ob'decer-lhe outra ora  
Cheios de ardar famozo se gloriação,  
Do triste olhar então, e humilde a frente,  
Como que tomão parte em seus pezares,  
Eis do mar fundo surge horrído grito  
Que a vastidão ampla do ar atroa, e assuata,  
E do centro da terra horrível brado  
Ao grito enorme responder gemendo,  
Em nossos corações gela se o sangue,  
Aos ginetes o susto erriça a coma,  
Já no dorso da liquida campina  
Humido monte em bonbotões se eleva,  
Aproxima se, quebra se, e vomita  
De entre as espumas um funiozo monstro,  
Tem ampla a frente, e pontas ameaçantes,  
Cobrem-lhe o corpo escamas amarellas,  
Toiro indomavel, impetuzo Drago, go. 11.  
Recurva a cauda em tortuosas roscas,  
Seu tremendo mugido assusta as praias;  
O mesmo Céu ao vél-o se horroriza;  
Trême a terra, de peste enchem-se os ares,  
Fogon de espanto as ondas que o trouxeram,  
Tudo foge, e de medo surprehendido,  
Busca refugio no vizinho Templo,  
É Hippolyto o heroe, de Heroe o filho,  
Os ginetes detem, os dardos toma,  
Com força o monstro impelle; e c'o a mão certa  
Larga ferida por um lado lhe abre,  
De raiva, e dór, o monstro, a) ar pulando,  
Dos ginetes aos pés se estende em urros,  
Rola se, e lhes presenta as igneas fauces,

Que de fogo, de fumo, e sangue os cobrem.  
Pavor os toma então, e esta vez surdos,  
Não reconhecem mais nem voz, nem freio.  
Estorços vão o dono seu consomem.  
Tingem os freios de sanguinea espuma.  
Diz se que mesmo um Deos em tal desordem  
As empoetradas ancas lhe aguilhoava.  
Entre as rochas o medo os precipita:  
Quebra se o eixo, e o Principe bruzo  
Em mil pedacos vé voar seu coche,  
E embaraçado caher por entre as redens.  
Desculpa a minha dór, tão crua imagem  
Ser-me-ia de amargo pranto eterna origem:  
Vi, Senhor, vi Ten Filho desgraçado  
De rastos pelos brutos que ha nutrido,  
Chama-os em vão, c'o a voz mais os assusta:  
Corram: é já seu corpo uma ferida.  
Nesso horrído alarido o campo estruge.  
Seu fogo impetuzo em fim se abrauda:  
Parão ao pé dos túmulos antigos  
Que dos Reis seus Avós a cinza occultão.  
Corro em suspiros, seguem-me os seus Guardas:  
Seu generozo sangue é nosso guia:  
Mostrão-no as rochas, pende dos espinhos,  
Da coma sua o espolio ensanguentado.  
Chego, brado por elle, a mão me estende,  
Os olhos moribundos abre e cerra.  
«Vida innocente (diz) o Céu me arranca.  
«Morto eu, tem compaixão da triste Aricia.  
«Amigo, se meu Pae desenganado  
«Chorar um dia um não culpado Filho,  
«Por meu sangue, aplacar, e infausta sombra,  
«Diz-lhe que trate meigo a escrava sua,  
«Que lhe entreguei... Eis aqui o Heroe expira,  
E nos meus braços caher desfigurado,  
Triste objecto da coiera dos Deoses,  
Que estranho fóra ao mesmo Pae, se o vira,

THESEO

Oh meu filho, que eu mesmo hei dado á morte!  
Deoses cruéis, que tanto me servistes!  
A que afflicções mortaes fui rezerzado!

THERAMENE

Tinha chegado então tímida Aricia,  
Hia, Senhor, fugindo aos tens rigores,  
Dar-lhe á face dos Céos a mão de Esposa:  
Eis chega, vé fumear purpurea a relva,  
Vé (que objecto infeliz para quem ama!)  
Sem cor, nem forma, Hippolyto prostrado,  
Duvida dos seus fados algum tempo,  
E mais não conhecendo o Heroe que adora,  
Vendo Hippolyto está, e inda o procura;  
Mas firme em que era o mesmo que avistava,  
Com terno e triste olhar acenza os Deoses,  
E fria, em choro, e quasi já sem forças,  
De seu amante aos pés caher desmaiada.  
Ismene é junto della, Ismene em pranto  
A chamma á vida, ou antes aos tormentos:  
E eu vim, aborrecendo a luz do dia,  
Do Heroe trazer te os ultimos dezejos,  
E a exercer, Senhor, o infausto emprêgo  
Que, moribundo já, me encarregára.  
Sua inimiga atroz eis se aproxima.



Conselheiro Dr. LOURENÇO TRIGO DE LOUREIRO

Traductor das tragedias *Andromaca, Esther e Phedra*

# PHEDRA

## TRAGEDIA

Colligida da excellente tragedia de Racine, conhecida debaixo desse nome,

E

ORDENADA EM VERSO BRASILEIRO,

POR

L. T. L. (\*)

PERNAMBUCO

TYPOGRAPHIA DE M. F. DE FARIA

1851

### ACTO QUINTO

#### SCENA VI

THESEU e THERAMENES

THESEU

Theramenes, és tu! O que tens feito  
Do meu querido filho, aos teus cuidados  
Por mim entregue desde a tenra infancia!  
Mas tu choras!... Suspiras!... Donde nascem  
As copiosas lagrimas, que inundam  
Tuas pallidas faces!... Falso dizes  
Hippolyto que faz! Que faz meu filho!

THERAMENES

Oh! cuidados tardios, e improficuos!...  
Oh! ternura morosa, e sem proveito!...  
Hippolyto... Senhor, já não existe!

THESEU

Denses!...

THERAMENES

Eu vi morrer o mais amavel  
Dos Principes, e (ainda ousou dizel-o)  
O que menos culpado era entre todos.

THESEU

Meu filho já não vive!... Oh! dôr! Oh! morte!  
Quando os braços lhe estendo é quando os Deuses,  
Impacientes a sua morte apressam!...  
Que golpe m'o roubou, e em que lugar!

THERAMENES

Nós tínhamos, Senhor, sahido apenas  
Das portas de Trezena, e seus criados,  
Seguindo-o tristes em redor do carro,  
O profundo silencio lhe imitavão.  
Pensativo, o caminho de Mycenae  
Elle seguia, e suas mãos ás rédias  
Sobre os cavalloos fluctuar deixavão.  
Seus soberbos ginetes, que n'outr'ora  
Com ardor marcial obedecião  
A' sua voz, agora, cabisbaixos.  
Ao triste pensamento de seu amo  
Querer accommodar-se parecião,  
Então horrivel grito, das entranhas  
Do mar visinho subito sahindo.  
Vem perturbar dos ares o reponso,  
E logo voz horrisona, e gemente,  
Das entranhas da terra lhe responde!  
Entretanto do mar no curvo dorso  
Espumosa montauha se alevanta.  
Approxima-se, esmaga-se, e vomita

(\*) AVISO AOS LEITORES: — Empreendendo a presente tarefa, ha já trinta annos, não tivemos em vista dar uma completa e exacta traducção da excellente tragedia de Racine, conhecida sob o nome de Phedra. Encantados pela belleza dessa optima peça theatral, nós sentimos um dia, quando estavamos na flor dos nossos annos, o mais ardente desejo de a vermos representada nos theatros da Capital do Brasil, onde então residiamos, e, tentando veri-la para a nossa lingua debaixo dessas vistas, conhecemos, depois de muito adiantado o nosso trabalho, que uma completa e exacta traducção da referida tragedia para verso brasileiro prejudicava ao nosso fim principal: porquanto dava-nos uma peça tão longa, que não podia deixar de produzir o tédio, e aborrecimento nos animos dos espectadores. Determinámo-nos, portanto, por essa consideração, a supprimir aqui, e alli, muitos pedaços, que, ainda que affirmossem grandemente essa bella tragedia, contudo podião ser supprimidos sem se interromper o fio della: o resultado dessa selecção, para nós mais difficil e mais trabalhosa, do que uma traducção completa, foi a peça, que se segue. Por iguaes motivos fizemos iguaes suppressões na tragedia do mesmo autor, que, conhecida sob o nome de Andromache, não é inferior á primeira, e conseguimos organizar com os pedaços escolhidos uma peça ainda mais breve. Desconfiando, porém, de nós mesmos, mettemos uma, e outra, em uma gaveta, e chegámos á esquecer-nos della, até que ultimamente, cahindo-nos por acaso debaixo dos olhos, e lendo-as, sentimos renascer o nosso antigo desejo. Determinámo-nos, pois, a fazer-lhes ainda algumas breves correcções, e, finalmente, mostrando-as á alguns amigos entendedores da materia, estes nos persuadirão que as dessemos á luz, depois de nos terem mostrado quanto os theatros do Brazil carecem de peças deste genero. Ah! pois, a offercemos aos amantes das letras, e nos daremos por muito bem pagos do grande trabalho, que a sua composição nos custou, se ellas merecerem a approvação do publico, ambicionada pelo

Traductor

DOCTOR LOURENÇO TRIGO DE LOUREIRO.





Antrotypia do Commercio. — Cypriano & Gaspar, rua da Quitanda 43, sobrado.

Lith. de S. A. Sison, rua do Cano, 15.

**ESTATUETA AUTHENTICA**

para a qual pozou o tragico brasileiro João Caetano dos Santos, no papel de Oscar

Entre montes de espuma um monstro horrendo !  
 Armão-lhe a larga fronte agudos cornos,  
 E luzentes escamas amarelhas  
 O formidável corpo lhe revestem.  
 Tem a cabeça de indomável touro,  
 O corpo de dragão, e tórtas dobras  
 De par em par a cauda lhe guarnecem.  
 Seus longos e terríficos mugidos  
 Fazem tremer a praia : a longa vaga,  
 Que na praia o lançára, estupefacta,  
 Recúa ; a terra treme, e o céu oscilla,  
 De ver tão feio monstro horrorizados.

A sua guarda foge, e não ousando  
 Armar-se de valor, que vão reputa,  
 No templo, que fronteiro lhes ficava,  
 Cada qual corre a procurar asylo.  
 Sómente o forte Hippolyto, imitando  
 O corajoso heróe, de quem descende,  
 Faz parar os ginetes, e animoso  
 Com mão segura ao monstro um dardo arroja,  
 E no flanco lhe faz larga ferida.

De raiva, e dor, saltando, o monstro informe  
 Com medonhos e horríficos mugidos,  
 Junto aos ginetes vai cahir de chofre ;  
 Rola se, ergue a cabeça, e lhes ostenta  
 Horrendas fauces, que subito os cobrem  
 De chammas, e de fumo, e d'atro sangue !

Tomados de terror, a voz, e o freio  
 Já não conhecem mais, e em vão esforços  
 Seu amo se fatiga e se consome :  
 Em vão elle lhes falla, e em vão lhes corre  
 Sangrenta espuma dos contusos queixos.  
 E até houve quem nesse borbórinho  
 Reconhecesse um Deus, que lhes rasgava  
 Com tridente ferrão os largos flancos.  
 Por cima de rochedos escarpados  
 O terror os conduz ; quebrão-se as rodas,  
 E Hippolyto o seu carro de repente  
 Vé partir-se em pedaços, e nos lóros  
 Embaraçado, cahe, horrível quéda !

Desculpai minha dôr : este spectac'lo  
 Ha de ser para mim, que visto o tenho,  
 De lagrimas, e dôr, fonte perenne.  
 Eu vi, Senhor, com estes tristes olhos  
 O desgraçado Hippolyto arrastado  
 Por seus charos ginetes, que elle mesmo  
 Por suas mãos pensara vezes tantas !

Elle os quer affagar, quer acalma-los ;  
 Porém a sua voz mais os espanta,  
 E seu formoso corpo n'um momento  
 Fica todo mudado em chaga horrenda !  
 Co'os dolorosos gritos, com que apenas  
 Pudemos acudir-lhe, o campo trôa,  
 Até que enfim affrouxa a veloz fuga  
 Dos soberbos cavallos, que enfim parão  
 Defronte desses tumulos antigos,  
 Onde dos Reis, seus inelytos maiores,  
 As reliquias mortaes em paz descansão.

Eu corro suspirando, e sua guarda  
 Consternada me segue pelos rastos,  
 Que seu illustre sangue nos deixára ;  
 Que estão a cada passo tintos d'elle  
 Os ásperos rochedos, e das garças,

Ora aqui, ora ali, dos seus cabellos  
 O sangrento despojo está pendente.

Eu chego : afflicto o chamo, e elle, abrindo  
 Os moribundos olhos, que de pressa  
 Torna a cerrar, a mão estende, e diz-me :  
 « Uma vida innocente o céu me arranca :  
 « A triste Arícia, amigo, aos teus cuidados  
 « Recommendo, e te peço que a protejas :  
 « E, se um dia meu pai, desenganado,  
 « Lamentar a desgraça de seu filho,  
 « Calumniado ante elle, então lhe diz,  
 « Que para aquietar meu sangue, e manes,  
 « Do seu rigor queixosos, com brandura  
 « Trate a sua captiva, e que lhe entregue... »  
 Aqui a derradeira vital aura  
 Do peito lhe fugiu, e sobre os braços  
 Deixou-me um corpo informe, e lacerado,  
 Triste objecto da colera dos Deuses,  
 Tal, que nem mesmo de seu pai os olhos  
 Jámais reconhecê-o poderião !

## THESEU

Oh ! meu querido filho ! Oh ! chara esper'ança,  
 De que eu mesmo a mim proprio me hei privado !...  
 Inexoraveis Deuses por que fostes  
 Tão promptos em ouvir meus crueis votos !...  
 A que pezares, e mortaes remorsos  
 A minha vida estava reservada !...

## THERAMENES

A timorata Arícia, que, fugindo  
 A' vossa colera, á face dos Deuses  
 Ia por seu esposo recebê-lo,  
 Chega nesse momento, e vé a relva  
 Tinta de sangue, e tunida ; e por fim,  
 (Oh ! miserando objecto para os olhos  
 D'uma fiel amante !...) incerta encara  
 Hippolyto estendido, ensanguentado,  
 Sem fórma, sem feições, sem côr, sem vida.  
 Fixados nelle os olhos, por momentos  
 Quer duvidar da sua desventura :  
 Ella não reconhece o heróe insigne,  
 Que tanto adora : a misera está vendo  
 O seu querido Hippolyto, e pergunta  
 Em que lugar está, que é feito d'elle.

Mas, certa enfim de o ter ante seus olhos,  
 Os olhos ergue ao céu, increpa os Deuses,  
 E fria, e lacrimosa, e quasi exangue,  
 Cahe desmaiada aos pés do seu amante.  
 Está-lhe ao lado Ismenia, que por fim  
 Com suspiros, e lagrimas, á vida,  
 Ou antes, á sandade, a restitue.

Consternado, e da luz aborrecido,  
 Eu venho enfim de vosso illustre filho  
 Dizer-vos a vontade derradeira,  
 E cumprir fielmente o triste encargo,  
 De que o seu coração agonizante  
 Sobre mim repousára... Mas hi tendes  
 A sua inexoravel inimiga. (\*)

(\*) Phedra entra com Panopé.



NINA SANZI,

Photographia Félix. — Paris.

radiante e futura atriz brasileira, racionalmente indigitada, pelo renome adquirido na Europa, para inaugurar o Theatro Municipal do Rio de Janeiro.

Adolpho Brissson, o inexorável crítico do *Tempo*, no seu folhetim de 19 de Outubro de 1908, referindo-se a NINA SANZI no difficil papel, que lhe coubera, na trabalhosa peça de Nozière, *L'Après-midi Byzantine*, afirma: «Tivemos a revelação de uma atriz extraordinária. Nina Sanzi, ardente, apaixonada, transbordante de vida, dotada de incrível força de expressão... Eu queraria vê-la em vehemente papel, a um tempo amóroso e tragico... Guardem bem este nome, — elle será celebre.»

# CASAMENTO A PÁO

COMEDIA EM UM ACTO,

DE

MOLIÈRE,

ACCOMMODADA Á VERNÁCULA PELO DR. PIRES DE ALMEIDA;

representada, pela primeira vez (†), no Rio de Janeiro, a 21 de abril de 1792, e, posteriormente, pelo notavel comediante francez Coquelin ainé, em uma de suas excursões ao Brazil. (\*)

## PERSONAGENS

ESGANARELLO, velho. — JERONYMO, outro velho. — DORIMENA, noiva de Esganarello. — ALCANTOR, pae de Dorimena. — ALCIDÁS, espachino. — PANCRACIO, doutor aristoteliciano. — MARPURIUS, doutor pyrrhoniano. — Duas ciganas. — Um pagem.

(\*) Esta comedia offerece-nos a singular coincidência de ter sido representada, entre nós, pela primeira vez, no proprio dia da execução do Tiradentes, e, pela ultima, dentro do periodo de um seculo, nos poucos dias que antecederam á amargurada banicção do bisneto da Rainha que referendou o apparatuso justicamento d'aquelle precursor da liberdade da patria brasileira.

Entre as medidas de caracter official tomadas para solemnizar tão extraordinario acontecimento, salientam-se as que foram exigidas pelo edital promulgado pelo presidente do Senado da Camera — Dr. Balthazar da Silva Lisboa, convidando o povo a deitar luminarias por tres dias, esperando que ISTO SE FIZESSE SEM SER PRECISO APPLICACÃO DE PENA PARA OS RECALCITRANTES; e as providencias dadas para que não deixassem de sahir á rua, na tarde do tenebroso dia, os bandos de dançarinos e de mascarados, como era de costume nos dias festivos.

E, para que nada faltasse a todas essas demonstrações de regôzijo publico, arrancadas aos habitantes d'esta cidade antes pelo terrôr, que nascidas da espontaneidade, não hesitaram as autoridades do tempo em encarregar ao celeberrimo porta-balha Manoel Luiz de organizar, para essa noite, uma representação dramatica, que se realisou ao ar livre, no terreno baldio e fronteiro ao adro da capelinha da Lapa dos Mescates, que constituia então os fundos da actual Igreja da Cruz dos Militares e a parte alagada pelo mar, na qual se construiu mais tarde, e definitivamente, a actual Igreja da Lapa dos Mercadões, e seus adôlos, que vieram incolumes até 1865.

Para aquelle fim empavezou-se toda a extensa área desocupada, arrumando-se amplo e seguro tablado, ornamentado, para o acto especial, com cortinas de seda adamascada e sanefas de setim-Macão; estas offerecidas pelos marrejonas das Indias (sic) aquil estacionados em despejo de suas embarcações (sic); e as madeiras, de espontanea offerta dos madeiros da travessa do Paço dos Governadores e adjaencias.

D'esta prebenda desempenhou-se galhardamente o Manoel Luiz, activo administrador da Casa da Oipra dos Vivos, assim chamada para distinguil-a dos theatrinhos de bonecos que havia então; e tão intimamente se compenetrou das ordens officialmente recebidas que, achando o canchado o unico theatro existente, para nelle se conterem os convidados, constituídos em sua mór parte de nobres e funcionarios publicos, não hesitou, para solemnizar o grande acontecimento que fizera desaparecer da superficie da terra um inimigo do throno (sic); em restaurar, á falta de um edificio que pudesse conter tantos quantos se regôzjavam com o desaparecimento de tão pernicioso elemento de desordem; em restaurar, dizia en, os antigos usos dos autos e mysterios representados no adro das Igrejas, para que servissem de ensinamento ao povo (sic).

Effectivamente, no passo que, á pequena distancia, na Igreja da Ordem Terceira do Carmo, celebrava-se brilhante festividade seguida de sumptuoso Te-Deum, officiado o bispo D. José Joaquim Mascarenhas Castello Branco (\*), no mesmo passo, e entre as chufas da caninha, percorria a cidade, como de estylo, o bando annunciador do espectáculo, precedido do competente rufo de tambôres.

(\*) No momento dado subiu ao pulpito o pregador que, com grande applauso, discorreu sobre o seguinte thema: Não traies e teu Rei e Senhor, porque as águas do monte, os passaros do céo, e os ventos da terra virão denunciar teu crime.

Companha-se o bando d'essa tarde de tres principaes figuras do entremez, o gracioso e dous barbas, o primeiro vestido de arlequin e os segundos enfiados em negro camisolão burlescamente sarapintado, tendo ambos a cabeça longo chapeó afunilado.

E como do livro de *Veracões e Provisões* (1787-1795) da nossa Prefeitura consta a licença supra, e como estavam em grande voga, por esse tempo, as comedias de Molière, fomos induzidos a crer que o entremez aqui representado, n'essa noite, fora *Le mariage forcé*, do notavel comediographo francez; tanto mais quanto, na licença para sahida do bando, nomeando as figuras, coincidem estas exactamente com os tres principaes interlocutores da accommodação da comedia á scena portugueza, tal e qual publicámo-la na primeira pagina do *Jornal do Commercio* de 21 de abril de 1902, sob o titulo *O dia de hoje*.

Manoel Luiz que, como já dissemos algures, para aqui se transportára na qualidade de cabelleiro, chegou a conquistar, por seus merexicos e alcoviticios, a intimidade e protecção, não só do galanteador Vice-Rei Marquez do Lavradio, que o trouxera de Lisboa, mas ainda, e posteriormente, ao do Conde de Bezende, que o encarregou de ir á Bahia promover e activar as festividades á chegada de D. João VI áquella nova e primeira Capital da Metropole no além-mar.

Não admira, pois, que o vejamos figurar na carta junta, que me bastaria, para produzir seus efectos aqui, reproduzil-a por metade, isto é, na parte que interessa a Manuel Luiz, si não fora, por um lado, o seu valor como documento historico, embora de chronica puramente anecdótica, e, por outro lado, o prazer que sinto ante as velharias d'esse genero.

Antes, porém, de passar adiante, e no intuito de justificar-me d'aquella minha maneira de qualificar o Marquez de Lavradio, chamando-o de galanteador, archivarei tambem, n'estas columnas, a seguinte nota, que não perde por maliciosa.

O Marquez de Lavradio foi, na ordem chronologica, quem primeiro se interessou pelos melhoramentos materiaes do Rio de Janeiro, partindo de sua exclusiva iniciativa as proveitosas medidas tomadas principalmente para a limpeza e asseio da parte mais central e habitada da cidade, serviço que era feito a braço e enxada dos calcêtas (\*); não era assim, porém, o Vice-Rei com respeito ao *santamento moral*, pois, esquecendo-se por vezes do *ser quem era*, abusava de sua autoridade para perturbar a paz das familias, levando muitas vezes a discordia aos casaes.

Uma feita, penetrando Manuel Luiz nos aposentos particulares do Marquez, perguntou-lhe este em tom da mais cordial intimidade: — Manuel, que se diz por ahí de mim? Ao que promptamente respondeu o maneirôso profissional, accomodando ao penteador a cabelleira de rubicho do seu illustre amo: — Diz-se que V. Ex. limpou as ruas, mas *sticou* as casaa.

Eis, em sua integra, e com a mesma orthographia e pontuação, a carta acima alludida, com todos os promenores e notas publicadas n' *O Paiz* de 15 de Julho de 1906.

(\*) O embaçamento do actual Arroyo de S. Francisco da Assis, antigo Arroyo da Mendicência, pelas condições especiais do solo do aterrado reclamou prolongadas obras d'arte debaixo d'água; pois hum: os serviços mais penosos e arduos foram ainda, e em os nossos dias, executados pelos galês; e isso em troca apenas de razão dupla de fumo em cordia o de palha de milho para as competentes mortalhas.



MOLIÈRE

Amigo Manoel Ignacio (a) — Cuidado em não mostrar a *tout le monde*. Já lhe tenho escripto e sempre o farei, pois sou seu amigo e tenho toda certeza e provas de que é meu; eu vou por ora passando bem, logro muita boa saúde, e soffro unicamente os incommodos de prefidentes que são menores que os de Lisboa, pois ao menos os secretarios de Estado não moram no fim do mundo e ainda que algum more mais distante, vem sempre á secretaria e ha occasião de falar-lhe.

Muito tenho lamentado aqui a sua falta para analysarmos esta Corte dos balaios e uma celebre espera que se faz todas as noites no paço até chegarem as pessoas reaes, que se compõem do príncipe pai (b) e seu filho (c), do infante (d), da infanta (e) casada com o infante (f) de Hespanha almirante general, moço galante, bella figura, amigo de José Machado Pinto (g); disse que se compunham as pessoas reaes daquellas nomeadas, porque a rainha (h) não é desta sociedade, sai com um Monarcha (i) conhecido por V. — Condessa do Real Agrado (j), a infanta doida (k) com outra que tal, a princeza viúva (l) com a bella dama filha do Lavradio, e a Carlota (m) com toda comitiva dos pequenos, e parece que tudo anda em divorcio. Vêjo nos meus dias a confusão de Babel, aqui não há ordem, tudo trabalha em contestações de autoridades; immensos almirantes, vice-almirantes, chefes de esquadra, etc. Soldo está na tanta, e com razão, pois a esquadra portugueza deve chamar-se esquadra subtil.

O estado maior é hoje estado infinito, tambem nada de soldo, só o cobram aquelles que estão em algum exercicio, mas a magistratura que tem sempre exercicio não vê real; aqui só em salitre para Carlota fazer agua fresca anda em quatro mil cruzados annuaes e o mais a proporção; bestas mil e tantas.

Vámos aos habitos, já se não querem no Rio, agora tudo é commendador, ha casaca e furda onde não cabe mais nada, são verdadeiramente taboletas de ourives, cheias de placas, finalmente é commendador um Manoel

Luiz que no governo do Lavradio tocam fagote em um regimento e no theatro, e foi alcoviteiro do mesmo Lavradio; e no governo do conde de Rezende era capitão de ordenanças, e o seu bóbo na occasião de tomar o café depois de jantar, e além de commendador é brigadeiro e moço de camara e apesar de tudo ainda é empresario e dono do theatro, e em dias de beneficio ainda quando ha motim por bilhete elle apparece a dar as providencias e ouve xufa tremendissima; deste lote ha muitos commendadaes que ainda vão á Alfandega ajudar os seus caixeiros a procurar fardos; tudo aquillo que se respeitava e com que se premiavam as pessoas de alta nobreza, e aquelles que se punham proximos a essas pessoas, pelos seus relevantes servigos, está muito ridicularizado; daqui vem apparecerem immensos pasquins como o da porta da casa do Sr. Manoel Luiz que vai transcripto:

Quem desejar  
Ser commendador,  
Toque fagote  
Ou seja tambor.

Entram as baronias tambem a pôr se no mesmo estado; quem me dizia que eu havia vêr o Targini (n) commendador e conselheiro! Isto já era coisa milagrosa, ser então o sr. barão, é para mim annuncio de fim do mundo, conhecendo eu em Lisboa e em que estado! Não escapou o Sr. barão de S. Lourenço e teve mais de um; é um delles:

Por seres ladrão  
Saiste barão,  
Teu futuro se esconde  
Sairás conde.

Depois da baronia entrou a rubricar centos papeis do erario com as suas letras B. L., sem pôr o Santos do S, teve mais um: □ □ □

O bom ladrão no Calvario  
Deu cabo de Jesus-Christo;  
O bom ladrão no erario  
Dá cabo de tudo isto.

Não obstante emendar a mão accrescentando a letra S. que lhe faltava, teve o Sr. barão outro presente:

O bem sabido ladrão  
Deu cabo de Jesus-Christo;  
O bem sabido ladrão  
Dá cabo de tudo isto.

Um Sr. Azevedo (o) que tambem é commendador da Torre e Espada do rancho dos feis yassailos, que por amizade ao príncipe o acompanhava e que é já conselheiro, e que tem o mais que tudo é ser almoxarife do Paço, tambem mereceu a attenção ao respeitavel publico, e como a materia pertencia ao verbo *surrpito* não pôde deixar de entrar o Sr. barão de S. Lourenço:

O Azevedo rouba o Paço  
O Targini rouba o erario;  
E o príncipe bem satisfeito  
Vai caminhando ao Calvario.

Morreu o Sr. conde de Linhares (p) e durou doente unicamente tres dias, e assim devia ser, morreu do mesmo

(n) F. Targini, visconde de S. Lourenço, foi thesoureiro-mór, director suprimo da fazenda e do erario, que delapidou, sendo por isso preso.

(o) Acreditámos se tratar do fundador do Museu Nacional,

(p) D. Rodrigo de Souza Coutinho, conde de Linhares, fez parte do primeiro ministerio organizado no Brazil, e occupou a pasta da

(a) Manoel Ignacio da Cunha Menezes, visconde do Rio Vermelho, senador do Imperio pela então provincia da Bahia, onde nasceu e prestou relevantes serviços á causa da independência e na administração publicas, gozando de grande prestigio e importancia em seu tempo.

(b) D. João VI.

(c) D. Pedro I.

(d) D. Miguel de Bragança.

(e) D. Maria Theresza.

(f) D. Pedro Carlos de Bourbon, que era sobrinho de D. Carlota, a doida, e casou-se em 1810 no Rio de Janeiro, com a infanta D. Maria Theresza, contra a vontade de sua tia e sogra.

Falleceu em 1812 e com bons fundamentos ha supposição de ter sido assassinado, por ordem de D. Carlota, pelos embarços que os inglezes lhe crearam á pretensão ao throno de Hespanha.

(g) José Machado Pinto, almoxarife na Bahia.

(h) D. Maria I (a piedosa), rainha de Portugal, pelo fallecimento de seu pai D. José I em 1777, foi a primeira mulher que nesse paiz teve o sceptro real.

Era casada com D. Pedro, seu tio, e em 1º de Março de 1792 entregou a administração do reino a D. João, seu filho, por ter fallecido o príncipe D. José, em 1787, e pelo seu estado grave de alteração mental.

(i) Não podemos penetrar na accepção em que é empregado o termo, porque usavam-no, tambem, no tempo, para exprimir pessoa feia ou que andava sempre junta com outra.

(j) Não tivemos elemento para verificar a quem se refere.

(k) D. Mariana Victoria, filha da rainha, viúva do infante de Hespanha, D. Gabriella, e mãe do infante D. Pedro Bourbon.

(l) D. Maria Francisca, viúva do príncipe do Brazil, D. José, herdeiro presumptivo da corôa de Portugal, que falleceu, aos 27 annos, em 21 de Setembro de 1788, e irmã da rainha.

(m) D. Carlota Joaquina, infanta de Hespanha, filha de Carlos VI, foi rainha de Portugal, por ter se casado com D. João VI, em 26 de Abril de 1786 e viveu sempre em casa separada do seu marido, tendo em sua companhia alguns filhos e o infante D. Miguel

modo com que criava juntas; foi o seu medico, aquelle Dr. Bernardo que, casando com uma das senhoras da familia dos velhos e tendo um diuibeirão, ainda é medico, tudo por avareza, e é verdadeiramente um *Monsieur Guibotin*; creio que se ha de lembrar deste doutor, que foi hospede de meu irmão e que estivemos na sua armação junto com o Matheus.

No dia do enterro do Sr. Linhares, apparecen pregado na porta da rua um quarto de papel em ar de escripto para alugar a casa, e isto fazia com que acudisse a ver-se se era realmente signal de alugar a casa, e lia-se então:

«Amigo do principe e da Nação!...»

Os filhos assentaram que era um elogio a seu pai e deixaram o bilhete alguns dias sem reflectirem nos pontinhos, appareceu por baixo esta interrogação:

De que Nação?

No mesmo dia do enterro do Sr. Linhares teve o Sr. conde de Aguiar (q) um mimoso convite e foi em meia folha de papel de Hollanda pregada na sua porta, com letras muito grandes.

Creados para morrer quando morreu o Sr. Linhares estava S. A. na ilha chamada do Governador, teve grande sentimento e derramou suas lagrimas; nesse mesmo dia partiu logo para a ilha o lord Strangford (r) e eu estive com elle em um quarto no Paço, onde se chamam os officiaes empregados nas ordens, em que elle veio esperar o escaler e vi derramar immensas lagrimas e desde então não tem largado o principe nem um só dia; ainda estando S. A. na ilha mandou passar a pasta do Sr. Linhares ao Sr. conde das Galvéas, (s) e receioso que este se excusasse, escreveu-lhe um bilhete todo de sua letra, pedindo-lhe muito aquelle favor; a tanto tem chegado o principe pela sua ninia bondade.

Fez-lhe o obsequio de acceitar, e apesar de estar tambem doente, e talvez dure pouco, com molestia de nervos e com continua febre, tudo causado pelos excessos de... comtudo, torno a repetir, apesar de molestia tem feito muitos despachos que estavam na secretaria do Sr. Linhares e pela primeira vez deu logo a luz setenta e cinco despachos e foram setenta e nove escusados, e um:

«Espere pela informação do Governador» e anda em contestações com o Sr. infante e almirante general da esquadra subtil, querendo que as nomeações dos intendentes de marinha pertençam á sua secretaria e não ao infante, e nem o infante tem inergia para representar ao principe como deve, e nem este para resolver; o mesmo despacho de José Machado Pinto para almoxarife da Bahia, cujo decreto está lavrado e muito interessado pelo Machado o infante, o Galvéas tem por muitas vezes empataado na assignatura; são muitas as promoções para Ministerio de Estado; dizem que por vontade do Sr

marinha e fazenda, onde sua acção foi decisiva e benefica. Deve-se-lhe, em grande parte, todos os melhoramentos iniciados no seu tempo. Falleceu no Rio de Janeiro. Gozava de pouca sympathia de D. Carlota, que o tratava por *Torvelino*, (*Torvelino*, em portuguez: ella era espanhola), Dr. *Trepalhada* e Dr. *Bavafunda*.

O Correio Braziliense criticou muito o emprêgo da locução *poisque*, que fazia este ministro nos decretos e cartas régias, por ser do francez *puisque*, e não ter sido usada por classico algum.

(q) D. Fernando José de Portugal, conde de Aguiar, governou a Bahia como capitão general de 1788 até 1792, e, como vice-rei, o Rio de Janeiro de 1801 e 1806; foi encarregado da pasta do reino no primeiro ministerio.

(r) Strangford, enviado extraordinario e ministro plenipotenciario da Inglaterra, acompanhou as côrtes para o Brazil e exerceu ascendencia paternal em todos os seus negocios.

(s) D. João de Almeida, conde das Galvéas, substituiu, em 1810, o conde de Anadia na pasta da marinha, e serviu na metropole no cargo de ministro e secretario do Estado. D. Carlota o appellidára *El Pastorino*. (Ou *Pastorino*? Dr. Pires de Almeida.) Tinha habitos desregrados e muito apreciava a inversão das leis naturaes.

conde de Aguiar passará o Galvéas para a secretaria do Linhares, e o cavalheiro Araujo (t) para a do Galvéas; dizem outros que o lord Strangford quer que seja o nosso ministro que está em Londres (u) e que este é rendido pelo Calhariz que se acha em Hespanha, e outros que não é o Calhariz quem o rende, mas sim o Sr. conde dos Arcos (v) e que este é rendido pelo conde da Palma (x) que está no Governo de Minas Geraes; seja quem for o ministro que se nomear, ha de ser muito á vontade do Sr. Strangford, que não larga o principe, o que me não admiro, pois é ministro de uma côrte que tem negocios a tratar, o que me espanta é ver o nuncio (y) todas as noites ferrado ao principe, só se pretende fazer alguma nova coisa sobre indulgencias; parece ter já escripto muito, do que fica escripto infra o mais. Se não morre D. Rodrigo, estava Pedro Alexandrino já despachado, e eu estou bem persuadido que até os decretos ficaram lavrados, e Pedro graduado em brigadeiro, o filho coronel de milicias, com o soldo, por inteiro de capitão, e uma carta régia para se cessar e ficar sem minoria alguma um Aviso que está na secretaria desse governo; D. Rodrigo tratava-o muito bem e o principe recebeu-o com muita distincção entre todos os demais, e apesar da falta de D. Rodrigo, ha de conseguir tudo porque o principe mostra mesmo desejo de despachal-o: Luiz da Cunha Sandes, creio brevemente irá com o seu despacho, elle consultou consigo logo que me entregou sua carta, e eu lhe dei o parecer de que procurasse o João Ferreira S. Paio, com quem elle havia servido na junta de fazenda e que por elle conseguia tudo, e creio que se não deu mal com o meu voto, aqui lhe fiz tambem um requerimento para o irmão major, em que pede de passar, no seu mesmo posto, aggregado a um regimento de linha ou tenente coronel do seu regimento com o soldo de trinta e seis mil réis; com o Linhares não duvido houvesse de conseguir, mas o Galvéas não haverá essas graças. Hoje o ultimo dia de entrudo, coisa furiosa neste paiz e amanhã principia o tempo santo, e que bastante incommodo me dá por causa dos jejuns, mas como não se ganha a bem-aventurança sem mortificações, que remedio tenho sendo a cousa que todo verdadeiro Christão aspira!

Divirta-se, coma os bellos perús ao fresco de sua varanda, que espero brevemente ter o gosto de lhe ajudar a comer um, pois se as esperanças bem fundadas valem de alguma cousa, é isto encaminhado por um amigo que apesar do seu Placa, se lembra do seu tempo de condiscipulo e que trata a gente com muita cordialidade, posso dizer que irei despachado: esse amigo é o Freitas (z), o caruanda que foi nosso condiscipulo e é official maior do Galvéas.

Viva o senhor, a sua engeitadilha e os seus commodos.  
Amigo saudoso — Francisco Joaquim — (zz) — Rio, 11 de Fevereiro de 1812.

(t) Antonio de Araujo Azevedo, conde da Barca.

(u) D. Domingos de Souza Coutinho, irmão do conde de Linhares.

(v) D. Marcos de Noronha Britto, 8º conde dos Arcos, que governou a Bahia de 1810 a 1818, talvez que nenhum com mais direito ao agradecimento dos brasileiros pelos beneficios que prestou. Longo seria enumeral-os, mas basta citar a Bibliotheca Publica, Praça do Commercio, o apparecimento do jornal a *Idade de Ouro* e a introdução da primeira machina a vapor, para que se aquilate o valor intellectual desse grande espirito naquella epoca. Foi o successor do conde de Linhares.

(x) Francisco de Assis Mascarenhas, conde da Palma, governou a Bahia de 1816 a 1822 em substituição do conde dos Arcos e para esse governo foi transferido de Minas-Geraes. Foi trabalhador e prestou alguns bons servicos.

(y) D. Lourenço Calleppi, arcebispo de Nizibi, nuncio apostolico da Santa Sé.

(z) José Joaquim da Silva Freitas.

(zz) Francisco Joaquim Alves Branco Muniz Barreto, magistrado, sogro que foi do senador do Imperio e poeta Octaviano de Almeida Rosa.

SCENA I

JERONYMO E ESGANARELLO (moço novo)

JERONYMO. — Como que continuando encobrida... Ora muito bem, amigo Esganarello, quem queira, quer não, tem você cincuenta e dois para cincuenta e tres annos...

ESGANARELLO. — Quem! Eu! Não pôde ser...

JERONYMO. — A conta não enra. Diga-me cá: a quantos annos nos conhecemos?

ESGANARELLO. — Ha vinte annos, pouco mais, pouco menos...

JERONYMO. — Quantos annos estivemos juntos, em Roma...

ESGANARELLO. — Oito...

JERONYMO. — Quantos residio você na Inglaterra, depois que nos separamos?

ESGANARELLO. — Sete...

JERONYMO. — E na Hollanda, para onde d'alli seguiu?

ESGANARELLO. — Cinco e meio...

JERONYMO. — Ha quantos para aqui voltou?

ESGANARELLO. — Em 1656...

JERONYMO. — Pois bem. (Contando pelos dedos.) — de 56 a 68, 12; si me não engano; com 5 na Hollanda, 17; 7 na Inglaterra, 24; 8 em Roma, 32; e vinte que tinha quando nos relacionamos, perfazem exactamente os 52, afóra os quebrados...



JERONYMO. — Pois bem. (Contando pelos dedos.) — de 56 a 68, 12; si me não engano; com 5 na Hollanda, 17; 7 na Inglaterra, 24; 8 em Roma, 32; e vinte que tinha quando nos relacionamos, perfazem exactamente os 52, afóra os quebrados.

ESGANARELLO. — Cincuenta e dois, um rapagão d'estes! Não pôde ser; torne a sommar, só Jeronymo, que ahí houve engano.

JERONYMO. — O engano que você supõe provém do seu amor proprio; devo falar-lhe com a liberdade e li-sura, que lhe prometti. Não o aconselho que se case, pois faria grande tolice.

ESGANARELLO. — Mas por que, homem de Deus!...

JERONYMO. — Você bandeou de muito para a velhice; as tres melhores estações de sua edade, passaram já; foram-se a flórida primavéra, o ardente estio, o delicioso outomno; só lhe restam as frialdades do rigoroso inverno.

ESGANARELLO. — Eu não pedi ao velho camarada que me viesse pregar sermão. Quem lh'o encommendou, que lh'o pagou.

JERONYMO. — Bem sei que essas verdades não agradam; devo, porém, desenganal-o, como bom amigo que

me preço de ser. O matrimonio, seu Esganarello, é uma carga muito pesada, e suas forças acham-se já demasiado debéis para aguentar tamanho peso; patrimonio exclusivo dos amigos, não se prolonga a velhice; os nossos cabellos brancos devem ambicionar outros respeito, aspirar considerações outras, que não as ternuras e as denguiças de amor.

ESGANARELLO. — Não basta tudo isso para dissuadir-me; sinto-me vigoroso e me posso prometter a duração de muitos annos.

JERONYMO. — Tome o meu conselho: não case, não queira converter-se em veralugo de si mesmo; si até agora viven livre, e desembaraçado, não procure morrer estravo, e afogado; não troque a quietação pelo desassocêgo; olhe que só por morte se parte o elo dessa cadeia com que vos, para sempre, prender-se.

ESGANARELLO. — Não me importam os seus conselhos; resolvi casar-me. — hei de casar.

JERONYMO. — Isso agora é outro cantar; case em boa paz e que lhe faça muito bom proveito.

ESGANARELLO. — Hei de casar, insisto. Quem me aconselha o contrario, está picado de inveja.

JERONYMO. — Case; case; mas si você se havia de escandalisar do meu voto, para que me fez prometter que lhe falasse com toda a tranqüezza!

ESGANARELLO. — Hei de casar, — estou firmissimo nesta resolução.

JERONYMO. — Faz bem, — mostra com isso muito juizo.

ESGANARELLO. — Diga-me cá: parece-lhe bem que eu falte a minha palavra? Falemos como bons intimos, aqui, que ninguém nos ouve. Por outro lado, tão feia e indecente figura sou eu, que não ache por ahí quem goste de mim.

JERONYMO. — Oh, se ha de achar! Você é um braco! Parece um mocetão.

ESGANARELLO. — Mocetão, não direi; mas um rapagão desempenhado, isso me declaro. Não nos preocupemos com os annos que poderei ter, para ponderarmos tão somente nas qualidades que visivelmente possuo e exhibo; veja si qualquer rapaz de vinte annos se move com mais agilidade do que eu, — veja só; de resto, reconheço-me bem feito de corpo, vantajosamente proporcionado, rosto sympathico, feições miudas...

JERONYMO. — A respeito de gentileza, não ha tirar-lhe, nem pôr-lhe.

ESGANARELLO. — Eis o que é manifestar-se como bom amigo; si você o não fora, não me havia de falar com tanta sinceridade.

JERONYMO. — Vmca tudo merece pelo seu bom modo.

ESGANARELLO. — Obrigado. Demais, si eu não casar, acabará, commigo, a illustre e antiquissima raça dos Esganarellos.

JERONYMO. — Certamente e traria isso grande damno á humanidade. Case, case, meu caro amigo Esganarello.

ESGANARELLO. — Lá me então esse consêlho; não é assim?

JERONYMO. — Dou-lh'o; e que o realise com a maior brevidade.

ESGANARELLO. — Ainda bem! Agora, só me cabe participar-lhe que a minha futura espôsa é a formosa Dorimena.

JERONYMO. — Dorimena! A filha do senhor Aleator! e irmã de um tal Alcidas, que arrota de valentão!

ESGANARELLO. — Essa mesma. E que lhe parece?

JERONYMO. — A parte: — Cotadinho!

ESGANARELLO. — Então, que diz?

JERONYMO. — Digo que faz um excellenté casamento; depressa, não perca tão boa occasião e tão bom partido.

ESGANARELLO. — Tize bom gosto!





Lith. de S. A. Sisson, Rua do Cano 45. — 1300.

GABRIELLA DA CUNHA DE-VECCHY

(Vide pagina 392, fasciculo II.)

JERONYMO. — Fica muito bem aquinhôado, — é um *pancaddo!*

ESGANARELLO. — N'esse caso não sou nenhum tólo? como disse ha pouco?

JERONYMO. — Qual o que! Case, hoje mesmo, si puder.

ESGANARELLO. — Ora, graças a Deus que cahio de veras na razão! Dar-me-ha a honra de assistir, esta noite, aos meus despósorios; sim?

JERONYMO. — Não faltarei. E para melhor receber a honra que me offerece, irei... mascarado. Até logo.

ESGANARELLO. — Penhoradissimo. Seu seu criado.

JERONYMO *sahindo; consigo mesmo*: — Ora, casa a filha do senhor Alcantor com o meu amigo Esganarello, que só conta cincoenta e dous annos de idade! Que casamento supimpa! (*Desapparece, repetindo a phrase.*)

lace, todos aquelles mesmos carinhos que sempre experimentei na vossa sincera amizade.

ESGANARELLO. — Sim, sim, querido anjo; na minha companhia encontrareis o descanso que tanto almejaes.

DORIMENA. — E como sois um cavalheiro de altissima e esmerada educação e reconhecido galanteio, acredito que não sereis ciôso?

ESGANARELLO. — Como dizeis?

DORIMENA. — Digo que me dareis toda aquella liberdade que, ás suas legitimas mulheres, costumam facultar os maridos da moda.

ESGANARELLO, *desapontado*: — Que vindes a dizer nisso!

DORIMENA. — Que faço tenção de viver convôco na melhor harmonia: prometto não me embaraçar com a vossa vida; de vós espero igual procedimento. Hei de



ESGANARELLO. — Não sei que sinto na cabeça.

DORIMENA. — Alguma dôr?

ESGANARELLO. — Dôr e pêso...

## SCENA II

ESGANARELLO, DORIMENA e o PAGEM

DORIMENA, *áparteando o Pagem*: — Suspende bem a cauda desse vestido... E deixa-te de brincadeiras; ouves?

ESGANARELLO, *consigo*: — (Excelente casamento faço, não tem dúvida! Sou o homem mais feliz d'este mundo... (*Deparando-a; em áparte* :) Mas, que encanto, que dengueice! Onde ides, adoravel espôsa futura do vosso futuro espôso?

DORIMENA. — Vou ao logista fazer algumas compras, que me são necessarias.

ESGANARELLO. — Interessantissima gorduchinha, estaes satisfeita com o consorte que a sorte vos deparou?

DORIMENA. — Sim; porque espero achar, n'este en-

jogar, visitar, ir aos circos, ás assembléas, aos theatros, aos bailes, só, ou acompanhada de um, ou de muitos cavalheiros; a pé, ou em carruagem; emfim, fazer o mesmo que fazem todas as demais senhoras, sem que vós suspeiteis da minha fidelidade. Ciumes, nada: viver como gente de certa distincção, e de boa sociedade. E assim atravessaremos a vida na mais invejavel harmonia.

ESGANARELLO, *exasperando-se; áparte*: — (Ai, ai, que estouro!)

DORIMENA. — Que tendes?

ESGANARELLO. — Nada.

DORIMENA. — Mudais de côr! Que vos afflige assim?

ESGANARELLO. — Não sei que sinto na cabeça.

DORIMENA. — Alguma dôr?

ESGANARELLO. — Dôr e pêso...

**DORIMENA.** — Ha de ser nada. Mas, faz-se tarde... E tenho tanto a que acudir... tanta coisa a comprar... Corro ao mercado... e de lá vos mandarei, meu rico noivo, para serem pagas, as respectivas contas das despesas que en tiver feito. Até logo. *(Sabe.)*

**SCENA III**

**ESGANARELLO**, só, matutando

**ESGANARELLO.** — Um! Não me cheira bem este negocio! Não gosto nada destas franquias da alta sociedade: a boa fé dos taes maridos condescendentes e tolerantes da escola moderna, é, na verdade, digna de reparo e censura. Uma mulher por festas e bailes, sem seu marido... Um! Não me cheira.

**SCENA IV**

**ESGANARELLO** e **JERONYMO**

**JERONYMO.** — Amigo Esganarello, estimei muitíssimo encontrar-o ainda aqui... Falsi agorinha mesmo com um velho camarada meu, habilissimo ourives e jóalheiro de maxima confiança, que me disse ter, para negocio, um valioso anel de diamantes; e como é já publica e notoria a noticia do seu casamento, e sabendo elle a grande amizade com que Vmçê. me distingue, pediu-me lh'o offerecesse em á venda, prometendo dal-o baratinho. Sua noiva muito se alegrará, estou certo, com tão delicado mimo.

**ESGANARELLO.** — Por ora não ha pressa; vérmos, vérmos mais tarde.

**JERONYMO.** — Essa é boa! Pois Vmçê. não me disse que hoje mesmo receberia, si possível fosse, a elegante e riacira Dorimena? Como, pois, não tem pressa do presente de nupcias?

**ESGANARELLO.** — Disse, mas...

**JERONYMO.** — Mas, o que?

**ESGANARELLO.** — Tenho, no momento, certos escrúpulos a respeito desse casamento.

**JERONYMO.** — Como! Ha pouco tão resoluto, e agora já refugia?

**ESGANARELLO.** — Antes de ir além, desejo tocar á raiz desta questão; tive a noite passada um sonho tão horrendo, que ainda não se apagou do meu espirito. E Você sabe, meu bom Jeronymo: os sonhos são como que espelhos que reflectem ás vezes o que, muito, bem nos pôde acontecer. Parecem-me em alto mar, n'um navio muito grande, á mercê de agitados ondas, e que... **JERONYMO.** — Preciso retirar-me... Chama-me lá fóra outro pequenino negocio que me embarça de ouvil-o por mais tempo... De sonhos nada entendo, absolutamente nada, até mesmo porque nunca me appliquei á astrologia. Escute: Vmçê. tem aqui, e bem vizinhos, dous sabios philosophos, a quem pôde consultar á vontade sobre suas dúvidas; e como seguem escolas diversas, indicar-lhe-hão, á escôlha, o meio termo a seguir. Da minha parte, estou pelo que disse e me confesso por seu criado. *(Sabe.)*

**SCENA V**

**ESGANARELLO**, só

**ESGANARELLO.** — Tem razão, — consultarei esses dous grandes homens sobre a incerteza em que labuto. Procurarei, em primeiro lugar, o illustradissimo Sr. Doutor Paneracio; mas, eil-o que chega a proposito.

**SCENA VI**

**ESGANARELLO** e **PANCERACIO**

**PANCERACIO**, em constante alarido, e sempre voltado para o ponto d'onde sahira: — Tenho dito: *sub distinctione data, concedo.* Vae-te, tólo, ignaro, que és, da sã e pura philosophia!

**ESGANARELLO**, consigo: — *(Vem enfadado... Má occasião para dar conselhos...)*

**PANCERACIO.** — Não toimes, bestalhão: hei de mostrar-te no grande Aristoteles o acerto do meu aserto: *formaliter, concedo; materialiter, nego.* *(Aos gritos:)* Pedante, val insecto da republica das letras!

**ESGANARELLO.** — Agora... agora... é tempo. *(Adiantando-se resoluto:)* Senhor, senhor, senhor...

**PANCERACIO.** — Hei de provar-te com Aristoteles em punho, com Aristoteles, o philosopho dos philosophos, que es um ignorante, um ignorantissimo, ignorantissimo e ignorantissimo, declinado, em todos os casos, e conjugado por todos os modos imaginaveis: essa, que profiristes, é uma proposição condemnada pela grande maioria dos praxistas de boa nota.

**ESGANARELLO.** — Senhor doutor Paneracio... *(Enfadado-se:)* Não ouve? O demão do homem está irritadissimo... seja lá com quem fór... e pelo que fór! Senhor doutor, sei seu criado.

**PANCERACIO**, sem olhar sequer para Esganarello: — P'ra que te mettes a discurrir elevados problemas da arte de raciocinar, si não dispões, nem ao menos, dos primeiros elementos da razão? *Nego totum.* A maior é falta, a menor sophistica, e a conclusão ridicula.

**ESGANARELLO.** — Deixe-se disso, senhor doutor, — olhe que está fóra de si.

**PANCERACIO.** — Distingo e distinguirei sempre: *si ex parte actus, concedo; si ex parte rei subdistingo objective seu secundum quid, concedo; preceperit vel identice, ainda distinguo.* *Formaliter, concedo; materialiter, nego.* *(Sempre aos gritos e olhando para o ponto d'onde sahira.)*

**ESGANARELLO.** — E' forte birra! O homem enlouqueceu.

**PANCERACIO.** — D'aqui ningnem me tira; hei de defender a minha opinião.

**ESGANARELLO.** — Senhor Paneracio, ouça o que tenho a dizer a V. S...

**PANCERACIO.** — Aristoteles não podia errar. *Quando per formam assimilatur corpora transfiguratio...*

**ESGANARELLO.** — Senhor Paneracio Aristotelico, que tem! Com quem assim se enfadou?

**PANCERACIO**, olhando agora para elle: — *Quis es?*

**ESGANARELLO.** — Sou eu, senhor doutor philosopho.

**PANCERACIO.** — Oh! o meu visinho?! Sempre *servus servorum tuorum.*

**ESGANARELLO**, consigo: — Amen. A colera o impede de attender-me... *(A Paneracio:)* Senhor doutor, doutor...

**PANCERACIO**, voltando-se de novo para o lado d'onde vierá: — *Tão estulta proposição acha-se condemnada em todos os dominios da philosophia!*

**ESGANARELLO**, aparte: — E' preciso realmente que tenham maggado muito profundamente este pobre homem, para assim pô-lo neste estado de excitação!... *(A Paneracio:)* Senhor doutor, eu...

**PANCERACIO.** — *Toto celo, tota via aberras.*

**ESGANARELLO.** — Beijo as mãos do senhor doutor... *(Aparte:)* Pôde zingar-me quantas vezes quiser, que eu não o entendo.

**PANCERACIO.** — Para servir-o... A's suas ordens.

**ESGANARELLO**, satisfactissimo: — Ora, áfinal!

**PANCERACIO**, voltando-se de novo para o ponto d'onde

*salva*. — Besta quadrada! Sabes o erro que commetteste? Um syllogismo *in Bator*!

ESGANARELLO. — Valha-me Deus! Senhor... Senhor Aristoteles...

PANCRACIO, *sem attendê-lo*. — Era mais facil eu estourar do que concordar com semelhante absurdo! Sustentarei a minha proposição até o ultimo pingo de tinta...

ESGANARELLO. — Poderes agora, que V. S. acaba de esgôttar o seu tintreiro...

PANCRACIO, *trasciêdo*. — Sim, sustentat-a-hei *pugnis et calcibus, unguibus et rostro*.

ESGANARELLO. — Pôde chamar-me os nomes feios que quizer, pois que eu não entendo patavina do que me diz...

PANCRACIO. — *Stulto cum magna comitante cuterva*.

ESGANARELLO. — Obrigado pelo favôr que me faz. Mas, que tem, que tem, que tão enfadado está?

PANCRACIO. — Que hei de ter? Estou desesperado com a petulancia de um ridiculo scientista que pretendia defender uma proposição erronea, temerária e execranda.

ESGANARELLO. — Trêmo de susto! Posso saber o que era?

PANCRACIO. — Pôde sim. Vmcê., sendo um pateta, e, portanto uma besta n'estas coisas, talvez apprehenda melhor, do que elle, o senso intimo da delicada questão.

ESGANARELLO. — Isso agora é lisonja: sempre obrigadissimo. Pois, que foi?

PANCRACIO. — Tudo está perdido, senhor Esganarello; o mundo se acha infeccionado de uma corrupção geral; os sabies vivem confundidos com os ignorantes, que ostentam inaudita ousadia... Deviam ser punidos.

ESGANARELLO. — Acho tambem que sim... Mas, que proposição, quero dizer, que blasphemia da razão foi essa?

ESGANARELLO. — Tenebrosa licença reina em toda parte; a alta magistratura, que foi unica e exclusivamente inventada para refrear esse estado de cousas nos paizes mais cultos, deve n'este instante achar-se fundamentalmente envergonhada do medonho e horripilante escandalo, que passo a referir-lhe.

ESGANARELLO. — Devêras! Mas, então o que foi? o que succedeu? V. S. me assusta.

PANCRACIO. — Adeantar semelhante heresia!...

ESGANARELLO. — Mas, diga-me V. S.: qual foi ella?

PANCRACIO. — Pois não é um sacrilegio que clama aos céos, que desafia a colera divina, o dizer em público e razo a *fôrma* do chapéo?

ESGANARELLO. — Com effeito, isso agora se me representa blasphemia horrivel!

PANCRACIO. — E Vmcê. ainda o duvéda! Eu defendo que se deve dizer a *figura*, e não a *fôrma*, de um chapéo: *Provo*: A *fôrma* nada mais é, que a disposição externa dos corpos animados; a *figura*, essa mesma exterioridade na disposição dos corpos inanimados: *Atqui* o chapéo *est corpus inanimatum, ergo debet dicere: figura* e não *fôrma* de um chapéo. Sim, ignaro, estas são as palavras formaes de Aristoteles no seu capitulo — *Da qualidade*; esta é a phrase por que todos os philosophos se explicam e manifestam.

ESGANARELLO. — Estou inteirado; mas deixe-se por enquanto disso, e attenda-me. Desejo ouvil-o sobre um negocio muito serio.

PANCRACIO. — Insolente! A *fôrma* de um chapéo! Ninguem diz tal.

ESGANARELLO. — Ora basta, senhor doutor, — o homem está por terra. Desejo ouvil-o...

PANCRACIO. — Bestalhão, hei de confundil-o!

ESGANARELLO. — Ora baste, senhor doutor Pancracio, socegue... Desejo consultal-o...

PANCRACIO. — Atrevido! Ousa defender, perante mim,

uma proposição condemnada por Aristoteles! Ha de desdizer-se, senão...

ESGANARELLO. — Tem V. S. carradas de razão; mas, conceda-me alguns instantes... Desejo aconselhar-me com V. S. sobre um negocio muito serio... Tenha agora a bondade de ouvir-me...

PANCRACIO. — Condemnada em termos expressos...

ESGANARELLO. — Eis aqui o caso. Eu, senhor doutor philosopho, resolvi casar-me; a destinada espôsa é perfeita em tudo; en a amo muito e ella tambem me ama, a mim, a mim, e muito; e porque sou assim bem correspondido, já a pedi ao pae, que m'a concedeu promptamente; mas eu... não sei que diga a V. S... Temendo aquella desgraça de que ninguem se compadece, imploro o seu conselho sobre que devo fazer... (*Isto diz Esganarello passando atraz de Pancracio, sem que este lhe preste a minima attenção.*) Que me diz, senhor doutor?

PANCRACIO. — Estou pelo que disse: *Materialiter*, nego. Mais depressa eu concordaria que sou uma cavalgada, e que *Datum vacuum in rerum natura*, do que preferir uma só vez a *fôrma* de um chapéo!...

ESGANARELLO, *aparte*: — Forte cabêcudo! excommungado doutor Aristotelico. Já me falta a paciencia: estou capaz de jogar os murros com elle... (*Alto*: V. S. não presta attenção ás pessoas de bem? Estou, ha uma hora, a dirigir-me a V. S., sem que me dê ouvidos... E' de mais!

PANCRACIO. — Vmcê. perdõe, estava fóra de mim. Que pretende?

ESGANARELLO. — Quero propôr a V. S. um caso e ouvir sua valiosa opinião sobre elle.

PANCRACIO. — Diga lá. Mas, de que lingua se quer Vmcê. valer, ou servir, para me falar?

ESGANARELLO. — De que lingua?

PANCRACIO. — Sim.

ESGANARELLO. — E' boa essa! Da lingua que tenho na bôcca. Não hei de ir pedir outra de emprestimo ao visinho, para endereçar-me a V. S.

PANCRACIO. — Não digo isso, homem de Deus! Pergunto em que idioma, linguagem, ou dialecto, pretende Vmcê. expôr-me o tal caso?

ESGANARELLO. — Bom! Bom! já percebo.

PANCRACIO. — Sabe latim, sabe grêco, sabe turco, arabico, chaldaico, tartaro, allemão, sueco, italiano, francez, hespanhol?

ESGANARELLO. — Nada, nada: só falo a lingua materna.

PANCRACIO. — Pois então passe para o lado de cá, onde tenho a orelha vulgar e materna, que a outra só serve para ouvir as linguas mortas, scientificas e exoticas.

ESGANARELLO, *comsigo*: — Não ha remedio senão obedecer: sinto-me um anão deante deste póço de sciencia! (*Passa para o lado opposto.*) Com esta gente todas as descendencias são poucas...

PANCRACIO. — Que ha? *Quid vis me facere?*

ESGANARELLO. — Senhor, não estou bem aqui... Não ha meio de nos entendermos... V. S. se expressa n'um idioma *selvagem*.

PANCRACIO, *exasperando-se*: — Que queres de mim, sandêu?

ESGANARELLO. — Ah! de V. S. que quero, sandêu? Agora comprehendil-o. Venho ouvil-o sobre uma pequena dificuldade.

PANCRACIO. — Dificuldade? De philosophia, sem dúvida.

ESGANARELLO. — Eu, senhor doutor, resolvi...

PANCRACIO. — Vmcê. é *realista* ou *nominal*?

ESGANARELLO. — Não, senhor; eu nasci nesta santa terrinha.

PANCRACIO.—Pergunto si segue a escóla moderna ou a antiga?

ESGANARELLO.—Escóla? Eu nunca fui á escóla,—aprendi a lér e as quatro operações mesmo em casa.

PANCRACIO.—Basta,—é um pobre de espirito! Diga a dúvida que tem.

ESGANARELLO.—Eu, senhor doutor, como ia dizendo, quero tomar estado...

PANCRACIO.—Suppôho que Vmcê. quer saber si a substancia e o accidente são vocabulos synonymos ou equívocos em relação á creatura real...

ESGANARELLO.—Não, senhor,—eu pretendo...

PANCRACIO.—Si a logica é nma arte ou uma sciencia?

ESGANARELLO, *impacientando-se*.—Não, senhor,—eu apenas desejo...

PANCRACIO.—Si ella tem por objecto as tres funções do espirito, ou a terceira unicamente?

ESGANARELLO.—Não, senhor,—eu desejava apenas...

PANCRACIO.—Si ha, n'ella, dez categorias, ou si ha apenas uma?

ESGANARELLO.—Qual o que! Eu precisava saber...

PANCRACIO.—Si a conclusão é da essencia do syllogismo?

ESGANARELLO.—Nada d'isso; não, senhor.

PANCRACIO.—Si a essencia do bem é uma appetibilidade ou uma utilidade?

ESGANARELLO.—Valha-me Deus! Não é isso; não, senhor.

PANCRACIO.—Si o bem se relaciona e alterna com o fim?

ESGANARELLO.—Quero dizer, achando-me eu...

PANCRACIO.—Si a alma é substancia incompleta ou quinto elemento, como lhe chamava Aristoteles?

ESGANARELLO.—Nada, não, senhor,—nada disso é: deixe-me falar.

PANCRACIO.—Ah! já sei: quer saber si os accidentes são modos e não entidades peripatheticas?

ESGANARELLO.—Deixe-me falar, pelas chagas de Christo! ou arrebuento.

PANCRACIO.—Si o fim nos pôde impedir real ou intencionalmente?

ESGANARELLO.—Não, não, não!

PANCRACIO.—Si a sciencia do bem real está na capacidade ou nas conveniencias?

ESGANARELLO, *no auge do desespero*.—Não, não, não, não, não, não, não! com todos os diabos! Maldito philosopho, que os mãos lóbos o merendem e mais ás suas aristotelicas philosophias!

PANCRACIO.—Pois explique o que quer,—eu não posso adivinhar.

ESGANARELLO.—Como me hei de explicar, si V. S. me não deixa articular uma só palavra?

PANCRACIO.—Pois eu hei de falar, porque sou homem de reconhecida idoneidade e como tal tenho direitos adquiridos.

ESGANARELLO.—O meu negocio consiste em querer casar com uma rapariga honesta, bem dotada pela natureza e bonita; amo-a muito, e seu pae já m'a concedeu; mas, como temo que ella...

PANCRACIO.—O dom da palavra foi dado ao homem para manifestar seus pensamentos; e assim como estes são os retratos de todos os objectos e cousas, do mesmo modo as palavras são o retrato daquelles mesmos; os retratos, entretanto, differem uns dos outros, pois os pensamentos se distinguem dos objectos e das cousas que são seus originaes, quando as palavras nada mais são do que os pensamentos explicados por um signo exterior: *Ergo, per signa notariorum index in verbis reproduciuntur cum peripateticis.*

ESGANARELLO, *perdendo a paciencia, tapa-lhe a bôcca varias vezes, para que se cale*; Pancraccio, *porém, pro-*



PANCRACIO.—Sim, sim, é um espelho que nos representa clara e distinctamente os mais occultos arcanos da noss'alma: sendo, pois, Vmcê. um animal dotado de razão, *ac per consequens* tendo a faculdade de falar, por que me não explica nitidamente o seu pensamento? (*Volta ao palco.*)

segue incansavel:—Arre! (*Comsigo*;) Rebenta de uma vez, excomungado tagaréla!

PANCRACIO.—Ainda teimo em que a palavra: *Est anima index, est pectoris imago*, a imagem da alma e o retrato do coração. (*Desapparece do palco para immediatamente apresentar-se á janella.*) Sim, sim, é um espelho que nos representa clara e distinctamente os mais occultos arcanos da noss'alma: sendo, pois, Vmcê. um animal dotado de razão, *ac per consequens* tendo a faculdade de falar, por que me não explica nitidamente o seu pensamento? (*Volta ao palco.*)

ESGANARELLO.—Isso agora é outra cantiga; mas, como me hei de explicar si V. S. me não deixa falar?

PANCRACIO.—Pois fale.

ESGANARELLO.—Senhor, doutor, eu queria...

PANCRACIO.—Com brevidade, que não posso ter demora.

ESGANARELLO.—Eu me explico em poucas palavras; senhor doutor, tendo eu resolvido...

PANCRACIO.—*Estote brevis*: nada de prolixidade.

ESGANARELLO. Tendo resolvido...

PANCRACIO.—Atalhe a sua proposição com um apophtegma á laconiana.

ESGANARELLO.—Tendo eu resolvido ca...

PANCRACIO.—Nada de rodeios, de circumlocuções,—seja breve.

ESGANARELLO.—Já sei, deixe-me falar. Eu quero ca...

PANCRACIO.—Evite circumstancias escuras, palavras obscuras, e phrases truncadas que corrompam o sentido da oração: clarêza, clarêza. (*Torna a sair, e posta-se á janella.*)

ESGANARELLO.—Deixe-me falar, eademoninhado!

PANCRACIO.—Sim, fale, que eu tambem quero falar, e com muito laconismo. Fale, fale, néscio! E' mais boçal, que o bruto que dizia a *fôrma* do chapéo!

ESGANARELLO.—Fôra, senhor doutor! V. S. está louco? Vá gritar para o inferno; deixe-me falar, ou leva-o a bréca. (*Atira-lhe pedras á janella; Pancraccio volta ao proscenio.*)

PANCRACIO.—Hei de lhe provar por um syllogismo baseado em argumentos *in barbara*, demonstrativos e con-

cludentes, que Vmçê não passa de uma besta quadrada, e que eu sou e serei sempre o senhor Doutor Pancrácio, *in utroque jure*, um erudito.

ESGANARELLO. — Continuas, tagareta!

PANCRAÇIO, voltando ao paleo. — Um letrado, um archipericacita.

ESGANARELLO. — Ainda!

PANCRAÇIO. — Um cientista universal, consummado em todos os ramos de conhecimentos humanos, physicos, naturaes, moraes e politicos. (Volta.) Um sabio, sapientissimo, *per omnes modos et casus*. (Sabido.) Versadissimo *in perlativè*, note bem Vmçê, em mythologia, em fabulas, em historias. (Volta.) Iluminado e illuminista. Grande grammatico, rhetorico, dialecta e sophista... (Sabe, para voltar logo.) Poeta excelso, mathematico, arithmetico, geometra, algebrico, optico. (Sabido.) Physico, archimanico, magico, cosmometro, architecto... (Volta.) Captanico, speculario e especulatorio... (Sabido.) Medico, astronomico, astrologo, physionomista, metoposcopista, chiromante, geomante, e, sobretudo, philosopho e critico. (Vae-se de uma vez.)

ESGANARELLO. — Some-te, grandissimo basifido e mais a tua fanfarronica! Maldita peste de turameleiros!

## SCENA VII

ESGANARELLO, só

ESGANARELLO. — Estou desesperado: — é preciso que procure outro doutor, mais cordato e calmo do que este. Mas, eu o vejo ir passando lá, ao fundo... (Chama.) O' senhor doutor, doutor!

## SCENA VIII

ESGANARELLO E MARPHURIUS

MARPHURIUS. — Que ordena, senhor Esganarello?

ESGANARELLO, consigo. — (Este agora é vinho de outra pipa!) Tem melhor modo. Ao outro dei *Senhoria*, — a este, darei *Excellencia*. (Alto.) Senhor doutor, desejo consultar V. Ex. sobre certo e delicado assumpto; e, para esse effeito, vim propositamente aqui.

MARPHURIUS. — Perdoe-me, senhor Esganarello, esse seu modo de exprimir não é correcto.

ESGANARELLO. — Por que?

MARPHURIUS. — Porque a philosophia pyrrhonica — pyrrhoneana abomina toda a proposição decisiva. Vmçê, nunca deve formar juizo certo: *Quo posite*, devia dizer: parece-me que vim e não affirmar que veio.

ESGANARELLO. — Pois, senhor doutor, eu hei de dizer *parece-me*, quando sei ao certo que vim?

MARPHURIUS. — Sim, senhor, deve dizer: *parece-me*. Tambem a mim me está parecendo que estou aqui com Vmçê, e que Vmçê, está commigo; e talvez que nenhuma destas cousas assim seja.

ESGANARELLO. — Essa é boa, senhor doutor! E' crível isso? Pois V. Ex. pôde duvidar que veio e que está aqui commigo?

MARPHURIUS. — Posso e devo duvidar. Nós outros, os philosophos pyrrhonicos, duvidamos de tudo. Que deu a Vmçê, a certeza de que veio, de que eu vim e de que estamos aqui ambos? Pôde ser que nem Vmçê, nem eu viesse, e tambem pôde ser que não estejamos aqui: tudo pôde ser.

ESGANARELLO, aparte. — Este está me parecendo agora peor do que o collega: o outro é um enrugamento, — este, um timãoço incredulo... (Alto.) Pois, senhor doutor, V. Ex. ha de duvidar de que eu o vejo e de que estamos ambos falando um com o outro?

MARPHURIUS. — Sim, senhor, nós devemos duvidar de tudo.

ESGANARELLO, aparte. — Que casta de philosophia será esta? (Alto.) Senhor doutor, desejo casar-me, mas como receio aquella desgraça que de ninguem alcança compaixão, — catende-me V. Ex. — quizerá o seu conselho sobre o que devo resolver no presente. Que me diz, senhor doutor, parece-lho que faço bem?

MARPHURIUS. — Pôde ser que faça.

ESGANARELLO. — E diga-me: V. Ex. acha que serei bem succedido neste casamento?

MARPHURIUS. — Pôde ser que seja.

ESGANARELLO. — A minha futura tem alguma coisa, é bem prendada, bonita, mas temo que succeda...

MARPHURIUS. — Não me parece impossivel, não.

ESGANARELLO. — O pae concedeu-m'a; mas, eu não sei que resolve. Diga-me, senhor doutor, que faria V. Ex.?

MARPHURIUS. — Não sei.

ESGANARELLO. — Eu já dei palayra; mas, como temo esta cabeça, esta cabeça... Que me diz V. Ex. l... Não pôde succeder?

MARPHURIUS. — Pôde ser que sim.

ESGANARELLO. — Que me aconselha então que faça?

MARPHURIUS. — O que quizer.

ESGANARELLO. — E diga-me, senhor doutor, desengane-me, desengane-me: procedo bem, ou mal?

MARPHURIUS. — Pôde ser que sim, e pôde ser que não. Tudo pôde ser.

ESGANARELLO, aparte. — Não ha dúvida, este é peorissimo do que o outro. (Alto.) Então, em que assenta V. Ex.?

MARPHURIUS. — Em nada.

ESGANARELLO, aparte. — Gente mais incompreheensivel do que estes malditos philosophos: estão aqui ha mais de uma hora e não me foi possivel ainda arrancar do buxo d'este animal uma affirmativa. Forte mania a delle! forte pachorra a minha! Senhor doutor, V. Ex. veja que fala com um homem abonado.

MARPHURIUS. — Pôde ser que seja.

ESGANARELLO. — E que, como tal, quizerá de V. Ex. este conselho. Então, que me responde? Effectuo o casamento?

MARPHURIUS. — Eu não sei.

ESGANARELLO. — Ponha-se no meu lugar: faria ou não faria?

MARPHURIUS. — Pôde ser que sim, e pôde ser que não.



ESGANARELLO. — Ora, senhor doutor pyrrhonico, V. Ex. não vai por bem? (Consigo.) Espere, philosopho de uma legua, que eu te farei mudar de toda... (Tira de um cacete e dá-lhe.)

ESGANARELLO. — Ora, senhor doutor pyrrhónico, V. Ex.<sup>ta</sup> não vae por bem ? (*Comigo*.) Espera, philosopho de uma figa, que eu te farei mudar de toada... (*Tira de um cacete e dá-lhe.*)

MARPHURIUS. — Ai ! ai ! ai ! V. M. dá-me, senhor visinho ?

ESGANARELLO. — Póde ser que dê, e póde ser que não dê.

MARPHURIUS. — Olhe que as pancadas me doem.

ESGANARELLO. — Os philosophos pyrrhónicos não devem asseverar nada, e assim V. Ex. dir-me-ha : parece que me doem, e não afirmar.

MARPHURIUS. — Aqui tenho, na pelle, as manchas perfeitamente assignaladas.

ESGANARELLO. — Tudo póde ser ; nada é impossivel.

MARPHURIUS. — Vou queixar-me á justiça.

ESGANARELLO. — Póde ser que sim, —lavo as mãos.

MARPHURIUS. — Vmcé. irá para o xadrez.

ESGANARELLO. — Póde ser que não.

MARPHURIUS. — Vmcé. deu-me muita pancada.

ESGANARELLO. — Mas V. Ex. deve duvidar de tudo.

MARPHURIUS. — Hei de despicar-me desta affronta.

ESGANARELLO. — Não é cousa impossivel, tudo póde ser. Tudo é possivel, nada é impossivel...

MARPHURIUS. — Vou requerer a competente ordem de prisão.

ESGANARELLO. — Bem póde ser, — eu não affirmo, nem contesto.

MARPHURIUS, *sabindo* : — E depois vêremos.

ESGANARELLO. — V. Ex. nada póde, nem deve affirmar. Adensinho.

MARPHURIUS. — Não seja eu quem son, si não me desforçar desta injuria. (*Sahe.*)

SCENA IX

ESGANARELLO, *só*

ESGANARELLO. — Fóra com a tal philosophia pyrrhonica ! E' capaz de fazer desesperar um santo. Tirei-te o sóstro de duvidar de tudo ; mas, de que levaste muita pancada, disse, —oh ! — vás tu certo. Fóra ! Quem me déra uma pessoa criteriosa que me desenganasse... Ah ! distingo d'aqui duas ciganas, que se approximam... Excellente idéa ! Ellas, que leem no futuro, dir-me-hão a sorte que me espera.

SCENA X

O mesmo e as CIGANAS

*As duas ciganas egypcias entram cantando, e dansando, ao rufo dos seus pandeiros*

ESGANARELLO. — E como são galantes, Olá ! olá ! aproximem-se.

1.<sup>a</sup> CIGANA. — Gentil cavalheiro, quer que lhe leíamos a buenadicha ? Aqui tem duas infalliveis adivinhas ao seu dispôr.

ESGANARELLO, *comsigo* : — (Bôa occasião de desenganar-me...)

2.<sup>a</sup> CIGANA. — Não nos responde ? Que receia ?

1.<sup>a</sup> CIGANA. — Basta estender-nos a mão... com a respectiva cruz dentro, já se sabe, e o resto correrá por nossa conta.

ESGANARELLO. — Cheguem-se bem para mim... Tomem lá primeiro a espórtula... (*Dá-lhes uma moeda.*) Bom. Aqui têm agora a mão.

1.<sup>a</sup> CIGANA, *lendo-lhe nas linhas da mão* : — Sua vida está muito atrapalhada...



AS DUAS CIGANAS. — Sim... sim... da cabeça ! da cabeça !... (*Sahe dansando, cantando, rufando o pandeiro.*)

ESGANARELLO. — Lá isso está, pois tenciono tomar estado.

2.<sup>a</sup> CIGANA. — Com uma fidalga rica e extraordinariamente bella.

ESGANARELLO. — Sim... sim... Formosissima !

1.<sup>a</sup> CIGANA. — E de recommendavel reputação...

ESGANARELLO. — Recomendavel ? Essa agora é que não entendo...

2.<sup>a</sup> CIGANA. — Queremos dizer : reputação inequivoca ; pois, embora acercada de distinctos cavalheiros, o cavalheiro, seu marido, terá o prazer de vê-la de todos muito... muito.

1.<sup>a</sup> CIGANA. — Muito amiga.

ESGANARELLO. — Amiga de todos ! Arreda ! Ai, minha cabeça ! minha cabeça !

1.<sup>a</sup> CIGANA. — E o cavalheiro, seu marido, será realmente achacadissimo de protuberancias...

ESGANARELLO, *ameaçando as com o bengalão* : — Aonde ? Fóra d'aqui, grandissimas agouzeiras !...

AS DUAS CIGANAS. — Sim... sim... Na testa ! na testa !... (*Sahe dansando, cantando, rufando o pandeiro.*)

SCENA XI

ESGANARELLO, *só*

ESGANARELLO. — Desenganado, áfinal ! Vou já e já desmanchar o tal casamento.. Mas, para aqui se dirige a proposito o pae da minha noiva...

SCENA XII

ESGANARELLO E ALCANTOR

ALCANTOR. — Bons dias, meu illustre genro...

ESGANARELLO. — Servo do senhor Alcantor.

ALCANTOR. — Em procura de V. M. tenho andado toda esta manhã, sem que o pudesse encontrar. Estimo achal-o ainda aqui... Quero dar-lhe parte de como tudo se acha disposto para o casorio... Minha filha está n'uma impaciencia... Desejo que hoje mesmo se faça... Está prompto ?

ESGANARELLO. — Olhe, senhor Alcantor, prefiro externar-lhe a verdade, e sem ambages : eu não me quero mais casar.

ALCANTOR. — Essa agora é bonita! E por que?  
 ESGANARELLO. — Não lh'o posso dizer... Esta cabeça... esta cabeça... dóe-me muito.  
 ALCANTOR. — Pois esperemos tenha melhoras.  
 ESGANARELLO. — Qual! Isto cada vez ha de ir a peor.  
 ALCANTOR. — E V. M. já tem essa certeza!  
 ESGANARELLO. — Oh, se tenho! Eu cá me entendo... Definitivamente, não quero casar.  
 ALCANTOR. — O que? V. M. den a palavra de casamento á minha filha, ha de forçosamente cumpril-a.  
 ESGANARELLO. — Forçosamente? Mas, se dóe-me a cabeça!  
 ALCANTOR. — Explique-se melhor, — não o entendo.  
 ESGANARELLO. — Não mais quero casar; tem sido muito agourado este malfadado casamento; e, sobretudo, esta cabeça, esta cabeça!  
 ALCANTOR. — Pois está bem, fique-se V. M. embora, que eu com brevidade aqui mando quem o ha de fazer casar á força; já que o não quer por bem, ha de querel-o por mal. Até já. (Sabe.)

## SCENA XIII

ESGANARELLO, só

ESGANARELLO. — Que entalção! Quer por força que eu queira o que não quero. Bôa historia. O que resta é, ainda em cima, pregrarem commigo na Cadeia... Em todo caso, este sujeito me parece um pouco mais accommodado, do que eu pensava. Eu morro pelo casamento, mas o peor são as dôres de cabeça... Felizmente ahi vem o filho restituir-me a palavra... Entre pessoas educadas, estas questões resolvem-se sempre do melhor modo.

## SCENA XIV

ESGANARELLO; e ALCIDAS com dous florêtes á mostra e um cacete á sóbcapa

ALCIDAS, *mellisfluamente*: — Bom dia, meu caro senhor.  
 ESGANARELLO. — Muito bom dia.  
 ALCIDAS. — Humilde e reverente criado de Você.  
 ESGANARELLO. — Eu sou que o sou de Vmccé, e para o servir com todo meu coração.  
 ALCIDAS, *sempre no mesmo tom*: — Disse-me meu pae, neste momento, que Você se arrependêra de casar com minha irmã, e assim venho ter com Você para lhe tomar a devida satisfação desse arrependimento, quasi repulsa. Ou me ha de deixar satisfeito com razões justas



ESGANARELLO. — Para que?

ou ha de brigar commigo, ou ha de casar com minha irmã. Escolha destas tres cousas a que lhe parecer mais util; supponho será a de casar, — pois, não! — sôb pena de... (Apresenta-lhe os dous florêtes.) Quanto antes, não tenho tempo a perder, — escolha um dos alvitres.

ESGANARELLO. — Pata que?

ALCIDAS. — O senhor pede minha irmã em casamento, — sem mais nem menos, encolhe se, refuga, — e ainda pergunta para que? E' motivo até para ficar-me agralocado por esta pequena prova de consideração!

ESGANARELLO, *á parte*: — (Quer varar-me de lado a lado, e ainda chama-a pequena prova de...)

ALCIDAS. — Qualquer outro cercaria este incidente de grande espalhafato, convertendo-o num verdadeiro escandalo social; nós, porém, não sômos sanguinarios; a contrario, sômos pessoas pacatas e cordatas, limitando-nos por isso a propôr-lhe muito cortezmente, si porventura nisso concordar, e não hoaver impedimento, que nos cõtêmos mutua e dignamente o pescôco.

ESGANARELLO. — Não está má a cortezia...

ALCIDAS, *apresentando-lhe os florêtes*: — Acabêmos com isto. Deixei em solução um alto negocio, que não podia interromper, tão só para vir aqui attendê-lo... Vâmos com isso, — lembre-se que me esperam.

ESGANARELLO. — Mas...

ALCIDAS. — Mas, o que?!

ESGANARELLO. — Senhor Alcidas, escute, eu levava em muito gôsto este casamento, mas a minha cabeça... Senhor Alcidas, eu...

ALCIDAS. — Não se cõnfunda, responda em tẽrmos; tem algum embaraço que o inhiba, com legitima causa, de tomar estado?

ESGANARELLO. — Sou extrêmamente escrupuloso. Dorimena, sua gentil irmã, é muito bonita, bonita de mais, já me entende? e então receio ir de embrulho neste negocio; percebe?

ALCIDAS. — Ah! essas é que são as dôres de cabeça! eu lh'as tirarei cortando o mal pela raiz: pégue neste florête; ha de aqui bater-se commigo.

ESGANARELLO. — Eu, senhor Alcidas? Além de velho, sou quebrado das virilhas; e assim, como posso bater-me?

ALCIDAS. — Si não bater-se, espanco-o. (Mostra-lhe o cacete.)

ESGANARELLO. — Senhor Alcidas, eu sou muito seu amiguinho...

ALCIDAS. — Não quer? Tome lá. (Dá-lhe.)

ESGANARELLO. — Tenha mão, senhor Alcidas.

ALCIDAS. — Ou casa com minha irmã, ou desanco-o a pauladas.

ESGANARELLO. — Contenha-se, senhor Alcidas. Eu caso, eu caso; levo isso muito em gôsto.

ALCIDAS. — Agora, sim, senhor, sômos amigos... Venha de lá esse abraço bem apertado. O mais é historia. (Abraçam-se.)

ESGANARELLO, *á parte*: — (Depois que me derriou das cadeiras!...)

ALCIDAS, *chamando*: — Meu pae? minha irmã? O senhor Esganarello está promptissimo para receber Dorimena em casamento.

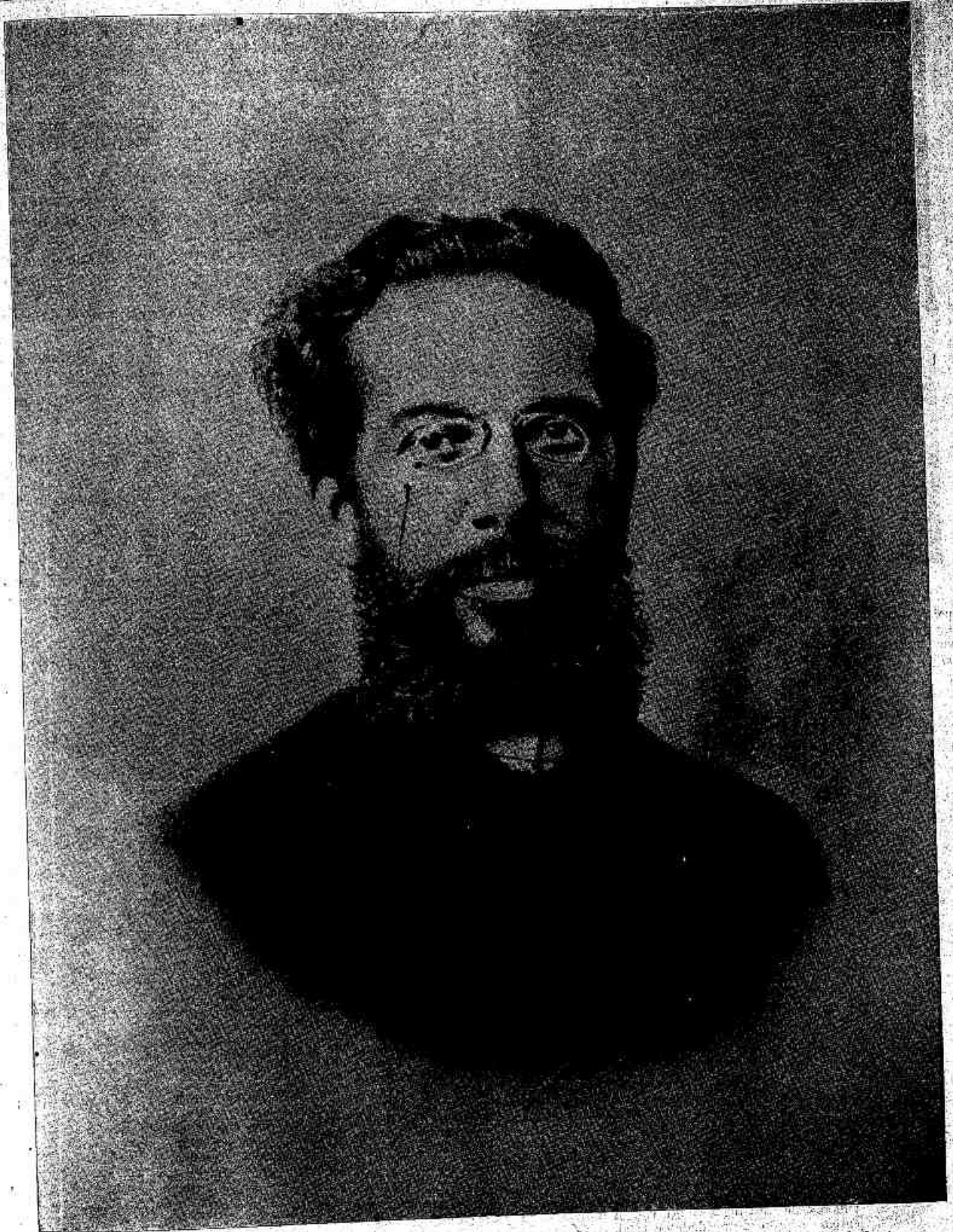
ESGANARELLO, *á parte*: — (Que remedio tenho eu! A pulso! a pão! Ai, minha cabeça!...)

## SCENA ULTIMA

Os mesmos e ALCANTOR E DORIMENA

ALCIDAS, *desfazendo-se em mesuras*: — Meu pae, não nos enganâmos com o senhor Esganarello, — é um cavalleiro a toda prova. Tendo-se elle dignado rematar cama-





*Photographia de Inesey Pacheco. — Rua do Ouvidor n. 102. — Rio de Janeiro.*

**MACHADO DE ASSIS (JOAQUIM MARIA) 1839**

Excellente prosadór, apreciadíssimo poeta e consciencioso escriptór dramático. \*, n'esta Capital, a 21 de junho de 1839, e aqui † a 29 de setembro de 1908.



DORIMENA. — Vão ardôrosa aos seus amôrosos braços, pois felicissima me julgo enlaçando-me áquelle que tantos sacrificios ha feito para alcançar meu coração, e os fará, d'aqui em diante, para conserval-o. Aqui está a minha mão.

rariamente este incidente, achio que deve conceder-lhe minha irmã em casamento.

ALCANTOR. — Filha, estende a mão de espôsa ao senhor Esganarello; (*A Esganarello*;) e já que tão ançioso a solicitan, é justo que a alcance, estendendo-lhe também a sua. Compete-lhe d'aqui em diante zelar pelo seu comportamento, pois sobre sua cabeça recairão as consequências de...

ESGANARELLO. — Sobre minha cabeça?! Valha-me Nossa Senhora! Que peso!

DORIMENA. — Vão ardôrosa aos seus amôrosos braços, pois felicissima me julgo enlaçando-me áquelle que tantos sacrificios ha feito para alcançar meu coração, e os fará, d'aqui em diante, para conserval-o. Aqui está a minha mão.

ALCIDAS. — Ande, senhor Esganarello, não se demore.

ESGANARELLO. — Ah! tem a minha.

ALCANTOR e ALCIDAS. — Muito bem! (Estâmos alliados d'esta carga.) Parabens e mais parabens.

ALCANTOR, *comigo*. — (E aguente-te no balanço, pois não sabes a *biscã* que levas...)

ESGANARELLO. — (Ai, minha cabeça!)

DORIMENA, *faccivamente*. — Amado espôso, estranho muito a frieza com que me tratas.

ESGANARELLO, *tristado*. — Ilusão tua, interessante Dorimena, — eu sempre te quiz muito bem, muito bem.

ALCIDAS. — N'esse caso, vivam os felizes noivos!

ALCANTOR e ALCIDAS. — Vivam!

ALCIDAS. — Toca a rir, a folgar, festejando este auspicioso consórcio. E aqui, anfitrião illustre, aos vossos olhos se mostra o modo com que se faz um casamento a pulso.

(Desce o piano)

### ADVERTENCIA Á GUIA DE NOTA

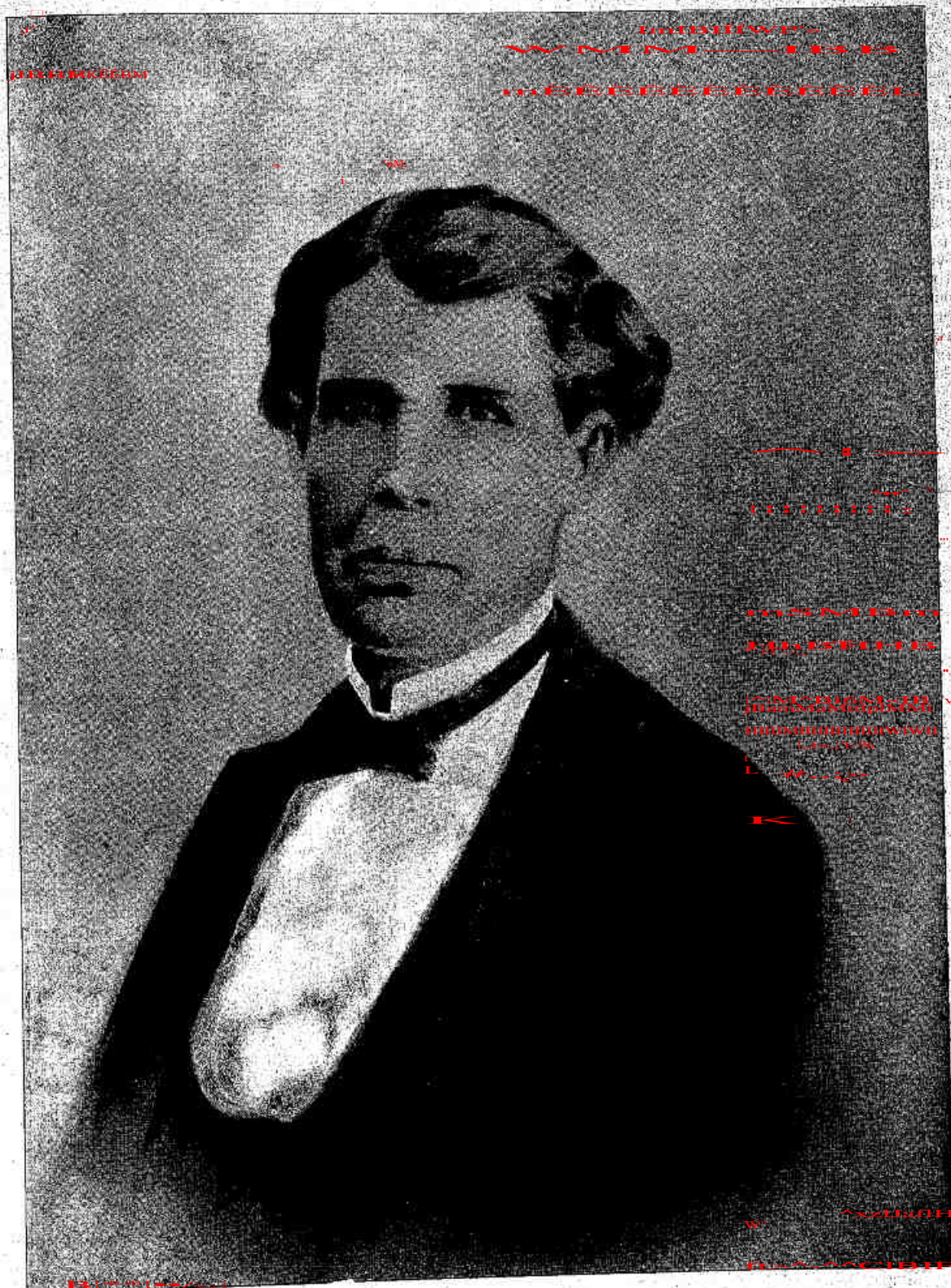
A classificação, por mim dada, de *fasciculo*, aos dous anteriores volumes, e quiçá também a este, do Brazil-Theatro, classificação que parece denunciar ausencia absoluta de plano ao encetar tal genero de trabalho, deixa vêr claramente o meu intento logo nos primeiros 8<sup>os</sup> d'esta publicação, que foi offercer ao público, á semelhança do desaparecido *Théâtre contemporain illustré*, de Michel Lévy, *livraisons mensues*, comprehendendo apenas uma peça de espectáculo, seguida de comedia em um acto, ficando isso plenamente demonstrado pelo formato escolhido, com duas columnas por pagina, e, como illustração, larga gravura ao alto de qualquer das duas composições. Esse projecto, porém, apresentando-se completamente outro, quer no primeiro volume, quer, e peiormente, no segundo, radicalmente abolio a comprehensão do vocabulho adoptado, o que, á falta de reparo, conservei no terceiro, isto é, no presente volume, para o qual estabeleci limites, embora nos successivos, a mais amudados fasciculos, fôsse sem interrupção de nova materia, completando as produções já encetadas, até que, uma vez integralmente produzidas, eu pudesse obedecer ao prometido plano.

Mas, — questão de temperamento apenas, — não tomem a serio esta promessa, porque, agora mesmo, ao traçar estas linhas, longe de rematar no ponto competente o terceiro *fasciculo*, premedito amplial-o, isto é, penso em convertê-lo n'um volumoso livro, visto que, pretendo, lincitado por uma bellissima gravura de Court sobre o motivo da morte de Hippolyto, augmental-o com ella, e mais os trechos, em portuguez, dos classicos que descreveram esse episodio em suas tragedias.

Assim, pois, tentado, no primeiro *fasciculo*, pela collectanea das differentes *Castros*; aguilhãoado, no terceiro, pela estampa de Court; e, no segundo, forçado pelas condições especiaes a que me arrastou o estudo sobre o tragico brasileiro João Caetano e o theatro de Shakespeare, e, mais, pelo dever, que me cumpria, de dar condigna hospedagem, n'estas paginas, á primeira tragica do seculo — Sarah Bernhardt, sicou prejudicado o primitivo plano do Brazil-Theatro em proveito de maior material, material accumulado nas minhas estantes de curiosidades bibliographicas, e nas minhas gavetas de obscuro e desvaloroso escriptôr, vale todo este mal alinhavado aranzel por dizer que o Brazil-Theatro assim continuará seu caminho enquanto eu não rematar, n'elle, as publicações com tanto carinho e sacrificio iniciadas.

A proposito das *Castros*, cumpre-me consignar que cinco apenas não me chegaram ás mãos, para tomar côrpo n'este repertório dramatico: a *Linês di Castro, de Pepoli* (Marquez *Giachimo-Napoleons*), publicada na Botofina em 1856, e que fez parte do repertório da Adelaide Ristori; a *Moria*, drama original de Henrique Lopes de Mendonça, sobrinho do notavel escriptôr A. P. Lopes de Mendonça, representada pela primeira vez no theatro de D. Maria, em 1890; a tragedia *Ignês de Castro*, de Sebastião Xavier Botelho; arpeça em 5 actos, em verso, *Ignês de Castro*, de José de Souza Monteiro; e, finalmente, a tragedia *D. Maria Telles*, ou a III parte de D. Ignês de Castro, que, sem mais indicação, figura na lista das comedias e tragedias que se vendiam na Loja de João Henriques, á Rua Augusta n. 1, Lisboa. Officina de Domingos Gonçalves. Anno mccccxxxiii; peças, ou cópias, que me propunho adquirir, embora a preço de raridade de catalogo. E bem assim a *Morte de Hippolyto*, de Pradon, que não figura entre as demais por não havê-la, no momento, encontrado no mercado. — DA. PARRAS DE ALMEIDA.

Artistas estrangeiros que, tendo-se domiciliado no Brazil, muito concorreram para o desenvolvimento e progresso do nosso theatro.



Photographia de Curcio et Gaspar. — Rua Gonçalves Dias n. 60. — Rio de Janeiro. 1899. Augmento e retôquo de Bandeira.

**MIGUEL ARCHANJO GUSMÃO**

\*, em Liaboa, a 8 de maio de 1809. † no Rio de Janeiro, aos 77 annos de idade, a 21 de março de 1886.

# ELISA DE AGOSTINI BRAGA

(Vid. o retrato á pag. 811)

No Brazil, onde a arte musical sempre encontrou decididos cultôres, mais uma cantora brasileira de vocação e talento ora se apresenta com verdadeiro brilho — De Agostini Braga.

Esta distinctissima patricia, no vigôr da mocidade, e, portanto, das arrojadas aspirações, nasceu, nesta capital, a 8 de janeiro de 1884, de pais italianos.

Evoluindo em círculo artistico, porquanto Alberto de Agostini, seu progenitor, alcançara, em selectos salões, entusiastico acolhimento como barytono; Elisa de Agostini manifestou logo aos primeiros annos tendencia irresistivel para as difficéis e tentadôras fulgôrações do palco.

Matriculando-se em o nosso Instituto de Musica, coube-lhe a honra de ser uma das mais aproveitadas discipulas do habilissimo professor Gilland.

Ahi tornou-se a joven alumna por tal modo notavel, que se avantajou ás suas condiscipulas, merecendo as melhores notas nas lides do anno; e, concorrendo ao premio de canto, obteve a medalha de ouro.

Concluido o curso, De Agostini exhibiu-se em festivas salas, e em concertos publicos, aqui, e na cidade de São Paulo, e, d'entre muitos, no aristocratico Salão-Steinay, victoriosa sempre nesses torneios da arte.

Mas, taes centros, onde a esperançosa cantora se fazia applaudir, afiguraram-se-lhe desde logo acanhados e estreitos para os seus arrebatados idéaes, e a peregrina do talento e do coração demandou mais amplo scenario.

Batendo ás portas da opera lyrica, bem outros horizontes se lhe arquearam á promettedôra carreira. E a juvenil cantora apresenta-se agora no grande drama musical, estreando, nesta capital, a 1.º de janeiro de 1907, no Theatro São Pedro de Alcantara, na opera *Fausto*, de Gounod, esplendidamente montada pelo empresario Torinesi.

Nessa delicada e conhecida partitura lhe foi distribuido o difficil papel de *Margarida*, jámais confiado a artistas começantes e sem applausos.

A estréia da interprete fluminense, aguardada com impaciencia, marcou, em realidade, uma noite de fulgôr nos annaes lyricos desta capital.

D'esse não vulgar acontecimento foi a imprensa unanime em exaltar-lhe o succésso.

Em ulterior recita, a 27 de novembro do mesmo anno, ouvimô-la, nesse mesmo tablado, na *Carmen* de Bizet, aviventando ao largo sópro de sua voz a apaixonada *Micaela*, nos mais bellos lances dessa bem architectada opera.

A *Noticia* de S. Paulo (28-11-07), occupando-se da execução d'esta opera, assim se manifestou com respeito á nossa patricia-cantora:

«A partitura da «Carmen», a querida e apreciada opera de Bizet, é, como se sabe, eivada de difficuldades, razão por que nem sempre tem sido bem cantada nos nossos theatros. O papel de Micaela foi interpretado pela nossa patricia De Agostini Braga, que sahiu-se galhardamente dessa difficil tarefa. Quer no duetto do 1.º acto com D. José, quer na formosa aria do 3.º acto, De Agostini Braga foi felicissima, especialmente nesta aria ingrata, a cuja «fermata» ella deu interpretação exclusivamente sua e digna dos applausos que obteve.»

A critica militante corôou-lhe o exito nas mais acentuadas palavras de sua justa apreciação.

A *Fanfulla* (25-11-07), em sua secção especial, dando conta da exhibição da *Bohemia*, esse precioso spartito de Puccini, assim se manifestou:

«Nello spettacolo diurno fu rappresentata, ieri, la «Bohème» di Puccini. Esecuzione affiatata, movimentata e colorita per parte di tutti gli artisti.

«Mimi» fu la signora De Agostini Braga, la pregevole artista che avevano già applaudita come «Micaela», nella «Carmen». Ieri, però, ella potette sfaggiare tutti i suoi mezzi, potette mettere a profitto della parte tutte le risorse del suo temperamento squisitamente sensibile, guadagnando interamente il successo decretatole da pubblico.

Giovane, com um vigore d'accento che prima non le predevamo, ella ci dette una «Mimi» appassionata senza civetteria, tenera senza abbandono esagerati, delicata ed gentilissima della prima all'ultima battuta. Tra l'altro, l'Agostini Braga ha una «ligne» veramente nobile: é una protagonista deliziosa anche nell'aspetto.»

Poucos dias antes se effectuára, n'aquelle theatro, a sua festa de *onore*, com o esplendôr esperado.

De Agostini affrontou com desassombro os maiores receios de sua estréia, na culta Paulicéa, deante de um público competente e habituado a julgar.

A natural emoção, que sempre acompanha os debutantes, não a impediu de revelar, desde logo, suas mais vivas qualidades de cantora-porvir: voz crystallina e disciplinada, indicando excellente escola, vocalização segura e correcta, timbre avelludado, e *pose* dramatica e de vistosa tempera.

Cumprê não esquecer, na apreciada artista, a plasticidade de que foi pela natureza dotada para os requisitos da opera, e o sentimento da phrase, que lhe é excepcional, na materialização lyrica dos diferentes protagonistas que anima.

Os bravos da primeira representação, os applausos ás estrophes musicas do poema foram-lhe devéras triumphaes.

A nôvel estrella do palco compenetrôu-se por tal modo do papel de Margarida, que obrigou ser bisada pelos dilettantes, em tropél, na celebre aria das *joias*, um primôr de lyrisimo dramatico.

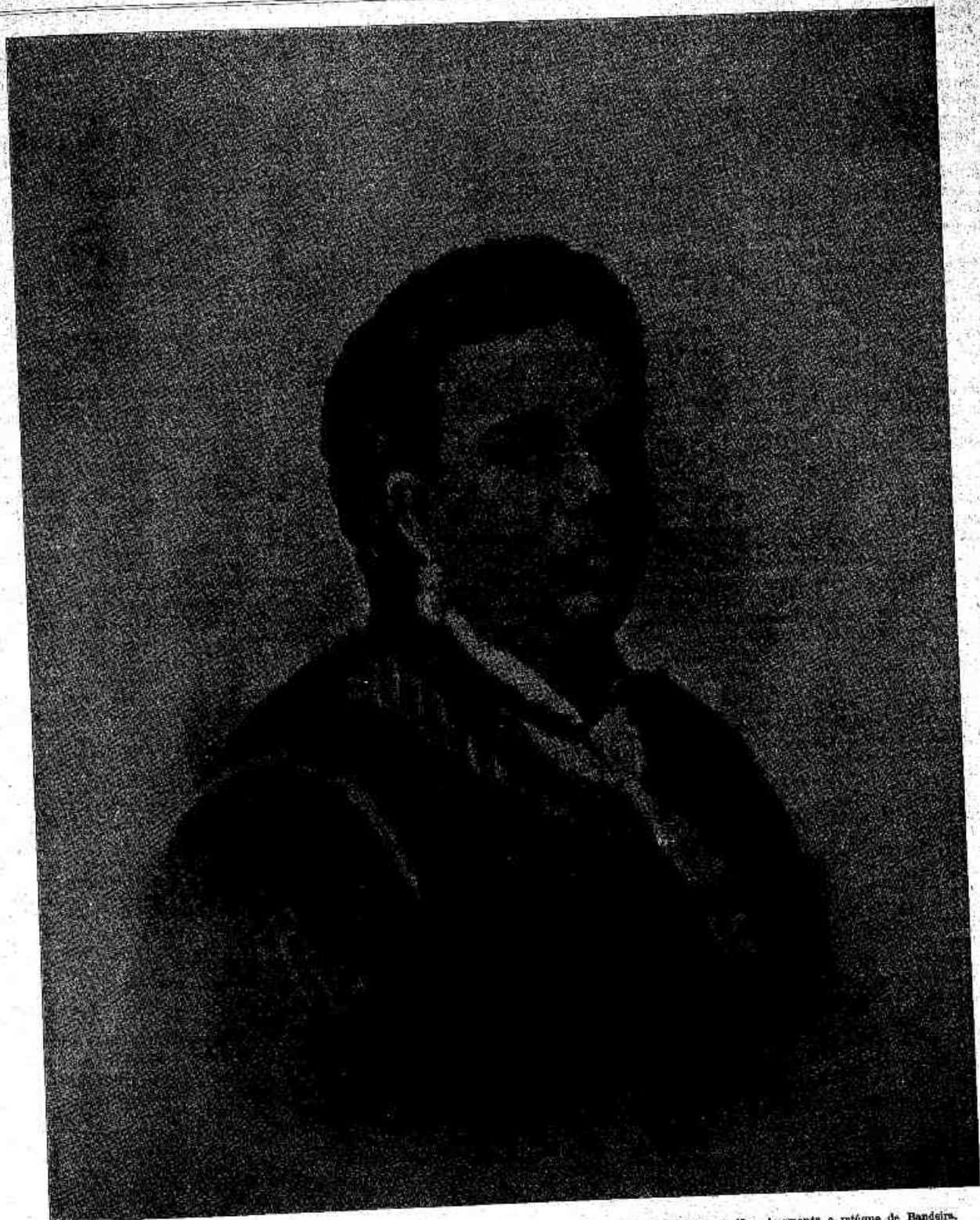
Precedida de um bonito nome, por essa occasião o palco tapétou-se de flores que, em delicados ramilhetes, lhe atrévam mãos entusiastas; e não sómente flores, mas ainda delicadissimos mimos, recolheu, nessa noite, em uma cestinha de camarim, a elegante artista, aos passos ainda vacillantes de sua predilecta e auspiciosa carreira.

Desobrigada da Empréza, voltou a S. Paulo, e nessa *tournee* a gloriosa cantora elevou-se ainda mais nas consagrações do seu talento, reproduzindo a *Margarida* do *Fausto*.

Nessa capital, exhibiu-se ella ainda nos papeis de *Mimi*, da *Bohemia*, e de *Micaela*, da *Carmen*, despertando pelos contrastes dos papeis verdadeiro aprêço e mais virescentes louros.

Além dos elogios ás qualidades de sua melodiosa e sadia voz, a imprensa paulista salientou que «De Agostini Braga se impunha pela maneira intelligente e dramatica com que se conduzia nos dissemelhantes papeis».

Os successivos triumphos por ella obtidos no inicio de sua carreira, presagiam que lhe está reservado eminente



*Photographia alemã de Henschel & Emcke... — Rio de Janeiro. — Rua dos Ourives n. 40. — Augusto e retíquo de Bandeira.*

**CARLOTA LEAL**

(Outr'ora Viuva MILLET, actualmente Viuva KUNHARDT)

1.º soprano da Opera Nacional. \* a 28 de novembro de 1884

logar entre as celebridades lyricas do seu tempo. A Europa terá, em breve, o ensêjo de aquilatar-lhe os varios dotes no seu escolhido e crescente repertorio, constando, no momento, de 16 operas afamadas e sempre aceitas: Fausto, Bohemia, Guarany; Carmen, de Bizet; Manon, de Puccini; Manon, de Massenet; Cavalleria Rusticana, Rigoletto, Pagliacci, Mephistopheles, Werther, Madame Butterfly, Zazá, Othello, Aida, Tosca; e outras em estudo.

A partir d'aquella noite, De Agostini amontôou victoria sobre victoria.

Sua segunda appareição, fê-la no Theatro Carlos Gomes, n'esta Capital, na opera *Bohemia*, de Puccini, desempenhando ella o exigente papel de *Mimi*.

Não obstante os altos contrastes que se notam em toda esta tão complexa partitura, a joven cantora fluminense por tal modo venceu as difficuldades e riscos da execução, revelando ainda desta vez os bellos recursos de sua bem registrada voz, que hesitante deixou o auditorio, nos preitos de admiração, si mais lhe merecia a *Margarida*, do Fausto, si a *Mimi*, da Bohemia.

A 13 de setembro de 1907, a gentil artista, nesse mesmo palco, deu realce e brilho á ideal *Cecy*, na opera *Guarany*, do paulista maestro, recolhendo, nessa occasião, farta messe de espontaneos applausos, muito especialmente nas argentinas e sentimentaes cadencias da ballada, que foi freneticamente bisada.

Logo depois, a 27 de novembro, ouvimos-a, nesse mesmo tablado, na *Carmen*, de Bizet, animando ás largas inflexões de sua avelludada voz o papel de *Micaela*, nos mais bellos rythmos desse bem architectado spartito.

A critica militante confirmou-lhe o exito, nas mais accentuadas phrases de sua justa e merecida apreciação.

Aproveitadissima alumna do nosso Instituto Nacional de Musica, despertou sempre da critica especial o mais vivo interesse, não só pela sua irresistivel vocação, mas ainda pelo registro de sua alentada voz de primeiro soprano lyrico, que a eleva á melhor classificação entre as artistas de mais extensa nomeada.

E seja-nos licito, tratando-se de maestro e interprete nacionaes, ceder a palavra ao critico musical da *Fanfulla*, (11-12-907) por mais autorisado no assumpto, e, o que é ainda, notoriamente insuspeito:

*Guarany*.—L'opera di Carlo Gomes ha si suo ammiratori ferventi ed entusiastici. Iersera, per il fascino h'cersercita lo spartito del maestro braziliano, per un omaggio verso la distinta signora De Agostini Braga, il St'Anna era pienissimo: il publico elegante dava alla sala un aspetto meraviglioso: fu il miglior teatro della breve stagione lyrica chiusasi iersera.

L'opera ebbe un'esecuzione affiatata e accuratissima. I primi onori spettarono alla signora De Agostini Braga (Cecilia), la quale rivelò iersera tutti i tesori della sua bellissima voce, educata ad ottima scuola, impeccabile nell'intonazione, de smatto brillante, estesa e flessibile. Ella fu deliziosa e soave, dalla prima all'ultima scena, e dette al personaggio una linea signorille, sempre. Poche volte la parte di « Cecilia » ha avuto in San Paolo una interprete così accurata in tutti i dettagli e così squisita.

La valentissima artista fu obbligata a sissare il finale del primo atto, assieme a tenore Mario; fu applauditissima alla ballata ed ebbe acclamazione alla fine d'ogni atto.»

É bem verdade que, durante seis annos, De Agostini interrompeu os estudos Conservatoriaes, continuando, entretanto, a cultivar o gôsto pela arte, ás proveitosas lições de conhecidos mestres, que a habilitaram, reatando a frequencia interrompida, a concluir o seu curso official em mais curto espaço de tempo e com mais brilho e louvôr.

Musicalmente educada por escolhida pleiade dos nossos mais recommendaveis professores, na qual se salientava Luiz Gilland, cujas aulas ella frequentou de 1903 a 1905, a talentosa môça por tal modo assimilou as lições do francez-maestro, que constituiu-se herdeira legitima de seus variados conhecimentos technicos.

A nôvel artista, em principio de sua afanosa carreira, teve difficuldades a superar, o que só conseguiu á custa de seus unicos esforços.

Uma d'estas, e não de pequena monta, foi incontavelmente a falta de uma aula de declamação, estylo e dicção musical em o nosso Instituto Nacional de Musica.

Prevêdo ella obstaculos ao seu verdadeiro objectivo no genero d'arte que escolhêra, procurou, no intuito de removêl-os, uma artista de renome, a professora de declamação applicada ao canto, M<sup>me</sup> Palermi, que, em Conservatorio europêu, cursára aquella disciplina, sendo por ella iniciada nos dominios da opera, em antecipadas vespêras de seus *debuts*, aqui e na culta e exigente Paulicêa.

O resultado de tantos e tantos esforços corôaram-lhe afinal tão brilhantemente os labôres academicos, que, além de menções honrosas successivamente obtidas, e que constam dos respectivos livros da Secretaria do Instituto Nacional de Musica, quatro *plenamente* seguidos nos diferentes exames annuaes, e uma *distincção* ao terminar o curso, enfeixaram-lhe o precioso album de sua carreira academica; e, como si não fôra isso bastante, concorrendo, em 1906, ao premio de canto, conseguiu a mais alta collocação, isto é, o primeiro premio, a *medalha de ouro* por *unanimidade* de votos.

Acenam-lhe de longe, com as consagrações da arte que ella cultivava com amor... Mais triumphos? ainda mais glorias? E' que De Agostini não é uma ambiciosa commum... Vae, — parte. E que, á tua volta, tragas para esta patria, que se orgulhará de tuas conquistas, o precioso acervo de gloriosas grinaldas que recolhêres nos grandes tablados d'essa Rainha da Arte que se chama — Italia!

Em rapidos traços, eis a synthese da vida artistica, inda em comêço, da gentilissima cantora brasileira, sempre dirigida pela sua alta vocação, e sempre amparada pela intelligencia, pelo trabalho e pela perseverança.

Artistas estrangeiros que, tendo-se domiciliado no Brazil, muito concorreram para o desenvolvimento e progresso do nosso theatro.



Photographia de J. Insley Pacheco, rua do Ouvidor, 102. — Rio de Janeiro.

### ROSE MÉRYSS (Viuva BOCCAGE)

\* (?) em Paris. Veio para o Rio de Janeiro em 1870.  
Inspirada poetisa, litterata, pintora e festejadissima cantora  
(No papel de *Boccacio*, operetta d'esse nome.)

# João Caetano e o theatro Shakespeareano

(LAUDAS PARA A HISTORIA DO THEATRO FLUMINENSE)

» (Continuação) «

## XLVII

Recapitulando o que expuzemos, nos artigos anteriores, sobre as qualidades scenicas do nosso actor maximo, no *Othello* e no *Hamleto*, não passaremos adiante sem aqui deixar consignadas algumas palavras no tocante a uma das feições mais distinctas do seu variado talento artistico.

Não obstante n'aquelles escuros tempos desconhecer-se o grammophono, que apprehende, grava, conserva e reproduz a voz humana com seus variados timbres, com suas multiplas inflexões e tonalidades, os ensaistas, biographos e a tradição oral se incumbiam de apresentar aos sobreviventes, taes quaes se ouviram nos scenarios de sua época.

Tratando-se de João Caetano, nós que o admirámos percorrendo o tablado, ora tropejante de raiva e de ciúme no *Mouro de Veneza*, ora seismarento e sombrio no *Principe da Dinamarca*, os dous pólos da tragedia shakespeareana, pudémos aiada, apañando os elementos esparsos na memoria, evocando um passado que já vae longe, reconstruir as desprezenciosas tiras que vámos publicando sobre o vulto dramatico d'este grande Brazileiro que, durante largos decennios, transformou o palco em carro triumphal, para chegar a uma posteridade, que se vae tanto mais aclarando, quanto mais se distancia nas tradições e nos meos.

E si isso alcançámos quasi por conta propria relativamente ao *Othello* e ao *Hamleto*, outrotanto não poderémos talvez obter com respeito não só ao *Macbeth*, de Shakespeare, mas ainda ao *Sardanapalo*, de Byron, a cujas exhibições não assistimos, valendo-nos do que ouvimos de Porto Alegre, quando, na qualidade de secretario da Imperial Academia de Musica e Opera Nacional, que primitivamente funcionava em nossa casa á rua do Lavradio n. 97, aguardava, ou substituiu, em succulenta prosa, o seu illustre e occupado presidente — o Marquez de Abrantes; e do que ouvimos do General Dr. Francisco Pinheiro Guimarães, tambem quando, juntos, e a proposito, construíamos, no redacto de Tchyty (2º Corpo do Exercito), o *Theatro da Victoria* (4).

Commentámos as suas tendencias passionaes, em lucta muitas vezes com a propria inspiração dos autôres, mas

(4) Levámos, em primeira recita, o *lover de rideau*, em verso, de minha lavra, *A Gloria I*; uma comedia, escripta, no momento, pelo General Dr. Pinheiro Guimarães, intitulada *Quem casa, quer casa*, o monologo *As pitadas do velho Cume*; terminando o espectáculo com a engraçada *parada*, tambem em verso, áquelle meu *lover de rideau*, *A Gloria... de gondola* composta e recitada pelo meu intimo amigo, collega de anno academico e camarada de barraca — Dr. Antonio Lino, mais tarde professor de litteratura nacional no Imperial Collegio de Pedro II, hoje Gymnasio Nacional.

O meu particular amigo Honorio Gurgel, genro do General Francisco Pinheiro Guimarães, possui, e resguarda com o maior carinho, o original da alludida comedia, que não deve confundir-se com a de Martins Penna, do mesmo titulo.

Pinheiro Guimarães estava no 1º Corpo do Exercito, ao lado de Caxias; ia, porém, amiadadamente ao 2º Corpo, em commissões reservadas e momentosas.

sempre a contento de seu publico, devéras exigente e apto.

Graças á psychologia d'aquella platéias e aos pedôres de então, conhecémos agora, mórmente depois de termos visto Salvini e Rossi, discipulos do tragico italiano Modena, por que inauditos e naturaes esforços João Caetano obtinha os tumultuosos applausos que o victoriarão em toda sua difficil carreira artistica.

Obedecendo á nota romantica, o nosso actor deixava-se talvez, por momentos, arrebatado de enthusiasmo pelas personalidades que interpretava, e d'ahi as exuberancias de que o accusavam, transformadas pelos criticos de profissão em incorrecções, em defeitos.

Nos primeiros ensaios de sua vida artistica, João Caetano levava para o palco o que observára nos maiores actores que perulstraram os primeiros decennios do nosso theatro definitivo, isto é, reproduzia o que de bom e de máo aprendia, ou ia aprendendo, com as primeiras lévas de artistas portuguezes, que para aqui se trasladaram; mas, sem theatro, e sem empresario que o contratasse, tendo o joven fluminense seguido a carreira das armas, buscava os palcos improvisados dos quartéis, onde seu genial talento se avantajava no confronto com aquelles mesmos actores, cujo repertório, e cujas creações eram por elle mais largamente exhibidos perante um auditorio mais restricto, é certo, mas nem por isso menos intelligente e applaudidor.

Vocação irresistivel, desde seu comêço ia dando, por conta propria, novas interpretações aos papeis que lhe eram distribuidos, até que, adoptado o genero de diversão na maioria dos quartéis, vio-se João Caetano na contingencia de associar aos seus triumphos algumas actrizes conhecidas do publico, datando d'essas noites os mais fortes impulsos para o actor novigo que passara para esses tablados o repertório mais em voga do tempo, dramas, tragedias e comedias de grande successo na scena franceza e italiana.

## XLVIII

O que passo a referir seria aqui descabido, si não fóra, a um tempo, o dever que me corre, despertado pela repetida insistencia com que o meu illustre confrade e amigo Arthur Azevedo (5) assegura que João Caetano nada fizera pelo theatro, e peiormente pela litteratura brazileira, além das provas publicas proporcionadas por seu brilhante talento dramatico.

— Morro mais cedo do que pensei, disse-me João Ca-

(5) O emigrado Ingles Jonathan Abbott, professor, por concessão, de anatomia descriptiva na Faculdade de Medicina da Bahia, citado, a proposito, pelo Dr. Mallo Moraes pra, na sua *Physiologia das partes*, affirmava, elle, que privava com Edm. Kean, vira Currick e outras sumidades tragicas de seu tempo, e de sua mocidade, ser o actor fluminense o primeiro tragico do seculo XIX.

(6) Arthur Azevedo ainda não era fallecido quando escrevi estas tiras, respondendo a um dos seus folhetins.



Artistas estrangeiros que, tendo-se domiciliado no Brazil, muito concorreram para o desenvolvimento e progresso do nosso theatro.



H. Fl. des. 1302.

ADELAIDE CHRISTINA DA SILVA AMARAL

1ª DAMA GALAN DOS THEATROS BRAZILEIROS

\* na cidade de Ponta Delgada, capital da Ilha de S. Miguel, no archipelago dos Açores (Portugal), a 18 de agosto de 1837; chegou ao Rio de Janeiro em 15 de março de 1849; estréou no theatro S. Pedro de Alcantara em 1850; e aqui † a 18 de setembro de 1899.

tano a ultima vez que o visitei, tendo eu vindo propositalmente de S. Paulo para esse fim; e disse-o deante dos Drs. Severiano Martins, Ramos da Costa e Costa Ferraz, no ultimo dos quaes, em intima palestra, na Pharmacia Monteiro & Marques, á Praça Tiradentes n. 10, tive ensejo de lembrar, ha pouco mais de dous annos, esta valiosa declaração do grande tragico, acompanhada das seguintes explicativas (\*):

— Na minha mocidade, proseguiu elle, trabalhei pela emancipação do theatro brasileiro, o que alcancei, não obstante o hostil elemento colonial, que era então poderosissimo. Luctei, luctei muito; mas, vençi. Um pouco mais tarde, quando tentei nacionalisar o tão estrangeirado palco, encontrei-me em serios embaraços, porquanto, entre os artistas, eu contava companheiros d'arte a quem não podia, nem devia, excluir, tirando-lhes o pão. Nesta colisão, as preferencias e a escolha se me antolharam impossiveis, e tanto mais dolorosas quanto, entre esses artistas, excepção feita das irmãs Ludovina e Maria Soares, e do Manoel Soares, seu irmão, os restantes se achavam, ou imprestaveis pela idade avançada, e alguns até desmemoriados, ou fora do plano por mim d'antemão traçado. Arrolando o preciso elenco com essas tres conhecidas figuras e outras tantas pontas do velho pessoal de 1829, e auxiliado pelo Florindo (\*\*), pelo

(\*) O Dr. Costa Ferraz falleceu no dia 1.º de março de 1907.

(\*\*) Florindo Joaquim da Silva, o segundo tragico brasileiro, nasceu, no Rio de Janeiro, a 8 de junho de 1814; e falleceu a 10 de janeiro de 1893, nesta mesma cidade.

Estabeleceu-se no Theatro Fluminense, actualmente S. Pedro de Alcântara, em 19 de março de 1837, no drama *Santo Antonio Livrando o povo da fome*, fazendo elle o papel de *Eugenio*. □

Em 1868 deixou definitivamente o theatro para se empregar na Camara Municipal, ahi exercendo o modesto logar de amanuense da respectiva Bibliotheca, o qual ella sómente abandonou, para morrer, aos 79 annos de idade, no gozo mais completo de suas faculdades mentaes. □

Mas, — coitado do Florindo! — não havia meio de fazê-lo esquecer o theatro; e, menos ainda, o seu vasto e escolhido repertório, e notadamente algumas peças que lhe haviam dado nomeada, taes como o *Fayal*, a *Custódia*, o *Chiqui*, etc., de cujas falas, ou trechos de falas, tirava opportunamente, sem se aperceber, quasi inconscientemente, as perguntas e respostas com que acudia ás inesperadas interpeleções, de sorte que se trocavam, ás vezes, entre elle, os subalternos, e os proprios chefes, e ledéras, verdadeiras disputas. □

Uma feita, subindo incorporado ao gabinete do Prefeito para cumprimental-o pelo seu anniversario natalicio, destacou-se imponente, curvou-se respeitoso, seguindo os estylos scenicos, com os braços pendentes, e, levando em seguida a mão direita aos labios, como para significar sua intima e affectuosa satisfação, recebeu a parsiñosos olhares e medidos, indo occupar entre os collegas o posto que lhe competia. □

O Prefeito, porém, que ignorava o paradeiro de Florindo, admirado de encontral-o na Municipalidade, arguiu-o amistosamente: — Por aqui, Sr. Florindo? Abandonou o theatro?

Ao que o actor, apurando-se, respondeu n'aquelle tom de voz altisonante, que lhe era peculiar:

Oh, não pude  
Sofrer do adverso Fado a mão pesada!  
São da morte os arranços lastimosos,  
As suas verdadeiras despedidas.

Fayal. Acto IV, scena III.

No dia seguinte, o Prefeito, coitado da sorte do valetudinário artista, baixou uma portaria em que, concedendo-lhe um mez de licença para repouso, abonava-lhe a gratificação de um conto de réis, por serviços extraordinarios prestados á Bibliotheca durante os trabalhos de catalogação.

Honesto, chefe de familia exemplar, foi no funcionalismo o que houvesse sido no theatro, um estimavel companheiro e o mais fiel cumpridor dos seus deveres.

Casou uma filha com o filho do velho actor José Romualdo, que tendo tido a infelicidade de ficar apocatico, nem por isso a platéia o desfeiteava; a contrário, continuou a festejal-o nos seus bons papéis.

Aggravando-se, porém, o seu estado ao ponto de perder completamente a voz, João Caetano marcou ao invalido collega uma

Costa e pelo Martinho, arrandei o Tivoli (\*), onde, junto ao elegante theatrinho, que alli já existia, mandei construir vasto Pavilhão, e, n'este, um grande tablado para aprendizagem de bailados scenicos, com aulas annexas de

panão, que pagou até sua morte; e não só isso, como se encarregou da educação d'esse filho, que se graduou em medicina, e veio a ser genro do Florindo. Este moço, que dispunha, em Vassouras, de renda clinica, acometido de uma febre perniciosa de forma cerebral, n'um violento accesso de delirio vas a caixa de operações, lançou mão de aadissima faca de amputação, e decepa, de um só tuiho, o pescoço, que lhe penhe costas ábaixo.

(§) Anteriormente Nicolau, por destinar-se aos mesmos fins que o seu homonymo de Lisboa, ao tempo de Bocage, no momento, Tivoli; e, posterior, a respectivamente, *Paraiso* e *Pavilhão Fluminense*. Até á penultima denominação, só tinha uma entrada, pelo Caspão da Aclamação, constituída por toáo portão de pão a pique, abrindo para amplo corredor de terra socada, que ia rematar na elegante rotunda mandada construir por João Caetano para as aulas de choreographia e choreographia; mais tarde, convertido em *café-cantante* por alguns artistas da *troupe* Basta & Dalloca, os quaes, seduzidos pelo tenorino francez Nourry, se deixaram aquil ficar, João Caetano, para protegê-os, cedeu-lhes o gozo do resto do contrato; mas, como isso não conviesse aos interesses do proprietario, poderoso argentino, e sogro do notavel chicanista Souza Ribeiro, obtave este, não sei por que tréas, um mandado de servidão e posse, de que resultou amanhoeçar barrada, no dia do primeiro espectáculo do *Café-Cantante*, a unica entrada para o pavilhão e consequentemente tambem para o improvisado theatrinho. Os aggraviados artistas appellaram para João Caetano, que, obrigado a conformar-se com o disposto no edital ahi adrede affixado, acode pressuroso ao logar, e certificado de que se passára, dobra aquina da rua dos Lavaldos, e palpando o muro de tijolo singelo que ladeava o terreno nessa parte da rua, mette o hombro n'um ponto dado, abrindo, revoltado, o espaço, que começou a partir d'essa noite, a dar ingresso para a rotunda. Nesseo entretanto, surge o rébulo, que, exasperado, protesta contra aquella violencia, nos gritos de um *caocete*, de que não se libertou até a morte, quando assessorava as suas *causas* (\*): « *Lembre-se que posso razer, lembre-se que posso acotrexar*. João Caetano, suspendendo, ameaçador, a bengala de unicorne, limitou-se, escarinhando, a traçar, na parede, estas duas lettras: P. F., que o leitor brejeiro interpretará como entender, as quaes ficaram sendo as iniciaes da nova Casa de diversões... *Pavilhão Fluminense*, até sua completa transformação em vasto e insalubre *corripo*, só ultimamente substituído pelo actual correr de elegantes predios. □

Devo acresscender, pontuando esta nota, que o theatrinho do Paraiso atravessou a quadra mais risonha de minha vida secular: ao lado do bacharel Gonçalves, de Joaquim José Lampreia, meus mestres; de Bernardo Joaquim Correia; do Nicoláo Midosi (\*\*), do Antidoro (\*\*), do Camisão; de Ferreira de Menezes (\*\*), e de Antonio Caetano de Campos (\*\*), meus condiscipulos, ahi representei, aos dez annos de idade, fazendo as primeiras damas dos *dramalhões* *Manual Beckman*, do Dr. Saules (\*\*), *Capitão Paulo*, de Alexandre Dumax pag; peças entas seguidas das *comedias* e *entremeses* — *O aprendiz de ladrão*, *A Roda viva*, *O Dilettante*, *O Hollandez os pagar o mal que não fez*, *A Judas em subbulo de Aldeia*, e outras, e outras, que, ainda hoje, seriam ouvidos com o mesmo agrado de outr'ora.

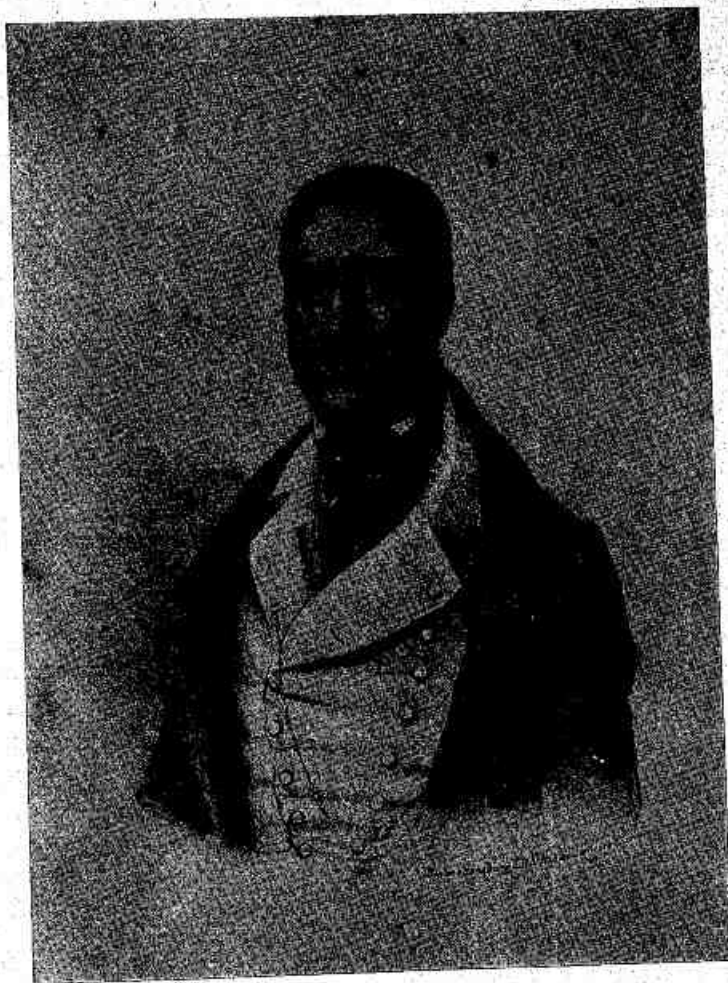
(\*) Souza Ribeiro jactava-se de só dormir tranquilamente, quando tinha com mal paradas causas em andamento.

(\*\*) Ferreira de Menezes, estimadissimo folhetinista e escriptór dramatico de reconhecido merito, bacharelado em direito, falleceu de uma syncope cardiaca, a 16 de junho de 1891, em sumptuosos festa anniversaria do deputado fluminense Duque-Estrada Teixeira; Antonio Caetano de Campos, doutorando-se em medicina, falleceu na cidade de S. Paulo, onde clinicava; Antidoro e Midosi, aposentados da Secretaria do Imperio, vieram a fallecer mais tarde, sendo que, aquelle, ha apenas tres annos; e, este, em 1.º de novembro de 1890.

(§) O Dr. Carlos Luiz de Saules nasceu no Rio de Janeiro a 2 de dezembro de 1824, e aqui falleceu a 4 de novembro de 1890. Médico, e médico distincto, clinico no bairro de S. Christovam, onde tambem exerceu varios cargos de caracter official e de eleição popular. Membro do Conservatorio Dramatico, os seus pareceres eram tidos no maior apago, pelo criterio e rectidão com que os lavrava.

Para o theatro escreveu, entre outros, cujos nomes não me recordo, *Manual Beckman*, drama original, impresso no Rio de Janeiro Typ. classica de José Ferreira Montainy, Rua da Alfandega n. 84, 1849. — O *Manual Beckman* foi aqui montado com o maximo esplendor por João Caetano, que, assim fazendo, prestava publico homenagem ao autor, de quem era particular amigo. □

Não se confunda este, com o drama historico, em 6-actos, e em



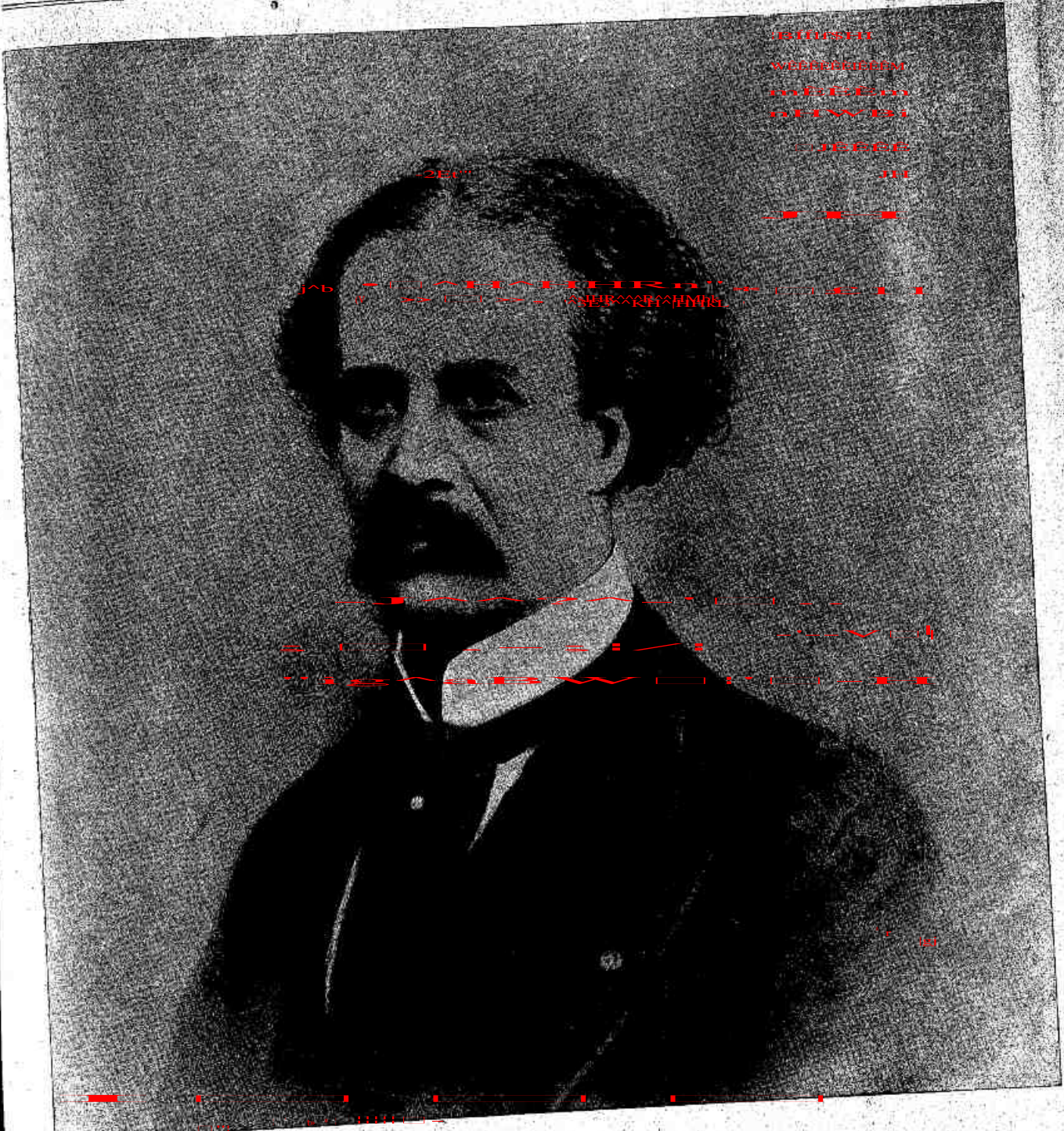
Heaton e Rensbury. Lith. — Rio de Janeiro.

### ANTONIO GONSALVES TEIXEIRA E SOUZA

\* na cidade de Cabo Frio (ex-provincia do Rio de Janeiro), em 28 de março de 1812; † n'esta Capital, antiga Corte, a 1 de dezembro de 1861.

Para o theatro escreveu: *Cornelia*, tragedia original, em cinco actos. (4ª série do *Archivo theatral* do Rio de Janeiro.) *O cavalleiro teutonico ou a freira de Marienburg*, tragedia em cinco actos, escripta em 1840. (Rio de Janeiro. Empreza Typ. *Dous de Dezembro*, de P. Brito, impressor da Casa Imperial. 1855.) *Lucrecia*, traducção da tragedia, em cinco actos, de Ponsard. Sahio na 5ª série d'aquelle mesmo *Archivo*, sem que precedesse consentimento, nem sciencia do autor, e por isso sivada de erros, que estavam por emendar.





Correio de Timor. — Rio de Janeiro, Rua Gonçalves Dias n. 54.

**LUIZ CANDIDO FURTADO COELHO**

ACTOR E ESCRITOR DRAMATICO

1.º galan de inspiração e uma das mais salientes figuras na formação do theatro moderno brasileiro.

\* em Lisboa nos 28 de dezembro de 1831; e f em Lisboa aos 13 de fevereiro de 1900.

Apertou ao Rio de Janeiro em 3 de março de 1856.

applausos. Não nos é possível extrahir o que disseram de parte a parte; porém como faziam improvisos, a sua perda não será sensível.

Estava a patçada no seu auge, o panno levantado e o divertimento interrompido, quando felizmente appareceu o Sr. administrador geral Avila. S. Ex. fallou ao publico, prometendo que no dia seguinte seriam punidos os autores deste escandaloso, e exigiu do publico que soffresse o Preboste de Pariz: aliás mandaria fechar o theatro. A autoridade S. Ex. foi prontamente reconhecida; houve um movimento geral de adhesão e o espectáculo continou em perfeito sossego.

(Folhas de Pariz.)

Como temos dado parte aos nossos leitores de tudo que tam occorreu sobre a celebre patçada de que foi causa a Sra. Luiza de Lignerolles, julgamos do nosso dever fazello sabedores do resto da historia, que parece ter finalizado na noite de sabado 3 do corrente, e que não escaparia ao autor do *Hyacinthe* e ao do *Lotrin*, se fossem vivos. Esta historia occupou huma das paginas do grande livro da chronica scandalosa do theatro, e olhada como divertimento, tem outro chizze que lhe dá muito graça. Vamos ao fim da historia.

Sabado appareceu por essas esquinas hem cantas annunciando que nessa noite subia á scena a Luiza de Lignerolles, que nella entraria a actriz *interessa*, Grata Nicolini. Esta noticia, como era de esperar, pôz em movimento os exercitos belligerantes. Enquanto huma se formidava de martelinhos para dar patçada, outros, mais sensivelmente compadecidos, andavam sentimentalmente pedindo palmas e bravos a favor da infeliz victima que ia nessa noite ao holocausto. Alegarãse camarotes, comprãse bilhetes com anticipação, e emfim tomãrã-se todas as medidas para a grande batalha.

A's sete e meia deu-se principio ao divertimento, sendo bastante a concurrencia dos espectadores, huns que estavam para executar, e outros para ver. A segunda scena do 1.º acto appareceu a Luiza de Lignerolles, isto he, appareceu a actriz Grata Nicolini; a este signal desbata a estroada patçada, destas patçadas de que trata o padre José Agostinho de Macedo. Ouvirão-se bastantes palmas, mas estas ficaram abafadas pela patçada, que sem mentira foi redonda. A victima ficou immovel, curvou a cabeça ao sacrificio, e mandou a pé firme a dize que lhe estava reservada. Porém, como esta era excessiva e desesperadilha, a actriz fragueou: as lagrimas lhe rebentãrã dos olhos, os soluços a suffocãrã, e estava a ponto de desmaiar quando o seu estado violento produziu huma completa revalação nos animos dos espectadores.

A estes signaes tão expressivos de dor e de violencia, a platêa recolheu as velas da sua ira; o publico, tendo vingado a sua causa, transporta-se rapidamente de hum affecto a outro affecto, e huma patçada tão negra e assustadora rematou por hum dilavio de palmas: testemunhas deste facto, nós não podemos deixar de elogiã-lo, e de darmos os merecidos louvores ao publico que o praticou. O pensamento de punir a actriz, inconsideradamente caprichosa, he hum pensamento justo e até necessario; mas o pensamento de entancar a fonte de suas lagrimas he tão generoso e tão nobre, que só elle caracterisa as virtudes civicas de hum povo tão digno de elogio.

Porém a impressão estava feita, e a victima com difficuldade pôde entrar na representação. Assim principio a Luiza de Lignerolles; porém dahi a pouco já o caso era muito differente. A actriz, desenvolvendo todos os recursos da arte, tomou a mais brilhante desforra; vingou-se á força de delicada representação, excedeu-se, e conseguiu de seus inimigos os mais extraordinarios applausos, e que seria injusticia negar-lhe. Podemos assegurar que estes applausos acompanhãrã a actriz até o fim da peça; e quando esta acabou, ella foi chamada fóra com avidaz e enthusiasmo; e quando ap'pareceu, acompanhada das principaes personagens do drama, ella recebeu o premio devido nos seus talentos com sinceridade e com furor.

Agora diremos duas palavras acerca da peça. Em nossa opinião, he das melhores que a empresa nos tem dado, e talvez a melhor representada. Tem bello enredo, grandes lances, e acaba perfeitamente. A actriz Grata Nicolini, na parte de Luiza de Lignerolles, se immortalizou, e na ultima scena do 4.º acto, quando abre a porta á sua rival e repudia seu marido, o fez com huma perfeição tão natural, que só isso estabeleceu a reputação de huma actriz. O actor Thomaz de Almeida e Silva, que fez a parte do coronel de Givry, desempenhou com summa habilidade este caracter novo, e nunca o vimos representar tão bem. Depois da Grata, he aquelle que mais nos agradou. O actor Gusmano, Henrique de Lignerolles, sustentou a sua reputação de bom actor; e estas tres personagens mostrãrã nesta noite quanto pôde a arte acompanhada de boa vontade.

Concluiremos recommendando ao empresario que nos dá sempre destas peças; e assegurando nos actores que, emmerando-se como na noite de sabado em representar bem, hão de achar protectores e hão de restabelecer a reputação do theatro S. João, que tem cahido á força de desmazelo. Dizemos desmazela, porque vemos com sentimento que ha artistas que trêto o caso de resto, e julgaõ que o publico os ha de aturar. Isto não he bem calculo. Alguns dos actores que entrãrã na Luiza de Lignerolles estiverão muito longe de cumprir as suas obrigações. Fallaremos da actriz que desempenhou a Cecilia de Givry: esta actriz vinha mal vestida, e a sua demaziada e torçada affectação faz diminuir o seu merecimento; cumpre que ella se possua da idéa de que o theatro he a escola da natureza. O actor que fez de M. Lagrange não entrou

Henriqueta (10), os filhos do velho Monclar, os do Tous-saint e do De Giovanni, todos distinctos n'essas disciplinas, e que vieram logo após reforçar os triumphos do meu surgente, patriótico e emancipado theatro.

— Obtido isto, e na qualidade de *capuz* da companhia, procurei o mais possível conciliar os espiritos e os interesses, mostrando-me generoso para com os vencidos e desbravando sempre o caminho para aquelles em que eu descobria vocação e talento. E assim, cedi ao Florindo o protagonista do *Algiato*, papel que o Magalhães havia escripto para mim; pedi ao Macedinho que escrevesse o *Cobbe* para o Germano; o Joaquim Norberto, por suggestão minha, produziu o drama *Amador Bueno*, que passel, sem representar, ao Costa, tendo o aliás o autor designado a mim; e não só esse drama, mas ainda a tragedia *Olytmendra*, tambem original, que eu reservava á Luiza Antonia (11);

em caracter, parece não ter percebido o caracter do pai da Luiza, e o que fez de principio de Mim abusou da decencia publica; pôde ser que S. A. o principe de Mim gostasse de cações apertadas, mas os principes hoje estão muito embaixos para a gente lhes soffrer os seus defectos naturaes.

Não concluiremos o nosso artigo sem censurarmos quem quer que foi que teve a mesquinha lembrança de atirar com uma moeda de cobre á caixa do theatro na occasião em que a actriz Grata Nicolini recibiu os applausos gerais do publico. A acção além de ser vilmente pequena, foi extemporanea e mais se deve olhar como offensa ao publico do que á actriz.

O publico tinha já absolvido os peccados veniaes da actriz, e publico a chamou fóra para victoria-la; incidente e mesmo vanillico apressiar semelhante occasião para desfeitar uma mulher que está inerte, e que vem ao chamamento publico, confidã nos applausos com que a chamão. Nós podemos assegurar ao autor da lembrança que elle foi infeliz no seu vil desenfado, e que não houve huma só pessoa da platêa e mesmo nos camarotes a quem não enfustasse uma acção que não desgraxa naquella altura senão o ridiculo desalvado de uma alma pequena.

(Folhas de Pariz.)

Logo depois do incidente de 1840, que tantos vexames lhe custou, a Grata Nicolini veio para o Rio de Janeiro, trazendo consigo uma filha de menor idade. Era esta, Lembro-me vagamente d'essa velha actriz, quando estabelecida á rua do Nuncio, esquina da da Constituição, com uma fábrica de massas alimenticias.

(10) Seriam as duas irmãs Clara e Izabel Ricciolini? Quero suppor. A Henriqueta Ricciolini, que para aqui veio, em 1829, na segunda leva dos artistas contratados, em Lisboa, no anno anterior, trouxe realmente consigo duas filhas, que abraçaram mais tarde a carreira dramatica, e um filho, de peito, que nasceu em alto mar, durante a travessia.

A filha conservou-se sempre ao lado de João Castano, que a chamava de *piá* para toda obra; bailava; cantava; dizia bem, e verso na tragedia; representava, a contento de todos, no drama, na comedia, na farça; era inexcusavel nos duettos, nas anias, nas tonadilhas, constituindo-se o que, devêras, em theatro, rigorosamente se chama *uma utilidade*. João Castano casou-a duas vezes, sendo que, nas segundas nupcias, com o maestro portuguez Osterwald, a quem confiãrã, poucos mezes antes, a regencia da orchestra do theatro.

Morto o seu protector e padrinho, a Ricciolini, abandonando o theatro, recolheu-se á vida privada, indo habitar, com o marido, que se fizera professor de violino, um modesto sobrado de tres janellas de peltorij, de sua propriedade, á Travessa do Senado.

A' minha volta de S. Paulo, em dezembro de 1864, não mais os vi, nem a ella, nem ao marido, nem mesmo á Izabel, constando-me, entretanto, que esta se havia casado, e bem, existindo ainda, no Estado do Rio de Janeiro, um casal de filhos, a qual procura esconder, retirando o sobrenome, sua origem humilde; clamorosa injustiça á memoria d'aquelle lar, onde se respirava a mansa felicidade só concedida aos que sabem viver de seu trabalho e de suas economias.

Conservo um ambrotipo da Clara Ricciolini, com o seu narizinho adunco, bocca rasgada em graciosa linha, labios finos e rubros, olhos scintillantes, mas toda elle tão apagado, tão apagado, que não sei como restaurã-lo para que dê uma boa reprodução.

(11) Filha da grande actriz brasileira Estella Sezeffreda, e enteada de João Castano dos Santos, no Rio de Janeiro, em 1833, e q., de tuberculose pulmonar, a 4 de maio de 1847.

Pisou o palco pela primeira vez aos 8 annos de idade, fazendo



Henschel & Bequet, Photographs da Casa Imperial, — Rio de Janeiro, Rua dos Ourives n. 40.

**ANTONINA MARQUELOU**

**1ª DAMA DRAMÁTICA DOS THEATROS BRAZILEIROS**

\* em Lisboa, a ? de ? de 1893; † no Rio de Janeiro, a 18 de julho de 1877.







mandei contratar, no estrangeiro, por minha conta, duas troupes, uma lyrica italiana, e outra dramatica franceza, calculando que, com os lucros advindos das duas emprezas, eu pudesse, quando menos, arrendar, por indeterminado tempo, os tres alludidos theatros.

Não acontecendo assim, pois as receitas da companhia franceza que era boa, apenas davam para custear a companhia italiana, que não correspondera á desejada expectativa, despenhado dos compromissos, arqueei sósi-

sando á patria, não trapedou em annuuar-se aproveitado discipulo de um artista brasileiro.

Em nome de dize que fora esse um acto de mára cortesia do actor para actor, a retribuição talvez de serviços prestados ao leviano Ernest por occasio do processo Mege, em que tambem depoz, como testemunha, o irrequeto João Caetano; Ludovic, o finissimo galan da troupe Basta & Dalloen, ensaiado pelo nosso genial actor, aqui tambem se exhibio (Outubro de 1857) no papel de André, do drama de Arago, e tão á contento geral, que não hesitou em incluí-lo entre os melhores do variadissimo repertorio que me voltou á culta França.

Dúvida, pois, não ha de que o nosso actor, exhibindo-se no papel de André Lagrange, logo após La Puerta, e perante este, não imitou o actor hespanhol, mas apresentou trabalho novo, o que positivamente se firma no seguinte tópico de suas lições dramaticas:

«Entendo, senhores, que o actor que indaga e pergunta o que não sabe, prova com isto a estima que tem á sua reputação e o apreço em que tem a sua arte.

Quando creoi o papel de André na Gargalhada, fui estudar, no boquicio, o typo que eu imaginára e escolheira, como alli estudei sempre todos os loucos que reproduzi em scena. Nessa occasião, observei um que mais se adaptava ao caracter do personagem que eu ia reproduzir: os movimentos, as posições, a physionomia, imitei com todos os perfeitos traços da loucura; porém a gargalhada nervosa, que eu devia dar repetidas vezes, comquanto a tivesse muito bem estudada, fazia-me sempre desconhar si seria verdadeira e natural; fui então consultar a um dos primeiros medicos d'esta Corte, o Dr. Silveira; approvando elle o meu ir nervoso, apresentei-me no palco cheio de segurança no meu trabalho, que o publico acolheu ferverosamente.

Ainda se depreheende mais do quanto se ha passado entre João Caetano e La Puerta, no momento e no tempo, ouvindo-se as palavras de dous insuspeitos biographos do grande actor brasileiro — Cassiano Cesar e Ferraz Guimarães:

«... Trabalhava no Rio de Janeiro uma companhia dramatica hespanhola, dirigida por D. José La Puerta.

No repertorio de La Puerta vinha o drama — A Gargalhada, que tanta celebridade conquistou para João Caetano. Depois de ter sido por essa companhia representado em hespanhol, os admiradores de João Caetano, desejando apreciar-o n'essa peça, lhe pediram que a representasse.

O actor brasileiro sentiu-se honrado pela escolha que faziam della, para o desempenho de tão importante papel, e, dirigindo-se ao artista hespanhol, pediu-lhe a devida permissão.

Bondosamente accedeu o distincto estrangeiro; e João Caetano, com aquella especie de justificavel terror sempre que se tratava de um papel novo, deu começo aos ensaios da peça.

Sua superstição chegava mesmo ao ponto de persignar-se todas as vezes que tinha de entrar em scena.

Conforme se sabe, João Caetano era muito religioso.

Preparada a peça, subio ella á scena na noite de 17 de maio de 1848. O theatro, litteralmente cheio, contava entre os espectadores o actor hespanhol La Puerta, jornalistas, litteratos e artistas de outras troupes.

Pouco antes de entrar na situação capital do drama, quando André surpreendido por Estrella, seu paião, e accusado de roubo, João Caetano passava agitado na caixa do theatro, repetindo a todo momento ao contra-voz que não se esquecesse de prevenir-o, de chamal-o quando chegasse a occasião, dando assim todos os indices de enorme superstição nervosa, e assim agitado preferio as primeiras palavras no palco.

O successo, porém, foi immenso, no momento em que vibrou essa gargalhada de louco, até hoje ainda por ninguém imitada.

Quando o panno cahiu, La Puerta, e um medico, amigo de João Caetano, correram ao camarim do artista, crentes de que o encontrariam com uma arteria arrebatada.

Qual, porém, não foi o pasmo ao encontrarem-n'o simplesmente fatigado e descansar sobre uma poltrona!

Ahi todavia não parou a admiração pelo talento unico desse genio do palco brasileiro, que excitava o asombro de todos, indo além de toda a expectativa.

mo com os onas do S. Pedro, sendo, d'entre os principaes, o pesadissimo aluguel das dependencias, e o das belbutinas da extincta empreza, incluídos na somma.

— Deante d'este imprevisto desastre, e só podendo contar com os limitados recursos de minha actividade e trabalho, pois a Empreza não era subvencionada, tive de concentrar todas minhas forças no já inaugurado theatro nacional; mas, faltando-me ainda indispensaveis characteres dramaticos para montar escolhidas peças, lem-

Em todo o terceiro acto o seu trabalho era superior a quanto pôde conceber a mais exigente imaginação.

Ao cabir do panno, foi elle chamado á scena, e, entre as demonstrações de apreço que recebeu, viu em seus braços o notavel artista hespanhol, D. José La Puerta, exclamando n'um arroubo de entusiasmo: — Meu mestre!

A peça nada vale em si; a sua urdidura, concebida a qualquer menino de escola, seja dito sem desrespeito ao actor, mas o talento com que fora concebida e reproduzida a figura principal, expressamente creada para o grande artista francez Frederick Lemaitre, mereceu grandes elogios de todos que tiveram a fortuna de ver o actor brasileiro, inclusive o proprio actor, que, mais tarde, de passagem neste palco, teve occasião de admirar-o.

A victoria do notavel artista não parou ahi: teve a satisfação de receber o collega hespanhol, que lhe pediu representasse o papel de Otello, alma de poder mais uma vez admirar o talento de um bella arteiro.

Inutil á dizer que o successo foi igual no d'A Gargalhada.

«Em outubro de 1856, achando-se de passagem pela corte o distincto litterato francez Jacques Arago, e tendo de partir para Europa a 19 d'esse mesmo mez, pediu no nosso João Caetano representasse a Gargalhada, drama de sua composição, o que se realisou na noite de 18, no theatro de S. Januario.

N'essa noite, assim que appareceu o actor no primeiro camarote da primeira ordem á direita da scena, foi estrondosamente saudado. A essa significativo rumor, seguiu-se profundo silencio, viva curiosidade so manifestou em todos os semblantes, os espectadores de toda a sala puzeram-se de pé, e descomentaram-se, apenas o venerando cego, visivelmente commovido, mostrou desejos de fallar.

A sua allocução, que textualmente reproduzimos, foi a seguinte:

«Messieurs, Mesdames, Breveliens, je veux dire, mes amis!

L'accueil que je recois de vous touche profondément mon Ame: mais je ne m'y trompe pas; ce n'est pas moi que vous fêtez si glorieusement, c'est le nom que je porte, c'est cette brillante étoile d'or appelée François Arago, dont je ne suis, hélas! qu'un obscur satellite...

Merci pour mon frere, merci pour moi.

Si je ne me trompe encore, vous voulez fêter aujourd'hui ce talent si sympathique que vous applaudissez chaque jour avec tant d'enthousiasme, et que vous appelez João Caetano.

Merci pour lui.

J'avais cru jusqu'à ce jour que le cœur ne pourrait avoir qu'un seul autel, qu'une seule patrie; je m'étais trompé. Le cœur est citoyen de l'Univers; et désormais je ne séparerai point Paris de Rio de Janeiro... Encore, et toujours, merci.

Novos e estrepitosos applausos acolheram estas poucas palavras pronunciadas pausadamente e com todo o cunho da sinceridade.

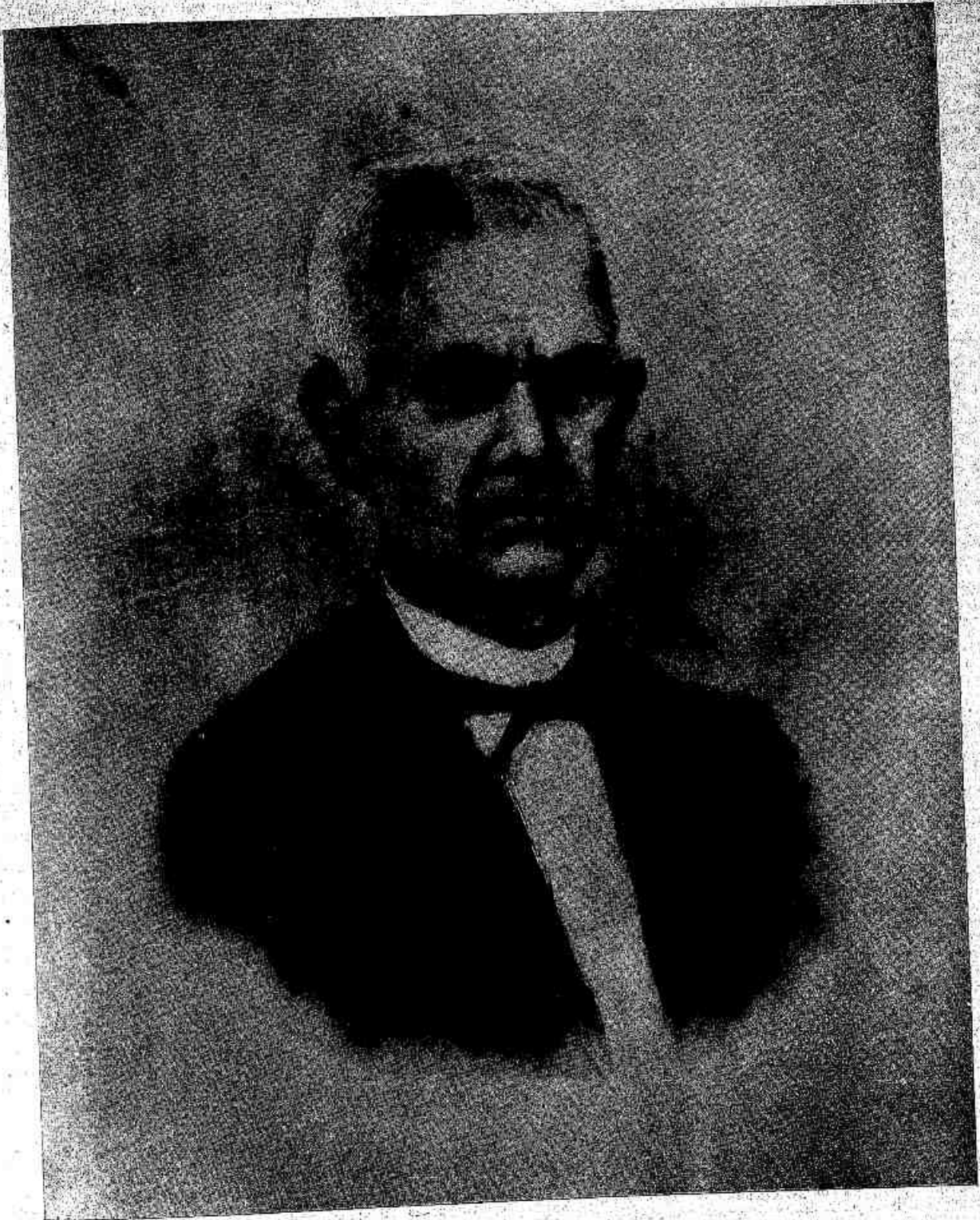
Logo que João Caetano appareceu em scena, foi alvo de igual manifestação, sendo recebido com demoradas palmas e rimbombantes brancos, associando-se sempre Jacques Arago a essas saudações de subido apreço, em que era tido aquelle genio dramatico.

Emquanto durou a representação, as vistas de todos desciam do distincto litterato á correcto individualidade do artista, para o novo atheniense ao camarote em que se achava o respeitavel actor.

Os signaes, que este dava, de intimo contentamento, não concebidos que João Caetano comprehendem magistralmente o papel que desempenhava, eram o mot d'ordres para os vivos applausos dos espectadores, applausos juntamente merecidos, e, d'essa vez, mais que verdadeiros, visto ahi encontrar-se o juiz mais competente, certificando com a sua satisfação a fidelidade do trabalho artistico.

Terminado o espectáculo, não obstante o seu cansaço, tanto de corpo como de espirito, foi João Caetano chamado á scena e francicamente applaudido, sendo-lhe nessa occasião offerecida uma linda coroa de arrvalho.

O genial artista correu ao camarote de Jacques Arago, e, com



FLORINDO JOAQUIM DA SILVA

TRAGICO BRAZILEIRO

\* no Rio de Janeiro a 6 de junho de 1814; † a 10 de janeiro de 1893, n'esta mesma cidade.

Drei-me em má hora de enviar a Lisboa o Germano (12), adim de estudar os artistas dos theatros de lá, indicando-me os melhores nomes, sobretudo de *ingenuas*, enquanto aqui eu aguardava o crescimento da Gabriella, da Jesuina e da Leonor Orsat.

Effectivamente, o Germano partiu para Lisboa, ficando João Caetano na gerencia da Empresa, dispoñdo as cousas de modo a collocar, nos varios serviços do theatro, alguns, e a beneficiar os invalidados, d'entre os quaes se encontravam um cego e dous paralyticos.

— Eis, em synthese, concluiu elle, os meus passos iniciais, logo após haver fundado a desprotegida Companhia Nacional.

Pansa de alguns instantes. Reanimando-se, o cardiao prosegue:

— Quando eu assim me empenhava pela completa transformação do nosso theatro, communicam-me de Lisboa que o meu emissario, exaggerando os prejuizos, e suppondo-me arruinado, procurava convencer ao Tasso (13) de sua vinda

ao Brazil, trazendo consigo um centro e uma ingenua que, reunidos aos artistas aqui existentes, alguns dos quaes já por mim contratados, me reduziram ao extremo de abandonar a empresa e o theatro.

— Por unico desforço a tamanha deslealdade, suspendi as remessas de dinheiro ao meu representante, tiznando-o de Calabar, alicinha esta de que não se poude desfazer enquanto seguiu a arte (14).

— Divulgada a occorrendia, e á falta de recursos para regressar, aproveitou o primeiro navio de vela, que o trouxe como tripolante ou empregado de bordo.

— Aqui chegando, procurou-me, pedindo collocção. Superior ás pegganas miserias profissionais, accetei-o, com a condicção, entretanto, de não mais estender-me a mão a apertar, nem mesmo em scena, embora por marcação de rubrica.

— Germano, entretanto, continuava a urdir, nas trévas, contra mim, e contra a Empresa, creando para si

a abnegação propria de seu nobre coração, com o desapego das almas superiores, com a franca satisfação dos espiritos elevados, pedio licença para coroar o velho escriptor, que, recusando cavalheirosamente essa homenagem ao seu talento creador, á fulgida magestade de sua concepção, tirou apenas para si uma folha da coroa, e, tacteando, cobrou o artista, dizendo-lhe:

« A vós, Principe do palco, compete tão justa e merecida prova de distincção, que revertirá em gloria para o Brazil e para o seu Monarcha.»

Inutilmente se tentaria descrever o que então se passou. Que phrase teria a força de exprimir tão commovente quadro?

O delirio tocou seu termo, o theatro estremeceu á explosão dos applausos; a pedido de Arago, musica tocou o hymno nacional, e SS. MM. II., para que nada faltasse á gloria desses douts vultos, chamando-os á tribuna imperial, manifestaram-lhes o contentamento de que se achavam possuidos.

Em seguida João Caetano e sua companhia, acompanhados por grande numero de espectadores, levaram Jacques Arago até a corveta, que devia largar ás 6 horas da manhã do dia seguinte, 19 de outubro.

Anos depois, voltando Jacques Arago ao Brazil, já com o germen da molestia que devia fulminar-o, hospedou-se em casa do artista, que elle tanto applaudira, e ali falleceu, quasi repentinamente, a despeito dos desvelados carinhos com que havia sido medicado.

No dia de sua morte, o ministro francez mandando á casa de João Caetano indagar do estado de saúde de Arago, levou-lhe o portador a seguinte resposta:

« Diga a S. Ex. que o escriptor francez Jacques Arago acaba de expirar nos braços do primeiro actor brasileiro.»

(12) Germano Francisco de Oliveira, cuja preocupação, desde o inicio de sua carreira dramatica, fora sempre offuscar João Caetano, nautra ciumes de profecção contra o nome incomparavel genio theatral, ciumes que elle em vão procurava dissimular. D'entre os seus mais onusados esforços a equiparar-se ao João Caetano, enumeram-se o de ter feito o *gã*, no drama de José Romano; mas, fallhou-lhe ainda d'esta vez a tomeridade do objectivo.

Convém notar que, na classe das mediocridades pretenciosas do theatro de então, Germano occupava posto saliente, tornando-se até perigoso, devido á ignara e poderosa platina dominical do tempo, a que não deixava de artisticamente contentar, sendo sempre por ella correspondido com applausos convencionados e elogios em á pedidos.

(13) Tasso (Joaquim José) nasceu a 22 de agosto de 1820.

Obscuro, sem illustração que o guindasse, só o genio, o fgo-sa-grado elevaram JOAQUIM JOSÉ TASSO ao apogeu da gloria, tornando-o um actor notabilissimo.

Todas as incorrecções, as falhas de memoria e outros defeitos que lhe notavam, eram esquecidos por completo, quando o publico, n'um fremito de enthusiasmo, o aclamava delirantemente, arrebatado pelos seus rasgos vehementes, que nos faziam estremeecer.

Tasso era um actor privilegiado; era o eterno *galan*, o rei da elegancia e da distincção; era, principalmente, o actor que mais commo- via e enthusiasmava o publico.

Estreou no *rei theatro* da Rua dos Condes, a 18 de dezembro de 1869, n'um pequeno papel do drama *Jacqueline da Baviera*.

Por muito tempo passou despercebido no theatro, fazendo *rebultas*.

Com a morte do notavel *galan* — o distincto actor Ventura, foi TASSO encarregado de o substituir no papel de Roberto do drama *Barbarica* e no *Atino* do drama *Sineiro de S. Paulo*.

Apezar das grandes difficuldades dos confrontos com o actor tão quando como era Ventura, conseguiu Tasso tomar desde logo o lugar, que ficava vago de primeiro *galan* da scena portugueza.

Teve em seguida importantes papéis n'A Fobre das Ruínas, Tributo das cem doncellas e Abduda do Viterbo. Se n'estes tres peças foi festejodissimo, a sua reputação de artista chegou ao mais alto apogeu no drama *Adelina de Orpilla*.

Tasso seguiu da Rua dos Condes com a sociedade de artistas para o theatro de D. Maria, e alli se conservou, até que Francisco Palha, sahido de commissario régio, seguiu por uma epocha para a Rua dos Condes, e depois inaugurou o theatro da Trindade. Tasso fez parte d'essa companhia, até á morte, que se deu inesperadamente a 27 de maio de 1870.

Ru toda a sua carreira artistica o grande Tasso desempenhou approximadamente setecentos papéis de *galan* (\*) Semia impossivel escrever aqui os titulos de todas as peças em que entrou. Limitar-me-hei a dar uma noia das peças em que mais sobresahiu, com as respectivas epochas em que foram representadas:

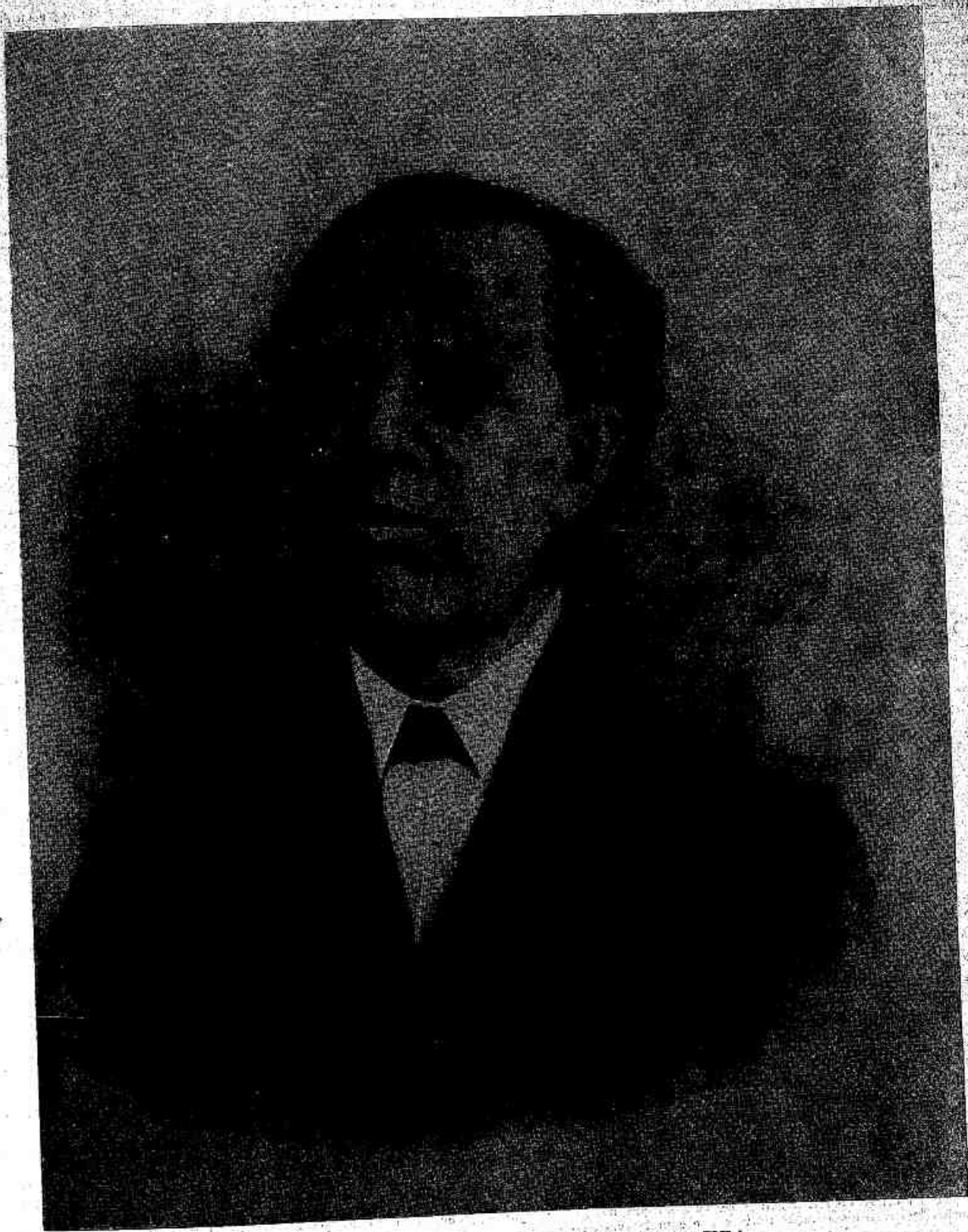
*Princesa de Richelieu, Alfajeme de Santarem e Abduda de Viterbo*, 1841. *Pobres das Ruínas e Tributo das cem doncellas*, 1846. *Atvareo Gonçalves e Magrino*, 1846. *Latude ou trinta e cinco annos de captividade e O habito não faz o monge*, 1847. *Os dois seminaristas*, 1848. *Mysterios de Paris e Templo de Salomão*, 1849. *Herdeiros do Cear e Duende*, 1850. *O operario e Se Deus quiser...*, 1851. *Magro- phocia*, 1852. *Anjo e Demonio, Raphael e Maria Stuart*, 1853. *Ódio de rapto, Homem de ouro, Honra duma familia e Dama das Camélias*, 1854. *Consciencia, Mulheres de mamozes, Cão e gato, Dalila e Adriana Lecouvreur*, 1855. *Casamento e despacho, Como se sabe no poter, Mocidade de D. João V e Cedro venialho*, 1856. *Caminho mais longo, Anjo da reconciliação, Escala social e Melodrama dos melo- dramas*, 1857. *Obras de Horacio, Livro negro, Homens serios, Caridade na sombra, Cego e Cesar ou João Fernandes*, 1858. *Flôres e frutos, O luar e O medico das creanças*, 1859. *Indiã e Dito e feito*, 1860. *Um anno em quinze minutos*, 1861. *Vingança e Homens de mar*, 1862. *O jogo, Sociedade elegante, Penitencia e Daniel Lambert*, 1863. *Os homens ricos*, 1864. *Os diffamadores e Nobres e Plebeus*, 1865. *Crenção e ante*, 1866. *Demonio do jogo, Supplicio de uma mulher, Familia Benoitin e Mãe dos pobres*, 1867. *Conspiração na al- deia, Pupillas do sr. Rector, Chave de ouro e Tentações do demonio*, 1868. *Barbaeiro de Sevilla*, 1869. *Pecadora e Mãe*, 1870.

Quando Tasso morreu estava estudando o *Othello*. (Souza Bastos, Carteira do artista, page. 306 e 307.)

(14) Effectivamente, em 1866, na Empresa Barão de Silveiras, de quem era prepôsto um tal Zephirino, e ensaiador o Capitão Bernardo, ouvi d'este, pontuando acalorada questão com o Germano, estas injuriosas palavras: — « De Calabar te chrisamaram... e basta.»

(\*) Quer me parecer que só um *lapis calami* pôde explicar a cifra com que Souza Bastos numera os papéis de *galan*, representados pelo Tasso: 700 se me afiguram, de facto, exagéro desnecessario, pois 399 uma vida artistica de 29 annos (1841 a 1870), é incompativel com tão avultado algarismo. Seria preciso que, nos 10.585 dias que constituem os 29 annos, tivesse o actor, só na especialidade *galan*, representado um novo papel de 15 em 16 dias.

E isso, tanto mais quanto o Tasso foi reconhecidamente um actor griteiro e tímido, pois só depois de tão longo tirocinio, dil-o o proprio Souza Bastos, e pouco antes de morrer, começara a estudar *Othello*.



JOAQUIM AUGUSTO RIBEIRO DE SOUZA

1º CENTRO DRAMÁTICO BRASILEIRO

\* no Rio de Janeiro, a 6 de julho de 1825; estréou no Theatro S. Pedro de Alcantara, em 1841; e aqui † a 17 de janeiro de 1878.

um grupo de applaudidores baratos, e infrenes, arregimentados nas geraes (15).

Convocados os collegas, expuz as singulares occurrencias, para que deliberassem na emergencia, allegando eu respeito, pois se tratava de um patricio que se deixára cegar por mesquinhas ambições; d'esse acto de pura e sincera generosidade, resultou ficar eu autorisado a abrir mão do desleal companheiro d'arte, o que não fiz por melindres de espirito de classe, para não desamparal-o totalmente. Entremettes, aquelles de meus amigos, que me acompanhavam na cruzada nacionalista, buscaram-me dedicados, protestando contra esse meu acto de ultralegismo e de impensada generosidade. Resisti ainda. Mas proximo conflicto entre as platéias brasileira e portugueza, tornando inevitavel qualquer inesperado desenlace, cobrio-me a exclui do elenco.

D'ahi, a formação de um pequeno partido, que elle condensou; partido este que, mais tarde, muito mais tarde, produziu seus hostis effectos (16).

LIX

Em ulterior festivo banqueté, para melhor assigular a epocha artistica e litteraria destinada a memorar o acontecimento da nacionalisação do nosso theatro, Joaquim Norberto, erguendo o brinde de honra, saudou o genial actor brasileiro, a cujos exclusivos e supremos esforços se devia tão patriótico commettimento, sendo para notar, accentuou elle, que, para tanto, puzera em contribuição a sua popularidade, seu largo credito e os imprevisos do emprehendimento.

Assignalando o amistoso festim, o saudador-poeta, accedendo ao seu appello público, offereceu ao incomparavel tragico os preciosos originaes de sua tragedia *Olymnestra* (17), e do drama *Amador Bueno ou a Fidelidade Paulistana* (18),

(15) As geraes correspondiam ás torrinhas de hoje, que eram então repartidas em camarotes, como as das demais ordens. Esses bancos, porém, dispostos no terço posterior da platéia, não tinham encôto, e eram divididos, taes quaes as cadeiras. O espectador pagava apenas um mil réis; e, pela cadeira, dous mil réis. Quando a lotação das geraes se achava completa, o espectador reclamava uma *travessa*. Isto é, uma taboá que, collocada, ao subir do panno, nas passagens, e adaptada de banco a banco, lhe proporcionava um assento mais ou menos commodo, mas sem encôto.

(16) João Caetano referia-se, parece-me, a um punhado de imbecis que ousaram pospô-lo ao Germano, no papel de *Er*; posposição impossivel, para quem assistio á peça por um e outro. Melhormente do que o Germano, fê-lo o Victorino Cyrriaco da Silva, sem que ninguem a tanto se abalançasse.

(17) Publicada no *Archivo Theatral*. Edição do *Jornal da Commercio*. Rio de Janeiro.

(18) Joaquim Norberto, dando á estampa, por esse tempo, o seu drama *Amador Bueno*, precedeu-o de uma introdução, que importa de muito reproduzir aqui, para firmar o que venho dizendo com respeito aos serviços prestados, á arte e ás letras, por João Caetano.

Diz Joaquim Norberto:

O presente drama que vai ser archivado na *Bibliotheca Guarabarensis*, já é bastante conhecido do público do Rio de Janeiro; contudo julgamos dever dizer algumas palavras sobre elle e seu auctor.

O *Amador Bueno ou a Fidelidade paulistana* foi escripto nos primeiros dias do mez de Agosto de 1843, a instancias do illustrado conego Januario da Cunha Barbosa, e é uma das obras de mais intima recordação para o seu auctor.

Ao grito de uma esposa que acabava de ser mãe; ao vagido ainda fraco de uma filha que no seu brado infantil dava o signal de sua existencia; e balbuciava o canticó das dôres pelo qual começamos a nossa vida, cahiu da penna do auctor os ultimos versos do hymno de aclamação victoriosa do rei, em que se personificára a liberdade de uma nação, que renascia para o universo, e completava-se o seu primeiro drama. As duas Leonoras vieram ao mundo no mesmo dia e á mesma hora.

Sobre o tamulo ainda recente de seu velho paes, como uma lembrança

cará ao descendente, pela parte materna, desses antigos e emprehendedores paulistas, nascido na patria de Claudio Manoel da Costa, de Basilio da Gama, de Santa Rita Durão, val depositar o auctor este trabalho como uma prova de seu amor filial, como mostra de uma saudade eterna. O velho ego apenas pôde abraçar uma de suas Leonoras; a enfermidade que o privou da vista nos ultimos annos de uma vida quasi octogenaria, que tão trabalhos havia sido, impedira-o de ver a outra.

Foi *Amador Bueno* um triumpho para seu auctor? Abriu-lhe as portas do theatro? Escolhido para ser representado na abertura do theatro S. Francisco em sua restauração, o Conservatorio dramatico brasileiro adjudicou-lhe a preferéncia sobre outras composições por quinze votos contra tres, em sua sessão de 19 de Julho de 1846. No dia 19 de Setembro subia elle á scena, e no dia 20 do mez seguinte repetia a mesma companhia a sua representação no theatro de Santa Thereza, em Nietheroy. Depois dessas duas representações o primeiro ensaio dramatico do auctor sumiu-se no meio dos applausos espontaneos e não preparados de ante-mão, e foi esconder-se, para sempre, entre as velhas e dechididas peças do repertorio theatral.

Nem o publico, tão benigno em nossas platéias, nem a imprensa do paiz tão favoravel em sua critica, victoriarão o novo auctor dramatico, como ha feito a outros; apenas um escriptor nacional, o illustrado L. O. Martins Penna, traçou-lhe um rapido elogio nestas concisas e firmas palavras: «Tendo de abrir o seu theatro, julgou o Sr. João Caetano dos Santos que o devia estrair com um drama original, e nesse sentido por *annuncio publico* (\*) convidou os escriptores dramaticos nacionaes para lhe apresentarem as suas produções. Teve a satisfação de ver correspondido o seu convite recebendo cinco dramas de diversos auctores. D'entre estes devia escolher um; mas, temendo compromettimento pessoal, consultou o Conservatorio dramatico brasileiro, para que, examinando os ditos dramas, houvesse de designar qual julgasse mais digno de subir á scena. O Conservatorio decidiu que escolheu o *Amador Bueno*. Em consequencia desta deliberação, o Sr. João Caetano dos Santos traçou de o promptificar com todo o apparato e gosto que sempre se ha nessas occasiões. O drama *Amador Bueno* tem boas scenas, e não é mal conduzido, e si o todo pareceu frio, é que o assumpto, a nosso ver, nada tem de dramatico. O publico o recebeu com benignidade, e seu auctor e Sr. J. Norberto de S. S. deve ver nesse acolhimento animação futura».

Cahiu o drama em a sua primeira representação? A mesma companhia que o representou na côrte o repetiu em Nietheroy, e certo não se recorria a uma segunda prova publica, si os applausos, longe de corral-o, o deixassem cahir no meio de um verdadeiro *fiasco*. Não desanimou o auctor, que trabalha com enthusiasmo desde os bancos da escola pelo progresso da litteratura de sua patria. Escreveu em um improviso a opera comica *O Chapim ou a condessa de Valdevey*, que ahi corre em um acto, mas o *Chapim* não se represent u; e a *Beatriz ou os Francezes no Rio de Janeiro*, tambem opera comica em dous actos, quando ia entrar em ensaios, foi devorada pelas chammas que reduziram pela segunda vez a cinzas o malfadado theatro nacional de S. Pedro d'Alcantara.

Voltemos ao drama.

*Amador Bueno*, que parecia condemnado ao eterno esquecimento surge agora de novo para a luz da imprensa. As duas unicas cópias que existiam, uma na typographia, para ser impressa e outra no theatro, que servia para as representações, tinham desaparecido por uma coincidência que se não explica; o auctor recorreu á sua memoria, aos fragmentos das provas de prélo, da parte já impressa, cujas folhas tambem desapareceram, e a alguns dos papéis pelos quaes estudaram os actores; tudo foi baldado! Quando já nenhuma esperança lhe restavam de restaural-o, recebeu-o das mãos do Sr. commendador João Caetano dos Santos, que, instado, o decidindo-se a procural-o por si proprio, o encontrou entre esquecidos papéis. Elle aqui lhe agradece cordialmente este obsequio.

Os que compararem este drama ao drama épico-historico-americano em quatro actos e tres mutações, com o mesmo titulo e sobre o mesmo assumpto, do Sr. F. Adolpho de Varnhagen, impresso em Lisboa em 1847, verão que não é elle tão frio como pareceu ao nosso auctor dramatico L. O. Martins Penna. O actor que se encarregára da parte de *Amador Bueno* levantava-se do leito da enfermidade para apparecer na scena; debilitado, arrastava-se no palco como um cadaver galvanisado, e a sua voz rouca nem sequer era ouvida; d'ahi originou-se alguma frieza nas scenas em que teve parte e que consequentemente ia compromettendo o exito final do drama. Em Nietheroy, onde a representação correu excellentemente, onde as ovações tributadas ao actor, que reaparecia na capital do Imperio, e tantos outros incidentes não interromperam a marcha do espectáculo, o drama foi applaudido com mais enthusiasmo, e não se lhe notou esse frio em seu todo.

Falci fura ao auctor se preparar por meio de seus amigos um

(\*) O grypho é meu. Vid. pag. 688, 2ª col., linha 42, e a respectiva nota 3ª. — (PIRES DE ALMEIDA.)



MARIA FALCÃO

que, ao lado de Brazão, Ferreira da Silva e Alvaro, as actuaes culminancias artisticas do seu meio, tão brilhantemente concorreu para salientar a ultima temporada dos theatros portuguezes no Rio de Janeiro (1899).

\* em Lisboa a 4 de novembro de 1874.

posteriormente impressa (21); Antonio José de Araujo, o manuscrito de sua tragedia *Thelaira* (22); e grande Porto-

triumpho, encomendar applausos, ovacões e comparecimento sobre a scena. — outras eram, porém, as suas aspirações. Desolando fortalecer-se na litteratura dramatica, e que parece inclinara-se desde a sua infancia, quiz ver o effeito verdadeiro de seu ensaio e não enganar-se a si proprio. Aos que notaram que não havia um papel para o creador dos papéis de Antonio José, Othello, Kean, Ariosto, Hamlet, André e tantos outros, queriam por certo commoções fortes, lances tragicos, peripetias romanticas, quadros ensanguentados, scenas mudas, em que só fallasse a mimica, e esses *travaux de force* improprios do historico de seu assumpto. Para esses, melhor teria sido que o auctor se apresentasse antes com sua *Olympestra*, *rainha de Mycenae*, essa rapodia escripta ao sahir dos lances da escola, essa tragedia romantica no estylo, mas classica no seu enredo, feita a instancias do Sr. commendador João Caetano dos Santos, e na qual se encontra tudo isso, e que não é nacional, como o seu drama. Não o quiz; decidiu-se pela predilecção da nacionalidade do assumpto e enganou-se; — as consequencias teriam sido outras.

Pobre, mesquinha e desprotegida ali vai a litteratura dramatica da nossa patria, sem que ninguém se lembre de dar-lhe o desenvolvimento que lhe convém e que deve ter. Os homens da actualidade só pensam nos melhoramentos e recursos materiaes do paiz, e medem pela bitola da imbecillidade a todos aquelles que se não enfileiram sob o seu estandarte.

O concurso da intelligencia, esse só admittem elles sob a condição do silencio.

E com razão que ainda não chegou a sua vez de fallar ao paiz. Deixemos passar o tempo; — a esperanza do nosso engrandecimento intellectual não é um sonho vão; — é um mytho na creença do povo.

A cada um a sua época: — a de hoje pertence aos homens materiaes.

A de amanhã. o Imperador não-a dará, como deram os seus antepassados aos povos de além-mar nos seus dias de maior gloria!

Não esmoreça o auctor de todo; conclua essas composições dramaticas originaes que estão apenas esboçadas e entregue-as á imprensa. Não terão por certo o merito das peças submettidas as provas publicas, mas serão como um protesto solemne contra a indifferença de governantes e governados, que ao menos têm o direito por si: — estão na sua época.

Rio, Julho de 1855.

(21) *Amanor Bueno ou a Fidelidade paulistana*, drama em 5 actos, por J. Norberto de Souza e Silva. Rio de Janeiro, Empresa Typ. Dous de Dezembro, de P. Brito, Impressor da Casa Imperial. 1855.

(22) A 2 de fevereiro de 1807 nasceu, no Rio de Janeiro, o Dr. Antonio José de Araujo, por antonomasia o — *Dolorosa*.

Para o theatro escreveu: *Thelaira ou as Hespanhões em o novo Mundo*, tragedia em 5 actos, impressa no Rio de Janeiro, Typographia (sic) de R. Ogier, rua d'Ourique n. 188. — 1834; e *A boa mulher*, drama em 4 actos, ambos aqui representados com geral acceitação. Escreveu mais — *Entrada das tropas constitucionaes no Porto*, drama historico, e *Elevação de D. Pedro ao throno de Portugal*, drama historico; 7 de Setembro, drama historico em 5 actos e 7 quadros; e varias scenas allegoricas que foram cantadas no Theatro Provisorio, quando Manuel José de Araujo, seu irmão, contratava, por conta do Governo, as notaveis Companhias Lyricas que nos visitaram no periodo de 1852-60.

Mais aprimoradas do que os seus dramas, eram as traducções com que, a convite de João Caetano, enriqueceu o repertório do nosso theatro subvencionado, a mór parte das quaes representadas com applauso do publico e da imprensa; entre muitas, citaremos apenas o *Hamlet*, de Ducis; o *Alchimista*, de Alexandre Dumas; o *Luis XI*, de Casimiro de Lavigne; e, por ultimo, o *Cinza*, de Pedro Corneille.

Nas mãos de Antonio José de Araujo, Joaquim Norberto de Souza e Silva, e de Augusto de Castro, seu genro, expirou, de *plethora loterica*, a bem nascida, porém maldadada Opera Nacional (1804).

Esta é a verdade, embora triste, tristissima.

A morte moral de Manoel José de Araujo, que se incompatibilisava com o Governo por motivos que não vêm ao caso, Amat se impunha para substitui-lo na direcção do Theatro Lyrico. Convidado, hesitou, protelou, dando tempo a que outros se apresentassem, pondo em acção amigos, relações, um passado qualquer. O ministro, entretanto, perseverava.

Descobridora a origem da insistencia, Amat procura desculpar-se para com o Imperador, que se empenha por convencê-lo da necessidade de reunir, nas mesmas mãos, as direcções da Opera Nacional e da Opera Italiana.

— A Opera Nacional é vossa filha, Senhor, instruiu polidamente o emigrado hespanhol, — e os seus destinos não podem ser assumpto

Alegre, a tragedia inédita de sua lavra — *Fraiddr, não!* (23); Antonio Joaquim da Costa Sampaio, a comedia de costumes brazileiros, em 5 actos, mais tarde representada, no Theatro S. Pedro, com grande acceitação, *Os pobres do Rio de Janeiro*; Raposo de Almeida, o seu drama historico *Martim de Freitas* (24), representado no Theatro S. Francisco; Teixeira e Sousa, a tragedia, em 5 actos, *Cornelia*; Gonçalves de Magalhães, a sua tragedia *Oligato* (25); Francisco José Pinheiro Guimarães, as traducções do *Sardanapalo*, de Byron, e do *Macbeth*, de Shakespear, logo após representados e luxuosamente impressos; Paula Brito, uma bellissima versão da *Merope*, de Voltaire; Tiburcio Antonio Craveiro e A. Bochart (26), bem que ambos adoptivos, aquelle uma traducção da tragedia *Mithridates*, posteriormente impressa, e este um drama original, que foram successivamente representados; o Dr. Carlos Antonio Cordeiro, o seu drama — *Notavel coincidência ou a Justiça divina*, tambem representado e em seguida impresso; a actriz-poetisa

de somenos para V. M.: essa fusão, porém, é um pretexto para anniquilal-a.

Demais, Senhor, exige-se, para que eu assumo a direcção de ambas, que me naturalise. Quem isso propõe incondicionalmente só visa desviar-me, — e eu não dejejo, insistindo, servir de embaraço á execucao de um plano, pelo qual tantos patriotas se batem esperançosos.

- Experimente, interrompeu o Imperador.
- Resta ainda a incondicional, — melhor será recuar.
- N'esse caso, apresente prepostos.
- Obedeço.

D. José Amat apresentou tres nomes, que julgou capazes de responder áquelles intuitos; mas, assim não succedeu.

E Amat assistio, sem uma queixa, a um desastre que elle previra; e, como si não fora isso bastante, vio-se envolvido em accusações de que poderia cabalmente justificar-se, pois tinha comigo todas as provas, mas a isso attivamente resistio com a soltancia de um espirito superior e com as generosidades de um invejavel coração, que tanto concorreu para ensinar, ao meu, a perdoar aos homens as suas fraquezas e as suas ignominias.

Antonio José de Araujo falleceu em 16 de abril de 1859.

(23) Esta tragedia, que só por tradição oral conheço, disse-me o contraegrega Moura, mais conhecido, no tempo, pelo *marido da Viencia*, possuil-a, por havê-a arrematado em leilão do espólio de João Caetano; eu, porém, nunca a vi; supponho, entretanto, que se trata de uma variante da tragedia *Calabar*, transformada, pelo proprio autor — o Porto Alegre, na opera — *A Jornada dos Guararapes*, de que tanto se fala por aqui, e que igualmente desconheço; a menos que esta seja a *Restauração de Pernambuco*, tambem do auctor do *Colombo*, librettada para o italiano pelo Dr. L. V. De-Simoni, a instancias da direcção do Theatro Lyrico Provisorio, em 1852, e posta em musica pelo Giannini, pretencioso *spartito* que chegou a entrar em primeiros ensaios na Opera Nacional, em 1858.

Acredito na possibilidade da feliz acquisição feita pelo mencionado Moura, pois que só em seu poder me foi dado ver o manuscrito d'*Os Ourives*, fúmdo drama em verso de Porto-Alegre; e, mais ainda, por ser corrente no tempo, e disso dou eu testemunho, que fora realmente o proprio Moura um dos que mais se salientaram na compra do valioso archivo, dando eu, do que affirmo, irrecusavel prova, com, approximadamente, quinhetas farças, entremezes e tragedias que d'elle me provieram, de mão-beijada, por havê-lo tratado de longo e penoso pleuriz, de cujas consequencias veio, cinco annos mais tarde, a fallecer.

(24) Raposo de Almeida escreveu tambem o drama *Camões*, que só encontrei sigures, em citações.

(25) *Oligato*, tragedia de D. J. Gonçalves de Magalhães. Rio de Janeiro, 1841. Foi representada, pela primeira vez, em 7 de setembro de 1839; o Antonio José, impressa em 1839, tem esta nota no original: *acabei-a em Brusellas, a 31 de dezembro de 1836*. A traducção do *Othello*, de Ducis, foi impressa em 1842, no Rio de Janeiro, Typographia Imparcial de F. Paula Brito.

(26) A. Bochart. Em 1866, quando parti para a campanha, deixei-o ainda nesta cidade. Redigio (1852-54) o semanario *Violeta*, dedicado ás fluminenses. Era um cavalheiro distinctissimo. Veio de Lisboa a convite do meu mestre Joaquim José Lampraia, a fim de collocar-se aqui como educador; mas, não deu para o officio.





LYDIA BORELLI, TRAGICA ITALIANA.

A famosa intérprete da obra-hysterica

SALOMÉ, sobrinha de sua mystica homonyma,

HOMENAGEM DE ASSOMBRO.

Para a musa de um *detraché* sublimis, qual Oscar Wilde, só as allucinações geniaes d'essa Musa da Arte, que acima estampamos em sacrilego extase.

Rio de Janeiro, junho de 1909.

Gertrudes Angelica da Cunha (28), a traducção da comedia em 3 actos, de Goldoni, *A sogra e a nora* (29); Paula Brito, um dos seus mais estimados trabalhos dramaticos; e, por ultimo, a poetisa brasileira Beatriz Francisca de Assis Brandão (30), a traducção do *Cludio*, tragedia de Metastasio.

(28) A 29 de maio de 1794 nasce, em Lisboa, a actriz-escritora GERTRUDES ANGELICA DA CUNHA.

Actriz parece que não foi má, pois chegou a ser Societaria da companhia do theatro da Rua dos Condes, que era o melhor. Escriptra perpetrou uma tragedia com o titulo *Norma*, que nunca vi. Mas provavelmente de valor equal a outras duas obras suas, duas obras intitulam-se *Collecção de curtos de varias produções poeticas*, que é simplesmente dectiva e *Miscellanea constitutional*. Esta chegou a ser phantastica. E um commentario aos artigos da Charta Constitucional, feito em berrineis quadras. O mais triste é que, nesses quadras, ella tambem se queixava de se comer batatas e pão e ter vendido a cama por se encontrar na ultima miseria. Foi talvez por este motivo que emigrou (1829) para o Rio de Janeiro, onde teve uma vida menos atribulada (31). Mãe da actriz Gabriella De-Vacchy, que era vindo d'outro pais. (Souza Bastos, obra citada.)

Cumpr-me completar esta nota. Souza Bastos perdeu uma bellissima occasião de ficar calado, o maior elogio da Gertrudes está precisamente em ter confiado o seu verso a essa pipa. Foi a velha faminta que, com o pouco que litterariamente cabia, educou, ella mesma, e ella só, o espirito superior d'essa Gabriella, que o *chroniqueur* theatral tanto exalta. — DR. PIRES DE ALMEIDA.

(29) *A Familia do Antiquario*, me parece.

(30) Ligada pelos laços consanguineos á celebre Maria Joaquina Dorothen de Seixas Brandão, mais conhecida pelo seu poetico nome de *Marilyn de Dirceo*, presenciou Beatriz Francisca de Assis Brandão as paripatias d'esse *tragedio drama*, que, em 1829, teve por scenario Villa Rica.

Contava apenas a formosissima menina dez annos de idade, pois ali nasceu aos 29 de julho de 1779, na sua imaginação, angida pelo archanjo da poesia, se gravaram tão indelévelmente essas scenas de desolação e de lagrimas, de marmoras e de castigos, de exações e de carnificança que, de continuo, se lhe figurava ter sempre ante os olhos essas curtos historicas, que o martyrio politico, engrandecendo-os, os convertem em heróis.

Essa impressão duradoura, passou da infancia á mocidade sem nada perder de seu terrivel colorido. Recebeu-a em parte mesmo no seio da familia, e a leitura dos versos do poeta de Villa Rica, ornamentando a sua memoria, acordou-lhe o oestro que dormia ainda em sua alma. O Brasil contou então uma poetiza entre suas mulheres celebres.

A leitura dos poucos livros, que lhe caíam nas mãos, mal elle sociava a sede ardente dos conhecimentos, que a devorava, e assim conseguiu aprender com um dos velhos amigos de seu pais as linguas franceza e italiana.

O horizonte ampliou-se-lhe e a vocação fatal se patenteou em toda a sua força.

Os labios que até alli só repetiam de cor as endeixas do maldadado cantor da belleza de sua prima, colhidos da propria bôca da desventurada noiva, e os versos de seu compellido Claudio Manoel da Costa, o ingrato que mal se inspirava das scenas de seu patria, pois não eram as praias da Arcadia, ornaram-se como por encanto com as proprias poesias que lhe inspirava o seu genio. Os paes, que nas suas orações supplicavam de mãos postas, a Deus, que lhe não desse uma filha dotada do fatal talento, redobraram de esforços, buscaram devalva de seu intento, e procuraram crear obstaculos de toda a sorte.

Era tudo inutil! Não se contrariam vocações, que são dotes naturaes, como se não pôde estorvar candidozas torrentes. Vinha-lhe a inspiração do céu, o oestro lhe abrazava o cerebro e o cutivo da poesia era o dons engano da sua alma. Via-se maravilhada de si mesma, como o verso har-

(31) Menos atribulada? Este Souza Bastos está a pedir por bôca um curador litterario. Menos atribulada, a Gertrudes? ella, que morava em casa propria á rua do Piolho; e, in *arcentes*, legou á sua filha unica as duas casas termas da rua do Lavradio ns. 7 e 9, de récula e duas janellas, na primeira das quaes residia ainda, em 1856, a actriz-escritora Joanna de Noronha, casada com o maestro portuguez Noronha, e progenitores da interessantissima Eulalia, para quem accommoda, do francez, á nossa platéia, a burleta, entre tres, *Chiquinha preta*. — DR. PIRES DE ALMEIDA.

monioso lhe brotava espontaneo da mente, e a deliciava divinizando-lhe o espirito.

O verso estava dado, a pipa franceza e a joven Beatriz estava irremediavelmente fadada para a poesia. A digna irma das poetizas cegas, Angela do Amaral e Delfina da Cunha, tinha sido recebida no meio do coro das musas, e um dia o seu nome seria trahido pela voz da fortuna. *SOUZA BASTOS*. Não foi sem grande admiração, que o conego Januario da Cunha Barboza, redactor a esse tempo do *Parnazo Brasileiro*, viu, leu e admirou-lhe as *poesias*.

Os sonetos, cuja existencia revelou o conego Januario da Cunha Barboza, rasgando o véo da modestia que occultava mais uma muza, são de um primor de poesia que muito os approxima dos sonetos de Claudio Manoel da Costa, e é grato ver como Beatriz de Assis Brandão tem tanta delicadeza e mysticismo do coração, extendendo os sentimentos amorosos. Não se havendo reimprimido o *Parnazo Brasileiro*, são elles ao presente quasi desconhecidos de nossos litteratos, e não será sem razão transcrever para aqui, nem só um dos sonetos, mas ainda uma das *poesias*, colhidas ao acaso.

Vem suspiro meu, vem diligente,  
Busca os laços ditosos onde mora  
O termo objecto que minha alma adora,  
Por quem minha affeição seu peito sente.

Ao meu bem te avizinha docemente,  
Não perturbes seu somno; n'esta hora,  
Em que a amante fiel saudosa chora,  
Dama talvez pacifico e contentes.

Co'os ares que respira te mistura;  
Seu coração penetra; n'elle inspira  
Sonhos de amor, imagens de ternura.

Apresenta-lhe a amante que delira;  
Em seu caudido peito amor procura:  
Ve si tambem por mim termo suspira.

A melancolia que reina nas suas poesias não é só propria de sua indole, mas tambem consequencia de uma paixão mallograda que lhe deixou para sempre sangrando o coração. Trahio-a á infidelidade de uma amiga. Mas como se explica esse fatal acontecimento, que transparece como um mysterio em mais de uma poesia sua? E para que, encobrida a verdadeira causa da traição, patenteia contudo a toda luz o nome d'aquella que lhe roubou o ente, que deveria douar a felicidade de seu lar, o paraizo do amor, e completar-lhe a existencia enfiando-a entre rios e flores, entre as *endeixas* de seus labios e as *hazquinhas* de sua lyra. (32)

Na epistola que dirigio á sua amiga D. Carlota Joaquina Ferraz ouve-se, mais do que em outras poesias sobre o mesmo assumpto, o gemido longo e doloroso, que se desprende de seu despedaçado coração todas as vezes que a lembrança de seu martyrio lhe vem avisar as *obagas* incruváveis. Estes versos d'auto a combater, melhor de que as minhas palavras, o soffrimento que a acompanhou sempre desde a sua maldadada juventude até aos seus derraditos momentos de vida:

Vem, doce lyra minha tão querida,  
Vem unir teus accordes a meu canto,  
Vibrar canoros sons alli cadentes,  
Exprimir sentimentos que arrebatam  
Meu coração repleto de ventura!  
Os extasis de uma alma embriagada  
Em suspiros exulsa maviosos.  
Não já d'esses que outrora horbotavas  
De amargura e pesar envenenados.  
Da amizade fiel, n'umen benéfico,  
Um ósculo me dá; toca meus labios  
Com aquelle doce bálsamo suave,  
Com que de Oréstes e Píades regavas  
As almas bem nascidas. Vem, derrama  
N'esto peito ulcerado de mil golpes,  
O dictame potente e peregrino.  
Com que pungentes dardos curar sabes,  
D'essa infamta paixão que nos transporta,  
Que a paz nos rouba, que em mortaes angustias  
Consumo nossos bellus primos annos.

(32) Desde pequenina andava com uma violinha, á qual chamava a sua lyra. Corria logo pela manhã para o campo e lá cantava improvisos ao som do tisco instrumentado. (pag. 306.) (Vid. pag. 306.)



MUNET-SULLY, da *Comédie Française*, no HAMLETO.  
Quadro de Theobaldo Chartran (Salão — 1887). — Gravura de H. Dochy.

A Mounet-Sully  
Souvenir affectueux,  
CHARTRAN. — 87.



## MONOLOGO DO HAMLETO

### TRADUÇÃO INTERPRETATIVA

Ser, não ser! És a dúvida suprema!  
 Nada mais decoroso a um alma nobre  
 Que das paixões asoberbar o assalto!  
 Jamais devemos encaixar os braços  
 Ao intuito dos golpes repetidos  
 Da vário sorte, exâmbios, de rastos,  
 Até cair no pelago insondável,  
 Morrer é descansar. Mas, quem descansa  
 Nesse dormit, não sonha? E tudo acaba?  
 Nem ao menos, nas brumas d'esse sonho,  
 As nossas ilusões virão de novo  
 Despertar esperanças e saudades?  
 Evapora-se assim a essência humana.  
 Misera condição da debil carne!  
 Eis das aspirações o ponto extremo...  
 Morrer, dormir, dormindo para sempre...  
 Razão sphynge! enigmas, indecifrável!  
 Sonhar nas trevas da feral jazida,  
 No tético silêncio d'além-mundo,  
 Quando, do fragil manto yermunado,  
 Ri de tudo e de todos a caveira!  
 Eis a medrosa conjectura do homem!  
 Oh, quem, si assim não fora, supportára  
 Das tribunas as decisões injustas,  
 A insalutaria dos tibios funcionarios,  
 O menospreço que persegue o mérito  
 Ante o desdem sarcástico dos frivolos?

As mágoas de um amor não compensado,  
 As injurias do tempo, as violências  
 De um tyranno e o despeço dos soberbos,  
 Quando, o que sofre tanto, achar podia  
 Na ponta de um punhal o seu descanso?!  
 Quem tão gravosa cruz levava aos hombros,  
 Em tor de agonia carregando  
 Desta existencia o camagador gravame,  
 Si não fosse, temer que continue  
 Alguma coisa além da morte? Assuta  
 A entrada n'um país desconhecido,  
 De onde ninguem voltou até agora...  
 Errámos na incerteza, curdindo  
 Dóres, torturas, decepções, enquanto  
 Mais fundos que os abysmos que nos cercam,  
 Podem ser os abysmos que não vemos?!  
 Essa suposição é que nos torna  
 Timidos, receiosos e cobardes!  
 Por isso, em lances de arrojado intento  
 Mudámos muitas vezes de caminho,  
 E, em vez de executar grandes idéias,  
 Reduzimos a pó nossos desiguitos...  
 Mas... apparece Ophelia... O creatum  
 Tentadora e gentil, dos meus defeitos  
 Esquece-te; e, lembrando-me em tuas preces,  
 Pede por mim nas orações que rezas.

Dr. Pires de Almeida.



G. Vuillet, des. — Phot. de Nadar. — H. Dochy, sc.

**RÉJANE-POBEL** (*Gabrielle Charlotte Réju dite*)

\* em Paris, a 6 de junho de 1856. (Discipula de Rénier.)

A extraordinária mulher-moderna, a incarnação proteuniana da Parizense, a crystallisação maravilhosa de todas as mulheres em uma só e única, que assim é ella, que assim é esta, que assim é aquella que veio, pressurosa e gentil, inaugurar, *de facto*, o Theatro Municipal do Rio de Janeiro. (15 de julho de 1908.)





G. Kneller. Bar. et pluz.

J. Müller Sc.

### JOSÉ ADDISSON

\* em Milston (Wiltshire) em 1672; † em 1719.

Para o theatro apenas escreveu, em 1707, o drama lyrico *Rosamond*, que passou quasi despercebido; e a tragedia *Catóo*, que obteve extraordinario succésso.

L

Deixei d'isso que, com o estrondoso successo do *Camões*, o eminente actor comprehendera definitivamente estabelecido o predomínio da arte scenica brazileira, sobre os destroços do nobil e já estallado theatro da rotina.

balho, tanto original, como traduzido do francez e do italiano e que atéstem o seu incontestavel merito.

Em avulso publicaram-se as seguintes obras impressas, nesta corte, devida a benevolencia dos editores Paula Brito e B. X. Pinto de Souza:

*Cantos da mocidade*, 1 vol. in 8º gr. 1856.  
*Cartas de Beatrix e Hero*, traduzidas do francez, 2ª edição, 1 vol. in 16, 1859.

*Romanças*, imitados de Goethe, 2 vol. in 8º sem data.  
*Catóo*, drama tragico por Metastasio, traduzido do italiano, 1 vol. in 8º gr., 1860.

INNOCENCIO DA SILVA, que menciona estas obras no seu *Dis. Bibl. Portuguez*, VIII, pp. 367, acrescenta, que A. illustre autor conserva inéditas em seu poder muitas das canções, hymnos e outros versos patrioticos e grande numero de poesias satyricas, que duram materia para quatro tomos iguaes ao já publicado e que se para sentir não viessem á luz.

O editor B. L. Garnier, não annuio ao meu pedido para a sua impressa, allegando que os *Cantos da Mocidade* pouco extrahção têm tido, e a extracção diz elle, e o Librheiro do livreiro.

São quatro tomos, como da Innocencio da Silva.  
 O primeiro consta de traducções do italiano, com uma dedicatória em verso a S. M. a Imperatriz. Contém as operas *Alexandre na India*, e *Semiramis reconhecida*, fultando *Jose dos Egyptos*, de que trata Innocencio da Silva. Contém tambem as cantatas *Angelica e Medoro* e *Diana e Endimiao*, tudo de Metastasio, e tem assim o *Sonho de Scipião*. Este tomo existe em duplicata.

Os outros tres são dedicados a S. M. o Imperador, a quem a autora dirigio por vezes algumas poesias.

Ha ainda, entre ellas, uma traducção feita do italiano do *Catóo* de Metastasio, poesias politicas, epistolas ás suas amigas, sem fallar em numerosas composições ligeiras, ascriptas em diferentes metros, affora o que anda pelos jornaes de seu tempo, e até sem o seu nome; mais onze annos de vida e centenaria seria a sua existencia.

A morte, nem sempre benigna, encontrou-a no seu posto, prompta para morrer, e arrancou-a do meio de suas lidas, ainda lucida a mente, forte o corpo. Falleceu nesta corte em 5 de Fevereiro de 1868 nos braços da amizade. Vendo approximar-se a hora fatal com aquella serenidade evangelica que só a dá a philosophia christã, exigio os seus manuscritos. Trouxeram-lhe um aquinho de setim branco, atado por uma fita de seda, contendo alguns caderninhos de papel escriptos. Depositou-os nas mãos de uma de suas amigas, e com voz já quasi sumida pela rouquidão da morte supplicou-lhe que o depositasse nas mãos de S. M. a Imperatriz, que tão fagueiramente a recebia, quando ia saudar a noiva de S. Christovão.

E expiroi com angelica respectação estampada em seu semblante. Não era bonita, era aliada repleta, como sua prima a *Maria de Dircebo*. Pensava como um philosopho e viveu sempre celibataria, sem que jamais se tivesse de fallar de seu credito. Dezenhava com perfeição, cantava na mocidade com gosto ao piano e fez sempre fallar sob os seus dedos aos corações apaixonados; escrevia com elegancia e conhecia todas as prendas necessarias ás pessoas do seu sexo. Jovial na palestra, exprimia-se com graça e muitas vezes com malicioso espirito, patenteando as luzes que o espirito adquirira nas longas leituras a que se habituára desde a infancia, tendo a seu favor o uso de varias linguas.

Só a fortuna lhe foi adversa; morreu pobre. S. M. e Imperador, que ouviu a leitura desta biographia, dignou-se me confiar o sagrado legado para imprimir o que julgasse digno d'isso. Tendo-se interrompido a publicação (permita-se-me a falta da modestia) da monumental *Brazilia, bibliotheca nacional dos melhores autores antigos e modernos*, cujo material me custou o melhor de trinta annos de trabalho e dispendios de dinheiros, não me foi possível dar ao prelo as suas poesias.

(D. *Beatrix de Aovis* — *Paginas lidas na sessão de 23 de outubro de 1868, pelo sócio effectivo Joaquim Norberto de Souza e Silva.*)

(\*) Melhor do que o obscuro subscriptor d'estas desprezenciosas laudas, dirá a *Noticia complementar*, annexa, pelo proprio autor, a

(\*) Ha algumas poesias suas impressas em folhas politicas, litterarias e no *Parnazo Brazileiro* do conego JANUARIO DA CUNHA BARBOZA.

2ª edição do *Camões* (1863), tudo quanto se passou com respeito á representação d'esse drama, em 1865, no Rio de Janeiro.

NOTICIA COMPLEMENTAR

O precedente drama, acabado de imprimir na primeira edição aos 22 de fevereiro de 1863, foi pela primeira vez representado no Rio de Janeiro aos 8 de novembro de 1865.

Es aqui a historia: o illustre escriptor francez Thiago Arago, que me honrara com a sua amizade e trato intimo, quando emigrando de Franca para o Brasil, se demorou alguns dias em Lisboa, levou consigo esse com outros meus impressos.

La foi recebido pelo commendador João Cactano dos Santos, como bem convinha a tal hospedado e a tal hospedeiro; e fallecer pouco depois respectivamente; (desgostos provavelmente o acabaram).

Santos, magnifico empresario do theatro de S. Pedro, e o primeiro actor do Brasil deu-lhe a roza no breve prazo que o teve comigo quantas delicias pode, e se podiam; extremos d'affecto, homenagens de talento ao talento, os panetes em festa continua, e triumphos publicos, representando elle proprio *A Gargalhada*, peça notavel do inaique visante.

Fallecido este, fez-lhe exequias esplenidas, eguinho, a expensas proprias, um numero, e com um largo beneficio no seu theatro liberalizou á interessante e formosa Antigoné do peregrino, enfim descansado, com que regressar para a sua terra.

A boa dama, não tendo outro modo como provar ao seu beneficitor a gratidão, em que tamanhos beneficios a empenhavam, contrangeu-o com suas instancia a acoutar os poucos livros, unico espelho que do poeta lhe ficava. Nelles se achava o drama *Camões*.

Lendo-o então pela primeira vez João Castano, antevio que naquellas paginas, se fossem interpretadas pelo genio d'elle, que naquellas elegias dramaticas, se elle as realçasse com o fogo da sua poesia propria, assaz havia com que despertar a publicá attenção, e satisfaz-la.

João Castano chegou ao Rio de Janeiro em principios de fevereiro de 1855. Fez-me a honra de me procurar e consultou-me.

Expuz-lhe com lealdade os perigos que me parecia haver em se expôr aos incalculaveis juizos de espectadores a que se estava ordenado para leitores solitarios, estudiosos, e pacientes; em se aventurando finalmente, as procelas da scena una obra talhada para o remanso do gabinete.

Dissumo o ponto; venceu elle. Remittiu-me a confiança que o animava. Era um athleta costumeiro a travar-se com o publico arca por arca, vencel-o, e triumphar, com enthusiasmo do vencido.

A peça entrou logo em ensaios. Houve eu de me retirar para Europa antes que pudessem expôr-nos as provas publicas.

Fantasiara Santos, bom conhecedor dos animos e gostos dos frequentadores de theatros, offerecer-lhes como remate e para desconto da tragedia, coisa com que os escriptos se lhes levantassem, convertidos os luctos elegiacos em galas de triumpho. Ordenou pois de sua propria traça um acto VI. — a gloria postuma, a apothéuse de Camões. Approvei-lhe a idéa, e a roza seus-lhe dei-lhe, para ali serem cantados, os seguintes versos:

Côro de genios

Nos, genios da poesia, raios da luz suprema, trios do grão poema, do eterno Creador:	Nos, que mil claras famas cráneos repartidas, cráneos hoje unidos uma por fim sem par.
nós, aos mortaes electos doamos a harmonia; aos animos, aos peitos, a inspiração, o amor.	Sómos, Camões, contigo; ardeste em nossa chamma; se te faltou jazigo, ser-te-ha todo o orbe altar.

Omitto o que em varios jornaes do Rio de Janeiro se leu, e noutros do Imperio se reproduziu sobre o extraordinario effeito da representação; mas não resisto assim á tentação de transcrever, ao menos, parte de algumas das cartas que sobre o assumpto se me dirigiram:

Extracto de uma carta de J. F. de Castilho de 14 de dezembro de 1855:

Representou-se enfim *o Camões* com brilhante resultado. João Cactano não me havia convidado para os ensaios; disse-me elle na noite, que não fora por esquecimento, mas sim por desear que eu presenciasse tudo com a impressão da novidade. Não dia anunciado, icaii agente, e geralmente se espallou que morrera de repente e Restabelecido, porém, algum tanto, posto que ainda fôsse, e privado de parte de seus e recursos naturaes, deu a primeira representação a 30 do passado. Estava tenebrosa a noite; Tormentas, relampagos, inundação, nada teve mais no publico. O concurso era a semi-exemplo. Não havia no amplo recinto da sala um unico lugar vazio; chegaram-se a pagar camarotes por trinta mil réis! Achavam-se presentes Suas Magestades o





F. Hayman, inv. et del.

C. Grignon sculp.

**A AGONIA DE CATÃO**

Acto V, scena última, da tragédia *Catão*, de Addison.

Esta gravura pertence á edição de BIRMINGHAM, « printed by JOHN BASKVILLE, for J. and R. Tonson, At *Shakespear's Head* in the Strand, LONDON. MDCCLXI. The Works of the late Right Honorable Joseph Addison, Esq. Volume the first. »





Antonius Mocchioli delin.

Corvus Mogulli Sculp.

**CUNCTA TERRARUM SUBACTA. PRÆTER ATROCEM ANIMUM CATONIS.**

Hor. liv. 2, Ode 1.

(Agora mesmo parece-me ver todos os grandes capitães cobertos d'essa honrosa pó: RUÍRÁ TALVEZ, VENCIDO, O MUNDO INTERIO; o INIMITO CATÃO, PORÉM, FICARÁ DE PÉ.)

Esta gravura é a de primorosa versão italiana, pelo prof. de grego na Universidade de Florença; o notavel glottologo ANTON MOCCHIOLI SALVINI. Florença. M.DCC.XV. Nella Stamperia di S. A. R. per li Guiducci, e Franzii. Con Licenza de Superiori.

Morte de CATÃO, tragedia de Addison, scena ultima. 1.<sup>a</sup> Edição.

# CATÃO (\*)

TRAGEDIA EM 5 ACTOS

DE

José Addisson

Final do 5.º acto

MARCIA

Não é de quem dorrelta aquelle silvo.  
É o rouco estertor do agonizante.  
Siro da morte!

Pórcio

D'ourosa vista!

(A Marcia.)

Nossas apprehensões, ex consummadas:  
Arrojou-se Catão na propria adaga.

Lucio

Suspende, Pórcio, a narração funesta.  
Basta o quanto soffrimos!

Pórcio

En, na cathedra,  
Senta-o exhausto, pallido, arquejante,  
Quasi exhauendo o derradeiro alento,  
Exalando-se em sangue, o olhar vidrado,  
Em cada fóro desprendendo a alma.  
Inda assim, tenta ver os seus amigos...  
Cumprindo essa vontade, attentos servos  
Trazem-no para aqui, n'este momento.

(Sobe.)

MARCIA

O' deuses! N'este instante protegei-me;  
Que eu lhe tribute os filios desvelos...

JUBA

Cesar! eis o que has feito,—eis teus triumphos!

Lucio

Na tumba de Catão — Roma se enterra!

Catão transportado por possantes servos,  
na sua cova!

A cadeira pousa. Pórcio aproxima-te.

Embarcados estão nossos amigos?

Posso ainda fazer algo por elles?

Util desejo ser enquanto viva!

Katás também aqui, preado Lucio?

Tu és bom, tu és justo e generoso!

Pensa a nossa amizade, em nossos filios

Reviver, como, em nós, viveu o puro!

Faça Pórcio feliz a tua Lucia.

O triste chora! Marcia, minha filha,

Corre, que eu desfalleço. Ama-te Juba!

Um senador romano, emquanto Roma

Era Roma, orgulhoso não daria

A filha sua a um rei... porém, as armas

Do Cesar, tudo, em Roma, envelaram:

Quem é bom e valente, esse é Romano.

Ah! sinto-me morrer... já era tempo

De desprender o surto altivolante

N'uma esphera mais livre e luminosa,

Despindo-me das vestes maculadas

Ao contacto do vicio e da torpêza,

Triste apanhao da materia frágil!

Marro. Breve estarei sóto do mundo,

O carcere da dór, herço da culpa:

Julgava que, de luz, fulgisse um ralo

N'alma em plena Amplidão... Porém receio

De haver-me antecipado, por covarde! (\*\*)

Gratos Nomes! Iugentes Potestades!

Vós, que sondaes o coração humano,

Que perscrutae a escuridão do cerebro,

Que perscrutae a escuridão do cerebro,

Pesando-lhe os mais intimos arcanos, —  
Nunes, si errei, não me lanceis a culpa,  
Erra o mais sabio, — perdoae-me, impliro-vos!  
Adeus, amigos, — Patria, — e Liberdade, —  
At! adeus! (Expira.)

Lucio

Evolou-se a maior alma

Que, depois aqueceu peito romano!

Catão! grande Catão, os teus preceitos

Serão cumpridos com piedoso culto.

(Ao servos.)

A Cesarea cerviz seja atrojado

Este cadaver, que amortalha um povo,

Para que fique qual muralha erguida,

Entre nós, no mais intimo respeito,

E o desdenhado vencedor, É certo

Que, até morto, Catão guarda os amigos:

Talvez o Cesar, ante o ruído sangue,

Que, em purpura, tea transforna a tunica,

Recus de pavor e de remorso,

Tomando-se barrera aos seus desmandos.

Catão, inda no encerro do jezigo,

Será util a Roma e aos Romanos!

Imitae este exemplo, o povos livres!

Desarmae-vos, nações ambiciosas!

Reine a paz e o amor na Terra inteira,

Sem intestinas luctas fratricidas,

Tem encontros de esquadras e de exercitos!

Paz! Sabei que as paixões desenfreadas,

Tempestades moiras que trovajaram

Nas collinas de Roma, expêdo nos golpes

De suas proprias armas os patricios,

No peito nobre de Catão cravaram

O punhal destinado aos inimigos.

Dr. Pires de Almeida.

(\*) M. Pórcio Catão, cognominado de Utica, que, historicamente, cumpre não confundir com o seu bisavô, e homonymo, cognominado de Censur, bem que ambos hajam sido igualmente notáveis por suas virtudes, firmeza de caracter e coragem.  
Levado aos quatorze annos de idade ao palacio de Sylla, Catão de Utica, deparando com as cabeças ensanguentadas dos proscriptos, pediu um punhal para libertar Roma de seu tyranno. Péto que desconfiasse de Pompeu, oppoz-se, com todas suas tropas e amigos, á ambição do Cesar, e votou contra a proposta que concedia a este, por espaço de cinco annos, o commando das Gallias; e onsou affirmar, risto a risto, aos senadores que, nomeando-o, concorderiam para criar um futuro despota, mais um tyranno certamente. Durante a guerra civil, pronunciou-se pelo partido de Pompeu, chegando mesmo a ganhar algumas victorias ás forças do Cesar, em Dyrrachio. Ao saber da derrota de Pharsalia, e logo após ao assassinato de Pompeu, reuniu os restos do exercito republicano, e dirigio-se á Africa, onde Q. Metello, á frente de algumas tropas, se dispunha a resistir ao Cesar; porém, tendo Metello sido derrotado, Catão voltou para Utica, e alli se trespassou com a propria adaga.

(\*\*) Conta-se que, antes de suicidar-se, lêra e meditara o Phedon, celebre dialogo em que Platão trata da immortalidade da alma.



RUGGERO-RUGGERI,

o grande evocador das máscaras cómicas, o feroz conjurador dos manes de Herodes e de Nero.

Rio de Janeiro, 1909.

145
O meu amigo, a chateidade no Rio e hoje, tendo os costumes, to
O meu amigo, a chateidade no Rio e hoje, tendo os costumes, to
O meu amigo, a chateidade no Rio e hoje, tendo os costumes, to

Quando se quer representar
Quando se quer representar
Quando se quer representar

No dia 2 de janeiro de 1850
No dia 2 de janeiro de 1850
No dia 2 de janeiro de 1850

No fim da noite fui por tres
No fim da noite fui por tres
No fim da noite fui por tres

Ainda me lembro de
Ainda me lembro de
Ainda me lembro de

Deu-me muita e muita satisfacao
Deu-me muita e muita satisfacao
Deu-me muita e muita satisfacao

Recebi V. os meus melhores parabens
Recebi V. os meus melhores parabens
Recebi V. os meus melhores parabens

Resposta a precedente
Resposta a precedente
Resposta a precedente

Meu caro Sr. Dionisio Vega
Meu caro Sr. Dionisio Vega
Meu caro Sr. Dionisio Vega

Infelizmente para mim as horas
Infelizmente para mim as horas
Infelizmente para mim as horas

Ainda bem que nos coelhos
Ainda bem que nos coelhos
Ainda bem que nos coelhos

Nunca elle, este querido projecto
Nunca elle, este querido projecto
Nunca elle, este querido projecto

Proceder a V. a agradecer
Proceder a V. a agradecer
Proceder a V. a agradecer

Proceder a V. a agradecer
Proceder a V. a agradecer
Proceder a V. a agradecer

meo Jao, o nosso D. Sebastiao, o nosso Diogo, e outros, todos os que mais de certo
meo Jao, o nosso D. Sebastiao, o nosso Diogo, e outros, todos os que mais de certo
meo Jao, o nosso D. Sebastiao, o nosso Diogo, e outros, todos os que mais de certo

Para a recita V. os protestos de cordial affecto
Para a recita V. os protestos de cordial affecto
Para a recita V. os protestos de cordial affecto

Estava eu quando havia de pelo menos a Joao Caetano dos Santos
Estava eu quando havia de pelo menos a Joao Caetano dos Santos
Estava eu quando havia de pelo menos a Joao Caetano dos Santos

Ao Commendador Joao Caetano dos Santos
Ao Commendador Joao Caetano dos Santos
Ao Commendador Joao Caetano dos Santos

Meu Amigo Principe - Renasceu enfim, evocou pelo teu genio, o teu, o
Meu Amigo Principe - Renasceu enfim, evocou pelo teu genio, o teu, o
Meu Amigo Principe - Renasceu enfim, evocou pelo teu genio, o teu, o

Meu affecto que me honra - E de que te servem ja agora a ti as cordas, a ti
Meu affecto que me honra - E de que te servem ja agora a ti as cordas, a ti
Meu affecto que me honra - E de que te servem ja agora a ti as cordas, a ti

E magnifico jaso va outro esse exemplo, e tanto mais, quanto esse padrao
E magnifico jaso va outro esse exemplo, e tanto mais, quanto esse padrao
E magnifico jaso va outro esse exemplo, e tanto mais, quanto esse padrao

Para ti a justiça e a possibilidade começaram ja, e recebo os meus parabens, os
Para ti a justiça e a possibilidade começaram ja, e recebo os meus parabens, os
Para ti a justiça e a possibilidade começaram ja, e recebo os meus parabens, os

Meu caro Sr. Dionisio Vega - Por que não agradecerias eu logo a V. o teu
Meu caro Sr. Dionisio Vega - Por que não agradecerias eu logo a V. o teu
Meu caro Sr. Dionisio Vega - Por que não agradecerias eu logo a V. o teu

Infelizmente para mim as horas com que o desejo de linha tempo, como
Infelizmente para mim as horas com que o desejo de linha tempo, como
Infelizmente para mim as horas com que o desejo de linha tempo, como

Ainda bem que nos coelhos sobrevive sempre a esperanza - tenho fe em que poderá não
Ainda bem que nos coelhos sobrevive sempre a esperanza - tenho fe em que poderá não
Ainda bem que nos coelhos sobrevive sempre a esperanza - tenho fe em que poderá não

Nunca elle, este querido projecto ja de tantos mezes, me namorou, me risonho
Nunca elle, este querido projecto ja de tantos mezes, me namorou, me risonho
Nunca elle, este querido projecto ja de tantos mezes, me namorou, me risonho

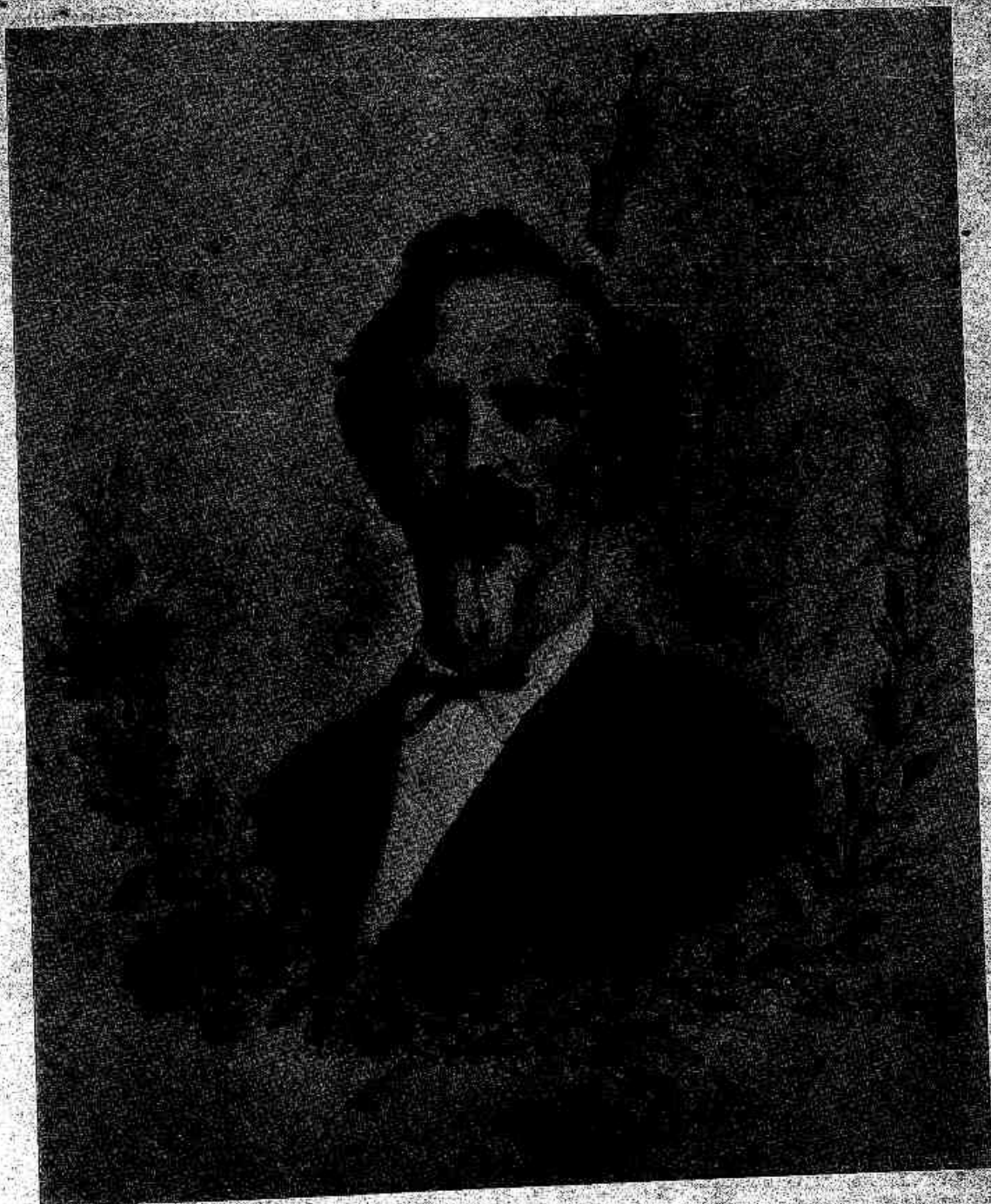
fantasia, como agora, que me consta andar-se shi planejando a fundação do meu
fantasia, como agora, que me consta andar-se shi planejando a fundação do meu
fantasia, como agora, que me consta andar-se shi planejando a fundação do meu

meo Jao, o nosso D. Sebastiao, o nosso Diogo, e outros, todos os que mais de certo
meo Jao, o nosso D. Sebastiao, o nosso Diogo, e outros, todos os que mais de certo
meo Jao, o nosso D. Sebastiao, o nosso Diogo, e outros, todos os que mais de certo

Quando se quer representar
Quando se quer representar
Quando se quer representar

No dia 2 de janeiro de 1850
No dia 2 de janeiro de 1850
No dia 2 de janeiro de 1850

No fim da noite fui por tres
No fim da noite fui por tres
No fim da noite fui por tres



A. O. de.

DR. FRANCISCO PINHEIRO GUIMARÃES  
(GENERAL DE BRIGADA)

\* a 24 de dezembro, n'esta Capital, e aqui † a 5 de outubro de 1877.

Para o theatro escreveu: *Historia de uma moça rica*, drama em 4 actos, representado, no Theatro Gymnasio Dramatico, em 1861.  
*A punição*, drama em 1 prologo e 3 actos, representado, pela primeira vez, tambem no Gymnasio Dramatico, a 7 de maio de 1864.  
*Quem casa, quer casa*, comedia em 1 acto, representada no Theatro da Victoria, em Tuyuy, no Paraguay, em 1868, e varios  
 outros dramas e comedias, que se conservam inéditos.

Remetê-lhe a mão.  
 Foi sem dúvida, com a genial interpretação do protagonista d'esse extraordinario drama do Milton portuguez, que o nobre actor Príncipe, assim christado pelo poeta, sentou essa convicção; mas a robustez d'esse conceito obtivera elle, com as pequenas, mas repetidas lévas de artistas portuguezes em sua melhor parte de reconhecido talento, entre os quaes me desvanço de citar os nomes de Arelas, Ambedo, Gusmão (22), Victorino Cyriaco,

a theatro de opera nua lingua, repudiada despoetica pelos que a não sabem, nesta de-  
 liciosa lingua de Camões e de Bocage.

Era uma vergonhosa justina que, havendo opera nos mais surdos idiomas do mundo, no francez e no proprio dinamarquez, o idioma semi-espanhol, e semi-italiano e o portuguez carenese d'ella, a passasse em julgado, que era incapaz de a possuir.

O Sr. Amat, com essa projectada critica, repara uma grande e antiga injustiça; ao mesmo tempo que presta á poesia brasileira e portugueza um serviço dos mais assinalados. Felicitô-me de que elle viesse em nossos dias, e dobradamente me felicitô de poder talves coadiuvá-lo na seu bello empenho, se V. accedendo ás minhas supplicas, visar a extrema honradez de reeditar o meu primeiro libretto, que já lhe vai dedicado a mim de nascido, e se dignar de infundir na vida e immortalidade, fazendo-o repassar com o brio criador do seculateno.

« Tenho a honra de me assiguar

« De V.

« O maior admirador, o mais obrigado  
 « amigo, o mais reverente veyra

« Antonio Feliciano de Castilho ».

« Lisboa, a 2 de abril de 1857.

De 30 de novembro de 1855 até 26 de janeiro de 1856 progrediram sem interrupção as representações do drama, e prometiam ir por diante.

Um acontecimento como que fatal as atalhou.

A 13 de fevereiro de 1856 escrevia-me João Caetano dos Santos o seguinte:

« Amigo: — Acabo de sofrer terrivel golpe, e de perder toda minha fortuna.

« Na madrugada do dia vinte e seis do janeiro proximo passado, foi reduzido a cinzas e theatro S. Pedro. Vi arder pela segunda vez! E a opinião geral é que o fogo foi lançado pelos meus antagonistas; porém elles que se mordam, pois que tenho uma alma grande, e animo nos trabalhos.

« O Governo acaba de conceder-me o theatro lirico, e vou já reconstruir (de ferro) o meu querido S. Pedro.

« No meio, porém, de todos esses desgostos, recebi a sua apreciavel carta.

« Meu amigo: como o mundo é cheio de compensações!... Ella, enchendo-me de prazer, me deu coragem, me exaltou o genio; e disse então aos meus amigos: Se Castilho me chama — seu Artista Príncipe, — me considera, me louva; devo levantar-me e no meio de meus inimigos repis, que só procuram morder-me, e que lhes não dava a var-me uma sepultura, ainda que se constituissem meus vermes!.

« Devo levantar-me; disse: Desprezei os maus, procurei os bons, e consegui o que a acima fica dito.

« Meu amigo: duas notaveis coincidencias houve nesta catastrophe: — uma, foi a arder o theatro no dia do seu natalicio; e na vespera do meu; a outra foi, que, tendo ardiu tudo quanto existia no edificio, só salvei o seu livro — o nosso *Camões* — com a parte do repertorio; *Camões* salvou do naufragio o seu poema; eu salvei o livro *Camões* do meio do incendio!

« Após todos esses trançes, bem deves considerar que há de que se expanda a minha alma; bem deves concluir que há para mim que esperar... Fallo de vossas expressões; fallo d'esses effluvios que me embalsamarão o resto das ulceras que me ficaram, e que a alma maior, e o maior animo nos trabalhos não saram de todo!

« A esta noticia acrescentava em carta sua da mesma data a seguinte circumstancia a meu irmão José Feliciano.

« Sabemos que o teu busto figurou em todas as representações do *Camões* sobre um elevado pedestal, á frente todo serpentado e corôado de flores, etc. Jax portanto a pulverisação debaixo d'aquellas ruinas e cinzas.

« E assim se terminou tragicamente a homenagem solemmissima que o Rio de Janeiro tributo ao maravilhoso epico portuguez.

(22) MIGUEL ARCHANJO GUSMÃO nasceu em Lisboa, a 8 de maio de 1809; e falleceu no dia 21 de março de 1886, de hemorrhagia cerebral, no prédio de sua propriedade á rua Paula Mattos n. 113 no Rio de Janeiro; acha-se sepultado no cemiterio de S. Francisco Xavier (Caju), no carneiro n. 2.267, comprado exclusivamente para elle por seu distincto filho, o dr. Francisco Gusmão.

Trabalhou em Lisboa, debaixo da direcção de Emilio Doux. Estréou, no theatro Salitre, a 25 de abril de 1844, no drama *Os mysterios de Londres*, a contento geral.

Adelaide Christina da Silva (23), Maria Vellutti, Antonina Marquelou, Pedro Joaquim do Amaral, Thomaz Espífica, Joaquim Rodrigues Pereira, Simões, e tantos outros,

Embarcou para o Brazil a 4 de julho de 1847, chegando ao Rio de Janeiro a 7 de agosto do mesmo anno. Estréou-se no Theatro S. Pedro, dirigido então por João Caetano, a 16 de setembro de 1847, no drama *Certe da Suecia*, agradando extraordinariamente. Logo em seguida, a 21 de outubro, representou o *Fronteiro d'Africa*, e a farça *Pagar o mal que não fez*, causando grande entusiasmo e recebendo por essa occasião uma riquissima corôa.

GUSMÃO, no Rio de Janeiro, trabalhou sempre ao lado de João Caetano, Florindo, Ludovina, Martinho, Arcias, Furtado Coelho e outros artistas d'essa época.

Era um homem consideradissimo, de excellente caracter, e a quem muito devtu a Sociedade benedicta dos artistas dramaticos do Rio de Janeiro.

Ultimamente, velho e alquebrado, tinha a paciencia de percorrer todos os dias os diversos theatros do Rio, recebendo de cada empresário dez toleiros de cada espectáculo para beneficiar o cofre d'aquella Associação. Depois da morte d'elle tudo ficou ao abandono e a Sociedade quasi esquecida.

GUSMÃO foi, em Lisboa, no theatro Salitre e no da rus dos Condes, um primeiro artista, sustentando dignamente a sua posição ao lado de Theodorico, Victorino e outros actores notaveis da época. No Brazil, era respeitado como um mestre. Muito distrahirido é que elle fora sempre, e as distrações augmentavam de dia para dia, ao ponto de o obrigarem a sahir do theatro.

Contou-me elle proprio as duas ultimas, que o levaram a tomar a resolução, que nunca mais quebrou, de deixar a scena.

Fazia parte da companhia Furtado Coelho no theatro S. Pedro. Representava-se certa noite a *Morgadilha de Valdir*, em que tinha o papel de *Leonardo*. Acabou o quarto acto, o nooso GUSMÃO foi para o camarim, despiu-se, tirou a caracterisação, e sahio, esquecido de que a peça tinha 5 actos!

O contraregra deu pela falta da importante figura, quando já a orchestra tocava; o recurso foi ir o ponto para scena, com a peça na mão, ler a parte do *Leonardo*. O bom do GUSMÃO só no dia seguinte se apercebeu de tal, quando lho disse Furtado Coelho. Quiz sahir logo do theatro; mas, ainda ficou, a muitas instancias.

GUSMÃO tinha comprado uma propriedade no morro de Paula Mattos, e para lá fora morar com sua familia. Era longe, e, ainda n'esse tempo, não havia elevador. O nooso artista comprou um cavallo para o levar ao theatro a ensaios e espectáculos. Enquanto estava no theatro, o animal decaçava na cocheira da Empreza, logo á subida da rampa, do lado esquerdo. O cavallo era branco.

Certa noite, enquanto GUSMÃO representava, o Vasques, combinado com o moço da cocheira, arranjou uma porção de graxa de sapato e uma brocha e pintou o cavallo de preto. Terminado o espectáculo, o bom do GUSMÃO foi á cocheira, viu todos os cavallos pretos, indignou, e, como nada lhe respondessem, considerou-se roubado, e resolveu ir a pé para casa, onde chegou quasi de madrugada.

No dia seguinte recebia o cavallo acompanhado de uma carta trocista, com que se julgou offendido. Vendo na brincadeira uma falta de respeito a consideração, não mais voltou ao theatro. (Souza Bastos. *Obras* citadas.)

D'outra feita aconteceu-lhe coisa peor. Representava-se o *Égo* e o *Caracunda*, peça aliás em que o velho actor ia magistralmente, desempentando o papel de *Caracunda*. Esperava elle a *deixa* no bastidor, e aguardando-a, adormeceu, sentado n'uma ponta de banco, com o chapéo de tres bicos á cabeça, tendo ao lado o José Luiz de Azevedo, que devia entrar logo após; este, porém, como tivesse de apresentar-se de chapéo na mão, poisou-o inadvertidamente sobre a parte média desse mesmo banco, entretendo-se em calçar as luvas. Era na situação mais dramatica do drama, situação violenta, de que dependia o successo da peça.

O personagem, em scena, deu-lhe a *deixa*, repetiu as ultimas palavras da fala, mastigou-as ainda, acenou para o lado do bastidor... e nada do *caracunda*! O contra-regra, esperasperado, e do bastidor fronteiro, debalde se desfez em perdigotos de *psichia*! sobre *psichia*! Os espectadores, comprehendendo que algo se passava; ficaram suspensos... Até que o Gusmão, fortemente sacudido pelo José Luiz, desperta, passa as mãos pelos olhos, e, compestrandose-se do que se passava, toma rapidamente do chapéo de tres bicos, que se achava sobre o banco, e apresenta em scena com os dous chapéus.

E taes eram as deferencias da platéia d'outra's pelos bons e honestos artistas que, não se dando por apercebida, assistiu ao final da scena, no mesmo silencio, e com o mesmo respeito, sem que, por isso, ficasse prejudicado o exito da peça, que fez carreira. (Vid. o retrato á pag. 888.)

(23) Vid. o retrato á pag. 889; e a seguir os apontamentos biographicos.







# INDICE DO 3.º FASCICULO

Addison (Jose), poeta dramatico inglez.....	911	Ellas de Agostini Braga, Cantora brasileira. Retrato e apontamentos biographicos. Ser. e.....	884
Adelaide Christina da Silva Amaral. — 1.ª dama dos theatros brasileiros. (Retrato).....	889	Estatua de Escipides (Museu do Vaticano).....	855
Agonia de Cato, quadro de Antonius Mantauti.....	915	Estatua de Seneca.....	855
Agonia de Cato, quadro de F. Hayman.....	913	Fernando Diaz de Mendouza (D.), tragico hespanhol, no papel de Gabriel de Medina, em <i>El loco Dia</i> .....	821
Agonia de Seneca (A.), momentos do tragico brasileiro João Caetano dos Santos; monodia authentica pelo Dr. Pires de Almeida.....	779	Ferreira de Menezes (Breve noticia).....	890
Alencar (Jose Martiniano de). Retrato e noticia.....	837	Florindo Joaquim da Silva. (Apontamentos biographicos).....	899
Amador Bueno, drama historico de Joaquim Norberto de Souza e Silva.....	893	Florindo Joaquim da Silva, tragico brasileiro. (Retrato).....	770
Antonina Marquelon (Retrato).....	895	Francisco Gomes de Amorim (Noticia sobre o dramata).....	770
Antonio Gonsalves Teixeira de Souza, poeta dramatico. (Retrato e noticia).....	891	Francisco Gomes de Amorim (Retrato de).....	770
Antonio José de Araujo (Dr.). — (Apontamentos biographicos).....	894	Francisco Pinheiro Guimarães. (Retrato e noticia).....	810
Arthur Azevedo. — Relação de suas peças.....	897	Furtado Coelho ( <i>Luz Candida</i> ). — Actor e scriptor dramatico.....	893
Arthur Azevedo. — Retrato.....	897	Gabriella da Cunha De Vasco. (Retrato).....	893
Barão de Parangipicaba João Cardoso de Menezes e Souza. Poeta dramatico. Retrato e noticia.....	841	Germano Francisco de Oliveira. (Noticia).....	898
Beatriz Francisca de Assis Brandão, traductora da tragedia Cato, de Metastasio, 908, 910 e.....	912	Gertrudes Angelica da Cunha. (Noticia sobre).....	892
Bochart (A.). — Breve noticia.....	904	Gratia Nicolini (Noticia).....	893
Cagurois Beltrão. Entremez. 800 a.....	814	Gustavo Salvini, tragico italiano, no Rei Edipo.....	893
Cato, tragedia de Addison. (Scena final.) Traducção directa pelo Dr. Pires de Almeida.....	919	Hamlet (Monologo de). — Traducção interpretativa, pelo Dr. Pires de Almeida.....	908
Catastrophe de Hippolyte, nas tragedias HYPOLYTO e PHEDRA. Hippolyte de Enripides, versão de Joaquim de Foyos, 850 a Hippolyte de Seneca, versão de Sebastião Francisco de Mendo Trigo, 851 a.....	854	H. Johnstone, tragico inglez, no papel de Tircaris, do Rei Edipo.....	775
Fedra de Racine, versão de Joaquim de Foyos, 858 a.....	859	Henriqueta Ricciolini.....	894
A morte de Hippolyto, de Roberto Garnier, traducção do Dr. Pires de Almeida, 859 a.....	860	Isabel Ricciolini. (Noticia).....	894
Phedra, de Racine, traducção de Manoel Joaquim da Silva Pinto, 860 a.....	862	João Caetano dos Santos e o theatro Shakespeareano (Auctas para a historia do theatro Luminoso).....	888
Phedra, de Racine; versão do Dr. Lourenço Trigo de Loureiro, 861 a.....	866	João Caetano dos Santos (Estatua authentica de), no papel de Oscar.....	866
Clara Ricciolini. (Noticia).....	864	João Caetano dos Santos, tragico brasileiro. Escul. de A. Sisson.....	867
Camões, de Castilho. (Historico de sua representacão no Rio de Janeiro, em 8 de novembro de 1855).....	912	João da Camara (D.), comediantinho portuguez.....	867
Carlos Luiz de Saules (Dr.) autor dramatico.....	885	Joaquim Augusto Ribeiro de Souza. 1.º centro dramatico brazileiro.....	867
Carlota Milhet, 1.ª soprano da Opera Nacional.....	882	Joaquim de Foyos (Noticia sobre).....	849
Casamento a pão, comedia de Molière, accommodada a vernaculo pelo Dr. Pires de Almeida.....	868	Lourenço Trigo de Loureiro (Cons. Dr.) (Noticia sobre).....	860
Castigo da virtude (O), comedia drama em 4 actos e 12 quadros; original brasileiro do Dr. Pires de Almeida.....	713	Lu fête des crânes, drame de moeurs indiennes, par Pires de Almeida; edicão franceza. (Conclusão).....	858
Catastrophe de Hippolyto nas tragedias Hippolyte e Phedra.....	866	Lourenço Trigo de Loureiro (Cons. Dr.) (Retrato).....	863
Dias Braga. — Antista dos theatros brasileiros.....	801	Luiza Antonia, filha da Estella Sezeffreda e enteada de João Caetano.....	865
Duault (A), tragico inglez, no <i>Corypheus</i> (Summo-Sacerdote) do Rei Edipo.....	781	Lidia Borelli, tragica italiana. Retrato.....	865
Eduardo Brazão, tragico portuguez, no <i>Osheilo</i> , de Shakespeare. Desenho de M. Macedo.....	777	Macha de Assis (Joaquim Maria). Retrato.....	866
Eleonora Duse.....	771	Manoel de Araujo Porto-Alegre.....	869
		Manoel Joaquim da Silva Torres (Noticia sobre).....	868
		Manoel Luiz (Carlota noticia sobre).....	868
		Mania Falcão. — 1.ª dama galã dos theatros portuguezes. (Retrato).....	893
		Maria Guerrero, no papel de Inez, em <i>D. Juan Tenorio</i> , tragedia de D. Jose Zorrilla.....	810
		Maria Guerrero, tragica hespanhola.....	817
		Mercedes Blanco. Actriz e escriptora.....	861
		Morte de Hippolyte, quadro de Courtois.....	868
		Molière. (Retrato).....	868
		Mouset-Sully, no monologo do Hamlet — Quadro de Theobaldo Chartier.....	897

Miguel Archangelo Gusmão (Notícia sobre)..... 920  
 Miguel Archangelo Gusmão. (Retrato)..... 883  
 Morir de Caílo, na tragedia de Addison. Quadro de Antonio Mantuan..... 945  
 Mounet-Sully, no papel de Edipo..... 799  
 Nélia Silva. Cantora brasileira. Retrato e noticia..... 843  
 Nina Sami. 1.ª actriz brasileira..... 867  
 Edipo — Tineas, o tragico inglez H. Johnstone: e o seu Guia, o jovem Dugald Mc. Kechnie. Acto II, sc. II..... 775  
 Edipo, o victorioso da Esphinge, quadro de C. P. Marillier..... 773  
 Othello, Desdemona e Iago, quadro de John Frank..... 833  
 Paulo Mounet, no papel de Teseus da tragedia Rei-Edipo..... 799  
 Quintino Bocayna — Retrato e breve noticia..... 845  
 Rachel, tragico francez, na Medea..... 861  
 Racine (Jean) (Retrato)..... 857  
 Raposo de Almeida. (Breve noticia)..... 904  
 Raul Bedarides..... 727  
 Rei-Edipo, Mounet-Sully no papel de Edipo..... 799  
 Rei-Edipo, Paulo Mounet no papel de Teseus..... 808  
 Rei-Edipo — Quadro do Museu de Napoles..... 775  
 Rei-Edipo — Cena do V acto..... 797  
 Rei-Edipo — Cena do V acto..... 793  
 Rei-Edipo — Cena final do quinto acto..... 793  
 Rei-Edipo, tragedia de Sophocles, traduzida pelo Dr. Pires de Almeida. (Conclusão.) 772 a..... 808

Rei-Edipo, Villain, tragico francez, no papel de Corypheu (Summo-Sacerdote de Zeus)..... 799  
 Rejane. (Retrato)..... 887  
 Rose Méryss, poetisa, pintora e cantora..... 849  
 Roberto Garnier (Noticia sobre)..... 849  
 Roberto o Diabo, musica de G. Meyerbeer. Acto III, sc. VII. 747, 748, 749, 750, 751, 752, 753, 755, 757, 758, 759, 760 c..... 761  
 Ruggero-Ruggeri, tragico italiano..... 947  
 Salvini (Gustavo), no Rei-Edipo..... 795  
 Sebastião Francisco de Mendo Trigozo (Noticia sobre)..... 849  
 Seneca (Noticia sobre o tragediographo latino)..... 855  
 Seneca (Famulo de), na Via Appia..... 935  
 Sophocles (Busto de)..... 791  
 Sophocles (Inscrição da tumba de), vendida para o inglez pelo poeta Lyrico Byron, e trasladada para o portuguez pelo Dr. Pires de Almeida..... 791  
 Sophocles (Noticia sobre)..... 791  
 Tasso (Joaquim José). (Noticia)..... 900  
 Theatro Municipal do Rio de Janeiro, a sala de espectaculo..... 825  
 Theatro Municipal do Rio de Janeiro, panno de bósa e sua respectiva senefa: pintura e desenho de Elyséu Visconti. 830 e..... 831  
 Trillo do diabo (O), sonata de Tautini. 756..... 757  
 Villain, tragico francez no papel de Corypheu (Summo-Sacerdote de Zeus), na tragedia Rei-Edipo..... 799  
 Velharias. — Entremez do cazarula Beltolo. 800 a..... 814

# ERRATA E ACCRESCIMOS

Na capa, onde se lê: 1907-1909, leia-se: 1905-1907.  
 A pag. 716, col. 1ª, linha 36, onde se lê: com, leia-se: como.  
 " " 728, " 1ª " 29, " " " de, " de.  
 " " 732, " 1ª " 29, " " " assumpto, que, leia-se: assumpto que.  
 " " 782, " 1ª " 58, acrescente-se:  
 COMMENDADO. — A caminho, sim; mas, antes de tudo, o café.  
 Todos. — Café cognac — Brizard.  
 MARIA, ao ouvido esquerdo de Luis. — (Não temas o pé em casa...)  
 José, ao ouvido direito, tambem em particular. — (Não ha café em casa...)  
 LUIZ, desaperando-se. — Pois ficamos assim mesmo, sem o pé...  
 MAURICIO. — E sobretudo sem asucar...  
 MARIA. — Nesse caso, água melada... Prompto, pto.   
 Todos, atirando com as chicaras pelas avess. — A caminho!...  
 LUIZ. — Mas, onde a victima?  
 A pag. 738, col. 1ª, linha 32, onde se lê: nymphomania, leia-se: NYM-  
 PHOMANIA.  
 " " 733, " 1ª " 66, " " " oblitus, leia-se: OBLIA OU  
 CUBICULO.  
 " " 743, " 1ª " 47, " " " ea concedem, leia-se: AS  
 CONDEDEM.  
 " " 743, " 1ª " 56, " " " escápula, leia-se: ESCAPULA.  
 " " 744, " 1ª " 48, " " " Si meo marito me constituo,  
 leia-se: Si meo MARITO  
 NÃO ME CONSTITUO.  
 " " 760, " 1ª " 43, " " " Obscuidade, leia-se: OBSCU-  
 RIDADES.

A pag. 762, col. 1ª, linha 20, onde se lê: docenas, leia-se: UNZIDOS.  
 " " 808, " 2ª " 9, " " " escondes, leia-se: ESCONDEM.  
 " " 808, " 2ª " 11, " " " Os hellenos, que, com tanta  
 inestria figuravam...  
 leia-se: OS HELLENOS  
 QUE, COM TANTA MAESTRIA,  
 FIGURAVAM...  
 " " 809, " 2ª " 30, " " " 1.º Januario, leia-se: S. J.º  
 NEARDO.  
 " " 855, " 2ª " 42, " " " O poeta  
 quem conservamos algu-  
 mas obras, e... leia-se: O  
 DOS FORTES COMICOS, O  
 UNICO DE QUEM CON-  
 SERVAMOS ALGUMAS  
 OBRAS...  
 " " 859, " 1ª " 20, " " " e Terezina sahindo,  
 DE TEREZINA SAHINDO...  
 " " 859, " 2ª " 40, " " " igneo, leia-se: FUMCO.  
 " " 861, " 1ª " 4, " " " pequena alda, leia-se:  
 OUBORA PEQUENA AL-  
 DIDA...  
 " " 867, " unica " 7, " " " força, leia-se: FORÇA.  
 " " 897, " " " 4, " " " Relação das suas... leia-se:  
 RELAÇÃO DE SUAS...  
 " " 905, " " " 2, " " " néo-hystérica, leia-se: NÍT-  
 HYSTERICA..

